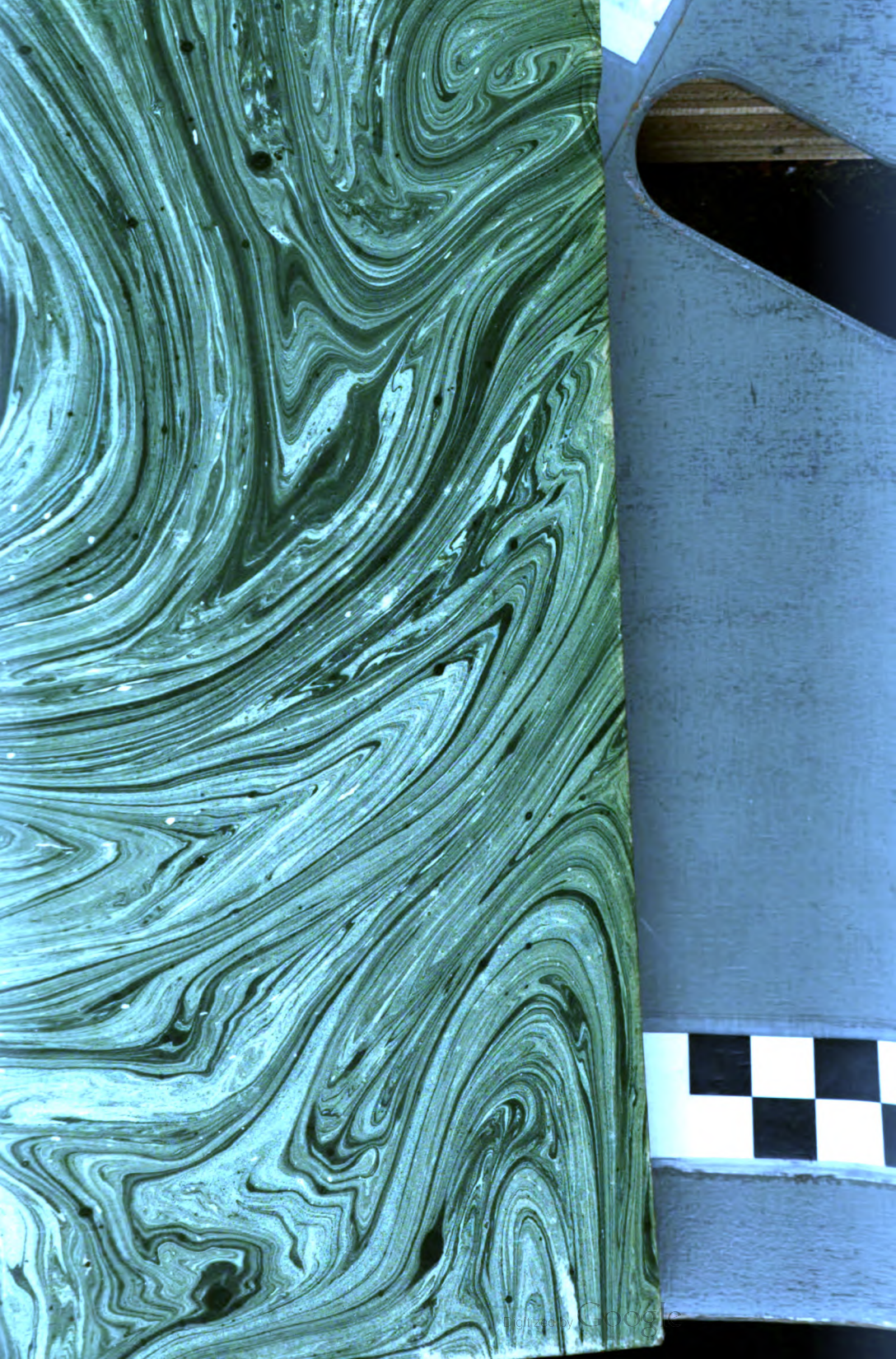

Digitized by Google

INDIANA
UNIVERSITY
LIBRARY

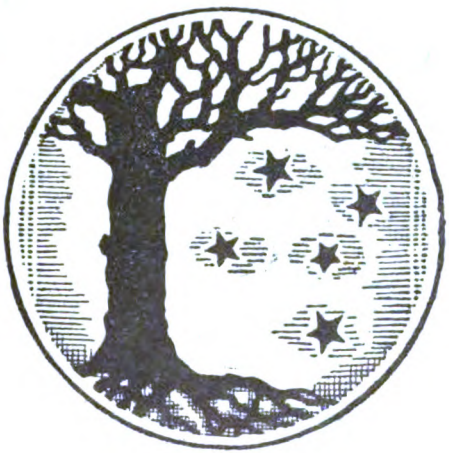
Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Revista Genealogica Brasileira



ANO II — 1.º SEMESTRE DE 1941 — N.º 3

Digitized by Google

SUMARIO

HOMENAGEM: DR. T. DE SOUSA CAMPOS JR.; Centenario do Nascimento de Campos Salles 3

SEÇÕES DE:

DOCUMENTOS E PAPEIS DA CASA IMPERIAL: DR. VASCO SMITH DE VASCONCELOS 26

DISTRITO FEDERAL: HORACIO RODRIGUES DA COSTA, Notas Genealógicas 31

DR. AMERICO JACOBINA LACOMBE, Genealogia dos Barbosas de Oliveira 39

PARÁ: PADRE CARLOS BORROMEU EBNER, A Familia Ebner 43

RIO GRANDE DO NORTE: LUIS DA CAMARA CASCUDO, Figuras do Rio Grande do Norte 47

SERGIPE: D. JENI PRADO DIAS, Uma Familia Sergipana 51

BAÍA: A Casa da Torre 55

RIO DE JANEIRO (Estado): DR. ALBERTO FREDERICO DE MORAIS LAMEGO, Comendador Claudio do Couto e Souza 75

SÃO PAULO (Capital): DR. F. A. CARVALHO FRANCO, Dom Bernardo José Maria de Lorena e Silveira 83

ROBERTO THUT, As armas de Dom Bernardo José Maria de Lorena e Silveira 93

HORACIO DE CARVALHO TOLEDO MARTINS, Notas da Familia Toledo Martins 102

SÃO PAULO (Interior): BENEDITO PIRES DE ALMEIDA, A descendencia dos "Antunes Cardia" e Um descendente do Alferes José Antonio Paes .....105 e 111

DR. GAMA RODRIGUES, Os Azevedos, de Lorena 115

MINAS GERAIS: CONEGO RAIMUNDO TRINDADE, Gomes Cândido 133

JOÃO DORNAS FILHO, "Genealogia Mineira" 137

GOIAZ: DESEMBARGADOR JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA GODOI, Subsidios para a Genealogia Goiana 139

PARANÁ: DR. ARTUR MARTINS FRANCO, Arvore de Costado .. 153

SANTA CATARINA: FREI BERNARDINO BORTOLOTTI, Relação dos Livros Paroquiais da Diocese de Lages 169

RIO GRANDE DO SUL: DR. ARMANDO DIAS DE AZEVEDO, O Principe D. Luiz de Orléans-Bragança 175

CELSO MARTINS SCHRÖDER, Ramo da Familia Azambuja 181

PORTUGAL: RODRIGO RODRIGUES, Arvore de Costado 185

Bibliografia, 80; **Ex-libris**, 207; Expediente, 46; Galeria de Sócios, 201; Noticiário, 174; Perguntas e Respostas, 50; Socios nóvos 46; Obras à venda: capa.

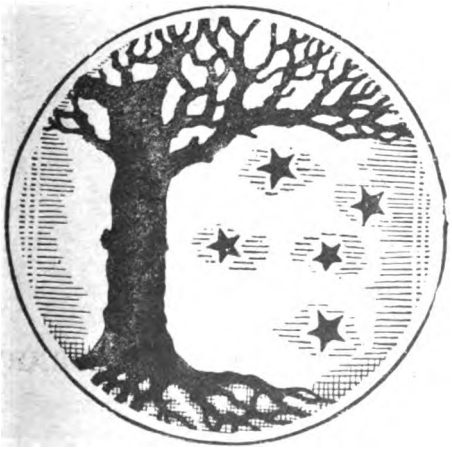
Por falta de espaço ficou para o próximo numero colaboração dos Snrs.:

Sousa Campos, Smith de Vasconcelos, Moya, Câmara Cascudo, Godofredo Felizardo, Alberto Lamego, Carvalho Franco, Pires de Almeida, Mario Torres, Rheingantz, Auler, Gama Rodrigues, Conegos Trindade e Lemercier, Gelmires Reis, Costafilho, Renato Kehl, Fouquet, Sommer, Azevedo Marques, Orlando Cavalcanti, Almirante Boiteux e Exma. Snra. D. Laura Ganns Sampaio. (Total: 23).

Digitized by Google

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Revista Genealogica Brasileira



ANO II — 1.º SEMESTRE DE 1941 — N.º 3

Digitized by Google

Solicitamos permuta.
Solicitamos canje.
Si sollecita contra cambio.
On demande l'échange.
We ask exchange.
Wir bitten um Austausch von Publikatione.

CS 300
.R45
no.3-4

BENFEITORES DA REVISTA

A guerra européia veio encarecer enormemente os preços do papel e dos trabalhos tipograficos. Como a renda atual do Instituto não comporta ainda as despezas que advêm com a publicação da nossa revista, alguns socios prontificaram-se a auxiliar com contribuições mensais, além de suas mensalidades, a partir de 1.º de julho, durante um ano.

Em reunião da Diretoria, ficou deliberado serem qualificados como *"Benfeitores da Revista"* esses consocios, cuja relação abaixo publicamos.

BENFEITORES DA REVISTA

(a 50$000 mensais)

1 — Dr. Antonio da Gama Rodrigues.
2 —

(a 30$000 mensais)

1 — Dr. Luiz Sergio Thomaz.
2 —

(a 20$000 mensais)

1 — Coronel Salvador de Moya.
2 — Dr. José Ferreira de Mello Nogueira.
3 — Exma. Snra. D. Clara Calmon da Costa Pinto
4 — Coronel Francisco Flores da Cunha.
5 —

(a 10$000 mensais)

1 —
2 —

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

ROGAMOS PARTICIPAR AS MUDANÇAS DE ENDEREÇO, E BEM ASSIM ACUSAR O RECEBIMENTO DA REVISTA, AFIM DE NÃO SER INTERROMPIDA A SUA REMESSA.

Digitized by Google

REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA

ORGÃO DO "INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO"

Séde das reuniões: rua Benjamin Constant, 152 (predio do Instituto Historico)
Séde administrativa e redação: rua Voluntários da Pátria, 2912 (antigo 506)
Telefone 3-8403 — Caixa Postal, 3363

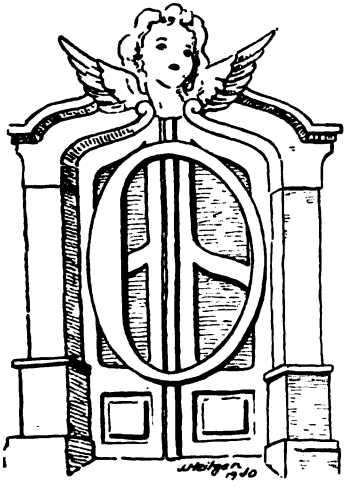
Diretor-Responsavel: Salvador de Moya — Redator-Secretario: Dr. J. F. Mello Nogueira
Redator-Secretario (substituto): Horacio de Carvalho Toledo Martins

Ano II, n. 3	S. PAULO - BRASIL	1.º Semestre de 1941

Centenario do Nascimento de Campos Salles

Homenagem do Instituto

T. DE SOUSA-CAMPOS JR.



INSTITUTO GENEALOGICO BRASILEIRO, associando-se ás commemorações tributadas pela passagem do primeiro centenario do nascimento do eminente estadista Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, presta significativa homenagem á sua memoria, publicando um trabalho genealogico, embora modesto e despretencioso, do notavel republicano historico.

Vamos dar, aqui, ligeiros traços biographicos, em razão de se tratar de um estudo de genealogia:

Campos Salles nasceu em 13 de Fevereiro de 1841, na historica cidade de Campinas, então Villa de São Carlos, numa casa da antiga Rua do Bom Jesus, n.º 23, actual Rua Dr. Campos Salles ns. 854 e 860, esquina da Rua Regente Feijó, transformada mais tarde para commercio.

Foram seus progenitores o Tenente-Coronel Francisco de Paula Salles e sua mulher D. Anna Candida Ferraz de Salles, naturaes de Campinas; neto paterno do Alferes José de Salles Leme, igualmente campineiro, e de D. Maria Euqueria de Camargo; neto materno do Capitão Manoel Ferraz de Campos e de sua 2.ª mulher D. Francisca de Assis Leite, naturaes de Itú.

Digitized by Google

Fez seus primeiros estudos na terra natal, com os professores João Baptista Pupo de Moraes e Quirino do Amaral Campos, passando mais tarde para a Capital da Provincia, afim de completar os preparatorios e, em 1859, matricular-se na tradicional Academia de Direito, recebendo o gráo de bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes, em 10 de Dezembro de 1863.

Logo depois de formado regressou a Campinas, onde abriu o seu escriptorio de advocacia e dedicou-se ainda ao jornalismo e á politica, ingressando nas fileiras do Partido Liberal.

Em 1866 foi nomeado Juiz Municipal da mesma cidade e, eleito deputado provincial, em 1867, contando apenas 26 annos de edade.

Fundador do Partido Republicano, redigiu um manifesto ao povo na memoravel Convenção de Itú, em 3 de Dezembro de 1870.

Vereador á Camara Municipal de Campinas nos trienios de 1873-76 e 1877-80, foi novamente eleito deputado provincial em 4 de Novembro de 1881 e, mais tarde, deputado geral em 1.º de Dezembro de 1884.

Proclamada a Republica em 15 de Novembro de 1889, assumiu a pasta de Ministro da Justiça, no governo provisorio, para a qual fôra nomeado, em 18 de Novembro do mesmo anno. Deixando o Ministerio da Justiça em 22 de Janeiro de 1891, occupou a cadeira de senador federal até a dissolução do Congresso, em 3 de Novembro de 1891.

Novamente eleito senador federal, em 1892, emprehendeu uma viagem de recreio e estudos á Europa, nesse mesmo anno.

Presidente do Estado de São Paulo, eleito em 15 de Fevereiro de 1896, tomou posse do governo em 1.º de Maio do mesmo anno. Em 10 de Outubro de 1897, a Convenção do Partido Republicano indicou o nome de Campos Salles para a candidatura á presidencia da Republica; para desincompatibilisar-se, então, deixou a presidencia do Estado a seu substituto legal o Dr. Peixoto Gomide, em 31 de Outubro de 1897.

Eleito presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil em 1.º de Março de 1898, pediu uma licença de sete mezes ao Congresso Estadual, embarcando novamente para a Europa, em importante missão politica, em 20 de Abril do mesmo anno.

Ao regressar, assumiu a suprema magistratura do Paiz, em 15 de Novembro de 1898, terminando o seu quatrienio em 15 de Novembro de 1902.

No exercicio de tão altos póstos politicos, Campos Salles revelou raro civismo, capacidade, probidade illibada e desinteresse pessoal, tornando-se, por isso, vivo exemplo do verdadeiro patriota e grande homem de Estado, passando o seu nome inolvidavel a figurar no Pantheon Nacional.

O Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles casou-se, em 8 de Julho de 1865, em Campinas, com sua prima-irmã D. Anna Gabriela de Campos Salles, campineira, nascida em 24 de Janeiro de 1850, filha de José de Campos Salles, tambem campineiro, abastado fazendeiro, vereador á Camara Municipal de Campinas, no trienio 1865-1868, e chefe politico republicano, e de sua primeira mulher D. Maria Barbosa de Camargo, natural de Santa Barbara.

D. Anna Gabriela, dama ornada de peregrinas virtudes, exerceu benefica influencia na vida de seu illustre esposo.

Digitized by Google

Era neta paterna do Alferes José de Salles Leme e de sua mulher D. Maria Euqueria de Camargo, já mencionados, e neta materna do Sargento-Mór Domingos da Costa Machado e de sua segunda mulher D. Maria da Annunciação de Camargo, naturaes de Campinas.

O Sargento-Mór Domingos da Costa Machado foi o primeiro campineiro baptizado na inauguração da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas, em 14 de Julho de 1774; pessôa de influencia e destaque na terra natal, occupou o cargo de vereador em 1801, 1806, 1812 e 1813, servindo neste ultimo anno como Juiz Ordinario.

Campos Salles falleceu no Guarujá, litoral paulista, em 28 de Junho de 1913, contando 72 annos de edade, e sua mulher D. Anna Gabriela de Campos Salles, falleceu em São Paulo, aos 69 annos de edade, em 31 de Julho de 1919.

Tiveram os 10 filhos seguintes:

1-1 D. Adelia de Campos Salles, nasceu na cidade de Campinas, tendo sido baptizada na igreja Matriz de N. S. da Conceição em 16 de Junho de 1866, contando 11 dias de vida, sendo padrinhos seus avós maternos: José de Campos Salles e sua mulher D. Maria Barbosa de Camargo (L.º 10, fls. 155).
Falleceu na mesma cidade, tendo sido sepultada em 18 de Junho de 1882 (Lº 8, fls. 20), solteira.

1-2 Victor, natural da cidade de Campinas, foi baptizado na igreja Matriz de N. S. da Conceição em 18 de Outubro de 1867, contando 2 mezes de edade; foram padrinhos seus avós paternos: Tenente-Coronel Francisco de Paula Salles e sua mulher D. Anna Candida Ferraz de Salles (L.º 10, fls. 228).
Falleceu em Campinas e foi sepultado em 19 de Julho de 1869 (L.º 7, fls. 14-verso); jaz no Cemiterio do S. S. Sacramento, Quadra 1.ª, sepultura N.º 15.

1-3 José Maria de Campos Salles, natural da cidade de Campinas, foi baptizado na igreja Matriz de N. S. da Conceição em 4 de Outubro de 1869, tendo de existencia 29 dias, sendo padrinhos seus tios maternos: Diogo Leite Penteado e sua mulher D. Maria da Annunciação de Camargo Salles Penteado (L.º 11, fls. 108-verso).
Falleceu no Rio de Janeiro, em 30 de Abril de 1890, contando apenas 20 annos de edade, tendo sua morte consternado profundamente seus illustres Paes. Era academico de Direito e solteiro. ("Diario de Campinas", collecção do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas).

1-4 D. Maria Luiza, nascida na cidade de Campinas, foi baptizada na Matriz de Santa-Cruz em 13 de Junho de 1871, contando 2 mezes e 5 dias de vida, sendo padrinhos seus tios: Carlos Augusto de Salles e D. Francisca de Assis Ferraz de Salles (L.º 1-A, fls. 32).
Falleceu, na mesma cidade, na infancia, e jaz no Cemiterio do S. S. Sacramento Quadra 1.ª, sepultura N.º 15.

1-5 D. Helena de Campos Salles, nasceu, na cidade de Campinas, em 1.º de Julho de 1872, tendo sido baptizada na igreja Matriz de N. S. da Conceição em 3 de Janeiro de 1873, sendo padrinhos seus tios: Francisco de Salles e sua mulher D. Anna Elisa Ferraz de Salles, esta irmã de Campos Salles e aquelle irmão de D. Anna Gabriela de Campos Salles, (L.º 12, fls. 16-verso). Solteira, reside em São Paulo.

1-6 Manoel, nasceu, na cidade de Campinas, em 29 de Setembro de 1873, tendo sido baptizado na igreja Matriz de N. S. da Conceição, em 25 de Outubro de 1873, sendo padrinhos seu tio paterno Francisco de Assis Salles e D. Alice Placidina do Amaral (L.º 12, fls. 58).
Falleceu, na mesma cidade, tendo sido sepultado em 30 de Outubro de 1875 (L.º 7, fls. 230); jaz no Cemiterio do S. S. Sacramento, Quadra 1.ª, sepultura N.º 15.

Digitized by Google

1-7 D. Sophia (primeira desse nome), nasceu, na cidade de Campinas, em 10 de Dezembro de 1874, sendo baptizada na igreja Matriz de N. S. da Conceição, em 22 de Março de 1875, tendo sido padrinhos seus tios: Dr. José Alves de Cerqueira Cesar (mais tarde vice-presidente do Estado de São Paulo) e sua mulher D. Maria do Carmo Ferraz de Salles Cesar (L.º 12, fls. 131).
Falleceu, na mesma cidade, tendo sido sepultada em 31 de Outubro de 1875 (L.º 7, fls. 230-verso); jaz no Cemiterio do S. S. Sacramento, Quadra 1.ª, sepultura N.º 15.

1-8 D. Leonôr de Campos Salles, nasceu, na cidade de Campinas, em 6 de Dezembro de 1876, tendo sido baptizada em 31 de Março de 1877, na igreja Matriz de N. S. da Conceição, sendo madrinhas suas tias maternas: D. Belizaria de Salles Penteado e D. Amelia de Salles Romeiro (L.º 12, fls. 270). Solteira, reside em São Paulo na companhia de sua irmã D. Helena de Campos Salles (N.º 1-5).

1-9 D. Sophia de Campos Salles de Oliveira Coutinho, nasceu, na cidade de Campinas, em 11 de Agosto de 1879, tendo sido baptizada na igreja de N. S. da Conceição, em 13 de Fevereiro de 1880, sendo padrinhos seus tios paternos: Major Diogo Eugenio de Salles e sua mulher D. Geraldina de Campos Salles (L.º 13, fls. 83).
Casou, em 20 de Julho de 1901, na cidade do Rio de Janeiro, com o Dr. José Bonifacio de Oliveira Coutinho, nascido em 6 de Outubro de 1877, na mesma cidade, e fallecido, em São Paulo, em 2 de Outubro de 1911, antigo professor da Faculdade de Direito de São Paulo, chefe de Policia e deputado estadual.
O Dr. José Bonifacio de Oliveira Coutinho, era filho do Desembargador Dr. Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, natural da cidade do Rio de Janeiro (19-I-1847 — 20-IV-1897) e de sua mulher D. Joanna Victorio da Costa de Oliveira Coutinho; neto paterno do Desembargador e Conselheiro Dr. Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba, com honras de grandeza, natural do Rio de Janeiro, (21-VII-1800 — 25-IX-1855), e de sua mulher D. Narciza Emilia de Andrada Vandelli de Oliveira Coutinho, Viscondessa de Sepetiba, Dama Honoraria de S. M. a Imperatriz; neto materno do Conselheiro Victorio da Costa e de sua mulher.
Pela Viscondessa de Sepetiba, o Dr. José Bonifacio de Oliveira Coutinho, era bisneto de Alexandre Antonio Vandelli, nascido em Coimbra em 27 de Junho de 1774, e de sua mulher D. Carlota de Andrada, por esta, trisneto do Conselheiro Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, o Patriarcha da Independencia do Brasil, natural de Santos (13-VI-1763 — 6-IV-1838), e de sua mulher D. Narciza Emilia O'Leary, de origem irlandeza, fallecida em 1829 no Rio de Janeiro. (Vide Revista do Instituto Heraldico Genealogico N.º 7, pag. 86 "A Familia Andrada", brilhante collaboração de D. Marina de Andrada Procopio de Carvalho). D. Sophia de Campos Salles de Oliveira Coutinho, falleceu, no Rio de Janeiro, em 28 de Novembro de 1935.
Teve 5 filhos:

2-1 D. Regina de Oliveira Coutinho Nogueira, nasceu, em São Paulo, em 5 de novembro de 1902, e casou em 28 de julho de 1921, na mesma cidade, com Dr. Paulo de Almeida Nogueira Filho, paulistano, nascido em 16 de novembro de 1898, formado em Direito em 1919, advogado e ex-deputado-federal, filho do Dr. Paulo de Almeida Nogueira, natural de Campinas, advogado, ex-deputado-estadual, abastado agricultor e proprietario, e de sua mulher D. Esther Nogueira; neto paterno do Capitão Antonio Carlos de Almeida Nogueira, campineiro, fallecido em 7 de maio de 1888, (irmão do Barão de Ataliba Nogueira), e de sua mulher D. Paula Joaquina de Camargo Nogueira, campineira, fallecida em 7 de dezembro de 1929; neto materno de José Paulino Nogueira, campineiro, (13-II-1853 = 10-XI-1915) e de sua mulher D. Francisca Cantinho Nogueira, campineira, (21-IX-1861 = 15-VI-1895). ("Genealogia Paulistana", de Silva Leme: Volume I.º pag. 230 e Volume IV pag. 54. "Annuario Genealogico Brasileiro" de Salvador de Moya, Volume I.º pag. 118). Tem 2 filhos:
3-1 Paulo de Almeida Nogueira Neto, nascido, em 18 de abril de 1922, em São Paulo, academico de Direito.
3-2 José Bonifacio, nascido, em 3 de dezembro de 1923, em São Paulo, estudante.

2-2 José Bonifacio, nasceu, em 15 de janeiro de 1904, e, falleceu, em 23 de janeiro de 1905.

2-3 Eduardo, nasceu, em 26 de fevereiro de 1905, e, falleceu, em 5 de abril de 1906.

2-4 Dr. Frederico de Oliveira Coutinho, nasceu, em São Paulo, em 19 de março de 1907, e, falleceu, no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1928, em consequência do de-

Digitized by Google

ploravel desastre do avião "Santos Dumont". Brilhante intelligência, formara-se em engenharia no Rio de Janeiro, em 1928. Falleceu solteiro e deixou um filho natural:

3-1 Claudio de Oliveira Coutinho, natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido em 2 de novembro de 1928.

2-5 Dr. José Salles de Oliveira Coutinho, nasceu, em São Paulo, em 13 de março de 1909, formado em medicina, no Rio de Janeiro, em 1934. Casou, em 1939, com D. Véra Maria Hermanny. Registado com o nome de Cyro, que alterou para o de José Bonifacio e, ultimamente, passou a se assignar José Salles de Oliveira Coutinho.

1-10 Dr. Paulo Ferraz de Campos Salles, nasceu, na cidade de São Paulo, em 1.º de Abril de 1882, e, falleceu, na mesma cidade, em 16 de Maio de 1940, sendo sepultado no Cemiterio da Consolação.

Estudou humanidades no Collegio João de Deus, do Rio de Janeiro, para inscrever-se na Escola Polytechnica, que cursou durante dois annos, matriculando-se, mais tarde, na Faculdade de Direito de São Paulo, recebendo o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, em 1911.

Como funccionario publico, exerceu varios cargos: foi funccionario na Recebedoria de Rendas Estaduaes, avaliador official, escrivão do Forum Criminal, collector estadual e, finalmente, escrivão do XI.º Officio Civel da Capital do Estado, cargo em que falleceu.

Casou, em São Paulo, em 30 de Novembro de 1910, com D. Alzira Gonçalves de Campos Salles, natural da mesma cidade, nascida em 24 de Julho de 1884, filha de Antonio Almeirindo Gonçalves, natural de Coimbra, Portugal, fallecido em 23 de Janeiro de 1934, em São Paulo, e de sua mulher D. Carolina Meyer Gonçalves, paulistana, de origem allemã, fallecida em 6 de Dezembro de 1922, na mesma cidade.

Teve 3 filhos:

2-1 D. Sylvia Salles de Lara Campos, nascida, em São Paulo, em 30 de agosto de 1911, casou, na mesma cidade, em 14 de maio de 1935, com Dr. Gustavo Luiz de Lara Campos, engenheiro, natural de São Paulo, filho do Dr. Gustavo de Lara Campos, engenheiro-civil, natural de Tietê, (irmão da Condessa de Lara, pela Santa-Sé), e de sua mulher D. Emma Werneck de Lara Campos; neto paterno de Theotonio Rodrigues de Lara Campos e de sua mulher D. Francisca de Góes Pacheco de Lara Campos. ("Genealogia Paulistana", de Silva Leme, Volume 3.º pagina 259 e Volume 9.º pagina 125); neto materno do Dr. Antonio Luiz dos Santos Werneck e de sua mulher D. Francisca de Salles Guerra Werneck. Sem descendencia em 1941.

2-2 D. Celina Salles de Lara Campos, nascida, em São Paulo, em 6 de fevereiro de 1913, casou, na mesma cidade, em 19 de dezembro de 1935, com Dr. Alvaro de Lara Campos engenheiro-chimico, natural de Santos, irmão do Dr. Gustavo Luiz de Lara Campos supra-citado. Tem 1 filho:

3-1 Eduardo, nascido, em São Paulo, em 28 de fevereiro de 1937.

2-3 Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles Neto, nascido,, em São Paulo, em 18 de maio de 1914. Estudou preparatorios no Gymnasio de São Bento e bacharelou-se em sciencias juridicas e sociais na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, recebendo o grão em 18 de janeiro de 1938. Advogado no Forum da Capital, exerce tambem o cargo de chefe dos serviços auxiliares do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Solteiro em março de 1941.

NOTAS COMPLEMENTARES DA "ARVORE DE COSTADO" DO DR. MANOEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES.

2) Tenente-Coronel Francisco de Paula Salles, foi vereador á Camara Municipal de Campinas (1845-1848). Essa Camara teve a honra de receber S. M. I. o Senhor D. Pedro II, quando pela primeira vez visitava Campinas, em 1846. Foi fazendeiro nos municipios de Campinas e Rio Claro.

4) Alferes José de Salles Leme, abastado fazendeiro em Campinas.

6) Capitão Manoel Ferraz de Campos, vereador do Conselho de Campinas em 6-I-1806 e Juiz ordinario em 29-IV-1810 e em 4-III-1816.

8) Alferes Antonio José de Mattos, foi o tronco da familia em Campinas. Prestigioso cidadão, occupou varios cargos publicos: vereador e procurador do

Digitized by Google

Conselho, em 14-II-1802 e em 2-II-1809; vereador ainda em 16-III-1815 e vereador e procurador do Conselho, novamente, em 8-II-1818; finalmente Juiz ordinario em 12-II-1821.

10) Alferes João Leite de Camargo Penteado, vereador do Conselho de Campinas em 2-II-1809.

12) Sargento-Mór Antonio Ferraz de Campos, foi o pae do Barão de Cascalho (Commendador José Ferraz de Campos, † 15-IX-1869 em Limeira, com 87 annos de edade, diz o registo de obito) e avô do Barão de Monte-Mór e do Barão de Porto-Feliz, titulares campineiros. Bis-avô do Dr. Antonio de Sousa Campos, o primeiro campineiro formado em medicina, propagandista republicano e senador estadual.

32) Francisco de Salles Ribeiro, natural de Lisbôa, Portugal; foi o iniciador da familia Salles, em S. Paulo, "onde foi nobre cidadão, capitão de infanteria da ordenança dessa cidade e juiz ordinario em 1763". Silva Leme VIII — 153.

38) Capitão Francisco Barreto Leme, illustre fundador da historica cidade de Campinas.

"P.ª Francisco Barreto Leme ser fundador e Director da nova Povoação das Campinas do Mato-grosso, Destr.º da V.ª de Jundiahy.

Porqto. tenho determinado, em virtude das ordens de S. Mag.e aumentar as Povoaçoens desta Capitania, e tenho noticia q.' na paragem chamada das Campinas do Mato-grosso entre as Villas de Jundiahy e S. Joam da Atibaya ha terras suficientes p.ª estabelecer hua boa Povoaçam: Sou servido nomear a Francisco Barreto Leme p.ª Fundador, e Administrador, e Director da d.ª Povoaçam, emqto. nam mandar o contr.º, e concorrer na sua pessoa, christand.e, capacid.e e justiça p.ª dirigir os Povos della com pas, e quietaçam; lhe ordeno convoque o dito efeito todos os forros, carijós, e administrados, de q' tiver noticia andão vadios, e nam tem caza, nem domicilio certo, nem sam uteis á Republica, e os obrigue a ir povoar as ditas terras das Campinas do Mato de Jundiahy, estabelecendo nellas a referida Povoaçam elegendo sitio porporcionado p.ª ella, e fazendo guardar aos moradores todos os Privilegios, q.' S. Mag.e tem concedido aos q' estabelecem colonias de novo, como tambem os mais que eu alem delles concedo pelo Bando, q' com esta mando p.ª se publicar, o que tudo assim cumprirá. e faça executar com aquelle zello, actividade e desinteresse q' recomendam as Ordens de S. Mag.e, e da sua pessoa se espera. Sam Paulo a 27 de mayo de 1774 // Com a rubrica de S. Exa."

(Titulo de nomeação de Francisco Barreto Leme: "Livro de Officios do general D. Luis aos diversos funccionarios da Capitania — 1771-1775". Livro N.º 67 pag. 138. Archivo do Estado de São Paulo).

Petição Dirigida a D. Frei Manoel da Resurreição, Bispo de São Paulo.

"Exmo. e Revmo. Senhor.

Dizem o capitão José de Souza de Siqueira, Francisco Barreto Leme, Diogo da Silva Rego, José da Silva Leme, Domingos da Costa Machado, Francisco Pereira Magalhães, Salvador de Pinho, Luiz Pedro de Almeida e Bernardo Guedes, moradores em bairro do Matto Grosso, e freguezes até agora da villa de Jundiahy, que elles supplicantes alcançaram licença do Revdmo. Governador do Bispado, que então servia, o conego Antonio de Toledo Lara, para erigir uma Matriz com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, em o logar chamado das Campinas, como melhor constará dos requerimentos e despachos que se acham na Camara ecclesiastica dessa cidade, por experimentarem os deveres gravissima falta, ficando distantes da villa de Jundiahy dez a quatorze leguas, por cuja causa tem morrido neste bairro mais de trinta pessoas, por não haver tempo de se chamar o Revdo. Parocho, pela longitude do caminho, por cuja rasão, depois de obtida a licença para a dita fundação, já deramos os supplicantes principio ás taipas, e as vão continuando com muito fervor, zelo e cuidado: mas como levará tempo considerado até se pôr em termos de servir, portanto.

Digitized by Google

1 Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, N. Campinas (13-II-1841 — 28-VI-1913). Em 8-VII-1865, em Campinas, c.c. sua prima-irmã D.ª Anna Gabriela de Campos Salles. Presidente da Republica 1898-1902.

2 Tte. Cel. Francisco de Paula Salles, N. Campinas, bap.º 4-XII-1814, † 28-VIII-1877 na mesma cidade.

3 D. Anna Candida Ferraz de Salles, N. Campinas, bap.ª 25-III-1816, casou 20-IX-1837, Limeira, † 18-X-1896 Rio Claro.

4 Alf. José de Salles Leme, N. Campinas, bap.º 31-VII-1796, † 25-XI-1858 na mesma cidade.

5 D. Maria Euqueria de Camargo, casou 23-XI-1818.

6 Cap. Manoel Ferraz de Campos, N. Itú e † Piracicaba.

7 D. Francisca de Assis Leite (2.ª mulher), irmã do Cap.-Mór Estevão Cardoso de Negreiros.

. (Silva Leme VIII-153).
tugal.

Aguiar, Portugal, † 1734.
.ª mulher), † 1718. (Silva Leme VIII-152).

Silva Leme VIII-389).
anto-Amaro.

haves, † 1729 Minas-Ceraes.
, casou 1705 Santo-Amaro. (Silva Leme VIII-448).

Silva Leme III-10).
al. (Silva Leme VII-346).

va Leme VII-459).
eme V-145).

tiz, † 80-VIII-1690 S. Paulo. (Silva Leme I-180).
S. Paulo.

† 1725 S. Paulo, c. testamt.º. (Silva Leme IV-480).
ulo, onde † 1726 c. testamt.º. (Silva Leme VIII-215).

c. testamt.º, S. Paulo. (Silva Leme III-425).
73, casou 1689, † 1753 c. test.º, Parnahyba. (S. Leme III-446).

e Lemos, † 1739 S. Paulo, N. 1651. (Silva Leme IV-521).
o, N. 1678, † 1721. (Silva Leme II-15).

eme IV-165). (Irmão de 92 e 103).
677 Parnahyba. (Silva Leme I-126).

oraes. Assistente nas Minas. (Silva Leme VII-89).
mulher), casou 1696 Parnahyba. (Silva Leme VIII-363).

657 Parnahyba, † 1731. Foi Bandeirante. (S. Leme IV-183).
lher), casou 1704 Itú. (Silva Leme IV-392).

va Leme IV-127).
el, N. Sorocaba. (Silva Leme III-374).

Porto, de nobre familia.
tirpe dos Dias Paes Leme). (Silva Leme II-498).

Villa da Ribeira Grande, † 1684 Parnahyba. (S. Leme IV-4).
Paulo. (Silva Leme IV-512).

). (Silva Leme IV-505).
rcia (1.ª mulher). (Silva Leme VII-456).

Bap.º 1649 S. Paulo, † 1725 Itú. (Silva Leme I-151).
r), † 1713 Itú, c. test.º (Irmã dos Ns. 88 e 92). (S. L. IV-212).

va Leme IV-481).
Leme II-178).

N. 1663 Ilha S. Sebastião, † 1743 Itú. (S. Leme VII-170).
1683 Itú. (Silva Leme IV-407).

, N. Cotia, † 1722 Itú, c. test.º. (Silva Leme III-524).

mencionado no n.º 102.
da no n.º 103.

de Almeida. (Silva Leme IV-265).
el (1.ª mulher), Bap.ª 1648 S. Paulo. (Silva Leme III-511).

† 1719 Itú, c. test.º. (Irmão do n.º 98). (Silva Leme IV-71).
665 Parnahyba. (Irmã do n.º 99). (Silva Leme IV-519).

marido). (Silva Leme VI-104).
Medeiros. (Silva Leme II-10).

rmão do n.º 48). (Silva Leme II-498).
Parnahyba. (Silva Leme I-508).

a. (Silva Leme VIII-44).
43 Pindamonhangaba. (Silva Leme VI-299).

Leme III-112).
u 1705 S. Paulo. (Irmã do n.º 95). (Silva Leme III-446).

Digitized by Google

64 **Manoel Gonçalves**, N. Portugal. (Silva Leme VIII-153).
65 **D. Domingas Antunes**, N. Portugal.

66 Gaspar de Mattos, N. Villa de Aguiar, Portugal, † 1734.
67 D. Maria Vieira da Cunha (1.ª mulher), † 1718. (Silva Leme VIII-152).

68 **Jorge Moreira de Saavedra**. (Silva Leme VIII-389).
69 **D. Marianna Garcia**, † 1729 Santo-Amaro.

70 Cap. Miguel de Heirós, N. Chaves, † 1729 Minas-Geraes.
71 D. Ignez Domingues de Pontes, casou 1705 Santo-Amaro. (Silva Leme VIII-448).

72
73

74
75

76 Cap. Pedro Leme do Prado, mencionado 52. (Silva Leme III-10).
77 D. Francisca de Arruda Cabral, mencionada n.º 53. (Silva Leme VII-346).

78 **Miguel da Cunha Garcia**, mencionado n.º 54. (Silva Leme VII-459).
79 **D. Maria de Gusmão**, mencionada n.º 55. (Silva Leme V-145).

80 **Cap. Fernando de Camargo Ortiz**, † 30-VIII-1690 S. Paulo. (Silva Leme I-180).
81 **D. Joanna Lopes**, † 23-I-1692 São Paulo.

82 **Cap. Martinho Paes Linhares**, † 1725 c. test.º S. Paulo. (Silva Leme IV-480).
83 **D. Izabel da Silva**, † 1726 c. test.º S. Paulo. (Silva Leme VIII-215).

84 **João Corrêa Penteado**, † 1726 c. test.º S. Paulo. (Silva Leme III-425).
85 **D. Izabel Paes de Barros**, casou 1689, † 1753 c. test.º Parnahyba. (Silva Leme III-446).

86 **Capitão-Mór Antonio Corrêa de Lemos**, N. 1651, † 1739 S. Paulo. (Silva Leme IV-521).
87 **D. Marianna da Luz do Prado**, N. 1678, † 1721. (Silva Leme II-15).

88 **Francisco de Campos**. (Silva Leme IV-165).
89 **D. Marianna Cardoso**, casou 1677 Parnahyba. (Silva Leme I-126).

90 **Cap. Balthazar de Lemos e Moraes**. Assistente nas Minas. (Silva Leme VII-89).
91 **D. Izabel Pires Monteiro** (1.ª mulher), casou 1696 Parnahyba. (Silva Leme VIII-363).

92 **José de Campos Bicudo**, N. 1657 Parnahyba, † 1731. Bandeirante; Irmão de 88. (S. L. IV-183).
93 **D. Maria de Almeida** (2.ª mulher), casou 1704 Itú. (Silva Leme IV-392).

94 **Miguel de Arruda e Sá**. (Silva Leme IV-127).
95 **D. Maria de Almeida Pimentel**, N. Sorocaba. (Silva Leme III-374).

96
97

98
99

100
101

102
103

104 Matheus Leme do Prado. (Silva Leme II-209).
105 D. Beatriz Barbosa do Rego, casou 1642 S. Paulo. (Silva Leme III-10).

106 Cap. Manoel da Costa Cabral, N. São Paulo, † 1709 Taubaté. (Silva Leme VII-344).
107 D. Anna Ribeiro de Alvarenga, N. São Paulo, † 1716 Taubaté. (Silva Leme VI-360).

108 Garcia Rodrigues Moniz. (Silva Leme VII-458).
109 D. Catharina de Unhatte, N. São Paulo, † 1691 Taubaté. (Silva Leme V-200).

110 Domingos Vaz de Siqueira. (Silva Leme V-137).
111 D. Maria de Gusmão (1.ª). (Silva Leme VIII-4).

112 Cap. Fernando de Camargo Ortiz, mencionado no n.º 80.
113 D. Joanna Lopes, mencionada no n.º 81.

114 Cap. Martinho Paes Linhares, mencionado no n.º 82.
115 D. Izabel da Silva, mencionada no n.º 83.

116 João Corrêa Penteado, mencionado no n.º 84.
117 D. Izabel Paes de Barros, mencionada no n.º 85.

118 Capitão-Mór Antonio Corrêa de Lemos, mencionado no n.º 86.
119 D. Marianna da Luz do Prado, mencionada no n.º 87.

120 Sarg.-Mór Bento do Amaral da Silva, N. Rio de Janeiro. Ouvidor e Correg. da Cap. S. Paulo.
121 D. Escholastica de Godoy, N. São Paulo, † 1725. (Silva Leme VI-121).

122 Cap. Pedro Dias Leite, N. São Paulo. (Silva Leme II-498).
123 D. Antonia de Arruda (2.ª mulher), casou 1692 Parnahyba. (Silva Leme IV-5).

124 Sargento-Mór Roque Soares de Medella, N. Villa do Conde, † 1741 Cotia, c. testamento.
125 D. Anna de Barros. (Silva Leme VIII-216).

126 Cap. Fernando Lopes de Camargo. (Silva Leme I-207).
127 D. Maria de Lima do Siqueira, † 1-VIII-1769 Cotia. (S. Leme III-171).

Digitized by Google

P. a V. Excia. Revma. que, attendendo á urgente necessidade que têm representado os supplicantes, se digne conceder-lhes licença para se fazer uma ermida mais á ligeira, com a decencia possivel, para servir emquanto se não conclue a dita Matriz.

(Maio de 1774). E. R. Mcê."

Nota: "Historia Religiosa de Campinas" Benedicto Octavio, publicada na "A Tribuna", em 5-XI-1924.

A Freguezia de N. S. da Conceição das Campinas foi creada e nella se disse a primeira missa em 14 de Julho de 1774.

66) Gaspar de Mattos, era filho de Sebastião de Mattos, natural de Parada, e de D. Izabel de Araujo, da Freguezia de Nozedo. Silva Leme VIII — 152.

67) D. Maria Vieira da Cunha, descendente da familia Maciel, estabelecida no Brasil anteriormente a 1570, era filha do Capitão Ignacio Vieira Antunes e de D. Marianna da Cunha, natural de S. Paulo onde † em 1731; neta paterna de Francisco Vieira Antunes, natural de S. Martinho de Ventosa, e de D. Izabel Manoel Alvares de Sousa, esta descendente directa de Dom Jorge de Barros Fajardo, fidalgo de cóta d'armas, natural de Ponte-Vedra, Reino de Galliza, † em 1615 em S. Paulo, e de D. Anna Maciel; neta materna de Belchior da Cunha Barregão, natural de Portugal, † em 1702, e de D. Antonia Furtado, paulista. Silva Leme VIII — 152.

68) Jorge Moreira de Saavedra, trisneto do Capitão-Mór Governador da Capitania de S. Vicente Jorge Moreira, natural do Rio Tinto, Portugal, e de D. Izabel Velho. Era filho de Paulo de Saavedra, † em 1695, e de D. Ignez Pedroso; neto paterno de Constantino de Saavedra, † em 1662, e de D. Catharina de Candia, † em 1677, neto materno de Francisco Dias de Roxas e de D. Marianna Pedroso. Silva Leme VIII — 389.

69) D. Marianna Garcia, era filha de Manoel Alvares Tenorio e de D. Maria Garcia.

71) D. Ignez Domingues de Pontes, de illustre ascendencia, era filha de Antonio Furtado de Alvarenga, já † em 1689, e de D. Sebastiana de Pontes (irmã do Padre Belchior de Pontes); neta paterna do Capitão Francisco Furtado, † em 1689 e inventariado em S. Paulo, e de D. Izabel Ribeiro, cazados em 1639 em S. Paulo e moradores na Freguezia de Santo-Amaro; neta materna de Pero Nunes de Pontes, † em 1659 com testamento, e de D. Ignez Domingues Ribeiro.

Era descendente do Cacique da aldêa de Virapueiras. Silva Leme VIII — 448.

76) Capitão Pedro Leme do Prado, oriundo da nóbre familia Leme, era filho de Matheus Leme do Prado e de D. Beatriz Barbosa do Rego, casados em 1642 em S. Paulo; neto paterno de Pedro Leme, natural de S. Vicente (nascido entre 1560 e 1570), e 1.ª mulher D. Helena do Prado; neto materno de Diogo Barbosa do Rego, natural de Portugal e † em 1661 em Guaratinguetá, e de D. Branca Raposo, por ésta, bisneto de Antonio Raposo, Cavalleiro por decreto real de D. Phelippe, em 1601, o qual era natural de Béja, Portugal, e † em 1633 com testamento, em S. Paulo, e de D. Izabel de Góes, com quem se casára em S. Paulo. Silva Leme III — 10.

77) D. Francisca de Arruda Cabral, era filha do Capitão Manoel da Costa Cabral, natural de S. Paulo, que foi importante e prestimoso cidadão em Taubaté e fallecido em 1709, e de D. Anna Ribeiro de Alvarenga, natural de S. Paulo e † em 1716 em Taubaté; neta paterna de outro Capitão Manoel da Costa Cabral, natural da Ilha de S. Miguel, † em 1659 em Taubaté e descendente da Illustre Casa do Senhor de Belmonte, e de sua 1.ª mulher D. Francisca Cardoso, natural de Mogy das Cruzes, † em 1655 em Taubaté, e casados na Villa de Mogy das Cruzes; neta materna de Francisco Bicudo de Brito, † em 1654, e de D. Thomazia Ribeiro de Alvarenga. Silva Leme VII — 346.

Digitized by Google

78) Miguel da Cunha Garcia, era filho de Garcia Rodrigues Moniz e de D. Catharina de Unhatte, natural de S. Paulo, † em 1691 em Taubaté; neto paterno de Manoel Garcia Vélho, † em 1659, e de D. Maria Moniz da Costa; neto materno de Antonio da Cunha Gago (o gambeta), paulista de grande veneração e respeito, descendente da estirpe dos Cunha Gago, e de D. Martha de Miranda, casados em 1630 em S. Paulo. Silva Leme VII — 459.

79) D. Maria de Gusmão, era filha de Domingos Vaz de Siqueira e de D. Maria de Gusmão (1.ª do nome); neta paterna de Gaspar Vaz da Cunha (o Jaguareté) e de D. Victoria de Siqueira; neta materna de Luiz de Gusmão, natural de S. Sebastião, e de D. Violante Cardoso, casados em 1643 em S. Paulo. Silva Leme V — 145.

80) Capitão Fernando de Camargo Ortiz, capitão na expedição contra os barbaros gentios do sertão da Bahia em 1658, filho do Capitão Fernão de Camargo, o Tigre, chéfe do partido dos Camargos contra o dos Pires, e de D. Marianna do Prado, † em 1688 com testamento em S. Paulo; neto paterno de Jusepe de Camargo, natural de Castella, tronco da illustre familia dos Camargos, em S. Paulo, e de D. Leonôr Domingues, † em 1630 com testamento em S. Paulo e descendente directa de João Ramalho e de D. Izabel Dias (Bartyra), esta filha do Cacique Tibiriçá, maioral de Inhampuambuçú; neto materno de João de Santa Maria, natural de Castella, que foi secretario de D. Francisco de Sousa, e de D. Phelippa do Prado. Silva Leme I — 180.

81) D. Joanna Lopes, era filha de Gonçalo Lopes, natural da Freguezia de Santa Marinha, Portugal, e de D. Catharina da Silva, natural de S. Paulo; neta paterna de Pedro Lopes e de D. Anna da Costa; neta materna de Cosme da Silva e de D. Izabel Gonçalves.

82) Capitão Martinho Paes Linhares, era filho de Manoel Pacheco Gatto, † em 1692, e de D. Anna da Veiga; neto paterno de Manoel Pacheco e de D. Beatriz Gatto; neto materno do Capitão João Paes e de D. Suzanna Rodrigues, que em 1612 já estavam casados. Silva Leme IV — 480.

83) D. Izabel da Silva, era filha de Diogo da Silva Carvalho, natural de Portugal, † em 1689 com testamento em Cotia, descendente da Illustre Casa dos Senhores de Veiros, do Reino de Portugal, e de D. Paula da Costa; neta paterna de Domingos Fernandes e de D. Maria Antunes; neta materna de Domingos Gonçalves da Cruz, natural de Portugal, † em 1680 com testamento em S. Paulo, e de D. Izabel da Costa. Silva Leme VIII — 215.

84) João Corrêa Penteado, nóbre cidadão de S. Paulo, era filho de Francisco Rodrigues Penteado, tronco da familia Penteado, em S. Paulo, natural de Pernambuco, e † em 1673 com testamento em Parnahyba, e de D. Clara de Miranda, † em 1682; neto paterno de Manoel Corrêa, natural de Portugal, commerciante em Pernambuco, e de D. .....; neto materno de Antonio Rodrigues de Miranda, natural de Lamego, pessôa nóbre, † com testamento e inventariado em 1637 em S. Paulo, e de D. Potencia Leite, oriunda da nobre familia Leite Furtado, da Ilha de Santa Maria dos Açores, e † em 1689. Silva Leme III — 425.

85 e 127) D. Izabel Paes de Barros e D. Maria Leite Pedroso, eram filhas de Pedro Vaz de Barros, nascido em 1646 e morador na sua importante fazenda de Cataúna, e de D. Maria Leite de Mesquita, † em 1732 em S. Paulo; netas paternas de Antonio Pedroso de Barros, † em 1652 com testamento, potentado paulista, e de D. Maria Pires de Medeiros, cazados em 1639 em S. Paulo; netas maternas do Capitão Salvador Pires de Medeiros — grande paulista — e de D. Ignez Monteiro de Alvarenga, a matrona, conhecida por suas virtudes. Bisnetas, pela linha paterna, do Capitão-Mór Governador da Capitania de S. Vicente e S. Paulo Pedro Vaz de Barros, natural do Reino de Algarve e morador em Lisbôa, pessôa de qualificada nobreza, † em 1644 com testamento, e de D. Luzia Leme, da estirpe dos Leme, † em 1655. Silva Leme III — 446.

Digitized by Google

86) Capitão-Mór Antonio Corrêa de Lemos (Capitão em 1678), era filho de outro Antonio Corrêa de Lemos, † em 1664 em S. Paulo, e de D. Maria de Quadros; neto paterno de José Corrêa de Lemos e de D. Francisca de Lira; neto materno de Mauricio de Castilho e de D. Maria de Quadros, por esta, bisneto de Bernardo de Quadros, natural de Sevilha, Reino de Hespanha, de nóbre ascendencia, o qual occupou em S. Paulo os cargos de provedor e administrador das minas e o de Juiz de Orphãos em 1599, e † em 1642 com testamento, e de sua mulher D. Cecilia Ribeiro, natural do Porto, † em 1667 com testamento em S. Paulo, onde casaram, a qual era filha dos nobres povoadores Estevão Ribeiro Bayão Parente, natural da cidade de Beja, e de D. Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, natural do Porto. Silva Leme IV — 521.

87) D. Marianna da Luz do Prado, era filha do Capitão João Lopes de Medeiros, † em 1686 no seu sitio em Atibaia e inventariado em S. Paulo, e de D. Marianna da Luz, † em 1685 com testamento em Atibaia; neta paterna do Sargento-Mór Mathias Lopes e de D. Catharina do Prado; neta materna de Innocencio Fernandes Preto e de D. Catharina Côrtes. Silva Leme II — 15.

88, 92 e 103) Francisco de Campos, José de Campos Bicudo e D. Anna de Campos, eram paulistas e filhos do Capitão Phelippe de Campos, natural de Lisbôa, Portugal, † em 1681 com testamento em Parnahyba, o qual foi "Capitão muito estimado em S. Paulo por sua civilidade, cortezia e bôa instrucção, e occupou os honrosos cargos do governo", e de D. Margarida Bicudo, cazados em 9-IX-1643 em S. Paulo; netos paternos de Francisco de Wanderborg, nóbre flamengo e embaixador junto ao Rei de Hespanha, e emigrado para Portugal, e de D. Antonia de Campos, natural de Lisbôa; netos maternos do Capitão Manoel Pires, conquistador e bandeirante, da illustre familia paulista dos Pires, e de D. Maria Bicudo, tambem de ascendencia illustre, † em 1659 em Parnahyba. Silva Leme, Vol. IV, pags. 179, 183 e 212.

89) D. Marianna Cardoso, era filha de Manoel Cardoso, † em 1675, e de D. Catharina Rodrigues; neta paterna de Antonio Lourenço, † em 1658 em S. Paulo, e de D. Izabel Cardoso (2.ª mulher), † em 1661; neta materna de Francisco Rodrigues, natural de Ameixeal, freguezia de Lanhoso, termo de Vianna, † em 1652 em Taubaté, e de D. Antonia Furtado, inventariada em 1672.

Por Antonio Lourenço, era bisneta de Domingos Luiz (o Carvoeiro de alcunha), natural de Marinhota, freguezia de Santa-Maria da Carvoeira, Cavalleiro professo da Ordem de Christo e nóbre povoador, † em 1615 com testamento em S. Paulo, e de sua 1.ª mulher D. Anna Camacho, † em 1613 com testamento em S. Paulo, a qual descendia em linha recta de João Ramalho e de D. Izabel Dias (Bartyra), esta filha do Cacique Tibiriçá, maioral da aldeia de Inhampuambuçú. Silva Leme I — 126.

90) Capitão Balthazar de Lemos e Moraes, era filho de outro Balthazar de Lemos e Moraes e de D. Maria Bueno de Camargo; neto paterno de Dom Francisco de Lemos, natural de Castella, o qual com seus filhos assignou o acto solenne da "Acclamação de Amador Bueno de Ribeira em 1641", e de D. Izabel de Moraes, da nobilissima familia dos "Moraes de Antas"; neto materno de Bartholomeu Bueno de Ribeira, o moço, irmão de Amador Bueno de Ribeira, o acclamado rei de São Paulo em 1641, e de D. Marianna de Camargo, com quem casou em 1634 em S. Paulo.

Por Bartholomeu Bueno, era bisneto de outro Bartholomeu Bueno de Ribeira, natural de Sevilha, nóbre povoador que veiu para S. Paulo em 1571, e de sua mulher D. Maria Pires, da illustre familia dos Pires e descendente directa do Cacique Piquiroby, maioral de Ururay. Silva Leme VII — 89.

91) D. Izabel Pires Monteiro, era filha do Capitão Salvador Jorge Velho, † em 1705, que foi descobridor das minas de ouro em Curityba que tomaram o seu nome, e de D. Margarida da Silva, † em 1726 em Parnahyba e casados em 1671; neta paterna de Domingos Jorge Velho, † em 1670 com testamento, e de D. Izabel Pires de Medeiros, † em 1713 em Parnahyba; neta materna do Capitão

Digitized by Google

Paschoal Leite Paes, já † em 1670, e de D. Maria da Silva Brito. Silva Leme VIII — 363.

93) D. Maria de Almeida, era filha do Capitão Lourenço Corrêa Ribeiro e de sua 1.ª mulher D. Maria Pereira de Azevedo, natural de Parnahyba; neta paterna de Seraphino Corrêa, natural de Guimarães, † em 1658 e inventariado em S. Paulo, e de D. Izabel de Anhaya, casados em 1634 em S. Paulo; neta materna do Capitão Antonio Pereira de Azevedo, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, natural da Bahia, e fallecido em Parnahyba, e de D. Virginia Missel. Silva Leme IV — 392.

94) Miguel de Arruda e Sá, era filho de Sebastião de Arruda Botelho, natural da Villa da Ribeira, Ilha de S. Miguel, (irmão dos N.os 98 e 118 — Francisco de Arruda e Sá e André de Sampaio e Arruda. Vide) e de D. Izabel de Quadros, natural de S. Paulo, onde foi baptisada em 1643 e † em 1721 em Itú, (irmã dos N.os 99 e 119 — D. Maria de Quadros e D. Anna de Quadros. Vide). Silva Leme IV — 127.

95) D. Maria de Almeida Pimentel, era filha de Antonio Rodrigues Penteado, natural de Parnahyba e morador em Sorocaba, onde teve as redeas do governo, † em 1728, e de D. Maria de Almeida Lara, natural de Sorocaba; neta paterna de Francisco Rodrigues Penteado e de D. Clara de Miranda, mencionados no N.º 84; neta materna do Capitão-Mór de Sorocaba, Thomé de Lara de Almeida, loco-tenente do Donatario da Capitania de Conceição de Itanhaen o Conde da Ilha do Principe, e de D. Maria de Almeida Pimentel, baptisada em 1648 em S. Paulo e de familia de conhecida nobreza. Silva Leme III — 374.

96) Manoel Ferraz de Araujo, era filho de Lourenço de Araujo Ferraz, vereador em 1690 na cidade do Porto, e de D. Brites Ribeiro, da freguezia do Paço de Sousa; neto paterno de Jeronymo Ferraz, nóbre cidadão do Porto e provedor da Santa Casa de Misericordia em 1583, e de D. .....; neto materno de Bento Ribeiro e de D. Maria Moreira. Silva Leme II — 498.

97) D. Veronica Dias Leite, era filha do Capitão de milicia da Villa de S. Paulo, Pedro Dias Paes Leme, † em 1633 e sepultado na capella-mór da Igreja do Carmo, pessôa de muita estimação e respeito, e de D. Maria Leite, † em 1670 e natural de S. Paulo; neta paterna de Fernando Dias Paes, Juiz ordinario de S. Paulo em 1590, cidadão dos mais notaveis, † em 1605 com testamento, e de sua 2.ª mulher e sobrinha D. Lucrecia Leme, natural de Abrantes, † em 1645 com testamento, e descendente da nobre familia Leme; neta materna de Paschoal Leite Furtado, natural da Ilha de Santa Maria dos Açores, que passou á S. Vicente em serviço da Coróa em 1599, com Dom Francisco de Sousa, e descendente de familia fidalga, † em 1614 com testamento, na sua Fazenda dos Pinheiros, e de D. Izabel do Prado, natural de S. Vicente e † em 1668 em S. Paulo. Silva Leme II — 498 e III — 91.

99 e 119) D. Maria de Quadros e D. Anna de Quadros (irmãs de D. Izabel de Quadros, mencionada no N.º 94), eram filhas de Bartholomeu de Quadros, † em 1649 em S. Paulo, e de Izabel Bicudo de Mendonça, cazados em 1635 em S. Paulo; netas paternas de Bernardo de Quadros, natural de Sevilha, Reino de Hespanha, † em 1642 com testamento, o qual oriundo de nóbre familia, occupou em S. Paulo os cargos de provedor e administrador das minas e o de Juiz de Orfãos em 1599, e de D. Cecilia Ribeiro, natural do Porto e † em 1667 com testamento em S. Paulo, onde casaram; netas maternas do Capitão Manoel Pires e de D. Maria Bicudo, mencionados nos N.os 88-92 e 103 (Vide). Silva Leme IV — 512 e 519.

98 e 118) Francisco de Arruda e Sá e André de Sampaio e Arruda (irmãos de Sebastião de Arruda Botelho, mencionado no N.º 94) (Vide), eram filhos de Gonçalo Vaz Botelho e de D. Anna de Arruda, naturaes da Ilha de S. Miguel, e oriundos de familias nobilissimas pelos seus quatro costados, cuja antiguidade remonta a uma éra anterior mesmo á da fundação da monarchia portugueza;

Digitized by Google

netos paternos de Jeronymo Botelho de Macedo e de D. Guiomar Faleira Cabral, casados na Ilha de Santa Maria; netos maternos do Capitão Francisco do Rego Cabral e de D. Anna de Macedo. (Vide "Genealogia do Snr. Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles por Leoncio A. Gurgel, 1906). Silva Leme IV — 4 e 71.

100) João Paes Rodrigues, era filho do Capitão João Paes e de D. Suzanna Rodrigues, os quaes já estavam casados em 1612; neto paterno (cremos) de André Fernandes, † em 1588 em S. Paulo, e de D. Maria Paes, † em 1616 na mesma villa; neto materno de Martim Fernandes Tenorio de Aguilar, nobre povoador e celebre conquistador dos sertões no posto de Capitão-Mór da tropa, e † em 1603 no sertão do rio Paraná, e de sua mulher D. Suzanna Rodrigues (1.ª desse nome). Silva Leme IV — 505.

101) D. Anna Maria Rodrigues Garcia, era filha de Garcia Rodrigues Velho, † em 1671, prestimoso cidadão de S. Paulo, e de D. Maria Betting (sogros do notavel bandeirante paulista Capitão-Mór Governador das esmeraldas Fernão Dias Paes); neta paterna de Garcia Rodrigues Velho (1.º desse nome) e de D. Catharina Dias; neta materna de Geraldo Betting, natural do Ducado de Gueldres, cidade de Drusbruch, Allemanha, e de D. Custodia Dias. Silva Leme VII — 456.

102) Antonio Antunes Maciel, era filho de Gabriel Antunes Maciel, † em 1649 com testamento em S. Paulo, tronco da illustre familia dos "Antunes Maciel", e de sua 1.ª mulher D. Mecia Cardoso, esta filha de Antonio Lourenço e 2.ª mulher D. Izabel Cardoso, já mencionados no N.º 89. Silva Leme I — 151.

108) João Gago Paes, prestimoso cidadão de S. Paulo onde occupou os honrosos cargos do governo da terra e foi proprietario de uma fazenda de canna de assucar no Arujá, junto a Bom Sucesso. Era filho de Antonio Paes, † em 1675 no sertão, e de D. Anna da Cunha, tambem † em 1675, ambos inventariados em S. Paulo; neto paterno do Capitão João Paes e de D. Suzanna Rodrigues, mencionados no N.º 100; neto materno de João Gago da Cunha, natural de S. Paulo e † em 1636, da estirpe dos "Cunha Gago", e de D. Catharina do Prado, natural da Villa de S. Vicente, † em 1649 e inventariada em S. Paulo. Silva Leme IV — 481.

109) D. Anna de Proença, era filha de João Pires Rodrigues, † em 1708, paulista de muita veneração chamado — o Pae da Patria — pelo zelo que mostrou sempre pelos interesses publicos, e de sua mulher D. Branca de Almeida, † em 1714 em S. Paulo; neta paterna de João Pires, † em 1657 em S. Paulo, nóbre cidadão e chéfe do partido dos Pires contra o dos Camargos, o qual era descendente directo de Antonio Rodrigues (companheiro de João Ramalho) e da india D. Antonia Rodrigues (baptizada por Anchieta e filha do Cacique Piquiroby, maioral de Ururay) e de sua mulher D. Messia Rodrigues, † em 1665, que, juntamente com seu marido, foi sepultada na capella-mór do Collegio dos Jesuitas, em S. Paulo.

D. Anna de Proença, pelo lado materno, era neta de Lourenço Castanho Taques, natural de S. Paulo, † em 1677 e sepultado no jazigo do Carmo em S. Paulo, o qual foi illustre cidadão e conquistador dos Cataguazes, e governador das minas do Caethé, e de sua mulher D. Maria de Lara, da estirpe dos "Lara", os quaes casaram em 1631 em S. Paulo. Silva Leme II — 178.

110) Capitão Jordão Homem Albernaz, era filho do Capitão Manoel Homem Albernaz, † em 1726 com testamento em Itú, e de sua 1.ª mulher D. Izabel de Barros Freire; neto paterno de João Homem da Costa e de D. Joanna de Chaves; neto materno de Francisco de Barros Freire e de D. Catharina de Freitas, casados em 1632 em S. Paulo. Silva Leme VII - 170.

111) D. Joanna de Almeida, era filha do Capitão Mór João de Anhaya de Almeida e de D. Izabel Delgado, † em 1668, os quaes casaram em 1654 em Parnahyba; neta paterna de Paulo de Anhaya, natural do Porto, e de D. Maria Coelho, casados

Digitized by Google

em S. Paulo; neta materna de Paschoal Delgado Lobo, o moço, † em 1650 em Parnahyba, e de D. Anna da Costa. Silva Leme IV - 407.

112) Estevão Cardoso de Negreiros, era filho de Lourenço Cardoso de Negreiros, natural de Lisbôa, e de Antonia Borges de Cerqueira, os quaes casaram em 1629 em S. Paulo; neto materno de Gaspar Barreto, natural de Cabeça de Vide, † em 1629 com testamento, e de D. Lucrecia Leme Borges de Cerqueira, esta descendente de familia antiga e nobilissima, de alta linhagem. Silva Leme III - 524.

116) Capitão-Mór de Sorocaba Thomé de Lara de Almeida, loco-tenente do Donatario da Capitania de Conceição de Itanhaen, mencionado no n. 95, era filho de Lourenço Castanho Taques e de D. Maria de Lara, mencionados no n. 109; neto paterno de Pedro Taques, de nobre origem, † em 26-X-1644 com testamento em S. Paulo, e de D. Anna de Proença, natural de S. Paulo, a qual era filha de Antonio de Proença, Moço da Camara do Infante Dom Luiz, e de D. Maria Castanho; neto materno de Dom Diogo de Lara, natural de Zamôra, de nobre familia, vindo para S. Paulo em principios do seculo XVII e aqui † em 1665, e de sua mulher D. Magdalena Fernandes de Moraes, oriunda da familia dos "Moraes de Antas", antiquissima e nóbre. Silva Leme IV - 265 e VII - 3.

117) D. Maria de Almeida Pimentel (mencionada no n. 95), era filha de Antonio de Almeida Pimentel, natural de Portugal, de nobreza conhecida, † em 1653 no Reino de Angóla, e de D. Lucrecia Pedroso de Barros, por esta, neta materna do Capitão-Mór Governador de São Paulo Pedro Vaz de Barros e de sua mulher D. Luzia Leme, mencionados nos n.os85 e 127. Silva Leme III - 511.

120) Ignacio Moreira de Godoy, era filho do Capitão Gaspar de Godoy Moreira, † em 1658 em S. Paulo, e de sua 1.ª mulher D. Anna de Alvarenga, † em 1648, e casados em 1634 em S. Paulo; neto paterno de Balthazar de Godoy, nóbre castelhano, — vindo para S. Paulo na 2.ª parte do seculo XVI, em tempo do dominio de Castella no Brasil — e de D. Paula Moreira, por esta, bisneto do Capitão-Mór Governador da Capitania de S. Vicente Jorge Moreira, natural de Rio Tinto, Portugal, pessôa de conhecida nobreza, e de D. Izabel Velho.

Ignacio Moreira de Godoy, pela linha materna, era neto de Pedro da Silva e de sua 2.ª mulher D. Anna de Alvarenga, da illustre familia dos "Alvarengas", a qual † em 1644 e foi casada 3 vezes. Silva Leme VI - 104.

121) D. Catharina de Unhatte de Medeiros, era filha de Antonio Lopes de Medeiros, que foi ouvidor da Capitania de S. Vicente e S. Paulo em 1659, e de D. Catharina de Unhatte, os quaes casaram em 1642 em S. Paulo; neta paterna de Mathias Lopes, natural de Portugal, Sargento-Mór da leva para o descobrimento das minas de prata e esmeraldas, e mamposteiro-mór dos captivos em 1608, o qual † em 1651 em S. Paulo, e de D. Catharina de Medeiros, † em 1629 e pertencente á progenie dos "Pires"; neta materna de Christovão da Cunha de Unhatte, † em 1664, da estirpe dos "Cunha Gago", e de D. Mecia Vaz Cardozo, da familia dos Vaz Guedes. Silva Leme II - 10.

122) Antonio Ferraz de Araujo, era filho de Manoel Ferraz de Araujo e de D. Veronica Dias Leite, já citados nos n.os 96 e 97.

123) D. Maria Pires, era filha de Bartholomeu Bueno da Silva (o Anhanguéra), natural de Parnahyba (Estado de S. Paulo), notavel e lendario bandeirante, e de sua 1.ª mulher D. Izabel Cardoso; neta paterna de Francisco Bueno, † em 1638, (irmão do Capitão-Mór Amador Bueno de Ribeira, o Acclamado), o qual serviu os honrosos cargos da republica em S. Paulo, e de sua mulher D. Phelippa Vaz, casados em 1630 em S. Paulo; neta materna do Capitão Domingos Leme da Silva, inventariado em 1684 em Sorocaba, membro da illustre familia "Leme", e de D. Francisca Cardoso (1.ª mulher), † em 1678, com testamento, e casados em S. Paulo em 1630, a qual era filha de Antonio Lourenço e de D. Izabel Cardoso, já referidos no n. 89. Silva Leme I - 508.

Digitized by Google

124) Capitão Sebastião Gil de Siqueira, era filho do Capitão Pedro Gil, natural de S. Paulo e † em 1668, com testamento, em Taubaté, e de D. Violante de Siqueira (1.ª mulher), † em 1656 em Taubaté; neto paterno de Sebastião Gil, de alcunha o Vilão, o qual era natural de S. João da Fóz e ocupou os cargos do governo em S. Paulo, onde foi Juiz ordinario em 1585, e de sua mulher D. Feliciana Dias, cazados em S. Paulo; neto materno de Francisco Borges, natural de Portugal, e de D. Helena Rodrigues, † em 1635 com testamento em S. Paulo, e descendente directa de João Ramalho, antiquissimo e lendario povoador, e de D. Izabel Dias (Bartyra), filha do Cacique Tibiriçá, já mencionados no n. 89. Silva Leme I - 33, VIII - 44 e IX - 68.

125) D. Maria Bicudo Cabral, era filha do Capitão Antonio Bicudo Leme, o Via Sacra, fundador da cidade de Pindamonhangaba, † em 1716 com testamento, e de D. Francisca Romeiro Velho Cabral, † em Guaratinguetá; neta paterna do Capitão Braz Esteves Leme e de D. Margarida Bicudo de Brito, pertencentes ás familias Lemes e Bicudos; neta materna do Capitão Manoel da Costa Cabral, da Illustre Casa do Senhor de Belmonte, e de D. Francisca Cardoso, já mencionados no n. 77. Silva Leme VI - 299.

126) Gaspar Corrêa Leite, era filho do Capitão Paschoal Leite de Miranda, † em 1689 e inventariado em S. Paulo, e de D. Anna Ribeiro; neto paterno de Antonio Rodrigues de Miranda, natural de Lamego, † com testamento e inventariado em 1637 em S. Paulo, e de D. Potencia Leite, † em 1689, da geração de Paschoal Leite Furtado, fidalgo de alta linhagem, e de D. Izabel do Prado, já mencionados no n. 97; neto materno de Sebastião Fernandes Corrêa, natural de Santa Eulalia, que foi 1.º provedor proprietario e contador da fazenda real da Capitania de S. Vicente e S. Paulo, e de sua mulher D. Anna Ribeiro (1.ª desse nome). Silva Leme III - 112.

TERMOS DE BAPTIZADOS, CASAMENTOS E OBITOS, REFERENTES Á "ARVORE DE COSTADO" DO DR. MANOEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES.

(Os numeros no começo são os da "Arvore").

1) Baptismo do Dr. M. F. de Campos Salles.

"Manuel. Aos vinte um de Fevereiro de mil oito centos e quarenta e um nesta Matriz de São Carlos baptizou e poz os Santos oleos o coadjuctor Antonio Correa Leme a Manuel de nove dias filho de Francisco de Paula Sales e de Anna Candida Ferraz padrinhos José Antonio Ramos da Costa e sua mulher Luiza da Costa Ramos, todos desta Parochia.

(a) O Vigr.º João M.el d'Almd.ª Barboza".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Baptizados n. 6, Folhas 33-Verso (1839-1850).

1) Casamento do "Doutor Manoel Ferraz de Campos Salles — Dona Anna Gabriela de Campos Salles — Aos oito de Julho de mil e oito centos e cessenta e cinco nesta Matriz de Campinas depois de dispensados nos Proclamas e mais deligencias que devião preceder ao Matrimonio, e tambem no impedimento do segundo grão de consanguinidade em linha lateral, em minha prezença receberão-se os nubentes Doutor Manoel Ferraz de Campos Salles, e Dona Anna Gabriela de Campos Salles, forão testemunhas Francisco de Paula Camargo, e o Doutor Joze Alves de Siqueira (sic) Cezar, e no mesmo acto receberão as bençãos nupciaes, e para constar mandei fazer este que firmo.

(a) O Vgr.º Coll.º José Joaq.m de Sousa e Oliv.ª"

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Casamentos n. 6, Folhas 82-Verso (1861-1872).

Digitized by Google

2) Baptismo do Tte. Cel. Francisco de Paula Salles.

"Francisco. Aos quatro de Dezembro de mil oito centos, e catorze nesta Matris de S. Carlos baptizei, e puz os Santos Oleos a Francisco de oito dias filho de Joze de Sales, e sua m.er Maria Euqueria de Camg.o: forão padrinhos o Alf.es João Leite de Camg.o cazado e Anna Custodia m.er do Alf.es Antonio J.e de Mattos; todos desta freguezia.

(a) O coadj.or Bernardo José da S.a".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Baptizados n. 3, Folhas 27-Verso (1813-1819).

3) Baptismo de D. Anna Candida Ferraz de Salles.

"Anna. Aos vinte e sinco de Março de mil oito centos e dezaseis nesta Matris de São Carlos baptizei e pus os Santos (sic) a Anna de dez dias do Cap.am Manoel Ferrás de Campos (sic), e sua m.er Dona Francisca de Assis Leite: padr.os Francisco Xavier Cardozo Leite solteiro, e Dona Maria Leite de Araujo freguezes de Ytú, e os mais desta Freg.a

(a) O Vig.ro Joaq.m José Gomes".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Baptizados n. 3, Folhas 47 (1813-1819).

2 e 3) Casamento de "Fran.co de Paula Sales — D. Anna Candida Ferras. Aos vinte de Settembro de mil e oito centos e trinta e sette annos nesta Matris da Limeira em minha prezença e das testemunhas abaixo asignadas pellas quatro oras da tarde receberão-se em Matrimonio deprezente e Ritto da Santa Igreja Francisco de Paula Sales filho de (sic) de José de Sales Leme e Maria Euqueria de Camargo natural da Villa de São Carlos com Dona Anna Candida Ferras filha de Manoel Ferras de Camargo (sic) ja felescido e Dona Francisca de Assis Leite natural da mesma villa de São Carlos e logo receberão as Bençoms Nuptiais e dos Avozes não souberão dizer, e para constar fis este assento que asigno com as testemunhas.

(aa) O P.e Antonio de Carvalho Pinto.
Fran.co de Paula Sales (sic).
Ant.o J.e da S.a".

"Parochia da Limeira" Livro de Casamentos n. 1, Folhas 22-Verso (1833-1854).

2) Obito de "Francisco de Paula Salles — Aos vinte oito de Agosto de mil oito centos e setenta e sete sepultou-se no Cimiterio desta cidade o cadaver de Francisco de Paula Salles de secenta e dous annos de idade cazado com Anna Ferraz de Campos Salles; foi recomendado e para constar mandei fazer este assento que firmo".

(Não está assignado o termo).

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas" Livro de Obitos n. 7, Folhas 273-Verso (1869-1881).

4) Baptismo do Alferes José de Salles Leme.

"Joze. Aos trinta e hum dias do mes de Julho de mil e sete sentos e noventa e seis annos baptizei e pus os Santos oleos, nesta Matris de Nossa Senhora da Conceição das Campinas a Joze inocente filho de Antonio Joze de Mattos, e de sua mulher Anna Custodia do Sacramento, forão padrinhos Bento Joze de Sales por procuraçam que me aprezenou o Capitam Joze de Camargo Pais, este desta Freguezia, e aquele de Sam Paulo, e Maria da fé de Jezus solteira filha de Bernardo Guedes todos desta Freguezia, de que fis este asento que asinei.

(a) O Vigr.o Bern.do de S. Payo Barros".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Baptizados n. 1, Folhas 181 (1774-1805).

Digitized by Google

4 e 5) Casamento (*) de "Jozé Fran.co de Sales — M.ª Euqueria de Camg.º Aos vinte e tres de Novembro de mil oito centos e treze nesta Matris de São Carlos em m.ª prezença com Prov.am do R.mo Vigr.º da Vara Joze Teixeira Vilela se receberão em matrimonio na forma da Igreja pelas oito horas da manhã Joze Francisco de Sales n.al desta Villa f.º do Alf.es Antonio Jozé de Mattos, e de Dona Anna Custodia: Sendo test. digo (sic) com Maria Euqueria de Camargo f.ª do Alf.es João Leite de Camargo, e de D. Izabel de Campos: Sendo testemunhas prezentes o Sargento mór Floriano de Camargo Penteado, e o Tenente Domingos da Costa Machado. E logo receberão as bencoens nupciaes.

(aa) O Vigr.º Joaq.m José Gomes.
Floriano de Camg.º Pentd.º"

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Casamentos n. 2, Folhas 84-Verso (1806-1818).

4) Obito de "Jozé de Salles Leme — Aos vinte e cinco de Novembro de mil oito centos e cincoenta e oito, falleceo Joze de Campos Salles digo (sic) Joze de Salles Leme de idade secenta e dois annos natural d'esta cidade cazado com Dona Maria Eugenia (sic) de Camargo: recomendado solenemente e jas no cemiterio d'esta cidade.

(a) O Vigr.º Antonio Candido de Mello".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas" Livro de Obitos n. 5, Folhas 127 (1845-1862).

8 e 9) Casamento de "Antonio Joze de Matos com Anna Custodia do Sacramento — Aos vinte e sinco dias do mes de Feverero de mil e sete centos e noventa e quatro annos nesta Igreja Matris de Nossa Senhora da Conceiçam das Campinas feitas as deligencias da Igreja pellas onze oras do dia sem descobrir impedimento algum com despacho e faculdade do Muito Reverendo Doutor Vigairo Capitular deste Bespado Antonio Joze de Abreu em minha prezença e das testemunhas o Capitam Manoel Joaquim de Matos cazado e morador da Villa de Mogy Miren, e o Alferes Joze Pereandro Xavier de Toledo caza (sic) fregues desta Freguezia pessoas de min ben conhecidas dando primeiro seus consentimentos por palavras expressas se receberam solemnemente na face da Igreja por palavras de prezente por marido e mulher Antonio Joze de Matos natural e baptizado na Freguezia de Santo Amaro filho ligitimo do Capitam Bento Joze de Sales, e de sua mulher Anna de Eyro com Anna Custodia do Sacramento natural e baptizada na villa de Jundiahy filha ligitima do Tenente Domingos da Costa Machado e de sua mulher Maria Barboza do Rego receberam as bençoins nupciaes do que para constar fis este termo que as sobre ditas testemunhas commigo abacho asignaram.

(aa) O Vigr.º Roque Gonsalves da Cunha
Manoel Joaq.m de Mattos
José Poriandro X.er de Toll.º".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Casamentos n. 1, Folhas 46 (1774-1806).

8) Obito do "Alfferes Antonio Joze de Mattos. Aos catorze de Junho de mil oito centos e quarenta e um faleceo com sacramento da Penitencia o Alfferes Antonio Joze de Mattos, natural de Santo Amaro, cazado com Dona Anna Barboza Machado, de setenta annos de idade encomendado jaz no Cemiterio.

(a) O Vigr.º João M.el d'Almd.ª Barbz.ª".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 4, Folhas 125-Verso. (1832-1849).

(*) **Observação:** José Francisco de Salles, mais tarde, passou a se assignar José de Salles Leme.

Digitized by Google

11) Obito de "D. Izabel de Campos e Almeida. Aos vinte e tres de Janeiro de mil oito centos e quarenta e quatro falleceo com todos os Sacramentos Dona Izabel de Campos e Almeida de secenta annos de idade viuva do finado João Leite de Camargo e recomendada jaz na Matriz.

(a) O Vigr.º João M.el d'Almd.ª Barbz.ª".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 4, Folhas 163. (1932-1849).

18) Obito do "Ten.e Dom.os da Costa Max.do. Aos dois de Fevereiro de mil oito centos e oito falesceo com a Penitencia, Eucharistia e Extrema Unção o Tenente Domingos da Costa Machado natural da Freg.ª de São Salvador de Minhotaens Arcebispado de Braga de idade de noventa annos cazado com Dona Maria Barboza Rego: fes testamento e nomeou por Testamenteiros a sua mulher, e seos filhos Vicente Jozé Machado, e o Alferes Domingos da Costa Machado: determinou q. seo corpo fosse amortalhado em habito de São Francisco, e q. todos os sacerdotes da terra lhe dicessem missas de corpo prezente, e q. se dicessem pela sua alma dez missas: e nada mais, o q. tudo se observou, e foi solemnemente sepultado nesta Matris.

(a) O Vigr.º Joaq.m José Gomes".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 2, Folhas 26. (1806-1819).

19) Obito de "D. Maria Barbosa. Aos sete de Setembro de mil oito centos e onze falesceo com os Sacram.tos da Penitencia, Eucharistia e Extrema Unção D. Maria Barbosa Viuva do Ten.e Domingos da Costa Machado n.al de Taubaté de idade de setenta e nove annos: foi incommendada, e sepultada solemnemente nesta Matris.

(a) O Vigr.º Joaq.m José Gomes".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 2, Folhas 67. (1806-1819).

38) Obito do Capitão Francisco Barreto Leme, fundador de Campinas.

"Francisco. Aos treze de Abril de 1782 falleceo da vida prezente Francisco Barreto Leme de idade de setenta e oito annos com todos os Sacramentos. Foi por mim recomendado e sepultado dentro desta Igr.ª de N. S.ra da Conceição das Campinas. E p.ª constar fiz este assento em que me assignei.

(a) O Vigr.º Fr. Jozé do Monte Carmelo Seq.ª".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 1, Folhas 16. (1774-1806).

39) Obito de D. Rosa Maria de Gusmão.

"Roza. Aos des do mes de Novembro de mil sette sentos e oitenta e dous falesceo da vida prezente Roza Maria de Jesus de idade de setenta annos pouco mais, ou menos, viuva q. ficou de Francisco Barreto Leme. Com todos os Sacramentos: Foi por mim recomendada e sepultada dentro desta Igreja de N. S. da Conceição das Campinas; E p.ª constar fis este a sento em que me asignei.

(a) O Vigr.º Ignacio Jozé da Ann.cam Cintra".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 1, Folhas 18. (1774-1806).

3) Necrologio de "D. Anna Candida Ferraz de Salles.

Falleceu ante-hontem, após longos e cruciantes soffrimentos, na cidade do Rio Claro, a exma. sra. d. Anna Candida Ferraz de Salles, extremosa mãe do exmo. sr.

Digitized by Google

Campos Salles, presidente do Estado. Contava mais de oitenta annos a veneranda senhora. De esmerada educação, espirito e clarecido, era uma matrona exemplar, orgulho de seus filhos, e incarnação robusta da verdadeira mãe de familia.

O seu enterro realisou-se ante-hontem mesmo as 8 horas da manhã.

Nossos pezames á desolada familia".

("Diario de Campinas", edição de Terça-Feira 20-X-1896". "Collecção" do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas).

TERMOS DE BAPTIZADOS, CASAMENTOS E OBITOS, REFERENTES Á "ARVORE DE COSTADO", DE D. ANNA GABRIELA DE CAMPOS SALLES, ESPOSA E PRIMA-IRMÃ DO DR. M. F. DE CAMPOS SALLES.

(*Os numeros no começo são os da "Arvore"*).

1) Baptismo de D. Anna Gabriela de Campos Salles.

"Anna. Aos dois de Fevereiro de mil oito centos e sincoenta nesta Matriz de Campinas baptizei e puz Santos oleos a Anna de dez dias filha de José de Campos Salles e de sua mulher Dona Maria Barbosa de Camargo brancos: padrinhos João de Soiza Camargo e Dona Maria Euqueria de Camargo todos desta Parochia.

(a) O Vigr.º João M.el d'Almd.a Barbosa".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Baptizados n. 6, Folhas 186 (1839-1850).

2) Baptismo de José de Campos Salles.

"José. Aos seis de Junho de mil oito centos e vinte nesta Matris de São Carlos baptizou e pos os Santos oleos o R.do Coadj.or Bernardo de Mello a José de oito dias f.º de José de Salez Matos, e de sua m.er Maria Euqueria brancos: padr.os o Cap.am Domingos da Costa Maxado, e sua m.er Dona Manoela de Camargo todos desta Freg.a.

(a) O Vigr.º Joaquim José Gomes".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Baptizados n. 4, Folhas 12 (1819-1830).

2 e 3) Casamento de "Joze de Campos Salles — D. Maria Barboza de Camargo. Aos quinze de Fevereiro de mil oito centos e quarenta oito com Provizão do Reverendissimo Vigario Capitular que dispensou no terceiro gráo mixto ao segundo e no terceiro de Consanguinidade em linha transversal e licença minha na Matriz de Santa Barbara o Vigario Hygino de Camargo Lapa fez receberem se em matrimonio na forma da Igreja a Joze de Campos Salles natural desta filho de Joze de Salles Leme e de sua mulher Dona Maria Euqueria de Camargo e Dona Maria Barboza de Camargo natural de Santa Barbara filha do Major Domingos da Costa Machado e de sua mulher Dona Maria da Annunciação Camargo. Servirão de Testemunhas prezentes Francisco de Paula Salles e Joaquim de Camargo Penteado, todos meos freguezes e na mesma occazião receberão as bencoes nupciaes.

(a) O Vigr.º João M.el d'Almd.a Barboza".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Casamentos n. 5, Folhas 43. (1841-1861).

Digitized by Google

2) Obito de José de Campos Salles.

"José. Aos treze de outubro de mil oito centos oitenta e nove sepultou se no cemiterio publico desta cidade o cadaver de José de Campos Salles de setenta annos de idade casado com Alice de Campos Salles. Colhaso polmonar (sic).

(Não está assignado o termo).

Observação: D. Alice de Campos Salles foi 2.ª mulher.

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 9, Folhas 26. (1889-1894).

3) Obito de "D. Maria Barbosa de Camargo.

Ao primeiro de Agosto de mil oito centos e secenta e seis sepultou-se no Cemiterio da Irmandade do Santissimo Sacramento o cadaver de Maria Barboza de Camargo de idade trinta e cinco annos mais ou menos cazada com José de Campos Salles foi imcomendada solenemente, e para constar mandei fazer este que firmo.

(a) O Vigr.º Coll.º José Joaq.m de Sousa e Oliv.a".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos, n. 6, Folhas 134 (1862-1809).

6) Baptismo do Sargento-mór Domingos da Costa Machado.

"Domingos. Aos quartoze de Julho de mil e sete centos, e setenta e quatro nesta Matriz de N. S. da Conceição das Campinas, baptizei solemnemente, e pus os Santos oleos ao inocente Domingos, filho de Domingos da Costa Machado, e de sua mulher Maria Barboza Rego, moradores em mato dentro: forão Padrinhos o Capitão Raimundo da Silva Prado cazado, morador da Vila de Jundiahi, e Maria da Silva Leme, mulher de Gaspar de Godoi, moradores desta freguezia, e por verdade fis este asento em que me asigno.

(a) O Vigr.º Fr. An.to de Padua".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Baptizados n. 1, Folhas 2 (1774-1805).

Observação: O Sargento-mór Domingos da Costa Machado, neto materno do Cap. Francisco Barreto Leme, fundador de Campinas, foi o primeiro neophyto baptizado na Freguezia de N. S. da Conceição das Campinas, numa quinta-feira, 14 de Julho de 1774, data da celebração da primeira missa e inauguração da Freguezia. ("Campinas e a Independencia" de Benedicto Octavio; "Pró Aris Et Focis").

6) Obito do "Sarg.mor Domingos da Costa Machado.

Aos quatro de Fevereiro de mil oito centos e sincoenta e tres falleceo com todos os Sacramentos o Sargeto (sic) mor Domingos da Costa Machado, natural desta Parochia de setenta e nove annos de idade cazado com Dona Anna Candida de Campos, envolto em habito preto e capa branca e recomendado solemnemente jaz no Cemiterio.

(a) O Vigr.º João Mel d'Almd.a Barboza".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 5, Folhas 59-Verso (1845-1862).

Observação: O Sargento-mór Domingos da Costa Machado casou tres vezes: 1.ª com D. Manoela de Camargo Penteado, N. Cotia, † 25-III-1830; 2.ª com D. Maria da Annunciação Camargo e, a 3.ª vez, com D. Anna Candida de Campos, † em Campinas nonagenaria. (Vide Silva Leme III - 15).

7) Obito de "D. Maria da Anunciação Camargo.

Ao primeiro de Novembro de mil oito centos e quarenta e um falleceo com todos os Sacramentos D. Maria d'Anunciação Camargo natural desta, de trinta annos mais

Digitized by Google

ao menos de idade, cazada com o Sargento mor Domingos da Costa Machado recomendada e acompanhada solemnemente jaz no Cemiterio do Conigo e fiz o assento neste lugar por agora ter obetido os nomes.

(a) O Vigr.º João M.el d'Almd.a Barbz.a".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 4, Folhas 150-Verso (1832-1849).

Observação: O assentamento supra encontra-se entre os do anno de 1843. Cemiterio ou Jazigo do Conego Melchior Fernandes Nunes, é o local da Igreja de São Benedicto, em Campinas.

14) Obito do "Cap.am José Ignacio de Camg.º.

Aos vinte e dois de Outubro de mil oito centos e vinte oito falesceo com todos os Sacramentos o Cap.am José Ignacio de Camargo Penteado cazado com D. Gertrudes Soares natural da Freguezia da Cutia de idade de Secenta annos mais ou menos; foi incommendado, e sepultado solemnemente na Matris.

(a) O Vigr.º Joaq.m José Gomes".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 3, Folhas 129-Verso (1819-1832).

15) Obito de "D. Gertrudes Soares do Amaral. Aos trinta de Janeiro de mil oito centos e sincoenta e quatro falleceo com todos os Sacramentos Dona Gertrudes Soares do Amaral, natural de Itú, de secenta annos de idade, viuva, envolta em habito preto e capa branca, e recomendada solemnemente jaz no Cemiterio.

(a) O Vigr.º João M.el d'Almd.a Barboza".

"Parochia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos n. 5, Folhas 66-Verso (1845-1862).

Campinas, 8 de março de 1941.

REFERENCIAS AO ANUARIO E Á REVISTA

Do dr. Salomão de Vasconcellos, Secretario Geral do Instituto Histórico de Bello Horizonte:

"...a Revista... que, além de agradar muito pelo seu aspecto material, satisfaz inteiramente pelos assumptos e por ser de publicação muito pontual".

Do Dr. Severino de Novaes e Silva, de Santos:

"Acuso o recebimento da apreciada *Revista* editada pelo *Instituto Genealógico Brasileiro*, bem como o seu valiosissimo trabalho, o Annuario Genealógico Brasileiro, que, em boa hora, veiu preencher esta lacuna de que se resentiam os brasileiros e extrangeiros interessados nestes assumptos. Meus elogios são poucos e insufficientes para bem traduzirem o alto merito de sua obra".

Do dr. Theodoro de Sousa Campos Junior, de Campinas:

"Envio-lhe os meus parabens pela publicação de mais um numero da revista, como sempre, de apreciavel valor histórico-genealógico e literario.

Do Dr. Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho, da Baia:

"Recebi o numero dois da nossa Revista. Está um ótimo volume e aceite por tal minhas congratulações".

Digitized by Google

Seção de Documentos e Papeis da Casa Imperial

VASCO SMITH DE VASCONCELLOS (I)

Iniciamos hoje esta seção com a publicação do interessante documento da Modista da Casa Imperial, M.me Gudin.

Esta conta se refere aos mezes de agosto e setembro de 1848 de fornecimentos feitos para Sua Alteza Imperial D. Leopoldina Theresa Francisca Carolina, quando apenas contava dois annos de idade; terceira filha de S. M. D. Pedro II.

DOCUMENTO N. 1

Em cumprimento do decreto n.º 183 de dezembro ao Thezoureiro da Caza Imperial que pague esta conta. Paço em 25 de janeiro de 1849.
Velho da Silva

PARA SUA ALTEZA IMP.al

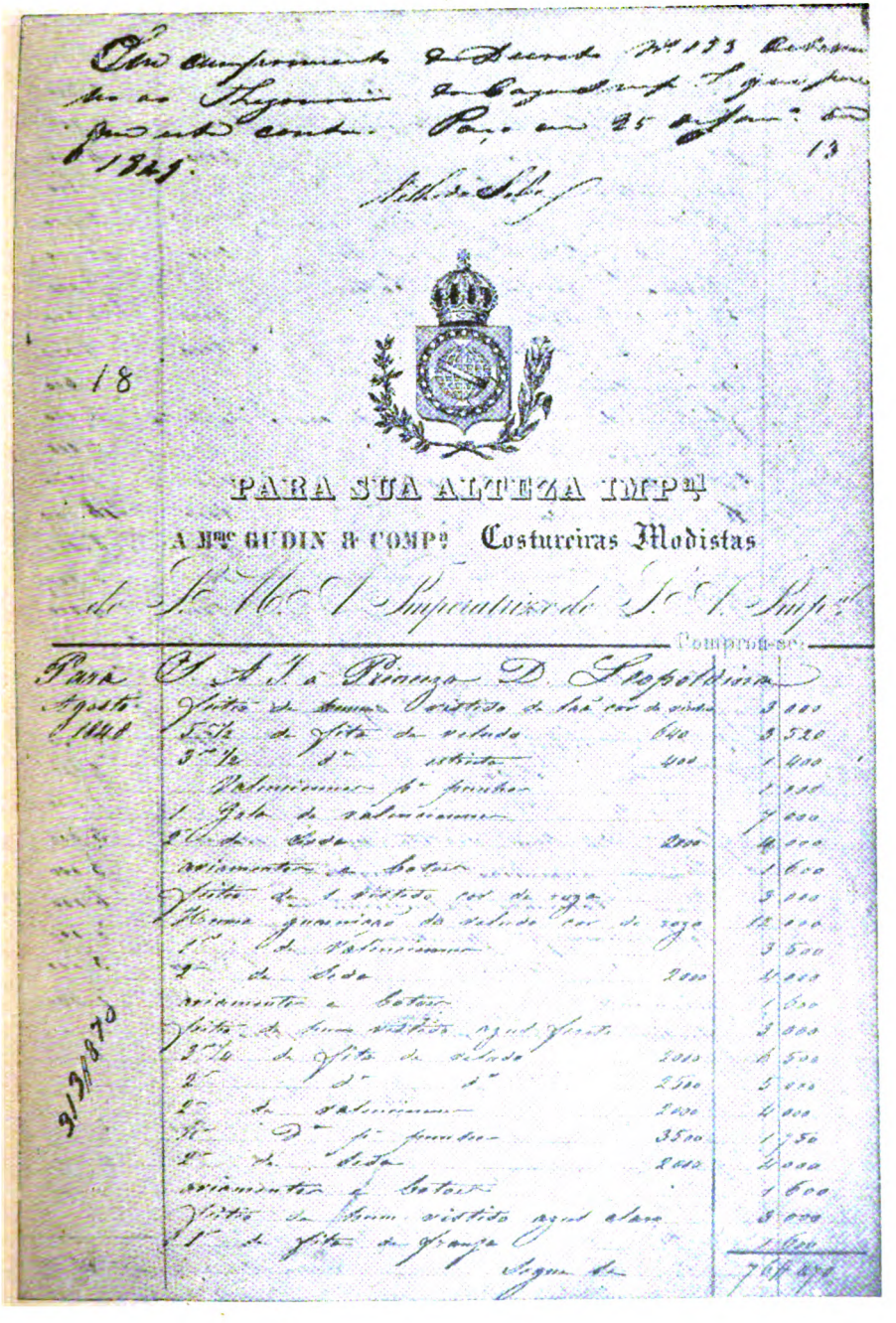
A M.me GUDIN & COMP.a COSTUREIRAS MODISTAS de S. M. A Imperatriz de S. A. Imp.al

COMPROU-SE:

Para Agosto 1848	S. A. I. á Princeza D. Leopoldina		
	feitio de um vistido de Snr.a cor de vinho		3$000
	5½ de fita de veludo		3$520
	3½ d.a estreita	640	1$400
	Valenciennes p.a punho	400	1$000
	1 Gola de valenciennes		7$000
	2 Golas de seda		4$000
	aviamentos e botões	2000	1$600
	feitio de um vistido cor de roza		3$000
	Huma guarnição de veludo cor de roza		12$000
	1m de valenciennes		3$500
	2m de seda		4$000
	Segue-se		

(1) Este documento pertence ao archivo do dr. Vasco Smith de Vasconcellos, o qual publicará outros documentos ou papeis referentes á Casa Imperial, que lhe forem enviados.

Digitized by Google



PARA SUA ALTEZA IMPª

A Mme GUDIN & COMPª Costureiras Modistas

de S. M. o Imperador e de S. A. Imperial

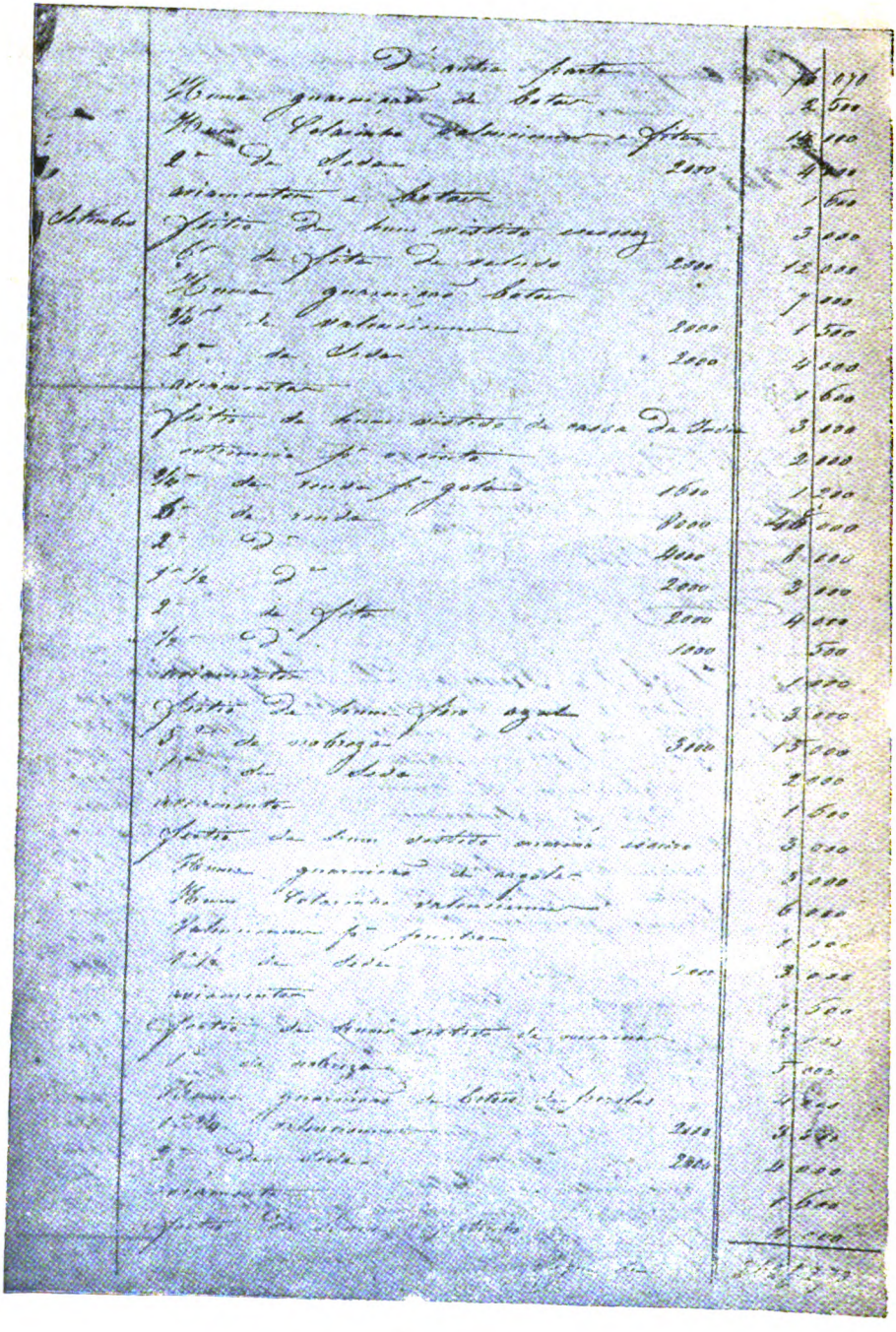
Comprou-se:

Para S. A. I. a Princeza D. Leopoldina

Agosto 1848

	Vestido de fumo [illegible]		3 000
	5 Vestidos de Vestido de veludo	640	3 520
	3 Vestidos de [illegible]	400	1 400
	Valenciennes [illegible]		1 120
	1 Gola de valenciennes		1 000
	2 Golas de [illegible]	200	4 000
	ornamentos de Setim		1 600
	Vestido de 1 vestido cor de rosa		3 000
	Fumo guarnecido de veludo cor de rosa		12 000
	1 de Valenciennes		3 500
	1 de Gola	2000	4 000
	ornamentos de Setim		1 600
	Vestido de fumo vestido azul [illegible]		3 000
	3 Vestidos de Vestido de veludo	500	6 500
	2 de 2 de	2500	5 000
	1 de Valenciennes	2000	4 000
	1 de [illegible]	3500	1 750
	1 de Gola	2000	4 000
	ornamentos de Setim		1 600
	Vestido de fumo vestido azul claro		3 000
	1 de Vestido de Grangea		1 600
	Segue de		76[illegible]

Digitized by Google



Digitized by Google

	D'outra parte		
	aviamentos e botões		1$600
	feitio de um vistido ferrete		3$000
	3m ¼ de fita de veludo	2000	6$500
	2m dª dª	2500	5$000
	½ dª para punho	3500	1$750
	2m de seda	2000	4$000
	aviamentos e botões		1$600
	feitio de hum vistido azul claro		3$000
	1m de fita de franja		1$600
	Huma guarnição de botões		2$500
	Hum colarinho valenciennes e fita		14$000
	2 de seda	2000	4$000
	aviamentos e botões		1$600
Setembro	feitio de um vistido escossez		3$000
	6m de fita de veludo	2000	12$000
	Huma guarnição de botões		7$000
	¾m de valenciennes	2000	1$500
	2m de seda	2000	4$000
	aviamentos		1$600
	feitio de hum vistido de cassa da India		3$000
	entremeio pª o cinto		2$000
	¾m de renda pª gola	1600	1$200
	6m de renda pª gola	8000	48$000
	2m dª	4000	8$000
	1m ½ dª	2000	3$000
	2m de fita	2000	4$000
	½ dª	1000	$500
	aviamentos		1$000
	feitio de hum foro azul		3$000
	5 c de nobreza	3000	15$000
	1 de seda		2$000
	aviamentos		1$600
	feitio de hum vistido merinó escuro		3$000
	Huma guarnição de argola		3$000
	Hum colarinho valenciennes		6$000
	Valenciennes pª punhos		1$000
	1m ½ de seda	2000	3$000
	aviamentos		1$600
	feitio de um vistido de merinó		3$000
	1 c de nobreza		5$000
	Huma guarnição de botões de perolas		4$000
	1m ¾ valenciennes	2000	3$500
	2m de seda	2000	4$000
	aviamentos		1$600
	feitio de hum capotinho		4$000
	8 c de seda	2000	16$270
	5 c de fita de veludo	2000	10$000
	1 c de valenciennes e entremeio		4$000
	2 c de seda pª foro do vistido bra	2000	4$000
	aviamentos do capotinho		1$000
	feitio de hum vistido de bra		3$000
	5m de fita de veludo	2000	10$000
	1m de valenciennes		2$000
	aviamentos e botões		1$600
			313$870

P. Gudin & Cia.

Importa em trezentos treze mil oitocentos setenta reis.

D. Rita Francisca Rose.

Está nos termos de se mandar pagar.

Rio de Janeiro em 18 de Janeiro de 1849.

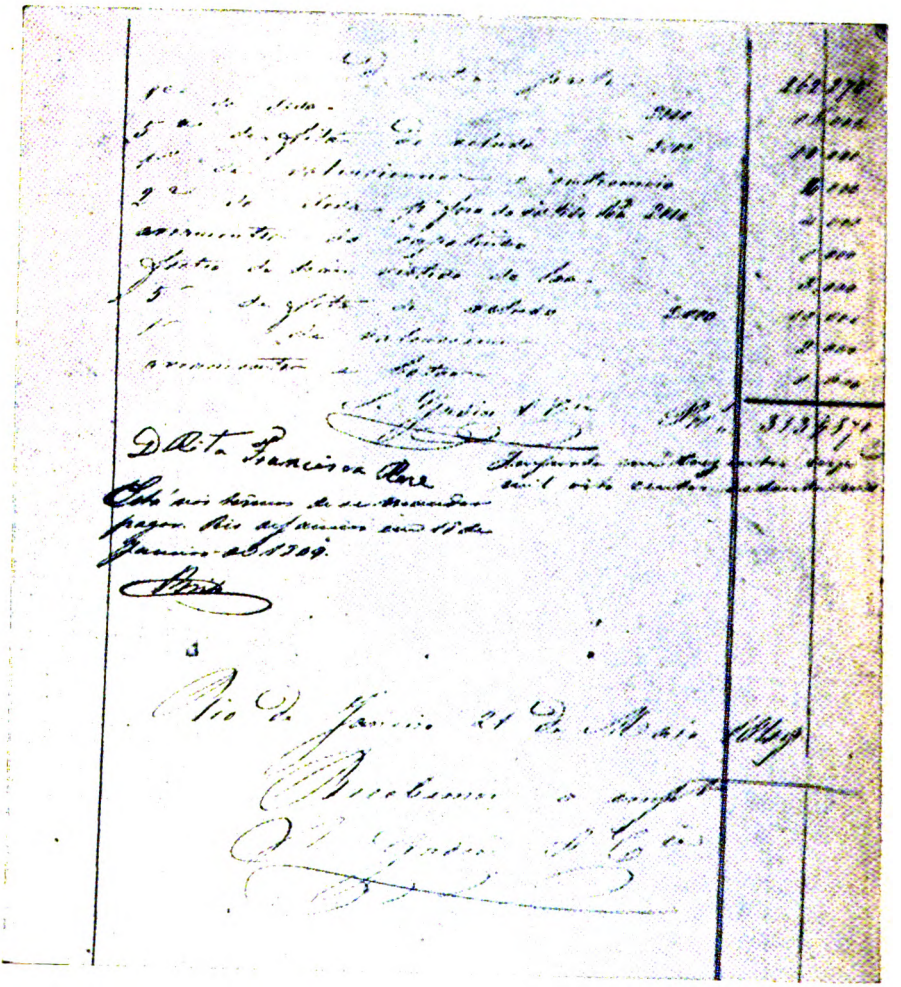
Brito

Rio de Janeiro, 21 de Maio de 1849

Recebemos o imp.te

P. Gudin & Cia.

Digitized by Google



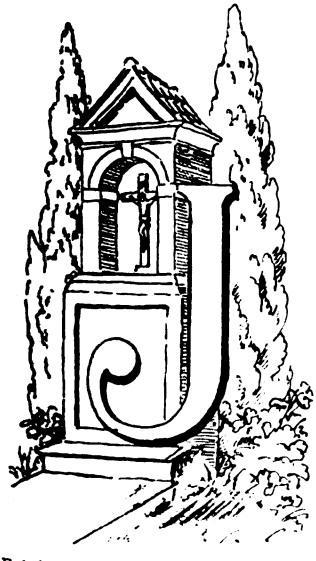
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

Endereço da Seção: rua Chile 21 — Rio de Janeiro
Presidente: General Dr. Borges Fortes
1.º Vice-Presidente: Coronel Sousa Dócca
Secretario: Dr. Carlos Grandmasson Rheingantz.
Tesoureiro: Dr. Américo Jacobina Lacombe.

Notas Genealogicas



HORACIO RODRIGUES DA COSTA

CAPITULO I

OSÉ Ferreira da Costa era natural da Vila da Ponte do Lima, Porto, tendo nascido em 14 de outubro de 1824, sendo filho legítimo de João José Fernandes e de sua mulher Maria Justina, moradores na rua de São João de Fora daquela Vila, neto paterno de Tristam Fernandes, natural da mesma Vila e de sua mulher Maria Felizarda, da Freguezia de Cepões; neto materno de Francisco Ferreira, tambem natural da Ponte do Lima e de sua mulher Josefa Maria de Siqueira, da Freguezia do Forjais, Termo da Vila de Barcelos. Foi batisado pelo Padre Antonio Luiz da Costa, na Paroquial Igreja da Santa Maria dos Anjos, da Vila da Ponte do Lima, em 18 de outubro de 1824. (Livro 3.º, folha 152 dos Assentamentos Paroquiais de 1824). Casou-se em Portugal com Miquelina Rosa Pereira, nascida em 13 de janeiro de 1830 e falecida em Campinas em 1914, filha de Antonio Pereira e de sua mulher Maria Rosa, esta filha de um emigrado político francês de apelido Du Venal e de Maria Rosa. Veio para o Brasil em 1852 e faleceu em São Paulo em 1905. Desse consorcio houve 4 filhos, sendo os dois primeiros nascidos em Portugal e os dois últimos no Brasil.

Digitized by Google

1-1 Carolina
1-2 Emilia
1-3 João.
1-4 Julia.

1-1 Carolina do Vale, falecida, que foi casada com João do Vale, com uma filha única:
2-1 Guilhermina de Almeida, falecida, que foi casada com o major Saturnino de Almeida também já falecido, com 5 filhos:
3-1 Sergio, casado com Ester Branco;
3-2 Erasmo, casado;
3-3 Saturnino, casado;
3-4 João, casado;
3-5 Alice, casada.

1-2 Emilia Braga, que foi casada duas vezes, da segunda vês sem filhos e da primeira com Braga, teve dois filhos:
3-1 Izaura, casada com Gustavo Pinheiro, com filhos;
3-2 Emilio, casado.

1-3 João Ferreira da Costa que constitue o Capitulo II.

1-4 Julia da Costa Rivera, casada com Primo de Rivera, falecido em 1938, natural da Espanha, com 7 filhos:
5-1 José, casado com Isolina... com 4 filhos:
6-1 José
6-2 Isolina
6-3 Wolney
6-4 Edwim
5-1 Casado em segundas núpcias com Haidè, sobrinha da primeira mulher, com mais 6 filhos.
5-2 Segunda, casada com Antônio Rodrigues Manga, com 4 filhos.
5-3 Nicolaça, casada, com filhos.
5-4 Dolores, casada com Eurico Saldanha, sem filhos.
5-5 Antônio, casado com Lila... com filhos.
5-6 Miquelina, casada, com filhos.
5-7 Júlia, casada com Misael... residentes no Rio de Janeiro, com filhos.

CAPITULO II

JOÃO FERREIRA DA COSTA

João Ferreira da Costa era filho legítimo de José Ferreira da Costa e de Miquelina Ferreira da Costa, do Capitulo I, nasceu em Limeira, na Fazenda Ibicaba, de propriedade do senador Vergueiro, onde seu pai era administrador, em 5 de dezembro de 1859, e faleceu em São Paulo em 22 de fevereiro de 1925. Casou-se em 26 de julho de 1884 com Maria Rodrigues de Almeida, posteriormente Maria Rodrigues da Costa, nascida em 12 de setembro de 1866 em Mogí das Cruzes e falecida em 30 de outubro de 1938 em São Paulo, filha de Joaquim Rodrigues de Almeida, de Taubaté e Clara de Souza Melo, de Mogí das Cruzes, do Capitulo III. (S. Leme VII/107). Desse consorcio deixou os seguintes filhos:

1-1 Silvana da Costa Seixas.
1-2 Miquelina da Costa Pinto
1-3 Gastão Rodrigues da Costa
1-4 Milton Rodrigues da Costa
1-5 João Rodrigues da Costa
1-6 Elvira Rodrigues da Costa
1-7 Ascanio Ferreira da Costa
1-8 Horacio Rodrigues da Costa.

Digitized by Google

1-1 Silvana da Costa Seixas, nascida em 6 de maio de 1885, casada com Aristêo Seixas, natural de Rezende, filho de Francisco de Seixas e Rita Epifania de Seixas, com 3 filhos:

2-1 Desdemona Seixas Cintra, casada com Urbano Cintra, filho do Coronel Olimpio Felix de Araujo Cintra e Rita Meireles Cintra (S. Leme II/544).

3-1 Olimpio Felix

3-2 Tania Silvana

2-2 Ofelia Seixas Teixeira, casada com o Dr. Ulisses Teixeira, advogado, filho do Dr. João Teixeira das Neves e Analia de Paula Carvalho, esta filha de Teodoro de Paula Carvalho; neto paterno de Joaquim Teixeira das Neves e Carolina Braga das Neves (S. Leme II/279). Com 2 filhos:

3-1 Antonio Caio

3-2 Ricardo

2-3 Taisa, menor.

1-2 Miquelina da Costa Pinto, nascida em 25 de julho de 1886, em estado de viuva do Dr. Guilherme Pinto, advogado, filho de Guilherme Leocadio Pinto, de Minas Gerais (9-12-1837 — 5-5-1895) e de Elisa Meyer Pinto (26-1-1862 — 2-5-1934); neto paterno de Pedro Pinto, de Minas Gerais, filho de Antonio Pedro Pinto e Joaquina Rosa de Morais Pinto e materno do Pastor João Gaspar Meyer, de Zurique (6-10-1828 — 16-4-1906) vindo para o Brasil (Friburgo) 11-12-1854 e de Catarina Weissmann; bisneto de Jacob Meyer e Suzana Meyer e de Maria Elizabete Weissmann, com 7 filhos:

2-1 Ilka Pinto Eiras de Mairy, casada com José Eiras de Mairy (Dedê), filho do Dr. José Guilherme Eiras, advogado, natural de Cambuhy e de Leonidia Paião Eiras, com uma filha:

3-1 Ana Maria, menor.

2-2 Guilherme da Costa Pinto, casado com Lidia Bessa Mota, filha de Edmundo Mota, falecido e Fatima Bessa, esta atualmente casada com Amadeu Lima. Com uma filha em 1939.

3-1 Fatima, menor.

2-3 Henrique da Costa Pinto, solteiro, residente no Rio de Janeiro em 1939.

2-4 Adelia, solteira.

2-5 João, falecido com 1 ano em 1919.

2-6 Maria Aparecida, solteira.

2-7 Clara, solteira.

1-3 Gastão Rodrigues da Costa, solteiro.

1-4 Milton Rodrigues da Costa, falecido na infancia.

1-5 dr. João Rodrigues da Costa, engenheiro, casado com Adelaide Airosa, filha do Dr. Vitor Marques da Silva Airosa, advogado e de D.ª Eleonora Shomburg Airosa, falecida em 16 de maio de 1939; neta paterna de Domingos Marques da Silva Airosa e de Maria Adelaide Pereira, sendo esta filha de Sebastião José Pereira e de Maria Feliciana Barreto Pereira (S. Leme). Sem filhos.

1-6 Elvira Rodrigues da Costa, falecida na infancia.

1-7 Ascanio Ferreira da Costa, nascido em 31 de Julho de 1896 e falecido em 8 de abril de 1935, que foi casado com Maria José Venosa, filha de Vicente Venosa e Maria Priori, falecidos, com 2 filhos:

2-1 Maria, menor.

2-2 João, menor.

1-8 Horacio Rodrigues da Costa, autor destas notas, nascido em 8 de maio do ano de 1898, em São Paulo, casado com Dulce da Silveira Garcia, nascida em Itapetininga, em 23 de abril de 1902, filha de Paulino da Silveira Garcia, já falecido e de Maria José Messias, com 2 filhos:

1-2 Lêda, menor, aluna do Externato Melo e Souza, no Rio de Janeiro, nascida em São Paulo, em 20 de agosto de 1927;

2-2 Rodrigo Horacio, aluno do Externato Melo e Souza, no Rio de Janeiro, nascido em São Paulo, em 27 de dezembro de 1928.

Digitized by Google

CAPITULO III

JOAQUIM RODRIGUES DE ALMEIDA

O tenente Joaquim Rodrigues de Almeida era natural de Taubaté, tendo nascido em 1827 e falecido em São Paulo em 1902. Era filho do capitão Rodrigo Gomes Vieira de Almeida, filho de José Vieira da Silva e de Bernardina Edibia de Andrada, todos de Taubaté.

Sobre a vida do Capitão Rodrigo publicou Rangel Pestana uma crônica no antigo Almanaque Literario de São Paulo, do ano de 1877, à página 19.

Informa Rangel Pestana que o seu amigo capitão Rodrigo, assentára praça voluntariamente, com 17 anos de idade, na Guarda de Honra do Imperador D. Pedro I, tendo sido alistado na 1.ª Companhia do 1.º Esquadrão comandado pelo Coronel Leite. Tendo acompanhado sempre o Imperador nas suas viagens pelo interior do País, assistiu a proclamação da nossa independência nos campos do Ipiranga. A 5 de novembro de 1825 obteve a sua baixa rubricada pelo Brigadeiro Barão de Lages e regressou a Taubaté, transferindo-se em 1839 para Mogí das Cruzes, onde exerceu cargos públicos e de eleição, como o de vereador. Em 1852, desejoso de seguir as tradicionais aventuras taubateanas, internou-se nos sertões do Paraná, em companhia de 48 homens, em busca de minas de ouro. Não foi feliz. Depois de sustentar porfiadas lutas com os coroados, regressou a Mogí das Cruzes em 1853, onde se dedicou á lavoura e á medicina homeopatica. Patriota e progressista, cedeu gratuitamente parte de sua chacara á construção da nova estrada de ferro de São Paulo ao Rio de Janeiro. Na politica militou nas fileiras do partido liberal, e diz Rangel Pestana, que já no fim da vida se tornou republicano.

Joaquim Rodrigues de Almeida (capitulo III) casou-se em Mogí das Cruzes em 1857, com Clara de Souza Melo, filha de Francisco de Souza Melo e de sua terceira mulher Gertrudes Joaquina da Luz, filha do Capitão Antonio Joaquim de Almeida Ramos e de Ana Bueno da Luz, neta paterna de Antonio de Souza Brito, que se casou em Mogí das Cruzes em 1780 com Ana Maria Gonçalves de Melo, filha do Capitão Manoel Gonçalves Henrique e de Rosa Maria de Melo; bisneta de Manoel de Souza Brito e de Hilaria Nunes de Oliveira, filha de Pedro Nunes de Oliveira e Maria da Fonseca Pinto; trineta do capitão Roque de Souza Brito, natural de São Salvador - Porto, filho de Manoel de Souza e Francisca Brito e sua mulher Maria Pinto de Morais com quem havia se casado em 1742. Esta Maria Pinto de Morais era filha do capitão Domingos da Cunha Carassa, filho de Gaspar Carassa e Luiza da Cunha. (S. Leme VII/107). Do casal Joaquim Rodrigues de Almeida e Clara de Souza Melo nasceram 6 filhos:

1-1 Claudina de Almeida e Souza.
1-2 Maria Rodrigues da Costa
1-3 Candida Rodrigues de Queiroz

Digitized by Google

1-4 Judite Rodrigues de Azevedo
1-5 Antonia Rodrigues de Almeida
1-6 Modesto Rodrigues de Almeida

1-1 Claudina Rodrigues de Almeida e Souza, casada com Domingos Antonio de Souza, natural de Portugal. Com 3 filhos:
- 2-1 Heitor Rodrigues de Almeida e Souza, medico, pela faculdade do Rio de Janeiro, casado com Guilhermina de Castro e Souza, filha de Nicomedes de Castro e de Da. Alcides de Castro, com 7 filhos:
  - 3-1 Heitor, casado
  - 3-2 Guilherme, casado com Neli Teles de Menezes, com uma filha:
    - 4-1 Rosa Marieta.
  - 3-3 Paulo, solteiro.
  - 3-4 Clovis, solteiro.
  - 3-5 Luiz Sertanejo de Araçatuba, solteiro.
  - 3-6 Maria Luiza, falecida na infancia.
  - 3-7 Osmar, menor.
- 2-2 Clovis Rodrigues de Almeida e Souza, casado com Zalia Pereira de Souza, filha de Alfredo Pereira, natural de Portugal e de Rita Ernestina de Almeida Pereira. Com 11 filhos:
  - 3-1 Rute Regina, solteira.
  - 3-2 Regina Rute, falecida na infancia.
  - 3-3 Carmen Regina, menor.
  - 3-4 Haidê Regina, menor.
  - 3-5 Niuton Clovis, menor.
  - 3-6 Gilberto, falecido na infancia.
  - 3-7 Alfredina, menor.
  - 3-8 Maria Tereza, menor.
  - 3-9 Neli, falecida na infancia.
  - 3-10 Paulo Vicente, menor.
  - 3-11 Maria Zalia, menor.

1-2 Maria Rodrigues da Costa, casada com João Ferreira da Costa, com descendencia no Capitulo II.

1-3 Candida Rodrigues de Queiroz, casada em primeiras nupcias com Ramiro Campista, de Itajubá e no segundo matrimonio com Bento Ramos de Queiróz, de Barra Mansa, filho de Antonio Ramos de Queiróz. Do primeiro matrimonio teve dois filhos:
- 2-1 Evaristo Campista, falecido em 1923, que foi casado com Geny Roso, de Campinas.
- 2-2 Maria de Lourdes, falecida na infancia.

Do segundo matrimonio:
- 2-3 Apolonio Rodrigues de Queiróz, casado com Livia de Camargo, filha de João Bueno de Camargo e Celina de Castro Camargo. Com uma filha:
  - 3-1 Maria Candida, menor.
- 2-4 Bento, falecido na infancia.
- 2-5 Maria da Conceição Ornelas, casada com Joaquim Ornelas. Com 2 filhos:
  - 3-1 Maria Tereza, menor.
  - 3-2 Cecilia Helena, menor.
- 2-6 Luiz Gonzaga Rodrigues de Queiróz, casado com Maria da Penha Camargo, filha de João Bueno de Camargo e Celina de Castro Camargo. Com 3 filhos:
  - 3-1 Luiz Roberto, menor.
  - 3-2 Fernando, menor.
  - 3-3 Odecio, menor.
- 2-7 Inês de Melo Barros, casada com Alvaro de Melo Barros. Com 4 filhos:
  - 3-1 Ari, menor.
  - 3-2 Ivan, menor.
  - 3-3 Edi, menor.
  - 3-4 Lia, menor.
- 2-8 Tereza Rodrigues de Queiróz, solteira.
- 2-9 Antonio Queiróz, falecido na infancia.

1-4 Judite Rodrigues de Azevedo, falecida em Jacarei e que foi casada com Otavio Gomes de Azevedo, tambem já falecido, filho de Francisco Gomes de Azevedo e de Umbelina Cardoso, com 9 filhos:
- 2-1 Maria Umbelina Mercadante, em estado de viuva de Antonio Jordão Mercadante, falecido em 1939, filho de Nicolau Mercadante e Maria Mercadante, italianos e ha muitos anos residentes em Jacarei. Com 6 filhos:
  - 3-1 Maria Judite, menor.
  - 3-2 Maria Clara, menor.
  - 3-3 Maria Tereza, menor.

Digitized by Google

3-4 Antonio, menor.
3-5 Graça Antonio, menor.
3-6 Maria da Gloria, falecida na infancia.

2-2 Haidê, falecida aos 18 anos de idade.

2-3 Agassiz Brasil Rodrigues de Azevedo, casado com Ana Maria Tarantino, filha de Felipe e Paulina Tarantino. Sem filhos.

2-4 Judite de Azevedo Silva, casada com o Dr. José Bastos da Silva, engenheiro, filho de Joaquim Feliciano da Silva e Ana Carolina Bastos da Silva. Com 3 filhos:
3-1 Joaquim Feliciano, menor.
3-2 Ana Carolina, menor.
3-3 José Otavio, menor.

2-5 Leonor de Azevedo Pires, casada com o Dr. Jorge de Barros Pires, engenheiro, filho de Francisco da Costa Pires e Zulmira de Barros Pires. Com 5 filhos:
3-1 Jorge, menor.
3-2 Otavio, menor.
3-3 Rubens, menor.
3-4 Gilda, menor.
3-5 Elsa, menor.

2-6 Otavio, falecido na infancia.

2-7 João Batista Rodrigues de Azevedo, solteiro.

2-8 Antonina, falecida na infancia.

2-9 Catarina de Palancio de Azevedo Mercadante, casada com o Dr. Oton Mercadante, medico, residente em São José dos Campos, filho do Dr. Pompilio Mercadante, medico em Jacarei e de Araminta Mercadante, falecida, com 3 filhos:
3-1 Araminta, menor.
3-2 Judite, menor.
3-3 Pompilio, menor.

1-5 Antonina, falecida na infancia.

1-6 Modesto, falecido na infancia.

CAPITULO IV

ANTONIO PAULINO DA SILVEIRA GARCIA

Foi Antonio Paulino da Silveira Garcia cidadão prestante em Itapetininga, de onde era natural, tendo ocupado os mais elevados cargos públicos de eleição, como o de vereador à Câmara Municipal (Crononologia Paulistana, de Jacinto Ribeiro). Era filho de José Inácio da Silveira Garcia, de Tatuí e de Joaquina Rosa Vieira, filha de Manoel Nunes Vieira — um dos fundadores de Itapetininga — e de sua mulher Gertrudes Marques Vieira. Diz a tradição de familia que vem vindo de pais para filhos e que muito palidamente chegou aos nossos dias, que estes Garcias são descendentes de Januario Garcia Leal — o sete orelhas —. Antonio Paulino casou-se em Tatuí com Zelina de Almeida, de Itapetininga, filha de Felicio de Almeida e de Maria de Almeida, esta filha de Celina de Almeida. Foram os seguintes os filhos deste casal :

1-1 Laura
1-2 Paulino
1-3 José Inacio
1-4 Maria Augusta
1-5 Hortencia
1-6 Dulce
1-7 Antonio
1-8 Lauro
1-9 Mario.

1-1 Laura Garcia Rodrigues, foi casada com o antigo comerciante na praça de São Paulo, Antonio Miguel Rodrigues, de nacionalidade portugueza, ambos

Digitized by Google

falecidos na Itália, onde se encontravam em tratamento da saude. Deixou uma filha unica:

2-1 Rute Capria, residente em Roma, casada com o Dr. Spiridione Capria, advogado. Com 2 filhos:
3-1 Liviete, casada.
3-2 Jorge, solteiro, menor em 1939.

1-2 Paulino da Silveira Garcia, falecido em 1918, foi casado com Maria José Messias, residente em Itapetininga, filha de Arnaldo Diôgo Messias, do Paraná, falecido em 1926 e de Gertrudes Coêlho de Oliveira, natural de Itapetininga, falecida em 1938. Com os 7 filhos seguintes:

2-1 Dirce Coutinho, n. 4-4-1900, casada com Riograndino Coutinho, natural do Rio Grande do Sul, filho do Dr. Albino Ferreira Coutinho, advogado e Maria José Falcão, falecida em 1938. Com 5 filhos:
3-1 Paulino, falecido com 12 anos.
3-2 Ligia, solteira.
3-3 Talia, menor.
3-4 Decio, menor.
3-5 Maria Dirce, menor.

2-2 Dulce Garcia da Costa, natural de Itapetininga, casada com Horacio Rodrigues da Costa, natural de São Paulo, autor destas notas, com descendência no § 8.º do Capitulo II.
2-3 Antonio, falecido na infancia.
2-4 Maria, falecida na infancia.
2-5 Celina, solteira.
2-6 Maria, solteira, professora normalista.
2-7 Wanda, solteira, professora normalista.

1-3 José Inacio da Silveira Garcia, solteiro.

1-4 Maria Augusta Nogueira, casada com Casimiro de Souza Nogueira, de nacionalidade portugueza, residente em São Paulo. Com 2 filhos:

2-1 Dr. Antonio Miguel Nogueira, medico oculista pela Faculdade do Rio de Janeiro, casado.
2-2 Maria Hortencia Joppert, casada com o Dr. Ernani Joppert, advogado, filho do coronel Carlos Joppert e de Severina Joppert, do Rio de Janeiro, ambos falecidos, com uma unica filha:
3-1 Marilia, menor.

1-5 Hortencia da Gama e Silva, segunda esposa do Dr. Cesidio da Gama e Silva, seu cunhado, viuvo de sua irmã Dulce, adeante nomeada. Sem filhos.

1-6 Dulce da Gama e Silva, falecida em 1918, foi casada com o Dr. Cesidio da Gama e Silva, medico residente em São Paulo, nascido em Santa Catarina, filho do Dezembargador Dr. Matias Joaquim da Gama e Silva, falecido em Goiás e de D.ª Aquilina da Gama e Silva, falecida em São Paulo, em 30-10-940, naturais da Paraiba do Norte. Com um filho unico.
2-1 Cesidio Matias, solteiro.

1-7 Antonio da Silveira Garcia, solteiro.

1-8 Lauro da Silveira Garcia, solteiro.

1-9 Dr. Mario da Silveira Garcia, medico da Assistencia Publica de São Paulo, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, casado com Hilda... Com 2 filhos.
2-1 Lauro, menor.
2-2 Mario, menor.

CAPITULO V

ARNALDO DIOGO MESSIAS

Arnaldo Diôgo Messias era natural de Curitiba, Estado do Paraná, veio muito moço para Itapetininga, onde se casou com Gertrudes Teodora de Oliveira, depois Gertrudes de Oliveira Messias, filha unica de Antonio

Digitized by Google

Coêlho de Oliveira, e de Maria Coêlho de Oliveira sobrinha do marido, nascida em 18 de novembro de 1860 em Itapetininga. Desse consorcio nasceram os seguintes filhos:

1-1 Maria José
1-2 Maria Augusta
1-3 Francisca Augusta.

1-1 Maria José Garcia (Sinharinha) em estado de viuva de Paulino da Silveira Garcia (Nhô Moço) com descendencia no § 2.º do Cap. IV.

1-2 Maria Augusta Soares Hungria, falecida em Lins, foi casada com Benedito Soares Hungria, neste ano de 1939 residente em Itapetininga e que foi tabelião em Lins, filho de José Soares Hungria e Maria Izabel Rolim Góes (S. Ieme). Com os seguintes filhos:

2-1 Olga Ouvinhas, professora normalista, casada com Manoel Ouvinhas Junior. Com uma filha:
3-1 Maria Augusta, menor.

2-2 Oswaldo, solteiro.

2-3 Oscar, falecido.

2-4 Arnaldo, casado com Ana Teodora Machado, filha de Leopoldo Teodoro Machado e Maria Benedita Ferreira. Com 2 filhos:
3-1 Jordão, menor, nascido em 2-2-37.
3-2 José, menor.

2-5 José, solteiro.

2-6 Flavio, casado com Aparecida Prado. Com 3 filhos:
2-1 João, nascido em 24-6-34.
3-2 Frank Célio, menor.
3-3 Regina Célia, menor.

2-7 Ofelia Cecci, casada com o dr. Antonio Cecci, engenheiro, de Cafelandia. Com 3 filhos:
3-1 Luiz Antonio, menor.
3-2 Renato Sergio, menor.
3-3 Célio Ricardo, menor.

2-8 Maria Chiarini, casada com o cirurgião-dentista Nelson Chiarini, de Piracicaba.

1-3 Francisca Augusta Messias, professora aposentada, residente em Itapetininga, casada com João Carneiro de Campos, filho legitimo de Alberto Carneiro de Campos e de Julia Maria Carneiro de Campos, neto paterno do Visconde e da Viscondessa de Caravellas e materno de João Pinto da Cunha Maia e de Julia Candida de Castro Maia (Livro de batismo n. 10. Fls. 83 de 6-10-1887 da Paroquia de São João Batista da Lagôa — Rio de Janeiro). E', portanto, neto do 3.º Visconde de Caravellas, Carlos Carneiro de Campos, bisneto de José Joaquim Carneiro de Campos, Marquêz de Caravellas, filho de José Carneiro de Campos e Custodia Maria do Sacramento (Anuario Genealógico Brasileiro — 1939). Com 10 filhos:

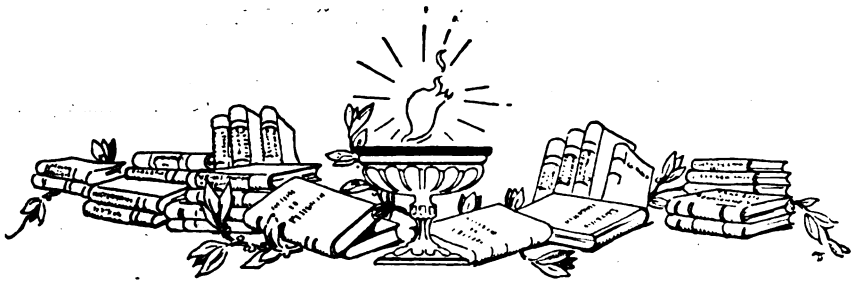
2-1 José Carneiro de Campos, casado com Rosaura Rodrigues, nascida em 25-2-1908 e filha de Belarmino Rodrigues Nascimento e Januaria Maria Rodrigues. Com 6 filhos:
3-1 Rubens Vicente de Paulo, nascido em 10-5-927.
3-2 José Geraldo, nascido em 14-11-928.
3-3 Vera, nascida em 16-8-30.
3-4 Maria Lais, nascida em 28-6-32.
3-5 Ivan, nascido em 13-1-934.
3-6 Jane Januaria, nascida em 26-4-938.

2-2 Maria do Carmo, solteira, nascida em 5-5-910.

2-3 Hermano, nascido em 9-9-912, casado com Maria Gemignani, filha de Rafael Gemignani e Irene Tamiatti Gemignani, com um filho:
3-1 João Rafael, nascido em 30-4-38.

2-4 Zelia, casada, nascida em 13-6-915.
2-5 Martha, nascido em 20-7-924, falecida.
2-6 Manoel, solteiro, nascido em 17-6-918.
2-7 Alberto, nascido em 8-6-920, falecido.
2-8 Luiz, nascido em 25-8-922.
2-9 Homero, nascido em 19-5-926.
2-10 João, menor.

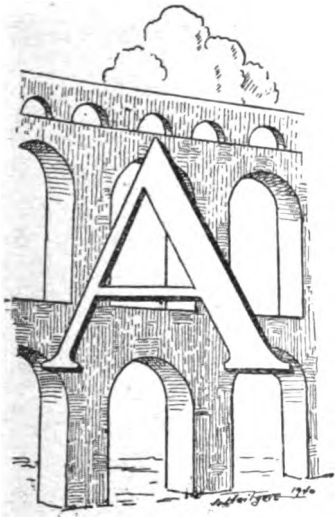
Digitized by Google



Aditamentos e correções à Genealogia dos Barbosa de Oliveira

(publicada no Anuário Genealógico Brasileiro — Ano II — p. 290)

AMERICO JACOBINA LACOMBE



NTÔNIO BARBOSA DE OLIVEIRA — O Cons.º Albino José Barbosa de Oliveira, em suas *Memórias* (*inéditas*), afirma que Antônio Barbosa de Oliveira, Sargento-Mór de Ordenanças, casou-se com a filha de *Antônio de Souza e Castro*. A Carta de Brasão de Armas, porem, passada a favor de *José Barbosa de Oliveira*, menciona *Manuel* de Souza e Castro. Preferimos a última denominação, por ser proveniente de diploma oficial emanado, sem dúvida, de documentação autêntica. As *Memórias* citadas fazem, aliás, referência expressa à Carta de Brasão d'Armas. Parece, pois, ter havido um equivoco.

Este *Manuel* ou *Antônio* de Souza e Castro, dizem as referidas *Memórias*, tinha duas filhas: de uma procedem os Barbosas. Da outra descendem: Madre Joana Angélica de Jesus, a martir da Independência na Baía; Frei Rodrigo de S. José da Silva Pereira, Abade Beneditino do Rio de Janeiro, Vice-Reitor do Imperial Colégio de D. Pedro II, latinista famoso, e o Dezembargador José Marcelino da Silva Pereira.

Não consta a data do falecimento do Sargento-Mór Antônio Barbosa de Oliveira, mas deve ter este ocorrido em fins de 1783, ou princípio de 1784, porque a 15 de abril de 1784 o governador D. Rodrigo José de Me-

Digitized by Google

nezes promovia, por Carta-Patente, Caetano da Costa Brandão ao posto de Sargento-Mór de Ordenanças *"na vaga do falecido Antônio Barbosa de Oliveira"*. (1)

2 — JOSÉ BARBOSA DE OLIVEIRA (F. 2) — Segundo apontamentos autógrafos existentes em poder do Sr. José Luiz Barbosa de Oliveira, nasceu a 28 de Fevereiro de 1754. Era Cavaleiro Professo na Ordem Cristo. Depois de viuvo, foi ordenado Presbitero a 23 de Dezembro de 1809. Foi Procurador do Juizo Eclesiástico, Vigário Geral, Juiz dos Residuos Eclesiásticos, Dezembargador da Relação Eclesiástica, Cônego de Prebenda Inteira (1817), Secretario do Cabido, Tesoureiro-Mór da Sé Catedral e finalmente Vigário Capitular (eleito a 3. VII-1823). Faleceu a 20 de Novembro de 1824.

3 — LUIZA CLARA BARBOSA DE OLIVEIRA — (N. 6) — Seu nome completo era *Luiza Clara Joaquina Barbosa de Oliveira* — Foi casada com o *Major,* e não Doutor, Caetano Vicente de Almeida, antigo Capitão Mór do terço de Ordenanças da Vila de Belmonte, comarca de Porto-Seguro, e Capitão da companhia dos Homens do Mar das Ordenanças da repartição do Norte da Baía.

4 — CAETANO VICENTE DE ALMEIDA — (*Barão de Mucuri*) — (Bn. 12) — Nasceu em Belmonte (Província da Baía) — Faleceu a 14 de Abril de 1890, em Niteroi, sendo seus restos mortais trasladados para o jazigo de família na Cidade do Salvador. Sua segunda mulher chamava-se D. Luiza Aveiro de Almeida. (2)

5 — CAETANO SILVESTRE DE ALMEIDA — (Tn. 17) — Filho do precedente, teve o fôro de Moço Fidalgo da Casa Imperial, com exercício, por decreto de 2 de Maio de 1877.

6 — LUIZ ANTÔNIO BARBOSA DE ALMEIDA (Bn. 13) — Segunda suas memórias inéditas em poder do Eng.º Pedro Antônio Gonsalves de Almeida, nasceu a 23 de Setembro de 1812 (3) na Baía, e faleceu a 8 de Agosto de 1892, na cidade do Salvador. Era Gran-Cruz da Ordem de Cristo, por decreto de 1 de Dezembro de 1887. Foi membro da Assembléa Constituinte e do Senado da Baía, tendo parte importantíssima na confecção da Constituição Republicana de seu Estado. Era casado com D. Constança Alves Branco.

---

(1) *Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa.* Vol. I — Rio — (Separ. dos *Anais da Bibl. Nac.* 1913) — p. 142.

(2) Laurênio Lago — (*Supremo Tribunal de Justiça* e *Supremo Tribunal Federal* — Imprensa Militar, 1940, p. 105) dá à sua segunda mulher o nome de Luisa Antônia Sampaio. O nome de *Aveiro,* porem, é o que ocorre em apontamentos de família em poder do eng.º Pedro Antônio Gonsalves de Almeida.

(3) Laurênio Lago (*Op. cit.*) dá o dia 15 de julho do mesmo ano.

Digitized by Google

7 — HERMENEGILDO BARBOSA DE ALMEIDA — (Bn. 14) — Aliás Hermenegildo Antônio Barbosa de Almeida. Nasceu na capital da Baía a 13 de Abril de 1815 e faleceu no Rio, a 14 de Junho de 1877. Era do Conselho de S. M. o Imperador, do Conselho Naval, Oficial do Cruzeiro, Comendador da Rosa e de Aviz.

8 — MARIA LUIZA VITÓRIA RUI BARBOSA, (Qn. 48) — casada com *José da Costa Guerra,* engenheiro, e não bacharel em direito.

9 — AMÁLIA BARBOSA LOPES — (Qn. 50) — Foi casada com o Sr. *João Bérgamo de Barros Palácio, médico* da Armada. Teve dois filhos: 1) Celina, professora na Baía e 2) João Crisóstomo.

10 — ANTÔNIO ÁIDANO GONSALVES DE ALMEIDA (Tn. 26) — Foi diretor da Instrução Publica do Estado do Rio e faleceu em Niteroi. Casou-se com D. Clara Aveiro, enteada de Caetano Vicente de Almeida (Barão de Mucurí) — Filhos: 1) Euclides Áidano e 2) Maria Luiza.

F1) EUCLIDES ÁIDANO DE ALMEIDA, nascido no Rio.

F2) MARIA LUIZA DE ALMEIDA, casada com o DR. ANTÔNIO PEDRO PIMENTEL, médico, diretor da Faculdade Fluminense de Medicina. Filhos: 1) Aidano, 2) Francisco, 3) Paulo e 4) Clara.

11 — ANTÔNIO EUSÉBIO GONSALVES DE ALMEIDA (Tn. 27). Nasceu na Baía em 14 de Agosto de 1840 e não 41. Era casado com *D. Anolina Antônia Soares de Matos. Filhos*: 1) Luiza Adelaide, 2) Adelaide Virginia, 3) Luiz Antônio, 4) Virginia, 5) Antônio, 6) Pedro Antônio, 7) Caetano Vicente, 8) Emídio José e 9) Vergilio Cesar.

F1) LUIZA ADELAIDE DE ALMEIDA, nascida na Baía a 28 de Setembro de 1866 e falecida na Baía a 16 de Maio de 1895.

F2) ADELAIDE VIRGINIA DE ALMEIDA, nascida na Baía a 22 de Setembro de 1868.

F3) LUIZ ANTÔNIO GONSALVES DE ALMEIDA, nascido na Baía a 4 de Agosto de 1871 e falecido a 11 de Dezembro de 1928.

F4) VIRGÍNIA GONSALVES DE ALMEIDA, nascida na Baía a 5 de Janeiro de 1873.

F5) ANTÔNIO GONSALVES GRAVATÁ (2.º) — nascido na Baía em 12 de Julho de 1875 — casado com D. ELVIRA SILVA MATOS. Filhos: 1) Hélio, 2) Elmira, 3) Adelaide, 4) Madalena, 5) Carlos e 6) Antônio.

N1) HELIO DE MATOS GRAVATA', nascido no E. do Rio a 3 de Junho de 1910.
N2) ELMIRA DE MATOS GRAVATA', nascida a 9 de setembro de 1911.
N3) ADELAIDE DE MATOS GRAVATA', nascida em 3 de janeiro de 1913 em Minas.
N4) MADALENA MATOS GRAVATA', nascida em Minas a 24 de abril de 1914.
N5) CARLOS MATOS GRAVATA', nascido em Minas a 18 de março de 1916.
N6) ANTÔNIO GONSALVES GRAVATA' (3.º), nascido em Minas a 1.º de abril de 1918.

F6) PEDRO ANTÔNIO GONSALVES DE ALMEIDA, nascido na Baía, a 10 de Abril de 1879. Engenheiro civil pela Escola Politécnica da Baía. Funcionário da Inspetoria Federal de Estradas.

Digitized by Google

F7) CAETANO VICENTE DE ALMEIDA (3.º) — nascido na Baía, a 24 de Março de 1882. Casado com D. MARGARIDA SILVA. Sem geração.

F8) EMÍDIO JOSÉ DE MATOS, nascido na Baía a 24 de Março de 1886. Doutor em medicina pela Faculdade da Baía. Funcionário do Departamento Nacional de Saúde, no Rio.

F9) VERGÍLIO CESAR DE ALMEIDA, nascido na Baía a 4 de Março de 1890 — Funcionário do Banco de Londres e da América do Sul.

12 — ANTÔNIO GONSALVES DE ALMEIDA (Tn. 28) Casou-se duas vezes. A primeira em Caravelas (Baía) com D. *Rodopiana de Almeida.* A segunda com sua prima D. *Silviana Laura de Almeida.* Filhos do 1.º casamento: 1) Paulo, 2) Virginia. Do 2.º casamento: 3) Ana Constança, 4) Luiz Caetano, 5) Antônio Mariano, 6) Otávio Prisco e 7) Maria Laura.

F1) PAULO GONSALVES DE ALMEIDA, casado com D. ALCINA DE ALMEIDA. Sem geração.

F2) VIRGÍNIA DE ALMEIDA, casada com o Sr. RAFAEL FLORÊNCIO DE OLIVEIRA — Filhos: 1) Maria Carolina e 2) Zélia.

N1) MARIA CAROLINA DE OLIVEIRA, casou-se com o DR. NELSON DÓRIA — Filhos: 1) Virginia, 2) Rafael e 3) João.

F3) ANA CONSTANÇA DE ALMEIDA, professora na Baía.

F4) LUIZ CAETANO DE ALMEIDA, faleceu solteiro.

F5) ANTÔNIO MARIANO GRAVATÁ, bacharel pela Faculdade de Direito da Baía. Antigo magistrado. Casou-se duas vezes: a 1.ª com D..... TORRES HOMEM; a 2.ª vez, com D..... ALVES. Com descendência de ambos os leitos.

F6) OTÁVIO PRISCO DE ALMEIDA, falecido. Foi casado com D. ARLINDA DE ALMEIDA — Filhos: 1) Antônio e 2) Gelmires.

F7) MARIA LAURA DE ALMEIDA, casada com o Dr. ANTÔNIO CORDEIRO DE MIRANDA, médico pela Faculdade da Baía. Clínico em Itabuna. Filha: 1) Lígia.

N1) LÍGIA DE MIRANDA, casada com o DR. ANTÔNIO DE MIRANDA, médico.

13 — LEOPOLDINA JANUÁRIA BARBOSA DE ALMEIDA (Bn. 18) casada com o Sr. *José Joaquim Guedes.* Filhos: 1) Leopoldina, 2) (Bilo) ? e 3) Argemira.

F1) LEOPOLDINA GUEDES, casou-se com o DR. FRANCISCO DA LUZ CARRASCOSA, professor da Faculdade de Medicina da Baía.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Sr. Abilio Velho Barreto, de Minas:

"Acusó recebido o n.º 2, ano I, segundo semestre de 1940, da *Revista Genealógica Brasileira,* como sempre muito bem feita, substanciosissima e cheia de ensinamentos preciosos".

Do Dr. Agnelo Airton Fleury Curado, de Goiânia:

"...aqui deixo empenhada a minha palavra de estar sempre atento à obra educacional e civilizadora iniciada e mantida pelo meu ilustre amigo".

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO PARÁ

A Familia Ebner no mundo

PADRE CARLOS BORROMEU EBNER, C. PP. S. (1)

AMILIA EBNER: é de origem alemã e ocupa lugar especial na vocação sacerdotal, prestando os seus serviços á Igreja no mundo inteiro.

Tres beatas monjas, deve-lhe a Igreja, a saber:

I.º — *Margareta* EBNER, da ordem de São Domingos, nat. de Donauwoerth, Rio Danubio, Baviera.

II.º — *Christina* EBNER, da Ordem de São Domingos, nat. de Norimberg.

III.º — *Catharina* EBNER, clarissa, filha de Hieronimo EBNER, nat. de Norimberg.

Margareta EBNER nasceu em 1291 em Donauwoerth, Rio Danubio, com 15 anos de edade entrou no Convento das Dominicanas de Maria-Medingen, Rio Danubio, se dedicou rigorosamente á vida espiritual. Aqui precisa-se falar numa linguagem que ao homem terreno é ignota, mas familiar ao christão, ao homem espiritual. A Mistica Mariana se revela em Margareta, edifica as voluntarias ordens de Deus. As virtudes monasticas da pobreza, castidade e obediencia formaram em Margareta a Santa. As suas "Offenbarungen" — ("Revelações") são o guia para uma vida metafisica, para a vida religiosa e monastica. A beata monja da familia EBNER morreu em 20 de junho de 1351 e foi sepultada na Igreja de Maria-Medingen, Rio Danubio (Allemanha).

Não ha duvida *"exempla trahunt"*, *"verba docente"*.

O exemplo de tantas almas heroicas incendiava e entusiasmava a Familia EBNER.

(1) Missionario do Preciosissimo Sangue; Belém (Pará).

Digitized by Google

MISSIONARIOS E SACERDOTES DA FAMILIA EBNER

Atualmente se dedica um Padre *Karl* EBNER, missionario dos Pallotinos, nat. de Baviera, á educação e instrução dos seminaristas dos Pallotinos em Salzburg, (Austria).

A beata Margareta Ebner, † 1351

Padre Carlos Borromeu

Um Padre *Roberto* EBNER é Missionario em Transval (Africa). O Padre Roberto é natural de Baviera.

Um Padre Max EBNER nat. de Rumania, descendente da mesma familia, morreu em 1929 na Banatia, depois de uma vida zelosamente dedicada á cura das almas na Diocese de Timisvara.

MONJAS E IRMÃS

Uma *Maria* EBNER morreu como Irmã de Caridade em 1929 em Nova-York.

A SCIENCIA

Na sciencia liturgica ganhou muitos admiradores o Padre Ricardo EBNER, antigo professor de teologia em Eichstaett, (Baviera).

Em historia se distinguiu o *Frederico* EBNER, com sua "Historia Universal" ed. Berlim, 1898.

Um José EBNER, muito conhecido como pintor da "Hofkirche" de Salzburg.

Carlos EBNER, redige um famoso jornal de Hachenburg, (Prussia).

Digitized by Google

Um outro Carlos EBNER tem uma casa editora em Zuerch (Suissa).

Muitos da familia Ebner se encontram nos exercitos da Europa, assim em Allemanha, Austria, Rumania.

Um Francisco Ebner luctou com o principe Eugenio de Savoya contra os Turcos na batalha de Zenta (1679), no rio Theiss.

Um José Ebner de Norimberg segurou em 1630 os "Reichsinsignien" — os simbolos do Reich e escondeu esses santos simbolos do imperio allemão da edade media num carro rural.

Um José Ebner, nat. de Wuerzburg luctou durante tres annos na Grande Guerra como official superior.

Os Ebners sempre gostaram do movimento.

Em 1802 um Ricardo Ebner deixou a sua terra natal do Rio Rheno e emigrou para os Estados Unidos. Dedicou-se ao commercio em Ohio.

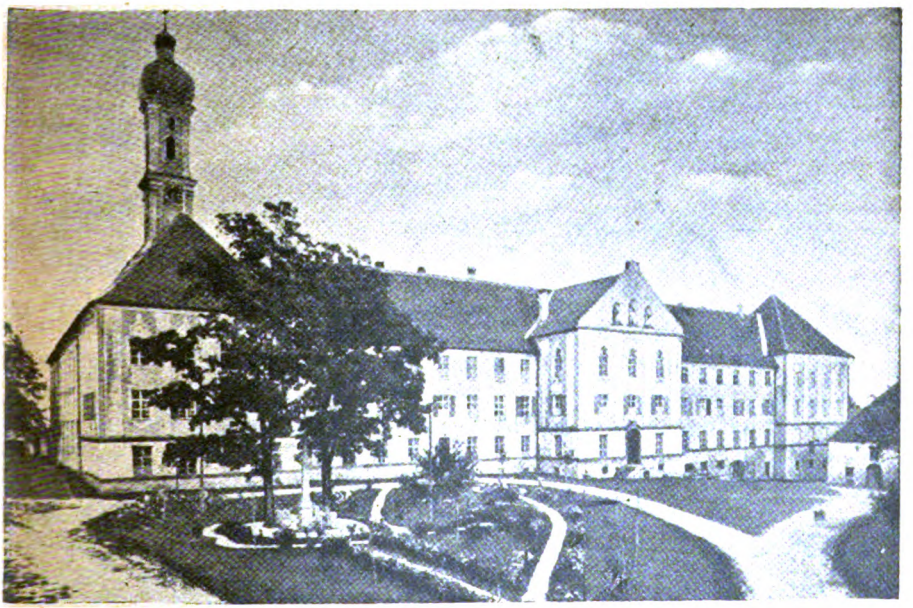
Atualmente se acham muitos descendentes na Nova Terra.

1848 muitos Ebners deixaram Vienna e acharam uma nova patria nos Estados Unidos da America do Norte.

A nova geração da familia Ebner se dedica principalmente á propagação do evangelho, ao apostolado de Christo.

Um Pe. Carlos Borromeu Ebner, missionario do Preciosissimo Sangue, viajou no Rio Mar. Um Pe. Roberto Ebner se dedica aos negros da Africa Central.

Queira se realisar uma antiga profecia que os Ebners se dedicarão ao Evangelho até o ultimo descendente desta antiga familia.



Mosteiro onde Margareta fez as *"Revelações"*

Digitized by Google

EXPEDIENTE

Os artigos recebidos depois de 1.º de janeiro ou de 1.º de julho, só serão publicados no semestre imediato. A Revista é semestral. Os originais devem ser datilografados de um só lado do papel, com 2 espaços, sem emendas e na ortografia oficial. A revisão dos artigos é feita sómente para constatar a fidelidade com os originais; por isso estes devem vir completos, em sua fórma definitiva.

Devido às dificuldades postais, não podemos mandar provas tipograficas para fóra da Capital. As colaborações dos Estados devem vir por intermedio do Presidente da Seção.

Assignatura anual 10$000. Numero avulso 6$000.

Afim de atender inumeros pedidos dos numeros da antiga "Revista do Instituto de Estudos Genealogicos" (que estão exgotados), a Redação os adquirirá pelos preços supras, das pessoas que quizerem cedel-os. Solicitamos uma fotografia de cada socio, para o Archivo do Instituto.

Temos recebido registrados com valor, sem estar escrito por fóra o endereço do remetente; e não consentindo o correio que ás remessas de dinheiro acompanhem cartas ou cartões, ignoramos quem remeteu. Isso ocasionará aborrecimentos reciprocos. Solicitamos, pois, às pessoas que hajam remetido qualquer cousa e não tenham recebido resposta, o obsequio de nos avisarem.

SOCIOS DO "INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO"

(Abreviaturas: E — Efectivo; Ct. — Contribuinte; A. — Assistente; Cp. — Correspondente; Cons. — Conselheiro; H. — Honorario. Os socios com * e grifo, pertenceram ao antigo "Instituto de Estudos Genealógicos", (ora scindido) e representam 90% dos antigos socios do velho Instituto).

Na pagina 264 da ultima Revista demos a lista de 312 socios, sendo 160 com asteristicos: continuamos aqui a lista dos socios entrados depois.

Socias:

313 Octavia de Castro Corrêa, Ex.ma Snr.ta D. (A.)
314 Maria Torres de Carvalho Barreto, Ex.ma Snr.ta D. (A.)
315 Sylvia de Sousa Prates, Ex.ma Snr.a D. (A.)

Socios:

*316 *Firmino Emilio Mingheli, dr. (A.)*
317 Fortunato Bernardo, Capitão (A.)
318 Gelmires Reis (A.)
319 Geraldo Cardoso de Mello, dr. (E.)
320 Henrique Oscar Wiederspahn, Capitão (A.)
321 João Constantino da Silva (A.)
322 José Maria dos Mares Guia, dr. (A.)
323 Lastenio Calmon Junior, dr. (A.)
324 Luiz Ramiro de Almeida Costa (A.)
325 Mario Antônio Barata (A.)
326 Maximo Cruz de Azevedo Marques (Ct.)
327 Oscar de Arruda Penteado (A.)
328 Oscar Miranda de Freitas (A.)
329 Pascal Bandeira Moreira (E.)
330 Renato Ferraz Kehl, dr. (A.)
331 Ruderico Pimentel, dr. (A.)
332 Sérgio Higino Dias dos Santos (E.)
333 Synesio de Oliveira Piedade Trindade e Mello (A.)
334 Vasco Smith de Vasconcelos, dr. (E.)
335 Alcindo Brito (E.)
*336 *Mario Duprat Fiuza (A.)*
337 Luiz José da Costafilho, prof. dr. (A.)
338 Paulo Olinto de Oliveira (A.)
339 João de Medeiros Peretti, dr. (A.)
340 Aldo Fernandes Raposo de Mélo, dr. (A.)
341 Adauto da Camara (A.)
342 Angelo Pegoraro (A.)
343 Carlos Martins Sodero, prof. (A.)
344 Edelweiss Teixeira, dr. (A.)
*345 *Guilherme de Almeida, dr. (A.)*
346 Alberto Carlos d'Araujo Guimarães (Ct.)
347 Shuho Nakanishi (Ct.)

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE

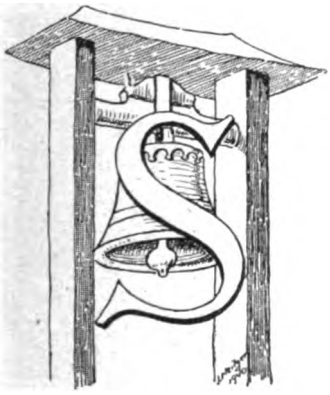
Endereço da Seção: rua Conceição, 622 — Natal
Presidente: Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros
Vice-Presidente: Dr. Nestor dos Santos Lima

Figuras do Rio Grande do Norte

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

II

OS CARRILHOS NO RIO GRANDE DO NORTE



ÃO originarios de Cordova e Toledo, os Carrilhos. Têm brazão d'arma e bom nome nos fastos literários e bélicos da peninsula. Vieram para Portugal e daí para o Brasil. Um ramo se fixou no Norte e outro no Sul. Não parece ter havido comunicação. Cada qual emigrou e se localizou sem maiores alianças entre si.

A familia Carrilho no Rio Grande do Norte, vem de Francisco Antônio Carrilho, chegado a Natal em meiádos do seculo XVIII. Era filho de José Fernandes Carrilho e de d. Esperança Rodrigues. Os documentos ora dizem êsse casal como sendo natural de Beja, ora da Cidade de Lisbôa

Francisco Antônio Carrilho casou em Natal, a 25 de julho de 1783, com d. Dionisia Romana da Costa Soares, filha do Mestre de Campo, Francisco Machado de Oliveira Barros e de d. Antônia Maria Soares de Mélo. D. Dionisia era irmã do coronel Joaquim José do Rego Barros e tia paterna de Estevão José Barbosa de Moura. Gente de prol e posses. No registo de casamento, os páis de Francisco Antônio aparecem como

Digitized by Google

naturais da freguezia de Santa Maria da Cidade de Beja, Portugal. A 2 de maio de 1788 batiza uma filha, Antônia.

Enviuvando, Francisco Antônio convola segundas núpcias, com d. Clara Hipolita da Costa, filha do capitão José da Costa Pereira e d. Inácia Ursula de Mélo. Um filho desse matrimonio é Manuel, levado á pia a 29 de junho de 1799. Ha um terceiro pimpôlho, José, nascido na primeira esposa. Êsse José Fernandes Carrilho tem as honras do patriarcado familiar. E' o responsavel pela perpetuidade do apelido nas terras norte rio grandense.

Não tenho noticias de Manuel. Antônia é a primeira mulher de Agostinho Leitão de Almeida, secretário da Provincia com o presidente Tomaz de Araújo Pereira, membro da Junta de Govêrno Provisório que administrou de março de 1822 a janeiro de 1824, sendo excluido em novembro de 1822, o mais votado na primeira eleição senatorial, e deputado-geral pelo Rio Grande do Norte na primeira legislatura (1826-29). Em fevereiro de 1813. Antônia-Maria já era defunta. Esta data é o batizado de Maria, filha de Agostinho com sua segunda mulher, d. Josefa Maria de Macêdo, natural de S. José de Mipibú.

Francisco-Antônio Carrilho ainda vivia em 1810, quando foi padrinho de um néto. Em abril de 1814 já era defunto.

José Fernandes Carrilho casou em Natal, a 26 de julho de 1817, com d. Rosa Maria, filha de Luiz José Teixeira e d. Ana Maria de Oliveira. São filhos:

1 — Francisco Carrilho do Rego Barros;
2 — João;
3 — Paulino;
4 — Antônia;
5 — Ana;
6 — Braz Carrilho do Rego Barros; e
7 — Dionisia Gertrudes.

Francisco Carrilho do Rego Barros, casou com d. Rita Joaquina de Vasconcelos. D. Rita casou em segundas núpcias com Augusto Vaz do Rego Barros. São filhos de Francisco Carrilho: Carlos Augusto Carrilho de Vasconcelos, José Calistrato Carrilho de Vasconcelos, medico (pai de Heitor Carrilho, diretor do Manicomio Judiciario), Enéas Carrilho, bacharel, e d. Francisca Teolinda, casada com o coronel João da Fonseca e Silva. Todos com descendência.

João (2) não deixou rasto ao alcance de minhas pesquisas. Paulino (3) não sei com quem casou. Duas filhas suas casaram na família Raposo da Camara, Rosa, com Pedro Leopoldo Raposo da Camara, e Paulina, com Cicero Leopoldo Raposo da Camara. Com descendência.

Antônia (4) casou com Manuel Leopoldo Raposo da Camara. Teve 14 filhos. Nascera em 1828 e falecera em 1918. Descendência vasta.

Ana (5) solteira. Dionisia Gertrudes (7) aparece em minhas notas uma d. Dionisia Carrilho do Rego Barros, casada, morta com 26 anos, a

Digitized by Google

9 de março de 1846. Será essa? Não consentiu que nenhuma noticia chegasse ao meu conhecimento.

Braz Carrilho do Rego Barros (6) bacharel em 1837, batizado a 27 de março de 1823, com um mês de nascido, casou em Natal, a 8 de dezembro de 1849, com d. Emilia Candida, filha de Bento Gervasio Freire do Revoredo e de Ana Ricardina do Revoredo. Um filho desse casal, o dr. José Carrilho do Revoredo Barros, bacharel em 1874, auditor de guerra em Porto Alegre, casou com uma irmã de Julio de Castilho. Outra filha, d. Maria Augusta, casou com o dr. Augusto Carlos de Amorim Garcia e são os páis do dr. Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, nascido no engenho do Meio, no vale do Ceará-Mirim, atual diretor da Biblioteca Nacional e membro da Academia Brasileira de Letras. José Fernandes Carrilho era homem inteligente e prestigioso. Foi um dos fundadores da imprensa no Rio Grande do Norte, fazendo parte da direção da TIPOGRAFIA NATALENSE. Faleceu em Natal a 7 de outubro de 1886.

Os Carrilhos vêm dessas fontes. (1).

(1) Da "A Republica", de 13-VII-1940

REFERÊNCIAS AO ANUARIO E A REVISTA

"Do Snr. Major Adolfo Pereira Dourado, do Pará:

"O *Anuario* está excelente, merecendo o nosso franco apoio o seu trabalho".

Do ex-deputado Dr. Antonio da Gama Rodrigues:

"Quero prevalecer-me do proximo advento do ano novo para renovar ao bom amigo os votos, que sempre fiz, de saude e felicidade pessoal e de prosperidade e gloria aos trabalhos genealógicos a que com tanto amor e afinco se dedica".

Do Prof. Ary Florenzano, de Minas:

"Recebi o anuário. Está um ótimo trabalho, magistral, que muito honra a pessôa ilustre de seu autor".

Do Dr. Geraldo Cardoso de Mello, de Itú:

"Tenho apreciado com grande simpatia o nobilissimo trabalho que vem desenvolvendo no Instituto Genealógico Brasileiro e como organisador da *Revista* e do notavel *Anuário*. Desejo oferecer o meu pequenino apoio a sua tão grandiosa obra, propondo minha inscrição no Instituto como socio efetivo..."

Do ex-deputado Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior, da Bahia:

"Acuso o recebimento do *Anuario Genealógico Brasileiro*. Creia que está ótimo. Li-o com sofreguidão e digo-lhe que está, sob todos os pontos de vista, — impecavel: bom acabamento material, assuntos selecionados e interessantes, arte e gosto na distribuição da materia, emfim tudo quanto se possa desejar para tornar atraente e agradavel a leitura desse livro sobre genealogia. Mais uma vez — francos parabens

Do Dr. Jorge Godofredo Felizardo, do Rio Grande do Sul:

"Acuso ter recebido o Anuario Genealógico, correspondente ao ano de 1940, meritoria contribuição sua, às letras históricas da nossa pátria. Como o do ano anterior, contém abundante materia e preciosas colaborações.

Digitized by Google

Perguntas e Respostas

PERGUNTAS

28) Está certa a data citada por Pedro Taques para vinda a São Paulo de Antonio Preto e seus filhos, data essa repetida por Silva Leme em VIII, 269?

29) Qual a ligação dos Avila e Sousa, descendentes de André Jacinto Pereira e Felicia do Sacramento (filha de João Pereira d'Agueda e Isabel Nunes) naturais da Ilha de S. Jorge, Açôres, com Manuel de Avila e Sousa, marido de Catarina Isabel de S. Francisco, naturais da Ilha de S. Jorge, Açôres (V. Notas ao Processo dos Farrapos de Aurelio Porto, nas Publicações do Arquivo Nacional, vol. XXIX, pags. 335 e 353).

30) Qual a ascendencia ou ligação de Irineu Evangelista de Sousa, visconde de Mauá, com os Avila e Sousa acima referidos.

31) Qual a ascendencia de Anna de Azevedo Martins, esposa de José Luis Cardoso de Salles, barão de Irapuá. Nasceu em Porto Alegre em 8-10-1823 e faleceu em Rosario, Rio Grande do Sul, em 29-12-1886. Era filha do capitão Manoel Faustino José Martins, português e de Emerenciana Antonia de Azevedo, natural do Rio Grande do Sul, onde faleceu em 1857. O comendador José Antonio de Azevedo, avô materno da baronêsa, era sôgro e tio de José Luis de Azevedo, negociante em Porto Alegre, filho este de Francisco José de Azevedo, dono de grande farmacia naquela capital em 1830 mais ou menos. (V. Traços Biograficos do Exmo. Sr. Barão de Irapuá, de Bernardo Saturnino da Veiga).

(32) Deseja-se saber a ascendencia e descendencia de Cecilia Rodrigues da Silva, 1.ª esposa do comendador Boaventura Rodrigues Barcellos, e se teria alguma ligação de familia com Francisco Vieira da Silva, português, falecido em Pelotas, que foi casado com Floriana da Cunha (filha de Anna Saraiva e Bartolomeu da Cunha) e deixou 10 filhos, sendo um deles Antonio Vieira Rodrigues da Costa e Silva, marido de Virgilina da Silva Tavares, filha do Visconde de Serro Alegre. (V. Nobiliario Sul Riograndense, de Mario Teixeira de Carvalho, pag. 259).

33) Deseja-se saber a ascendencia de Felisberto Inacio da Cunha, barão de Correntes, e qual a ligação de familia com Bartolomeu da Cunha, marido de Anna Saraiva, acima referidos.

34) Qual a ligação de familia do senador Henrique d'Avila, natural do Herval, Rio Grande do Sul, filho de Antonio Francisco d'Avila e de Anna das Chagas d'Avila, com Irineu Evangelista de Sousa, Visconde de Mauá, e com Luis Gonçalves das Chagas, Barão de Candiota, filho do coronel Gonçalves Avila.

LAURA GANNS SAMPAIO.

RESPOSTAS

Á pergunta 25. — Silva Leme baseou-se, segundo escreve em V, 96, em simples informações, para dar a relação dos filhos de Manuel Lopes de Oliveira e de sua mulher Maria Thereza. Segundo documento que possuimos, extrahido da Curia Metropolitana, seus filhos foram nove e não oito como ali estão, tendo sido omitida Maria Umbelina de Oliveira, natural de São Paulo e casada em 1814, na mesma cidade com o furriel Antonio Joaquim de Sampaio.

Á pergunta 26. — A resposta acima, responde tambem esta, pois o furriel Antonio Joaquim de Sampaio foi filho de José de Sampaio Góes e de sua mulher Ana Ferraz de Campos, e do mesmo modo foi omitido por Silva Leme em IV, 96.

F. C.

Digitized by Google

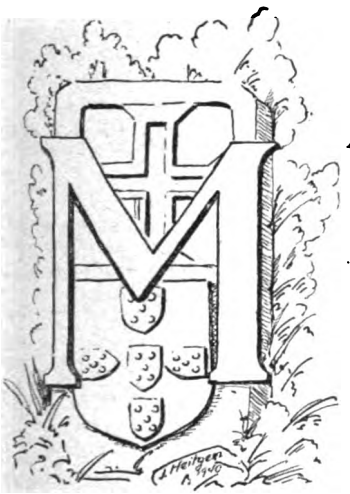
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE SERGIPE

Endereço da Seção: r. Itabaianinha, 41 — Aracajú
Presidente: Epifanio da Fonseca Doria e Menezes

Uma Familia Sergipana

JENÍ PRADO DIAS



AJOR INÁCIO GOMES DE ARAUJO MELO, foi fazendeiro em Serra Negra e ao depois agente de Correio em Capivari (1). Era natural de Sergipe e filho de José Francisco de Araujo Melo e de Ana Maria de Araujo Melo. Casou-se com Josefa Angelica da Costa Valente Melo, falecida em Capivari aos 19-março-1396, com 96 anos, filha de José Vieira da Costa Valente (natural de Goiáz) e de Josefa da Silva Daltro Valente, (todos sergipanos). Filhos do casal:

1-1 Dr. José Vieira da Costa Valente, natural de Sergipe, onde nasceu aos 8-9-1862, residente em S. Paulo; casou-se na cidade do Salvador (Baia) onde estudou medicina, com Rosa Dias da Rocha Valente, falecida em S. Paulo aos 3-8-1931, era filha de João Dias da Rocha (português) e de Maria Secundina Pinheiro da Rocha (baiana), falecida em S. Paulo aos 23-7-1922. Filhos do casal:

2-1 Osvaldo da Costa Valente, natural de Capivari, onde nasceu aos 17-10-1895; casou-se em S. Paulo com Rosa Fernandes da Costa Valente, filha de Manoel Fernandes e de Olimpia Fernandes. Sem descendentes.

2-2 Dr. Edison da Costa Valente, nasceu em Capivari aos 20-7-1896; casou-se com Maria Juraci Viana da Costa Valente, filha de Peregrino Carneiro Viana (este filho de Cristiano Peregrino Viana e de Elisa Gentilina Carneiro Viana) e de Argentina Coutinho Viana — Vêr "Barão de Antonina" pag. 49 — 3-4) — por Dr. Brotero. Filhos do casal:

3-1 Rubens.

(1) Estado de S. Paulo.

Digitized by Google

3-2 Vera.
2-3 Romario da Costa Valente, nasceu em Capivari aos 8-12-1899, casou-se com Maria Abreu da Costa Valente, filha de Torquato de Abreu (português). O casal não tem filhos.
2-4 Noémi da Costa Valente Teixeira, nasceu em Capivari aos 27-4-1900; casou-se em S. Paulo aos 24-1-1920 com Jaime Teixeira Filho, filho de outro de igual nome e de Ermínia Ortiz Teixeira. Este casal reside atualmente no Rio de Janeiro. Filhos:
3-1 Lisete.
3-2 Nely.
3-3 Jaime.
3-4 Valdir.
2-5 Ari da Costa Valente, nasceu em Capivari aos 2-3-1904, casou-se com Natilda Chandó da Costa Valente, filha de Cirilo Baptista Chandó e de Auristela Baptista Chandó (de origem inglesa; não sei se o nome CHANDÓ, estará escrito certo). Filha do casal:
3-1 Maria Helena.
2-6 Joel da Costa Valente, nasceu em Capivari; casou-se com Jandira Colombe da Costa Valente, filha de Julio Colombe (italiano). Filhos do casal:
3-1 Jací.
3-2 Jair.
2-7 Professora Maria da Costa Valente, nasceu em Capivarí, casou-se em S. Paulo, onde é professora sanitaria, com Dr. José Martins Ferreira, filho do Dr. Deoclides Martins Ferreira e de Antonia Martins Ferreira. Sem geração.
1-2 Josefa de Melo Valente (D.ª Finfa), natural de Sergipe, reside em S. Paulo. Solteira.
1-3 Ana de Melo Valente (D.ª Dodona), natural de Sergipe, reside em S. Paulo. Solteira.
1-4 Alipio da Costa Valente, natural de Sergipe, residente em Monte Aprazivel, casou-se com Presentação Fernandes da Costa Valente, filha de José Fernandes e de Carmen Fernandes, a qual faleceu em Capivari aos 16-7-1922, (ambos espanhóes). Filhos do casal:
2-1 Carmen da Costa Valente. Professora. Solteira.
2-2 Rui da Costa Valente, casado.
2-3 Gentil da Costa Valente. Solteiro.
2-4 Fausto da Costa Valente, casado.
2-5 Josefa da Costa Valente, casada.
2-6 Mercedes da Costa Valente, casada.
2-7 Luis da Costa Valente, solteiro.
2-8 Alipio da Costa Valente, casado.
1-5 Inacio da Costa Valente, natural de Sergipe, residiu em Aracajú, onde faleceu aos 25-7-1937; casou-se com Rosa de Araujo Valente. Filhos do casal:
2-1 José Vieira da Costa Valente, natural de Sergipe; é cabo do exercito, e reside atualmente em S. Paulo. Solteiro.
2-2 Deoclécio.
2-3 Inácio.
2-4 E mais 5 ou 6, todos sergipanos e residentes lá.
1-6 Maria Rosa de Melo Valente (D.ª Leolósa), natural de Sergipe, residente em S. Paulo. Solteira.
1-7 Domingos da Costa Valente, natural de Sergipe, já falecido. Solteiro.
1-8 Adelina de Melo Prado, natural de Sergipe, residente em S. Paulo, viuva de seu primo José do Prado Valente, que por muitos anos advogou em Capivarí, filho de José do Prado Pimentel e de Maria Joaquina do Prado Pimentel (todos sergipanos). Filhos do casal:
2-1 Boanerges Melo Prado, nasceu em Capivarí, farmaceutico, residente em S. Paulo; casou-se com Erondina Osback Prado (matogrossense), filha de Artur Osback e de Amalia Osback. Filhos do casal:

Digitized by Google

3-1 José Adelino.
3-2 Terezinha de Jesus.
3-3 Hebe Sebastiana.
2-2 Maria da Gloria Melo Prado Altro, nasceu em Capivarí, reside em S. Paulo, viuva de Carlos Alberto Altro, com quem se casou aos 2-7-1921 em Capivarí, filho de Carlos Altro e de Candida dos Santos Altro (do Rio de Janeiro). Filhos do casal, todos de Capivarí:
3-1 Candida Adelina Prado Altro.
3-2 José Carlos Prado Altro.
3-3 Neftalí Prado Altro.
3-4 Terezinha Prado Altro, nasceu aos 26-2-1926.
3-5 Conceição Prado Altro.
2-3 Arací Melo Prado, nasceu em Capivarí, reside em S. Paulo. Solteira.
2-4 Iramáia Melo Prado Ferraz, nasceu em Capivarí e aí se casou com Alcides Dias Ferraz aos 3-6-1925, filho de Antonio Dias Ferraz de Arruda e de Alzira Dias Ferraz (Anuario 2.º, pag. 323 — Tn. 31 — "Descendentes de Bento Dias Pacheco"). Filhos do casal:
3-1 Iracides Prado Ferraz, nasceu aos 2-4-1926.
3-2 Maria Aparecida Prado Ferraz, nasceu aos 10-11-1930.
3-3 Alzira do Carmo Prado Ferraz, nasceu aos 15-4-1932.
3-4 Maria Adelina Prado Ferraz, nasceu aos 3-1-1934.
3-5 Maria Inez Prado Ferraz, nasceu aos 6-8-1936.
3-6 Maria Beatriz Prado Ferraz, nasceu aos 14-2-1939
3-7 Antonio José Prado Ferraz, nasceu aos 14-2-1939.
Os dois ultimos são gemeos. Todos nascidos em Capivarí.
2-5 Salvio de Melo Prado, nasceu em Capivarí e aí faleceu aos 17-7-1932.
2-6 Margarida Melo Prado Siqueira, nasceu em Capivarí, reside em S. Paulo, onde casou-se com José Otavio Siqueira. Filha do casal:
3-1 Maria Cecilia, nasceu em S. Paulo aos 30-3-1940.
1-9 Etelvina Melo Prado, natural de Sergipe, residente em S. Paulo, viuva de seu primo Virgilio Prado, filho de José do Prado Pimentel e de Maria Joaquina do Prado Pimentel (todos sergipanos). Filhos do casal:
2-1 Etelio Prado, nasceu em Capivarí e faleceu em S. Paulo.
2-2 Renato Prado, nasceu em Sergipe, é cirurgião-dentista, reside em S. Paulo, onde se casou com Judith Aguirra.
2-3 Dr. Durval Prado, medico oculista, formado pela Escola de Medicina de S. Paulo, é sergipano e reside em S. Paulo, onde se casou com ..... Nepomuceno. Filha do casal:
3-1 Marta.
3-2 .....
2-4 Virgilio Prado Filho, natural de Sergipe, reside em S. Paulo, onde casou-se com Conceição..... Filho do casal:
3-1 Nemésio.
2-5 Inácio Prado, nasceu em Sergipe, faleceu em Capivarí com 17 anos, aos 22-12-1926.
2-6 Iracema Prado, natural de Sergipe, reside em S. Paulo. Solteira.
2-7 Maria de Lourdes Prado Silva, natural de Sergipe, reside em S. Paulo, onde cursou a Escola Normal do Braz. Casou-se com Nelson Hoppe Silva, filho de Joaquim Silva e de Maria Hoppe. Filhos do casal:
3-1 Ademar, nasceu em Irapé aos 27-5-1937.
3-2 Edmê, nasceu em S. Paulo.
2-8 Maria Helena Prado, natural de Sergipe e residente em S. Paulo. Solteira.
1-10 Eudoxia Melo Prado, natural de Sergipe, faleceu em Capivarí aos 25-10-1922. Solteira.
1-11 Esther Melo Prado, nasceu em Sergipe e faleceu em Capivarí. Solteira
1-12 Ubaldina Melo Prado, nasceu em Divina Providencia (Sergipe), faleceu em S. Paulo com 65 anos, aos 3-12-1939. Solteira.

Digitized by Google

1-13 Otacilio da Costa Valente, natural de Sergipe, residente em S. Paulo, casou-se em Capivarí com Alzira de Sousa Valente, filha de Manoel Anselmo de Sousa e de Maria Augusta de Assumpção. Neta paterna de Anselmo de Sousa e de Maria Joaquina Correa (de Itú). Neta materna do Dr. Luis Antonio de Assumpção (S. L. vol. 3, pag. 489) e de Rita Amalia. Bisneta paterna de de João Anselmo de Sousa (português). Filhos do casal:

2-1 Nadir Sousa Valente, farmaceutico, residente em Marilia; casou-se em Capivarí com Iolanda Cunha, filha de Benedito Pereira da Cunha e de Luisa Ribeiro Cunha. Neta materna de Pedro Antonio Ribeiro (de Capivarí) e de Luisa de Melo Pereira. Bisneta materna de Antonio Pereira e de Francisca de Padua Melo. Por Francisca, trineta de Matias de Melo Botelho e de Joana Leite. (vol. 4, pag. 160). Neta paterna de José Baltazar Pereira da Cunha (português) e de Josefa Alves de Sousa; esta filha de Belarmino Alves de Sousa (português) e de Rosa Alves de Sousa (natural de Amparo e de familia amparense). Filhos do casal:

3-1 Egas Cunha Valente.

3-2 Zenith Cunha Valente.

2-2 Cid Sousa Valente, residente em S. Paulo, casou-se com sua prima irmã Zaira Dias de Sousa, filha de Antonio Augusto de Sousa e de Antonia Dias Ferraz. Neta paterna de Manoel Anselmo de Sousa e de Maria Augusta de Assumpção. Neta materna de Bento Dias Ferraz e de Ilidia Ferraz de Campos (Anuario 2.º, pag. 319 — Qn. 27 — "Descendentes de Bento Dias Pacheco"). Filho do casal:

3-1 Antonio Augusto.

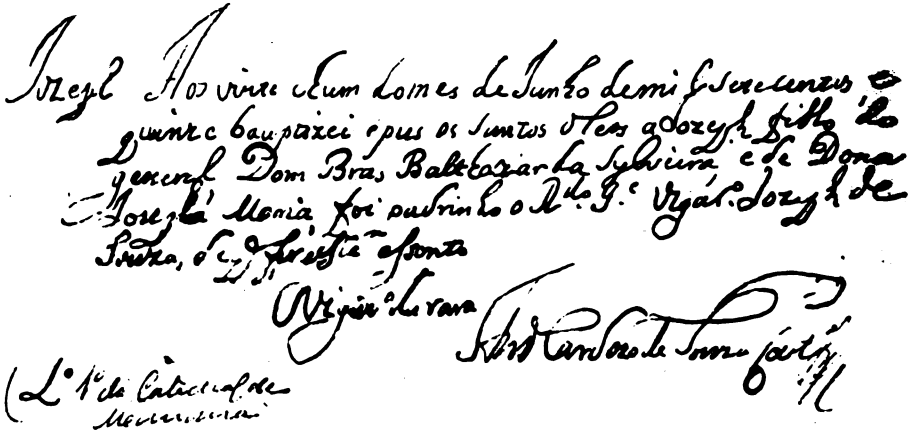
2-3 Ernani de Sousa Valente.

2-4 Decio de Sousa Valente.

2-5 Fernando de Sousa Valente.

O PRIMEIRO CASAMENTO DE DOM BRÁS BALTASAR DA SILVEIRA

A proposito do trabalho que publicamos no n.º II, do nosso consocio dr. Salomão de Vasconcelos, denominado, "O primeiro casamento de d. Brás Baltasar da Silveira", recebemos do nosso prezado consocio, Antonio Ferreira de Morais, escrivão da Curia de Mariana, no Estado de Minas Gerais, o fac-simile do documento citado pelo mesmo dr. Salomão, sobre o batisado do filho de d. Brás e de d. Josepha Maria, por nome José. Tratando-se de documento valioso para que os competentes desenvolvam tal ponto da historia de São Paulo e Minas que ainda se acha bem obscuro, publicamos neste numero da nossa "Revista" esse fac-simile e muito agradecemos ao prezado consocio Ferreira de Morais a oferta que nos fez.



Assento de batismo de José, filho de d. Brás Baltasar da Silveira

Digitized by Google

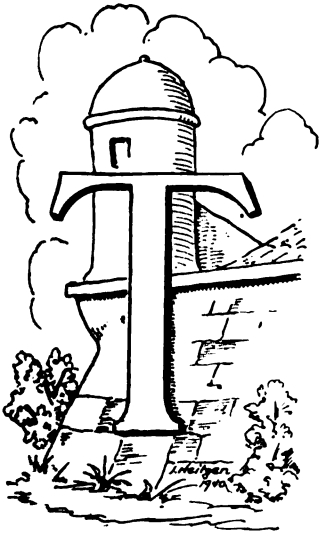
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DA BAÍA

Endereço da Seção: Av. 7 de Setembro, 67
Presidente: Dr. J. C. Pinto Dantas Junior
1.° Vice-Presidente: Dr. Afonso Rui de Sousa
2.° Vice-Presidente: Dr. A. de Araujo Aragão Bulcão Sobrinho
Secretario: Dr. Mario Torres
Tesoureiro: Julio de Ataide Pereira.

A Casa da Torre

Uma familia que evolue paralelamente com a história do Brasil — A união dos netos dos sertanistas baianos com os descendentes dos bandeirantes paulistas.



TORRE de Garcia de Avila: Em seu magnifico estudo sôbre a Casa da Torre, publicado ha alguns meses, o historiador Pedro Calmon demonstrou, com brilhantismo, que se póde escrever a historia de uma familia tipica do Brasil, pondo em relêvo a sua alta significação nacional. De fato, o famoso clan baiano evolve de tal modo paralelamente com a historia de nossa terra que, fixando-lhe a atuação e caracteristicas traçou o escritor uma pequena mas sugestiva sintese da propria evolução do Brasil. O admiravel livro de Pedro Calmon, que obteve tanto e merecido sucesso, termina com a inclita geração dos *três irmãos*: *visconde da Torre* (ultimo senhor da Casa), *barão de Jaguaripe* e *visconde de Pirajá*, os quais desempenharam notavel papel nas lutas da independencia, na Baía.

Esta deliciosa narrativa leva-nos até o ano de 1835, época que veiu marcar, pela abolição do morgadío, a decadencia do secular latifundio da Torre. Terminada a leitura, fica, entretanto, o leitor curioso por saber o que aconteceu dai por diante ao velho solar colonial, quais as causas de seu

Digitized by Google

abandono, e, ainda, os atuais representantes da velha estirpe. Foi para obter êsses esclarecimentos que resolvemos procurar o *dr. Garcia Dias de Avila Pires,* ilustre coronel auditor de guerra da 2.ª Região Militar e descendente direto do ultimo senhor da Torre de Garcia Avila. O dr. Garcia de Avila, que é hoje uma das figuras mais eminentes da nossa magistratura militar, atendeu-nos fidalgamente, logo se prontificando a fornecer as informações que desejavamos.

Começou por mostrar uma interessantissima árvore genealógica da familia, pela qual verificámos que o visconde da Torre deixou seis filhos, sendo a sua descendencia continuada pelo *dr. Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque,* casado com d. Maria Capitolina de Teive e Argolo. Teve êste casal onze filhos, entre os quais, com geração: o auditor dr. *Garcia Dias de Avila Pires,* o general *José Joaquim Pires de C. e Albuquerque,* o ministro *dr. Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e o dr. Manoel Pires C. e Albuquerque.*

Além do dr. Garcia de Avila, que tem de seu casamento com d. Maria Luiza Garcez Fróes, doze descendentes, residem ainda em S. Paulo o *dr Guilherme Pires de Carvalho e Albuquerque,* filho do general José Joaquim, que exerce atualmente o cargo de delegado adjunto à Superintendencia de Ordem Politica e Social, e o comandante Garcia de Avila Pires de C. e Albuquerque, filho do ministro Pires de Albuquerque. Oficial de marinha é casado com senhora pertencente a familia Campos Sales e atualmente comanda uma unidade no Rio. Dos filhos do dr. Garcia de Avila, que vem a ser neto do visconde da Torre, os drs. Carlos Dias de Avila Pires e Garcia Dias de Avila Pires ligaram-se por casamento a tradicionais familias de S. Paulo, tendo já descendencia paulista. Quer dizer, existem ternetos paulistas do ultimo senhor da Casa da Torre. Assim, completando a sua predestinação histórica de ser um vivo reflexo do Brasil, os Garcias de Avila fundem-se agora com os descendentes dos bandeirantes do Sul, como sinal bem expressivo do grande movimento de unidade nacional que agora empolga o nosso país.

Depois de proporcinar êstes dados genealógicos, teve ainda o dr. Garcia de Avila a gentileza de nos confiar alguns apontamentos sôbre os ultimos anos da Casa da Torre, que vamos resumir para os nossos leitores.

Com o desenvolvimento da lavoura da cana de açucar e já passada a éra das bandeiras, os senhores da Torre fixaram-se no reconcavo de Santo Amaro, deixando de residir no velho castelo.

Quando morreu o visconde da Torre, seus dois filhos Domingos e Garcia eram menores e estudantes, de modo que o inventariante foi o seu genro, dr. Baltazar de Araujo e Aragão Bulcão. O castelo ficou pertencendo a outro genro do visconde, o coronel José Joaquim de Teive e Argolo que, pouco a pouco, o abandonou.

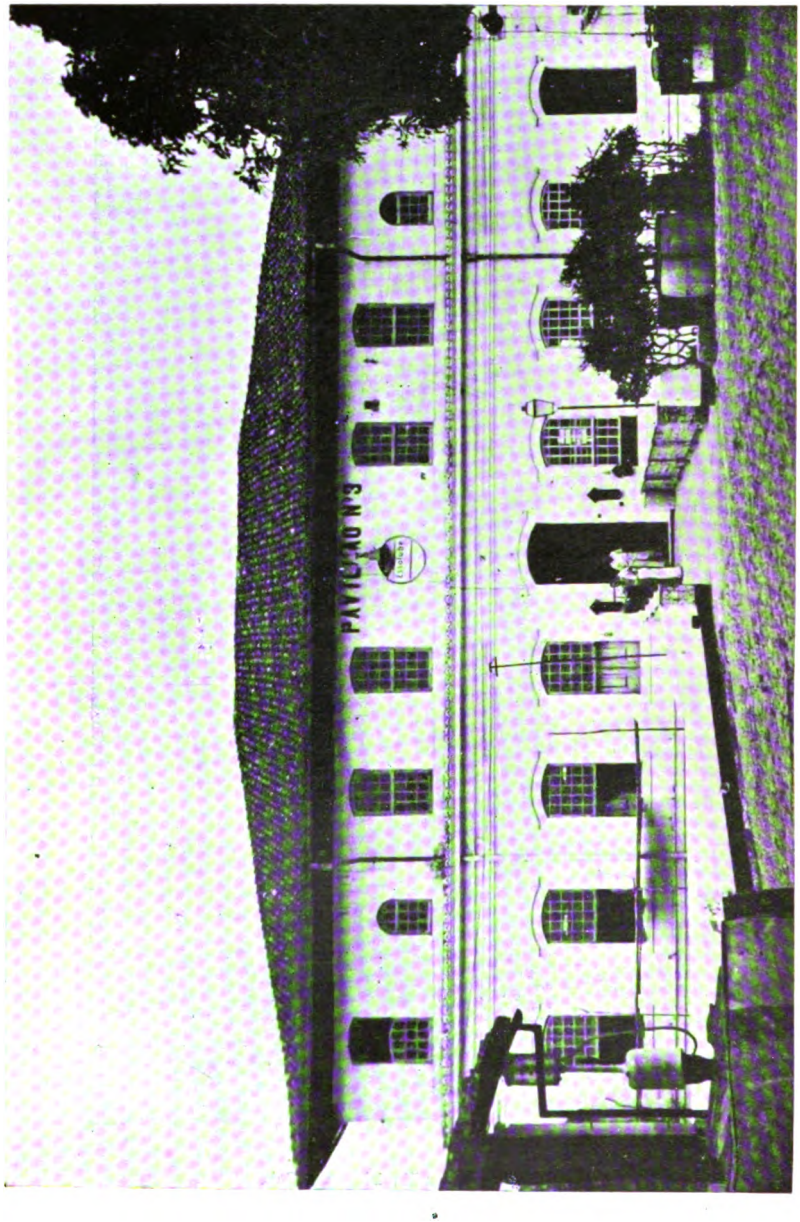
Corria então a lenda da existencia de grandes riquezas enterradas no solar e isto despertou a cobiça de caçadores de tesouros que para lá se encaminharam e começaram a dinamitar muros e paredes, chegando até a perfurar as imagens da capela. Foi justamente a ação dêsses pesquisadores de tesouros que apressou o desmoronamento do castelo.

Digitized by Google

Coronel Domingos Pires de Carvalho
Patriarca da familia Pires na Baía

(Retrato a oleo, de 1704, na Ordem Terceira do Carmo, na Baía)

Digitized by Google



O solar do Unhão, residencia dos Pires, no seculo XVIII (Estado atual)

Digitized by Google

Dos filhos do visconde da Torre, Domingos morreu solteiro e Garcia, que foi deputado provincial, representou a Baía na Constituinte de 89 e em diversas legislaturas federais, casou-se com d. Maria Capitolina de Teive e Argolo, deixando dêste consorcio a grande descendencia que hoje representa diretamente a Casa da Torre.

Para terminar, narrou-nos o dr. Garcia de Avila êste curioso fato histórico: Antes do inicio da luta armada pela Independencia na provincia da Baía, abriu-se na cidade de Cachoeira uma devassa para apurar a responsabilidade dos conspiradores contra as côrtes portuguesas, sendo pronunciado Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, irmão do visconde da Torre e mais tarde visconde de Pirajá, por querer aclamar Pedro I.º imperador do Brasil. Proclamada a Independencia, foi o processo levado à presença de D. Pedro, juntamente com outros documentos que provavam haver o visconde de Pirajá doado seus vencimentos militares à causa da Independencia e sustentado, à sua custa, o famoso batalhão do Terço da Torre de Garcia de Avila. Os jornais da época, comentando o despacho de D. Pedro que perdoou o visconde, publicaram longos artigos sôbre o fato (1).

* * *

Genealogia de um dos ramos da Familia Pires de Albuquerque

I — CEL. DOMINGOS PIRES DE CARVALHO — Deve ter chegado á Baía ainda muito moço antes de 1660.

Do termo de compromisso de Irmão Maiór da Santa Casa de Misericordia da Baía, prestado em 1603 consta que era: natural — da Freguezia de S. Pedro Serzedelo — Comarca de Guimarães — Arcebispado de Braga em Portugal: filho legitimo — de João Pires de Carvalho e Catarina Francisca; neto paterno — de Pedro Pires de Carvalho e de s. m. Catarina Gonsalves: neto materno — de Francisco Fernandes e de s. m. Isabel Francisca;

Casado com Maria da Silva, natural — da Baía, filha legitima — de Paulo Nogueira e Inês da Silva, neta paterna — de Sergio Nogueira e s. m. Maria Tomé, neta materna de Fernão Roiz da Silva e s. m. Isabel Ferrão, naturais de Valongo, termo da cidade do Porto.

(Livro 3.º, do Termo de Irmãos, copiado para outro que tomou o n.º 56).

Foi: Capm. de Infantaria, — Carta Patente de 22 de julho de 1686; Sargento-Mór de Ordenanças — Carta Patente de 9 de dezembro de 1688; Coronel do Regimento dos Distritos do Rio Real, Cotinguiba e Lagarto em Sergipe — Carta Patente de 9 de maio de 1781.

Dirigiu a construção da Casa da Moéda.

Do Alvará de 28 de janeiro de 1698, que a seu filho fez mercê do Habito de Cristo, consta que "exerceu os cargos de Almotacé, Procurador do Senado da Camara e de Tesoureiro Geral do Estado do Brasil, que

(1) "A Gazeta" (de S. Paulo), de 12-IV-1940.

Digitized by Google

fez emprestimos para o provimento da tropa e se houve com muito cuidado na reedificação da casa da moéda e bem assim na reedificação da Fortaleza de Sto. Antonio servindo ininterruptamente ao Estado, de 28 de junho de 1686 até 18 de maio de 1698".

Era um dos mais abastados comerciantes da época, na praça da antiga Capital. Familiar do Santo Oficio — Membro da Mesa da Santa Casa da Misericordia — Irmão Benemerito da V. O. 3.ª de São Francisco, foi tres vezes juiz e nesse caráter presidiu a cerimonia do lançamento da pedra fundamental do novo templo.

Dêle escreveu o cronista da Ordem: — *"Este Irmão foi insigne bemfeitor da Ordem. Por éla padeceu muitos trabalhos e com éla despendeu mais de vinte mil cruzados."* (Jaboatão — Novo O. S. Bras.).

Do L. de Tombos da Ordem (11 — 3 — fls. 27) consta que em 1706 instituio uma capéla para que por todo o tempo fossem rezadas missas por sua alma.

Na sacristia do Convento figura, perfeitamente conservado seu retrato a oleo, de tamanho natural. (Tenho copias deste retrato e dos documentos referidos.)

Faleceu em 1708.

II CAPITÃO-MÓR JOSÉ PIRES DE CARVALHO — Filho do precedente, natural da Baía, deve ter nascido de 1676 a 1678 (No alvará que lhe concedeu o habito de Cristo se lhe começam a contar os serviços, como soldado pago, de 9 de setembro de 1688).

Cavaleiro Professo na O. de Cristo, teve o fôro de fidalgo da Casa Real, por ALVARÁ DE 22 de AGOSTO DE 1730.

Comerciante e agricultor, "servio na praça da Baía 72 anos, efetivos, em praça de soldado pago e nos postos de: Capitão da Infantaria, Sargento — mór, Coronel, Capitão-mór de Ordenanças, tendo sido o 1.º provido neste posto.

Cartas patentes de — 11 de maio de 1701, confirmada 23 de Janeiro de 1702; 6 de novembro de 1702, confirmada em 1709; 28 de agosto de 1711, confirmada 6 novembro de 1712; 22 de março de 1720, confirmada em 1721, e 28 de agosto 1743, confirmada 14 de março de 1744.

Foi dez vezes vereador do Senado da Camara — 1702 — 1750. Foi também Procurador da Fazenda da Serenissima Rainha D. Mariana da Austria. Casou-se em 8 de novembro de 1699 com Da. Tereza Cavalcanti de Albuquerque, filha legitima de Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti e Albuquerque e D. Antonia de La Penha Deus-dará, neta paterna — de Francisco de Vasconcellos Cavalcanti e Albuquerque e s. m. Antonia Lobo; neta materna — de Simão da Fonseca de Cerqueira e s. m. Francisca de La Penha Deus-dará.

Faleceu o Capitão-Mór José Pires de Carvalho em 11 de junho de 1759.

III — Dr. JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE — Filho do precedente. Presumo ter nascido de 1703 a 1705.

Digitized by Google

Capitão Mór Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque
Cunhado do Visconde da Torre

(*Retrato a oleo no Instituto Historico da Baía*)

Digitized by Google

D. Maria Epiphania de S. José e Aragão
Irmã do Visconde da Torre.

(*Retrato a oleo no Instituto Histórico da Baia*)

Digitized by Google

Simões da Fonseca, no seu Dicionário Enciclopedico, indica, entretanto, o ano de 1701 como sendo o de seu nascimento.

É manifesto o engano: nesse ano nasceu seu irmão mais velho, o Mestre de Campo Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Fez o curso de Direito, na Universidade de Coimbra; foi jurisconsulto e poeta, assim como: ouvidor e Provedor da Comarca de Alemquer, cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, fidalgo C. da Casa Real, por Alv. de 22 de setembro de 1731, alcaide Mór de Maragogipe, C. Regia de 9 de fevereiro de 1754 e secretario da Guerra e Estado do Brasil, por cuja propriedade hereditaria pagou, da primeira vez 42.000 cruzados e de outra, 80.000.

Foi procurador da Real Fazenda Alv., de 8 de maio de 1761 e exerceu, tambem, o cargo de provedor da Alfandega.

Socio fundador e Censor da "Academia dos Renascidos", apenas duas das suas produções poéticas chegaram aos nossos dias: um poemeto sacro e um soneto. O primeiro foi publicado em Libsoa em 1759, com o seguinte parecer dos censores nomeados pela Academia!

"Este livro que VV. SS. nos mandam vêr e pretende dar á luz o seu autor, nosso academico e doutissimo censor o Sr. Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, contém em si materias tão sublimes e cantos tão suaves que parece ser todo inspirado do Céu, ainda que organizado na terra, favor na verdade particular de que foi dotado o autôr, não só como devoto, mas como poeta.

Coelo musa venit — cantou Horacio e Ovidio: *Impetus hic sacrae semina mentis habet.*

He o soberano objecto desta obra a Imperatriz do Céo Maria Nossa Senhora.

He tão sublime a musa do nosso academico que a sair do eminente cume do Parnaso só passaria, como passou ao mais elevado apice do Olympo.

Feliz ideia, divino furor, soberana inspiração que de todo se emprega em formar harmoniosos cantos, que mais parecem angelicos do que humanos. Nelas se encontram profundos misterios, neles os versos são terços e por eles merece o Autor não só a licença que pede para a impressão, mas uma bem tecida coroa em premio de tão agradavel trabalho.

Baía 5 de agosto de 1759.

(a) Conego João de Barros — Tesoureiro Mór da Sé da Baía — Protonotario Apostolico e Dezembargador numerario da Relação Eclesiastica.

Dr. João Ferreira Bittencourt e Sá — Juiz de Fóra do civel e crime da Cidade da Baía, Provedor da Capelas e Residuos, Defuntos e Ausentes.

Este poemeto tinha por titulo:

"Culto metrico. Tributo obsequioso que as aras da Sacratissima Pureza de Maria Santissima, Senhora nossa e Mãe de Deus, dedica, offerece e consagra, pelas sagradas mãos do Exmo. Revmo. Snr. D. José Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz Eclesiastico do Brasil, do

Digitized by Google

Conselho de S. M. Fidelissima e Presidente do S. Tribunal da Mesa de consciencia, dos seus escravos o mais rendido.

Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque — Fidalgo da Casa S. M. Doutor nos Sagrados Canones — Ouvidor e Provedor que foi da Comarca de Alemquer, Cav. Professo na O. de Christo, Alcayde-mor de Maragogipe, Secretario de Estado e Guerra do Brasil, Censor da "Academia Brasilica dos Esquecidos."

Casou-se o Dr. José Pires de Carvalho e Albuquerque com Da. Isabel Joaquina de Aragão, filha legitima de Domingos da Costa e Almeida e Brites da Rocha Pita; neta paterna do T.e G.al Rodrigo da Costa e Almeida e s. m. Ana Duque; neta materna de Sebastião da Rocha Pita (autor da 1.ª historia do Brasil) e sua mulher Ana de Aragão, neta de D. Baltasar de Aragão e Souza, 4.ª neta de Caramurú.

Faleceu em 4 de setembro de 1774.

IV — JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, secretario de Estado e cap.mór. Filho do precedente — Nasceu em 15 de maio de 1756.

Sucedeu a seu pai nos titulos e oficios de sua casa e foi: cavaleiro Professo da O. de Christo, fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Alcaide Mór de Maragogipe, secretario de Estado e Guerra do B. Cta. Regia, de 17 de julho de 1780, cap. mór de Ordenanças. Cta. Regia de 15 de dezembro de 1731, intendente de Marinha, Procurador da Fazenda Real e Provedor da Alfandega. Dentre outros serviços prestados no cargo de Secretario de Estado deve-se lhe o da restauração dos documentos relativos ao periodo colonial que formam a mais preciosa parte do opulentissimo arquivo do Estado da Baía, sem segundo no Brasil. (Rev. de Guimarães).

Casou-se com sua prima (23 de abril de 1777), Ana Maria Pires de S. José e Aragão, filha legitima do Mestre de Campo José Pires de C e Albuquerque e de Leonor Pereira Marinho; neta paterna do T.e G.al Salvador Pires de C. Albuquerque (Irmão de seu pai) e de s. m. Joana Cti. de Albuquerque; neta materna do M.al de Campo Francisco Dias de Avila e de s. m. Catarina C. de Aragão.

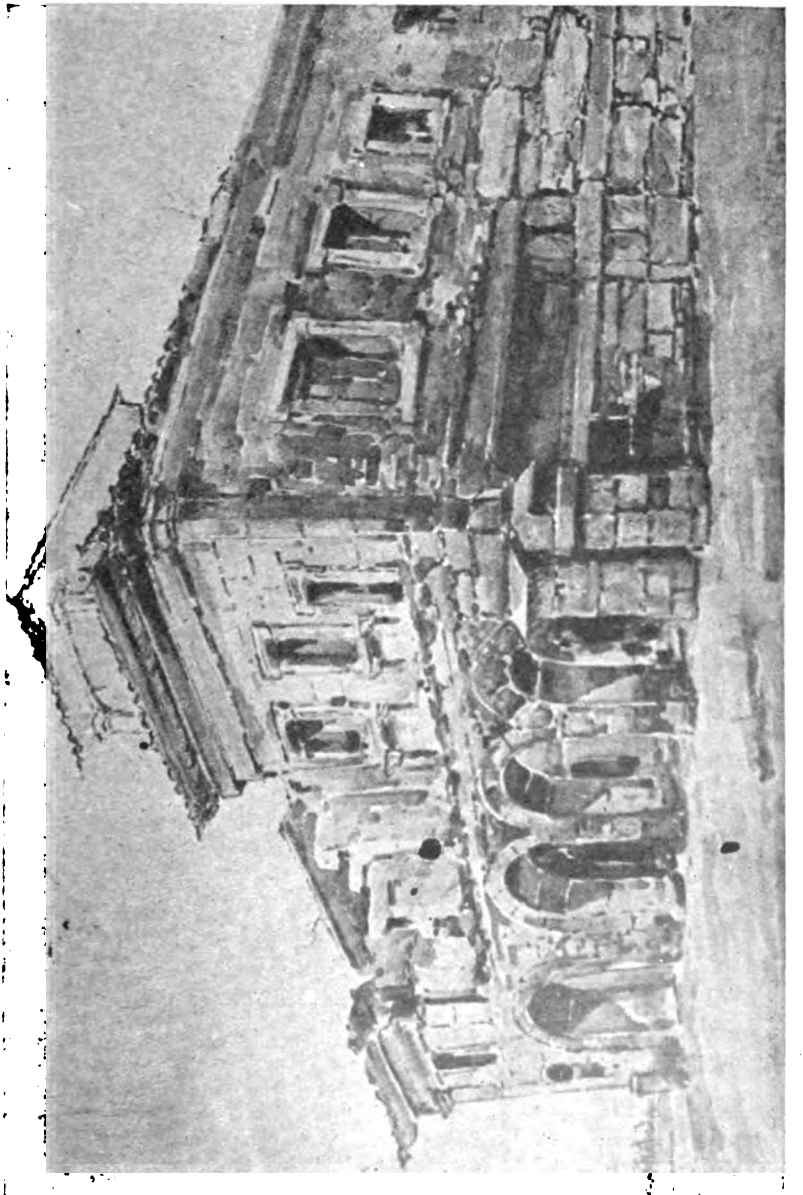
Com Ana Maria, sobrinha do ultimo Garcia e de Avila, falecido, sem descendentes, em 1805, passou aos Pires e Albuquerque o morgado e Senhorio dos Avilas.

Ignoro a data do seu falecimento.

V — ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (Cel.) — Filho legitimo do precedente, nasceu na capital da Baía em 1779. Sucedeu a seu pai nos titulos, vinculos e oficios de sua casa, renunciando em favor de seu irmão Francisco, o de Secretario de Estado. Por sua mãe sucedeu igualmente no Senhorio e Morgadio da legendaria Casa da Torre de Garcia de Avila, de que foi o ultimo Senhor e Administrador; pois que a Lei de 6 de outubro de 1835 declarou extintos os antigos morgadios.

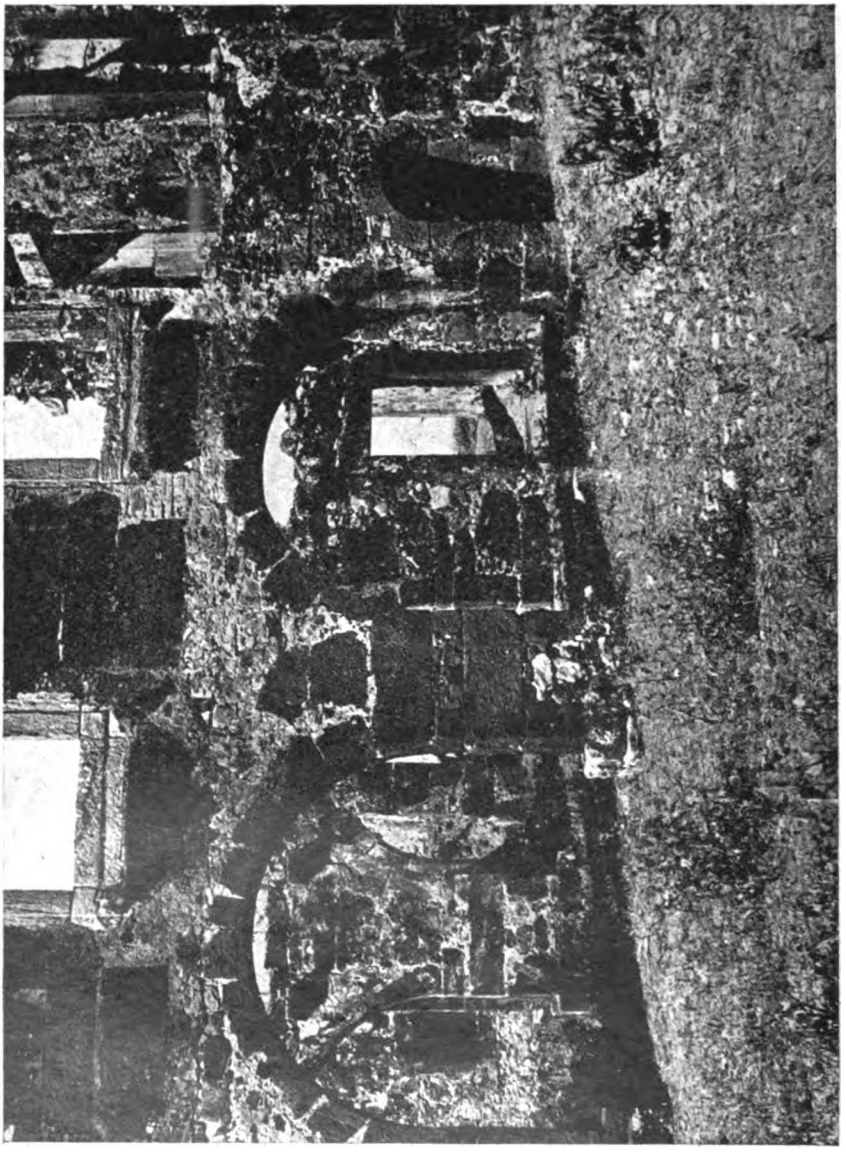
A Casa da Torre de Garcia de Avila, cujos alicerces contam os anos pela idade dos fundamentos em que assenta a antiga Capital, tinha sido

Digitized by Google



Castelo da Torre. Aquarela de A. Norfim, 1938

Digitized by Google



Ruinas da Casa da Torre: Arcos de um dos pátios. (Foto do Dr. Edgar Falcão, 1939)

Digitized by Google

nesse largo periodo de duzentos anos o centro de irradiação do movimento colonizador nesta região do Pais. Atalaia vigilante no litoral contra a incursão de estrangeiros, foi à sombrà de seus muros que se orgnizaram as expedições, que, combatendo o gentío, vencendo e transpondo os obstaculos das distancias, dos rios, das montanhas, da floresta virgem e do desconhecido, penetraram os sertões, chegaram ao Ceará e ao Piauí, semeando campos de cultura e de criação, que foram os nucleos dos primitivos povoados, hoje vilas e cidades da região nordestina.

Traço caracteristico destes pioneiros da nossa civilização, e que lhes realça o merecimento.

Não foram simples sertanistas à aventura do descobrimento de minas com que, enriquecidos, tornassem ao velho mundo.

Presentiram o futuro. Radicaram-se ao solo e o dilataram, povoaram, cultivaram e defenderam, mourejando num esforço que se transmitiu de geração em geração, consciente e sistematico, para a construção de uma nova pátria.

Marco inicial dessa grandiosa empresa foi o castelo que o primeiro deles começou e seus descendentes concluiram e aumentaram, cujas ruinas ainda lutam com o tempo na colina que sobranceia a enseada de Tatuapara, no litoral baiano.

Aos que lhes vieram, por linha materna, a suceder, coube a taréfa, não menos gloriosa, de completar a obra, pugnando pela libertação da pátria, já então construida. E deste legado não desmereceram.

Dos filhos de D. Ana Maria de S. José e Aragão, bisnetos do ultimo Francisco de Avila, um, — o Secretario de Estado, Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, mais tarde *Barão de Jaguaripe* e Grande do Imperio, foi presidente da Junta que governou a Provincia e providenciou sobre as necessidades da campanha. Outro, o Cel. de linha, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, depois Brigadeiro, Grande do Imperio e *Visconde de Pirajá*, logo organisou e comandou a primeira tropa que se apresentou no teatro da luta, e poz sitio à Capital, onde ficaram encerradas as forças inimigas. Outro, finalmente, o Cel. Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, pondo o seu prestigio, a sua fortuna e a vida ao serviço da causa nacional, organizou e comandou, na Torre de Garcia de Avila, a base de operações do exercito libertador.

Do apreço com que foi recebida a sua atitude, do valor por que foi pesado o seu concurso é significativa expressão o fáto de ter sido o unico titular feito no dia da coroação; primeiro e, durante dois anos, unico titular brasileiro.

Junto copia fotografia deste titulo que está no Arquivo P. Nacional.

Foi elevado a Visconde do mesmo titulo por Decr. de 12 de julho de 1841. Era Grande do Imperio, Gentil homem da Imperial Camara, Oficial e Comendador da O. de Cristo. Teve a medalha da Independencia e foi Conselheiro da Provincia. (Vide Revista do I. H. Brasileiro 2 trim. de 1867, e, Borges de Barros — Bandeirante e Taunay — Grandes vultos da Independencia".

Digitized by Google

Casou-se com sua sobrinha Ana Maria de S. J. e Aragão, filha legitima de seu irmão, o Visconde de Pirajá.

Faleceu o Visconde da Torre em 5 de dezembro de 1852, deixando dois filhos varões: Domingos Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque, que morreu sem descendencia, e Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque, que adiante segue.

VI — GARCIA DIAS PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE — Filho legitimo do precedente, nasceu na Capital da Baía em 29 de setembro de 1840.

Fez o curso da Academia de Direito de Recife onde recebeu o gráu de Bacharel em ciencias juridicas e Sociais.

Agricultor, politico, jornalista, espirito culto de viva inteligencia, sempre aberta as novas idéas liberais, orador correto e fluentissimo, foi: Secretario da Provincia, deputado provincial em varias legislaturas, deputado à Constituinte Nacional de 1891, senador Estadual e deputado federal em outras legislaturas.

Faleceu em 15 de julho de 1917.

De seu casamento com D. Maria Capitolina de Teive e Argolo, filha legitima do Cel. Miguel de Teive e Argolo e de D. Maria Murta de Pina e Melo, neta pelo lado paterno de João de Teive e Argolo e s. m. D. Maria da Assunção Freire de Carvalho e pelo materno de José Maria de Pina e Melo e de s. m. D. Joana Gomes Ferrão Castelo Branco — existem os seguintes filhos varões:

VII — 1.º — ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, bacharel em direito, — deputado a Assembléa Constituinte da Baía e à legislatura seguinte, — Juiz federal no Estado do Rio e depois na Capital, Ministro do S. Tribunal Federal — e durante 11 anos, Procurador Geral da Republica, hoje aposentado;

VII — 2.º — JOSÉ JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, com o curso da Escola Militar, professor da mesma Escola e da de Porto Alegre, General de Divisão, (Reformado); pai do Dr. Guilherme Pires de Carvalho e Albuquerque, oficial de Gabinete do Chefe de Policia de S. Paulo (1).

VII — 3.º — GARCIA DIAS DE AVILA PIRES, bacharel em Direito, — Ministro do Supremo Tribunal Militar (2).

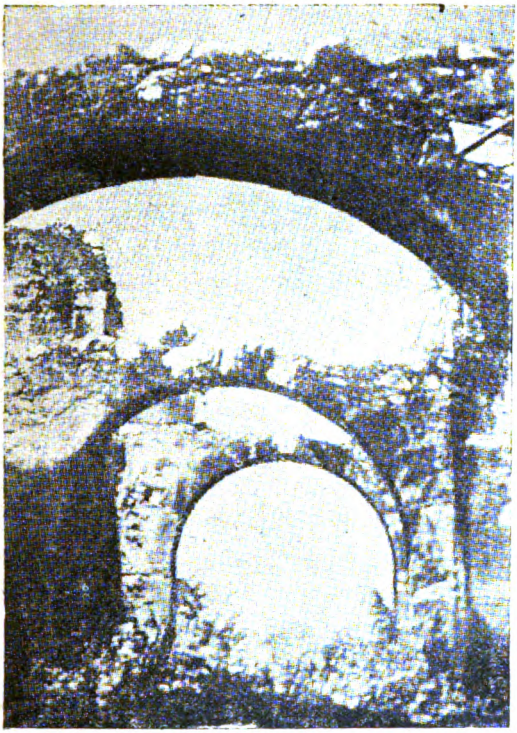
VII — 4.º — MANOEL PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, Engenheiro civil e Chefe de Divisão na E. F. C. B.

VII — 1.º — ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (Ministro). Primogenito do Dr. Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque e de sua mulher Da. Maria Capitolina de Teive e Argollo, nasceu na Baía (Comarca de Santo Amaro) em 5 de Fevereiro de 1865. Bacharelou-se em

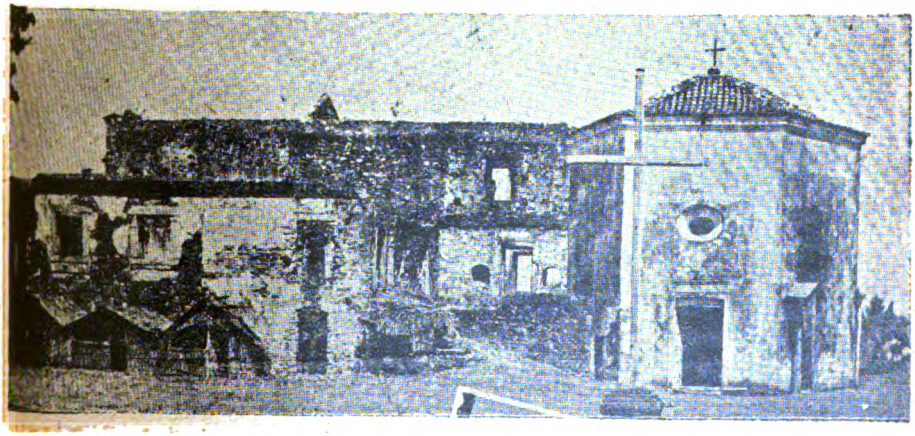
(1) Membro Efetivo do Instituto Genealogico Brasileiro. Vêr Anuario Genealogico Brasileiro, III.º vol. (1941), *"Visconde da Torre de Garcia de Avila"*, onde constará sua familia.

(2) Idem.

Digitized by Google

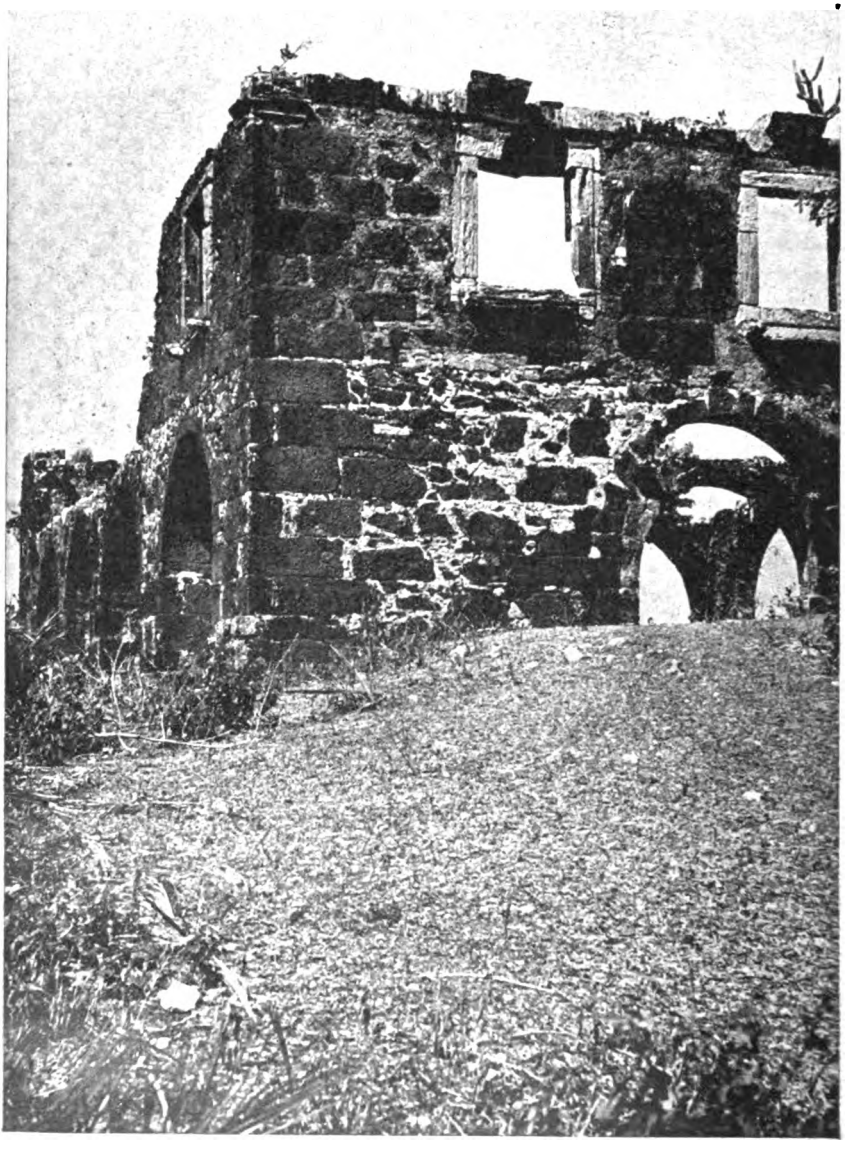


Arcadas em ruinas, de um corredor do castelo.



Trecho do Castelo, vendo-se uma capela construida atualmente pelos moradores das proximidades, (Reportagem de Azevedo Marques, para o Cruzeiro)

Digitized by Google



Ruinas da Casa da Torre. Um dos angulos, frente ao oceano.
(Foto do Dr. Edgar Falcão, 1939)

Digitized by Google

Direito na Faculdade do Recife. Durante 4 annos foi Promotor Publico nas Comarcas de Maracás, Alagoinhas e Vila de São Francisco. Proclamada a Republica foi eleito Deputado á Constituinte do Estado. Fez ainda parte da legislatura seguinte. Reingressou na Magistratura sendo nomeado juiz Federal no Estado do Rio. Creada a 2.ª vara Federal na Capital Federal foi para ela removido. Deixou esse cargo para assumir o de Ministro do Supremo Tribunal Federal, para o qual foi nomeado por Decreto de 16 de Maio de 1917. Nomeado Procurador Geral da Republica, em 6 de Agosto de 1919, exerceu este cargo até Fevereiro de 1931, quando foi, com a vitoria da revolução, aposentado compulsoriamente. E' socio benemerito do Instituto Historico da Bahia, socio fundador da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, socio do Instituto dos Advogados Brasileiros e foi membro do Tribunal Arbitral — Minas — v — Espirito Santo, presidente do Tribunal Arbitral — Mato Grosso — v — Goiás e membro da Liga de Defeza Nacional.

Casou-se na Baía, em 2 de Abril de 1882, com D. Maria Joaquina Bulcão Viana, filha legitima do Dr. Francisco Vicente Viana e de D. Luiza Flora de Aragão Bulcão, neta pelo lado paterno dos Barões do Rio de Contas e pelo lado materno dos Barões de S. Francisco. Tem os descendentes que abaixo se indicam.

VIII — 1.º — MARIA LUIZA PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, nasceu na Baía em 24 de Dezembro de 1892. Casou-se em 2 de Abril de 1914 com o Dr. Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque. E' hoje viuva e tem uma filha: Maria Helena Pires de Carvalho e Albuquerque, nascida a 3 de Maio de 1916.

VIII — 2.º — GARCIA DE AVILA PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, nasceu na Baía em 22 de Dezembro de 1893, fez o curso do Colegio Militar e da Escola Naval, fez parte da oficialidade da esquadra enviada para participar da guerra européa de 1914, fez parte da Comissão de limites entre o Brasil e Perú, esteve durante 2 annos servindo na Esquadra Americana do Pacifico, tem a cruz de guerra e a medalha de mérito militar. E' hoje Capitão de Corveta. Casou-se em 20 de Setembro de 1928, com Da. Alcira M. de Campos Sales, filha legitima do Dr. Alfredo de Campos Sales e D. Lucila de Campos. Tem os filhos seguintes: Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque Neto, nascido em 28 de Janeiro de 1930; Luiz Eduardo Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido em 1.º de Agosto de 1933.

VIII — 3.º — MARIA CAPITOLINA PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, que nasceu na Baía, em 29 de Julho de 1895: casou-se no Rio, em 26 de Fevereiro de 1915, com o Dr. Murilo de Souza Campos, filho legitimo do Major João de Souza Campos e de Da. Olympia de Campos. Tem os filhos seguintes: João Joaquim Pires de Souza Campos, nascido em 16 de Maio de 1916; Maria Rosalia de Souza Campos, nascida em 11 de Novembro de 1917; e Murilo Pires de Souza Campos, nascido em 4 de Janeiro de 1931.

VIII — 4.º — FRANCISCO DE AVILA PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, que nasceu na Baía em 3 de Outubro de 1896; é Bacharel em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro. Foi oficial e chefe de secção da Secretaria do S. T. Militar, adjunto de Promotor e é hoje Promotor Publico na Capital da Republica. Casou-se com sua prima Maria Luiza Pires Bulcão Viana; não tem filhos.

VIII — 5.º — MARIA JOAQUINA PIRES DE C. E ALBUQUERQUE, que nasceu na Capital Federal em 1 de Maio de 1898. Casou-se em 24 de Janeiro de 1920 com o Engenheiro Civil Feliciano de Souza Aguiar, filho legitimo do General Benjamim de Souza Aguiar e de Da. Emilia da Rocha Dias. Tem as duas filhas seguintes: Maria Emilia Pires de Souza Aguiar, nascida em 2 de Janeiro de 1921, hoje casada com o Tenente Altino Cunha; Maria Feliciana Pires de Souza Aguiar, nascida em 16 de Abril de 1922.

VIII 6.º — MARIA DE LOURDES PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, que nasceu em Petropolis a 7 de Fevereiro de 1900. Casou-se em 15 de Dezembro de 1925 com o Dr. (hoje Desembargador) Augusto de Saboia Lima, filho legitimo do Almirante Dr. Augusto da Silva Lima e de Dona Julieta de Saboia. Tem os 3 filhos seguintes: Antonio Alberto de Saboia Lima, nascido em 26 de

Digitized by Google

Setembro de 1926; Fernando Pires de Saboia Lima, nascido em 11 de Junho de 1928; e Maria José Pires de Saboia Lima, nascida em 15 de Junho de 1939.

VIII — 7.º — MARIA REGINA PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, que nasceu em Niteroi em 17 de Dezembro de 1904. Casou-se em 15 de Setembro de 1925 com o Dr. Luiz de Souza Aguiar, filho legitimo do General Benjamim de Souza Aguiar e de Dona Emilia da Rocha Dias. Tem os filhos seguintes: Reginaldo Luiz de Souza Aguiar, nascido em 22 de Julho de 1926; Maria Luiza Pires de Souza Aguiar, nascida em 30 de Junho de 1929.

VIII — 8.º — MARIA ANTONIETA PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, que nasceu em Niteroi em 4 de Maio de 1907. Casou-se em 20 de Dezembro de 1928 com o Dr. Luiz Gallotti, filho legitimo de Benjamim Gallotti e de Dona Francisca Angeli. Tem os seguintes filhos: Luiz Octavio Pires Albuquerque Gallotti, nascido em 27 de Outubro de 1930; Maria Lucia Pires Albuquerque Gallotti, nascida em 3 de Novembro de 1935.

VIII — 9.º — ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE FILHO, que nasceu na Capital Federal em 27 de Abril de 1913. E' Bacharel em Direito e Advogado.

JUSTIFICAÇÃO DE NOBREZA PROCESSADA E JULGADA A REQUERIMENTO DE JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, EM 1779. (*)

ESTA JUSTIFICAÇÃO E OS DOCUMENTOS QUE A INSTRUIRAM CONSTAM DO "INVENTARIO DOS DOCUMENTOS RELATIVOS AO BRASIL EXISTENTES NO ARCHIVO DA MARINHA E ULTRAMAR DE LISBOA" (PUBLICAÇÃO NA BIBLIOTECA NACIONAL) V. 5 - PAG. 158.

Copia dos itens de uma justificação processada e julgada a requerimento do Secretario de Estado do Brasil *José Pires de Carvalho e Albuquerque* em 1779 e existente no Archivo Publico da Bahia.

I — "que o supplicante é filho legitimo do Dr. José Pires de Carvalho e Albuquerque, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro Professo na O. de Christo, Alcaide Mór de Maragogipe, Secretario do Estado e Guerra do Brasil, que servio tambem de Provedor da Alfandega desta cidade, Procurador da Fazenda da Snra. Rainha Da. Maria Victoria e antes Ouvidor e Provedor da Comarca de Alenquer, e de sua mulher Da. Isabel Joaquina de Aragão, de cujo matrimonio tambem foi filho outro do mesmo nome, já fallecido e é o mesmo de que se faz menção na escriptura de renuncia de serviços ao Supplicante".

II — "que é neto pela parte paterna de José Pires de Carvalho, Cavalleiro Professo na O. de Christo, Fidalgo da Casa Real por Alvará de 22 de Agosto de 1637 e que servio a S. M. F. nesta praça da Bahia 72 annos effectivos em praça de soldado pago e nos postos de Capitão de Infantaria da Ordenança, Sargento-Mor e Coronel do Regimento do Districto do Rio Real, do qual passou para o da Matta de S. João, Inhambupe e Itapicurú de Cima e depois de Pirajá e Praça desta mesma Cidade e ultimamente de Capitão-Mór das Ordenanças della por carta Patente do Vice Rey do Estado o Conde das Galveas de 28 de Agosto de 1743, sendo o primeiro em que se proveu o dito posto e Procurador da Fazenda da Serenissima Rainha a Snra. Da. Mariana de Austria, alem de outros empregos da Republica".

III — "que pela mesma via paterna é bisneto de Domingos Pires de Carvalho, Cavalleiro Professo na O. de Christo, que tambem servio a S. M. nesta praça por espaço de 21 annos, 2 mezes e 19 dias até o anno de 1708 em que falleceu, nos postos de Capitão de Infantaria, Sargento Mór de Ordenanças e de Coronel dos Districtos de Rio Real da Capitania de Sergipe D. El Rey, sendo encarregado pelo Governador D. João de Alencastre por Portaria de 28 de Maio de 1694 da admi-

(*) Observada a ortografia do original (N. da R.).

Digitized by Google

nistração da obra da Casa da moeda desta Cidade, que elle construio em utilidade de S. M. e beneficio publico".

IV — "que pela mesma via paterna é o Supplicante tambem bisneto de Balthazar de Vasconcellos e Albuquerque, que tambem occupou os cargos da Republica e de sua mulher Da. Antonia de La Penha Deus Dará que era filha legitima de Simão da Fonseca de Cerqueira, Cavalleiro Professo na O. de S. Thiago, que servio a corôa nesta Cidade da Bahia em todas as occasiões de guerra por cujo motivo lhe foi conferido o fôro de Fidalgo Cavalleiro por Alvará de 7 de Agosto de 1766 e de sua mulher Da. Francisca de La Penha Deus Dará, filha legitima de Manoel Alvares, a quem o Serenissimo Rey D. João IV fez mercê do fôro de Fidalgo com o titulo de Deus Dará, fazendo solar na sua casa com cota de armas pelos relevantes serviços que lhe havia feito na Capitania de Pernambuco, no tempo da guerra com os Hollandeses, pelos quaes tambem lhe fez mercê da propriedade dos Officios de provedor da Fazenda Real e Alfandega da mesma Capitania, do qual tambem foi filho legitimo o licenciado Simão Alvares de La Penha, que exercitou por algum tempo os lugares de Auditor Geral do Exercito de Pernambuco, de Provedor da Fazenda Real, Ouvidor Geral do Rio de Janeiro e demais capitanias do Sul, enviado pelo Marquez de Montalvão — Vice Rey do Estado ao Conde de Nassau sobre negocios da Corôa, e ultimamente ser nomeado Desembargador dos Aggravos da Relação da Bahia de que tomou posse aos 3 de Março de 1653".

V — "que pela mesma via paterna é o Supplicante sobrinho legitimo de Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Cavalleiro Professo na O. de Christo, Capitão de Infantaria de um dos terços pagos da Guarnição desta Praça, de que era Mestre de Campo, João dos Santos Ala com o exercicio de ajudante das ordens do Governo e Alcayde Mor desta Cidade da Bahia por Provisão de 19 de Junho de 1743 e que deu a Real Fazenda de donativo 25.000 cruzados, por ser o dito irmão inteiro e legitimo do dito seu pae e avô paterno da mulher do justificante, primogenita e successora da casa delle Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque".

VI — "que o justificante é casado com Da. Anna Maria de S. José e Aragão, sua prima segunda e neta por via paterna do dito Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque irmão do dito seu pae e avô paterno da mulher do Supplicante, primogenita e successora de seu pae, que servio a corôa na tropa paga nos postos de Capitão-Mór de Ordenanças e de Mestre de Campo de Auxiliares da mesma cidade de Pirajá e que emprestou gratuitamente a Real Fazenda para a expedição do comboio — 50.000 cruzados e é ella a successora de sua casa dos morgados e vinculos que administra".

VII — "que por via materna é neto de Domingos da Costa e Almeida, Cavalleiro Professo na O. de Christo, Provedor da Alfandega desta cidade e Cel. que foi das Ordenanças da Villa de Cachoeira e Paraguassú e depois da Praça desta Cidade e de sua mulher Da. Brites da Rocha Pitta, que era filha legitima de Sebastião da Rocha Pitta, Fidalgo por Alvará de 30 de Maio de 1701 e de sua mulher Da. Anna de Aragão".

VIII — "que Da. Anna de Aragão, bisavó materna do Supplicante era filha legitima de Christovão Cavalcanti de Albuquerque, que tambem servio muitos annos a S. M. sendo Capitão de Infantaria da Patatiba em Sergipe do Conde por carta do Governador Francisco Barreto de Meneses de 1 de Setembro de 1657, de cujo posto passou para Maragogipe e Paraguassú por patente de Abril de 1659 e ultimamente de Coronel de Capanema, como se mostra pelas certidões juntas — e de sua primeira mulher e prima Da. Isabel de Aragão, filha legitima de Francisco de Araujo e Aragão e neta de Balthasar de Aragão e Souza, que governou a Bahia na ausencia de D. Diogo de Meneses, e de sua mulher Da. Maria de Araujo, que erão 4.os avós do supplicante".

IX — "que pela mesma via materna é sobrinho em 3.º grão de Francisco de Araujo e Aragão e em 2.º de Manoel de Araujo e Aragão, seu filho, ambos alcaydes-mor da Bahia por Provisão de 30 de Março de 1707 e 1 de Março de 1687".

X — "que por essa mesma via é sobrinho no mesmo grão do Cel. Manoel de Araujo e Aragão a quem D. Pedro II fez mercê de Senhor e Donatario de uma villa que a sua custa fundasse nas terras de Maracaz desta Capitania da Bahia".

Digitized by Google

REFERÊNCIAS AO ANUARIO E Á REVISTA

Do dr. João José Maria Francisco Rodrigues d'Oliveira, medico em Funchal (Ilha da Madeira) e genealogista de renome:

"Recebi a Revista; peço-lhe licença para salientar-lhe a minha satisfação pelo valor e natureza dos assuntos nela tratados, pois esta é uma das mais bem organisadas de todas as Revistas literarias que tenho visto, pelo que muito felicito o Instituto".

Do Dr. João Lellis Vieira, Diretor do Archivo Publico de S. Paulo:

"...magnifica *Revista...*".

Do escritor João Dornas Filho, de Minas:

"...magnifico volume do *Anuario Genealógico Brasileiro* (1.º vol.)".

Do Dr. José Valdomiro de Carvalho, do Ceará:

"Para honra minha, recebi, ôntem, o número 1, I.º semestre de 1940, da *Revista Genealógica Brasileira*, que Vossa Sria. me enviou. E' um monumento de cultura, grandeza e pensamento. Honra, sobremodo, a inteletualidade brasileira e muitissimo contribue para a elevação da nossa cultura, mórmente nestes tempos em que mais valem para a sociedade os jogadores de futebol e os nadadores de piscina".

Da Exma. Snra. D. Lizeta Oswaldo Cruz Vidal, do Rio de Janeiro:

"Aproveitando a opportunidade, felicito-o vivamente pela interessante Revista Genealógica...".

Do Dr. Manuel Augusto Velho da Motta Maia, filho do Conde da Motta Maia:

"...cumprimenta atenciosamente, agradecendo a remessa da Revista do Instituto, como sempre, muito interessante".

Do Dr. Mario Torres, da Bahia:

"...n.º 1 da *Revista Genealógica Brasileira*, magnifico na forma e na confecção".

Do prof. Olympio Gonzaga, de Paracatú, na "Gazeta do Triangulo", de 7 de setembro:

"Na capital paulista, o Tenente-Coronel Salvador de Moya, com um pugilo de homens ilustres conseguiu fundar um Instituto Genealógico, em cuja séde está sendo publicada uma importante Revista. Dou parabens ao Tenente-Coronel Salvador de Moya e seus ilustres companheiros, porque foram os pioneiros destes importantes estudos, que fazem o vinculo, a união da familia brasileira".

Do Prof. Percy Alvin Martin, da Universidade de Stanford:

Please accept my sincere thanks for your courtesy in sending me the recent numbers of the *Revista Genealógica Brasileira* which I have looked over with much interest. I need hardly tell you that these reviews contain data of great interest to the student of history like myself.

(*Tradução*):

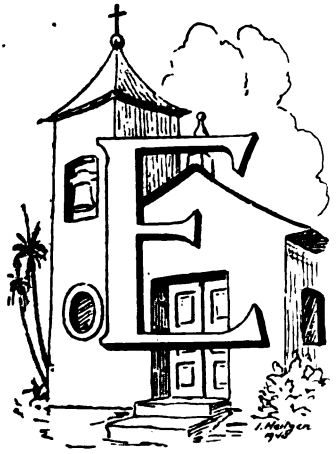
Queira acceitar os meus sinceros agradecimentos pela sua cortesia em me enviar os recentes numeros da Revista Genealogica Brasileira que examinei com o maior interesse. Devo frizar a V. S. que essas revistas contêm dados de grande interesse para estudantes de historia como eu.

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO RIO DE JANEIRO (ESTADO)

Comendador Claudio do Couto e Souza



ALBERTO LAMEGO
(Da Academia Campista de Letras)

ERA o Comendador Claudio do Couto e Souza, filho do Sargento-mór Simão do Couto e Souza Valente e de d. Eugenia Maria de Souza, nasceu em Tibalde, bispado de Vizeu em 19 de outubro de 1806.

Deixou Portugal em 1823, chegando a Campos nesse mesmo ano.

A sua mãe antes da sua partida "lhe déra como brinde duas peças de ouro, uma de 6$400 e outra de 3$200, unica recomendação e proteção que o acompanhou e que nunca foi preciso gastar, ao que deu o nome de varinha de condão, hoje de alto valor e que será entregue a quem disponho para servir de condão de felicidade".

Esta declaração se acha no seu testamento, e este legado seria entregue ao seu bisneto ou tataraneto que tivesse a idade de 17 annos, a mesma que tinha quando veiu para o Brasil e recebeu-o o dr. *Alberto Lamego Filho,* que tinha essa idade quando falecera o comendador Claudio.

Seguiu a principio a carreira comercial, onde iniciou a sua fortuna.

Entregou-se depois à lavoura, abrindo a importante fazenda do Destino, em Murundú, adquirindo depois a dos Airises, de dona *Maria Joaquina do Nascimento,* filha primogenita do coronel *Joaquim Vicente dos Reis* e de da. *Josefa Bernardina do Nascimento,* e que se casára em segundas nupcias com o dr. *Diocleciano Cesar do Amaral,* pois o seu primeiro marido, capitão *Paulo Francisco da Costa Viana,* tinha falecido em 13 de maio de 1831.

Neste mesmo ano, aos 19 de dezembro, o comendador *Claudio do Couto e Souza* casou-se no Oratorio da Fazenda dos Airises com d.

Digitized by Google

Maria Francisca de Souza Lima, filha de *João Manoel de Lima* e de d. *Felizarda Maria da Conceição*.

A sua esposa faleceu em 18 de fevereiro de 1865, sendo sepultada no cemiterio de S. Francisco.

O atual predio da Fazenda dos Airises foi construido pelo comendador Claudio. Em frente existia um belo jardim, cercado por gradis de ferro, ostentando as suas pilastras magnificas estatuetas portuguêsas.

Nos fundos foi edificado o engenho de assucar, movido a maquina e que foi demolido em 1896.

A antiga morada do capitão *Paulo Francisco da Costa Viana* era localizada mais perto do rio.

Comendador Claudio do Couto e Souza

Ali nasceram os seus filhos:

—— *Dr. Joaquim Francisco Viana*, bacharel em Sciencias Mathematicas pela Universidade de Coimbra, deputado à Assembléa Legislativa da Provincia do Rio de Janeiro, de 1835 a 1843; deputado à Assembléa Geral pela mesma Provincia de 1844 a 1845 e de 1849 a 1853; ministro da Fazenda no Gabinete de 20 de janeiro de 1843; senador do Imperio pela Provincia do Piauí em 19 de abril de 1853; vice-presidente do Tribunal do Thesouro e diretor geral da Contabilidade, na mesma Repartição; commendador da Ordem de Christo e um dos fundadores do Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Era casado com d. Leopoldina Pena Viana.

—— *Dr. José Francisco Viana*, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu por varias vezes o cargo de vereador da Camara Municipal de sua terra natal, tendo sido por diversas vezes seu presidente; deputado à Assembléa Legislativa da Provincia do Rio de Janeiro, de 1850 a 1853; coletor em Campos e em S. Fidelis e a sua grande Fazenda abrangia o atual districto de Cambucy.

—— *Dr. João Caldas Viana* iniciou os seus estudos na Universidade de Coimbra e terminou-os na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde se bacharelou.

Foi deputado à Assembléa Legislativa da Provincia do Rio de Janeiro de 1835 a 1845 e de 1854 a 1857; vice-presidente da mesma Assembléa na sessão de 1839; vice-presidente da Provincia em 1838 e 1848 e presidente de 20 de fevereiro de 1843 a 12 de abril de 1844; juiz de Direito da cidade de Campos; Cavalleiro da Ordem de Christo e Official da Ordem da Rosa.

Digitized by Google

Foi casado com d. Margarida Perpetua Pessanha Vianna, filha do conselheiro Dionisio de Azevedo Pessanha Teles de Távora Vilhegas Castello Branco e de d. Teodóra dos Reis Pessanha.

—— *D. Francisca Paula Viana Barroso,* casada com José Joaquim Gomes Barroso.

—— *Candido Francisco Viana,* era chefe do Partido Conservador em Campos e morava na Fazenda de Taipabas, no Muriahé.

Deixou ao morrer uma grande fortuna representada pelas Fazendas de Santa Rosa, Bôa Vista, Taipabas e Carqueja, no Muriahé.

Foi casado com d. Maria Luiza de Oliveira Viana, filha de João Machado de Oliveira e Silva e de dona Maria Tereza de Oliveira, donos da Fazenda do Cachoeiro.

—— *Josefa Bernardina Viana* que tinha 12 annos quando falecera seu pae, casou-se mais tarde com o seu primo Francisco de Paula Gomes Barroso que nascera em Campos em 2 de abril de 1822 e falecera na Fazenda do Colegio em 15 de setembro de 1892.

Exerceu por diversas vezes a vereação na mesma cidade; era tenente-coronel da Guarda Nacional, Official da Ordem de Cristo e foi o terceiro proprietario em direta linhagem da Fazenda do Colegio.

Por falecimento de sua mulher o comendador Claudio procedeu o inventario dos bens do casal que foi julgado por sentença do dr. Joaquim Manoel de Araujo, juiz de Direito em 28 de maio de 1867.

Todos os herdeiros, mencionados adiante, receberam os seus quinhões.

Da Fazenda dos Airises foi desmembrado o terreno dos fundos, conhecido pelo nome de "Mirandela", e lançado ao herdeiro Antonio do Couto Lima, e o restante que ainda hoje é o mesmo que constitue a dita Fazenda coube a terça parte à herdeira d. Maria Francisca de Souza Lima e as outras duas foram dadas em pagamento a Serafim dos Anjos Sampaio Ribeiro, por cabeça de sua mulher d. Eugenia Jacintha de Souza Lima.

A outra Fazenda do Destino foi incluida na meiação do comendador Claudio.

Era uma das principais da zona, com muitas edificações e maquinismos para café, algodão, farinha, fubá, etc.

As suas lavouras de café, algodão, mandioca e milho eram tratadas com todo carinho.

O autor da "Planicie do solar e da senzala", referindo-se a essa propriedade, assim se externa:

"Num terraplano abarreirado por muralha antiga, levanta-se entre palmeiras reais um sobrado branco semiroido pela ancianidade. Ali fôra assentar pouso ha quasi um seculo, o espirito destemido e longanime de *Claudio do Couto e Souza,* audaciando a selva e á serrania, a onça e o surucucú, a distancia e a solidão.

Naquele tempo interseria-se a região ainda na vasta massa florestosa a que chamara Couto Reis — o Deserto das Montanhas — Bandeirante de

Digitized by Google

alma de artista, colocou a fachada do solar do Destino, de modo a permittir a fruição completa da mirifica paisagem que o defronta.

E' então, que do reconcavo de dois serrotes que ilusoriamente o acolytam, surge-nos de salto o inesperado de um obelisco de montanha. E' a Pedra Lisa".

Quando foi decretada a Lei Aurea de 13 de maio de 1888, que extinguia a escravidão no Brasil, a sua Fazenda se achava em plena florescencia, e o seguinte fato atesta o seu bondoso coração.

Reuniu todos os seus escravos e declarou-lhes que por lei se achavam livres, e como recompensa dos bons serviços que lhe prestaram, podiam colher para eles todas as lavouras plantadas e continuar a cultivar as terras descobertas, sem qualquer interesse para o proprietario.

No dia seguinte retirou-se com sua familia para Campos, indo residir no seu palacete, à rua Barão de Miracema.

Quasi todos ficaram ali residindo, constituiram familia e quando morreram foram sepultados no cemiterio da mesma Fazenda.

Ainda hoje existem ali muitos dos descendentes dos seus escravos que foram lembrados em seu testamento.

Em 1903 tendo negocios em Portugal, onde possuia diversas propriedades, para ali seguiu em companhia do seu amigo Antonio Fernandes dos Santos.

Adoecendo gravemente, não poude regressar com o seu amigo como era a sua intenção e faleceu em 10 de dezembro do mesmo anno em Lisbôa á rua da Gloria n.º 3.

Era Cavalleiro da Ordem de Cristo e tinha a Grande Comenda de N. S. da Conceição de Vila Viçosa.

Do seu consorcio com d. Maria Francisca nasceram os seguintes filhos:

—— *Antonio do Couto Lima* que foi educado em Londres e que faleceu solteiro em sua casa da antiga rua de S. Bento, deixando a importante Fazenda da Muribeca que tinha legua e meia de frente e 3 de fundos.

—— *D. Eugenia Jacintha de Souza Lima Ribeiro* que se casou em 30 de junho de 1866 no oratorio da Fazenda dos Airises, com Serafim dos Anjos Sampaio Ribeiro, filho de Mauricio José Ribeiro e de d. Joaquina Sampaio Ribeiro, natural da freguezia de S. Salvador de Rossinis arcebispado de Braga.

Foram padrinhos João Caldas Viana Filho (Visconde de Pirapetinga) e Francisco Barroso Nunes.

Deixou uma filha d. Joaquina Maria do Couto Ribeiro Lamego, que contrahiu matrimonio com o dr. Alberto Frederico de Moraes Lamego em 31 de maio de 1894.

—— *Claudio do Couto Souza Lima* que se casou na igreja de S. Francisco em 15 de janeiro de 1870 com dona Marianna Cassalho.

O casal deixou 9 filhos.

—— *D. Maria Francisca de Souza Lima Matos Pimenta,* que teve por esposo Luiz Francisco de Matos Pimenta, filho de José Francisco Matos

Digitized by Google

Pimenta e de d. Maria Laura Pinto Bastos. O casamento teve logar no oratorio da Fazenda de Cambaíba, em 24 de janeiro de 1871, sendo padrinhos o Barão de S. Fidelis e Antonio Ribeiro de Queiroga.

O casal não deixou filhos.

—— *Carolina de Souza Lima,* que se casou em 24 de setembro de 1874, com o capitão Antonio José Peixoto de Siqueira, viuvo de d. Maria do Rosario Peixoto e filho do capitão José Peixoto de Siqueira e d. Maria Auta Josefa da Conceição Peixoto.

Foram seus padrinhos o dr. José Pinto Ribeiro de Sampaio e Francisco José Coelho de Almeida.

O casal não deixou filhos.

Ao tempo do falecimento do comendador Claudio, só existiam o seu filho Claudio e sua neta Joaquina, que foram seus herdeiros.

Em seu testamento legou à Santa Casa de Campos cerca de 70 contos de réis, não se esquecendo das asíladas da Lapa que foram contempladas.

As duas Fazendas acima mencionadas — Airises e Destino — são hoje propriedade do autor destas linhas. (1)

(1) "Monitor Campista", 7-I-1940.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E Á REVISTA

Do Snr. Maximo Cruz de Azevedo Marques, de Santos:

Permitta-me que ao tomar a liberdade de me dirigir a Va. Excia., apresente-lhe os meus sinceros aplausos pela nobilitante e patriotica iniciativa que, sob os auspicios do Instituto Genealógico Brasileiro e sob a brilhante direção de Va. Excia., vem preencher a lacuna até então havida na nossa literatura e na nossa historia.

Simples diletante, mero curioso da Genealogia, atrae-me no entanto, de modo fervoroso, tudo o que se refira ao passado de nossa terra e á memoria dos nossos compatriotas. Foi, pois, com esse impulso natural de amor-proprio, de egoismo ou de vaidade talvez, que adquiri ha dias, com alegria, o segundo volume do "Anuario", empenhando-me alvoroçado para que me viesse ás mãos o primeiro volume complementar de obra tão meritoria.

Cá o tenho; e lendo-o encontrei oportunidade para manifestar o meu regozijo pela esplendida organização de Va. Excia., e oferecer-lhe, dentro dos meus fracos prestimos, algum subsidio que, por ventura, possa concorrer para o engrandecimento e perfeição desse empreendimento digno de todo apoio.

Do escritor Gelmires Reis, de Goiaz:

"Recebi o seu importante Anuario. Parabens pela obra prima que acaba de publicar".

Do Dr. Manoel Vioti, Presidente da Academia de Ciências e Letras (de S. Paulo):

Tanto a *Revista* como o *Anuario* mantido por essa Instituição já esgotaram as expressões elogiosas que, dia a dia, vem grangeando a obra patriótica por ela desenvolvida em o nosso meio cultural onde, hoje, se colocou como a *primus inter pares.* Meus efusivos parabens por mais este volume onde tanto há que aprender. E a sua entrada para esta Academia, quando se resolve a vir ser um dos operários da *hulha azul do pensamento* — na linda expressão de Marques da Cruz?

Digitized by Google

Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul. — Anais do III Congresso Sul-Riograndense de Historia e Geografia. — Comemorativo ao bi-centenario da colonização de Porto Alegre. — Edição da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. — Porto Alegre, Livraria do Globo, 1940. — 4 vlos.

Magnifico repositório de estudos historicos, geograficos e etnograficos, especialmente sobre o Rio Grande do Sul e Estados meridionais do Brasil, esse que nos é remetido de Porto Alegre, pelo douto Instituto Historico daquela formosa cidade do sul. São 2.748 paginas continuadas de téses, monografias e memórias de grande valor para os estudos dos tres ramos acima expostos, no seu mais amplo sentido. A parte genealogica é bastante desenvolvida, encontrando-se ali preciosos dados sobre familias sul-riograndenses. Sem desmerecer em absoluto aos demais trabalhos, todos valiosos que ali se encontram e dos quais ha pareceres no vol. 1.°, destacamos os trabalhos dos nossos prezados consocios Jorge Felizardo, Walter Spalding e outros, como os dos srs. Alfredo Ellis Junior, Antonio Serrano, Sousa Dócca, Aurelio Porto. A segunda seção desse Congresso teve como mira especialmente os trabalhos sobre povoamento, entradas, sesmeiros, genealogia e heraldica e biografias. Esses os estudos da nossa especialidade e que grandemente apreciamos as optimas contribuições ali insertas. Agradecendo assim o exemplar enviado, damos parabens a Prefeitura Municipal de Porto Alegre pela excelente prova da cultura portalegrense que nos patenteou.

Amelia de Rezende Martins. — Um idealista realizador. — Barão Geraldo de Rezende. — Rio de Janeiro, Of. do Almanak Laemert, 1939.

Livro de cuidada feitura grafica, com clichés, fac-similes e brasões, esse dado ao publico pela sra. Amelia de Rezende Martins. Como diz ela mesma é um livro que "representa um pouco da tradição da nossa terra". Achamos até que ele representa bastante, pois o barão Geraldo de Rezende e seus descendentes são legitimos ornatos brasileiros. Dele e de tudo que executou e que o cercou, cuida com carinho esse belo livro. Muito gratos pelo exemplar que nos foi ofertado.

Bibliotéca Historica Norte-Riograndense. — I — José Augusto. — Familias Seridoenses. — II — Aluizio Alves. — Angicos. — III — Vingt-un Rosado. — Mossoró. — Rio de Janeiro, Pongetti, 1940.

Esses tres volumes constituem os primeiros aparecidos de uma série que o nosso prezado consocio dr. José Augusto, organisador e orientador da coleção, vai publicar. Será a mesma composta de cincoenta volumes, todos referentes ao Rio Grande do Norte, estando já nove no prélo. Empresas deste genero deviam ser imitadas em todos Estados brasileiros, pois difundem dados e patenteiam assuntos que, não fosse essa obra de divulgação, ficariam sempre alheios fóra do pequeno circulo que não os ignoram. Merece por isso os nossos sinceros aplausos o dr. José Augusto, e muito gratos somos pelos volumes recebidos, ficando aguardando os demais.

Digitized by Google

Artur de Vanconcelos. — Português de Estirpe. — São Paulo. — Impressora Comercial, 1940.

Dedicando-o ao nosso Instituto, escreveu o dr. Artur de Vasconcelos, nosso 2.º Vice-Presidente, um belo trabalho sobre Cristovam Colombo. Diz ele: "... Salvador Gonçalves Zarco nesse seu disfarce, apresentando-se com o nome de Cristovam Colombo, ligou com facilidade o seu nome á descoberta da America quando poderia ter realisado essa mesma aureola de descobridor, deixando uma historia de confiança adquirida na virtude do seu proprio nome". Esse o português de estirpe. Muito grato ao nosso consocio pelo exemplar enviado.

Instituto Historico e Geografico do Pará. — As duas batalhas de Guararapes. — General Lobato Filho. — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939. — A bandeira Nacional e o retrato do presidente Vargas. — Bolivar Bordalo. — Pará, 1940.

Numa bem cuidada plaquete, ornada de varios mapas, o general Lobato Filho estuda com maestria o tema sempre novo da guerra contra os batavos. Do valor desse trabalho, melhor que nós já disse o sr. João Duarte Filho. Agradecemos ao Instituto Historico do Pará o exemplar recebido. E tambem, o nosso consocio major Adolpho Dourado, membro daquela douta instituição, enviou-nos o discurso pronunciado pelo orador oficial do dito Instituto, dr. Bolivar Bordalo da Silva, por ocasião da inauguração da Bandeira Nacional e do retrato do dr. Getúlio Vargas, em sessão solene, realizada no dia 16 de janeiro de 1940. Pelo que tambem ficamos muito gratos.

Souza Dócca. — Limites entre o Brasil e o Uruguai. — Rio, E. C. de M. de Intendencia, 1939.

O nome do sr. Sousa Dócca é a recomendação que se pode fazer a mais este trabalho da sua lavra. Não são poucas as obras de grande valor, sobre o historico do Rio Grande do Sul e principalmente sobre as guerras sulinas, que esse escritor já tem publicadas. Esta que temos em mãos, erudita, documentada, é mais um galardão desse nosso ilustre amigo e prezado consocio.

Cardoso de Miranda. — O Cyclo das Gerações. — Petropolis, Editora Vazes Ltda., 1939.

Este livro, segundo o autor, é a introdução a um nobiliario fluminense. Com isto, é um estudo criterioso, erudito e verdadeiro da familia dessa parte territorial do nosso paiz. Ha muita gente que, procurando livros para ler, nas livrarias, em deparando com livros que tratam de genealogia, torcem o rosto e atiram o livro de lado ou então sorriem, como que penalisados. São da especie daqueles que acompanham a teoria de um poeta, nesse assunto: Genealogia? Ciencia de ingenuos... E seria o caso de perguntarmos: E a poesia? Um poeta ha de sempre considerar tudo sob o prisma da poesia... Vem isto a proposito de que o livro do sr. Cardoso de Miranda devia ser mais conhecido, mais lido, mais bem julgado por todos os brasileiros, porque ele é um excelente livro.

João P. da Fonseca Guimarães e Jorge Godofredo Felizardo. — Genealogia Rio Grandense. — Porto Alegre, Livraria do Globo, 1937.

E' apenas o primeiro volume, tratando do titulo Carneiro da Fontoura. O sr Godofredo Felizardo, nosso consocio, é já bastante conhecido no paiz como um dos mais eruditos e fieis genealogistas, bem como o sr. Fonseca Guimarães, infelizmente já falecido. Livro, pois, de genealogia, escrito por esses dois conhecedores, é livro que por si só já está recomendado. Muito gratos pelo exemplar que nos foi enviado.

Digitized by Google

Revista Brasileira de Estatistica. — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. — Rio de Janeiro. — Nos. 1, 2, 3. — 1940.

O nome do sr. Teixeira de Freitas, diretor responsavel desta Revista, firma o conceito que a mesma deve merecer. Excelente na feitura, na materia e na exposição. Os tres numeros que já possuimos, dão-nos uma confortante impressão do largo adiantamento desse ramo no nosso paiz. Somos muito gratos pelo recebimento desse notavel bimensário.

RECEBEMOS MAIS E MUITO AGRADECEMOS:

1) Anuario da Diocese de Sorocaba. — Anos 1935 a 1939. — Magnifico pelos dados individuais que encerra sobre personagens dessa cidade.

2) José Marcondes de Matos. Os Marcondes de Matos do Vale do Paraíba. São Paulo, s/d. Estudo carinhoso da biografia e da genealogia do casal José Benedito Marcondes de Matos e de sua mulher d. Francisca de Paula Marcondes de Matos. O escritor soube desempenhar-se brilhantemente da tarefa.

3) Boletim de Trabalhos Historicos do Arquivo Municipal de Guimarães. Livro dos privilegios de Nossa Senhora de Oliveira. Dois fasciculos. Guimarães, 1940.

4) F. Borges de Barros. Anais do Arquivo da Baía. Vol. I. Baía, Imp. Of., 1917. Oferta do nosso prezado consocio Mario Torres.

5) Nelson de Senna. Africanos no Brasil. Belo Horizonte, 1938. Desse trabalho do conhecido autor, já a imprensa do paiz fez os melhores encomios.

6) Aureliano Leite. Pequena Historia da Casa Verde. 2.ª edição. Deste trabalho do conhecido escritor sr. Aureliano Leite, tem havido muita citação e grande tem sido o aceitamento do mesmo. A prova está em que em poucos meses, está tendo ele uma segunda edição. Com os nossos cumprimentos ao autor, mais uma vez agradecemos o exemplar recebido.

Para a bibliotéca do Instituto Genealogico Brasileiro, recebemos mais e muito agradecemos as seguintes obras:

Eugenio de Andréa da Cunha e Freitas. — As capelas de São Domingos do Porto, 1939. — Nesse trabalho, erudito e curioso, o autor averigua a ascendencia e descendencia dos seguintes personagens: — Antonio Baldaia, Diogo Leite Pereira, Rui Vaz Ferraz, Tomé Vaz.

Alfredo Pimenta — Livro dos roubos que os franceses e vassalos do rei de França fizeram aos moradores desta vila de Guimarães e seu termo. — Guimarães, 1940. — Curioso documento, publicado pela primeira vez. Por ele ficamos sabendo que no século XVI, em Portugal, o algodão valia mil reais a arrôba; o assucar, de mil e duzentos a oitocentos reais; espadas, duzentos reais cada uma; pano de linho, sessenta a quarenta reais a vara; confeitos e marmelada, mil e cem reais a arrôba, etc.

Walter Spalding. — El sistema lacustre sud-riograndense oriental. — Montevidéo, 1939. — Excelente trabalho geográfico do nosso consocio sr. Spalding.

Salomão de Vasconcelos. — Mariana e seus templos (Era colonial). — 1703-1797 — Belo Horizonte, 1938. — Belo trabalho do nosso consocio, numa otima impressão e bem ilustrado.

Artur Rezende. — Frases e curiosidades latinas. — 3.ª edição. — Rio de Janeiro, 1936. — Os que apreciam esse assunto, tem neste livro um trabalho completo e muito erudito.

Guilherme Auler. — Mascates e Bernardo. — Recife, 1940. — Otima monografia do nosso consocio sobre a guerra dos mascates em Pernambuco.

Justitia. — Ano, I. — N.º I. — Orgão do Ministerio Publico de São Paulo, que nos foi gentilmente enviado pelo dr. Cezar Salgado, um de seus diretores. — Materia criminal vasta e bem estudada.

Digitized by Google

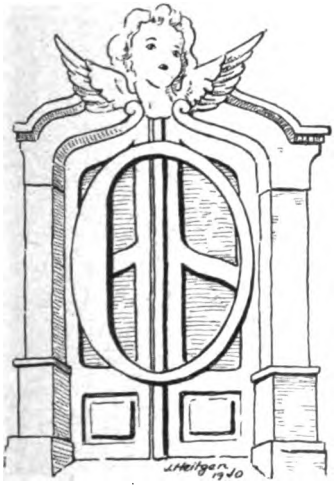
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE S. PAULO-CAPITAL

Endereço da Seção: Caixa Postal, 3363
Presidente: Dr. F. A. Carvalho Franco
1.º Secretario: Pascal Bandeira Moreira
2.º Secretario: Oscar Miranda de Freitas.

Dom Bernardo José Maria de Lorena e Silveira

F. DE ASSIS CARVALHO FRANCO



ilustrado genealogista sr. Carlos da Silveira, escrevendo no "Correio Paulistano" de 23 de agosto do ano findo uma nota sob o titulo "Subsidios Genealógicos", fez referência à nossa modesta contribuição sobre d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, desejando que nós, que já haviamos iniciado a empresa, a "levassemos avante, analisando outros pontos da discutida biografia" do mesmo fidalgo, elaborada por d. Maria Franco da Rocha e publicada no volume LXIV da "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo".

Logo depois, apareceu num rodapé do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, o sr. Salomão de Vasconcelos, com um interessante estudo, "O primeiro casamento de d. Bras Baltasar da Silveira", trabalho repetido no n.º II da excelente "Revista Genealogica Brasileira" e no qual tambem se faz menção ao nosso modesto subsidio para a biografia de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira.

E finalmente, nesse mesmo n.º II da "Revista Genealógica Brasileira", d. Maria Luisa Franco da Rocha, numa continuação cheia de vivacidade da sua anterior monografia sobre o mesmo fidalgo senhor da casa de São Cosmado, analisa os nossos conceitos sobre o assunto, para concluir que estamos erradissimos.

Digitized by Google

Do mesmo modo que a distinta escritora, somos refratários a polemicas. No caso porem, somos igualmente forçados a vir novamente à baila, pois temos de nos defender da pécha de "simplistas", com a qual fomos presenteados.

Comecemos assim por responder aos quatro pontos enumerados por d. Maria Franco da Rocha, no seu citado trabalho do n.º II da "Revista Genealógica Brasileira".

1 — Já demonstrámos, transcrevendo autorizados genealógicos portugueses, que d. Bernardo de Lorena e Silveira era legitimo neto de d. Brás Baltasar da Silveira. O fáto da semelhança do seu perfil com o da marquesa nova de Távora, poderá quando muito significar que d. Bernardo tambem pertencia a essa familia, como era fáto. Existem sósias que não têm o menor parentesco entre si.

2 — Dona Maria Franco da Rocha certamente conhece, melhor do que nós, que devido a um incendio na Secretaria das Finanças, do distrito de Lisbôa, não é possivel agóra encontrar-se a menor noticia "da obscura vida das senhoras e crianças recolhidas nos mosteiros, quando da prisão de seus parentes como implicados no regicidio frustado". Na ausência pois de toda documentação, preferimos nada dizer sobre o fáto de ter d. Bernardo passado sua adolecência no convento de Chelas.

3 — Não supomos que d. Bernardo fôsse filho natural de d. José I, tanto que repetimos no n.º 1 acima que o entendemos legitimo neto de d Brás Baltasar da Silveira. Continuamos convictos de que era filho legitimo de d. Nuno Alvares Gaspar de Távora e Lorena e de d. Maria Inácia da Silveira, porque assim o afirmam os mais acreditados linhagistas lusitanos.

4 — Tambem discordamos deste ponto, pois d. Maria Franco da Rocha escreve que d. Nuno Alvares Gaspar de Távora e Lorena era filho de d. *Felipe* Neri de Távora, conde de Alvor. Não é exáto. Dom Nuno Gaspar era filho de d. *Bernardo* Felipe Neri de Távora, conde de Alvor. Este d. *Bernardo* é que foi o legitimo avô paterno de d. Bernardo de Lorena e Silveira. Portanto, o costume português de se dar aos filhos os nomes dos pais ou avós, continuou de pé neste caso, pois d. Bernardo de Lorena e Silveira herdou o prenome de seu avô paterno.

Julga mais d. Maria Franco da Rocha inteiramente nula a importância da carta do sr. Adriano José Curvo Semêdo de Portugal da Silveira, que revelamos no nosso escrito anterior, como documento comprobatório de que d. Bernardo de Lorena e Silveira pertencia aos Silveiras da casa de São Cosmado, sendo legitimo néto de d. Brás Baltasar da Silveira.

Qualifica o sr. Semêdo de Portugal da Silveira de "sujeito de integridade mental duvidosa" e a nós de "simplistas" por acreditarmos em tal missiva.

Coitado do sr. Curvo Semêdo! Que êle pertencia a uma tradicional familia de ilustres cientistas de Portugal, nós sabiamos. Mas que êle fôsse "sujeito" e tivesse "integridade mental duvidosa", nós ignoravamos.

Digitized by Google

DOM BERNARDO JOSE' MARIA DE LORENA E SILVEIRA

Digitized by Google

Providencialmente, como que para nos acudir, condoídos da nossa pécha de "simplistas", o sr. Salomão de Vasconcelos, no proprio n.º II da "Revista Genealógica Brasileira", onde tambem vem a movimentada contestação de d. Maria Franco da Rocha, assegura documentalmente um primeiro casamento no Brasil de d. Brás Baltasar da Silveira.

Confirma-se assim, com maiores provas, a carta do sr. Semêdo de Portugal da Silveira. Da sua veracidade já dissemos, não temos duvidas, por ter sido tomada em consideração, como mostrámos, pelo dr. Ricardo Gumbleton Daunt, pessôa da mais absoluta integridade intelectual, moral e social do tempo.

II

Passa em seguida d. Maria Franco da Rocha a examinar a questão das armas de d. Bernardo de Lorena e Silveira. Publica preciosos e inéditos subsidios de arqueologia nobiliarquica brasileira, que realmente ignoravamos. Aliás vimos de longa data planejando conhecer todos esses elementos que serviriam para uma monografia valiosa e interessante sobre as pedras d'armas dos nossos avoengos, porém nunca nos sobrou tempo.

Mas todos os escudos estampados por d. Maria Franco da Rocha provam apenas um engano que é exatamente o que Braamcamp Freire procura, desfazer. Cuida-se que d. Bernardo Silveira sendo conde das Sarzedas, tem obrigação de continuar a série desses titulares, sendo o 5.º dêles. Pensamento errado. Os condes das Sarzedas, que pertenciam à casa dos Silveiras, extinguiram-se ao chegar ao 4.º dêles, d. Antonio Luis de Távora, que foi governador de São Paulo e faleceu em Goiás, a 28 de agosto de 1737. Seu filho, d. Luis Bernardo da Silveira, não chegou a usar o titulo e faleceu a 18 de novembro de 1745.

Sessenta e oito anos depois que tal titulo se extinguiu, lembrou-se rei de renová-lo na pessôa de d. Bernardo de Lorena e Silveira, pertencente à casa dos senhores de São Cosmado, criando-o novo conde das Sarzedas, ou melhor, o primeiro conde das Sarzedas na linha dos Lorenas Silveiras, dando-lhe a mercê por carta de 24 de maio de 1805.

Logico portanto que não tendo de modo algum herdado o titulo, nem a casa não podia tambem d. Bernardo de Lorena e Silveira ter herdado o brasão darmas dos primitivos condes das Sarzedas, que pertenciam a outro ramo genealógico. O seu escudo, adotado da sua casa ou criado com a mercê, tendo os signos heraldicos dos Távoras, que eram Lorenas e dos Silveiras, é o descrito por Braamcamp Freire.

Heraldistas posteriores, pouco entendidos no que vimos de expôr e cuidando que as armas dos condes das Sarzedas tinham de ser sempre as mesmas, brasonaram os tumulos dos descendentes de d. Bernardo de Lorena e Silveira com as armas exclusivas dos Silveiras, proprias exclusivamente do ramo extinto dos primitivos condes.

E não seria dificil uma prova dos nove em tal assunto. Braamcamp Freire, cuja afirmativa em tal ponto aqui estamos endossando, faleceu em Lisbôa a 23 de dezembro de 1921. Deixou em testamento a sua livraria,

Digitized by Google

propriedade literaria, moveis, quadros, louças, etc., para a cidade de Santarem, representada na sua camara municipal. Nessa mesma cidade deixou uma casa, para que néla fosse estabelecida a biblioteca doada e determinou que éla fosse ornada com os moveis, quadros, louças e mais objétos que tambem havia legado.

Uma consulta pois ao diretor dessa bibliotéca, cuja resposta viesse acompanhada duma fotografia dos pratos referidos por Baamcamp Freire, nos quais vêm as armas dos senhores da casa de São Cosmado e obtidos da India, onde d. Bernardo foi Vice-Rei, viria talvez demontrar que brasões pintados em pratos são ás vezes mais fieis que brasões modelados em monumentos tumularios.

Para mostrar ainda que não laboramos muito longe da verdade, basta verificar em Sanches de Baêna (Grandes de Portugal, II, 595) que ali esmalta para esses condes das Sarzedas, da linha dos Lorenas Silveiras, as armas exclusivas dos Távoras, não cogitando em absoluto das armas dos primitivos condes desse titulo.

Mas ha ainda observações a serem feitas nos escudos revelados por d. Maria Franco da Rocha. Não sendo no entanto heraldistas, confiamos a tarefa ao nosso presado amigo sr. Roberto Thut.

III

Dous outros pontos entendemos não estarem cértos na monografia de d. Maria Franco da Rocha, sobre d. Bernardo de Lorena e Silveira, que aliás temos como valiósa, não só por ser a primeira que dêle se escreve. como pela soma de dados inéditos que encerra.

O primeiro desses pontos é quando a autora afirma o seguinte, à pagina 131 da "Revista do Arquivo", em começo citada: — "Com d. Mariana, teve d. Bernardo tres filhos: d. Maria Inácia, d. Francisca e d. Francisco de Assis Lorena, tidos todos tres nessa época como filhos naturais, porém mais tarde reconhecidos como seus filhos legitimos e legitimados em 1818, por desembargo do Paço". Não é verdade. A d. Mariana aqui referida é d. Mariana Angelica Fortes de Bustamante Sá Leme, sobre a qual Silva Leme, num de seus cochilos, escreveu que era "Manuela Angelica, casada na ilustre familia do conde de Sarzedas", Gen. II, 462.

Pois bem, essa d. Mariana Angelica teve com d. Bernardo José de Lorena apenas um filho que foi d. Francisco de Assis de Lorena Silveira. Dona Maria Inácia e d. Francisca, como escreve d. Maria Franco da Rocha, ou d. Antonia, como assinala Sanches de Baêna, foram irmãs de d. Francisco de Assis apenas por parte do pai, d. Bernardo de Lorena e Silveira.

Tanto as filhas como o filho aqui mencionados foram legitimados por um unico despacho do Desembargo do Paço, datado de 4 de abril de 1818.

Digitized by Google

O segundo ponto que não está tambem certo na citada monografia é o final à pagina 144 onde a autora, insistindo em que d. Bernardo era filho do marques de Távora, menciona que tanto êle como seu filho d. Francisco de Assis, "nunca usaram o sobrenome Silveira". Engano. Tanto um como o outro usou o sobrenome Silveira.

Vamos dizer melhor.

Dona Mariana Angelica Fortes de Bustamante Sá Leme foi dama da mais lidima nobreza paulista, descendente dos Abelhos, Fortes e Bustamantes que do reino da Andalusia se passaram ao de Portugal e depois para o Brasil, na pessôa de Manuel de Sá e Figueredo, avô paterno de d. Mariana, segundo esclarece um documento firmado pelos edis paulistanos a 27 de abril de 1799 e registado na respectiva camara a 4 de maio do mesmo ano.

Em materia histórica entendemos que nada se deve avançar sem uma base documental. Hipoteses retrospetivas ou dados provindos da tradição, constituirão sempre um méro passatempo. A genealógia é materia histórica e de primeira grandeza. Deve portanto sempre assentar em bôa documentação. E para o caso, que documentos melhores que um testamento ou um inventario?

Pois o testamento e o inventario de d. Mariana Angelica Fortes constam dos autos n.º 1451 do cartorio do primeiro Oficio de Orfãos desta capital, e por nimia gentileza do sr. Saraiva, ilustre serventuário, colhemos os dados que seguem.

Assim, faleceu d. Mariana as cinco horas e meia da tarde de 14 de fevereiro de 1811, nesta capital. No testamento que deixou, após narrar com franqueza as primeiras fases da sua mocidade, expõe o seguinte: — "... e dele (d. Bernardo de Lorena e Silveira) tive um filho qual é Francisco de Assis Lorena da Silveira que se acha na India na companhia de seu pai no serviço de Sua Alteza Real em posto de sargento-mór e ajudante de ordens daquele governo. Em consequência do que declaro que o referido meu filho Francisco de Assis é meu unico e forçado herdeiro e como tal o instituo e declaro para receber as duas partes dos meus bens como legitima que lhe pertence pela lei. Declaro que no caso que o sobredito meu filho faleça sem descendentes, antes do meu falecimento, como em tal caso fico sem herdeiro forçado, instituo por minhas herdeiras as minhas duas sobrinhas d. Joaquina Josefa de Abelho Bustamante Rendon e d. Rita dos Prazeres de Bustamente Rendon, filhas do dr. Francisco Leandro de Toledo Rendon e de minha irmã d. Ana Leoniza de Abelho Fortes. Declaro que como no dia do meu falecimento pode ser incerto se o meu sobredito filho me sobreviva ou não ignorando-se por conseguinte se êle é meu herdeiro ou se são minhas sobrinhas, por isso determino que entretanto a legitima se conserve na mão de um testamenteiro até que se saiba a quem pertença, para se fazer arrecadação por onde competir, fazendo-se entretanto unicamente inventario para descarga do meu testamenteiro e para fins da lei novissima. Declaro que da minha terça de que tenho liberdade de dispôr se tirarão cento e cincoenta mil reis que se aplicarão em missas pela minha alma. Declaro que da

Digitized by Google

mesma minha terça se tirarão outros cento e cincoenta mil reis que ficarão na mão de um testamenteiro o qual terá obrigação de os ir dispendendo com minhas irmãs freiras do convento da Luz, mandando-lhes cada mez quatro patacas até que se finde a referida soma; em caso que alguma delas faleça se praticará o mesmo com a que viva e exista. Declaro que tiradas as referidas duas parcelas o remanescente dela deixo ás minhas duas sobrinhas acima mencionadas d. Joaquina e d. Ana Rita quer elas venham a ser minhas herdeiras na falta de Francisco de Assis quer não. E se neste meu testamento faltar alguma clausula ou clausulas para sua inteira validade desde agora hei por expressadas e declaradas como se de cada uma delas fizesse particular menção para o seu inteiro complemento; para o que rogo ás Justiças de Sua Alteza Real lhe dêm todo inteiro e completo vigor como se expressadas e declaradas fossem neste testamento. E por não poder escrever pedi ao padre Manuel Antonio Donadio este fizesse sendo-lhe por mim ditado. Declaro mais que a primeira carta de venda da minha chacara que me passou o conego José Lopes de Aguiar Romeiro desapareceu da minha gaveta e se por minha morte aparecer alguem com ela dizendo que eu lh'a dei ou vendi a dita minha chacara, seja reputado como um ladrão. Declaro que na mesma ocasião tambem me desapareceu da mesma gaveta o traslado da escritura das minhas casas da rua de São Bento que botam fundos para o Beco do Rozario e se depois de minha morte aparecer com algum pertence em qualquer destes dous papeis, saibam os meus herdeiros acima nomeados que é letra fingida e não minha pois nunca vendi nem dei a ninguem bens de raizes. E nesta forma tenho concluido o meu testamento que por estar conforme ditei e vai por mim sómente assinado. — Dona Mariana Angelica Fortes de Bustamante Sá Leme".

Na aprovação deste testamento, feita no mesmo dia, vem a seguinte explicação: — "Declaro que pela testadora estar privada dos movimentos do braço direito não póde assinar e a seu rogo assina a testemunha o reverendo João José Monteiro". — O tabelião foi Manuel José Rodrigues da Silva e as demais testemunhas da aprovação foram: reverendo Julião Alvares da Silva, Marcelino José dos Santos, Manuel Joaquim do Amaral e o reverendo José Joaquim Leite Penteado.

Fica pois provado pela propria declaração de d. Mariana Angelica Fortes, que éla teve com d. Bernardo de Lorena apenas um filho que foi d. Francisco de Assis de Lorena Silveira. Dona Maria Inácia e d. Antonia, mencionadas em Sanches de Baena (Grandes de Portugal, II, 596), e que foram legitimadas no mesmo despacho do Desembargo do Paço de 4 de abril de 1818, no qual foi tambem legitimado d. Francisco de Assis, foram desse modo irmãs deste ultimo apenas por parte de pai.

Vimos tambem, pela propria declaração de d. Mariana, que o seu filho se chamava d. Francisco de Assis Lorena da Silveira. Aliás o seu nome completo e cérto era d. Francisco de Assis Marcio de Lorena Silveira, como consta do corpo do inventario e vem expresso no seguinte documento, que figura a fls. 5 da justificação que produziu para o recebimento da herança, por meio do seu procurador o capitão Antonio Leite Pereira da

Digitized by Google

Gama: — "Dom Mateus de Abreu Pereira, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo da Cidade de São Paulo, do Conselho de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, etc. — Atestamos e fazemos certo que o Ilmo. e Exmo. Francisco de Assis Marcio de Lorena Silveira se acha casado em Gôa com uma senhora e já com filhos o que sabemos pelas cartas que ele mesmo nos tem escrito e pelas que escreveu a sua mãe que Deus haja, as quaes nós vimos e lemos e ainda mesmo por algumas pessôas que têm vindo da India. E por ser verdade e nos ser pedida mandamos passar esta atestação por nós assinada e selada com o selo das nossas armas. — São Paulo, 16 de julho de 1812. — Mateus, Bispo".

Eis aí um documento autentico, provando que o filho de d. Bernardo se chamava d. Francisco de Assis Marcio de Lorena Silveira. Nenhuma tradição poderá prevalecer ante esta prova exibida. E si o proprio nome de d. Francisco de Assis não está certo e completo no monumento da igreja de São Francisco desta capital, onde repousam as suas cinzas, que dizer das armas que lhe são atribuidas e que ali se acham modeladas?

Nesse ano de 1812 residia d. Francisco de Assis na Provincia de Bardez, aldeia de Calangute, na India Portuguesa. E a proposito do seu nascimento, Alberto Rangel não escreveu tambem certo algumas datas e nomes no seu conhecido livro "Dom Pedro I e a Marquesa de Santos" (segunda edição, pag. 94).

Assim mencionou d. Ana *Leonissa* de Abelho Fortes, quando é d. Ana *Leoniza;* referiu que d. Francisco de Assis foi batisado a 28 de julho de *1790,* quando foi em *1789* e escreveu que foi exposto em casa do *marechal* de campo *Mariano* de Oliveira, quando o foi na do *mestre* de campo *Manuel* de Oliveira Cardoso.

O documento que lhe serviu de base para esta parte, deve ter sido o seguinte, que consta de fls. 6 da justificação já referida: — "Ilmo. e Revmo. Sr. Vigario Geral. — Diz o sargento-mór Francisco de Assis e Lorena assistente em Gôa e nesta cidade por seu procurador o capitão Antonio Leite Pereira, que lhe é necessario por certidão o teor do assento de seu batismo portanto — P. a V. S. seja servido, etc. Passe na forma requerida. — São Paulo, 10 de julho de 1812. — Mariano. — Certifico que revendo os livros de batisados desta freguezia, em um deles a fls. 77 se acha o assento do teor seguinte: Aos vinte e oito de Julho de mil e setecentos e oitenta e nove com licença do Exmo. e Revmo. senhor Bispo, na Capela da Gloria, batisou com licença do reverendo cura José Manuel de Macedo Leite, o reverendo conego Patricio de Oliveira Cardoso e poz os Santos Oleos a Francisco de Assis, filho de pais incognitos, exposto em casa do mestre de campo Manuel de Oliveira Cardoso, o mesmo foi padrinho, todos desta freguezia, do que fiz este assento que assinei. — O coadjutor — José Joaquim da Silva. — Nada mais do dito assento. — O referido é verdade que juro aos Santos Evangelhos. — São Paulo, 13 de julho de 1812. — O coadjutor — João Nepomuceno Ferreira Souto".

Digitized by Google

As testemunhas que depuzeram no final desta justificação que vimos referindo, foram tres, das mais idoneas de São Paulo naquêle tempo, a saber: José Pedro Galvão de Moura e Lacerda, natural de Santos, cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz, tenente-coronel do Regimento de Caçadores de São Paulo, moço fidalgo com acrescentamento de fidalgo escudeiro da casa de Sua Alteza Real e que era tio em terceiro gráu do justificante, d. Francisco de Assis; João da Costa Ferreira, natural de Lisbôa, cavaleiro na Ordem de São Bento de Aviz, coronel do Real Corpo de Engenheiros e Silvestre Ferreira da Silva, tambem cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz, natural de Santos, capitão de infantaria e governador da vila de São Sebastião.

Do inventario de d. Mariana Angelica Fortes ainda consta que os inventariantes foram sua irmã d. Ana Leoniza de Abelho Fortes, o coronel inspetor José Arouche de Toledo Rendon e a sobrinha da inventariada, d. Joaquina Josefa de Abelho Bustamente Rendon. Logo nos primeiros meses do inventario faleceu d. Ana Leoniza, substituindo- a d. Joaquina Josefa, pois o coronel José Arouche não chegou a exercer o mandato. Foram legatarias, como já se mencionou, a mesma d. Joaquina Josefa, que tinha então 16 anos e d. Ana Rita dos Prazeres de Bustamente Rendon, com 12 anos.

Dona Mariana Angelica possuia onze escravos e grande numero de joias valiosas. Tinha na cidade de São Paulo dez predios, um terreno no "pateo de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos" e uma grande chacara, além de terras e bemfeitorias em Parnaiba.

Sobre a chacara de d. Mariana, que Alberto Rangel tambem refere no seu já citado livro, encontrámos no inventario uma obscura descrição, da qual concluimos que era uma morada de tres lanços, de taipa de pilão, coberta de telhas, tendo o portão da frente para a rua que vinha "dos Quarteis para a ponte denominada do Fonseca". Limitava de um lado com propriedade de d. Ana Sales e por outro lado com a chacara dos Ingleses, tendo aos fundos o rio Tamanduateí. Menciona-se que essa chacara tinha uma plantação de café e que a sua serventia de agua provinha de um tanque construido especialmente e que ficava adiante da Casa da Polvora.

O juiz que funcionou nesse inventario foi o dr. Estevam Ribeiro de Rezende e o escrivão se chamava Manuel Coelho Neto. E da leitura dos autos ressalta acentuadamente que d. Mariana Angelica era uma senhora acatada no meio social paulista. Baste citar que havendo o desejo de serem ditas algumas missas de corpo presente pela sua alma, um dos testamenteiros lançou numa lauda de papel o seguinte cabeçalho: "Os senhores reverendos sacerdotes que quizerem no dia 15 do presente (fevereiro de 1811) celebrar missa de corpo presente pela alma da falecida d. Mariana Angelica Fortes, o poderão fazer e receberão a esmola de 640 assinando-se neste papel".

Pois bem, assinaram-se imediatamente trinta e um religiosos, a começar pelo Doutor Chantre, sendo que dezenove dêles não quizeram receber

Digitized by Google

a remuneração. Esse fáto por si só revela bem quem fosse a ilustre dama, mãe de d. Francisco de Assis de Lorena Silveira.

Chegamos assim ao término destas nossas considerações. E com os documentos inéditos que aqui vimos revelando, entendemos ter deixado definitivamente esclarecido o seguinte:

1) Dom Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, pertencia à casa portuguesa dos senhores de São Cosmado, foi filho de d. Nuno Alvares Gaspar de Távora e Lorena e de sua segunda mulher d. Maria Inácia da Silveira, néto paterno de d. Bernardo Felipe Neri de Távora e de d. Joana de Lorena e materno de d. Brás Baltasar da Silveira e de sua segunda mulher d. Joana Inês Vicência de Menezes.

2) Dom Bernardo de Lorena e Silveira foi o primeiro conde das Sarzedas, da linha dos Lorenas Silveiras, não tendo assim herdado titulo nobiliarquico e sim recebido mercê régia. Foi além disso grão-cruz da Ordem de São Tiago, comendador da Ordem de Cristo, governador e capitão-general de Minas-Gerais e Vice-Rei da India.

3) As armas de d. Bernardo de Lorena e Silveira, são indubitavelmente as reveladas por Braamcamp Freire, isto é, um escudo partido: o primeiro de prata, tres faxas de vermelho; o segundo de prata, cinco faxas ondadas de azul, sendo a do meio carregada de um golfinho do campo; bordadura de ouro com a divisa Quasqumque findit em letras de negro. Coroa de conde. Timbre: urso nascente de prata, linguado de vermelho.

4) Dona Mariana Angelica Fortes de Bustamante Sá Leme teve com d. Bernardo José de Lorena e Silveira apenas um filho que foi d. Francisco de Assis, fidalgo de pról e sucessor da casa de seu pai.

5) Tanto d. Bernardo, como seu filho d. Francisco de Assis, usaram do apelido final de procedencia do ramo matérno, dos senhores de São Cosmado, sendo que o nome completo de d. Francisco de Assis foi d. Francisco de Assis Marcio de Lorena Silveira.

NOTA. — O presente trabalho já estava composto e revisto, quando um nosso amigo nos mostrou uma "separata" da biografia de d. Bernardo de Lorena, elaborada por d. Maria Franco da Rocha e na qual "separata" ela corrige o que escreveu á pagina 131 da "Revista do Archivo", isto é, diz que d. Mariana Fortes teve com d. Bernardo apenas um filho, d. Francisco de Assis. Mas mesmo nesta corrigenda, ainda se engana d. Maria Franco da Rocha, dizendo que d. Francisco de Assis foi o unico legitimado. Tambem o foram, no mesmo despacho do Desembargo do Paço de 4 de abril de 1818, as duas filhas que d. Bernardo teve com d. Ana Ribas. Nós nos baseamos, para o presente artigo, exclusivamente na citada "Revista do Archivo", n.º LXIV e ficamos admirados dessa "separata sui generis", que não reproduz aquilo que ali está escrito, que altéra toda materia desde pagina 131 até o final e onde as proprias gravuras tomaram outro formato. E' a primeira vez que em bibliografia verificamos tal especie de "separata".

Digitized by Google

As armas de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira

ROBERTO THUT

QUANDO elaborava suas considerações em torno de uma biografia de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, da autoria de dna. Maria Luiza Franco da Rocha, o prezado amigo dr. Carvalho Franco nos encarregou de desenhar o brasão d'armas daquele biografado, de acôrdo com suas conclusões.

Não querendo executar um desenho automaticamente, sem saber, enfim, o que estavamos fazendo, tratamos de estudar o assunto, mesmo porque temos, pelo têma heraldico, especial atração. Daí a razão das notas que, acompanhando o desenho solicitado, fornecemos àquele nobre amigo, sem outra qualquer pretensão.

Publicado o trabalho do dr. Carvalho Franco, com a nossa modesta contribuição, a exma. sra. dna. Maria Luiza Franco da Rocha, entre outras contestações, refuta em ultimo artigo serem de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira as armas por nós desenhadas.

Procurando esclarecer o assunto, a distinta escritora paulista apresenta, como comprovante de seu ponto de vista, reproduções de brasões esculpidos em jazigo e capela desta Capital, de descendentes do 11.º capitão-general de São Paulo. A composição dêsses brasões está em desacordo com o que desenhamos para o dr. Carvalho Franco, isto é, enquanto dávamos ao de d. Bernardo as armas dos Távoras e dos Silveiras, os divulgados por dna. Maria Luiza ostentam sómente as dos Silveiras. Com tais repro-

Digitized by Google

duções, pretende dna. Maria Franco da Rocha sejam de d. Bernardo as armas que se encontram junto aos restos mortais de seus descendentes.

Mas, como vemos, a contestação de dna. Maria Luiza Franco da Rocha poderá servir, quando muito, de argumento de que os descendentes de d. Bernardo de Lorena e Silveira tenham usado brasão trazendo exclusivamente as armas dos Silveiras, abolindo as dos Távoras.

E' provavel pois — no terreno das hipóteses — que os descendentes do 11.º capitão-general de São Paulo usassem as armas dos condes das Sarzedas, isto é, dos Silveiras, mas isto não quer dizer que estas tenham sido as adotadas por d. Bernardo e nem os argumentos de dna. Maria Maria Luiza provaram ou nos convenceram de tal fato. Portanto, pelo que expõe dna. Maria Franco da Rocha, o filho de d. Bernardo e seus descendentes teriam usado armas diferentes das de seu pai, o que, aliás, é admissivel em heráldica.

Ha, nas armas reproduzidas no túmulo de d. Francisco de Assis, no portal, num jazigo e na cornija da capela de Santa Luzia, uma particularidade digna de atenção, que dna. Maria Luiza Franco da Rocha atribue a êrro de "modestos artistas". Trata-se do timbre, voltado para a esquerda do escudo.

Um ignorante em heráldica, ao copiar um brasão, poderia, sem dúvida alguma, alterar a indicação dos esmaltes, transformar figuras, como por exemplo, mosquetas em flores-de-lis ou vice-versa (1) e até um urso num "animalzinho que parece um suino"... Entretanto, alterar a posição de uma figura seria coisa muito dificil, mesmo porque, quem copia e ignora o que está copiando procura ser o mais fiel possivel. O excesso de zêlo póde, de fato, levar um ignorante a um êrro por ignorar o significado das figuras, mas nunca a ponto de alterar a sua posição.

E possivel, pois, que o original fornecido aos "modestos artistas" já apresentasse o urso voltado, restando-nos saber por que razão. Para tanto, poderemos formular duas hipóteses. A primeira, que o original seria constituido de um anel-sinete ou simplesmente de um sinete, onde as armas são gravadas invertidamente, para serem corretamente modeladas em lacre ou em outra matéria plástica. Se foi essa a causa, perguntamos: um artista-modelador (pois o brasão de d. Francisco de Assis se acha modelado), por ventura, ignoraria que a gravação de um sinete para lacre é feita invertidamente? Não se faz o mesmo para qualquer trabalho de modelagem? A um artista-modelador não ocorreria tal circunstância ?

Devemos, pois, abandonar a hipótese do sinete e passarmos à segunda, isto é, de que o timbre foi intencionalmente reproduzido voltado para a esquerda.

Dois são os casos em que poderiamos analisar esta segunda hipótese. Temos, primeiramente, o da "cortezia heráldica", em que as armas sobretudo o timbre e o elmo, se voltam para a dextra. Isto se pratica na he-

(1) Êrros dessa natureza podemos encontrar nas armas do duque de Caxias, esculpidas no pedestal da estátua do Patrono do Exército Brasileiro, no Rio de Janeiro, em cujo quarto quartel os cinco brandões das armas dos Brandão foram transformados em mosquetas.

Digitized by Google

Fig. 1 — Placa de mármore colocada no alto da porta de entrada da capela de Sta. Luzia, na qual se encontra gravado um brasão d'armas com o timbre voltado.

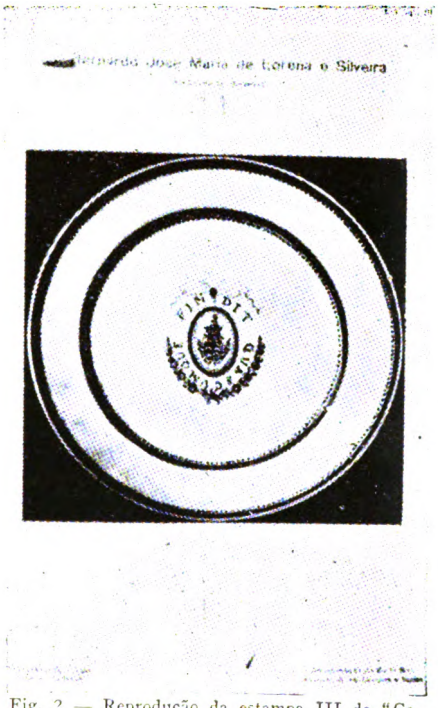


Fig. 2 — Reprodução da estampa III de "Ceramica Brazonada", mostrando peça de louça de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, com suas respectivas armas.

Fig. 3 — Reprodução ampliada do brasão d'armas da estampa III de "Ceramica Brazonada" (*fig. 2*).

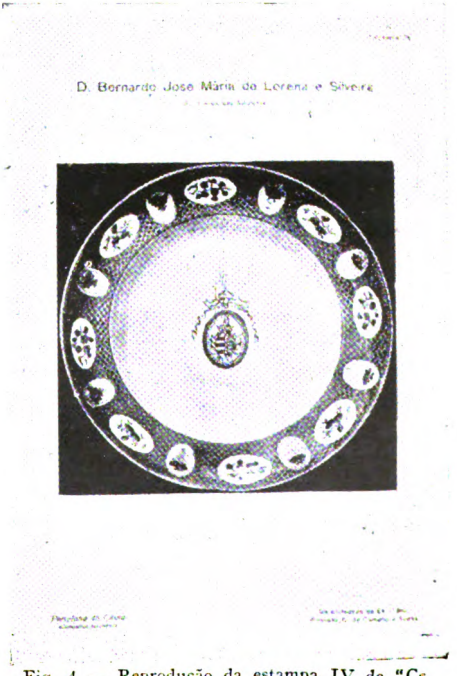


Fig. 4 — Reprodução da estampa IV de "Ceramica Brazonada", mostrando peça de louça de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, com suas respectivas armas.

Digitized by Google

Fig. 5 — Reprodução ampliada do brasão d'armas da estampa IV de "Ceramica Brazonada" (*fig. 4*).

Fig. 6 — Reprodução da estampa V de "Ceramica Brazonada", mostrando peça de louça de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, com suas respectivas armas.

Fig. 7 — Reprodução ampliada do brasão d'armas da estampa V de "Ceramica Brazonada" (*fig. 6*).

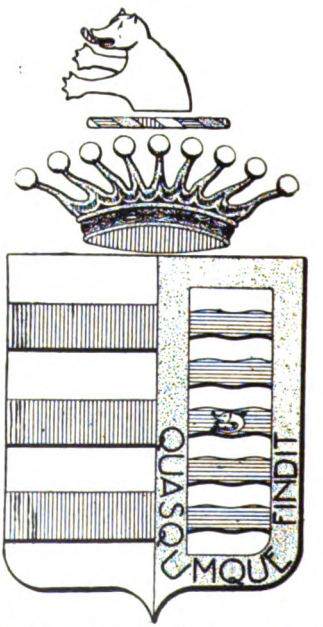


Fig. 8 — Desenho das armas de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, executado pelo A. e que corresponde aos brasões reproduzidos nas *figs. 2* a *7*.

Digitized by Google

ráldica, quando se reproduzem dois brasões d'armas face a face ou "afrontados", como se tem verificado em antigos vitrais e decorações. Mas a "cortesia heráldica" se extende também para o terreno religioso, notadamente nas igrejas, onde as armas alí reproduzidas devem estar voltadas para as imagens e objetos sagrados.

Afim de verificar se se tratava ou não de uma aplicação da "cortesia heráldica", estivemos na capela dos jazigos da igreja da Veneravel Ordem Terceira de São Francisco, onde se encontram os restos mortais do filho de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira. Pela disposição do pequeno monumento (2) de d. Francisco de Assis, pudemos verificar não haver "cortesia heráldica" alguma; pelo contrário, pois o altar da capela dos jazigos se acha à direita do escudo e o timbre, voltado à esquerda, sem que, para êste lado, houvesse outro brasão.

No brasão d'armas gravado numa placa de mármore, junto às cinzas de dna. Ana Maria de Almeida Lorena Machado (3), na capela de Sta. Luzia, o timbre se acha tambem voltado à dextra, lado em que se encontra o altar-mór. Poderiamos, nesse caso, atribuir o fato à aplicação da "cortesia heráldica", mas acontece que, nesse mesmo templo, no alto de uma cornija interna, acha-se esculpido o mesmo brasão (4), também com o timbre voltado. O mesmo se dá com o brasão gravado em mármore, na porta de entrada da capela (*fig.* 1).

Inaceitavel, pois, a hipótese da "cortesia heráldica", para justificar a colocação do timbre voltado à dextra.

Diante disso, temos que analisar o segundo e último caso: sinal de bastardia.

Como se infere de usos e costumes e das legislações nobiliarquicas, as mais antigas, da França, Hespanha, Portugal, etc., aos bastardos era permitido usar as armas progenitoras mas com certas diferenças, assinalando ou caraterizando a bastardia. Segundo o item 11, do § 2.º do Regimento e Ordenança de Armaria, do Rei d. Manoel (5), "todo aquele que for filho bastardo, e descender de alguma linhagem, ou linhagens" deveria trazer, por diferença, "um filete preto em contrabanda, por cima de todo o escudo" e, mais adiante, "ainda que sejam legitimados não deixarão de trazer estas diferenças".

Vê-se, portanto, que ao bastardo era lícito usar armas de seus ancestrais, mas com expressas diferenças, mesmo que fosse legitimado.

Todavia, usualmente, o sinal de bastardia se fazia também no elmo, voltando-o à esquerda. E. Simon de Boncourt, na sua "Grammaire du Blason" (Paris, 1885), diz à página 93: "Le heaume des Bâtards est aussi d'acier poli, mais tourné à sénestre (signe de bâtardise"). Em "Heráldica" (Barcelona, 1933), Alexandro de Armengol y de Pereyra (página 108) anota que "los bastardos tienen que llevar los cascos como

(2) **Reproduzido na página 268 do n.º 2, ano I, desta revista.**
(3) **Idem, página 271, idem, idem.**
(4) **Idem, página 272, idem, idem.**
(5) ***Apud*** **"Do Direito Heraldico Português", pelo conde de São Payo (Lisbôa, 1927).**

Digitized by Google

los nuevos nobles, pero con la visera bajada, y además, contornados, esto es, mirando a la parte siniestra". Vários outros autores, que nos dispensamos de citar, confirmam esta prática.

O sinal de bastardia não se caracterizava sómente no elmo, mas em tudo quanto fosse colocado ou voltado à esquerda, como acontecia com a brisura. Vicente Castañeda em "Arte del Blasón" (Madrid, 1923), nos ensina que "quando la brisura está colocada en el lado siniestro del escudo, denóta bastardia" (página 95). Êsse mesmo autor, estudando os timbres, diz ainda na citada obra (página 142) que "el mejor perfeccionamento de ciencia heráldica hizo que los Reyes de Armas dictasen preceptos para regular su uso, convertiendose la cimera en hereditaria y prohibiendo a los bastardos usar la correspondiente de que ilegitimamente procedian; por esto motivo, Juan, duque de Borgoña, usó como cimera un árbol de oro en vez de la flor de lis, y Felipe el Bueno, de la Casa de Francia, una lechuza siniestrada, como marca de su bastardia".

Várias eram, pois, as formas de se indicar, no brasão, a origem bastarda, salientando-se a colocação de figuras à esquerda ou a ela voltadas, sobretudo o elmo e o timbre.

Tornando ao caso em apreço, devemos considerar, deante do exposto, que o timbre do brasão de d. Francisco de Assis, e seus descendentes, foi intencionalmente colocado à esquerda. E' evidente que a primeira reprodução se fez no jazigo do bastardo de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, falecido em 1835, e as demais, que se apresentam com o timbre voltado, devem ter sido dela copiado.

Dna. Maria Franco da Rocha, portanto, não provou que d. Bernardo tenha usado as mesmas armas esculpidas aqui em São Paulo. Nem mesmo quanto a d. Francisco de Assis se patenteou tivesse usado as armas dos Silveiras, pois foram esculpidas depois de seu falecimento. Daí a possibilidade, que não deve ser desprezada, como opina Carvalho Franco, de que após a morte do filho do 11.º capitão-general de São Paulo, quando se pretendeu reproduzir, em seu túmulo, um brasão d'armas, quem disto se encarregou teria consultado tratadistas da época, talvez d. Caetano de Souza. Êste autor, à página 552 de "Grandes de Portugal", edição de 1755, dá aos Condes das Sarzedas, do ramo extinto em 1745, as armas constituidas de "três faxas vermelhas em campo de prata; timbre meyo urso de prata, armado de vermelho". Disto resultou o êrro de se fazer reproduzir tais armas no jazigo de d. Francisco de Assis, por se supor tivesse êle as dos condes das Sarzedas, cujo ramo estava extinto. Aceitaram-se, pois, estas armas e as colocaram em seu túmulo, com o timbre voltado à esquerda, como sinal de sua bastardia.

Mas a divergência do assunto em fóco não gira em torno das armas de d. Francisco de Assis e seus descendentes, e muito menos quanto à questão do timbre. O que nos interessa é saber quais eram as de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira.

Dna. Maria Luiza Franco da Rocha contesta nosso trabalho, em que demonstramos, baseados em Braamcamp Freire, serem as armas de d. Bernardo compostas das dos Silveiras e dos Távoras.

Digitized by Google

Braamcamp Freire, cuja obra "Brasões de Sintra" (I vol.) lemos e possuimos, de fato não diz expressamente que as "peças de louça da India de dois padrões diferentes, um deles belíssimo, com estas armas" tivessem pertencido a d. Bernardo, mas isto está perfeitamente subentendido, mesmo porque se trata de uma nota a um capítulo referente ao próprio d. Bernardo. Sendo êste Silveira e Távora, só a êle pertenceria a louça em questão e nem Braamcamp Freire iria fazer uma referência dessa ordem, se não tivesse certeza da relação da louça com d. Bernardo. A título de que iria Braamcamp Freire, notavel pelo critério e pela honestidade de suas afirmativas, referir-se a fatos que não tivessem ligação entre si?

Aliás, estamos certos que dna. Maria Luiza disso também está convencida e tanto que aceita, embora como suposição, ter a louça pertencido a d. Bernardo, mas nega que lhe tenha sido própria, pois poderia tel-a recebido de presente. E para comprovar sua afirmativa, nossa ilustre contraditora cita um prato de Saxe, que possuiu, em que se encontram reproduzidas armas estranhas a si e à sua família. Mas, de nossa parte, perguntamos: que prova nos apresenta dna. Maria Luiza de ter sido a louça presenteada? Se tal fato se prende a simples suposição, tambem se deve aceitar como fato de que se trata de louça própria de d. Bernardo. No terreno das conjeturas, portanto, as opiniões se equilibram. Resta comprovar uma delas, para que a mesma prevaleça.

Como prova documentária inequívoca de que a louça referida por Braamcamp Freire era própria de d. Bernardo, podemos citar o I volume da revista "Ceramica Brazonada", do conde de Castro e Solla (Lisbôa, 1923), em que, nas estampas III, IV e V (*figs.* 2 a 7) se reproduzem tres peças diferentes de louças de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira. São tres pratos, em cujo centro está pintado um brasão que é o mesmo por nós desenhado (*fig.* 8), com ligeiras diferenças. Estas diferenças se notam, principalmente, na fórma do escudo e na existência de suportes, as quais, do ponto de vista heráldico e perante a tése que defendemos, não têm importância alguma.

O conde de Castro e Solla, no seu trabalho acima referido, não se limita a simples reproduções de fotografia de louças, pois vai além. Tece uma biografia dos a que as peças pertenceram, com preciósos dados históricos, genealógicos e heráldicos. Notadamente na heráldica, detem-se quer na parte descritiva, quer na documentária, demonstrando, de uma fórma tão expressiva, ser um consumado historiador, genealogista e heraldista. Portanto, atribuindo os tres pratos reproduzidos nas estampas III, IV e V a d. Bernardo de Lorena e Silveira, é porque estudou muito bem o assunto, não encontrando a menor dúvida quando à procedência das peças da coleção do sr. Augusto C. de Campos e Souza e sua legitimidade.

Alem das peças reproduzidas, faz referências a outras, como colecionador consumado, todas elas atribuidas a d. Bernardo.

Encimando as reproduções dos pratos, da coleção do sr. Augusto C. de Campos e Souza, encontra-se a legenda "D. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira — 5.º Conde das Sarzedas", e no texto, sob n. 2 acres-

Digitized by Google

centa uma nota, esclarecendo que "foi dado o título de Conde de Sarzedas a D. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, descendente de um irmão do 1.º Conde, mas que não representava a casa". No Brasil, onde a nobiliarquia não era heriditária, dava-se a mesma coisa, como por exemplo, os 1.º, 2.º e 3.º barões de Monte Santo (6), que não tinham parentesco entre si, isto é, sem linha de sucessão alguma. Dá-se-lhes um número ordinal, unicamente para efeito cronológico e distintivo, não sendo, pois, índice de sucessão.

Ao descrever o prato reproduzido na estampa V, o Conde de Castro e Solla diz o seguinte: "...no centro o mesmo escudo mas com estas diferenças: na primeira pala (*Silveiras*) o campo está de branco ou de prata e as faxas de purpura; na segunda (*Tavoras*) em campo de prata cinco faxas de azul, a do meio carregada de um golfinho de prata e bordadura de oiro com as palavras *Quaesqumquae findit;* timbre meio urso de prata, armado e linguado de vermelho". Parece-nos ter sido esta uma das peças a que Braamcamp Freire se referiu em "Brasões de Sintra".

Ha uma particularidade interessante a ser observada nas armas dos pratos das estampas III e IV, quanto ao troféo de bandeiras sobre o qual pousa o escudo, além dos suportes, nos brasões das estampas III e V, constituidos de dois ramos de silva formando uma silveira. Êstes mesmos ornamentos exteriores se encontram nos brasões esculpidos em alvenaria e gravados em mármore, na capela de Sta. Luzia. Esta particularidade é um indício de que os descendentes de d. Bernardo teriam, como já dissemos, usado suas mesmas armas, diferenciando-as com a eliminação das dos Távoras. D. Francisco de Assis, como se sabe, viveu vários anos com seu pai nas Índias e, assim, conhecendo os ornamentos exteriores das armas de d. Bernardo, te-los-ia tambem colocado no seu brasão.

Como verificamos, o conde de Castro e Solla foi um especialista em cerâmica brasonada e não iria atribuir a d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira louças que não lhe fossem próprias, mesmo porque, como já dissemos linhas atrás, dna. Maria Luiza não provou o contrário. Cingiu-se ao terreno das suposições, ao passo que nós oferecemos uma documentação idónea, que destroe as hipóteses levantadas. Em São Paulo, existe uma dessas peças (a da estampa III), pois figura na coleção do dr. Newton Carneiro, nosso distinto amigo aqui residente, que gentilmente nos proporcionou grata oportunidade de aprecia-la.

Devemos considerar, finalmente, que se trata de tres diferentes padrões de incontestavel autenticidade, cuja existência não se pode atribuir a simples presente.

Argumento encantadoramente feminino, o de dna. Maria Luiza, quando afirma que pessôas da famíla conhecem melhor o assunto que extranhos. Para não nos alongarmos em argumentos capazes de destruir tal afirmativa, basta-nos dizer, por exemplo, que o grande linhagista Silva Leme conhecia profundamente a ascendência de inúmeras ilustres famílias paulistas, mais que próprios descendentes dessas mesmas famílias. De outro

(6) 1.º barão de Monte Santo: Luiz José de Oliveira Mendes; 2.º barão de Monte Santo: Joaquim Simões de Paiva; 3.º barão de Monte Santo: Gabriel Garcia de Figueiredo.

Digitized by Google

lado, ninguem mais é conhecedor de toda a linhagem dos Camargos de São Paulo que o dr. Carvalho Franco; entretanto, se lhe perguntarem quais foram seus quartos ou quintos avós, creio que aquele prezado amigo encontrará dificuldade em responder com segurança. Isto quer dizer que não é o fato de alguem pertencer a uma família que lhe dá maiores conhecimentos genealógicos, mas tão sómente seus estudos sobre o assunto.

Finalizando estas notas, desejamos frizar que não temos por objetivo fazer com que prevaleça nossa opinião, pois esperamos apenas esclarecer êste interessante assunto. Acresce ainda que, já ha alguns anos, estamos colhendo elementos para a projetada "Nobiliarquia da antiga Capitania e Província de São Paulo", que está sendo elaborada pelo dr. Carvalho Franco e cuja parte heráldica nos foi confiada. Dêsse material, fazem parte integrante as armas de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, 11.º capitão-general de São Paulo, e daí nosso grande interêsse no estabelecimento da verdade.

Oxalá, portanto, possa dna. Maria Luiza Franco da Rocha nos provar o contrário do que aqui ficou dito, divulgando outros inéditos documentos, como fez em seu último trabalho, capazes de mostrar que estamos errados.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Sr. Antonio Ferreira de Morais, de Mariana:

"...*Anuario Genealógico Brasileiro*, que muito me tem servido nas pesquisas, a que nas vagas me dedico, no Arquivo da Curia Metropolitana...".

Do ex-deputado Antonio Gama Rodrigues:

"Bemvindo o 2.º numero da *Revista*. Como o 1.º, excelente e cuidado! Incontestavelmente, o serviço que o prezado amigo vem prestando, com a sua operosidade e constancia, às letras de pesquizas genealógicas, são extraordinarios, e não posso deixar, antes do mais, de, por isso, lhe transmitir um estreito e sincero abraço".

Do Dr. Carlos da Silveira, no "Correio Paulistano", de 7-II-1941:

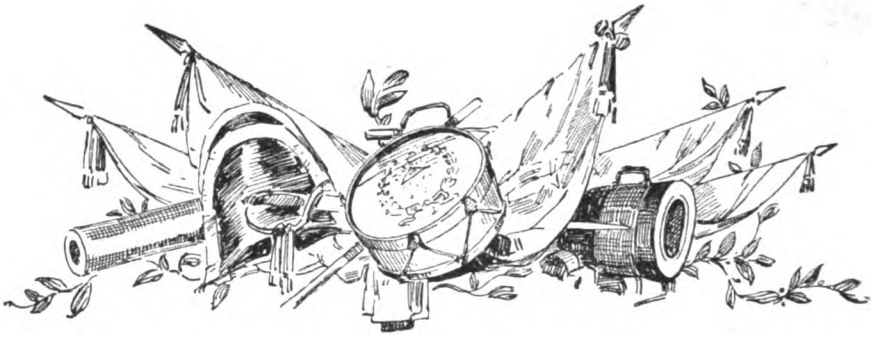
"Não resta duvida alguma que a genealogia está tomando um desenvolvimento promissor, por estes arraiaes, como é facil de vêr, mesmo numa ligeira observação. O Instituto Genealógico Brasileiro, continuando o seu programma, acaba de publicar o numero dois da *Revista Genealogica Brasileira*, nos mesmos moldes do anterior, cheio de gravuras e de excellente materia. Dado o interesse da materia publicada no numero dois, da *Revista Genealogica Brasileira*, reproduzo aqui o summario embora longo: (segue-se o sumario).

Do Dr. Clado Ribeiro Lessa, bibliofilo, do Rio de Janeiro:

"Fiquei muito bem impressionado com o desenvolvimento que vem tomando em S. Paulo, o gosto pelos *ex-libris*, assim como pelo interesse que a respectiva secção da *Revista Genealógica Brasileira* tem despertado aqui no Rio. Vou desde já utilizar os seus serviços, solicitando a V.S. a marca de posse de Ricardo Gumbleton Daunt (1) unica do seu stock que ainda não possuo. Oportunamente enviarei a V. S., para ser publicada na *Revista* a lista das peças da minha coleção, assim como das duplicatas de que disponho".

(1) (1818-1893).

Digitized by Google



Notas da Familia Toledo Martins

(Continuação da pag. 299 da Revista anterior)

HORACIO DE C. TOLEDO MARTINS
do Instituto Genealógico Brasileiro

ASAMENTOS

1857 — Casou-se minha filha Ana com o Sr. José Antonio da Cruz, no dia 23 de dezembro de 1857.

1869 — Casou-se minha filha Luiza com o Sr. Bernardino Antonio Vieira Barboza, no dia 15 de maio de 1869.

1869 — Casou-se minha filha Margarida com o Sr. Francisco Antonio de Sampaio, no dia 22 de maio de 1869.

1872 — Casou-se meo filho Francisco com D.ª Maria José de Araujo Gomes, no dia 16 de março de 1872.

1866 — Casou-se meo filho Joaquim com D.ª Maria Amelia de Mascarenhas, no dia dia 7 de outubro de 1866.

1870 — Casou-se meo filho Martim com D.ª Delphina Honorina de Mascarenhas Martins no dia ... (ilegivel) de 1870.

1878 — Casou-se meo filho José com a minha sobrinha Gabriella no dia 11 de março de 1878. Minha sobrinha D.ª Gabriella Augusta Vieira Barboza.

FALLECIMENTOS

1853 — No dia 4 de novembro morreu minha filha Gabriella. Acha-se sepultada na Igreja Matriz da Cidade digo Vila de São Vicente.

1864 — Morreu minha mãe D.ª Margarida da Graça Martins a 13 de julho de 1864. Acha-se sepultada no Cemitério Municipal de S. Paulo.

Digitized by Google

1865 — Morreu meu cunhado Cap. Agostinho José de Carvalho, no dia 10 de janeiro de 1865.

1867 — Morreu minha filha Maria Angelica no dia 5 de fevereiro de 1867, acha-se sepultada no Cemitério da Vila de Santa Barbara.

1872 — Morreu minha mana D.ª Angela Martins de Carvalho no dia 23 de julho de 1872.

1872 — A 25 de setembro de 1872 faleceu minha cunhada D.ª Bernardina Augusta Vieira Barboza. Acha-se sepultada no Cemiterio de Campinas.

1875-(3) Morreu aos 18 de abril de 1875 meu Sogro o Conselheiro Joaquim Floriano de Toledo, com 81 anos de idade. Jaz sepultado no Cemitério Municipal de S. Paulo.

1877 — Aos 24 de setembro de 1877 suicidou-se meu irmão Manoel Francisco da Graça Martins. Acha-se sepultado no Cemitério da Vila de Santa Barbara.

1878 — Aos 24 de fevereiro de 1878 faleceu meu sobrinho Carlos nesta Vila, de um ataque apopletico. Acha-se sepultado no Cemitério da Vila de Santa Barbara.

1878 — Faleceu minha filha Ana, aos 30 de maio de 1878, na cidade de Jundiai, acha-se sepultada no Cemitério da mesma cidade. Deixou nove filhos — Luiz, Maria, Eugenia, José, Joaquim, Teófilo, Henrique, Martim, Porfirio.

* * *

E, aí, terminavam as anotações feitas por meu avô paterno, seguindo-se outras que se relacionam com nascimentos de escravos, casamentos de livres e carijós, para, mais adiante, fazer assentamentos sobre sua vida particular, como um que não quero deixar de transcrever:

> "Fui nomeado Administrador da Barreira do Cubatam a 28 de fevereiro de 1856. Exerci este cargo cinco anos e um mês. Fui demitido pelo (ilegivel) Presidente Antonio José Henrique a 9 de março de 1861, por ter sido eleitor pelo Partido Liberal. Meu compadre Henrique Geraldo foi um dos instigadores da minha demissão".

Mais adeante, lê-se este grito de revolta:

> "Peguei no engenho de gado no dia 1.º de novembro de 1862. Larguei desgraçadamente no dia 20 de janeiro de 1863. Foi a minha completa ruina. Perdi muito dinheiro e roubaram-me á grande".

Homem perfeitamente organizado, tudo quasi o que ocorrera com sua vida particular está perfeitamente documentado, não faltando mesmo as suas dívidas, até as menores, de algum troco de dinheiro, de 20 réis, e até mesmo de diferenças de 10 réis que não lhe pertenciam.

Espêlho de honradez e de critério, caráter cristalino, coração bondosissimo, traçou para os seus descendentes, o caminho da circunspecção e do trabalho, no qual foi educado, como o unico pelo qual podem os homens de bem conseguir a amizade e o respeito de seus semelhantes.

* * *

Digitized by Google

(1) Do casal Belchior Francisco da Graça Martins e D.a Alexandrina Angelica de Toledo nasceram 12 filhos. Silva Leme, no Volume 4.º, paginas 282 a 286 — 8-10, dá a conhecer somente 10 filhos, faltando os de nomes Gabriella, n. em 19-1-1853 e † 4-11-1856 e Maria Angelica, n. 24-5-1862 e † 5-2-1867. Assim, de acôrdo com os assentamentos de meu avô, foram 12 os filhos havidos e por êle relacionados conforme acima se verifica.

(2) Silva Leme menciona a pagina 281, V. 4.º, 7-2 o nome de Cap.m Manoel Martins da Graça. Este era irmão de Belchior Francisco da Graça Martins, e o seu nome exato é Manoel Francisco da Graça Martins.

(3) No registro dos "Falecimentos", menciona Belchior Francisco da Graça Martins o referênte ao seu sogro, o Conselheiro Joaquim Floriano de Toledo.

Nada ainda veiu a publico sobre a personalidade de Joaquim Floriano de Toledo, cuja vida pública, iniciada ainda no verdor dos anos, foi das mais nobres, cheia de serviços á Provincia de S. Paulo, funcionário público exemplarissimo, chefe da Provincia, homem impoluto, e que, por si só, conseguiu galgar as posições mais brilhantes da vida politica e social de então, tendo sido mesmo considerado um grande benemerito de S. Paulo, conforme se lê na noticia dada pelo "Cabrião", jornal daquela época, quando estampára sua fotografia.

Ocupou os cargos de Thesoureiro da Tesouraria da Fazenda; Secretario da Secretaria do Governo, cargo em que foi aposentado, depois de perto de 60 anos de serviços, com Rs. ..... 1:431$000 anuáis, soma elevada naquélas eras. Foi suplente de deputado e deputado, ocupando estes postos de eleição nas legislaturas de 1830-1841. Como vice-presidente da Provincia a administrou por seis vezes, no impedimento do presidente. Alferes de ordenanças de S. Paulo, patente de 17-2-1817. Alferes de Infantaria, 27-2-1819, Tenente Coronel, Coronel e Conselheiro, teve a honra de receber das mãos de S. M. a Imperatriz o titulo e a comenda de Oficial da Ordem da Rosa, com que foi agraciado por despacho de 14-3-1846, aniversario de S. M.

Foi escrivão da Irmandade da Santa Casa e Vice diretor da Sociedade Casino Paulistano, alem de inumeros outros cargos que ocupava no meio social de então.

Nasceu o Conselheiro Joaquim Floriano de Toledo em S. Paulo, aos 9 de junho de 1794 e faleceu aos 18 de abril de 1875, nesta mesma cidade.

De sua descendência, que foi grande, trata Silva Leme no V. 4.º paginas 273-81- a 288-96.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E Á REVISTA

Do Snr. Dicesar Plaisant, do Paraná:

"A Academia Paranaense de Letras, acusa, por meu intermedio, o recebimento do exemplar n.º 2 da magnifica *Revista Genealógica Brasileira*, de sua patriotica direção...".

Do Dr. João Dornas Filho, da "Folha de Minas":

"...excelente publicação..." "Ciência ainda tão pouco estimada no Brasil, a genealogia tem na *Revista Genealógica Brasileira* um poderoso instrumento de afirmação e estimulo, que certamente frutificará, dadas a seriedade e o apuro com que é feita essa excelente publicação, honra de nossa imprensa especializada". (outra carta): "...excelente e indispensavel *Revista Genealógica Brasileira...*" "notavel publicação...".

Do Sr. Lupion Quadros, da Biblioteca Publica do Paraná:

"Com prazer, cumpro o dever de acusar recebido um exemplar do n.º 2 da brilhante e mui util *Revista Genealógica Brasileira*. A Biblioteca tem recebido a Revista com toda a regularidade".

Do Dr. Mario Aloysio Cardoso de Miranda, Prefeito de Petropolis:

"Recebi a Revista, que está esplendida, cada vez melhor. A impressão, a disposição da matéria, as colaborações, tudo agrada. Tenho ouvido os maiores elogios à obra que está realizando. Não calcula, não póde calcular o amigo, como se aprecia o seu trabalho, como se faz justiça ao seu devotamento e ao que tem feito..."

Do Sr. Maximo Cruz de Azevedo Marques, de Santos:

"...esplendida *Revista Genealógica Brasileira*".

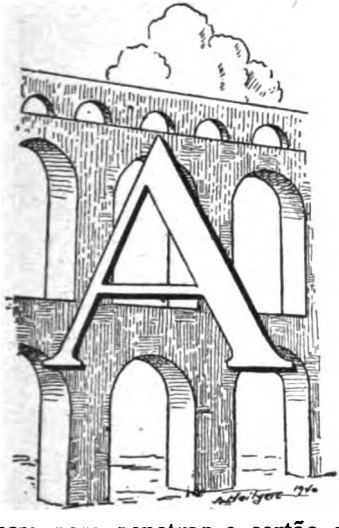
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE S. PAULO-INTERIOR

A descendencia dos "Antunes Cardia"

BENEDICTO PIRES DE ALMEIDA



TRADICIONAL familia Antunes Cardia pertence ao titulo "Almeidas Castanhos", da "Genealogia Paulistana".

E' originada de Izabel Proença (§ 4.º) filha de Maria Castanho que se casou "em Santos pelos anos de 1564 a 1565 com Antonio de Proença, natural da Vila de Belmonte, moço da Camara do infante Dom Luiz, senhor de Belmonte e duque da Guarda. Antonio de Proença foi notavel pelo seu prestigio e serviços que prestou a causa publica; assim, quando Diogo Cam, o magnata de alcunha veio a S. Paulo buscar soccorro para penetrar o sertão da Capitania do Espirito Santo em descobrimento de ouro, prata e esmeraldas (e foi a 1.ª tentativa deste genero) foi o dito Antonio de Proença quem lhe fez todo o fornecimento, fazendo acompanhar a expedição seu filho Francisco de Proença com armas e escravos tudo a sua custa" conforme narra Silva Leme, no inicio do titulo "Almeidas Castanhos", da obra citada, a fls. 380-381.

Deste casamento nasceram cinco filhos sendo o quarto, uma filha Izabel de Proença, casada com Francisco Vaz Coelho (S. L. 4.º — 385), natural de Portugal, que serviu em S. Paulo os honrosos cargos da republica. Este casal teve onze filhos, sendo que o primeiro foi Maria Coelho (2-1 — S. L. 4.º — 385), casada com Paulo de Anhaia e progenitores de outra Maria Coelho (3-3 — S. L. 4.ª — 403) casada com Manuel Veloso. Uma terceira Maria Coelho (4-3 — S. L. Vol. 404) nasceu deste casamento, e foi casada, por sua vez, em 1694, em Itú com Manuel Antunes Cardia, natural do Porto (Mattozinhos) filho de João Antunes e de Ana Cardia.

Digitized by Google

Silva Leme, a quem seguimos até aqui, assevera que descobriu dois filhos deste casamento.

1-1 = Verissimo Antunes Cardia.
1-2 = Custódio Antunes Cardia.

1-1 = Verissimo Antunes Cardia casado em 1751 em Itú com Maria Leite da Silva, natural de Pindamonhangaba, filha de Matias Corrêa Leme e de Monica Barbosa. Sobre ele nada podemos acrescentar ao que foi escrito por Silva Leme.

1-2 = Custódio Antunes Cardia casado em 1754 em Itú com Maria de Godoi, filha de Paulo de Almeida Leme e de Escolastica Alves Pimentel. Teve:

2-1 = Antonio Antunes Cardia, natural de Itú, casou em 1793 na freguezia de Araritaguaba com Gertrudes Maria Pinto filha de Antonio Vieira Pinto, natural de Pouso Alto, e de Maria de Jesus, n. p. de João Vieira da Silva natural de Braga, e de Tereza Pinto, natural de Taubaté, n. m. de Cristovão Borges, natural da Ilha de S. Miguel, e de Leonôr Cardoso.
3-1 = Antonio Antunes Cardia — § 1.º
3-2 = Luiz Antunes Cardia — § 2.º
3-3 = Elizeu Antunes Cardia — § 3.º

§ 1.º

3-1 = Antonio Antunes Cardia casado em 16 de Janeiro de 1826, em Porto Feliz, com Maria Leite de Araujo filha do ajudante Manoel Fernandes Leite e de Mariana Alves de Araujo (S. L. 5.º — 270). Teve os sete filhos que descobrimos e constam do recenseamento de 1843, existente no Departamento do Arquivo do Estado:

4-1 = Antonio de 16 anos.
4-2 = Ana de 13 anos.
4-3 = Custódio de 12 anos.
4-4 = Gertrudes de 9 anos.
4-5 = Mariana de 7 anos.
4-6 = Francisca, de 6 anos.
4-7 = Francisco, de 1 ano.

Foram infrutiferas as pesquisas para conhecer-se a descendência completa de Antonio Antunes Cardia.

§ 2.º

3-2 = Luiz Antunes Cardia casado em 4 de outubro de 1830, em Porto Feliz, com Brigida Maria de Barros filha do Tenente João Manoel Gil Ferreira e Ana Maria de Jesus. (S. L. 1.º — 249). Teve os 6 filhos:

3-1 = João Antunes Cardia.
3-2 = Luiz Antunes Cardia.
3-3 = Francisco de Assis Vieira Cardia.
3-4 = Maria Antunes Cardia.
3-5 = Gertrudes Antunes Cardia.
3-6 = Joaquim do Amaral Cardia.

3-1 = João Antunes Cardia foi casado com Francisca Pires de Almeida, filha de Antonio Pires Guerreiro e Luciana Bueno de Almeida. Não deixaram sucessão.

Digitized by Google

3-2 = Luiz Antunes Cardia casou a 1.ª vez em Porto Feliz, com Francisca de Arruda Pais, filha de Francisco de Arruda Pais (S. L. 9.º — 151) e Ana de Arruda Leite. Segunda vez casou com Gabriela de Arruda Campos filha do mesmo Francisco de Arruda Pais e de sua 2.ª mulher Carolina de Campos Pacheco. Luiz Antunes Cardia, nascido em Porto Feliz, residiu em Tietê até 1879, quando se mudou para Jaú, lá foi fazendeiro e onde passou grande parte de sua existência. Faleceu em Tietê, no dia 22 de fevereiro de 1918, com 81 anos de idade. Teve 12 filhos, sendo:

4-1 = Luiz Benedito Antunes Cardia casado em Tietê, no dia 18 de junho de 1881, com Luiza Augusta de Moraes, filha de Salvador Corrêa de Morais e Maria Candida de Almeida (S. L. 2.º — 407). Sem geração. Sobre este cidadão honrado vide nosso trabalho "Um descendente do Alferes José Antonio Paes". Nho Luizinho Antunes" faleceu em 26 de Agosto de 1937.

4-2 = Francisco Antunes Cardia casado a primeira vez com Antonia de Arruda Camargo, falecida em 10 de fevereiro de 1903, filha de Delfino Arruda Camargo (S. L. 1 — 283) e Rita de Arruda Pais; 2.ª vez com Josefina de Arruda Campos, filha de Antonio Vaz de Arruda e Ana Eufrozina de Campos (S. L. 6.º — 324) falecida em 1922; 3.ª vez, em 25 de março de 1924, com Lavinia de Almeida Barbósa, nascida em Lençóes, filha de José Matias de Almeida Barbósa e Gertrudes Leopoldina de Almeida. Teve os seguintes filhos.

Da 1.ª mulher:

5-1 = Francisca, casada com Jorge Braulio de Camargo. (S. L. 1.º — 254). Tem geração.

5-2 = Rita, viuva de Antonio Lucio da Silva, filho de Manoel Moreira da Silva e Maria do Amaral Novaes. Deixou descendencia.

5-3 = Luiz casado com Candida de Arruda Cardia filha de Luiz Antunes Cardia e Ursula de Arruda Campos. Com 5 filhos.

5-4 = Delfino, casado com Dalila Corrêa de Lima filha de José Corrêa de Lima e Benedita Arruda Cardia. Tem geração.

5-5 = Maria, casado com Orlando Souto, filho de Bento Souto e dona Eliza de Barros Souto. Tem filhos.

Da 2.ª mulher:

5-6 = Ataly que foi casada com Marcial de Moura Campos, farmaceutico e hoje doutor em medicina. Faleceu sem deixar geração.

5-7 = Marina, casada com o Dr. Isnard dos Reis, Juiz de Direito de Pirajú, filho de Julio dos Reis e de dona Julia Serafina dos Reis. Têm descendencia.

4-3 = Ana de Arruda Cardia que foi casada com o Comendador Antonio Augusto de Almeida Cardia. Vide a descendencia no § 3.º — Elizeu Antunes Cardia.

Da mulher, Gabriela de Arruda Campos, teve:

4-4 = Joaquim Antunes Cardia, foi casado com? ..... já falecida. Teve:

5-1 = Maria Benedita de Oliveira casada com João Soares Arantes, residentes em Ibitinga, deste Estado.

5-2 = Luiz de Oliveira Cardia, casado com Maria Marson Cardia, residentes em Iacanga, comarca de Pederneiras, deste Estado.

4-5 = Arão Antunes Cardia, casado, residente em Bariry, deste Estado.

4-6 = João Antunes Cardia, já falecido, que foi casado com Carolina Cardia de Campos, deixando os seguintes filhos:

5-1 = Maria Cardia, viuva de José Antunes Cardia, residente em Tietê, com uma filha.

5-2 = João Baptista Cardia, casado com Maria Serrão Cardia, residente nesta cidade e com geração.

5-3 = Lazaro Cardia, solteiro, residente em Tietê.

5-4 = Conceição Cardia, solteira, residente em Tietê.

5-5 = Abel Cardia casado com Anna Modolo Cardia, tem geração.

5-6 = Raul Cardia, solteiro, residente em Tietê.

4-7 = Thomaz Antunes Cardia, já falecido, foi casado com Zoé Arruda Cardia, filha de Delfino Arruda Camargo (S. L. 1.º — 283) e Francisca Arruda Camargo, deixando 4 filhos:

5-1 = Lazaro Antunes Cardia, solteiro.

5-2 = Francisco Gabriel Antunes Cardia, solteiro.

5-3 = Maria Luiza Antunes Cardia, casada, com Leonel Naline.

5-4 = Thomaz Antunes Cardia, menor.

4-8 = Pedro Cardia, casado com Maria Augusta Cardia residente em Marilia, deste Estado.

4-9 = Maria Cardia Bandeira, casada com João Baptista de Assis Bandeira, residente em Bariry, deste Estado.

4-10 = Luiza Cardia, já falecida, que foi casada com Isidóro Bello, deixando os seguintes filhos:

5-1 = João Pompeu Bello, casado com Philomena Bertoco, residentes em Soturna, comarca de Pederneiras, deste Estado.

Digitized by Google

5-2 = Gabriella Bello, casada com David Gesmik, residentes em Soturna.
5-3 = Joaquim Bello, casado com Julia Tozzo, residentes em Soturna.
5-4 = Anna Bello, casada com Nadalim Genovezi, residentes em Soturna.
5-5 = Lazaro Bello, solteiro, residente em Soturna.
5-6 = Brasilina Bello, casada com Francisco Cardoso Duarte, residente em Soturna.
5-7 = Luiz Manoel Bello, de 17 anos, residente em Soturna.

4-11 = Gabriela Cardia Barbósa, viuva de Sebastião Gonzaga Barbósa, residente em Marilia, deste Estado.

4-12 = Antonio Antunes Cardia, residente em Presidente Prudente, deste Estado.

3-3 = Francisco de Assis Vieira Cardia nascido e casado em Porto Feliz com Mafalda Pires de Almeida, filha de Antonio Pires Guerreiro e Luciana de Almeida. Foi residente no bairro de Cerquilho, onde faleceu, em 6 de fevereiro de 1911, com 70 anos de idade. Teve os seguintes filhos:

4-1 = Benedito Antunes Cardia, "Nho Zico", casado com Maria Pires de Almeida, filha de José Pires Guerreiro e Candida Luiza de Campos. Falecido em 1 de novembro de 1901, com 38 anos de idade.
4-2 = Maria Antunes Cardia casada com João Pires do Rosario.
4-3 = Gertrudes, morreu solteira.
4-4 = Luciana Antunes Cardia, casada com João Ferraz de Campos, filho de Francisco Ferraz de Campos e Gertrudes Maria de Jesus. Com numerosa geração.
4-5 = Luiza Antunes Cardia, casada com João Domingues Barreto.
4-6 = João Antunes Cardia, casado em 14 de abril de 1900, com Hercilia Rodrigues filha de Benedito Gonçalves de Miranda e Leduina Rodrigues.
4-7 = Luiz Antunes Cardia, casou em 27 de junho de 1895 com Josefina Pires de Almeida, filha de José Pires Guerreiro e Candida Luiza de Campos.
4-8 = Brigida Antunes Cardia, casou em 20 de junho de 1903 com José Pires Guerreiro, seu tio, e viuvo de Candida Luiza de Campos. Com geração.
4-9 = Francisco, morreu moço em 1900.
4-10 = Mafalda Antunes Cardia, casou em 15 de agosto de 1905 com Benedito Augusto de Campos, falecido em 7 de junho de 1913, aos 38 anos, deixando duas filhas.

3-4 = Maria Antunes Cardia foi casada com Francisco Rodrigues Leite. Teve:

3-1 = Luiz Antunes Cardia Leite, casado com Ursula de Arruda Campos filha de Francisco de Arruda Paes e Carolina de Campos Pacheco.
Filhos:
4-1 = Carolina Campos Cardia viuva de João Antunes Cardia e Gabriela de Arruda Campos (4-6).
4-2 = Benedicta Arruda Cardia, casada com Olimpio Alves, residente em Conchas.
4-3 = José Cardia Rodrigues, casado com Florisa Alves Lima.
4-4 = Candida Arruda Cardia, casada com Luiz Antunes Cardia, filho de Francisco Antunes Cardia (4-2).
4-5 = Izabel Arruda Cardia, casada com José Maria Souza Lopes, residente em Conchas.

3-5 = Gertrudes Vieira do Amaral Cardia falecida em 16 de outubro de 1914, que foi casada com Delfino Martins de Melo, do Laranjal, falecido em 27 de dezembro de 1912. A proposito deste cidadão publicou "O Tietê" de 29 de dezembro daquele ano: "O honrado extinto, que contava 71 anos de idade foi, por assim dizer, quem fundou Laranjal. Foi quem mais concorreu para a construção do patrimônio da matriz da localidade. Foi quem mais auxiliou, talvez, a pobreza laranjalense. Era, acima de tudo, magnanimo. E impoluto.

Por isso, a sua morte foi, com justissima razão, muito sinceramente lamentada. O comércio, ciênte do triste acontecimento, fechou, imediatamente, em sinal de profundo pêsar, os seus estabelecimentos.

Os bons e valerosos na vida, pobres ou ricos, estes ou aqueles, hão de sempre ter na morte, a homenagem sincera dos contemporaneos". Teve um unico filho:

4-1 = Luiz Antonio de Mello Cardia, casado com Ana Candida Sampaio.
Filhos:
5-1 = Luiz de Melo Cardia, falecido, casado com Julieta Poli Cardia.
5-2 = Benedito Cardia Melo, casado com Stelita Rodrigues de Melo, residente em Laranjal.
5-3 = Maria Conceição do Amaral Melo, casada com Joaquim José do Amaral, falecido.
5-4 = Aracy de Melo Marquezi, casada com Alberto Marquezi.

Digitized by Google

5-5 = Luiza de Melo Rodrigues, casada com João Rodrigues Alves, residente em Laranjal.
5-6 = Salvador de Melo Cardia casado com Alice Souza Melo.
5-7 = Pedro Melo Cardia casado com Francisca Fernandes de Melo.
5-8 = Joaquim de Melo Cardia, casado com Luiza Rodrigues de Melo, residente em Laranjal.

3-6 = Joaquim do Amaral Cardia, casado em Lençóes, com Ursula do Amaral. Teve:

4-1 = Luiz.
4-2 = Gertrudes.
4-3 = Joaquim.

§ 3.º

3-3 = Eliseu Antunes Cardia casou com Gertrudes Vaz de Almeida, filha de Joaquim Vaz de Almeida e Luiza Portela Leite no dia 3 de dezembro de 1836, em Tietê. Acompanhando um movimento migratório muito comum nos tietêenses, mudou-se o casal para o Banharão onde possuiu fazenda de café e onde houve prosperidade. Tiveram os seguintes filhos:

3-1 = Nicanor de Almeida Cardia.
3-2 = Antonio Augusto de Almeida Cardia.
3-3 = Joaquim Elizeu de Almeida Cardia.
3-4 = José Emidio de Almeida Cardia.
3-5 = Carolina Augusta de Almeida Cardia.
3-6 = Candida de Almeida Cardia.
3-7 = Gertrudes de Almeida Cardia.
3-8 = Luiza de Almeida Cardia.
3-9 = Maria de Almeida Cardia.

3-1 = Nicanôr de Almeida Cardia casado com Georgina Miranda. Teve:
4-1 = Maria Henriqueta Cardia, solteira.

3-2 = Antonio Augusto de Almeida Cardia, o Comendadôr, casado com sua prima Ana Antunes Cardia. Teve:
4-1 = Francisca, casada com João Adolfo Ferreira. Tiveram 4 filhos.
4-2 = José, casado com Dóra Beckmam. Teve 1 filho.
4-3 = Gertrudes, casada com Francisco Teixeira Jor. Teve 3 filhos.
4-4 = Antonio, casado com Carmem de Oliveira. Têm 5 filhos.
4-5 = Joaquim, solteiro.
4-6 = Maria, casada com Gastão Rachou.

3-3 = Joaquim Elizeu de Almeida Cardia, casado com Izaura de Morais. Não tiveram filhos.

3-4 = José Emidio de Almeida Cardia, Barão do Avanhandava, casado com Carolina Amaral Gurgel. Não tiveram filhos.

3-5 = Carolina Augusta de Almeida Cardia, casada com Francisco Teixeira da Silva Pinto. Têm:
4-1 = Francisco, casado com Gertrudes Cardia com 3 filhos.
4-2 = Nicanôr, solteiro.
4-3 = Elizeu, casado com Francisca Arruda Campos, com 2 filhos.
4-4 = Joaquim.
4-5 = Ana, casada com Alderano Crisciuma, com 3 filhos.
4-6 = Gertrudes, solteira.
4-7 = Francisca, casada com Ariélo Vaz de Almeida. Têm:
5-1 = Ilda Teixeira de Almeida, solteira.
5-2 = Flavio Teixeira de Almeida, casado com Dagmar Carneiro. Tem descendencia.

Digitized by Google

5-3 = Nair, casada com Alberto Armando. Tem filhos.
5-4 = Herminio Teixeira de Almeida, solteiro.
5-5 = José Elias Teixeira de Almeida, solteiro.
5-6 = Alice Teixeira de Almeida, solteira.
4-8 = Candida, casada com Mario Miranda com 1 filho.
4-9 = Elói, casado com Gertrudes Lara Campos, com 3 filhos.
4-10 = Carolina, casada com Paulo Albuquerque, com 1 filho.

3-6 = Candida de Almeida. Ignoramos seu estado.
3-7 = Gertrudes de Almeida Cardia, casada com Caetano de Campos Melo. Teve:
4-1 = Caetano, casado.
4-2 = Bento, casado.
4-3 = Elizeu, casado com Ubaldina com 3 filhos.
4-4 = Alberto.
4-5 = José, casado com Zenaide Costa com 2 filhos.
4-6 = Maria, casada com José Viégas, com 5 filhos.
4-7 = Candida, casada com Juveral Soares com 2 filhos.
4-8 = Francisca, casada com Hermenegildo Guso. Tem 4 filhos.
4-9 = Josefina, casada com Otavio Moura Campos. Tem 3 filhos.

3-8 = Luiza de Almeida Cardia. Ignoramos seu estado.
3-9 = Maria de Almeida Cardia. Ignoramos o seu estado.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Dr. Helio Viana, em "Estudos Brasileiros", n.º 13 e 14, pg. 311:

"Os estudos genealógicos, no Brasil, nunca tiveram desenvolvimento idêntico ao que é hoje registado, em quasi todos os Estados da União. Por toda parte ha pesquizadores, remexendo os velhos livros de registo, de nascimentos, que guardam arquivos paroquiais. Os papeis de familia, os inventarios e testamentos, antigos códices há muito votados à poeira dos depositos públicos, todas as fontes documentais relativas aos antepassados estão sendo examinadas, confrontadas e aproveitadas por genealogistas que compreendem a importancia da tarefa de que, voluntáriamente se encarregaram. Em São Paulo, onde é mais pronunciado êsse movimento... "estão em acção, congregando os linhagistas e heraldistas de todo o país". No Rio Grande do Sul, como no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Baía, Pernambuco e Mato-Grosso, são tambem muitos os estudiosos que se dedicam a essa benemérita missão, que é a de restabelecer, tanto quanto possivel a história da familia brasileira, em seus quatro séculos de existencia. Como órgão do Instituto Genealógico Brasileiro, apareceu recentemente, em São Paulo, o primeiro número da *Revista Genealógica Brasileira*, magnifica publicação que se deve à competencia e dedicação do Tenente-Coronel Salvador de Moya, Presidente da nova associação e Diretor-responsavel da referida revista. Para que se tenha idéia da valiosa contribuição aos estudos genealógicos brasileiros oferecida pela mesma publicação, basta transcrever o respectivo sumário que é o seguinte: (segue-se o sumário).

Do escritor Julio da Silveira Sudario:

"... 2.º volume do Anuario, obra que lhe deve ter custado muito esforço e labor que se justificam, porém, porque é feito para o tempo e para as gerações".

Do Dr. Mario Torres, da Bahia:

"Agradeço-lhe muito penhorado o recebimento do *Anuario* de 1940. Magnifico"!

Do Prof. Walter Spalding, do Rio Grande do Sul:

"Recebi o magnifico, verdadeiramente primoroso Ano II do *Anuário Genealógico Brasileiro*. Meus parabens. Está um trabalho sobremodo interessante e notavel pelo material que encerra. Representa uma vitória e é uma glória para a genealogia brasileira".

Digitized by Google

Um descendente do Alferes José Antonio Paes

BENEDICTO PIRES DE ALMEIDA

ENTRE os moradores de Tietê que primeiro pisaram e lavraram suas terras, é citado como um dos principais o alféres José Antonio Paes. Aqui se estabeleceu em fins do seculo XVII.

Foi o alféres José Antonio Paes de Oliveira o segundo a obter sesmaria de terras outorgada pelo Capitão-General Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça, por provisão datada de 13 de novembro de 1798.

No antigo recenseamento das Ordenanças, de 1803, já encontramos o alféres afazendado no bairro Mandissununga, onde se situava a sesmaria de sua concessão; senhor de engenho, dono de 30 escravos, produziu naquêle longinquo ano 500 arrobas de assucar, sendo 350 arrobas de branco, 100 arrobas do redondo, 50 arrobas do mascavo, além de 70 canadas de aguardente e mais o mantimento suficiente para o gasto.

Juntamente com Pedro Vaz de Almeida constituiu o patrimonio da freguezia creada em 3 de agosto de 1811, formado de 10.000 braças quadradas, e, mais tarde, enquanto poude e o permitiu a avançada idade, foi fabriqueiro da Matriz.

Natural da Vila de Itú, casou-se, no entretanto, em 1785, em Araritaguaba (depois Porto Feliz), com a sua prima Anna Esmeria de Arruda, filha de José de Arruda Penteado e de Izabel Maria Paes (S. L. 4º - 483).

No mencionado recenseamento encontrámos o alferes com os seguintes filhos:

1 Rita com 16 anos.
2 José com 13 anos.
3 Joaquim com 11 anos.

Digitized by Google

4 Maria com 3 anos.
5 Antonio com 6 anos.
6 Ignacio com 13 anos.
7 João com 9 anos.
8 Prancisco com 1 ano.

Silva Leme não registou entre os filhos do fundador relacionados à página 483, do Vol. IV na ordem acima transcrita, em sua monumental "Genealogia Paulistana", os dois últimos filhos João e Francisco, em 1803 com 9 anos e 1 ano, respetivamente. O menino João teria falecido antes, isto é, anteriormente à instalação da paróquia de Pirapóra, em 1812, e, Francisco cresceu vivendo até 1860 ou 1862. Deste último filho, descoberto mais tarde por Silva Leme que já o menciona na *adenda* do IX volume, é que compilamos estes dados genealógicos. Servirão para completar as informações do linhagista pertinentes ao galho.

* * *

1-1 Francisco de Arruda Pais, cognominado o "Padre Eterno", filho do alferes José Antonio Paes e Ana Esméria de Arruda, foi casado duas vezes: a primeira, em 7 de dezembro de 1823, em Pirapóra, com Ana de Arruda Leite, filha do alferes José de Arruda Leite, natural de Sorocaba, e de Rita de Arruda. A segunda vez, foi casado com Carolina de Campos Pacheco, filha do alferes Luciano Francisco Pacheco (S. L. 4.º-466) não mencionada na "Genealogia Paulistana", volume citado, entre os filhos do alferes Luciano.

Teve sete filhos do primeiro casamento cujos nomes e idades descobrimos no recenseamento de 1843, da vila de Porto Feliz, existente no Departamento de Arquivo do Estado, a saber :

2-1 Antonio, de 15 anos.
2-2 José, de 13 anos.
2-3 Maria, de 12 anos.
2-4 Francisca, de 9 anos.
2-5 Rita, de 7 anos.
2-6 Francisco, de 5 anos.
2-7 Joaquim, de 13 anos.

Do segundo casamento teve:

2- 8 Gabriela de Arruda Campos.
2- 9 Carolina de Arruda Campos.
2-10 Izabel de Arruda Campos.
2-11 Ursula de Arruda Campos.

* * *

2-1 Capitão Antonio de Arruda Paes, nascido em Porto Feliz, em 1828 mais ou menos, se casou em 29 de março de 1859, com Maria das Dôres Dias de Arruda (Nhasinha), filha de Antonio de Arruda Leite e Gertrudes Leopoldina de Arruda.
Serviu como vereador suplente da Camara Municipal de Tietê na 7.ª legislatura, 1869-1872.
Filhos:

Digitized by Google

3-1 Anna Esmeria de Arruda, casada com Joaquim Loureiro de Arruda, filho de Antonio Dias de Arruda, natural de Sorocaba.
Teve:
4-1 Benedito Loureiro de Arruda, casado, reside em Tietê.
4-2 Maria das Dôres de Arruda, falecida.
4-3 Raymunda Loureiro de Arruda, falecida.
4-4 Antonio Loureiro de Arruda, falecido.

3-2 Gertrudes Leopoldina de Arruda, casada com José Loureiro de Arruda, irmão de Joaquim Loureiro, acima referido. Sem geração.

3-3 Francisco de Paula Leite, casado com Maria Augusta de Souza.
Filhos:
4-1 Maria Auróra de Arruda, solteira.
4-2 Gabrielina de Arruda, casada.
4-3 Clarisse de Arruda, casada.
4-4 Alice de Arruda, casada.

2-2 José. Ignoramos si viveu e seu estado.

2-3 Maria de Arruda Paes, casada com Antonio Pires de Arruda, falecido em 29 de dezembro de 1869. Teve:
3-1 Francisco Pires Fagundes.
3-2 Maria Pires de Arruda.

2-4 Francisca de Arruda Paes, falecida em 12 de abril de 1867, casada com Luiz Antunes Cardia, filho de Luiz Antunes Cardia e Brigida Maria de Barros (S. L. — 1.º — 249).
Filhos:

3-1 Luiz Benedito Antunes Cardia. Natural da legendaria cidade de Porto Feliz, onde nasceu a 4 de março de 1862.
Mudando-se muito criança para Tietê, desde então aqui viveu e onde se casou a 18 de junho de 1881, com dona Luiza Augusta de Moraes, filha de Salvador Corrêa de Moraes e de dona Maria Candida de Almeida.
Dedicando-se à politica em 13 de outubro de 1892, foi empossado como 2.º suplente de Delegado de Policia.
Em 7 de janeiro de 1899 foi empossado como vereador na 3.ª legislatura de 1899 a 1901, sendo eleito no mesmo dia para o cargo de Intendente Municipal que exerceu até 5 de maio de 1899, quando renunciou e foi substituido pelo snr. Domingos Augusto de Faria, renunciando a cadeira de vereador com mais 6 companheiros no dia 28 de abril de 1901.
Em 30 de outubro de 1913 foi eleito vereador à Camara da 8.ª legislatura de 1914 a 1916, e nóvamente eleito e empossado vereador juntamente com Domingos Teixeira de Campos, no dia 10 de junho de 1918, nas vagas com a renuncia dos vereadôres Teofilo Olinto Filho e Ciriaco Ferreira do Amaral.
Eleito Prefeito Municipal em 11 de novembro de 1919 e neste cargo se conservou até 15 de janeiro de 1920.
Fez parte nóvamente da Camara da 11.ª legislatura de 1923 a 1925, renunciando o mandato em 23 de setembro de 1924 para abrir vaga ao snr. Delfino Martins Bonilha, escolhido para ocupar o cargo de Prefeito.
Com a renuncia do Dr. Otavio da Costa Carvalho, vereadôr na 13.ª legislatura, foi o seu nome sufragado pelo eleitorado republicano em 30 de maio de 1930, sendo esta a ultima eleição que se procedeu no municipio até o advento da éra revolucionaria.
A pósse deu-se no dia 10 de junho de 1930, sendo a sessão de Camara em que ela se deu, uma das mais agitadas por questões politicas da época.
Em 16 de janeiro de 1921, foi eleito Provedôr da Diretoria da Sociedade Beneficente de Tietê, para o bienio de 1921 a 1922.
Em 15 de novembro de 1908, juntamente com os snrs. José Augusto de Toledo, Rafael Augusto de Souza Campos, Dr. Domingos de Almeida Campos, Dr. Roberto Teixeira de Assunção, João Batista de Camargo Barros e Cesario Carlos de Almeida, fundou o partido que se bateria pela candidatura Rui Barbósa e mais tarde seria o Partido Republicano e que só deixou o poder em 24 de outubro de 1930.
Luiz Benedito Antunes Cardia de vida modesta na juventude, foi carreiro, e de pouco em pouco tornou-se uma figura proeminente na sociedade e na politica tietense.
Estimado por póbres e ricos, sua casa vivia cheia de amigos.
Faleceu em 26 de agosto de 1937, sem deixar descendência.

3-2 Francisco Antunes Cardia, adiante enumerado.

3-3 Ana de Arruda Cardia, casada com o seu primo Antonio Augusto de Almeida Cardia (1), filho de Elizeu Antunes Cardia e Gertrudes Vaz de Almeida.
Teve:
4-1 Francisca, casada com João Adolfo Ferreira.
4-2 José, casado com Dora Bekman.
4-3 Gertrudes, casada com Francisco Teixeira Jor.
4-4 Antonio, casado com Carmen de Oliveira.
4-5 Joaquim, solteiro.
4-6 Maria, casada com Gastão Rachou.

2-5 Rita de Arruda Paes que se casou em 13 de outubro de 1859, em Tietê, com Delfino de Arruda Camargo (S. L. — 1.º — 283).
Teve:

(1) Vêr "A descendência dos Antunes Cardia".

Digitized by Google

3-1 Ana Tereza de Arruda, casada com José de Arruda Leite (Juca Monge) em 8-5-1875, professor particular.
3-2 Antonia de Arruda Camargo, casada com Francisco Antunes Cardia (3-2 — filho de Francisca de Arruda Paes 2-4 acima). Teve:
4-1 Francisca, casada com Jorge Braulio de Camargo (S. L. 1.º — 254).
4-2 Rita, viuva de Antonio Lucio da Silva, filho de Manoel Moreira da Silva e Maria do Amaral Novais.
4-3 Luiz Cardia, casado.
4-4 Delfino Cardia, casado.
4-5 Maria, casada com Orlando Souto.
3-3 Maria, casada com João Rolim de Arruda.
2-6 Francisco de Arruda Paes, morreu solteiro em 3 de junho de 1865.
2-7 Joaquim de Arruda Paes, ignoramos o seu estado.

DA 2.ª MULHER:

2-8 Gabriela de Arruda Campos, casada em 1868 ou 1869, com Luiz Antunes Cardia (1) viuvo de Francisca de Arruda Paes (2-1).
Filhos:
3-1 Joaquim Antunes Cardia, casado.
3-2 Arão Antunes Cardia, casado.
3-3 João Antunes Cardia, casado.
3-4 Thomaz Antunes Cardia, casado.
3-5 Pedro Cardia, casado.
3-6 Maria Cardia Bandeira, casada.
3-7 Luiza Cardia, casada.
3-8 Gabriéla Cardia Barbósa, casada.
3-9 Antonio Antunes Cardia.
2-9 Carolina de Arruda Campos, casada em 20 de junho de 1868, em Tietê, com Honório de Camargo Penteado, filho de José de Camargo Penteado e Maria de Arruda Leite. (S. L. 1.º — 253).
2-10 Izabel de Arruda Campos, casada em 11 de maio de 1869 em Tietê, com Joaquim de Camargo Penteado Sobr.º, filho de José de Camargo Penteado e Maria de Arruda Leite. (1.º — 252. S. L.).
2-11 Ursula de Arruda Campos, casada em 29 de novembro de 1873, em Tietê, com Luiz Antunes Cardia Leite, filho de Francisco Rodrigues Leite e de Maria Nazaréth Amaral Cardia.
Filhos:
4-1 Carolina de Campos Cardia, viuva de João Antunes Cardia, filho de Luiz Antunes Cardia e Gabriela de Arruda Campos.
4-2 Benedita Arruda Cardia, casada com Olimpio Alves, residente em Conchas.
4-3 José Cardia Rodrigues, casado com Florisa Alves Lima.
4-4 Candida Arruda Cardia, casada com Luiz Antunes Cardia, filho de Francisco Antunes Cardia.
4-5 Izabel Arruda Cardia, casada com José Maria Souza Lopez, residente em Conchas.

(1) Ver descendência completa em meu trabalho "A DESCENDÊNCIA DOS ANTUNES CARDIA".

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Sr. Oscar de Arruda Penteado, de Rio Claro:

"Estou lendo o *Anuario Genealógico Brasileiro*, vol. I (1939); envio-lhe parabens, a sua obra está muito bem feita".

Do Dr. Paulo Eleuterio Cavalcanti de Albuquerque, da Academia Acreana de Letras:

"Minhas mais efusivas congratulações pelo inicio de um novo ano, o qual, espero, será fertil em progresso para o nosso país e para o nosso Instituto. Também meus votos são para que o prezado amigo continue a colhêr os frutos do notavel trabalho a que se vem dedicando ha tantos anos, num intenso labôr fecundo".

Do Sr. Reynaldo Maia Souto, de Campo Bello:

"Vou acompanhando maravilhado a atividade admiravel do distincto Amigo. Que assim continue para o bem da collectividade".

Digitized by Google

Os Azevedos, de Lorena

DR. GAMA RODRIGUES

2.º GRUPO

AZEVEDO BITENCOURT — AZEVEDO CASTRO — VIEIRA DE AZEVEDO — AZEVEDO FIGUEIRA — AZEVEDO HUMEL — AZEVEDO ANTUNES

JOÃO BATISTA DE AZEVEDO, irmão mais moço do Comendador José Vicente de Azevedo, não teve como seu irmão uma vida brilhante, não procurou ocupar cargos politicos, nem da administração pública.

Foi, porém, honrado negociante, e abastado fazendeiro, homem de notavel representação social no seu tempo, deixando pelo seu consorcio com d. Emygdia Maria da Assumpção, irmã mais moça de d. Maria da Guia, casada com seu irmão o comendador José Vicente, prole numerosa, que em geral, se dedicou à agricultura, fixando-se, quasi toda, em Lorena e Municipios visinhos.

No seu livro de notas, guardado com carinhoso cuidado por seus descendentes, escreveu João Batista de Azevedo, logo à 1.ª pagina, a resumida historia da sua vida, a qual para aqui transcrevemos, conservando a original e pitoresca grafía:

"Eu nasci em 8 de Junho de 1812, Baptiseime em 24 do dito mez, na Freguezia de Sto. Ildefonço na Cidade do Porto em Portugal, embarquei para o Brazil em 20 de junho de 1826, meu Paÿ, chamavace Luiz Miguel Azevedo e minha May Anna da Encarnação Azevedo, estive de caixeiro em Loja de Fazendas por atacado athé 2 de dezembro de 1827 e nessa dacta embarquei para Porto Alegre, Capital da Provincia do Rio Grande do Sul, e foi prizioneiro o Navio pellos Piratas Espanhõis Americanos, no Porto da Cidade do Desterro, Capital da Provincia de Santa Caterina, e ahi estive 29 dias só com a roupa do Corpo, e dahi segui em huma Somaca, carregada de Cal para Porto Alegre e em

Digitized by Google

18 do dito mez de Janeiro de 1828 cheguei á dita Cidade, lá estive feito Caixeiro, athé 20 de setembro do dito anno de 1828, e nessa dacta meu Patrão, mandoume para a Villa de Rio Pardo e como o meu Patrão quebrou, cegui para o Rio de Janeiro em 1 de dezembro de 1829 e dahi segui para Lorena com huma Tropa a onde cheguei a 19 de dezembro, estive de caixeiro de meu mano athé 19 de dezembro de 1830 e em Janeiro de 1831 estabelecime com negocio de Fazendas, caseime em 25 de janeiro de 1832 com d. Igmidia Maria da Assumpção, filha do Capitão Mór Manoel Pereira de Castro.

Depois comprei a Fazenda do Baçoural para onde me mudei.

João Baptista de Azevedo".

Desse consorcio, teve João Batista de Azevedo, um só filho e cinco filhas, que chegaram a constituir familia, além de mais onze filhos que faleceram pequenos.

"Tivi mais 11 filhos, que pouco durarão" — escreve João Batista de Azevedo no seu precioso livro de notas.

Esse unico filho varão, que foi João Batista de Azevedo Castro, nascido em Lorena a 7-7-1844, casou-se em Lorena a 20-4-1873 com d. Ambrozina Amelia Lopes de Castro e teve igualmente um unico filho, que foi o dr. Manoel de Azevedo Castro, o qual nascido em Lorena a 4-5-1875, se bacharelou em Direito, foi professor, jornalista, advogado, orador fluente e veio a falecer a 22-9-1925, no cargo de Delegado de Policia de sua terra natal, Lorena.

São os seus descendentes que, afastando-se da orientação geral da familia, abandonaram a lavoura buscando a carreira das profissões liberais, representam, neste grupo, a linha masculina do patronimico AZEVEDO.

Das cinco filhas, todas nascidas e casadas em Lorena, derivaram as cinco referidas familias Azevedo, sendo de notar a fixidez com que todos os membros deste grupo conservaram o ilustre patronimico materno.

Assim, da 1.ª filha de João Batista de Azevedo, d. Guilhermina Urbana, nascida em Lorena, a 3-3-1833, e casada em Lorena a 8-9-1853, com o Cap. João Ignacio Bittencourt, sobrinho do Cel. João José Rodrigues Ferreira, proveio a familia numerosa dos Azevedos Bittencourt, hoje quasi toda ausente de Lorena.

Da 2.ª filha, d. Anna da Encarnação, nascida em Lorena a 15-2-1847 e em Lorena casada a 25-6-1870 com Marcos José Vieira, veio a familia Vieira de Azevedo, de que é sub-ramo a familia Azevedo Figueira.

Da 3.ª filha, d. Maria do Carmo, nascida em Lorena a 16-7-1851, e casada a 7-2-1873 com José Augusto Humel derivou a familia Azevedo Humel, hoje quasi totalmente ausente de Lorena e residindo parte em Cachoeira, parte em Catalão, no Estado de Goyaz.

Da 4.ª filha, d. Isabel Leopoldina, nascida em Lorena a 8-10-1855 e em Lorena casada a 29-8-1876 com José Antunes de Macedo, proveio a familia Azevedo Antunes.

Da 5.ª filha, d. Maria da Piedade, nascida em Lorena a 28-9-1857 e casada a 27-11-1880 com Fernando da Rocha, não ficou geração.

De toda esta numerosa prole de João Batista de Azevedo, que tão persistentemente tem conservado o patronimico de Azevedo tambem ilus-

Digitized by Google

JOÃO BAPTISTA DE AZEVEDO

★ no Porto a 8-6-1812, † em Lorena, a 9-11-1887

Digitized by Google

VISTA GERAL DE LORENA

(Desenho original de J. B. Debret da coleção particular do exmo. sr. dr. Raymundo de Castro Maya)
1822-1825

Digitized by Google

tres membros tem prestado a Lorena, ao Estado e ao País os mais assinalados serviços e merecem a gratidão e estima da sua terra natal, que tanto tem sabido amar e engrandecer.

* * *

JOÃO BATISTA DE AZEVEDO, n. no Porto (Portugal) a 8-6-1812, f. em Lorena, a 9-11-1887, filho de Luiz Miguel de Azevedo e Ana da Encarnação Azevedo, c. em Lorena, a 25-1-1832, com EMYGDIA MARIA DA ASSUMPÇÃO, n. em Lorena, a 18-5-1815, f. em Lorena, a 6-8-1881, filha do Capitão-Mór, Manoel Pereira de Castro e Ana Maria de S. José. Pais de:

F1) GUILHERMINA URBANA, nascida em Lorena, a 3-3-1833, falecida em Lorena, a 12-6-1919, casou em Lorena, a 8-9-1853, com o Capitão João Ignacio Bittencourt, nascido em Desterro (Sta. Catharina) a 22-1-1832, falecido em Lorena, a 18-4-1879, filho de Matheus João Bittencourt e Ana Joaquina da Conceição, irmã do Coronel João José Rodrigues Ferreira. Pais de:

N1) ABILIO, nascido em Lorena, em 1855, e falecido em menor idade.

N2) BASILIA, nascida em Lorena, a 20-2-1857 e falecida em Lorena, a 19-8-1924, professora do Grupo Escolar "Gabriel Prestes", solteira.

N3) CARLOS, nascido em Lorena, a 11-5-1859, falecido em Lorena, a 17-12-1925, Coletor de Rendas Federais, Juiz de Paz em Lorena, solteiro.

N4) DELFIM, nascido em Lorena, a 17-6-1861, falecido em Lorena, a 31-3-1939, funcionário municipal aposentado, casou em Lorena, a 8-5-1897, com Maria Candida Barbosa, nascida em Lorena, em 1879, filha do Alféres Camilo José Barbosa e Deolinda Candida Ferreira Barbosa. Sem geração.

N5) ERNESTO, nascido em Lorena, a 11-6-1863, falecido em Sta. Cruz das Palmeiras, a 19-4-1934, casou em Santa Cruz das Palmeiras com Maria Tereza, nascida em Santa Cruz das Palmeiras a 21-8-1878. Páis de:

Bn1) ARLINDO, nascido em Sta. Cruz das Palmeiras, a 3-9-1896, professor e diretor do Grupo Escolar, casou em Altinopolis, a 19-9-1922, com Aristina Garcia, nascida em Altinopolis, a 13-7-1896. Páis de:

Tn1) LYGIA, nascida a 9-4-1926.

Tn2) MOEMA, nascida a 12-9-1929.

Bn2) AVELINO, nascido em Sta. Cruz das Palmeiras, a 25-5-1901, solteiro.

Bn3) ANTENOR, nascido em Sta. Cruz das Palmeiras, a 1-11-1904, solteiro.

Bn4) ARTELINO, nascido em Sta. Cruz das Palmeiras, a 1-6-1906, casou em Sta. Cruz das Palmeiras, a 28-12-1933, com Palmyra Luchetta, nascida em Palmeiras, a 30-3-1914. Páis de:

Tn3) LUIZ ANTONIO, nascido a 18-1-1936.

Tn4) MARIA TEREZA, nascida a 27-4-1938.

Bn5) JOVINO, nascido em Sta. Cruz das Palmeiras, a 4-2-1914, solteiro.

N6) FILINTO, nascido em Lorena, a 31-8-1865, falecido em Lorena, a 19-4-1938, solteiro.

N7) GRACILIANA, nascida em Lorena, a 1-12-1867, falecida em Lorena, com 8 meses.

N8) HORTENCIA, nascida em Lorena, a 13-5-1870, casou em Lorena, a 17-10-1891, com Augusto de Campos Mello, cirurgião dentista, vereador e Prefeito Municipal em Lorena, nascido em S. João Marcos, a 9-8-1858, falecido em Lorena, a 28-6-1924, filho de Bento Paes de Campos Mello e Maria Justina de Campos Mello. Páis de:

Bn6) MARIA DE NAZARETH, nascida em Lorena, a 10-10-1895, falecida em Lorena, a 11-10-1924, professora, solteira.

Bn7) JOSE', nascido em Lorena, a 8-7-1910, solteiro.

N9) IDALINA, nascida em Lorena, a 14-5-1872, falecida em Lorena, a 16-10-1930, solteira.

N10) JOVINO, nascido em Lorena, a 16-12-1875, funcionário do Tesouro Estadoal, casou em primeiras núpcias, em Lorena, a 31-7-1900, com Genesia Rosa, nascida em S. José do Barreiro, a 8-10-1875, falecida em Lorena, a 13-6-1913, filha de Belmiro Antonio da Silva Rosa e Augusta de Paula Ramos Rosa. Páis de:

Bn8) ANESIO, nascido em Lorena, a 3-8-1901, falecido em Lorena, a 25-11-1919.

Bn9) HILDA, nascida em Lorena, a 1-2-1904, entrada em religião, a 5-1-1933, na Congregação de Nossa Senhora do Calvário, com o nome de Irmã Maria Celeste.

Bn10) ELPIDIO, nascido em Lorena, a 11-2-1907, falecido em Lorena, a 1-4-1928.

Bn11) ZAÍRA, nascida em Lorena, a 8-5-1910, solteira.

Digitized by Google

N10) Casado em segundas núpcias, em Lorena, a 12-8-1916, com Marieta Fernandes, nascida em Guaratinguetá, a 6-6-1890, filha de Joaquim Antonio Fernandes e Luzia Barbosa Fernandes. Páis de:
Bn12) JOÃO PAULO, nascido em Lorena, a 26-5-1917, advogado, solteiro.
Bn13) MARIA GUILHERMINA, nascida em Lorena, a 22-9-1918, casou em S. Paulo, a 4-5-1939, com Fernando Azevedo, nascido em S. Paulo, a 8-2-1917, filho de Antonio Azevedo e Cordelia Veiga Lima de Azevedo. Páis de:
Tn5) HELENA, nascida em S. Paulo, a 28-1-1940.
Bn14/15) JOVINO e MARIETA, gemeos, nascidos em Lorena, a 22-9-1922.
Bn16/17) BENEDICTA DULCE e JOSEFINA SYLVIA, gemeas, nascidas em Lorena, a 22-10-1924.

F2) JOÃO BAPTISTA, nascido em Lorena, a 7-7-1844, falecido em Lorena, a 2-11-1877, casou em Lorena, a 20-4-1873, com Ambrosina Amelia Lopes de Castro, nascida em Lorena a 18-2-1855, filha de Manoel Lopes de Castro e Dorotéa Amelia de Castro. Páis de:

N11) MANOEL, nascido em Lorena, a 4-5-1875, falecido em Lorena, a 22-9-1925, Bacharel em Direito, professor, jornalista e Delegado de Policia em Lorena. Casou em S. Paulo, a 17-2-1900, com Antonieta Augusta Ferreira, nascida em Tatuí, a 14-6-1876, filha do Dr. Luiz Augusto Ferreira e Carolina das Dôres Ferreira. Páis de:
Bn18) LUIZ, nascido em S. Paulo, a 6-11-1900, bacharel em Direito, Promotor de Justiça em Lorena e atualmente em S. José dos Campos. Casou em S. Paulo, a 17-5-1928, com Maria Olesia de França Carvalho, nascida no Rio, a 22-3-1901, filha do Dr. Vicente Carlos de França Carvalho e Maria Virgilia Avelar de França Carvalho. Páis de:
Tn6) ANTONIETA, nascida em S. Paulo, a 9-1-1929.
Tn7) FERNANDO, nascido em Lorena, a 5-1-1932, falecido em S. Paulo, a 3-10-1932.
Tn8) RAUL, nascido em Lorena, a 18-2-1936.
Bn19) CARLOS, nascido em S. Paulo, a 21-11-1901, falecido em S. Paulo, a 6-3-1939, Bacharel em Direito, Promotor Público em S. Bento do Sapucai e Lorena, depois advogado em S. Paulo. Casou em S. Paulo, a 18-4-1928, com Maria Eugenia de França Carvalho, nascida em Campinas, a 24-5-1902, filha do Dr. Vicente Carlos de França Carvalho e Maria Virgilia Avelar de França Carvalho. Sem geração.
Bn20) HELIO, nascido em Cachoeira, a 30-8-1919, estudante, solteiro.
N12) MARIA, nascida em Lorena, a 12-3-1877, falecida em Lorena, a 3-12-1878.

F3) ANA DA ENCARNAÇÃO, nascida em Lorena, a 15-2-1847, falecida em Lorena, a 9-11-1931, casou em Lorena, a 25-6-1870, com Marcos José Vieira, nascido em Lorena, falecido em Lorena, a 13-2-1906, filho de José Vieira de Siqueira e Maria Carolina de Siqueira. Páis de:

N13) EMYDIA, nascida em Lorena, a 22-5-1871, casou em Lorena, a 4-2-1888, com Joaquim Barbosa de Lima, nascido em Lorena, a 8-9-1868, filho de Joaquim Barbosa e Ana Barbosa. Páis de:
Bn21) ANIBAL, nascido em Lorena, a 28-11-1888, falecido em Blumenau, a 4-8-1927, casou em Blumenau, a 12-7-1913, com Helena Felizzola, nascida em Sta. Maria (R. G. Sul), a 1-4-1897, filha de José Felizzola e Clementina Martini. Páis de:
Tn9) NELSON, nascido em Lorena, a 23-7-1916, advogado, promotor substituto em Taubaté, solteiro.
Bn22) ANA, nascida em Lorena, a 9-8-1892, solteira.
Bn23) ALICE, nascida em Lorena, a 4-3-1897, casada em Lorena, a 4-2-1919, com João Henriques de Azevedo Almeida Neto, nascido em Lorena, a 8-7-1892, filho de João Henriques de Azevedo Almeida e Edwiges de Azevedo Almeida, sem geração.
N14) JOSE', nascido em Lorena, a 18-4-1874, falecido em Santos, a 28-6-1931, solteiro.
N15) JOÃO, nascido em Lorena, a 22-12-1875, casou em Lorena, a 7-1-1900, com Lidia de Aquino, nascida em Lorena, a 7-1-1883, filha de Candido de Aquino e Marcelina de Aquino. Páis de:
Bn24) LUIZ, nascido em Lorena, a 15-11-1901, falecido em Lorena, a 10-7-1903.
Bn25) HENRIQUETA, nascida em Lorena, a 29-7-1905, casou em Lorena, a 7-1-1918, com Joaquim Lorena, nascido em Lorena, a 11-2-1897, filho de José Pedro de Lorena e Maria Moreira de Lorena. Páis de:
Tn10) LYDIA, nascida em Lorena, a 26-10-1920.
Tn11) ORLANDO, nascido em Lorena, a 28-5-1922, falecido em Lorena, a 5-6-1922.
Tn12) MARIA, nascida em Lorena, a 6-8-1924.
Bn26) JOÃO, nascido em Lorena, a 10-3-1907, casou em Lorena, a 31-12-1932, com Ezia Donatti, nascida na Argentina, a 5-7-1914, filha de Gilberto Donatti e Celide Filippini Donatti. Páis de:
Tn13) EDSON, nascido em S. Paulo, a 25-11-1934.
Tn14) YVONE, nascida em S. Paulo, a 25-10-1936.

Digitized by Google

N16) MARIA, nascida em Lorena, a 31-1-1877, casou em Lorena, a 14-1-1892, com João José Figueira, nascido em Lorena, a 1-3-1872, filho de Pedro José Figueira e Maria Clementina Saraiva. Páis de:

Bn27) PEDRO, nascido em Lorena, a 17-6-1894, falecido em Lorena, a 22-7-1895.

Bn28) JOAQUIM, nascido em Lorena, a 6-5-1896, cirurgião dentista, casou em Barretos, a 24-5-1923, com Veridiana Pires, nascida em Barretos, a 13-2-1903, filha de João Ferreira Pires e Florinda Marques Pires. Páis de:

Tn15) LAERCIO, nascido em Lorena, a 5-4-1926.
Tn16) MARIA FLORINDA, nascida em Lorena, a 27-4-1928.
Tn17) JEFFERSON, nascido em Lorena, a 21-8-1929.
Tn18) WAGNER, nascido em Lorena, a 4-12-1936.

Bn29) ANA, nascida em Lorena, a 6-8-1898, casou em Lorena, a 2-9-1915, com Antonio Gomes da Silva, nascido em Lorena, a 26-1-1894, filho de José Gomes da Silva e Ana Maria do Amaral. Páis de:

Tn19) MARIA, nascida em Lorena, a 22-8-1916, solteira.
Tn20) MARIA ALICE, nascida em Lorena, a 2-2-1919, solteira.
Tn21) HERMINIA, nascida em Lorena, a 9-11-1921, solteira.
Tn22) ANTONIO, nascido e falecido em Lorena, a 15-11-1923.
Tn23) MARIA APARECIDA, nascida em Lorena, a 15-12-1924, solteira.
Tn24) JARBAS, nascido em Lorena, a 24-5-1927.
Tn25) JOÃO, nascido em Lorena, a 24-6-1929.
Tn26) JOSE', nascido em Lorena, a 15-11-1931.
Tn27) LEONICE, nascida em Lorena, a 12-1-1933.
Tn28) MARIA AUXILIADORA, nascida em Lorena, a 22-2-1936.
Tn29) DEJANIRA, nascida em Lorena, a 8-12-1938.
Tn30) LENIRA, nascida em Lorena, a 1-7-1940.

Bn30) ADELINA, nascida em Lorena, a 26-1-1900, casou em Lorena, a 22-11-1922, com Francisco Rodrigues Alves, nascido em Cachoeira, a 7-3-1889, filho de José Rodrigues Alves e Ana da Veiga Rodrigues. Sem geração.

Bn31) MARIA, nascida em Lorena, a 7-8-1903, casou em Lorena, a 8-6-1933, com Pedro Laurindo de Araujo, nascido em Lorena, a 1-9-1898, filho de Laurindo Antonio de Araujo e Maria da Conceição Araujo. Páis de:

Tn31) EVANIRA, nascida em Lorena, a 28-6-1935, falecida em Lorena, a 23-10-1935.
Tn32) CARLOS ALBERTO, nascido em Lorena, a 7-8-1940, falecido em Lorena, a 14-8-1940.

Bn32) JOÃO, nascido em Lorena, a 18-6-1905, casou em Cachoeira, a 31-1-1933, com Angelina de Souza, nascida em Cachoeira, a 7-7-1912, filha de Pedro Alexandre de Souza e Margarida de Castro Souza. Páis de:

Tn33) CARLOS, nascido em Cachoeira, a 13-9-1933.
Tn34) AIRTON, nascido em Cachoeira, a 3-2-1935.
Tn35) SLEY, nascido em Cachoeira, a 24-9-1938, falecido em 27-9-1938.
Tn36) JOÃO ADAIL, nascido em Cachoeira, a 19-10-1940.

Bn33) OTILIA, nascida em Lorena, a 17-12-1907, casou em Lorena, a 29-12-1923, com João Dias de Oliveira, nascido em Cachoeira, a 5-10-1900, filho de Joaquim Dias dos Reis e Gabriela America de Oliveira. Páis de:

Tn37) SEBASTIÃO, nascido em Cachoeira, a 22-12-1924.
Tn38) JOÃO BOSCO, nascido em Cachoeira, a 5-1-1931, falecido em Cachoeira, a 8-1-1931.
Tn39) JOAQUIM CARLOS, nascido em Cachoeira, a 5-4-1932.
Tn40) JOSE' DO PATROCINIO, nascido em Lorena, a 17-8-1937.

Bn34) LUIZ, nascido em Lorena, a 20-12-1909, falecido em Lorena, a 25-12-1909.

Bn35) JUDITH, nascida em Lorena, a 12-12-1910, casou em primeiras núpcias em Lorena, a 6-9-1930, com Fortunato Marques, nascido em Cachoeira, a 15-4-1910, filho de Antonio Marques e Maria das Dores Marques. Sem geração. Casada em segundas núpcias em Lorena, a 30-12-1939, com Edgard Carpinetti, nascido em Ribeirão Preto, a 12-5-1916, filho de Waldemar Moreira Carpinetti e Amelia Baccani Carpinetti. Sem geração.

Bn36) EUCLYDES, nascido em Lorena, a 30-3-1912, falecido em Lorena, a 22-3-1919.

Bn37) ANTENOR, nascido em Lorena, a 10-2-1915, casou em Lorena, a 4-7-1939, com Leontina Bianguli Ferreira, nascida em Cambuquira, a 4-7-1922, filha de Domingos Bianguli e Aurora Ribeiro de Almeida Bianguli. Páis de:

Tn41) PAULO SERGIO, nascido em Lorena, a 4-7-1940.

Bn38) AMELIA, nascida em Lorena, a 10-2-1915, casou em Lorena, a 7-5-1936, com Francisco Alves Pereira, nascido em Baturité (Ceará), a 10-5-1907, filho de Guilherme Alves Pereira e Rufina Alves Pereira. Páis de:

Tn42) MARIA MARLEY, nascida em Lorena, a 21-5-1937, falecida no Rio, a 15-9-1937.
Tn43) WEBER, nascido no Rio, a 9-7-1938.
Tn44) ARLETE, nascida no Rio, a 17-10-1939.

Bn39) LEONOR, nascida em Lorena, a 29-3-1920, solteira.

N17) ADELINA, nascida em Lorena, a 22-9-1883, falecida em Lorena, a 8-9-1937, casou em Lorena, a 25-1-1906, com Isaltino de Aquino, nascido em Lorena, a 5-1-1885,

Digitized by Google

filho de Hermenegildo Antonio de Aquino e Maria Francisca de Aquino. Páis de:
Bn40) JOÃO, nascido em Lorena, a 25-12-1906, falecido no mesmo dia.
Bn41) HELENA, nascida em Lorena, a 22-11-1907, falecida em Lorena, a 10-7-1908.

F4) MARIA DO CARMO, nascida em Lorena, a 16-7-1851, falecida em Cachoeira, a 15-6-1897, casou em Lorena, a 7-2-1873, com José Augusto Hummel, nascido em Lorena, a 31-1-1848, falecido em Catalão, (Est. de Goiás), a 23-5-1917, filho de Frederico Hummel e Maria das Dôres Hummel. Páis de:

N18) JOÃO, nascido em Lorena, a 11-1-1874, casou em Catalão, a 16-11-1910, com Maria da Conceição, nascida em S. Paulo, a 20-1-1893, filha de Antonio da Conceição Nobrega e Maria Bemvinda (portugueses). Páis de:
Bn42) JOSE', nascido em Catalão, a 15-9-1911, falecido, a 22-9-1911.
Bn43) MARIA DE LOURDES, nascida em Catalão, a 23-11-1912, casou em Catalão, a 22-3-1938, com Orestes Ribeiro, nascido em Catalão, a 21-12-1904, filho de Liniro Eustaquio Ribeiro e Iria Candida Ribeiro. Páis de:
Tn45) MARIA ESPERANÇA, nascida em Catalão, a 6-2-1939.
Tn46) NORTON LUIZ, nascido em Catalão, a 9-4-1940.
Bn44) MARIA ANTONIETA, nascida em Catalão, a 24-5-1915, solteira.
Bn45) IGNACIA, nascida em Catalão, a 11-1-1917, solteira.
Bn46) MARIA DA CONCEIÇÃO, nascida em Catalão, a 26-8-1919, solteira.
Bn47) LUIZ, nascido em Catalão, a 16-11-1921.
Bn48) ANTONIO, nascido em Catalão, a 6-1-1924.
Bn49) PAULO, nascido em Catalão, a 6-5-1926.
Bn50) ISABEL, nascida em Catalão, a 2-7-1928.
Bn51) APARECIDA VILMA, nascida em Catalão, a 27-5-1930.
Bn52) GERALDA NELLY, nascida em Catalão, a 13-5-1932.
Bn53) LINISA NATALIA, nascida em Catalão, a 25-12-1935.

N19) FREDERICO, nascido em Lorena, a 14-8-1875, falecido em Bebedouro, a 7-6-1907, casou em Bebedouro, a 29-4-1905, com Antonia de Faria Cotrim, nascida na Baia, em 1886, filha de Joaquim Xavier Cotrim e Bernardina Xavier Cotrim. Sem geração.

N20) LUIZ, nascido em Lorena, a 10-3-1881, lavrador, casou em Cachoeira, a 23-9-1905, com Amelia da Silva, nascida em Cachoeira, a 24-6-1887, filha de Bento Pereira da Silva e Maria José da Silva. Páis de:
Bn54) JOSE', nascido em Cachoeira, a 24-6-1906, casou em Cachoeira, a 28-6-1927, com Etelvina Silva, nascida em Cachoeira, a 14-3-1909, filha de José Ferreira da Silva e Maria Isabel da Silva. Páis de:
Tn47) SAINT-CLAIR, nascido em Silveiras, a 9-5-1928, falecido em Silveiras, em 1930.
Tn48) PALAI SAVIO, nascido em Silveiras, a 29-8-1929.
Tn49) LEONTINA, nascida em Silveiras, a 11-12-1930.
Tn50) NADIR, nascida em Silveiras, a 8-4-1932.
Tn51) JAIRO, nascido em Silveiras, a 3-2-1933, falecido, a 16-8-1933.
Tn52) MARIA AUXILIADORA, nascida em Silveiras, a 29-12-1934, falecida em Silveiras, a 5-3-1935.
Tn53) MARIA AMELIA, nascida em Silveiras, a 3-11-1935.
Tn54) ISABEL, nascida em Silveiras, a 2-7-1937.
Tn55) LUIZ, nascido em Pindamonhangaba, a 5-11-1939, falecido, a 12-3-1940.
Bn55) JOÃO, nascido em Cachoeira, a 6-8-1907, casou em Cachoeira, a 16-1-1941 com Basilia Moreira da Silva, nascida em Silveiras, a 21-7-1910, filha de Rozendo José da Silva e Ermelinda Moreira da Silva.
Bn56) BENTO, nascido em Cachoeira, a 12-1-1908, casou em Cachoeira, a 23-6-1929, com Maria da Conceição Moreira, nascida em Cachoeira, a 10-4-1909, filha de José Moreira da Silva e Guilhermina da Silva. Páis de:
Tn56) ANA BENEDICTA, nascida em Cachoeira, a 25-4-1930.
Tn57) BENEDICTA, nascida em Cachoeira, a 11-4-1932.
Tn58) JOSE' ABDIAS, nascido em Cachoeira, a 26-12-1933.
Tn59) MARIA AMELIA, nascida em Cachoeira, a 16-2-1935, falecida, a 10-6-1935.
Tn60) OLIVIA, nascida em Cachoeira, a 17-3-1936, falecida, a 18-6-1936.
Tn61) LUIZ, nascido em Cachoeira, a 1-4-1937.
Tn62) TEREZINHA, nascida em Cachoeira, a 16-6-1938.
Tn63) ISABEL, nascida em Cachoeira, a 30-12-1939, falecida, a 24-9-1940.
Bn57) FREDERICO, nascido em Cachoeira, a 25-1-1910, casou em Lorena, a 8-12-1938, com Angela Maria José Cartolano Addêo, nascida em Lorena, a 18-5-1913, filha de Donato Addêo e Miquelina Cartolano Addêo. Páis de:
Tn64) DONATO, nascido em Lorena, a 6-6-1939.
Bn58) ANTONIO, nascido em Cachoeira, a 23-12-1911, casou em Silveiras, a 31-5-1937, com Maria de Lourdes, nascida em Silveiras, a 23-4-1915, filha de Rosendo José da Silva e Ermelinda Moreira da Silva. Páis de:
Tn65) MARIA NEUSA, nascida em Cachoeira, a 2-3-1938.
Tn66) MARIA IGNEZ, nascida em Cachoeira, a 25-2-1939.
Tn67) JOSE' DE ALENCAR, nascido em Cachoeira, a 23-4-1940.

Digitized by Google

Bn59) MARIA JOSE', nascida em Cachoeira, a 21-1-1913, falecida em Cachoeira, a 2-12-1938, casou em Cachoeira, a 6-12-1937, com Moacyr Antunes da Silva, nascido em Bananal, a 31-5-1911, filho de Alacrino Antunes da Silva e Ana Maria de Freitas. Páis de:
Tn68) MARIA AUXILIADORA, nascida em Cachoeira, a 27-11-1938.
Bn60) JOAQUIM, nascido em Cachoeira, a 1-3-1914, casou em Cachoeira, a 5-12-1939, com Alcista Hummel Capucho (Bn81) sua prima, nascida em Cachoeira, a 16-3-1918, filha de Justino Alves da Silva Capucho e Maria do Carmo Hummel. (N24). Páis de:
Tn69) JUSTINO LUIZ, nascido em Cachoeira, a 15-8-1940.
Bn61) LEOPOLDO, nascido em Cachoeira, a 19-9-1915, solteiro.
Bn62) ANA, nascida em Cachoeira, a 1-1-1916, casou em Cachoeira, a 27-10-1938, com Geraldo Moreira, nascido em Cachoeira, a 9-2-1915, filho de José Moreira da Silva e Guilhermina da Silva. Páis de:
Tn70) ALUIZIO, nascido em Cachoeira, a 14-8-1939.
Bn63) CARLOS, nascido em Cachoeira, a 19-6-1918, casou em Cachoeira, a 5-9-1940, com Helena Nunes de Siqueira, nascida em Cachoeira, a 15-11-1921, filha de José Nunes de Siqueira e Luiza Leal Siqueira.
Bn64) MIGUEL, nascido em Cachoeira, a 29-9-1919, casou em Cachoeira, a 28-12-1939, com Delfina Moreira da Silva, nascida em Cachoeira, a 5-6-1920, filha de José Moreira da Silva e Guilhermina Silva. Sem geração.
Bn65) JULIETA, nascida em Cachoeira, a 15-11-1921, falecida em S. José dos Campos, a 16-2-1941, casou em Silveiras, a 23-9-1938, com Antonio Ferreira Filho, nascido em Cachoeira, a 23-11-1910, filho de Antonio Ferreira e America Marcondes Ferreira. Sem geração.
Bn66) JANDYRA, nascida em Cachoeira, a 20-6-1922, solteira.
Bn67) HELENA, nascida em Cachoeira, a 29-6-1923, solteira.
Bn68) BENJAMIN, nascido em Cachoeira, a 31-6-1926, solteiro.

N21) ANTONIO, nascido em Lorena, a 17-5-1885, casou em Cachoeira, a 24-4-1909, com Maria Rodrigues Alves, nascida em Cachoeira, a 23-6-1886, filha de José Rodrigues Alves e Ana da Veiga Rodrigues Alves. Páis de:
Bn69) MARIA DO CARMO, nascida em Cachoeira, a 21-6-1910, solteira.
Bn70) JOSE' AUGUSTO, nascido em Cachoeira, a 16-9-1911, solteiro.
Bn71) FRANCISCO, nascido em Cachoeira, a 5-9-1912, casou em Lorena, a 18-2-1939, com Benedicta Rodrigues Lorena, nascida em Cachoeira, a 23-11-1918, filha de Manoel Rodrigues Lorena e Antonieta Angelica Marques. Páis de:
Tn71) MARIA ANGELICA, nascida em Cachoeira, a 6-12-1939.
Bn72) GERALDO, nascido em Cachoeira, a 28-1-1914, casou em Cachoeira, a 3-11-1936, com Olivia Pacheco, nascida em Sant'Ana dos Tocos, a 17-5-1917, filha de Israel Pinto Pacheco e Maria Benedicta Pinto. Páis de:
Tn72) WANDERLEY, nascido em Cachoeira, a 2-11-1937.
Tn73) SCHIRLEY, nascida em Cachoeira, a 18-10-1938.
Tn74) ANTONIO, nascido em Cachoeira, a 27-7-1940.
Bn73) ANTONIO BENEDICTO, nascido em Cachoeira, a 6-2-1917, casou em Cachoeira, a 15-1-1941, com Alayde Viana, nascida em Cachoeira, a 30-10-1915, filha de João da Silva Viana e Benedicta Arruda Viana.
Bn74) SEBASTIÃO, nascido em Cachoeira, a 23-5-1919, solteiro.
Bn75) MARIA AUXILIADORA, nascida em Cachoeira, a 30-6-1921, falecida, a 21-7-1921.
Bn76) HELIO, nascido em Cachoeira, a 4-7-1922, solteiro.
Bn77) ZELIA, nascida em Cachoeira, a 31-7-1925.
Bn78) MARIA APARECIDA, nascida em Cachoeira, a 28-7-1927.
Bn79) ANTONIO, nascido em Cachoeira, a 27-5-1929.
Bn80) ANA DE LOURDES, nascida em Cachoeira, a 6-12-1931.

N22/23) MARIA DAS DORES e MARIA DA PIEDADE, gemeas, nascidas em Cachoeira, a 1-7-1887, entradas em religião na Pia Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora.

N24) MARIA DO CARMO, nascida em Queluz, a 6-7-1892, casou em Cachoeira, a 20-6-1917, com Justino Alves da Silva Capucho, nascido em Cachoeira, a 15-12-1889, filho de Justino Alves da Silva Capucho e Augusta Gonçalves de Barros Capucho. Pais de:
Bn81) ALCISTA, nascida em Cachoeira, a 16-3-1918, casou em Cachoeira, a 5-12-1939, com seu primo Joaquim da Silva Hummel, (Bn60), nascido em Cachoeira, a 1-3-1914, filho de Luiz de Azevedo Hummel e Amelia da Silva Hummel. Com geração.
Bn82) MARIO, nascido em Cachoeira, a 6-8-1919, falecido em Cachoeira, a 5-2-1920.
Bn83) SILVIO, nascido em Cachoeira, a 20-2-1921, falecido em Cachoeira, a 11-4-1921.
Bn84) CLOVIS, nascido em Cachoeira, a 15-8-1922.
Bn85) JOFRE, nascido em Cachoeira, a 26-5-1928.

F5) ISABEL LEOPOLDINA, nascida em Lorena, a 8-10-1855, falecida em Lorena, a 22-7-1924, casou em Lorena, a 20-8-1876, com José Antunes de Macedo, nascido em Portugal, em 1856, falecido em Silveiras, a 11-10-1896, filho de José Antunes de Macedo e Joana Gomes. Páis de:

Digitized by Google

N25) MARIA ISABEL, nascida em Lorena, a 12-3-1878, falecida em Lorena, a 17-2-1879.
N26) JOÃO BAPTISTA, nascido em Lorena, a 30-5-1881, casou em Cachoeira, a 28-7-1904, com Firmina Pinto, nascida em Cachoeira, a 6-11-1886, filha de Carlos Ribeiro de Souza Pinto e Maria Gomes Serapião. Páis de:
Bn86) CARLOS, nascido em Lorena, a 10-4-1905, falecido em Lorena, a 31-5-1905.
Bn87) JOSE', nascido em Lorena, a 9-3-1906, bacharel em direito, ex-deputado estadoal, solteiro.
Bn88) JOÃO, nascido em Lorena, a 14-11-1914, casou em S. Paulo, a 10-1-1940, com Maria Luiza Lopes Moreira, nascida em S. Paulo, a 16-7-1920, filha de Ernani Lopes Moreira e Ida Canero Moreira. Páis de:
Tn75) ERNANI, nascido em S. Paulo, a 3-10-1940.
N27) MANOEL, nascido em Lorena, a 13-2-1885, casou em Cachoeira, a 15-2-1909, com Maria do Carmo Aquino, nascida em Cachoeira, a 12-7-1893, falecida em Cachoeira, a 1-12-1936, filha de Thomaz de Aquino Lemes e Rosalina de Freitas Castro. Páis de:
Bn89) MARIA JOSE', nascida em Cachoeira, a 4-11-1909, falecida em Lorena, a 3-2-1941, casou em Cachoeira, a 15-4-1935, com Manoel Nunes Martins, nascido em Cachoeira, a 22-4-1910, filho de Miguel Nunes Martins e Benedicta Maria de Jesus. Páis de:
Tn76) MARIA ISABEL, nascida em Cachoeira, a 15-4-1937.
Tn77) ESTANISLAU, nascido em Cachoeira, a 26-7-1939.
Bn90) MARIA DA CONCEIÇÃO, nascida em Cachoeira, a 17-3-1912, casou em Lorena, a 3-4-1937, com Norival de Aquino, nascido em Lorena, a 20-4-1910, filho de Lino Aquino Almeida e Albertina de Freitas Castro. Páis de:
Tn78) PAULO, nascido em Lorena, a 25-1-1938.
Bn91) FRANCISCO, nascido em Cachoeira, a 3-4-1913, falecido em junho do mesmo ano.
Bn92) ROSALINA, nascida em Cachoeira, a 30-12-1923, solteira.
N28) JOSE', nascido em Silveiras, a 4-2-1890, casou em Cachoeira, a 17-4-1913, com Amelia da Silva Azevedo, nascida em Cachoeira, a 13-8-1897, filha de Francisco da Silva Azevedo e Francisca G. Azevedo. Sem geração.
N29) DOMINGOS, nascido em Silveiras, a 20-3-1895, falecido no Rio, a 22-1-1941, casou em Lorena, a 21-5-1921 com Aurora Marques de Oliveira, nascida em Lorena, a 28-2-1895, falecida em Lorena, a 16-2-1927, filha de Francisco Marques de Oliveira e Maria Francisca de Aquino Marques de Oliveira. Páis de:
Bn93) DOMINGOS, nascido em Lorena, a 14-2-1922.
Bn94) AURORA, nascida em Lorena, a 11-8-1923.

F6) MARIA PIEDADE, nascida em Lorena, a 28-9-1857, falecida em Lorena, a 22-8-1938, casou em Lorena, a 27-11-1880, com Fernando Alves Rocha, nascido em Lorena em 1843, falecido em Lorena, a 27-7-1921, filho de Manoel Alves da Rocha e Maria de Carvalho. Sem geração.

* * *

3.° GRUPO

AZEVEDO ALMEIDA

Sobrinho do Comendador José Vicente de Azevedo e de João Batista de Azevedo, troncos do 1.° e 2.° grupo dos AZEVEDOS, de Lorena, veio de Portugal e fixou igualmente residencia em Lorena, nos principios do seculo passado, JOÃO HENRIQUES DE AZEVEDO ALMEIDA.

Era natural de Aveiro, onde nasceu em 1818, filho de Joaquim Antonio d'Almeida, e embarcou no Porto, para o Brasil, com destino a Lorena, já com 21 anos de edade, em Maio de 1839. Aqui chegado, contraiu nupcias com d. Ignez de Castro Godoy, prima das esposas de seus tios, o Comendador José Vicente e João Batista de Azevedo, filha que era de Francisco de Godoy Bueno e d. Rosa Pereira de Castro, esta, filha do Capitão-Mór Manoel Domingues Salgueiro, e, como tal, irmã do Capitão-Mór Manoel Pereira de Castro.

Dotado de viva inteligencia, grande erudição, e solidos conhecimentos, logo se impós entre os seus concidadãos, e acompanhando a politica e a

Digitized by Google

COMENDADOR JOÃO HENRIQUES DE AZEVEDO ALMEIDA

★ em Aveiro, em 1818, † em Silveiras, a 19-12-1879

Digitized by Google

Passaporte
do Exterior.

N.º

Registado a fl. do Livro

SIGNAES.

Idade de 21 annos.
Estatura 53 pollegadas.
Rosto
Cabello
Sobrolhos
Olhos
Nariz
Bôca
Côr

SIGNAES PARTICULARES.

Nenhum

ITENERARIO.

Pelo Porto

N 8

Admor Geral ~~GOVERNADOR CIVIL~~ DO DISTRICTO DE AVEIRO.

Administrador Geral
O ~~Governador Civil~~ do Districto de Aveiro por S. M. F. a Rainha etc.

Concede Passaporte a João Henriques d'Azevedo Almeida natural de Aveiro solteiro e filho de Joaquim Antonio d'Almeida para o Rio de Janeiro

levando em sua companhia

Abonado por Bento Augusto de Moraes

E cumprindo com a obrigação de fazer sellar este Passaporte com o Sello da Causa Publica, de o referendar pelo Representante Diplomatico, ou Consul do Paiz a que se destina; = e bem assim pelas Authoridades Civis das terras d'este Reino em que pernoitar; rogo ás mesmas Authoridades, e a todas aquellas a quem pertencer o conhecimento d'este, não ponhão embaraço algum ao Portador.

Valioso pelo tempo de 40 dias para sahir d'estes Reinos.

Dado em Aveiro 13 de Maio de 1839.

~~O Governador Civil~~
Antonio Bernardino

Assignatura do Portador.
João Henriques d'Azevedo Almeida

Aveiro 13 de Maio de 1839

ADMINISTRAÇÃO GERAL DE AVEIRO

Digitized by Google

vida brilhante e faustosa de seu tio, o Comendador José Vicente de Azevedo, foi honrado negociante, agricultor e advogado provisionado, bastante acatado e conceituado no meio lorenense.

Do seu consorcio com D. Ignez Jeronyma de Castro Godoy, teve dois filhos e duas filhas, todos nascidos em Lorena.

Depois do nascimento do ultimo filho, em 1848, transferiu a sua residencia para o novo municipio de Silveiras, em cuja Vila viveu por dilatados anos, como lavrador adeantado e opulento, delegado de policia, e uma das principaes figuras da localidade, tendo sido nomeado, logo a 11-4-1850, pelo então Presidente da Provincia, Dr. Vicente Pires da Motta, Major Comandante das Companhias de Infantaria da Guarda Nacional da *"Villa dos Silveiras"*.

A 13-2-1851 foi por S. M. o Imperador D. Pedro II nomeado Agente do Correio da mesma Vila e, a 30-4-1867 obteve provisão para continuar a advogar nos auditorios da Comarca.

A 22-8-1868, S. M. o Imperador, *"attendendo aos relevantes serviços que, em relação á guerra com o Paraguay, prestou na Provincia de S. Paulo"*, o agraciou com a mercê de CAVALEIRO DA ORDEM DA ROSA.

Finalmente, cercado do conceito e respeito de todos, veio a falecer a 19-12-1879, sendo sepultado no cemiterio local, em alto mausoleu, como tudo consta do assentamento existente no livro 3.º de obitos da paroquia de Silveiras, á fls. 97.

> *"Aos vinte dias do mez de Dezembro do ano de mil oitocentos e setenta e nove, foi sepultado o Major João Henriques de Azevedo Almeida, com sessenta e tantos anos de edade, absolvido de seus pecados e ungido, casado com D. Ignez de Castro Godoy; seu cadaver foi solenemente recomendado e acompanhado até á Matriz e Cemiterio. Fez testamento.*
>
> *O Vigario — Antonio de Oliveira Castro"*.

Dos seus filhos, só atingiu a maioridade, o de nome JOÃO HENRIQUES DE AZEVEDO ALMEIDA JUNIOR, o qual, nascido em Lorena, a 23-10-1848, foi em Lorena, onde faleceu a 3-6-1921, figura respeitavel e representativa, tendo exercido os cargos de Coletor de Rendas Estaduais, Juiz de Paz e Delegado de Policia.

A 29-3-1873, consorciou-se com d. Edwiges Benedita da Piedade Figueiredo, nascida em Lorena, a 16-11-1851 e desse consorcio teve três filhos e quatro filhas.

Dos filhos, tambem sómente um, sobreviveu e constituiu familia.

E' o de nome JOÃO HENRIQUES DE AZEVEDO ALMEIDA NETO, o qual, usando o mesmo nome do pai e do avô, além de representar neste grupo, a linha da varonia, é o unico que conserva integralmente o patronimico de Azevedo Almeida.

Todas as outras filhas, tanto do casal João Henriques de Azevedo Almeida — d. Ignez de Castro Godoy, como do casal João Henriques de

Digitized by Google

Azevedo Almeida Filho — d. Edwiges Figueiredo, tem conservado apenas o patronimico de Azevedo, acrescido do apelido familiar dos respetivos maridos, e as suas descendencias apresentam franca tendencia para o total abandono do patronimico Azevedo.

A filha mais velha do Major João Henrique de Azevedo Almeida, de nome ADELAIDE, nascida em Lorena a 10-2-1842, consorciou-se, em Silveiras, com o abastado fazendeiro Vitorino José Barbosa, natural de Penafiel, residente em Silveiras, onde viveu por varios anos, proprietario que era de rica fazenda no municipio, e mais tarde se transferiu para S. Manoel, onde fez fortuna maior ainda, e veio a falecer.

A sua prole numerosissima, constituindo ilustre familia a que por varios anos esteve entregue o governo municipal do prospero Municipio de S. Manoel, quasi toda continua fixada na zona oeste do Estado, exercendo as profissões de lavradores e comerciantes, ultimamente, se extendendo para os novos municipios da Alta Paulista, sobretudo os de Garça e Galia, onde residem, ocupando destacadás posições, numerosos membros dessa ilustre familia.

Tambem varios dos membros deste grupo se tem destacado em serviços prestados a Lorena e ao Brasil, mostrando todos sempre, e em todas as emergencias da vida, o seu grande e entranhado amor à terra natal, a ela retornando, nela refixando residencia, ou, pelo menos, a ela periodicamente volvendo, na afetividade amorosa da saudade e da recordação.

* * *

Dotados todos os AZEVEDOS, de Lorena, de elevado espirito de religiosidade e de notavel convicção catolica, tem, dos seus diversos ramos, saído já varias vocações religiosas, tendo tomado o habito em varias congregações:

CORINA — Filha de Ana Vicencia de Azevedo Lima, bisneta portanto, do comendador José Vicente de Azevedo.

LAVINIA — Filha dos Barões da Bocaina, igualmente bisneta do comendador José Vicente de Azevedo.

ODY LINA e REGINA DE LOURDES — Filhas do dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo, e portanto, trinetas do comendador José Vicente de Azevedo.

MARIA DAS DORES e MARIA DA PIEDADE — Filhas de Maria do Carmo de Azevedo Humel e portanto netas de João Batista de Azevedo.

HILDA — Filha de Jovino de Azevedo Bittencourt, bisneta, pois do mesmo João Batista de Azevedo.

D. ODILA RODRIGUES DE AZEVEDO — Tambem bisneta do Comendador José Vicente de Azevedo, viveu os ultimos anos de sua gloriosa e caridosa vida, em regimem quasi monastico, tendo chegado á constituir uma Congregação — da Sagrada Familia — ainda hoje existente, e a cuja guarda e direção estão entregues todas as óbras educacionais, que fundou e organisou em Lorena.

Varios dos membros mais ilustres da familia tem concorrido com grandes doações para construções de templos, óbras pias e caridosas e até

Digitized by Google

para a creação do Bispado Lorenense, cujo patrimonio é óbra exclusiva da benemerencia do Conde dr. José Vicente de Azevedo, outro ilustre neto do Comendador José Vicente de Azevedo.

No entretanto, de todo esse crisol de sentimentos religiosos, não surgiu ainda uma unica vocação sacerdotal; nenhum dos membros de tão numerosa, piedosa e ilustre familia, quiz até hoje, ordenar-se padre.

* * *

JOÃO HENRIQUES DE AZEVEDO ALMEIDA, n. em Aveiro (Portugal) em 1818, f. em Silveiras, onde está sepultado, a 19-12-1879, filho de Joaquim Antonio d'Almeida, c. em Lorena, com IGNEZ JERONYMA DE CASTRO GODOY, n. em Lorena, em 1822, f. em Lorena, a 25-2-1888, filha de Francisco de Godoy Bueno e Rosa Pereira de Castro. Pais de:

F1) ADELAIDE, nascida em Lorena, a 10-2-1842, falecida em S. Manoel a 20-9-1937, casou em Silveiras, a 23-7-1866, com Vitorino José Barbosa, nascido em Penafiel (Portugal), a 10-3-1832, filho de Alexandre José Barbosa e Maria Joaquina Barbosa. Páis de:

N1) VITORINO, nascido em Silveiras, a 26-10-1867, falecido em S. Manoel, a 14-4-1914, casou em Piracicaba, a 14-7-1894 com Virginia Morato Carvalho, nascida em Piracicaba, a 29-3-1872, filha de Teofilo Morato de Carvalho e Maria Ferraz de Carvalho. Páis de:

Bn1) SILVIO, falecido em tenra idade.

Bn2) JULIO, nascido em S. Manoel, a 15-2-1897, cirurgião dentista, casou em S. Manoel, a 24-12-1923 com Leonor Desiró, nascida em S. Manoel, a 23-1-1907, filha de Luiz Desiró e Adelaide Previato. Páis de:

Tn1) LUIZ, nascido em Galia, a 25-6-1926.

Tn2) ILDA, nascida em Galia, a 4-2-1929.

Tn3) MARIA JOSE', nascida em Galia, a 29-11-1936.

Bn3) MARIA ERCILIA, nascida em S. Manoel, a 28-8-1900, casou em S. Manoel, a 12-1-1925 com Romeu Muniz Barreto, filho do Dr. João Gonçalves Muniz Barreto e Elisa Wey. Páis de:

Tn4) SYLVIO, nascido em Galia, a 11-10-1926.

Tn5) LUCIA, nascida em S. Paulo, a 20-1-1929.

Tn6) ELZA, nascida em S. Paulo, a 24-6-1931.

Bn4) ROSA, nascida em S. Manoel, a 31-8-1902, casou em Galia, a 8-9-1930 com Francisco Bernardino de Freitas, nascido em Jaú, a 21-9-1904, filho de João Baptista de Freitas e Ismenia Pinto. Páis de:

Tn7) MITZY, nascida em Galia, a 13-7-1931.

Tn8) JOÃO CARLOS, nascido em Galia, a 25-10-1936.

Bn5) JOÃO HENRIQUES, nascido em S. Manoel, a 10-6-1904, casou em Aparecida, a 21-3-1929 com Angelica Coelho de Oliveira, nascida em Tatuí, a 9-8-1908, filha de Arthur Coelho de Oliveira e Albertina Fonseca. Páis de:

Tn9) VITORINO, nascido em Galia, a 13-1-1930.

Tn10) JOÃO ANTONIO, nascido em Galia, a 5-10-1932.

Tn11/12) NEUZA e NEIDE, gemeas, nascidas em Galia, a 13-4-1934.

Tn13) RUY, nascido em Galia, a 9-7-1936.

Tn14) MARIA REGINA, nascida em Galia, a 7-6-1938.

N2) GETULIO, nascido em Silveiras, a 24-6-1868, falecido em Baurú, a 10-10-1933, casou em Jaú, a 11-11-1912, com Maria Candelaria de Almeida Costa, nascida em Jaú, a 2-2-1892, filha de José Francisco Bernardes da Costa e Amalia Ferraz de Camargo. Páis de:

Bn6) VITORINO, nascido em Jaú, a 12-10-1913, casou em S. Paulo, a 12-11-1939 com Juliana Mendonça, nascida em Araraquara, a 12-2-1916, filha de Manoel Mendonça e Maria Mendonça. Sem geração.

Bn7) ZELINDA, nascida em Jaú, a 3-6-1915, casou em Baurú, a 8-9-1934, com Newton Merlino, nascido em Araguari, a 7-4-1912, filho de Luiz Merlino e Maria Magnolia Merlino. Páis de:

Tn15) MARIA NEUSA, nascida em Santos, a 4-3-1935.

Bn8) JOSE', nascido em Agudos, a 26-7-1917, casou em Baurú, a 18-7-1940, com Aracy Camargo; nascida em Baurú, a 18-9-1920, filha de Francisco Camargo e Eudoxia Camargo. Sem geração.

Bn9) SEBASTIÃO, nascido em Agudos, a 13-7-1918, falecido no mesmo dia.

Digitized by Google

N3) ADELAIDE, nascida em Silveiras, a 30-3-1872, falecida em S. Manoel, a 24-3-1912, casou em S. Manoel em 1891 com José Pio Fernandes, tabelião em S. Manoel, depois procurador de Zerrener Bulow, nascido em Lorena, a 5-5-1868, falecido em Santos, a 23-3-1938, filho de Jose Antonio Fernandes e Mariana Fernandes. Páis de:

Bn10) DULCE, nascida em S. Manoel, a 19-6-1892, casou em primeiras núpcias em S. Manoel, a 8-4-1912 com o Dr. João de Brito Araujo, medico, nascido na Baia, a 11-2-1890, falecido em Santos, a 27-5-1928, filho de Reynaldo Aprigio de Brito Araujo e Cora Menezes de Brito Araujo. Páis de:

Tn16) JOÃO, nascido em Núcleo Monção, a 29-5-1913, falecido em Natal, a 11-8-1934.

Tn17) REYNALDO, nascido em Campos Novos, a 22-12-1914, solteiro.

Tn18) MARIA DA PIEDADE, nascida em Campos Novos, a 6-1-1918, solteira.

Bn10) Casada em segundas núpcias no Rio de Janeiro, a 8-8-1930, com Carlos Müller, nascido em Pôrto Alegre, a 17-2-1895, filho do Marechal Müller de Campos e Laura Müller de Campos. Sem geração.

Bn11) VITOR LAU, nascido em S. Manoel, a 19-10-1895, agricultor, casou em Rio Claro, a 7-9-1923 com Angela Caetano Castellano, nascida em Rio Claro, a 10-4-1905, filha de José Castellano e Rosa Caetano Castellano. Páis de:

Tn19) JOSE' PIO, nascido em Rio Claro, a 8-5-1924.

Tn20) WOLFA APARECIDA, nascida em Rio Claro, a 25-6-1925.

Tn21) ROSITA ADELAIDE, nascida em Rio Claro, a 19-9-1926, falecida, a 12-12-1926.

Tn22) VITOR LAU, nascido em Rio Claro, a 20-5-1928.

Tn23) RONALD LAU, nascido em Rio Claro, a 30-10-1932.

Bn12) JENNY, nascida em S. Manoel, a 29-12-1896, casada. Sem geração.

Bn13) FRANCISCO DE SALLES, nascido em S. Manoel, a 8-2-1900, alto funcionário do Departamento Nacional do Café, no Rio, casou no Rio, a 22-7-1923, com Mauriza Ornelia de Carvalho, nascida em Campinas, a 10-10-1906, filha de Pedro Cornelio de Carvalho e de Martha Tomagina de Carvalho. Páis de:

Tn24) MONINA, nascida em Campinas, a 2-9-1924, solteira.

Bn14) PIO JOSE', nascido em S. Manoel, a 25-8-1902, comerciante, solteiro.

Bn15) MANOEL PIO, nascido em S. Manoel, a 24-6-1904, alto funcionário do Departamento Nacional do Café, em Santos, solteiro.

Bn16) MARIANA ADELAIDE, nascida em S. Manoel, a 29-8-1910, casou em Santos, a 26-10-1933, com Walter Azambuja, nascido em S. Paulo, a 26-5-1910, filho de Carlos Azambuja e Emilia Kuhlman Azambuja. Páis de:

Tn25) MARIA HELENA, nascida em Santos, a 31-10-1934.

N4) EDWIGES, nascida em Silveiras, a 2-2-1874, falecida em Salto Grande, a 24-4-1922, casou em S. Manoel com Sinfronio Borges Falcão, nascido em Salvador (Baia), a 24-12-1875, filho de Sinfronio Falcão e Edwiges Menezes Falcão. Páis de:

Bn17) JOÃO ISAIAS, nascido em S. Manoel, a 6-7-1902, funcionário público federal, casou em S. Paulo, a 8-7-1935, com Alice de Barros Viana, nascida no Pôrto (Portugal), a 27-12-1909, filha de José de Barros Viana e Maria Lopes Viana. Sem geração.

Bn18) REYNALDO, nascido em S. Manoel, a 12-10-1903, agricultor em Garça, casou em Garça, a 10-2-1931, com Maria Pinto Freitas, nascida em Presidente Alves, a 22-10-1913, filha de João Baptista de Freitas e Ismenia Pinto de Freitas. Páis de:

Tn26) REYNALDO, nascido em Garça, a 4-12-1931.

Tn27) RACHEL, nascida em Garça, a 15-6-1935.

Bn19) EDWIGES, nascida em S. Manoel, a 24-12-1904, casou em Salto Grande, a 6-5-1922, com Emilio Leão, nascido na Baia, a 15-4-1898, filho de Pedro Marques Leão e Maria da Silva Leão. Páis de:

Tn28) ESTER, nascida em Ourinhos, a 7-2-1923.

Tn29) DIRCE, nascida em Ourinhos, a 19-5-1924, falecida, a 12-11-1924.

Tn30) RENATO, nascido em Ourinhos, a 8-11-1926, falecido, a 11-11-1926.

Tn31) MOACYR, nascido em Ourinhos, a 20-1-1929.

Tn32) JOSE' HUGO, nascido em Ourinhos, a 17-6-1931.

Bn20) OLGA, nascida em S. Manoel, a 21-1-1906 e falecida em S. Manoel, a 20-4-1906.

Bn21) SINFRONIO, nascido em S. Manoel, a 11-2-1907, comerciante, solteiro.

Bn22) ZILDA, nascida em S. Manoel, a 28-2-1908, falecida em Campos Novos, a 10-11-1924.

Bn23) NAIR, nascida em S. Manoel, a 6-3-1909 e falecida em S. Manoel, a 22-2-1910.

Bn24) MARIA APARECIDA, nascida e falecida em Campos Novos em 1914.

Bn25) ANTONIO, nascido em S. Manoel, a 11-11-1917, solteiro.

Bn26) FAUSTO, nati-morto em 1922, em Salto Grande.

N5) ADELINA, nascida em Lorena, a 17-11-1876, falecida em S. Manoel, a 9-11-1937, casou em S. Manoel, a 27-9-1890 com Francisco Martorelli, nascido em Rivello (Itália), a 6-7-1867, filho de Bráz Martorelli e Jeronyma Baroni, negociante, capitalista, Delegado de Policia, vereador e Prefeito Municipal em S. Manoel. Páis de:

Bn27) BRÁZ, nascido em S. Manoel, a 11-9-1892, negociante, agricultor e tesoureiro da Prefeitura Municipal, casou em S. Manoel, a 24-9-1925, com Maria Al-

Digitized by Google

cantara Queiroz, nascida em Passos, (Minas), a 20-5-1908, filha de Plinio de Alcantara Queiroz e Maria Rodrigues Teixeira. Páis de:

Tn33) FRANCISCO, nascido em S. Manoel, a 7-6-1928, falecido em S. Manoel, a 20-9-1929.

Tn34) BRAZ, nascido em S. Manoel, a 20-9-1930.

Bn28) VITORINO, nascido em S. Manoel, a 13-9-1894, falecido no mesmo ano.

Bn29) FRANCISCO, nascido em S. Manoel, a 5-8-1896, jornalista, comerciante, casou em S. Manoel, a 4-7-1918, com Corina Campos, nascida em S. Manoel, a 5-10-1896, filha de Antonio Arruda Campos e Ana Eufrazia de Souza Aranha. Páis de:

Tn35) ANTONIO, nascido em S. Manoel, a 14-6-1920, falecido em S. Manoel, a 22-10-1920.

Tn36) DECIO, nascido em S. Manoel, a 11-9-1921, solteiro, estudante.

Tn37) ATILIO, nascido em S. Manoel, a 29-9-1925, falecido em S. Manoel, a 18-10-1927.

Tn38) CELSO, nascido em S. Manoel, a 6-2-1928, estudante.

Tn39) ATILIO, nascido em S. Manoel, a 19-10-1929.

Tn40) MARIA REGINA, nascida em S. Manoel, a 5-7-1931.

Tn41) MARIA HELENA, nascida em S. Manoel, a 31-3-1933.

Bn30) JERONYMO, nascido em S. Manoel, a 22-10-1898, professor da Escola Normal, casou em Botucatú, a 9-4-1921, com Isabel Blasi, nascida em Botucatú, a 4-4-1901, filha do cav. Serafino Blasi e Miquelina Blasi. Páis de:

Tn42) CLELIA, nascida em S. Manoel, a 25-1-1922, professora, solteira.

Tn43) HUGO, nascido em S. Manoel, a 15-10-1923, estudante.

Tn44) ODILA, nascida em S. Manoel, a 3-4-1926, estudante.

Bn31) JOAQUIM, nascido em S. Manoel, a 16-12-1906, funcionário público estadoal, casou em S. Manoel, a 24-1-1933, com Beatriz Speranza, nascida em Socorro, a 27-4-1911, filha de Francisco Speranza e Francisca Tortorelli. Páis de:

Tn45) MARTHA, nascida em S. Manoel, a 9-2-1934.

Tn46) FRANCISCO ANTONIO, nascido em S. Manoel, a 27-3-1940.

Bn32) ADELINA, nascida em S. Manoel, a 15-10-1908, casou em S. Manoel, a 28-6-1928, com Jeronimo Annicchino, nascido em Capivary, a 22-12-1904, negociante, filho de José Annicchino e Ignez Martorelli. Páis de:

Tn47) LEDA, nascida em Capivary, a 23-9-1929.

Tn48) NORMA, nascida em Capivary, a 14-2-1932.

Tn49) YOLANDA, nascida em Capivary, a 21-5-1934.

N6) DURVAL, nascido em Silveiras, a 25-9-1877, falecido em Silveiras, a 18-10-1879.

N7) ODILA, nascida em Silveiras, a 31-8-1878, casou em S. Manoel, a 8-2-1896, com o Dr. Joaquim Batista Costa, médico, nascido em Fortaleza, a 9-1-1864, falecido em S. Paulo, a 12-6-1922, filho de Inocencia Batista da Costa. Sem geração.

F2) CAROLINA, nascida em Lorena, a 29-3-1846, falecida sem geração.

F3) HYPOLITO, nascido em Lorena, a 8-10-1847, falecido sem geração.

F4) JOÃO HENRIQUES, nascido em Lorena, a 23-10-1848, falecido em Lorena, a 3-8-1921, Tabelião, Coletor de Rendas Estaduais, Juiz de Paz e influente politico, casou em Lorena, a 29-3-1873, com Edwiges Benedicta da Piedade Figueiredo, nascida em Lorena, a 16-11-1851, falecida no Rio, a 20-4-1928. Páis de:

N8) ANA, nascida em Lorena, a 29-5-1874, falecida em menor idade.

N9) ARISTOTELES, nascido em Lorena, a 13-9-1876, falecido, a 17-4-1878.

N10) FRANCISCO DE PAULA, nascido em Lorena, a 14-8-1879, falecido em Lorena, a 30-1-1908.

N11) ESTER, nascida em Lorena, a 11-11-1880, casou em Lorena, a 7-10-1899, com José de Oliveira Evora, nascido em Lorena, a 3-11-1873, funcionário público e serventuário de justiça apesentado, filho do Major João de Oliveira Evora e Josina Evora. Páis de:

Bn33) LUIZ, nascido em Lorena, a 27-8-1900, capitão médico do Exército, solteiro.

Bn34) NELSON, nascido em Lorena, a 22-1-1902, atuário da Comp. Sul América, casou no Rio, a 11-11-1928, com Odila Ribeiro, nascida no Rio, a 17-4-1909, filha do Dr. Isidoro de Souza Ribeiro e Alice de Souza Ribeiro. Páis de:

Tn50) MARCIO LUIZ, nascido no Rio, a 2-1-1930.

Tn51) MARCOS LUIZ, nascido no Rio, a 29-5-1938.

Bn35) JOSE', nascido no Rio, a 25-10-1903, falecido no Rio, a 1-1-1907.

Bn36) NILO, nascido em Lorena, a 29-3-1905, comerciário, casou no Rio, a 4-2-1933, com Déa Cruz, nascida no Rio, a 14-12-1907, filha de Antonio Cruz e Emilia Cruz. Páis de:

Tn52) NEYDE, nascida no Rio, a 21-6-1935.

Bn37) MARIA ESTER, nascida no Rio, a 17-10-1906, casou no Rio, a 5-12-1931, com o Comandante Isaac Luiz da Cunha Júnior, nascido no Rio, a 15-11-1905, Oficial de Marinha, da Casa Militar do Senhor Presidente da República, filho de Isaac Luiz da Cunha e Maria Falconi Cunha. Páis de:

Tn53) PAULO JOSE', nascido no Rio, a 6-1-1934

Digitized by Google

Bn38) CID, nascido no Rio, a 21-4-1909, funcionário do Departamento Nacional do Café, casou no Rio, a 6-1-1932, com Carmen Malheiros, nascida no Rio, a 27-7-1914, filha do Dr. Pedro Malheiros e Leonor Malheiros. Páis de:
Tn54) LUCY, nascida no Rio, a 23-1-1936.

Bn39) JOSE', nascido no Rio, a 23-1-1918, estudante.

Bn40) AFONSO, nascido no Rio, a 29-8-1919, estudante.

N12) ROSA, nascida em Lorena, a 8-4-1882, casou em primeiras núpcias, em Lorena, a 11-2-1904, com Rafael Tobias de Morais, Oficial do Exército, nascido em Manáus, a 14-4-1880, falecido em Lorena, a 19-6-1909, filho de José Maria Mauá de Morais e Felicissima de Morais. Sem geração.
Casou em segundas núpcias, no Rio, a 18-5-1921, com Carlos Mourão, nascido no Rio, a 10-3-1886, funcionário público e capitalista, falecido em Lorena, a 17-1-1940 filho do Almirante Mourão dos Santos e Maria da Gloria Mourão dos Santos. Sem geração.

N13) MARIA, nascida em Lorena, a 25-8-1884, falecida em Lorena, a 26-7-1940, casou em Lorena, a 23-7-1908, com João Batista Ferreira, nascido em Ribeirão Preto, a 14-6-1883, farmacêutico, vereador em Lorena, Prefeito Municipal em Tremembé, filho do Dr. Francisco Antonio Ferreira e Marta Bueno Ferreira. Páis de:

Bn41) JOSE', nascido em Lorena, a 23-4-1909, agente de negócios no Rio, casou no Rio, a 6-1-1936, com Italia Scorza, nascida em Padua (Itália), a 29-12-1910, filha de Benjamim Scorza e Maria Scorza. Páis de:
Tn55) NORMA, nascida no Rio, a 11-10-1937.

Bn42) MARIA ANTONIETA, nascida em Passa Quatro, a 1-6-1910, falecida em Lorena, a 17-3-1937, solteira.

Bn43) OSWALDO, nascido em Lorena, a 1-8-1911, falecido no Rio, a 14-5-1929, solteiro.

Bn44) REGINA, nascida em Lorena, a 4-4-1912, falecida em Tremembé, a 6-10-1932, solteira.

N14) JOÃO HENRIQUES, nascido em Lorena, a 8-7-1892, casou em Lorena, a 4-2-1919, com sua prima Alice de Azevedo Barbosa, nascida em Lorena, a 4-3-1897, filha de Joaquim Barbosa de Lima e Emygdia de Azevedo Barbosa Lima. Sem geração.

Do Comandante José Custodio Campos da Paz, da Marinha:

"Remeto o material que consegui recolher. Dou o meu pequeno trabalho, por muito bem empregado, por servir a um abnegado e infatigavel trabalhador, creador de uma obra verdadeiramente patriotica, qual a genealogia em funcção da historia e do sangue". "...pedindo ao Amigo dispor sempre dos meus diminutos recursos, mas sempre com prazer em collocar um grão de areia na obra formidavel emprehendida e levada avante sem temor".

Do escritor e historiador Gelmires Reis, de Goiaz:

"...sua importante e util *Revista...*"

Do Dr. Carlos Grandmasson Rheimgantz:

"Recebi a revista n.º 2. Como sempre optima. Gostei muito da divisão por Estados. Parabens por mais esse sucesso.

Do Dr. Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho, da Baia:

"Recebi o numero dois da nossa Revista. Está um otimo volume e aceite por tal minhas congratulações".

Do Dr. Mario Torres, da Baia:

"...manifico n.º da *Revista*". (o 2.º).

Do Dr. Paulo Eleuterio Cavalcanti de Albuquerque, do Instituto Histórico do Pará:

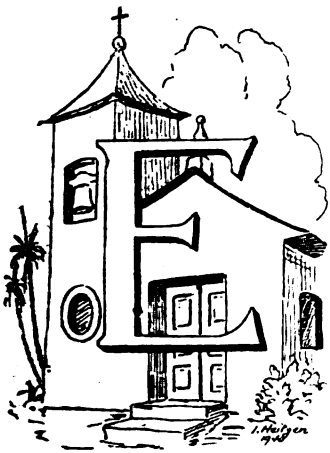
"...explendida Revista".

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE MINAS GERAIS

Gomes Candido



(CONEGO R. TRINDADE)

STE titulo origina-se de dous troncos (irmãos?):
Gaspar Gomes Candido — I
Francisco Gomes Candido — II

I

Gaspar Gomes Candido estabeleceu-se á margem esquerda do rio Piranga, na então comarca de Mariana. Aí fundou uma grande fazenda, que se chamou *dos Gomes* e é hoje a *Colonia Rio Doce,* situada entre as estações de Pontal e Chopotó, da Leopoldina Railway, no municipio e distrito de Ponte Nova. Esta fazenda, ao tempo do fundador e até bem recentemente, era do territorio eclesiástico de Barra Longa. Hoje pertence, eclesiasticamente, á paróquia de Rio Doce, arcebispado de Mariana. Gaspar foi casado e teve:

F1) Ubaldo Gomes Candido.
F2) Luiz Gomes de Almeida Candido, casou com dona Helena. Pais de:
- N1) Francisco
- N2) Joaquim
- N3) Luiz
- N4) Maria
- N5) Rosa
- N6) Antonio Gomes Candido, casou com dona Valeriana Constância da Rocha (Ver *Pereira Guimarães*). Pais de:
  - Bn1) D. Francisca Gomes Candido, casou com Antonio Hipólito da Costa.
  - Bn2) Luiz Gomes Candido, casou com dona Josefa Augusta.
  - Bn3) José Justiniano Gomes (Candido), casou com dona Josefa Joaquina Gomes. Sem geração.

II

Francisco Gomes Candido, natural de Olivais, *extra muros* de Lisbôa, t. c. dona Rosa Maria de Queiroz, natural da freguezia do Furquim, então

Digitized by Google

é ainda hoje do municipio de Mariana. Tinha sua fazenda na freguezia de Barra Longa.

Pais de:

F1) Luiz Gomes de Almeida Candido, casado com dona Maria Vicencia de Santa Rosa. Pais de:
- N1) Ana.
- N2) José.
- N3) Maria.

F2) D. Escolástica Leonor da Incarnação, casou com o alferes Manoel Marques da Silva. Pais de:
- N4) Manoel
- N5) Rosa.

F3) José Ferreira Candido.

F4) Dona Ana Rosa.

F5) Dona Luisa Cândida do Espirito Santo, casou com Caetano José Freire, filho de Manoel Freire de Souza, natural de Louzada (Portugal) e de Mariana Nunes. Pais de:
- N6) José Caetano Freire
- N7) D. Luiza Maria da Conceição, casou com Antonio Joaquim Coelho. Pais de:
  - Bn1) Luiz Coelho, casou com dona Francisca Alves Xavier (cf. *Xavier da Costa*). Pais de:
    - Tn1) José Maria Coelho, casou com dona Maria da Conceição Xavier. C. g.
    - Tn2) Antonio Joaquim Coelho, casou com dona Maria José da Conceição. Com geração.

F6) Capitão-mór Antonio Gomes Candido, nascido e baptizado na freguezia de São José da Barra Longa, casou em São Caetano do Xopotó, da freguezia de Guarapiranga, com Dona Ana Rosa Umbelina, filha de Antonio Marques da Silva (ver F. 2 supra), natural da freguezia de Vidoedo, bispado do Porto, e de dona Maria Terêsa da Conceição, natural da freguezia de Santo Antonio da Casa Branca, comarca da Vila Rica, bispado de Mariana. O capitão Antonio Gomes Candido faleceu na sua "fazenda do Macuco, termo da vila de São João Batista do Presidio", em novembro (provavelmente a 18, data em que foi solenemente aberto o seu testamento pelo vigário Agostinho Izidoro do Rosário) de 1844. Pais de:

N8) Dr. Antonio Gomes Candido, nascido a 15 (quinze) de julho de mil oitocentos e dois em Guarapiranga, em cuja matriz foi batisado a primeiro de agosto do mesmo ano. Fez o curso secundario no seminario de Mariana, onde iniciou o curso teológico, tendo recebido a primeira tonsura e as ordens menores das mãos do piedoso bispo d. fr. José da Santissima Trindade. Dispunha-se a tomar ordens sacras, para o que chegou a fazer petições, a constituir o patrimônio canonico; muda, porém, de parecer, deixa o seminario (1823) e matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, pela qual se forma em 1833. Exerceu a magistratura em Minas, nas comarcas de Sabará, Serro, Pouso Alegre, Mariana e outras. Em 1848 foi chefe de policia da provincia. Deputado provincial durante três biênios (1842-1847). Era deputado geral pela sua provincia natal quando, por ocasião do primeiro surto da febre amarela, no Rio de Janeiro, faleceu aos 18 de março de 1850. Foi casado com dona Maria Angelica Pereira de Carvalho. Pais de:
- Bn1) Antonino Gentil Gomes Candido, casou com dona Francisca Elisa Horta. Pais de:
  - Tn1) D. Emilia Gentil de Sena, casou com o dr. Nelson Coelho de Sena. Pais de:
    - Qn1) Caio Nelson, nascido em Ouro Preto a 24 de fevereiro de 1898. Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, em 1919. Casou com dona Amanda de Barros Pinheiro, filha do dr. João Pinheiro da Silva, presidente do Estado.
    - Qn2) Mucio Emilio, nascido em Belo Horizonte (Vêr a continuação na pág. 69, n. 5 do ano 3.º da Rev. Genealógica).

N9) Francisco de Paula Candido (Conselheiro Paula Candido), nascido na fazenda de Macuco, então da freguezia de Pomba e hoje de São José do Barroso (municipio de Rio Branco). Batisado na ermida de São Francisco de Paula, da mencionada fazenda, a dous de abril de mil oitocentos e quatro (1804). "Medico de S. Magestade, o imperador; grande dignitario e comendador da imperial ordem da Rosa, cavalheiro da de Cristo; lente da Escola de Medicina do Rio de Janeiro". Casou em agosto de 1837 com dona Maria Benedita da Cunha, natural do Rio de Janeiro, filha dos marqueses de Inhambupe. Pais de dois filhos que faleceram em menor idade.

Digitized by Google

N10) José Calasans Gomes Candido, nascido a 12 de setembro de 1810. Logares de nascimento e batismo os mesmos de N2.
N11) Ana e
N12) Maria, das quais nenhuma informação.

DOCUMENTOS

CASAMENTO DO CAP.M ANTONIO GOMES CANDIDO

"Manoel de Bitancurt Godinho, Coadjutor desta Freguezia de Guarapirg.ª Certifico que no L.º 5.º dos Cazamentos se acha o assento seg.e = Aos quatorze de Fevereiro de mil, e oito centoz na Capella de São Caetano desta Freguezia o Padre Jozé Gomes de Oliveira de licensa do Reverendo Parocho desta mesma Freguezia, precedendo a Provisão do (*dilacerado*) de prezente, e mutuo consentimento os Contrahentes o Capitão Antonio Gomes Candido, filho legitimo de Francisco Gomes de Almeida Candido e de Dona Rosa Maria de Jesus, nascido e baptizado na Freguezia da Barra Longa, e Dona Anna Rosa Umbelina, filha legitima de Antonio Marques da Silva e de Maria Thereza da Conceipção, natural e moradora nesta Freguezia, sendo testemunhas presentes o Padre Manoel Dias Braga e o Capitão Manoel Gomes de Mello e lhes conferio as Bençaons na forma do Ritual Romano, de que para constar fiz este assento que por descuido inda não se achava feito, e assignei = O Coajutor Manoel de Bitancurt Godinho".

BATISADO DO DR. ANTONIO GOMES CANDIDO

"No L.º 7.º dos baptismos a f. 14.v se acha o seg.e = Antonio parvulo filho legitimo do Alferes Antonio Gomes Candido, natural da Barra Longa e de Anna Rosa Umbelina, natural desta Freguezia de Guarapiranga, nasceo a quinze de Julho de mil e oito centoz e dois annos, e foi baptizado no primeiro de Agosto do dito anno nesta Matriz da Conceipção de Guarapiranga pelo Padre Jozé Gomes de Oliveira, que lhe poz os Santos Oleos; forão padrinhos o Reverendo Conego Francisco Soares Bernardes, e Anacleta Rosa da Silva, Cazada, desta Freguezia; neto paterno de Francisco Gomes de Almeida, natural de Lisboa, e de Rosa Maria de Jesus da Freguezia de São Jozé da Barra Longa deste Bispado e pela materna de Antonio Marques da Silva, natural da Freguezia de Viduede, Bispado do Porto, e de Maria Thereza da Conceipção, natural da Freguezia de Santo Antonio da Casa Branca deste mesmo Bispado de Marianna, de que fiz este assento. O Coadjutor Manoel da Rocha de Oliveira".

O dr. Antonio Gomes Candido pretende ordenar-se.

"Illmo. e Rvmo. Snr. — Antonio Gomes Candido Clerigo *in Minoribus* p.ª o fim de receber a Sagrada Ordem de Subdiacono, quando S. Excia. Rma. for servido conferir, quer constituir seo Patrimonio Clerical na metade das Casas e Fazenda denominada Macuco na Applicação da Capella de Santa Rita na freguezia do Pomba, e em dous Escravos Crioulos de nomes Manoel e João, e protesta juntar em tempo o titulo compet.te por tanto —

— Pede a V. S.ª se digne mandar que se dê vista ao Rdo. Capellão Ant.º Justiniano Gonçalves Fontes p.ª a inquirição, avaliação e mais termos e final.te o Edital na forma do est.º ao Rdo. Parocho.

(*Despacho*) D. e A. haja vista ao Rdo. Conego Promotor. Marianna, 24 de 9br.º de 1823 — Monteiro.

Nota — Santa Rita é hoje a cidade de Viçosa.

Digitized by Google

REFERÊNCIAS À REVISTA E AO ANUARIO

Do Prof. Dr. Augusto Lins e Silva, Catedratico na Faculdade de Medicina de Recife:

"... sua patriotica e magnifica *Revista Genealógica Brasileira*".

Do Snr. Cantidio de Camargo, Prefeito de Tietê:

"Tenho o prazer de anexar a este um chéque de Rs. 100$000, que esta Prefeitura oferece como contribuição para o desenvolvimento desse Instituto que grandes serviços vem já prestando às letras genealógicas".

Do escritor Benedito Pires de Almeida, de Tietê:

"... Instituto Genealógico Brasileiro, de que o amigo é a coluna mestra". "... nosso Instituto, ao qual está reservado um lugar de destaque no mundo dos estudos genealógicos no Brasil, o que já vem sendo notado de sul a norte. Aproveitando a oportunidade felicito-o pelo segundo numero da *Revista* que está magnifico, com escolhida, abundante e valiosa colaboração".

Do Prof. Costa Filho, da Federação das Academias de Letras do Brasil:

"Tenho lido com intenso jubilo patriotico a *Revista Genealógica Brasileira*, obra prima da sua dedicação e da sua especialisada cultura em materia tão dificil quão preciosa. O senhor está prestando um serviço relevante ao nosso extremecido Brasil. só comparavel ao que em tal assunto inicialmente coube a Frei Jaboatão desenvolver. Felicito-o pelo exito já obtido. Receberei como inestimavel obsequio da sua parte a remessa do n.º 1 da *Revista*, que não possuo. Inclusos envio e ofereço ao grande genealogista brasilico, que o senhor é, reproduções de telas seculares dos Barões de Jaguaripe (Avilas da *"Torre de Garcia"*) que bem merecem as homenagens de uma publicação util e rara como essa que o seu esclarecido patriotismo orienta e dirige."

Do Dr. Francisco da Conceição Menezes, 2.º Secretario do Instituto Historico da Baia:

"... excelente publicação..." "*Revista Genealogica Brasileira* n. 2".

De Dom Homero Viteri Lafronte, Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Ecuador:

"... se complace en indicar al ilustre y admirado Coronel Salvador de Moya, Director de la *Revista Genealógica Brasileira*, que el ecuatoriano Sr. Cristobal de Gangotena, el más autorizado genealogista nuestro, tendrá gran placer de establecer correspondencia e intercambio con el Sr. de Moya. Dirección; Sr. Don Cristobal de Gangotena — Quito — Ecuador".

Do Snr. João C. da Rocha Cabral, da Academia Piauense de Letras:

"... magnifico Anuario, cuja leitura é muito interessante".

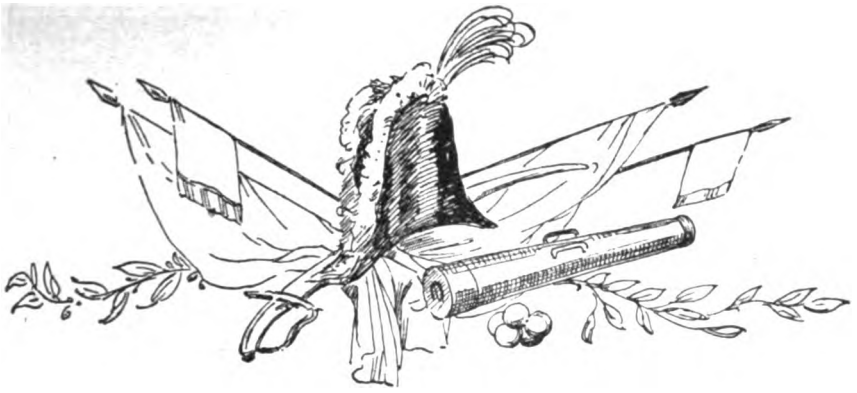
Do Dr. João da Costa Dantas Junior, da Baia:

"Gostei muito da nova orientação da Revista, com uma secção para cada Estado. Creia que foi uma idéia ótima e há de produzir bons resultados, não sómente quanto à difusão dos estudos genealógicos, como à consolidação do nosso Instituto".

Do Dr. Jorge Godofredo Felizardo, do Rio G. do Sul:

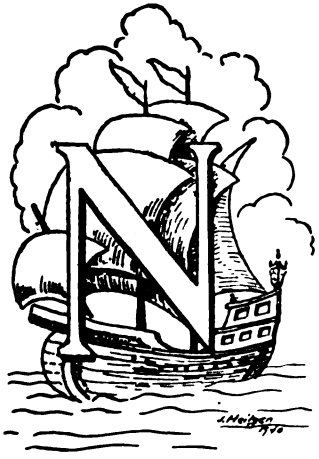
"Com grande satisfação recebi o n.º 2 da *Revista Genealógica Brasileira*, correspondente ao 2.º semestre de 1940. E' mais um ponto alto conquistado brilhantemente pela magnifica e eficiente administração de V. Excia., no Instituto Genealógico Brasileiro. A Revista, na sua nova fase de organisação, com as secções correspondentes a cada Estado da nação brasileira, despertará, por certo, maior e melhor numero de estudiosos, no vasto campo da genealogia nacional". "Felicito-lhe, muito cordialmente, pela noticia inicial da Revista, em que consta a fundação de mais um Instituto, para estudos de genealogia, com séde no Rio de Janeiro".

Digitized by Google



"Genealogia Mineira"

JOÃO DORNAS FILHO



O Brasil, e isso vai evidentemente por conta da nossa proverbiabilissima incultura, ainda não medrou o gosto pelo cultivo das civilizadas ciências da heraldica e da genealogia, coisas essas que são olhadas, sinão com sincera e despreocupada indiferênça, ao menos com a ironia superior dos ignorantes, o que é certamente peior.

Entre nós é comum, até em pessôas de mediano entendimento, ignorar como se chamava o bisavô e onde e quando nasceu um tio de primeiro grau. E é feio e deprimente isso.

Hoje nem mesmo os animais de certo luxo deixam de ter escrita a sua genealogia, como se dá com as eguas de corrida e os touros para reprodução, deixando certa casta de gente em grau de inferioridade bem descomodo em materia de conhecimento da propria estirpe...

Não é profundamente humilhante isso?

Não é dolorosamente desairoso e embaraçante, alguem nos perguntar se somos parentes da casa tal e não sabermos responder?

Tenho, entretanto, que no Brasil não só a displicência e o descaso possam ser responsabilisados por isso. Um mal compreendido pudor e orgulho talvez sejam a causa dessa fraqueza, num paiz de forte miscegenação indigena e negra. Mas, não colhe, mesmo assim, argumento tão pueril. Relativamente à ascendência indigena, o romantismo indianista, nascido com a Independência salutarmente rehabilitou, e as melhores casas paulistas de hoje

Digitized by Google

se orgulham déla, batendo no peito que têm quatrocentos anos, sem embargo de saberem que descendem de indios criados para escravos...

Porque, pois, não se dá o mesmo com a ascendência negra? Pelo fato de ser essa raça aviltada por seculos de escravidão? Mas a raça indigena tambem o fôra, como vimos. O nobre e lustroso brasão dos Albuquerque e Cavalcanti, do norte do Brasil, tem a sua origem na india Arcoverde, que perfilhou sem provar nobreza de quatro costados e sem ainda banhar-se nas aguas lustrais do matrimonio, escrava que fôra, a principio, dos dominadores.

Ha de se esperar, assim, que tão ilogico preconceito, no que toca à ascendência negra, se dissolva com o jacto de ar puro com que o moderno romantismo africanista vem humanizando esses estudos no Brasil.

E a prova de que outros olhos examinam assunto de tanto interêsse, pois a genealogia é uma ciência subsidiaria da História, é que varios trabalhos do genero, principalmente em São Paulo e Minas, têm vindo a lume de publicidade para gaudio dos que fazem ciência antes de fazer tolices racistas e imbecilizantes.

Nelson de Sena nos deu ha pouco um ensaio sobre os Coelhos e os Sena de Minas. E agora vem o velho e erudito trabalhador Artur Rezende que, em quatro alentados volumes, nos presenteia com um acervo digno da melhor nota.

Familia que os primeiros surtos descobridores de Portugal fez espalhar pelas quatro partidas do mundo, os Rezende, no Brasil pelo menos, desgalharam com tanta vitalidade criadora, que rara é a casa brasileira que nela não se entronca. Ribeiros, Monteiros, Oliveiras, Bragas, Pintos, Mendes, Coelhos, Dias, Fortes, Figueiras, Almeidas, Castros, Leites, Campos, Mirandas, Carvalhos, Maltas, Furtados, etc. etc. vão lançar suas origens nos remotos Rezendes de Lamego, que tanta seiva generosa espalhou por toda a grande arvore luzitana esgalhada pelos quatro pontos cardeaes.

O sr. Artur Rezende, legitimo representante da cultura mineira, que aprendia a boa linguagem no bom latim do Caraça, e já nos deu anteriormente uma vasta óbra em que essa cultura se mostra com o viço e a formosura das coisas definitivas, não podia prestar maior serviço á sua gleba que realizar a notavel e já indispensavel "Genealogia Mineira". Velho e extrenuo trabalhador, ha de por certo proseguir na obra que tão alto e tão longe levará o apelido dos Rezendes e, com elle, o florão de cultura que engalana os melhores brazões da inteligência de Minas.

(1) "Folha de Minas", 13-XI-1940.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro, de Tietê:

"O 1.º volume deste ano da Revista do Instituto está ótimo: rico de trabalhos apreciaveis, de colaboradores dos quatro quadrantes do país, sinal que o Instituto, sua Revista e o magnifico *Anuario* são conhecidos e apreciados — despertadores de atividades no campo da genealogia. Dou ao esforçado consocio muitos parabens"!

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE GOIÁZ

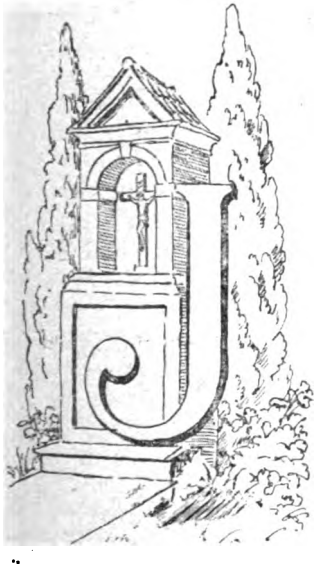
Endereço da Seção: rua 15 de Novembro, 32 — Goiaz (Goiaz)
Presidente: Desembargador João Francisco de Oliveira Godoi

Subsidios para a Genealogia Goiana

Ampliando Silva Lême

DESEMBARGADOR JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA GODOI

(Continuação da pag. 423 da "Revista" anterior)



8.ª PARTE

Silva Leme — Vol. 8.º, pags. 212, 5-2.

OÃO Bonifácio de Mendonça, casado em Goiáz".

Acrescente-se:

O tenente João Bonifácio de Mendonça residiu no Arraial de Meiaponte, onde, em 2 de maio de 1779 e com o nome de João Bonifácio de Gouvêa, se casou com Ana Rosa de Siqueira, que, depois passou a assinar-se Ana Francisca Xavier Leite.

Eis a certidão do registro de seu casamento, conservada a ortografia da epoca:

"Aos dous dias do mez de Mayo de mil setecentos e setenta e nove em casas de Morada de D.a Manoela Perpetua de Siqueira, pelas dez horas do dia em minha presença celebrarão o Santo Matrimonio, com palavras de presente João Bonifacio de Govêa filho legitimo de José Gomes de Govêa e de sua mulher Maria Barbosa da Sylva, natural e bautizada na villa de Mogi-mirim, Bispado de S. Paulo e Ana Roza de Siqueira, filha legitima de Gaspar Corrêa Leite, já defunto e de sua mulher dona Manoela Perpetua de Serguera, natural e bautizada no Arrayal de Santa Cros, Bispado do Rio de Janeiro, corridos os banhos

Digitized by Google

nesta Matriz de Nossa Senhora do Rosario e mais o Sgrdº determina feitas as diligências que manda a Igreja, e sendo testemunhas presentes os abaixo assignados. Do que fiz este aSento. O Vigario Antº Frez Barreto Velq ra. João da Costa Teixeira. Antonio de Govêa Pacheco." Livro 3º de Casamentos (1768-1795) da Freguezia de Meiaponte, fls. 44".

Manuela Perpetua de Siqueira, tendo enviuvado do Guarda-mór Gaspar Corrêa Leite, casou-se nóvamente em Meiaponte em 1 de fevereiro de 1773, com Antônio Gomes da Cunha, natural do Porto, Portugal.

João Bonifácio de Mendonça foi proprietário da fazenda das Furnas e da do Capivari e de outras propriedades rurais e urbanas na então Meiaponte, hoje Pirenópolis, alêm de possuir numerosa escravatura.

Foi arrematador, quér só, quér de sociedade com outros, de diferentes contrátos, como os de dízimos de Meiaponte, de 1786 a 1788 e dos dízimos de Vila Boa, Meiaponte e Pilar, de 1789 a 1794. Faleceu em 1790, na vigência dos contratos.

São seus filhos, pelo menos :

1) Joaquim Gomes de Siqueira, que nasceu em Meiaponte, em 21 de março de 1789 e faleceu em Goiás, a 21 de novembro de 1864, com 75 anos de idade.

Casou-se em primeiras núpcias, em Jaraguá, com Maria Raimunda de Morais, nascida em 1800, filha do cap. Jerônimo de Morais e de sua mulher Luiza de França, com descendência. Em segundas núpcias, com Helena de Assis Mascarenhas e Silva, filha do cirurgião mór de 1.ª linha, Bartolomeu Lourenço da Silva e de Gertrudes Antônia Joaquina da Neiva, com descendência.

Dentre os seus descendentes de primeiras núpcias, destaca-se o seu filho, João Bonifácio Gomes de Siqueira, que nasceu no antigo córrego de Jaraguá, em 1816; e recebeu o gráo de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de S. Paulo, a 31 de Outubro de 1840; tendo sido o 1º goiano, filho de pais goianos, formado em Direito.

Casou-se êste em Jaraguá, em primeiras núpcias, com sua prima Ana Lina da Fonseca, filha de Francisco de Faria Albernaz e de dona Emerenciana Rodrigues de Morais; e, em segundas núpcias, a 24 de Maio de 1877, com sua prima Luiza Maria Rodrigues de Morais, natural de Jaraguá, filha do tte. Custódio Rodrigues de Morais e de Ana Xavier de Morais.

Faleceu nesta cidade de Goiáz a 17 de junho de 1901, contando 85 anos de idade.

O desor. João Bonifácio Gomes de Siqueira exerceu os mais altos cargos na Província e na República, tendo sido por várias vezes vice-presidente em exercício da Presidência e, na República, governador de Estado.

Sua biografia foi escrita por seu digno filho Joaquim Bonifácio de Siqueira, em um livro que corre impresso sob a denominação de "Através dos Séculos", publicado em 1921 e do qual haurimos a mór parte destas notas.

Joaquim Bonifácio de Siqueira, cedo roubado às letras pátrias, foi poéta, autor de um livro de versos (Alvoradas), editado em 1902, e já esgotado, alem de outros trabalhos em prosa.

Digitized by Google

São netos do desor. João Bonifácio, entre outros, os drs. Gustavo Adolfo de Siqueira e Odorico Gonzaga de Siqueira, aquêle agrimensor da Secretaria de Terras do Estado, hoje aposentado, e êste, magistrado aposentado, residente em Ipamerí dêste Estado.

2) Ana Matilde, que se casou em Meiaponte, em 1815, com Antônio Bernardo de Morais, viuvo.

3) João Floriano de Mendonça e Gouvêa que, por provisão de 7 de janeiro de 1801, foi nomeado avaliador dos dízimos do Julgado de Traíras e tabelião e escrivão de orfãos do Julgado de Meiaponte, por provisão de 2 de setembro de 1806.

Faleceu em Meiaponte, a 20 de agosto de 1867.

4) Tristão José de Mendonça e Gouvêa, que foi contratador de dízimos de Meiaponte, de 1816 a 1821.

5) José Gomes de Siqueira, nascido a 28 de Dezembro de 1785 e falecido a 5 de maio de 1863. Foi pai do comendador Manuel Barbo de Siqueira, nascido em 1819 e falecido a 10 de setembro de 1899, com descendência, residente em Pirenópolis, Jaraguá e Anápolis.

6) Maria da Soledade Siqueira, casada com João Sardinha de Siqueira, pais do tte-cel. Manuel Sardinha de Siqueira, casado com Maria Teodolinda Fleuri, e êstes pais de João Gonzaga de Siqueira, que, em 1868, se casou com Maria Raimunda, filha do desor. João Bonifácio Gomes de Siqueira e de sua 1.ª mulher, Ana Lina da Fonseca e são os pais dos drs. Gustavo e Odorico Gonzaga de Siqueira, retro mencionados que são netos, por sua mãe, do referido desembargador.

CAPÍTULO ÚNICO

Temos examinado, com as nossas investigações , o que nos fornecem os arquivos civis e paroquiais de Goiás, relativamente a nomes de famílias, que emigraram para êste Estado no século XVIII e cujo elo das gerações vem até os nossos dias, constituindo valor representativo no século XX.

Êstes nomes constam de Silva Leme, ampliando-os agora nêste escrito, que representa um ensaio de reconstituição.

De tantas referências feitas por Pedro Taques e Silva Leme, a pessoas de S. Paulo que emigraram com as suas famílias para as minas de Goiás, parco vislumbre se encontra hoje !

Perdeu-se o elo das gerações na noite dos tempos, tornando difícil a reconstituição.

O elemento luso caldeado ao paulista foi, indubitavelmente, um fator apreciavel na formação da *gens* goiana.

S. Paulo, Parnaíba, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté principalmente, Sorocaba, Itú, Mogi-guassú, forneceram contingente precioso para essa formação.

Não se olvidem, bem se vê, o elemento indiano e o afro, aquele aqui já residente, e êste, que para o trabalho das minas aqui se fixára, constituindo,

Digitized by Google

graças ao cruzamento com o elemento branco, o contingente da mestiçagem, que as estatísticas registram.

Em recente trabalho, o dr. Lobo da Silva, médico do Exército, citado por Alfredo Elias J.º, no seu livro "Os primeiros troncos paulistas", pág. 88, confirma esta assertiva, pois, do exame de mais de 30.000 conscritos militares, estabeleceu a seguinte porcentagem, segundo os Estados..... Goiáz, brancos 39%, mulatos e mestiços, 48%, e negros 13%.

Deixemos as estatísticas e prossigamos no nosso trabalho, tratando nas partes seguintes de troncos de origem lusa, aqui já fixados no século XVIII.

1.ª PARTE

Manuel Caiado de Sousa, natural de Caria (1), Bispado de Lamego, filho de Manuel Dias e Maria Caiado, aparece em um assentamento paroquial de Vila Bôa, datado de 23 de agosto de 1772, onde se identifica (Liv. 5.º, — Batisados de 1770 a 1776, fls. 191).

De vários outros assentamentos consta ser residente nos matos da Paciência da freguesia e era senhor de escravatura, cuja prole fôra batisada na matriz de Vila Boa de 1778 a 1789.

Foi casado com Brígida Ribeiro Soares de Almeida, filha de Manuel Coelho de Almeida, a qual até 1821 ainda vivia nessa freguesia, tendo o seu marido falecido de setembro de 1788 a setembro de 1789, figurando nos assentamentos de batismo da prole de seus escravos, desta data em diante, o nome de sua viuva.

Filhos do casal, conforme pública forma de um documento existente nos autos de inventário de d. Generosa Luiza Vieira (escrivão Coutinho, hoje André Mundim):

1) José Caiado de Sousa, tambem conhecido por José Caiado de Almeida;

2) Antônio Coelho Caiado.

José Caiado de Sousa foi casado com Maria Gertrudes de Sousa, filha legítima do furriel José Joaquim de Sousa e de sua mulher, Maria de Assunção Oliveira.

Dêste casal provieram os seguintes filhos:

a) João Caiado, batisado em 1817;

b) Joaquina Emília de Alencastro, que foi casada com João Batista de Alencastro, batisado na Catedral de Santana em 5 de abril de 1820, com descendência;

c) José Caiado de Sousa, batisado na Catedral de Santana em 21 de março de 1824, o qual fôra casado em primeiras núpcias com Maria Ortiz de Camargo, filha de João Leite Ortiz de Camargo, falecida na cidade de Goiás, em 2 de maio de 1848; e, em segundas núpcias, com Maria Gertru-

(1) *Cária* — pov. do Conc. de Belmonte (Castelo Branco), Portugal, 2150 h; C. de f. C. R. V. do Conc. de Sernancelhe (Vizeu) Portugal, 1050 h. Ruinas de antigo castelo. — Dic. Pr. Il. de Jayme Séguier.

Digitized by Google

des Ferreira Pena, com descendência residente nas vilas de Alegre e Muqui, Estado do Espírito Santo.

Filhos do segundo casal, entre outros:

1) Joaquim Antônio;
2) Eudóxio, fal., deixando geração;
3) Alberico;
4) .....

d) Antônio José Caiado, n. em 1826 e f. em 8 de agosto de 1899, na cidade de Goiáz. Exerceu vários cargos públicos. Foi deputado provincial, vice-presidente, assumindo a presidência da Província por três vezes no tempo do Império e por duas vezes no período da primeira República. Foi político de destaque em seu tempo. Faleceu como senador da República. Foi casado três vezes, só tendo deixado descendência do 1º matrimonio. Foi casado em primeiras núpcias com Teresa Maria da Conceição, filha legítima do alferes Guilherme José de Barros Cachapuz e Chaves e de sua mulher Ana Rita de Sousa, natural aquele da praça forte de Chaves (Portugal), e filho de José Joaquim de Barros e de sua mulher Tereza Maria da Conceição, e esta, desta cidade, e filha legítima de José Joaquim de Sousa e de Maria de Assunção Oliveira.

Faleceu Teresa Maria da Conceição em 26 de Julho de 1859.

Filhos do casal:

I) Torquato Ramos Caiado, casado em S. Paulo com Claudina de Azevedo Fagundes.

Foi funcionário de Fazenda e deixou numerosa descendência, residente na cidade de Goiáz e Rio de Janeiro.

II) Luiz Antônio Caiado, nàscido em 12 de outubro de 1849 e falecido em 17 de junho de 1916.

Foi deputado estadual e por algum tempo exerceu o lugar de administrador da Recebedoria do Porto Mão de Pau, no rio Paranaíba.

Foi casado com sua prima Maria de Alcântara Alencastro, nasc. em 19 de outubro de 1852 e falecida nesta cidade a 11 de janeiro de 1940, com 87 anos de idade.

Filhos do casal:

a) Teresa de Alencastro Caiado (Têtê), nascida a 26 de fevereiro de 1875 e casada com o desor. João Francisco de Oliveira Godói, natural de Pindamonhangaba, então provincia de S. Paulo, filho legítimo de Claro de Godói Moreira e de sua mulher Amélia Augusta de Oliveira Godói. Com descendência. E' o autor destas notas.

b) Mário de Alencastro Caiado, nascido a 16 de Dezembro de 1876. Bacharel em Direito pela Faculdade dêste Estado, foi juiz de Direito, membro da Junta Provisória de Goiáz após a vitória da Revolução de 1930, deputado à Constituinte última e senador de República. E' casado com Maria de Aleluia Barros, filha do cel. Virgílio José de Barros e de sua mulher, em primeiras núpcias, Ana da Cunha Bastos, ambos falecidos. Sem geração. Atualmente ocupa o cargo de desembargador do Tribunal de Apelação do Estado.

Digitized by Google

No período anterior a 1930, militou no jornalismo goiano.

III) Josefa, casada com o major Arlindo Gáudie Fleuri, que foi senador estadual em várias legislaturas. Com descendência.

IV) Teresa Flaminia, que foi casada com Felipe Batista de Alencastro, com descendência.

Em segundas núpcias casou-se Antônio José Caiado, com Francisca Guilhermina de Barros, filha do major Torquato José de Barros Cachapuz e Chaves e, em terceiras núpcias, com Leonídia da Silveira Pinto, filha legítima de João José da Silveira Pinto e de sua mulher Josefa Joaquina da Silveira Pinto, falecido aquele nesta cidade, em 1868 com 68 anos de idade.

e) Rita, falecida em estado de solteira.

f) Salvador, póstumo, batisado em 24 de março de 1828, o qual foi casado com Maria Vicência de Azevedo, tendo deixado como único descendente, Manuel Sebastião Caiado, que foi erudito professor do Liceu de Goiáz e faleceu em estado de solteiro.

Salvador Caiado faleceu, com testamento, em 7 de novembro de 1853.

2) Antônio Coêlho Caiado foi casado com Rita de Almeida e Silva. Filhos:

a) Firmiano, nascido em 1824;

b) Rita, nascida em 1827.

Firmiano Antônio Coelho Caiado foi casado com Maria Carolina de Sousa e residiu no distrito de S. José de Mossámedes, deixando descendência.

Entre os descendentes dêste tronco está Rita Gertrudes de Sousa Caiado que, em 1925, se casou com Antônio Serra de Azevedo, perante o juiz distrital de S. José de Mossámedes.

2.ª PARTE

José Joaquim de Sousa, conhecido por José Joaquim do "Moinho", por ser proprietário de um moinho para pilar o cascalho afim de se apurar o ouro, moinho este situado à margem direita do Rio Vermelho, em uma chácara hoje pertencente à Mitra Arquidiocesana, era português, segundo a tradição, nada se encontrando quanto à sua naturalidade nos arquivos civis e paroquiais.

Em 1786 figura o seu nome como tendo o estado de solteiro em um assentamento paroquial e deveria ter-se casado entre 1786 e 1790, conforme se infere do seguinte assentamento, mandado lavrar em virtude de justificação promovida em 1813 perante o Juizo Eclesiástico respetivo, conforme se vê do Livº 2º de batismo de Vila Boa, p. 233.

"Foi apresentado um mandado assinado pelo Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor Governador e Vigário Geral José Vicente de Azevedo Noronha e Câmara em que perante êle justificou Jerônimo Cândido de Sousa ser filho legítimo de José Joaquim de Sousa e de dona Maria da

Digitized by Google

Assunção Oliveira, batisado na Matriz desta Freguesia em 13 de setembro de 1791, pelo Coadjutor José Dantas de Amorim."

José Joaquim de Sousa deve ter falecido em 1824 em diante. Nada foi encontrado a seu respeito dessa data em diante.

Filhos do casal:

I) Jerônimo de Sousa

II) João Batista de Sousa;

III) Francisco Antônio de Sousa;

IV) Vicente de Sousa;

V) Simão de Sousa Rego;

VI) Ana Rita de Sousa, nascida em 1800 e falecida nesta cidade a 8 de março de 1870 e que foi casada com o alferes Guilherme José de Barros Cachapuz e Chaves.

VII) Maria Gertrudes de Sousa, que foi casada em primeiras núpcias com José Caiado de Sousa; e, em segundas, com Manuel Jacinto Fialho.

Jerônimo de Sousa, que tambem se assinava Jerônimo José de Sousa e Jerônimo Cândido de Sousa, foi casado com Felisberta Luzia da Neiva e teve de seu casamento os seguintes filhos:

a) Ana, nascida em 1813;

b) Pedro, nascido em 1818;

c) Josefina, nascida em 1819;

d) Ana Joaquina de Sousa, nascida em 1827, foi casada com Joaquim Maria Bueno da Fonseca, batisado a 9 de fevereiro de 1812, na matriz de Vila Boa, filho legítimo do alferes José Bento Bueno da Fonseca e de Josefa Maria de Jesus;

e) Francisco, nascido em 1828.

II) João Batista de Sousa, casado e falecido nesta cidade em 1867. Era pai do padre Tito de Sousa Rego e Carvalho, que foi vigário de Santa Luzia neste Bispado.

III) Francisco Antônio de Sousa, que foi casado com Joaquina da Glória de Sousa Neiva e teve os seguintes filhos:

a) Joaquim, nasc. em 1816;

b) Joaquina, nasc. em 1819;

c) Lourenço, nasc. em 1825;

d) Felisberta, nasc. em 1832.

IV) Vicente de Sousa. Dêste tronco nada conseguimos saber, sendo tradição que seguiu para Cuiabá, onde constituiu família e faleceu.

V) Simão de Sousa Rego foi casado com Ana Eufêmia de Vilhena e Silva e teve os seguintes filhos:

a) Antônia, nasc. em 1813;

b) Inácio, nasc. em 1815. Foi casado na vila de Meiaponte, com Zeferina Blandina de Siqueira, com geração;

c) José, nasc. em 1817 e foi casado com Jesuina Pereira de Abreu, com geração.

d) Emília Eufêmia de Melo, que foi casada com o tte. da Guarda Nacional, João Correia Viana, filho legítimo de Manuel José Correia Viana e de sua mulher Maria Inês Cardosa, com descendência;

Digitized by Google

e) Francisca, nascida em 1824;

f) Leonor, nasc. em .....

VI) Ana Rita de Sousa foi casada com o alferes Guilherme José de Barros Cachapuz e Chaves.

Filhos:

a) Guilhermina, nasc. em 1813;

b) Jesuina, nasc. em 1822 e foi casada com João Delfino Rodrigues, batisado a 8 de Dezembro de 1820, na catedral de Santana, filho legítimo de Marcelino Joaquim Rodrigues e de sua mulher Ana Vicência de Azevedo;

c) Torquato, nasc. em 1819, casado em 1.as núpcias com Guilhermina Francisca Vieira da Fonseca, filha de João Caetano Vieira da Fonseca e de Francisca Maria de Pilar, cujo casamento realizou-se nesta cidade, a 4 de dezembro de 1826, tendo falecido Guilhermina a 4 de janeiro de 1846; e, em 2.as núpcias, com Arzelina Laura de Freitas, com descendência em ambos os casamentos;

d) Francisco, nasc. em 1817;

e) Benigna, casada com Antônio Lopes Marques Fogaça, com geração;

f) Benigno José de Barros, que foi casado com Inácia das Dores Barros. Faleceu nesta cidade em 9 de dezembro de 1890, com geração;

g) Teresa Maria da Conceição, que foi a 1.ª espôsa de Antônio José Caiado, nascida em 1828 e falecida em 1859, na flor dos anos.

VII) Maria Gertrudes de Sousa. Casou-se em 1.as núpcias com José Caiado de Sousa, tambem conhecido por José Caiado de Almeida, como já dissemos retro; e em 2as. núpcias casou-se com Manuel Jacinto Fialho, natural do Estado de Mato Grosso.

Filhos do casal em 2as. núpcias:

a) Francisco de Arruda Fialho, casado com Ana Joaquina Gomes. Faleceu a 1.º de julho de 1817, sem geração.

b) Manuel Jacinto Fialho, que foi casado com Ana Ferreira Coelho, sem descendência.

c) Inácia das Dores Barros, fal. nesta cidade em 5 de dezembro de 1909, a qual foi casada com o cap. Benigno José de Barros, com geração.

d) Leonor Gertrudes Fialho, fal. nesta cidade a 19 de Janeiro de 1917 e que foi casada com Luiz Pedro Xavier Guimarães, com descendência.

São seus filhos:

A) Ministro Joaquim Xavier dos Guimarães Natal, que foi casado com Ángela de Bulhões Jardim, filha de Inácio Soares de Bulhões, e de d. Antônia Emília de Bulhões Jardim, com descendência.

B) Manuel Santerre de Guimarães, que foi administrador dos Correios do Paraná, tendo falecido em Curitiba. Foi casado com Judí de Alencastro, filha de Felipe Batista de Alencastro e de d. Teresa Flamínia de Alencastro, com descendência.

C) Luiz Pedro Xavier Guimarães, que foi casado com Ana de Bastos, filha de cel. Eduardo da Cunha Bastos e de sua mulher Olímpia Jardim de Bastos, com geração.

Digitized by Google

D) Antônio Xavier Guimarães, que foi casado com Francisca Guilhermina de Barros, com descendência.

E) Pedro Santerre Guimarães, que foi casado com Ana de Santa Cruz, com geração, residente no Rio de Janeiro.

3.ª PARTE

Marcelino Joaquim Rodrigues, natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, priorado do Crato, Portugal, era filho legítimo de Joaquim Rodrigues e de sua mulher Marcelina de Jesus.

Casou-se na Matriz de Vila Boa com Ana Vicência de Azevedo, filha do cel. João José de Azevedo.

Faleceu Marcelino Joaquim Rodrigues, com testamento, feito no seu sítio (Retiro do Carmo), distrito de Goiaz, no dia 16 de Maio de 1830, deixando um único filho, João Delfino Rodrigues, com a idade de dez anos, o qual mais tarde se casou com Jesuina ....., filha do alferes Guilherme de Barros Cachapuz e Chaves.

E' pai de Urbano Delfino Rodrigues, que até 1925 ainda vivia em Goiaz.

Urbano Delfino Rodrigues casou-se com Caetana Nunes da Silva.

Filhos do casal:

I) João Delfino, falecido;

II) Olegário Delfino Rodrigues. Casou-se êste com Teresa de Barros, filha do cap. Benigno José de Barros e de sua mulher Inácia das Dores Barros. Com geração.

Olegário Delfino Rodrigues foi administrador da Recebedoria da Ponte Afonso Pena em Santa Rita do Paranaíba, onde faleceu.

4.ª PARTE

Luiz Antônio de Bastos, n. e b. na freguesia de Sto. André de Tulhões, termo Amarante, arcebispado de Braga, foi casado com Joana Garcia Velho, n. e b. na freguesia de N. Sra. da Piedade, bispado de S. Paulo, êle — filho legítimo de Francisco de Bastos, b. na dita freguesia de Tulhões, e de sua mulher, Luiza da Cunha, batisada na mesma freguesia; ela, filha de Antônio de Freitas Menezes e de sua mulher, Mariana Rodrigues Velho.

Residiu êste casal em Corumbá, distrito de Meiaponte, em cuja Matriz se acham os respetivos registros de assentamentos de batismo de sua prole.

Numerosos descendentes dêste casal residem atualmente na cidade de Goiaz, achando-se outros membros espalhados por diversos pontos do Estado.

Filhos do casal; pelo menos:

I) Manuel, batisado em 13 de setembro de 1759.

II) Joaquim da Cunha Bastos, batisado na freguesia de Santa Luzia. Casou-se em 15 de Janeiro de 1783 perante o pe. Custódio Batista de S.

Digitized by Google

Miguel, capelão da capela curada de Corumbá, com Ana Sardinha da Costa, natural da freguesia de Meiaponte, filha legítima de João Sardinha e de sua mulher Ana Portes da Fonseca.

Dêste casal nasceram, entre outros, os seguintes filhos:

a) Joaquim, b. na matriz de Corumbá em 5 de Março de 1794. Êste, em 17 de Abril de 1833, era juiz de Fora e dos Orfãos em Goiaz.

b) Antônio, b. em 9 de Abril de 1797.

5.ª PARTE

O tte. Francisco Gonçalves Portela, nascido em 1772, na freguesia de Sta. Maria de Souto e Sobradela, arcebispado de Braga, foi casado com Ana Maria de Sousa e residiram em Vila Boa.

Filhos:

I) Bernardo de Sousa Portela;

II) Ana de Sousa Portela;

III) Maria Bárbara Portela.

Dêstes, o primeiro faleceu em estado de solteiro, deixando, porem, segundo consta, filhos naturais.

Ana de Sousa Portela foi casada com José de Melo Castro Vilhema e Silva, filho do tte. cel. Manuel Seixo de Brito e de Maria do Carmo.

Filhos:

a) José Eustaquio de Oliveira;

b) Maria Joana de Castro Melo;

c) Evaristo de Melo Vilhema Temudo.

Maria Bárbara Portela foi casada com o Capitão José Francisco Hutim.

Filhos do casal:

a) Ana, casada com .....;

b) Afra, n. em 1823 e foi casada com José Maria Gomes da Neiva.

Dêste tronco (Portela), cujo nome desapareceu da genealogia goiana, descendem as famílias: Alves Pinto, Hermenegildo Rodrigues de Bessa, José Benedito da Silva Brandão, maj. Luiz Monteiro, João de Macedo e Silva, Paulo Roriz (residente no E. do Paraná), os filhos, em segundas núpcias, do maj. Joaquim Gustavo da Veiga Jardim, e os descendentes de José Maria Gomes da Neiva.

6.ª PARTE

De 1800 em diante, começam a surgir nos registros elementos nacionais provindos de outros pontos do Brasil.

Já vemos, bem no início do século, elementos aqui estabilizados, procedentes principalmente de Minas Gerais, intensificando-se a imigração no século XIX e nêste, principalmente para o Sul e Sudoeste do Estado.

Assim, do Rio e de Mato Grosso.

Digitized by Google

Pudemos a respeito destacar as seguintes notas:

— § 1.º —

O cap. Joaquim Luiz Brandão, falecido em seu sítio, termo desta cidade, em 18 de Dezembro de 1828, e que é tronco dessa família em Goiaz, declarou em seu testamento, aberto naquele dia, ser natural do arraial de Congonhas do Campo de Sabará, província de Minas Gerais, filho legítimo do sargento mor Inácio Luiz Brandão e de sua mulher Helena Tomázia da Silva.

Foi casado em primeiras núpcias com Joana Maria Angélica, tendo tido dêsse consórcio os seguintes filhos todos varões:

I) João Luiz Brandão;
II) Joaquim Luiz Brandão;
III) José Luiz Brandão;
IV) padre Francisco Luiz Brandão;
V) Antônio Luiz da Silva Brandão;
VI) Jacinto Luiz Brandão;
VII) Manuel Luiz Brandão.

De seu casamento em segundas núpcias com Maria Egusaca teve um filho, Inácio Luiz Brandão, achando-se a sua mulher grávida por ocasião da feitura de seu testamento. (Test. feito no Engenho, denominado "da Senhora Abadia", em 30 de Setembro de 1828 — Escr. Coutinho, hoje André Mundim).

— § 2.º —

Fidêncio Graciano de Pina, n. e b. na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Irajá, Bispado do Rio de Janeiro, e que é o tronco desta família, residiu no arraial de Meiaponte, constando dos livros de assentamentos da matriz, ter se casado a 17 de maio de 1802 com Maria da Conceição Rocha, moradora na dita freguesia.

Filhos do casal, pelo menos:

I) Ana Sabina de Pina;
II) Braz Luiz de Pina;
III) Francisca d'Austria de Pina;
IV) Maria Mafalda de Pina;
V) Rosalina da Conceição Pina;
VI) Padre José Joaquim Graciano de Pina.

Esta família numerosa reside atualmente na sua maior parte em Pirenópolis, antiga Meiaponte, e em Anápolis neste Estado, conservando o lustre de seus antepasados pelas virtudes e carater.

— § 3.º —

O tte. cel. Luiz Manuel da Silva Caldas, falecido em S. João d'El Rei, província de Minas Gerais, deixou testamento público existente no cartório civil desta cidade (escr. Coutinho, hoje André Mundim), no qual declara ser natural de Cuiabá, Estado de Mato Grosso, tendo deixado vários filhos, entre os quais Constâncio Manuel da Silva Caldas, que teve os seguintes filhos, herdeiros de seu avô por seu pái, pre-morto:

I) José;

Digitized by Google

II) Constância;

Consta o livro de retirada de dinheiro do cofre de orfãos desta cidade, em 10 de Fevereiro de 1848, a existência dos dois ditos orfãos.

A) O cap. José Manuel da Silva Caldas, que é um dos troncos neste Estado dessa família, residiu sempre em Curralinho (hoje Itaberaí), onde faleceu e deixou numerosa descendência.

Casou-se com Jacinta Luiza do Couto Brandão, filha de Jacinto Luiz Brandão, de quem já falamos retro e, sendo maior, habilitou-se em 1850.

Filhos do casal:

a) Jacinto, falecido. Foi casado com a inteligente goiana Jacinta do Couto Brandão e deixou descendência.

b) Honorina, casada com Jerônimo Pinheiro de Abreu, com geração.

c) Maria Rita, foi casada com Domingos José Dantas, falecido.

Filha do casal: Salaberga, que se casou com Manuel Francisco de Faria. Com descendência.

d) Luiza, que foi casada com Benjamin Constant da Fonseca, com geração.

e) Maria Luiza, que foi casada com o cap. Luiz Antônio da Fonseca, deixando descendência numerosa.

f) Antônia, que foi casada com Joaquim Veloso Vieira, natural de Cajurú, então Provincia de S. Paulo, e filho de Manuel Veloso, português. Ambos falecidos, deixando descendência.

g) Constância, solteira.

h) João Elias da Silva Caldas, casado çom Deolinda Bailão. O cel. João Elias da Silva Caldas foi abastado comerciante, residente em Itaberaí, e hoje é ali grande proprietário.

i) Antônio Luiz da Silva Caldas. Foi casado em 1.as núpcias com Maria Teresa, natural de Mogimirim, E. de S. Paulo. Em 2.as núpcias, com Euxódia Santarem, com descendência em ambas as núpcias.

B) Constância da Silva Caldas casou-se com Miguel Inácio da Fonseca e habilitou-se tambem em 1850.

— § único.

Nas primeiras décadas do século XIX fixou-se no município de Santa Cruz uma família que, segundo cremos, tem origem nos primitivos moradores do arraial de Meiaponte.

Mau grado os esforços empregados não nos foi possivel ir alem do que vai a seguir escrito. Talvez uma pesquiza minuciosa nos livros civis e paroquiais de Santa Cruz deslindem o caso.

Os três irmãos, João Gonçalves de Araujo Bastos, Antônio Gonçalves de Araujo Bastos, Maria Gonçalves de Araujo Bastos, fixaram-se no município de Santa Cruz, adquirindo João Gonçalves de Araujo Bastos, de d. Maria da Luz a fazenda Baú, onde se acha hoje localizada no lugar denominado Pavão a estação de Tapiocanga da E. F. Goiaz.

Adquiriu, tambem, em tempos remotos, Antônio Gonçalves de Araujo Bastos a fazenda denominada "Pico", onde se assenta a Estação de Ubatan, hoje Egerineu Teixeira, da dita E. F. Goiaz.

Digitized by Google

Maria Gonçalves de Araujo Bastos faleceu em estado de solteira tendo vivido sempre em companhia de seu irmão, João Gonçalves de Araujo Bastos, tambem conhecido por Cap. Gonçalves do "Baú".

I

João Gonçalves de Araujo Bastos, o 1.º dêsse nome, teve um único filho, o tte. cel. Antônio Gonçalves de Araujo Bastos, o qual fôra casado com Josefina Gonçalves de Araujo Bastos, aquem o mesmo sobre-viveu.

Êste casal tambem teve um único filho, Manuel Gonçalves de Araujo, falecido em 3 de Abril de 1920, com 60 e tantos anos de idade.

Foi casado com .....

Filhos do casal:

a) Benedito Gonçalves de Araujo Primo;

b) Josefina Gonçalves de Araujo, casada com Deodoro Veiga, sócio da casa comercial Fróes & Irmão, fazendeiro no município de Santa Cruz;

c) Antônio Gonçalves de Araujo;

d) .....

II

Antônio Gonçalves de Araujo Bastos foi casado com Ana Maria de Sousa.

Filhos:

a) João Gonçalves de Araujo Bastos (2.º), foi casado com Maria Benedita de Araujo, faleceu em 1888.

Filhos do casal:

I) Francisco Gonçalves de Araujo, que foi negociante em Santa Cruz e faleceu em estado de solteiro;

II) José Gonçalves de Araujo, falecido em estado de solteiro;

III) Manuel dos Reis Gonçalves, casado na vila de Corumbá dêste Estado, com Madalena Pereira Leal, oriunda de família alí residente e falecida há muitos anos:

IV) .....

V) .....

Manuel dos Reis Gonçalves, filho de Antônio Gonçalves de Araujo Bastos, teve dois filhos:

a) Manuel dos Reis Gonçalves (2.º), n. em 1857 na vila de Corumbá, dêste Estado. Casou-se na cidade de Santa Cruz com Angélica Honorina. Foi senador estadual e tesoureiro da Secretaria de Finanças do Estado, em cujo cargo aposentou-se.

Até em 1925 vivia nesta cidade, onde faleceu. Deixou geração.

b) Minervina Gonçalves de Araujo, casada com Manuel Mateus da Silva Rocha, residente na cidade de Corumbá dêste Estado.

Digitized by Google

REFERÊNCIAS AO ANUARIO E À REVISTA

Do dr. Salomão de Vasconcellos, Secretario Geral do Instituto Histórico de Bello Horizonte:

"...a Revista... que, além de agradar muito pelo seu aspecto material, satisfaz inteiramente pelos assumptos e por ser de publicação muito pontual".

Do Dr. Severino de Novaes e Silva, de Santos:

"Acuso o recebimento da apreciada *Revista* editada pelo *Instituto Genealógico Brasileiro*, bem como o seu valiosissimo trabalho, o Annuario Genealógico Brasileiro, que, em boa hora, veiu preencher esta lacuna de que se resentiam os brasileiros e extrangeiros interessados nestes assumptos. Meus elogios são poucos e insuficientes para bem traduzirem o alto merito de sua obra".

Do dr. Theodoro de Sousa Campos Junior, de Campinas:

"Envio-lhe os meus parabens pela publicação de mais um numero da revista, como sempre, de apreciavel valor histórico-genealógico e literario.

Do "Diario Popular", de 16-XII:

"Estudos Genealógicos. Acaba de apparecer um n.º da Revista Genealógica orgão official da prestigiosa instituição scientifica. São paginas de instructiva e interessante leitura, em que especialistas de renome em genealogia firmam estudos sobre a linhagem das principaes familias paulistas e brasileiras. No presente numero destacam-se os seguintes trabalhos: (seguem-se os principaes)... "A publicação desse tomo da Revista, representa, incontestavelmente, a bella victoria para a entidade paulista, cujos serviços em prol das nossas tradições augmentam dia a dia".

Da "Revista das Academias de Letras", Ano III, n.º 8, pg. 221:

"Foi supresa enleiante de admiração para nós essa *Revista*, que não supunhamos tão completa, preciosa, esplêndida. Versa exclusivamente genealogia, uma das mais áridas especializações literarias ou de estudos literarios, que muitos consideram, como os beneditinos do Instituto, materia indispensavel no proprio conhecimento da raça, das suas origens e descendencia. Mas a *Revista* em si suaviza a aridez do estudo e é com curiosidade de aprender e de esmiuçar, que seus capitulos são lidos por quantos a tenham ás mãos".

Da "A Tribuna", de Santos de 2-X-1940 (artigo de Alvaro Augusto Lopes):

Temos sobre a mesa o primeiro numero da "Revista Genealógica Brasileira", orgão do Instituto Genealógico Brasileiro e que se edita na capital do Estado, sob a direcção do tenente-coronel Salvador Moya, presidente da referida instituição. Apresentando bella e nitida factura graphica, ornada de excellentes "clichés" este periodico se destina a reflectir o trabalho de pesquisa historica, levada a effeito por um grupo de especialistas, á frente daquelle Instituto.

Com abundante e instructiva collaboração, além de interessantes secções editoriaes, 'Revista Genealogica Brasileira" se recommenda como um optimo vehiculo de estudos em beneficio da nossa cultura.

Do Sr. Arí Peixoto Martins, Secretario Geral da Academia Riograndense de Letras:

"A V. S., como *"alma mater"* do vitorioso Instituto Genealógico Brasileiro e diretor de sua magnifica *Revista*, tenho o prazer de enviar..."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO PARANÁ

ARVORES DE COSTADO

Notas complementares da Arvore de Costado "A"

1) Dr. Arthur Martins Franco, nascido a 10-IV-1876, em Campo Largo (Paraná). A 11-VII-1908, casou com D. Leonor Monteiro, nascida a 26-III-1882, em Campinas, filha do Coronel Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva e de D. Maria Belém da Silva Bueno.

2) Coronel Evaristo Martins Franco, nascido a 15-IV-1852, filho unico do primeiro consórcio do Comendador Antonio Martins Franco, orfão aos 12 anos de idade, estudou humanidades no Colégio Valente, na antiga Côrte (Rio de Janeiro) vindo depois trabalhar com seu pai que era forte negociante e proprietario em Curitiba, onde †, a 28-XII-1934. Do seu consórcio, em 17-I-1874, com sua prima D. Maria Josefina de Souza, nascida a 30-IV-1857, † 24-VI-1919, houve 14 filhos:

F1) Aristides, falecido criança.
F2) Arthur Martins Franco, engenheiro civil pela E. Politécnica de São Paulo, professor catedratico das Faculdades de Engenharia e de Filosofia do Paraná, casado, com geração.
F3) Maria Angela Franco, normalista, ex-professora, casada, sem geração.
F4) Ernestina Franco, professora normalista, viuva, com geração.
F5) Euzinia Franco, viuva, com geração.
F6) Dr. Antonio Martins Franco, desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, professor catedratico da Faculdade de Direito do Paraná, casado, com geração.
F7) Ester Franco, casada, falecida, com geração.
F8) Euridice Franco, professora normalista, casada, falecida, deixando um filho unico.
F9) Dr. Francisco Martins Franco, medico, clinico de alta nomeada, professor da Faculdade de Medicina do Paraná, falecido, com geração.
F10) Jovina Franco, professora normalista, casada, com geração.
F11) Ercilia, normalista, falecida, solteira.
F12) João Herculano Martins Franco, agrimensor, casado, com geração.
F13) Maria José Franco, professora, solteira.
F14) Rita Franco, casada, com geração.

Tendo iniciado a sua atividade no comercio, exerceu depois o cargo de Juiz Comissario de Terras nos ultimos anos da Monarquia e alto funcionario da Secretaria de Obras Publicas do Paraná, em cujo cargo foi aposentado.

4) Comendador Antonio Martins Franco, nascido a 13-VI-1821, em Cóvas (Cerveira, — Portugal). Vindo para o Brasil (Curitiba) com a idade de 17 anos, ali casou-se a 4 de novembro de 1848, em primeiras nupcias, com D. Maria Angela Alves de Araujo, nascida a 26-VIII-1822; de cujo consórcio houve um filho unico, Evaristo Martins Franco, com geração; falecendo D. Maria Angela (30 de janeiro de 1863), contraiu o Comendador Franco segundas nupcias a 24 de setembro de 1864 com D. Escolastica Joaquina de Souza, sua prima, de cujo consórcio houve uma filha unica, Maria Augusta, viuva de Ernesto de Campos Lima, sem geração.

Comerciante, proprietario, vereador da Camara Municipal de Curitiba por varias vezes, membro da Comissão nomeada pelo Presidente da Provincia Dr. Adolfo Lamenha Lins, encarregada de angariar donativos para as obras da cons-

Digitized by Google

trução da nova Matriz — hoje Catedral Metropolitana (mensagem de 15 de fevereiro de 1876), de cujas obras, recomeçadas em 1885, devido aos esforços do então Presidente da Provincia Dr. Brasilio Machado de Oliveira, foi tesoureiro até sua conclusão (1893), figurando o seu nome na respectiva placa inaugural daquele templo.

Quando da visita a esta Provincia de S. S. A. A. imperiais os Srs. Conde e Condessa d'Eu, fez parte como seu vice-presidente, da Comissão encarregada da recepção dos ilustres viajantes (1884). † 30-XI-1904.

6) Coronel Carlos José de Oliveira e Souza, nascido em Curitiba a 2 de agosto de 1830, † em Curitiba, a 29-VI-1907; casou-se em Campo Largo a 18 de maio de 1856, com D. Rita Ferreira de Azevedo, nascida a 2-VI-1840, em Campo Largo; † 4-III-1908, em Curitiba; de cujo consórcio houve os filhos seguintes:

F1) D. Maria Josefina de Souza, casada com o Coronel Evaristo Martins Franco, com geração.
F2) Manoel, falecido criança.
F3) D. Gabriela de Souza, viuva do Coronel Agostinho Ribeiro de Macedo, com geração.
F4) Frederico Carlos de Souza, casado com D. Maria Catarina de Macedo, ambos falecidos, com geração.
F5) Manoel, falecido em criança.
F6) Coronel Herculano Carlos Franco de Souza, casado em primeiras nupcias com D. Francisca de Macedo, com geração e em segundas com D. Maria da Conceição Corrêa Reinhard.
F7) D. Alcidia Franco de Souza, falecida, casada com Izaias Natel de Paula, com geração.
F8) Coronel Carlos Franco de Souza, casado com D. Tarcila Munhoz, com geração.
F9) Agostinho Franco de Souza, falecido, casado com D. Eulalia de Lima, com geração.
F10) D. Donatila Franco de Souza, casada com Alvaro Natel de Paula, com geração.
F11) Capitão Otavio Franco de Souza, Oficial do Exercito, casado com D. Iolanda Taques, com geração, êle falecido em Castro, vitimado por um desastre de automovel, em 1925.
F12) Francisco, gemeo, falecido.
F13) Francisca, gemea, casada com João de Castro, com geração.

O Coronel Carlos José de Oliveira e Souza, era irmão do Desembargador James Franco de Souza, presidente do Superior Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, e falecido em Porto Alegre, e do Dr. João Franco de Oliveira e Souza, Juiz de Direito no Estado do Rio Grande do Sul, onde falecera. Negociante na cidade de Campo Largo, em 1856, industrial de Herva-mate no mesmo municipio em 1881, fazendeiro no municipio de S. João do Triunfo, ali exerceu o cargo de Sub-delegado de Policia, na Presidencia Faunay, em 1885; deputado estadual na Legislatura de 1895-1896, cuja assembléa presidiu, como seu Vice-presidente; Prefeito municipal de Triunfo, chefe de grande prestigio ali, cuja elevação a municipio se lhe deve.

12) Capitão Manuel Joaquim de Souza — Foi casado em primeiras nupcias, em S. Francisco (Santa Catarina), com D. Ana Maria do Pilar; desse consórcio houve os seguintes filhos:

F1) Geraldina do Pilar e Souza, casada em Morretes.
F2) Barbara do Pilar e Souza, casada em Morretes, donde passou a Cananéa.
F3) Ana Maria do Pilar e Souza, casada em Morretes, com geração.

O Capitão Manuel Joaquim de Souza casou em segundas nupcias com D. Carlota Angelica de Oliveira Franco, nascida a 24-VII-1808, em Curitiba, onde †, a 8-IV-1874, filha do Ajudante João Gonçalves Franco e de sua mulher D. Escolastica Angelica Bernardina. Desse consórcio houve os seguintes filhos:

F1) D. Adelaide Constança de Souza, nascida em Paranaguá, casada com o Capitão Francisco Antonio da Costa Nogueira, com geração.
F2) Coronel Carlos José de Oliveira e Souza, casado, com geração.
F3) D. Matilde Januaria de Souza, casada com Paulino de Oliveira Franco, seu tio, com geração.
F4) Dr. João Franco de Oliveira e Souza, Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, Juiz de Direito em D. Pedrito, Rio Grande do Sul, onde faleceu, casado, com geração.
F5) Manoel Franco de Oliveira e Souza, casado, com geração.
F6) Joscelyn Franco de Oliveira e Souza, casado, sem geração.
F7) Desembargador James Franco de Souza, membro do Superior Tribunal do Rio Grande do Sul, ali casado e onde faleceu, com geração.
F8) D. Escolastica Joaquina de Souza, casada com seu primo Comendador Antonio Martins Franco, com geração.

Digitized by Google

1 Sargento-Mór Trifonio Cardoso Pais (Pai da n.º 111, da Arvore "A"), N. 1715, em Curitiba, onde †, a 13-X-1775; a 19-XI-1733, casou com D. Rita Ribeiro de Magalhães, filha do Ajudante Manoel Pinto Ribeiro e de D. Maria Leme da Silva.

2 Sargento-Mór Simeão Cardoso de Leão, da Governança de Curitiba

3 D. Isabel Antunes Fernandes

4

5

6 Antonio Martins Leme

7 Margarida Fernandes dos Reis

8

9

10

11

12 Cap. Mór Mateus Martins Leme, Povoador de Curitiba

13 Antonia de Góis

14 Cap. Baltazar Carrasco dos Reis, N. São Paulo

15 Isabel Antunes da Silva

16

17

18

19

20

21

22

23

24 Tomé Martins Bonilha, N. São Paulo

25 Leonor Leme

26

27

28 Miguel Garcia Carrasco, N. São Lucas da Cana Verde

29 Margarida Fernandes, † 1629, em S. Paulo

30 João de Pina, N. Itanhaem, † 1645

31 Domingas Antunes

Digitized by Google

ARVORE "B"

32 — 64, 65
33 — 66, 67
34 — 68, 69
35 — 70, 71
36 — 72, 73
37 — 74, 75
38 — 76, 77
39 — 78, 79
40 — 80, 81
41 — 82, 83
42 — 84, 85
43 — 86, 87
44 — 88, 89
45 — 90, 91
46 — 92, 93
47 — 94, 95

48 Francisco Martins Bonilha, N. Castela — 96, 97
49 Antonia Gonçalves, N. Sevilla, † 1616 — 98, 99

50 Mateus Leme (S. Leme, II, 179; e VII, 258) — 100 Braz Teves; 101 Leonor Leme
51 Antonia de Chaves — 102 Domingos Dias; 103 Marina de Chaves

52 — 104, 105
53 — 106, 107
54 — 108, 109
55 — 110, 111
56 — 112, 113
57 — 114, 115

58 Baltazar Gonçalves Malio — 116, 117
59 Jeronima Fernandes, † 1630 — 118 André Fernandes, † 1588; 119 Maria Paes, † 1616.
60 Braz de Pina — 120, 121
61 Isabel Lopes — 122, 123
62 Bartolomeu Rodrigues, † 1610 — 124, 125
63 Maria Lucas — 126 Gaspar Fernandes, † 1600; 127 Domingas Antunes, filha de Antonio Preto

Digitized by Google

O capitão Manuel Joaquim de Souza foi forte comerciante e proprietario em Morretes, "onde gozou de merecida consideração" — afirma Francisco Negrão na sua "Genealogia Paranaense". Exerceu varios cargos publicos. Foi o segundo Juiz de Paz eleito para Morretes, Sub-delegado de Policia; fez parte do primeiro corpo de Jurados (1831), vereador para o periodo de 1845-1848 (F. Negrão — op. cit. e Ermelino de Leão Antonina — Fatos e Homens).

14) Tenente Coronel Francisco Pinto de Azevedo Portugal — 4.° filho do Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, Comandante da Real Expedição e Conquista dos Campos de Guarapuava, nasceu naqueles Campos, no Abarracamento da Atalaia, daquela Expedição, aos 2 de abril de 1814, orfão de pai aos 6 anos de idade, casou-se em Curitiba a 24 de junho de 1834, com D. Maria Joaquina da Paixão, nascida a 10-IV-1816, em Curitiba, † a 28-I-1850, em Campo Largo, ultima filha do 2.° matrimonio do Tenente Coronel Manuel Teixeira de Oliveira Cardoso. Nomeado Alferes da Guarda Nacional em 1843, eleito Juiz de Paz, em 1844, para a Freguezia de Campo Largo, onde residia, tomou posse e prestou juramento perante a Camara de Curitiba aos 4 de janeiro de 1845; nomeado membro da Comissão da Inspeção de Aulas de primeiras letras naquela Freguezia, pela mesma Camara de Curitiba em 1846, eleitor suplente efetivado e diplomado (20 de junho de 1848); Sub-delegado de Policia (1849); eleito novamente Juiz de Paz em 1853, apresentou renuncia do cargo por lhe ser oneroso servir aquele cargo conjuntamente com o de Sub-delegado de Policia, alegando mais "enfermidades e viuvez". A Camara julgou não atendiveis os motivos alegados e que nesse sentido fosse despachado seu requerimento Eleito vereador da Camara Municipal de Curitiba (1855), e, no ano seguinte, Deputado Provincial para o biênio de 1856-1857; novamente Juiz de Paz em 1861-1866 e Inspetor escolar, na legislatura de 1870-1871, foi novamente eleito Deputado Provincial, recebendo votos para Presidente e Vive-presidente daquela Assembléa. Nomeado, por decreto de 3 de outubro de 1868 para o posto de Tenente Coronel da Guarda Nacional, exerceu, interinamente, o Comando Superior daquela milicia em Curitiba; eleito, pela 3.ª vez, Deputado Provincial para a Legislatura de 1872-1873; serviu em diversas comissões do Govêrno, quer Geral, quer Provincial, de 1866, 1872 e 1875. Foi vereador e Presidente da Camara Municipal de Campo Largo, por ocasião da instalação daquele municipio em 23 de fevereiro de 1871, e Suplente do Juiz Municipal por ocasião da criação daquele Termo em 1873; Inspetor Paroquial Escolar (1874); Juiz Comissario das Terras Publicas (1875); reconduzido ao cargo de 1.° Suplente de Juiz Municipal (1876), o Governo Imperial, em reconhecimento desses e outros serviços, por decreto de 7 de agosto de 1877, conferiu-lhe o Oficialato da Ordem da Rosa *"pelos relevantes serviços que prestou ao Estado e em relação à guerra contra o Paraguai"*. Por Ato de 26 de novembro de 1887, da Princeza Imperial, então Regente, foi nomeado para o cargo de Vice-Presidente da Provincia do Paraná. Dêle diz o Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, 1.° Juiz de Direito da Comarca de Campo Largo: *"Um dos homens mais respeitaveis da provincia do Paraná, verdadeiro patriarca do Campo Largo, onde nada se faz sem que sejam ouvidos os conselhos do seu maduro juizo"*. (Subsidios para a História da Provincia do Paraná — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Tomo 63, parte 2.ª, pág. 348 e segs.). † a 17-III-1891, em Campo Largo. Do seu consórcio com D. Maria Joaquina da Paixão, houve os seguintes filhos:

F1) Capitão Francisco Pinto de Azevedo Portugal Filho, casado, com geração.
F2) Capitão João Pinto de Azevedo Portugal Sobrinho, casado, sem geração.
F3) James, falecido solteiro.
F4) D. Rita Ferreira de Azevedo, casada com o Coronel Carlos José de Oliveira e Souza, com geração.
F5) D. Adelaide Azevedo, casada com o Capitão José Matias Müller, com geração.
F6) D. Amelia Augusta de Azevedo, casada com Urbano José de Gracia, com geração.
F7) James Pinto de Azevedo Portugal, casado, com geração.
F8) D. Ana Maria de Azevedo, casada com o Coronel João Ribeiro de Macedo, com geração.

Digitized by Google

26) Ajudante João Gonçalves Franco, nascido a 1777, natural de Vila Nova de Cóvas de Cerveira, Portugal, veiu para o Brasil com um irmão, Domingos José Gonçalves Franco. Vulto de destaque, gozou de vasto prestigio em Curitiba, onde exerceu posição saliente, quer politica, quer social, fazendo parte da governança da cidade. Assinou, assim como seu irmão Domingos, a Ata da Aclamação do Principe D. Pedro, primeiro Imperador, a 12 de outubro de 1882, perante a Camara de Curitiba. Foi Juiz Ordinario, exerceu os cargos de Boticario e Vacinador do "pús contra a variola", em Curitiba, proprietario e industrial, faleceu a 18 de junho de 1853, com a idade de 76 anos. Foi casado (a 29-XI-1807) com D. Escolastica Angelica Bernardina, nascida a 28-X-1790, em Lages, filha do Tenente Coronel Manuel Teixeira de Oliveira Cardoso, de cujo consórcio deixou os filhos:

F1) D. Carlota Angelica de Oliveira Franco, casada com o Capitão Manoel Joaquim de Souza, com geração.
F2) D. Rita Ana de Cassia Franco, casada com João Vellozo Rebello, sem geração.
F3) Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco, casado, com geração.
F4) Tenente Coronel Comendador João de Oliveira Franco, casado, sem geração.
F5) D. Leocadia Franco, casada com o Major Antonio de Paula Xavier, com geração.
F6) Tenente Coronel Luiz José de Oliveira Franco, casado, sem descendentes.
F7) D. Francisca Candida de Assis, casada com o Tenente Coronel Caetano José Munhoz, com geração.
F8) Tenente Miguel Gonçalves de Oliveira Franco, casado, com geração.
F9) Tenente Coronel Paulino de Oliveira Franco, casado, com geração.
F10) Benjamim Constant de Oliveira Franco, casado, com geração.
F11) D. Gabriela Franco, casada com o Tenente Coronel Antonio Ricardo Lustosa de Andrade, com geração.

28) Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, nascido em 1750, natural da Vila de São Bartolomeu de Barqueiros, Conselho de Mesão-Frio, distrito de Vila Real, antigamente pertencente à Comarca de Lamego, Provincia de Chaves — Portugal, veio bem moço para o Brasil, verificando praça na Vila de Santos. Em 1774 tomou parte como Cabo-agregado, em um contingente que, sob o comando do então Tenente Candido Xavier de Almeida e Souza, seguiu para Guarapuava. Servia na Legião de Voluntarios Reaes de S. Paulo, cujos primeiros postos foi galgando rapidamente, mercê de suas raras qualidades de energia e disciplina e notavel envergadura moral, e de quem Augusto de Saint'Hilaire dizia ser *"un chef acoutumé a toute la dureté de la discipline militaire"*. Promovido ao posto de Sargento-Mór (major), foi designado para comandar o Regimento de Cavalaria de Milicias de Curitiba, cujo governo militar exerceu durante um periodo de cerca de dez anos, sendo nomeado em 1809 para comandar a Real Expedição de Guarapuava no posto de Tenente Coronel Graduado. A sua longa vida militar está cheia de serviços ao Brasil, no desempenho de arduas missões, sendo a mais notavel delas a dessa Expedição, em cujo comando veio a falecer, na Vila de Castro, em maio de 1820. Foi casado em primeiras nupcias com D. Escolastica da Anunciação, não deixando descendentes; em segundas nupcias, a 19-VII-1807, com D. Rita Ferreira de Oliveira Bueno, nascida a 1784, em S. Paulo, de cujo enlace houve os seguintes filhos:

F1) D. Ana, falecida criança.
F2) Capitão Antonio Pinto de Azevedo Portugal, casado, com geração.
F3) José, falecido recem-nato.
F4) Tenente Coronel Francisco Pinto de Azevedo Portugal, de quem já tratámos no n.º 14.
F5) Tenente José Ferreira Pinto, nascido aos 19 de março de 1815, no Abarracamento da Atalaia, nos Campos de Guarapuava, casado, com geração.
F6) Diogo Pinto de Azevedo Portugal, casado, com geração.
F7) João Pinto de Azevedo Portugal, falecido solteiro.

30) Tenente Coronel Manuel Teixeira de Oliveira Cardoso, nascido na cidade do Porto — Portugal, aos 5 de março de 1765, veiu para o Brasil contando 20 anos de idade. Era Alferes em 1796; por provisão de 26 de agosto do Governador da Capitania de S. Paulo, Manuel de Melo Castro e Mendonça, foi nomeado professor de primeiras letras da Vila de Curitiba, *"por concorrer na sua pessoa todas as circunstancias precisas e além délas o achar-se examinado e aprovado pelo exmo. Bispo dessa Diocese"* (F. Negrão — Gen. Par.). Tenente em 1798,

Digitized by Google

1 D. Rosa Maria Bueno (Mãe da n.º 119, da Arvore "A"), casada com Manuel Gomes Palheiro, filho de Pedro Gonçalves Palheiro e de D. Maria Gomes Cravo

2 Manuel Lobo Franco, N. Vila Portel (Evora)

3 Maria Bueno

4 Licenciado Francisco Franco

5 Catarina Nunes

6 Sebastião Preto Moreira

7 Mariana Bueno

8

9

10

11

12 Inocencio Preto

13 Maria Moreira

14 Amador Bueno da Ribeira, — o Aclamado

15 Bernarda Luiz

16

17

18

19

20

21

22

23

24 Antonio Preto (de nobreza provada)

25

26 Pedro Alvares Cabral, N. Ilha S. Miguel (Açores), da Casa de Belmonte

27 Susana Moreira

28 Bartolomeu Bueno da Ribeira

29 D. Maria Pires

30 Domingos Luiz, "o Carvoeiro"

31 Ana Camacho

Digitized by Google

{ 64
{ 65

{ 66
{ 67

{ 68
{ 69

{ 70
{ 71

{ 72
{ 73

{ 74
{ 75

{ 76
{ 77

{ 78
{ 79

{ 80
{ 81

{ 82
{ 83

{ 84
{ 85

{ 86
{ 87

de Alvarenga, { 88
al) { 89

{ 90 Estevão Ribeiro Bayão Parente
{ 91 Madalena Fernandes Feijó de Madureira

{ 92 Braz Teves
{ 93 Leonor Leme, filha de Pedro, neta de Antão, bisn. de Antonio, trin. do fidalgo Martim

{ 94
{ 95

{ 96
{ 97

{ 98 Pedro Leme, fidalgo da Casa Real
{ 99 Izabel Paes

{100 Braz Teves
{101 Leonor Leme

) { 102
{ 103

{ 104
{ 105

{ 106
{ 107

e Alvarenga { 108
{ 109

{ 110
{ 111

{ 112
{ 113

{ 114
{ 115

{ 116
{ 117

{ 118
{ 119

{ 120
{ 121

{ 122
{ 123

{ 124
{ 125

- { 126
{ 127

Digitized by Google

continuou no exercicio do cargo de "Mestre Regio"; aos 2 de junho de 1800, foi nomeado "Avaliador da Camara" e por varias vezes exerceu o cargo de Almotacé, até abril de 1808. Segundo atestação da Camara de Curitiba, exerceu tambem o lugar de "curioso de Cirurgia e Medicina" (Atestação de 1.º de janeiro de 1807). Nomeado a 20 de outubro de 1809 "Tesoureiro da Caixa dos Sêlos", exerceu esse cargo até 29 de dezembro de 1811, data em que solicitou exoneração por ter sido nomeado "Almoxarife" e Tesoureiro da Real Expedição de Guarapuava, em cuja Expedição serviu até 1815.

Foi casado em primeiras nupcias com D. Ana Maria do Sacramento, filha do Capitão Bernardino da Costa Filgueiras, de cujo casamento teve os seguintes filhos:

F1) Escolastica Angelica Bernardina, casada com o Ajudante João Gonçalves Franco, com geração.
F2) Patricio de Oliveira Cardoso, que serviu na Real Expedição de Guarapuava, como Porta-estandarte, casado, sem descendentes.
F3) Tenente João Batista Teixeira Guimarães, descobridor do Campo Erê, casado, com geração.
F4) Ana, falecida criança.
F5) Ana Maria do Sacramento, casada em primeiras nupcias com Domingos José Gonçalves Franco, irmão do Ajudante João Gonçalves Franco, com geração.
F6) Tenente Coronel Luiz Teixeira Guimarães, casado.
F7) Manoéla Delfina Rosa, casada com José Çezario Cardoso.

Do seu segundo matrimonio (em 10-X-1813) com Ana Joaquina da Paixão, † 9-VI-1816, filha do Tenente Manuel Soares do Vale, houve:

F8) Tenente José Teixeira de Oliveira Cardoso, casado com Cezarina Francisca de Assis Oliveira, sua prima irmã, filha do Sargento-Mór Francisco de Paula Teixeira.
F9) Maria Joaquina da Paixão, casada com o Tenente Coronel Francisco Pinto de Azevedo Portugal, com geração.

Faleceu o Tenente Coronel Manuel Teixeira de Oliveira Cardoso em Curitiba aos 4 de abril de 1818. Era sobrinho do Mestre de Campo de São Paulo, Manuel de Oliveira Cardoso.

58) Sargento-Mór Francisco Xavier Pinto, nascido em 1732, na Alfandega da Fé, Comarca da Torre de Moncorvo, bispado de Braga, Portugal, casou-se em Santos (S. Paulo), com D. Rita Ferreira Bueno. "Foi Juiz Ordinario e Presidente da Camara de Curitiba, em cuja Vila gozou de grande prestigio social e politico; tomou parte saliente na expedição a Guarapuava e Tibagí, ao mando do intemerato Afonso Botelho de Sampaio e Souza. Foi proprietario da importante Fazenda da Ferraria, possuia terras de criação no Bariguí, e as Fazendas S. Lourenço e Monte Negro, em Castro, com criação de gado vacum e cavalar. Faleceu com testamento, em Curitiba, em 1805. Do seu consórcio com D. Rita Ferreira Bueno, houve os seguintes filhos:

F1) Sargento-mór Francisco de Paula Xavier Bueno, casado, com geração.
F2) Rita Ferreira de Oliveira Bueno, casada com o Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, Comandante da Expedição de Guarapuava, com geração.
F3) Maria Rita Ferreira Bueno, casada com o Sargento-Mór Joaquim Mariano Ribeiro Ribas, com geração.
F4) João Ferreira de Oliveira Bueno, casado, com geração.
F5) Ana Maria Ferreira Bueno, casada com o Coronel Inácio de Sá Sotto-maior, com geração.
F6) Joaquim Ferreira de Oliveira, casado, com geração.
F7) Alferes José Ferreira de Oliveira Bueno, casado, com geração.
F8) Gertrudes Ferreira de Oliveira Bueno, casada com o Tenente José Rodrigues Branco, com geração.

62) Tenente Manuel Soares do Vale, filho de outro de igual nome, nasceu em Curitiba, em 1763; ali casou-se a 12 de julho de 1791, com D. Tereza Maria de Jesus, deixando os seguintes filhos:

F1) Antonio da Trindade, casado em Curitiba.
F2) Manoel Carlos, casado, ausente.
F3) Francisca.
F4) João
F5) Maria.
F6) Ana Joaquina da Paixão, casada em Guarapuava a 10 de outubro de 1813, com o Tenente Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso, de quem foi segunda esposa.

Digitized by Google

O Tenente Manuel Soares do Vale tomou parte na Real Expedição e Conquista de Guarapuava, tendo, durante 20 dias, explorado uma vasta extensão daqueles Campos, de cuja missão apresentou circunstanciado relatório. Mais tarde, foi nomeado pelo Governo de São Paulo para o cargo de Inspetor dos serviços das explorações para a abertura de uma nova estrada de carros da Vila de Jundiaí à de São Carlos (Campinas) e atalhos na estrada de Itú (mensagem do Presidente da Provincia Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres, na abertura do Conselho Geral, em 1.º de dezembro de 1829).

110) Capitão Bernardino da Costa Filgueiras, nasceu em 1744. Tomou parte nas expedições que, de 1768 a 1771, exploraram o Rio Iguassú, descendo com destino à sua fóz no rio Paraná, sob a direção do Tenente Coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, de ordem do Morgado de Mateus, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, então Governador da Capitania de S. Paulo. Era irmão do Tenente Bruno da Costa Filgueiras, que também participou dessas expedições, comandando uma delas e perecendo afogado nas aguas do Iguassú. Era filho do Capitão Manuel da Costa Filgueiras, natural da Freguezia da Barca, Arcebispado de Braga, e de sua mulher D. Custodia Rodrigues de França, esta filha do Capitão-mór de Paranaguá, João Rodrigues de França, ultimo Lugar-tenente do Marquez de Cascais e descendente de ilustre e abastada familia paulista (F. Negrão — op. cit.).

O Capitão Bernardino Filgueiras foi casado em Curitiba, a 5 de agosto de 1766, com D. Margarida Jesus Cardoso, deixando desse consórcio uma unica filha, D. Ana Maria do Sacramento, casada com o Tenente Coronel Manuel Teixeira de Oliveira Cardoso: de quem já tratamos no n.º 30.

116) André Esteves, n. Horta, junto a Vila Rica (Portugal). Vêr "Genealogia Paranaense", IV.

118) Sargento-Mór João Ferreira de Oliveira, português.

119) D. Maria Bueno, filha de Manuel Gomes Palheiro, natural da Freguezia de N. S. Boa Viagem, extra-muros da cidade do Porto, e de D. Rosa Maria Bueno (Vêr Arvore "E", onde é n.º 1); neta partena de Pedro Gonçalves Palheiros, e de D. Maria Gomes Cravo, ambos naturaes da mesma Freguezia supra.

124) Tenente Manuel Soares do Vale, filho de João Ribeiro do Vale, nascido em Valongo (Portugal), † 1759, em Curitiba e de D. Isabel Soares Pais; neto paterno de Domingos Francisco, português, e de D. Maria do Vale; neta materna de Manuel Soares, nascido em Viana, — Portugal (este filho de Gonçalo Rodrigues Soares, português e de D. Ana Gonçalves) e de D. Maria Pais (esta filha do Capitão Baltazar Carranco dos Reis e de D. Isabel Antunes da Silva).

125) D. Maria Pires de Barros, filha do Capitão Bento da Gama de Alvarenga Chassim (n.º 1 da Arvore "C", vêr) e de D. Escolastica Eugenia de Camargo.

126) Capitão Antonio José da Silva, nascido em Estombar (Algarve, — Portugal), filho de João Rodrigues Vidal e de D. Catarina de Sousa.

127) D. Gertrudes Maria Batista, filha do Sargento-Mór João Batista Diniz, casado com D. Luiza de Araujo (esta filha de Francisco de Araujo Monteiro e de D. Isabel Barbosa de Castro).

LIVROS REFERENTES A ARVORE "A":

a) Genealogia Paulistana, de Silva Leme.

b) Genealogia Paranaense, de Francisco Negrão.

c) Certidões dos arquivos paroquiais de Curitiba, Campo Largo, Guarapuava, Lages e da Curia Metropolitana de S. Paulo.

d) Pesquizas particulares.

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE SANTA CATARINA

RELAÇÃO DOS LIVROS DE BATISADOS, CASAMENTOS E OBITOS DA DIOCESE DE LAGES

FREI BERNARDINO BORTOLOTTI
O. F. M., Vigario Geral

1 — BOM RETIRO DO CRUZEIRO (Paroquia de)

ATISADOS: Livro 1.º — 1933 a 1939; n.º 2 1939 á ...
Casamentos: Livro 1.º — 1933 á .....
Obitos: Livro 1.º — 1933 á .....

2 — CAÇADOR (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, de Março de 1934 a Março de 1938; 2.º, de 1938 até o presente (não terminado).
Casamentos: Livro n.º 1, de Maio de 1934, até agora (não terminado).
Obitos: Livro n.º 1 (não terminado).

3 — CAMPO BELO (Freguesia de N. Senhora do Patrocinio; pertence a Lages)

Batisados: Livro 1.º, 1896, 1899; 2.º, 1899 a 1906.

4 — SÃO JOÃO BATISTA DE CAMPOS NOVOS (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º. Livro de escravos: — 1876 a 1882; 1905 a 1910; Livro 1.º 1876 a 1884; 2.º 1884 a 1887. 3.º, 1887 a 1889. 4.º, 1888 a 1893, 5.º, 1893 a 1897, 6.º 1897 a 1905. N.º 1 — 1905 a 1910. Livro de Escravos 12.º, 1910 a 1911; 13.º, 1911 a 1913; 14.º, 1913 a

Digitized by Google

1919 e 1927 a 1931. — Sem numero: 1914 a 1919; 1.º, 1914 a 1919; 2.º, 1919 a 1922. — Sem numero: 1924 a 1927; 18.º, 1924 a 1925; 1928 a 1932; 1935 e 1936; 16.º, 1927 a 1930; 17.º, 1931 a 1935; 1929, falta; 19.º, 1936 a .....

Casamentos: Livro 1.º, 1876 a 1909.

Sem numero. 1909 a 1918

Sem numero. 1915 a 1924. Sem numero: 1924 a 1930; 6.º, 1928 a 1939; 6.º, 1935 a 1936; 1939 ....

Obitos: Um livro: 1886 a 1893; 1918 a 1939.

5 — CANOINHAS (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, 1912 a 1916; 2.º, 1916 a 1919; 3.º, 1919 a 1920; 4.º, 1920 a 1921; 5.º, 1921 a 1923; 6.º, 1923 a 1924; 7.º, 1924 a 1926; 8.º, 1926 a 1928; 9.º, 1928 a 1930; 10.º, 1930 a 1931; 11.º, 1931 a 1933; 12.º, 1933 a 1935; 13.º, 1935 a 1937; 14.º, 1937 a 1938; 15.º, 1938 a 1939; 16.º, 1939 a 1940; 17.º, 1940 a .....

Casamentos: — Livro 1.º, 1912 a 1918; 2.º, 1918 a 1921; 3.º, 1921 a 1925; 4.º, 1925 a 1930; 5.º, 1930 a 1934; 6.º, 1934 a 1937; 7.º, 1937 a 1940.

Obitos: — Livro 1, 1912 a 1933; 2.º, 1933 a .....

6 — CONCORDIA (Paroquia de)

Batisados: — Livro 1.º, 1932 a 1936; 2.º, 1936 a 1939; 3.º, 1939 a .....

Casamentos: — Livro 1.º, 1932 a .....

Obitos: — Livro 1.º, 1935 a .....

7 — CRUZEIRO (Paroquia de)

Batisados: — Livro 1.º, 1927 a 1930; 2.º, 1930 a 1934; 3.º, 1934 a 1937; 4.º, 1937 a 1940.

Casamentos: — Livro 1.º, 1927 a 1930; 2.º, 1930 a 1938; 3.º, 1938 a 1940.

8 — CURITIBANOS (N. Senhora da Imaculada Conceição; Paroquia de)

Batisados: — Livro 1.º, 1875 a 1878; 1886 a 1891; 2.º, 1876 a 1878 e 1891. Folhas avulsas: 1882 a 1886; Livro 3, 1891 a 1896; 4.º, 1896 a 1902; 5.º, 1902 a 1905; 6.º, 1905 a 1907; 7.º, 1907 a 1908; 8.º, 1908 a 1910; 9.º, 1910 a 1911; 10.º, 1911 a 1912; 11.º, 1912 a 1917; 12.º, 1917 a 1922; 13.º, 1922 a 1925; 14.º, 1925 a 1928; 15.º, 1928 a 1932; 16.º, 1932 a 1935; 17.º, 1935 a 1938; 18.º, 1938 a .....

Digitized by Google

Casamentos: Livro 1.º, 1876 a 1897; 2.º, 1897 a 1906; 3.º, 1906 a 1910; 4.º, 1910 a 1921; 5.º, 1921 a 1930; 6.º, 1930 a 1937; 7.º, 1937 a .....

Obitos: — Livro 1.º, 1885 a 1893; (13 assentamentos de obitos) 2.º, 1932 a .....

9 — ESTEVES JUNIOR (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, 8-1-1933 á 31-12-1938; Livro 2.º, 1-1-1939 a 11-3-1940.

Casamentos: Livro 1.º, 11-10-1932 a 31-12-1939.

Obitos: Livro 1.º, 1936 a 1938.

10 — ITÁ (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, 1937 a 1939.

11 — LAGES — N. Senhora dos Prazeres — (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, 1768 a 1793; 2.º, 1793 a 1818; 3.º, 1798 a 1814; 4.º, 1818 a 1830; 5.º a, 1843 a 1867; 5.º b, 1831 a 1833; 6.º, 1837 a 1844; 7.º, 1844 a 1847; 8.º, 1847 a 1849; 9.º, 1849 a 1851; 10.º, 1852 a 1853; 11.º, 1853 a 1854; 12.º, 1854 a 1855; 13.º, 1855 a 1860; 14.º, 1858; 15.º, 1858 e 1859; 16.º, 1861 a 1863; 17.º, 1863 a 1865; 18.º, 1865 a 1867; 19.º, 1867 a 1868; 20.º, 1858 a 1870; 21.º, 1870 a 1872; 22.º, 1872 a 1875; 23.º, 1875 e 1876; 24.º, 1876 e 1877; 25.º, 1877 a 1878; 26.º, 1878 a 1879; 27.º, 1879 a 1881. (Livro dos Missionarios): — 1880; 28.º, 1881 a 1883; 29.º, 1871 a 1884; 30.º, 1866; 1869; 1871; 1873, 1872, 1874, 1875, 1876, 1884, 1886).

Livro 31.º, 1876 a 1891; 32.º, 1891 a 1894; 33.º, 1895; 34.º, 1895 a 1899; 35.º, 1899 a 1902; 36.º, 1902 a 1904; 37.º, 1904 a 1905; 38.º, 1905 a 1909; 39.º, 1909 a 1910; 40.º, 1910; 41.º, 1910 e 1911; 42.º, 1911 e 1912; 43.º, 1912 a 1913; 44.º, 1913 a 1915; 45.º, 1915 a 1916; 46.º, 1916 e 1917; 47.º, 1917 a 1919; 48.º, 1919 a 1920; 49.º, 1920 a 1921; 50.º, 1921 a 1922; 51.º, 1922 a 1923; 52.º, 1923 a 1924; 53.º, 1924 a 1926; 54.º, 1926 a 1927; 55.º, 1927 a 1929; 56.º, 1929 a 1930; 57.º, 1930 a 1931; 58.º, 1931 a 1933; 59.º, 1933 a 1934; 60.º, 1934 a 1935; 61.º, 1935 a 1937; 62.º, 1937 a 1938; 63.º, 1938; 64.º, 1938 a 1939; 65.º, 1939 a 1940.

Casamentos: Livro 1.º, 1767 a 1796; 2.º, 1799 a 1819; 2.º a, 1796 a 1831; fl. soltas: 3.º, 1832 a 1837; 4.º, 1837 a 1843; 5.º, 1844 a 1850; 6.º, 1853 a 1856; 7.º, 1856 a 1862; 8.º, 1858 a 1860; 9.º, 1863 a 1867; 10.º, 1868 a 1874; 11.º, 1874 a 1875; 12.º, 1875 e 1876; 13.º, 1876 a 1878; 14.º, 1878 a 1880; Livro dos Missionarios: 1880; 15.º, 1880 a 1882; 16.º, 1882 a 1883; Livro 31.º de assento de batisados: 1886 a 1891; 17.º, 1884 a 1888; 18.º, 1889 a 1894; 19.º, 1894 a 1905; 20.º, 1905 a 1917; 21.º, 1917 a 1920; 22.º, 1920 a 1924; 23.º, 1924 a 1927; 24.º, 1927 a 1931; 25.º 1931 a 1934; 26.º, 1934 a 1936; 27.º, 1936 a 1938; 28.º, 1938 a 1940; 29.º, 1940.

Digitized by Google

Obitos: Livro 1.º, 1767 a 1797; 2.º, 1799 a 1822; 3.º, 1845 a 1855; 4.º, 1856 a 1867; 5.º, 1869 a 1876; 6.º, 1874 a 1907. Igreja: 1766 a 1848; 1822, 1829,, 1830, 1831, 1834, 1843, 1867, 1870, 1876. Livro de batisados 32.º, 1876-1880.

12 — PERDIZES (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, 21-1-1931 a 1-12-1935; 2.º, 1-12-1935 a 23-6-1939; 3.º, 23-6-1939.

Casamentos: Livro 1.º, 11-2-1931 a 6-8-1939; 2.º, 12-8-1939 a...

Obitos: Livro 1.º, 27-12-1935.

13 — PONTE SERRADA (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, 1937 a 1939.

Casamentos: Livro 1.º, 1937 a 1939.

14 — PORTO UNIÃO (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, 1906 a 1912; 2.º, 1912 a 1917; 3.º, 1917 a 1921; 4.º, 1921 a 1923; 5.º, 1923 a 1924; 6.º, 1924 a 1926; 7.º, 1926 a 1928; 8.º, 1928 a 1932; 9.º, 1932 a 1935; 10.º, 1935 a 1937; 11.º, 1937 a 1939.

15 — RIO BONITO (Curato de)

Batisados: Livro 1.º, 1939 ....

Casamentos: Livro 1.º, 1939 a ....

16 — RIO CAPINZAL (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, de fevereiro de 1935 a agosto de 1939; 2.º, agosto de 1939 a ....

Casamentos: Livro 1.º, de março de 1935 a ....

Obitos: Livro 1.º, de setembro de 1935 a ....

17 — SÃO JOAQUIM (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, de 25-1-1892 a 20-2-1893; 2.º, 20-3-1893 a 23-5-1894; 3.º, 15-8-1897 a 24-10-1898; 4.º, 24-10-1898 a 25-12-1902; 5.º, 25-12-1902 a 27-12-1912; 6.º, 1-1-1913 a 17-10-1916; 7.º, 17-10-1916 a 15-3-1921; 8.º, 15-3-1921 a 1-8-1924; 9.º, 1-8-1924 a 17-7-1929; 10.º, 27-7-1929 a 6-8-1934; 11.º, 6-8-1934 a 15-11-1938; 12.º, 26-12-1938 a.....

Digitized by Google

Casamentos: Livro 1.º, 30-4-1892 a 31-3-1895; 2.º, 18-8-1895 a 18-1-1912; 3.º, 8-1-1913 a 9-4-1923; 4.º, 10-4-1923 a 28-1-1929; 5.º, ? ? a 15-2-1937; 6.º, 17-2-1937 a .....
Obitos: Livro 1.º 16-7-1935 a .....

18 — SÃO LUIZ (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, de 1935 a .....
Casamentos: Livro 1.º, de 1935 a .....
Obitos: Livro 1.º, de 1935 a .....

URUBICI (Paroquia de)

Batisados: Livro 1.º, de 1932 a 1939; 2.º, de 1939 a .....
Casamentos: Livro 1.º, de 1932 a .....
Obitos: Livro 1.º, de 1936 a ....

REFERÊNCIAS AO ANUARIO E Á REVISTA

De S. Excia. Rev.ma Dom Manoel Nunes Coêlho, M. D. Bispo de Aterrado (Cidade de Luz):

Á Eminente Diretoria da *Revista Genealógica*: Tenho o prazer de cumprimentar e felicitar vivamente pelo grande e patriotico empreendimento de tanto interesse para os amadores de estudos históricos, na manutenção da esplendida revista. Muito grato pelo rico presente de Natal que constituiu para mim o valioso exemplar".

De S. Excia. Rev.ma Dom Adalberto Sobral, Bispo de Pesqueira (Pernambuco):

"Tenho o prazer de acusar o recebimento do ultimo numero das publicações feitas pelo *Instituto Genealogico Brasileiro*". Pela maneira como se apresenta a Revista bem se póde concluir do gosto patriotico com que é executada e do empenho do Instituto em cumprir rigorosamente a finalidade a que se propoz. Todo bom brasileiro só poderá ter palavras de elogio ao trabalho que está sendo realizado pelo Instituto Genealógico Brasileiro".

De S. Excia. Revma. Conde Dom Francisco de Campos Barreto, Bispo de Campinas:

"Novamente coloco a disposição dos membros conspicuos e estudiosos da nobre agremiação o Arquivo da Diocese e portanto concedida está a permissão para a organisação da biografia-genealogica de S. Excia. Revma. o Sr. Dom Francisco Borja do Amaral. Tenho recebido os interessantes numeros da *Revista Genealógica Brasileira*, publicada pelo Instituto e que sempre desperta o sentimento brasileiro vendo a tradição de nossas familias nas ligações que as une".

De D. Celestino de Barros Moraes, Bibliotecario do Mosteiro de S. Bento (Rio de Janeiro):

"Muito lhe agradecemos a remessa da *Revista Genealógica* publicada sob a sua direção. E' com todo o prazer que aceitamos a remessa duma revista unica no Brasil e que desempenha com proficiencia sua tarefa laboriosa. Os trabalhos publicados por tal revista destinam fazer grande bem em prol da tradição das familias brasileiras".

Digitized by Google

NOTICIARIO

NOTICIAS E AGRADECIMENTOS DO "INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO"

O nosso eminente amigo Conde d. Augusto Alvaro da Silva, Arcebispo Primaz do Brasil, na linda cidade da Baia, ofereceu gentilmente ao "Instituto Genealógico Brasileiro", sem emolumentos, todas as certidões dependentes da Curia daquela cidade, quando para fins historico-genealógicos. Têm assim os nossos consocios, com este gesto grandemente culto do ilustrado representante do nosso clero, uma fonte preciosa de facil consulta para os estudos da especialidade. O "Instituto Genealógico Brasileiro", dando esta noticia, cumpre um dever agradecendo penhoradamente tão elevada deferencia.

* * *

Já deviamos tambem ao nosso illustre amigo Conde d. Francisco de Campos Barreto, Bispo de Campinas, a mesma regalia, que com grande cavalheirismo ha tempos nos comunicou. Os nossos prezados consocios ficam assim scientes deste previlégio e o "Instituto" não tem palavras para agradecer a fineza daquelle alto ornamento do clero brasileiro.

* * *

Na Sagração de S. Excia. Rev.ma Dom F.co Borja do Amaral, Bispo de Lorena, o Instituto esteve representado pelo nosso consorcio Dr. Theodoro de Sousa Campos Junior.

* * *

Gesto que nos penhorou extremamente e que revela o gráo de cultura atingido pela prospera cidade de Tietê, do nosso Estado, é aquele do sr. Cantidio de Camargo, digno e ilustre prefeito municipal daquela cidade que, expontaneamente, fez doação da quantia de 100$000 como auxilio á "Revista Genealógica Brasileira". Não é o facto da doação em si que nos alegrou e sim constatar que mesmo nos centros menores do Estado, existem espiritos adeantados capazes duma alta compreensão da finalidade dos nossos estudos especiaes. Ao sr. Cantidio de Camargo, os nossos agradecimentos e a nossa homenagem.

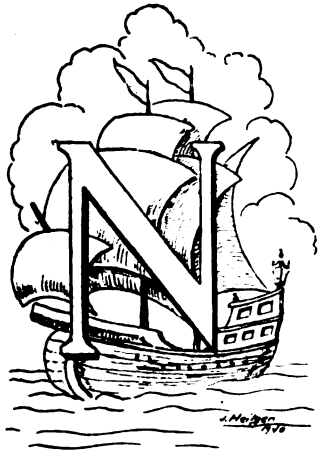
* * *

De Buenos Aires recebemos a noticia de que ali se fundou, nos moldes do "Instituto Genealógico Brasileiro" o "Instituto de Sciencias Genealógicas", pedindo-nos aqueles nossos ilustres confrades, as nossas publicações, estatutos, etc., pois têm effectiva admiração pelos moldes da nossa instituição. Um dos maiores genealógistas contemporaneos da America Latina, o sr. Azaróla Gil, teve a fineza de nos escrever a respeito e atendendo aos nossos amigos portenhos, daqui enviamos os nossos votos de feliz e fecunda prosperidade.

Digitized by Google

O Principe D. Luiz de Orléans-Bragança

ARMANDO DIAS DE AZEVEDO



ASCEU D. Luiz Maria Felipe Pedro de Alcântara Gastão Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orléans-Bragança, na cidade de Petrópolis, a 26 de Janeiro de 1878.

Era o segundo filho de D. Isabel, a Redentora, princesa imperial do Brasil, e de seu augusto consorte, o príncipe Gastão de Orléans, conde d'Eu.

Pelo lado materno, era neto do imperador D. Pedro II, e, pelo lado paterno, do Duque de Nemours. Era bisneto de D. Pedro I, imperador do Brasil, e de Luiz Felipe, rei dos francêses.

Descendia em linha réta, de D. Afonso Henriques, de Hugo Capeto, de São Luiz, rei de França, e de S. Estevão, rei da Hungria.

Era primo dos reis da Bélgica, da Espanha, da Itália e da Bulgaria.

Foi batisado, a 14 de março de 1878, na Catedral do Rio, pelo bispo D. Pedro de Lacerda, sendo seus padrinhos o duque de Nemours e a princesa Czartoryska, representados pelo visconde de Bom Retiro e pela baronesa de Sant'Ana.

Em 1889 foi, com os demais membros da familia imperial, banido do Brasil.

Em 1900 fez uma viagem à África, que relatou, pouco depois, em um interessante volume, sob o título "Tour d'Afrique".

Em 1902 empreendeu uma viagem pela India e pelo Turquestão, publicando mais tarde sobre éla o esplêndido "A travers l'Indo-Kush".

A sua obra mais notavel, porém, é "Sous la Croix-du-Sud", publicada em 1912 e pouco depois traslada para vernáculo com o título de "Sob o Cruzeiro do Sul", na qual narra a viagem que fez, em 1907, à América do Sul, sem poder, por causa da lei do banimento, rever a "Patria feérica e

Digitized by Google

longinqua" que ele tão entusiástica e calorosamente descrevêra ao Maarajá de Cachemira (1).

Depois de analisar magistralmente a obra, o distinto escritor francês R. Moreau, assim se expressa na revista "Etudes":

"Um principe destronado, que não quér perder, que não perdeu a esperança duma restauração, procura, ao percorrer países estrangeiros, outra cousa que as emoções do perigo ou os prazeres da observação moral.

"Ao lado de descrições brilhantes e de perfís espirituosos, colocam-se harmonicamente páginas mais sérias e mais instrutivas: ensaios históricos, como a narrativa da horrivel guerra entre o Paraguai dum lado e o Brasil unido à Argentina e ao Uruguai, do outro; estudos econômicos sobre o futuro do Chile ou da Bolívia; considerações politicas e sociais relativas ao futuro da América do Sul...

"Mesmo que grave seja o assunto, mesmo que meditações tenham precedido a composição dessas páginas, nenhuma parecerá árida ou obscura ao leitor menos iniciado. A mesma pena viva as traçou." (2)

Pela publicação dessas obras foi premiado pela Academia Francesa e pela Sociedade de Geografia da França.

A 4 de novembro de 1908, realizou-se em Cannes, na Igreja de N. S. da Bôa Viagem, o casamento de D. Luiz com D. Maria Pia Clara Ana de Bourbon, princesa das Duas Sicílias, que nasceu a 12 de agosto de 1878, filha de Afonso de Bourbon, conde de Caserta e chefe da casa real das Duas-Sicílias.

Foi celebrante monsenhor Chapon, bispo de Nice, acolitado pelo superior geral dos carmelitas e pelo bispo de Betsaida. Foram padrinhos de D. Luiz o duque de Calábria e o infante D. Carlos de Bourbon, e de D. Pia, o duque de Chartres e o principe D. Pedro de Orléans Bragança.

Desse matrimônio nasceram os seguintes filhos: 1) D. Pedro Henrique Afonso Felipe Maria, nascido em Boulogne-sur-Seine a 13 de setembro de 1909; 2) D. Luiz Gastão Antonio Maria Felipe, nascido em Cannes, a 19 de fevereiro de 1911; D. Pia Maria Raniera Isabel Antonia Vitória Teresa Amélia Geralda Raimunda Ana Micaela Rafaela Gabriela Gonzaga, nascida em Boulogne-sur-Seine, a 4 de março de 1913.

D. Pedro Henrique casou a 19 de agosto de 1937 com a princesa Maria-Elisabeth, nascida a 9 de setembro de 1914, filha do principe Francisco da Baviera e neta do finado rei Luiz III da Baviera. Desse matrimônio existe um filho, de nome Luiz, nascido a 7 de junho de 1938.

D. Luiz Gastão faleceu santamente a 9 de setembro de 1931.

Quando em 1914, rompeu a grande guerra, o príncipe D. Luiz pretendeu alistar-se no exercito francês, mas o presidente Poincaré, ponderando-lhe a impossibilidade de o aceitar, devido á lei que proibia a presença no exercito dos descendentes das antigas famílias reinantes, aconselhou-o a que o fizesse no exercito inglês, onde efetivamente, serviu de 23 de agosto de 1914 a 15 de junho de 1915.

Eis como o tenente-coronel Jamet, da Missão Militar Francêsa adida ao Corpo Expedicionário Britânico, narra o papel de D. Luiz na grande guerra:

Digitized by Google

"Agregado, como tenente, ao E. M. do 1.º Corpo Britânico (o do general Douglas Haig), desde 25 de agosto de 1914, S. A. R. o principe D. Luiz de Orléans Bragança contribuiu, com a máxima eficácia, para assegurar a comunicação com os Corpos Francêses vizinhos, notadamente no combate de Landrecies, a 25 de agosto, e depois, durante a retirada por zonas expostas às incursões de patrulhas alemãs, e, particularmente, a 3 de setembro, nos arredores de Chateau-Thierry.

"Depois da batalha do Marne, assistiu com o 18.º corpo ao ataque de Montereau-lés-Provins, a 7 de setembro; no dia 8, ao combate de Trétoire e, finalmente, de 13 de setembro a 15 de outubro, à primeira batalha do Aisne, no setor de Bourg-et-Comin, onde assegurou, muitas vezes repetidas, em zonas dominadas pelo fogo da artilharia, a comunicação com os setôres vizinhos do 18.º Corpo.

"Durante as trágicas jornadas da primeira batalha de Ypres, de 20 de outubro a 21 de novembro, em que a linha inglêsa escapou de ser rompida várias vezes, ele prestou serviços dos mais assinalados, contribuindo dia e noite com inalteravel dedicação e energia a toda a prova, para assegurar a comunicação com os Corpos Francêses vizinhos em setor que, formando uma saliência para dentro da linha inimiga, sofria tiros intensos de sua artilharia, especialmente, a 22 de outubro, no combate de Bischoote, em Zonnebecke com os Zuavos do coronel Eychéne e a 31 de outubro.

"A datar de 1.º de janerio de 1915, o principe, acompanhando o general Douglas Haig, passou para o Estado-Maior do 1.º Exercito e ali continuou a prestar serviços igualmente relevantes, particularmente, a 10 de março, por ocasião da tomada de Neuve-Chapelle, depois em Cambrin, em Fosse-Calonne, no sector do 10.º Exercito.

"Nessas diferentes missões nunca deixou de mostrar-se de uma dedicação a toda a prova, de uma animação comunicativa, de sangue-frio notavel nas mais arduas conjunturas, de uma coragem inalteravel no fogo e de uma compreensão muito para notar-se das situações táticas. Sua saúde, gravemente alterada pela rude campanha do Yser, obrigou-o a retirar-se prematuramente do seu Estado-Maior, no qual só deixou amizades, elevado apreço de suas belas qualidades militares e pezar unanime de sua partida".

Pelos seus serviços foi condecorado com a medalha militar do Yser, pelo rei Alberto da Bélgica, e, a título póstumo, o sr. Millerand, então presidente do conselho de ministros da França, o nomeou cavaleiro da Ordem da Legião de Honra, "por ter consagrado todas as suas forças à causa dos aliados e da França invadida".

A 27 de julho de 1920, foi condecorado com a Cruz franceza, com a seguinte citação assinada pelo sr. André Lefevre, então ministro da guerra:

"Agregado sucessivamente ao Estado-Maior do 1.º Corpo do Exercito e do 1.º Exército Britânicos, distinguiu-se como oficial de ligação entre as tropas francesas e inglesas, particularmente em outubro de 1914 e no correr dos primeiros meses do ano de 1915, desempenhando as missões

Digitized by Google

que lhe eram confiadas com o maior sangue-frio, na zona de guerra avançada, e sob o bombardeio da artilharia inimiga. Faleceu em consequencia de molestia contraida na linha de batalha".

O governo inglês, por seu turno, deu a D. Luiz o posto de capitão honorário do exército britânico e o agraciou com a "British War Medal", a "Victory Medal" e o "Star" de 1914-1915 (3).

Por ocasião da entrada do Brasil na guerra, em 1917, o principe D. Luiz me dirigiu uma carta que revela o seu acrisolado patriotismo. Nela se lê este trecho: "Enquanto durar a guerra, sou, aliás, contrário a qualquer ação política contra o governo que "de *fato*" preside neste momento aos destinos do país. Embora a bandeira nacional não seja a que desejariamos, devemos manter em torno dela, no momento critico que atravessamos, a União Sagrada que as exigências superiores da defesa nacional impõem a todas as nações beligerantes". E mais tarde, já no tempo da paz, exclamava: "O sr. terá lido na "Action Française" o manifesto do meu primo, o duque d'Orléans. Como êle, digo: "A pátria antes de tudo"!.

O reumatismo de que fôra atacado D. Luiz obrigou-o à imobilidade quasi todo o ano de 1919. Só no fim do ano foi que as melhoras lhe permitiram alguma ação. Assim, a 28 de dezembro daquele ano, escreviame o principe: "Vou passando bastante bem. Tenho montado a cavalo e feito várias viagens de automóvel sem nenhum inconveniente para a minha saúde. Depois de passar três meses em Paris, estabelecemo-nos para o inverno aqui em Cannes".

Foi ai que o salteou uma congestão pulmonar, vindo êle a falecer, a 26 de março de 1920, depois de ter recebido, com profunda piedade, os SS. Sacramentos, tendo, então, dito a sua esposa: "Quero que meus filhos me vejam receber os últimos sacramentos, afim de conservarem sempre a recordação desse grande dever cumprido por seu pai".

Antes de morrer, disse aos membros de sua família: "Não choreis, que eu vou para mundo melhor, onde haveis de me encontrar".

O padre Romanet escreveu à princesa D. Maria Pia nestes termos:

"Seu confidente e testemunha de seus últimos momentos, fiquei maravilhado da resignação e coragem verdadeiramente sobrehumanas de vosso nobre esposo. Era o seu espirito de fé que sustentava a sua coragem e levantava a vossa e a de todos os entes queridos e ilustres que o rodeavam. Morreu como heróe e principe verdadeiramente cristão. Que belo exemplo! E que consolação para vós e para os seus!"

As exéquias solenes de D. Luiz foram celebradas na capela S. Luiz de Dreux, na França, a 15 de junho de 1920. Eis como as narra a "Action Française" do dia seguinte:

"O Senhor Duque d'Orléans pedira a S. A. R. o Duque de Guise que o representasse, e S. A. R. o principe Felipe de Bourbon representava o conde de Caserta, sogro do principe defunto.

"Ás 11 horas, os dois principes, precedidos dos mestres de ceremônia, tomam logar ao pé do altar. A capela real esta cheia de panos fúnebres com as armas de Orléans e Bragança. Um grande catafalco muito simples

Digitized by Google

se ergue no centro da nave, atrás da coluna real velada de crepe. SS. AA. RR. os senhores conde d'Eu e principe D. Pedro de Orléans Bragança tomam logar na segunda fileira, assim como o general de Mac-Machon, duque de Magenta.

"Do outro lado da alameda principal estão colocados SS. AA. a princesa D. Pia e seus dois filhos, os principes D. Pedro Henrique e Luiz Gastão, a condessa d'Eu, a condessa de Caserta e a princesa Josefa de Bourbon, a princesa D. Elisabeth e a duqueza de Chartres.

A senhora baronesa de Muritiba, dama de honra de S. A. a condessa d'Eu o barão de Muritiba, gentilhomem de honra do senhor conde d'Eu, conde de Bourqueney, coronel conde de Tuite, do serviço de honra do duque d'Orleans, e um grande número de personalidades vindas a Dreux para acompanhar os despojos mortais do saudoso principe.

"A missa foi rezada pelo padre Martin, capelão da capela de S. Luiz, e a absolvição dada pelo conego Roger, vigario de Chartres, impedido pelas ceremônias da confirmação.

"Depois, o esquife recoberto das bandeiras da França e do Brasil foi descido á cripta, onde estão inumados tantos membros da familia real. Será próximamente colocado na carneira em que repousa já o saudoso principe D. Antonio de Orléans Bragança, companheiro d'armas de seu irmão, desde os primeiros dias da guerra".

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E Á REVISTA

Do Prof. Walter Spalding, historiador rio-grandense:

"Com verdadeira satisfação acompanho o progresso de nosso Instituto, cuja revista é o índice máximo de sua brilhante atividade. Essa Revista que, dia a dia, aumenta seu prestigio, torna-se, com cada novo numero, magnifico repositório de estudos preciosos especialmente para quem, como nós, se dedica á História, e verdadeira enciclopédia brasileira de assuntos heráldico-genealógicos. E', pois, com o mais vivo prazer que cumprimento o brilhante corpo redatorial desse grande órgão — índice de vitalidade forte — do Instituto...".

Outra carta: "A *Revista* está magnifica, luxuosa, com matéria excelente, digna dos genealogistas e heraldistas que nela colaboram. A *Revista* é verdadeiramente primorosa".

Do Dr. Affonso Ruy de Souza, da Bahia:

Acabo de receber o volume da *Revista Genealógica Brasileira*. Ótimo. Parabens pelo exito integral da publicação. Nada ha que respigar".

Do Dr. Alfredo Diaz de Molina, de Buenos-Ayres:

"He tenido el grato placer de recibir la hermosa *Revista Genealógica Brasileira* que, por su impecable presentación, su forma, contenido y la enjundia de sus trabajos históricos, habla muy elevadamente de la cultura del Brasil".

Do genealogista Ary Florenzano, de Minas Geraes:

"A nossa *Revista* está ótima e nesse andar, vamos longe".

Do Dr. Carlos Drummond de Andrade:

"...excelente Revista..."

Digitized by Google

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Dr. Carlos Grandmasson Rheingantz, do Rio de Janeiro:

"Recebi o 1.º exemplar da nova revista que apreciei muitissimo".

Do escritor Deoclecio De Paranhos Antunes:

"Recebi tambem a *Revista Genealógica Brasileira,* que está excelente. Louvo-lhe o esforço e a sábia orientação que soube dar a tão util e brilhante publicação".

Do Snr. Ernesto Horacio da Cruz, do Pará:

"Dou em meu poder a *Revista Genealógica Brasileira,* proveitosa e notavel publicação em cuja leitura acabo de deliciar o meu espirito. Envio-lhe com os meus agradecimentos as minhas sinceras felicitações por esse trabalho que requer ingentes esforços e conhecimento vasto da materia que a todos agrada sobremodo".

Do Snr. Genival Cândido da Silva, do Rio de Janeiro:

"A *Revista* como todos os trabalhos do Instituto, está interessantissima. Bem elaborada e muito desenvolvida".

Do Dr. Geraldo Dutra de Moraes, de Minas Geraes:

"Recebi a *Revista* e congratulo-me com esse Sodalicio, pela brilhante vitória conseguida. Essa publicação, é um atestado eloquente da magnifica atividade do Instituto Genealógico Brasileiro".

Do Capitão Dr. Gustavo Adolpho Ramos de Mello, de Pindamonhangaba:

"...A *Revista,* como sempre, abundante de bôa materia".

Do Rev.mo P.e João Augusto Combat, C.SS.R., de Congonhas do Campo:

"...esplêndido Anuário..."

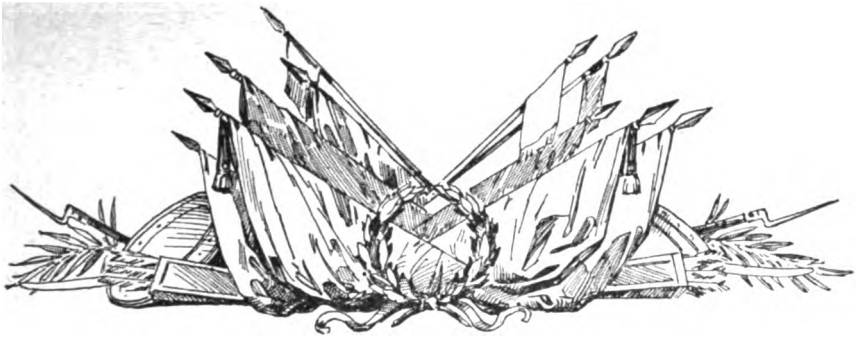
Do Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior, da Bahia:

"Recebi... e o n.º da nossa *Revista.* Esta está otima, muito bem feita materialmente e com colaboração seleta. O primeiro numero causou impressão deveras agradavel. O amigo está de parabens e o nosso *Instituto Genealógico Brasileiro,* pode se considerar difinitivamente firmado e solidificado".

Do Desembargador João Francisco de Oliveira Godoi, de Goiáz:

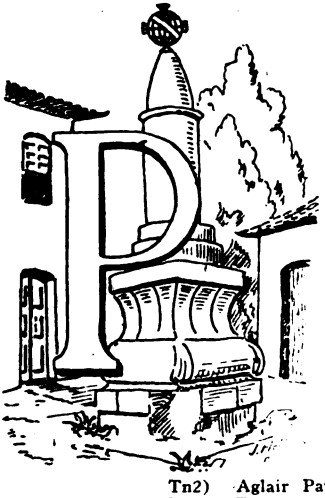
"...2.º n.º da *Revista*... ...está mais aperfeiçoada e confirma o conceito por mim já emitido. Trabalho construtivo e organico, dezafiará o insulto do Tempo, e merecerá as bençãos das gerações do Porvir, como está merecendo as do Prezente. Aprezento minhas felicitações pelos surtos que vae tendo a sua orientação, expandindo a irradiação por todo o Brasil, não só do Instituto, como da *Revista.* O caso da fundação no Rio de uma agremiação congenere, é bem significativo, dado o valor moral e intelectual dos seus componentes".

Digitized by Google



Ramo da Familia Azambuja radicado em São Gabriel

CELSO MARTINS SCHRÖDER



ATRICIO AZAMBUJA, casado com Ana de Meireles Jardim, foram pais de:

F.1 — Manoel Patricio de Azambuja, natural de São Jeronimo, casou com Maria José da Costa, tambem natural de São Jeronimo. Pais de:

N.1 — Delecarliense Patricio de Azambuja, natural de Santo Amaro, casou com Anita Patricio de Azambuja, natural de Rosario. Pais de:

Bn.1 — Navarino Patricio de Azambuja, casou com Noemia Pereira. Pais de:

Tn.1 — Wilson Patricio de Azambuja, solteiro.

Tn2) Aglair Patricio de Azambuja, solteiro.

Tn3) F....., solteiro.

Bn2) Emeri Patricio de Azambuja, casou em primeiras nupcias com Carlos Monteiro de Macêdo. Pais de:

Tn4) Jeneci de Azambuja Macêdo, casou com Homero Rodrigues Chagas, bisneto do Barão de Candióta (Luiz Gonçalves das Chagas). Pais de:

Qn1) Luiz Alberto de Macêdo Chagas, solteiro.

Qn2) Maria Aparecida de Macêdo Chagas, solteira.

Emeri casou em segundas núpcias com Francisco Pardo Cabeda. Pais de:

Tn5) Francisco de Azambuja Cabeda, solteiro.

Tn6) José de Azambuja Cabeda, solteiro.

Tn7) Neda de Azambuja Cabeda, solteira.

Tn8) Céres de Azambuja Cabeda, solteira.

Tn9) Armando de Azambuja Cabeda, solteiro.

Tn10) Elba de Azambuja Cabeda, solteira.

Bn3) Nei Patricio de Azambuja, solteiro.

Bn4) Ceci Patricio de Azambuja, casou com Artur Ribeiro. Pais de:

Tn11) Tereza de Azambuja Ribeiro, solteira.

Tn12) Daise de Azambuja, solteira.

N2) Isaltina Patricio de Azambuja, natural de Santo Amaro, casou com Vasco de Macêdo Saldanha, natural de São Sepé. Pais de:

Bn5) Persio de Azambuja Saldanha, casado, com descendência.

Digitized by Google

Bn6) Jacina de Azambuja Saldanha, casou em primeiras núpcias com o **Dr. Henrique de Avila Júnior.** Pais de:
Tn13) Dr. Vasco Henrique de Avila, juiz federal em Florianópolis.
Jacina casou em segundas núpcias com Henrique de Saraiva, com descendência em Rio Pardo.
Bn7) Amaro de Azambuja Saldanha, faleceu solteiro.
Bn8) Armando de Azambuja Saldanha, casado, com descendência.
Bn9) Neguita de Azambuja Saldanha, casou com Priamo de Macêdo. **Pais de:**
Tn14) F.....
Tn15) F.....
Tn16) F.....

N3) Dr. Diocleciano Patricio de Azambuja, médico, natural de Rosario, casou com Corina da Fontoura Mena Barreto, filha do Barão de São Gabriel. **Pais de:**
Bn10) Ceci Mena Barreto de Azambuja, faleceu solteira.
Bn11) Jequitibá Mena Barreto de Azambuja, prefeito interino do município de São Gabriel, casou com Ana Luiza da Gama Amaro, bisnéta do Barão de Batovi. Pais de:
Tn17) Ana Luiza de Azambuja, solteira.
Tn18) Diocleciano Patricio de Azambuja, solteiro.

N4) Alcibiades Patricio de Azambuja, natural de Rosario, casou com Marciana da Costa Norberto. Pais de:
Bn12) Cluvio Rufo Patricio de Azambuja, casou com Dileta Leiria. **Pais de:**
Tn19) Nice Patricio de Azambuja, solteira.
Bn13) Nice Patricio de Azambuja, casou com Arnaldo Pereira Estrela, natural de Portugal. Pais de:
Tn20) Hamleto de Azambuja Estrela, 1.º tenente aviador do Exército, casou com..... Pais de:
Qn3) F....., solteiro.
Tn21) Zelma de Azambuja Estrela, casada, sem sucessão.
Tn22) Cluvio de Azambuja Estrela, solteiro.
Tn23) Alcibiades de Azambuja Estrela, solteiro.
Tn24) Iale de Azambuja Estrela, solteiro.
Bn14) Servia Tulia Patricio de Azambuja, casou com João Lidio de Castro Filho. Pais de:
Tn25) Vera Maria de Azambuja Castro, solteira.
Tn26) Georgina de Azambuja Castro, solteira.
Bn15) Tarquinio Bruto Patricio de Azambuja, casou com Alda Areias Obino. **Pais de:**
Tn27) Sidnei Patricio de Azambuja, solteiro.
Tn28) Servia Patricio de Azambuja, solteira.
Bn16) Maria Patricio de Azambuja, solteira.
Bn17) Alcibiades Patricio de Azambuja, capitão do Exército, casou com Dalila de Castro. Pais de:
Tn29) Cesar Augusto Patricio de Azambuja, solteiro.
Bn18) Leocadia Patricio de Azambuja, casou com Aristotelino Carpes, **sem sucessão.**
Bn19) Manoel Patricio de Azambuja Neto, casou com Marfiza Ribeiro Mena Barreto, tetranéta do visconde de São Gabriel. Pais de:
Tn30) Clavio Mena Barreto de Azambuja, solteiro.
Bn20) Gustavo Patricio de Azambuja, solteiro.
Bn21) Delecarliense Patricio de Azambuja, solteiro.
Bn22) Catarina Patricio de Azambuja, solteira.

Alcibiades deixou, também um filho ilegitimo:
Bn23) Heitor de Azambuja, casou em primeiras núpcias com Antônia de Morais. Pais de:
Tn31) Jocelina de Morais Azambuja, faleceu solteira.
Tn32) Osmar de Morais Azambuja, solteiro.
Tn33) Jaci de Morais Azambuja, falecêu solteira.
Heitor, casou em segundas núpcias com Antonieta Defendi, natural da Itália. **Pais de:**
Tn34) Ema de Azambuja, solteira.

N5) Fabio Patricio de Azambuja, marechal do Exército e engenheiro, natural de Rosario, casou com Adalia Patricio de Azambuja. Pais de:
Bn24) Oscar Patricio de Azambuja, casou com Irma Barreto Franzen. **Pais de:**
Tn35) Adalia Patricio de Azambuja, solteira.
Tn36) Fabio Patricio de Azambuja, solteiro.
Tn37) Bergalo Patricio de Azambuja, solteiro.
Bn25) Aurea Patricio de Azambuja, casou com Luiz Antônio da Porciuncula. **Pais de:**
Tn38) Paulo de Azambuja Porciuncula, solteiro.
Bn26) Manoelita Patricio de Azambuja, casou com o Dr. Pedro Ferraz Néto. **Pais de:**
Tn39) Ada de Azambuja Ferraz, solteira.
Tn40) Roberto de Azambuja Ferraz, solteiro.
Bn27) Fabio Patricio de Azambuja Filho, faleceu solteiro.

N6) Etelvina Patricio de Azambuja, casou com o General Manoel Antonio da **Cruz Brilhante**, natural de Jaguarão. Pais de:

Digitized by Google

Bn28) Carolina de Azambuja Brilhante, solteira.
Bn29) Felix de Azambuja Brilhante, tenente-coronel do Exército, solteiro.
Bn30) Manoel de Azambuja Brilhante, tenente-coronel do Exército, casou com Jenecí Spaltér. Pais de:
Tn41) Edgar Manoel Brilhante, solteiro.
Tn42) Jessy Brilhante, solteira.

Manoel Patricio deixou mais duas filhas legitimadas:

N7) Selanira Patricio de Azambuja, casou com José Lourenço da Silva Lisbôa. Pais de:
Bn31) Jaime Lisbôa, casou com Celi Correia. Pais de:
Tn43) Jaime Lisbôa Filho, solteiro.
Tn44) Leda Maria Lisbôa, solteira.
Tn45) Lia Maria Lisbôa, solteira.
Tn46) Carlos Augusto Lisbôa, solteiro.
Bn32) Alice Lisbôa, casou com José do Patrocinio Lisbôa. Pais de:
Tn47) James Paulo Lisbôa, solteiro.
Tn48) José Adolfo Lisbôa, solteiro.
Tn49) Edgar Edmundo Lisbôa, solteiro.
Tn50) Alice Felisberta Lisbôa, solteira.
Tn51) Jorge Alberto Lisbôa, solteiro.
Tn52) Tereza Cristina Maria Lisbôa, solteira.
Tn53) Lauro Lisbôa, solteiro.
Tn54) Silvia Helena Lisbôa, solteira.
Tn55) Aluizio Lisbôa, solteiro.
Bn33) Dr. José Lisbôa Néto, médico, casou com Maria Mazini Machado. Pais de:
Tn56) Luiz Carlos Machado Lisbôa, solteiro.
Tn57) Paulo Machado Lisbôa, solteiro.
Tn58) Gilberto Machado Lisbôa, solteiro.
Tn59) José Vicente Machado Lisbôa, solteiro.

N8) Honorina Patricio de Azambuja, casou com o major Augusto Candido de Caldas. Pais de:
Bn34) Aureo de Azambuja Caldas, casou com..... Pais de:
Tn60) F....., solteiro.
Bn35) Manoel de Azambuja Caldas, casou com Clotilde Metéllo Rodrigues. Pais de:
Tn61) Ilka Rodrigues Caldas, solteira.
Bn36) Ilka de Azambuja Caldas, casou com Gontran da Costa, sem sucessão.
Bn37) Arlêtta de Azambuja Caldas, casou com Dario Coelho. Pais de:
Tn62) Paulo de Caldas Coelho, solteiro.
Tn63) Luiz de Caldas Coelho, solteiro.
Tn64) Mario Icaro de Caldas Coelho, solteiro.
Bn38) Sadí de Azambuja Caldas, casou com Lilá Jobim, sobrinha-neta do Barão de Cambahy. Pais de:
Tn65) Cleon Jobim de Caldas, solteiro.
Bn39) Augusto de Azambuja Caldas, solteiro.

F2) Francisco Patricio de Azambuja, natural de São Jeronimo, casou com Rita de Araujo, natural de Rosario. Pais de:

N9) Leão Patricio de Azambuja, casou com Lucilia Dória. Pais de:
Bn40) Dr. Cleto Patricio de Azambuja, casado, com descendência.
Bn41) Astréa Patricio de Azambuja, casada, com descendência.

N10) Adalia Patricio de Azambuja, casou com o Marechal Fabio Patricio de Azambuja (já citado).

N11) Zulmira Patricio de Azambuja, casou com o Dr. Jacinto Gomes. Pais de:
Bn42) João de Azambuja Gomes, secretario da legação brasileira em Berlim, casou com Benedita Rodrigues. Pais de:
Tn66) Leila Rodrigues Gomes, solteira.
Tn7) Helena Rodrigues Gomes, solteira.
Tn68) Guilherme Rodrigues Gomes, solteiro.
Bn43) Hortência de Azambuja Gomes, casou com o Dr. Alberto Gradin, capitão médico do Exército. Pais de:
Tn69) Beatriz Gomes Gradin, solteira.
Bn70) Flavio Gomes Gradin, solteiro.
Bn44) Saul de Azambuja Gomes, faleceu solteiro.
Bn45) Maria de Azambuja Gomes, casou com Emilio Bercht. Pais de:
Tn71) Maria Helena Gomes Bercht, solteira.
Tn72) Luci Gomes Bercht, solteira.
Bn46) Adalia de Azambuja Gomes, casou com Donato di Donati, com descendência.

N12) Anita Patricio de Azambuja, casou com Delecarliense Patricio de Azambuja (já citado).

Digitized by Google

N13) Amadeu Patricio de Azambuja, tenente do Exército, casou com Olga Mena Barreto da Fontoura, néta do Barão de São Gabriel e enteada do Dr. Diocleciano Patricio de Azambuja. Pais de:
Bn47) Dr. Ari da Fontoura Azambuja, casou com Heloisa Simões Lopes, néta do Visconde da Graça. Pais de:
Tn73) Amadeu Simões Lopes de Azambuja, solteiro.
Tn74) Ronaldo Simões Lopes de Azambuja, solteiro.
Bn48) Francisco da Fontoura Azambuja, capitão do Exército, casou com Elisabete Simões Lopes, néta do Visconde da Graça. Pais de:
Tn75) Vera Maria Simões Lopes de Azambuja, solteira.
Bn49) Cecí da Fontoura Azambuja, casou com o Dr. Edgardo Velho. Pais de:
Tn76) Matias de Azambuja Velho, solteiro.
Tn77) Edgardo de Azambuja Velho, solteiro.
Tn78) Paulo Décio de Azambuja Velho, solteiro.
N14) Arabela Patricio de Azambuja, casou com Henrique Ribeiro de Campos Vasconcelos. Pais de:
Bn50) Dr. Paulo de Azambuja Vasconcelos, solteiro.
Bn51) Clelia de Azambuja Vasconcelos, casou com Emílio Ribeiro. Pais de:
Tn79) Emilia de Vasconcelos Ribeiro, solteira.
Bn52) Francisca de Azambuja Vasconcelos, casou com o Dr. Lamartine de Souza. Pais de:
Tn80) Berenice de Vasconcelos Souza, solteira.
Tn81) Graciano de Vasconcelos Souza, solteiro.
N15) Armanda Patricio de Azambuja, solteira.
N16) Patricio de Azambuja, casou com Cecilia Berchon des Essarts. Pais de:
Bn53) Jací Patricio de Azambuja, solteira.
Bn54) Tácito Patricio de Azambuja, solteiro.
Bn55) Danilo Patricio de Azambuja, casou com Helena de Araújo. Pais de:
Tn82) F....., faleceu solteiro.
Tn83) F....., faleceu solteiro.
Bn56) Rita Patricio de Azambuja, casou com Gringo Rodrigues. Pais de:
Tn84) Gilda de Azambuja Rodrigues, solteira.
Tn85) Leda de Azambuja Rodrigues, solteira.
Bn57) Mário Patricio de Azambuja, solteiro.
N17) Francisco Patricio de Azambuja, solteiro.
N18) Clelia Patricio de Azambuja, casou com o Dr. Cristiano Heman. Pais de:
Bn58) Joana de Azambuja Heman, solteira.
Bn59) Amadeu de Azambuja Heman, solteiro.
N19) Rufo Patricio de Azambuja, casou com Haides Rodino. Pais de:
Bn60) Leda Rodino de Azambuja, solteira.
Bn61) Iolanda Rodino de Azambuja, solteira.
Bn62) Pedro Rodino de Azambuja, solteiro.
Bn63) Marlene Rodino de Azambuja, solteira.
Bn64) Maria Perpétua Rodino de Azambuja, solteira.

REFERÊNCIAS AO ANUARIO E Á REVISTA

Do Sr. Alvaro Augusto Lopes, n' "A Tribuna", de Santos de 2-II-1941:

"Temos sobre a mesa, enviado pelo Instituto Genealógico Brasileiro, o n.º 2 do segundo semestre de 1940, da "Revista Genealógica Brasileira", útil publicação de caracter scientifico, orgão daquella entidade, que se edita na capital, sob a competente direcção do acatado genealogista patricio, tenente-coronel Salvador de Moya.

Á semelhança dos numeros anteriores, a presente edição encerra substancioso texto attinente á materia a que se dedica, além de boa collaboração, como um estudo biographico sobre o Duque de Caxias, de Genival Candido da Silva, e outros do me mo caracter sobre Luis Barcellos Machado, brigadeiro José Vaz de Carvalho, D. Bernardo José Maria de Lorena, Familia Sousa Campos, arvore de costado de J. M. Leite do Canto, os Azevedos, de Lorena, etc., tudo ornado com nitidas gravuras a cores ou em preto.

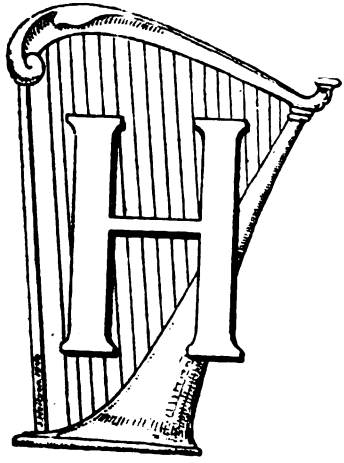
"Revista Genealógica Brasileira", que conta com a collaboração de Gama Rodrigues, A. de Araujo Bulcão Sobrinho, J. C. Pinto Dantas Junior, Amilcar Salgado dos Santos, J. Francisco de Oliveira Godoy e muitos outros nomes illustres de genealogistas patricios, cada vez mais se aprimora, nos informes e trabalhos de investigação historica, offerecendo leitura ao mesmo tempo amena e instructiva".

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE PORTUGAL

Arvore de Costado



RODRIGO RODRIGUES

A 20 anos foi organizada a Arvore de Costado que publicamos neste n.ro, pelo grande genealogista açoriano e nosso prezado consocio *Rodrigo Rodrigues*, de Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel). Refere-se a ascendencia do avô do Snr. Horacio de Mello, do alto comercio atacadista de S. Paulo que, gentilmente, nos cedeu o importante trabalho para publicar.

NOTAS À ARVORE A:

1) A 1.ª vez, a 2-VII-1800 havia casado com Antonia Violante do Céu, viuva do Tenente Antonio Joaquim de Paiva.

10) A 4-XI-1721 fez procuração a Francisco de Magalhães para, por êle, casar em Santa Maria.

20) Em 1704 justificou judicialmente a sua ascendencia paterna para mostrar que era nobre e de sangue limpo, porque um João do Amaral, dos Fenaes da Luz, que fôra prêso no Castello de Ponta Delgada, por ordem deste Manoel do Rego de Sousa, que era capitão de ordenanças, quando foi solto lhe chamou "mulato"; a justificação foi sentenciada a 22-X-1704, em Ponta Delgada, sendo o reu João do Amaral condemnado a pena pecuniaria.

28) Em 19-XI-1744, habilitou-se sua filha Sebastiana Francisca (provando a sua ascendencia) a um dote de legado instituido por seu tio 4.º avô, Rafael Roiz Machado, para parentes pobres.

80) Vêr Arvore B, onde continua.

83) Filha do Capitão Adão Cabral de Mello, da Lagôa, onde †, a 19-VI-1629; e de (c. 7-X-1600, em Santa Cruz, da Lagôa), Catharina Fragoso, da Lagôa; neta paterna de Adão Cabral Travassos.

88) Morador em Santo Espirito, Ilha de Santa Maria; casou nessa ilha.

Digitized by Google

89) Isabel Thomé, da ilha de Santa Maria, sobrinha de Jeronyma Thomé de Mello, que fez testamento na Villa do Porto, a 26-X-1654, onde fala n'esta sobrinha e no marido.

90) Da Villa do Porto, 2.º administrador e herdeiro do vinculo instituido por sua tia paterna, Angela Velho (irmã de seu avô Manoel Velho). Casou, antes de 1636, na ilha de Santa Maria. Filho do Capitão Antonio de Magalhães Velho, da Villa do Porto, 1.º administrador do vinculo instituido por testamento de sua tia Angela Velho, feito em 1607, — e de Margarida de Rezendes (1.ª esposa); o Capitão Antonio, 2.ª vez, a 4-XI-1647, na Matriz da Villa do Porto, casou com Ignez Fernandes da Fonte; o n.º 90 era neto de Manoel Velho, da Villa do Porto (filho de outro Manoel Velho e de Isabel Curvêllo).

91) Vêr Arvore C, onde continua.

94) " " D, " " .

95) " " E, " " .

104) Filho de Manoel Moreno, morador e casado com Maria Roiz, na freguezia de S. Pedro de Ponta Delgada.

105) Filha de Diogo Machado e de Barbara Gonçalves.

112) Filho de Manoel Dias, de Rosto de Cão, freguezia de S. Roque e de (alli casou 12-XI-1628) Maria Roiz Machado, da cidade de Ponta Delgada (irmã de Rafael Roiz Machado, instituidor de uma administração vincular); O 112, neto paterno de Sebastião Vaz e de Clara Dias; neto materno de João Roiz e de Catharina Fernandes.

113) Filha de Francisco Gonçalves de Sousa e de Maria Alvares.

NOTAS Á ARVORE B:

2) Vêr "Saudades da Terra", de Gaspar Frutuoso, Livro IV, pgs. 67, 68 e 160; cap. 8.º, §23; e cap. 22, § 6.º e 7.º.

6) Idem, L.º IV, cap. 8.º, § 23 in-fini; cap. 22, § 7.º; cap. 24, § 7.º e 8.º; e cap. 25, § 11. Capitão de ordenanças na Ribeira Grande.

8) Fidalgo no tempo do cap. donatário João Roiz da Camara, em principios do seculo XVI, foi do Porto para a ilha de S. Miguel, já casado com sua 1.ª mulher Maria Baldaya. Vêr "Saudades da Terra", cap. 22, § 2.º, L.º IV.

9) A quem Gaspar Frutuoso chama, erradamente, de Margarida, no Liv. IV, cap. 4.º, § 18; vêr o mesmo Liv. IV, cap. 22, § 2.º, 6.º, 11 e 22. Já era viuva de Sebastião Gonçalves Botelho.

10) Herdeiro do vinculo e capela de seu pae. Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 8.º, § 23 e 24; cap. 25, § 6.º e cap. 31, § 7.º.

11) Vêr "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 8.º, § 23 e cap. 22, § 6.º.

12) *Ballazar Vaz de Sousa*: Morador no Telhal, da Ribeira Grande, donde foi para o Brasil, sendo morto pelos indios, em Porto Seguro. Vide sua morte nas "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 24, § 13.º e 14.º. Vide seus feitos no cap. 61, do Liv. IV; tambem é citado no cap. 33, § 9.º.

13) *Leonor Manoel*, já viuva a 7-I-1542, data em que foi outorgante, na Ribeira Grande, n'uma escriptura de venda: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 24, § 6.º.

18) *João Alvares Rodovalho*: ou Ayres Pires Cabral ou Rodovalho (as "Saudades da Terra", dão a Isabel Pires estas duas filiações: Liv. IV, cap. 4.º, § 18; e cap. 22, § 2.º).

20) *Pedro Jorge*: Instituidor de um vinculo e capela em Ponta Delgada, onde morava alem do Mosteiro de S. Francisco, como consta do seu testamento, feito de mão commum com a mulher, a 4-I-1525. Era cavalleiro da Casa

Digitized by Google

1 João Jacinto de Almeida, N. Rabo de Peixe, Ilha de S. Miguel (Açores), c. c. D. Maria Victoria Pereira, N. Parahyba do Sul.

3 Jacinta Miquelina de Brito Ayres, N. São Pedro (Ponta Delgada) (2.ª esposa).

2 Jacinto Ignacio de Almeida, (*) N. Rabo de Peixe. c. 30-VII-1806, na Matriz de Ponta Delgada.

7 Anna Tereza Leonor Machado Dias, N. São Pedro.

6 Antº. de Brito Ayres, N. São Pedro (Ponta Delgada).

5 Ignacia Jacinta Aavares de Mello, N. Fendes da Luz

4 Manoel de Almeida Couto, N. Rabo de Peixe, onde c.

1 Gonçalo do Rego de Souza, n.º 80 da Arvore A (vêr)

3 Jeronyma de Souza, c. a 22-I-1569, na Matriz da Ribeira Grande

2 Cap. Braz do Rego Rodovalho. (*)

7 Catharina de Moura, da cidade de Ponta Delgada (1.ª esposa).

6 Cap. Nuno de Sousa. (*)

5 Maria Jeronyma c. Ilha S. Miguel.

4 Manoel do Rego, "Saudades da Terra", L. 4.º, cap. 8.º, §23; cap. 22.º, §6.º e cap. 74.º.

15

14

13 Leonor Manoel *

12 Balthazar Vaz de Souza *

11 Beatriz de Viveiros, N. Ponta Delgada *

10 Jeronymo Jorge, de Ponta Delgada *

9 Isabel Pires, c. São Miguel (2.ª esposa) *

8 Gonçalo do Rego, o Velho, N. Porto (Portugal) *

31 30 29 28 27 26 25 24 23 22 21 20 19 18 17 16

Digitized by Google

João Vaz do Rego, fidalgo da Casa Real, Vêr "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 22 § 1.º e 2.º	32		64	
			65	
	33		66	
			67	
	34		68	
			69	
	35		70	
			71	
João Alvares Rodovalho *	36		72	
			73	
	37		74	
			75	
Maria Rodovalho	38		76	
			77	
	39		78	
			79	
Pedro Jorge *	40	Jorge Velho *	80	
			81	
	41	Africa Annes *	82	Gonçalo Annes
			83	
Anna Gonçalves *	42	Gonçalo Annes, N. Porto; em 1490 foi para ilha S. Miguel *	84	
			85	
	43	Catharina Affonso, N. Porto; testou a 5-III-1520 em Ribeira Grande *	86	
			87	
Gaspar de Viveiros *	44	Simão de Viveiros, "Saudades da Terra", L.º IV; cap. 27 § 18.º	88	
			89	
	45	Bartholomeu Rodrigues, "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 27, § 6.º	90	
			91	
Isabel Castanho, "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 27.º, § 9.º	46	Beatriz Affonso (1.ª mulher)	92	
			93	
	47		94	
			95	
João de Sousa, armador cavalleiro em Africa. "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 24.º § 1.º e seguintes	48	..... *	96	
			97	
	49	Teresa de Sousa, N. Irlanda, Dama da Rainha D. Leonor	98	
			99	
Isabel Alvares, mulher nobre. "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 24.º, § 3.º	50		100	
			101	
	51		102	
			103	
Manoel Domingues. "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 24.º, § 6.º	52	Manoel Domingues	104	
			105	
	53		106	
			107	
	54		108	
			109	
	55		110	
			111	
	56		112	
			113	
	57		114	
			115	
	58		116	
			117	
	59		118	
			119	
	60		120	
			121	
	61		122	
			123	
	62		124	
			125	
	63		126	
			127	

Digitized by Google

d'El-Rei. Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 8.º, § 1.º, 23.º e seguintes; cap 1.º, § 4.º, cap. 18.º, § 20.º e cap. 31, § 6.º. Casou em Ponta Delgada.

21) *Anna Gonçalves* (a quem Fructuoso chama, erradamente, Catharina Jorge, no Liv. IV, cap. 31, § 6.º, dos "Saudades da Terra") como consta de seu testamento de mão comum, com o marido, feito a 4-I-1525.

22) *Gaspar de Viveiros*: 1.º administrador do vinculo instituido por seu tio paterno, Pedro Affonso de Viveiros, por seu testamento de 1504. Foi da Madeira para S. Miguel, com o dito seu tio. Foi 1.º provedor da Misericordia de Ponta Delgada. Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 5.º, § 11; cap. 8.º, § 23; cap. 24, § 2.º e cap. 27, § 9.º.

40) *Jorge Velho*: Cavalleiro de Africa, sobrinho d'El-Rei de Fez, dos primeiros povoadores da ilha de S. Miguel e da de Santa Maria. Foi convertido ao christianismo pelo Infante D. Henrique, sendo seu padrinho Frei Gonçalo Velho Cabral, descobridor dos Açores, de que tomou o apellido Velho. Vêr "Saudades da Terra", Liv. III; cap. 3.º, t 1.º; e Liv. IV, cap. 8.º, § 1.º e seguintes; cap. 2.º, § 2.º; e cap. 4.º, § 1.º.

41) *Africa Annes*: Veiu de Portugal para a ilha de Santa Maria (onde foi protegida do descobridor e 1.º donatario Frei Gonçalo Velho). Vêr "Saudades da Terra", Liv. III; cap. 2.º, § 4.º, in-fini; cap. 3.º, § 19; cap. 6.º, § 14; Liv. IV, cap. 2.º, § 2.º; cap. 3.º, § 37 e 38; cap. 4.º, § 1.º e cap. 8.º, § 1.º e 1.º bis. Casou 2.ª vez, com Nuno Velho Cabral. 3.ª vez, casou com Pedro Annes d'Alpoim.

42) *Gonçalo Annes*: Vêr "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 8.º, § 23 e cap. 31, § 6.º.

43) *Catharina Affonso*: 2.ª vez, casou com Pedro Velho Cabral. Vêr "Saudades da Terra", cap. 8.º, § 23; cap. 31, § 6.º.

48) ...Um fidalgo (cujo nome Gaspar Fructuoso não soube), morador em Souzel (Portugal) donde veiu desterrado para a ilha de S. Miguel, por ter morto um corregedor. Casou em Lisboa, no Paço: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 24, § 1.º.

NOTAS À ARVORE C:

11) *Briolanja Nunes*, que as "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 8.º, § 7.º dizem ser filha de Africa Annes, mas que os documentos mostram ser nata.

16) *João da Fonte das Côrtes*: Dos primeiros povoadores da ilha de Santa Maria, tambem chamado João da Fonte, o Velho: "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 3.º, § 18; e Liv. IV, cap. 8.º, § 1.º bis, onde lhe chama erradamente Jorge da Fonte.

17) *Inês Afonso*: Da ilha de Santa Maria (irmã de Nestor Jorge). Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 8.º, § 1.º bis; e Liv. III, cap. 3.º, § 18 bis.

22) *Lourenço Anes de Sá Leonardes*: Fidalgo, da Villa da Praia, ilha Terceira: "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 3.º, § 1.º e 19.

23) *Grimaneza Afonso de Melo*: Nobre dama da ilha de Santa Maria, creada e casada pelo donatario João Soares de Albergaria: Vide "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 3.º, § 1.º, 18 e 19.

46) *Nuno Velho Cabral* (ou Travassos): Dos primeiros povoadores da ilha de Santa Maria, para onde veiu, de Portugal, com seu tio, o descobridor dos Açôres, Frei Gonçalo Velho Cabral: Vide "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 2.º, § 4.º; cap. 3.º, § 1.º e seguintes; e cap. 12, § 1.º e 4.º; e Liv. IV, cap. 3.º.

92) *Diogo Gonçalves de Travassos*: Fidalgo, Veador do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e aio dos filhos do mesmo Infante. Jaz sepultado no Mosteiro da Batalha, à porta da capela do fundador, com pedra d'armas sobre a sua

Digitized by Google

sepultura. Vide a obra "Frei Gonçalo Velho", — por Ayres de Sá. Filho de Martim Gonçalves de Travassos e de Catharina Dias de Mello.

93) *Violante Velho Cabral*: Irmã do descobridor dos Açôres e 1.º donatario das ilhas de Santa Maria e São Miguel, Frei Gonçalo Velho Cabral. Vide "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 3.º, § 20; e Liv. IV, cap. 3.º, § 3.º, 12 e 37. — Filha de Fernão Velho, Cavalleiro de Santiago, Alcaide-Mór e Senhor de juro e herdade, da terra de Vallada (Vide a ascendencia destes, na obra de Ayres de Sá, "Frei Gonçalo Velho"; e de Maria Alvares Cabral, da Casa de Belmonte (esta filha de Alvares Gil Cabral, Alcaide-Mór da Guarda e Senhor de Azurara).

NOTAS À ARVORE D:

2) *Capitão Francisco do Rego Cabral Baldaya*: Morador na Ribeira Grande; administrador de vinculos, fidalgo da Casa d'El-Rey. Era viuvo de Ana de Maêda quando, a 20-III-1614, na Matriz de Ribeira Grande, casou com a n.º 3.

4) *Gaspar do Rego Baldaia* ou *Beliago*: Filho natural, de mulher solteira, reconhecido pelo pae e seu herdeiro: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 11; e cap. 22, § 2.º.

14) *João Afonso, o Moço*: Do Faial da Terra, cavalleiro da Casa d'El-Rei, capitão de ordenanças. † no Faial da Terra, a 16-IV-1577, tendo feito testamento a 10-IV-1576, de mão comum com a mulher, em que ambos instituiram vinculo. "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 12, § 6.º e 7.º, e cap. 38, § 14, onde diz, erradamente, que é irmão de João Afonso, o Velho.

16) *Gaspar do Rego Baldaia*: Primogenito, fidalgo da Casa d'El-Rei, nasceu no Porto, d'onde veiu com seu pai para a ilha de S. Miguel. Foi-lhe concedido brazão d'armas, por carta régia de 6-IV-1529 (Vide Visconde Sanches de Baena, "Arquivo Heraldico-Genealógico", 237). Estas armas mandou ele, em sua vida, gravar n'uma campa de marmore, sob que jaz sepultado, na capela da Senhora da Gloria, que edificou na igreja Matriz de Ponta Delgada. Fez testamento a 9-III-1572, em que instituiu um importante vinculo (que seguiu a linha dos Condes de Rego Botelho, seus representantes). Era cavaleiro de Cristo. Vide uma interessante carta sua, à pg. 232, do "Arquivo dos Açôres". Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 22, §2.º e 3.º.

17) *Margarida Pires*: 1.ª esposa, moradora em Ponta Delgada, onde se fez inventario por sua morte, como se vê de uma escritura de conciliação entre seus filhos e netos, feita a 17-XI-1584. Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 19, e cap. 22, § 2.º.

20) *Diogo Nunes Botelho*: Morador em Rosto de Cão, almoxarife e contador da Fazenda Real em todos os Açôres, cavaleiro da Ordem de Cristo. "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 11 e cap. 15, § 15, e cap. 42, § 10, onde se descreve a sua quinta em Rosto de Cão. (A seu irmão, Jorge Nunes Botelho, — sucessor dos vinculos dos pais, — foi concedido brazão d'armas em 1533, cuja carta régia está publicada no "Arquivo dos Açôres", vol. 10, pg. 472).

28) *João Afonso, o Velho*: Do Faial da Terra, capitão de ordenanças, instituidor do passal dos vigarios do Faial da Terra, por testamento de 17-III-1527: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 12, § 7.º; cap. 16, § 12; cap. 24, § 6.º; e cap. 38, § 14 e 16.

34) *Sebastião Gonçalves Botelho*: Morador em Ponta Delgada, onde foi assassinado pelos filhos de Rui Lopes Barbosa: Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 18 e 19; e cap. 22, § 2.º.

35) *Isabel Pires*: A quem Frutuoso chama erradamente Margarida Pires, em Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º § 18 e 19; dando-lhe o seu verdadeiro nome no cap. 22, § 2.º, 6.º, 11 e 22.

Digitized by Google

Arvore "D"

1 Anna da Andrada da Mello

1 Antonio Correia do Rego Sousa (n.º 94, da Arvore A), Sargento-Mór da ilha de Santa Maria, para onde foi em 1635, N. ilha S. Miguel.

3 Ignez da Ponte Rapozo (2.ª esposa), N. Ribeira Grande

2 Cap. Francisco do Rego Cabral Baldaya *

4 Gaspar do Rego Baldaya*, ou Beliago

8 João do Rego Beliago, N. Ponta Delgada, † solteiro, "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 4.º § 11.º, e cap. 22 § 2.º

16 Gaspar do Rego Baldaya *

17 Margarida Pires *

9

18

19

5 Margarida Botelho Cabral, ou Coutinho

10 Manoel Nunes Botelho, de Rosto de Cão: "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 4.º, § 11.º, e cap. 22.º, § 2.º

20 Diogo Nunes Botelho *

21 Isabel Tavares, da Ribeira Grande: "Saudades da Terra", L.º IV.º, cap. 15, § 15.º

11 Hilaria de Lemos, mulher fidalga, "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 4.º, § 11.º

22

23

6 Cap. Pedro da Ponte Rapozo, N. Villa Franca; † 1-VI-1610, em Ribeira Grande; administrador do vinculo: "Saudades", IV, cap. 12.º, § 7.º

12 Sebastião Jacome Rapozo, 3.º administrador do vinculo; † 12-VII-1580, em Villa Franca. "Saudades", IV, cap. 12, § 5.º, 6.º e seg.

24 Jordão Jacome Rapozo, 2.º administrador; † 9-V-1573, em Villa Franca: "Saudades", IV.º, cap. 12, § 4.º, 5.º e seg.

25 Francisca Roiz Cordeiro (1.ª esposa), "Saudades", IV.º, cap. 7.º, § 11.º, e cap. 12, § 5

13 Ignez da Ponte, de Villa Franca do Campo: "Saudades", IV, cap. 12, § 6.º

26 Pedro da Ponte, o Velho, de Villa Franca. Por test.º de 8-VI-1548, instituiu vinculo: "Saudades", IV.º, cap. 6.º, § 10.º, cap. 12 § 6.º, e cap. 16, § 11.º

27 Anna Martins. Testou 23-XII-1559, vinculando: "Saudades", IV, cap. 16, § 11.º

7 Leonor Fagundes Pereira, N. Fayal da Terra; em 1568 solteira: "Saudades", IV, cap. 12.º, § 7.º

14 João Affonso, o moço

28 João Affonso, o Velho *

29 Catharina Manoel: "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 24, § 6.º

15 Brazia Vaz Fagundes, de Agoa do Pau: "Saudades", IV, cap. 38, § 14.º

30

31

Digitized by Google

32	Gonçalo do Rego, o Velho, N. Porto	64	João Vaz do Rego, fidalgo do Porto
		65	
33	Maria Baldaya, N. Porto (1.ª esposa), "Saudades da Terra", L.º IV, cap. 22, § 2.º	66	
		67	
34	Sebastião Gonçalves Botelho *	68	Gonçalo Vaz Botelho, o moço *
		69	Margarida Pires *
35	Isabel Pires *	70	João Alvares Rodovalho. ou Ayres Pires Cabral
		71	Maria Rodovalho
36		72	
		73	
37		74	
		75	
38		76	
		77	
39		78	
		79	
40	Nuno Gonçalves Botelho*, irmão do n.º 68 (vêr)	80	Gonçalo Vaz Botelho, o Grande (pae do 68)
		81	
41	Catharina Roiz Coutinho *	82	
		83	
42	Ruy Tavares *	84	Fernão Annes Tavares *
		85	Isabel Gonçalves de Moraes, nobre da Madeira
43	Leonor Affonso *	86	Francisco Annes, riquissimo ("Saudades", IV.º, cap. 15.º, § 5.º)
		87	
44		88	
		89	
45		90	
		91	
46		92	
		93	
47		94	
		95	
48	Jacome Dias Correia *	96	
		97	
49	Beatriz Roiz Rapozo, 1.ª administradora do vinculo paterno: "Saudades", IV.º, cap. 12, § 4.º	98	Ruy Vaz Gago *
		99	Catharina Gomes Rapozo *
50	João Roiz, feitor d'El-Rey, em S. Miguel. "Saudades", IV, cap. 7.º, § 8.º, 11.º e 18.º, cap. 12, § 5.º	100	
		101	
51	Maria Cordeiro: "Saudades da Terra", IV, cap. 7.º, § 8.º e 11.º	102	Pedro Cordeiro, 1.º Tabelião da ilha S. Miguel
		103	
52		104	
		105	
53	Mór da Ponte: "Saudades", IV.º, cap. 6.º, § 10.º	106	
		107	Elvira Alvares, "Saudades", IV.º, cap. 6.º, § 10.º
54	Martim Annes Furtado de Sousa *	108	
		109	
55	Solanda Lopes, de nobres flamengos, da Madeira: "Saudades", IV.º, cap. 16.º, § 1.º	110	
		111	
56	João Affonso Pimentel *	112	
		113	
57	Isabel Gonçalves, instituiu uma capela em morgado, no Nordeste.	114	
		115	
58	Manoel Domingues	116	
		117	
59		118	
		119	
60		120	
		121	
61		122	
		123	
62		124	
		125	
63		126	

Digitized by Google

40) *Nuno Gonçalves Botelho*: 1.º homem que nasceu na ilha de S. Miguel, por 1460; foi morador em Rosto de Cão, era escudeiro e instituiu um importante vinculo por testamento de 13-X-1534. Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 2.º e seguintes. — E' 4.º avô dos três irmãos Botelhos, que foram os progenitores da familia Arruda Botelho, de São Paulo, como se vê da "Genealogia Paulistana", de Silva Leme, IV, pg. 3 e seguintes.

41) *Catarina Roiz Coutinho*: Nobre, fez testamento a 4-II-1531 (em Rosto de Cão, já muito idosa) pelo qual instituiu um vinculo que, com o do marido, seguiu a linha dos Condes de Botelho. "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 2.º.

42) *Rui Tavares*: Da Ribeira Grande, a quem foi concedida carta de brazão d'armas, por El-Rei D. João III, a 2-XII-1534, — vide "Arquivo Heraldico-Genealógico", do Visconde de Baena, pg. 563. Foi armado cavaleiro em Arzila, onde batalhou nos anos de 1510 a 1511. Foi feito escudeiro por El-Rei D. Manuel, a 10-I-1499. (Vide "Arquivos dos Açôres", V. 102). Foi um dos primeiros juizes ordinarios da Villa da Ribeira Grande, na 1.ª vereação, a 3-IV-1508; † em 6.ª feira das Endoenças, a 12-IV-1559, instituindo vinculo por testamento de 19-V-1558: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 5.º, § 3.º, 5.º e seguintes.

43) *Leonor Afonso*: † na Ribeira Grande a 16-VII-1557, instituindo vinculo por escritura de 16-IV-1553: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 15, § 5.º.

48) *Jacome Dias Corrêa*: Natural do Porto, de onde veiu para S. Miguel (fundador da Casa dos Marquezes de Jacome Corrêa); era escudeiro, e foi morador nos Fanais da Luz, onde morreu a 21-XI-1542; instituiu vinculo por testamento de 14-II-1532: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 12, § 2.º e seg.; e cap. 34, § 4.º.

54) *Martim Anes Furtado de Sousa*: Fidalgo da ilha da Madeira, de onde veiu para a ilha de S. Miguel por 1480; foi morador em Vila Franca, onde instituiu vinculo por testamento feito a 8-VII-1548: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 16, § 1.º e seguintes.

56) *João Afonso Pimentel*: Das Grotas Fundas, 1.º desta familia que veiu para a ilha de S. Miguel, por 1480; diz-se ser descendente dos Pimenteis, dos Condes de Benavente. Instituiu vinculo por testamento de 26-XI-1511, transcrito à pg. 100, do vol. 12 do "Arquivo dos Açôres": "Saudades da Terra", IV, cap. 6.º, § 10; e cap. 38, § 14.

68) *Gonçalo Vaz Botelho, o moço*: Chamado Andarilho, morador em Vila Franca do Campo, onde fez testamento de mão comum com a mulher, a 27-VII-1513, instituindo o vinculo e capela de N. S. da Vida, em Vila Franca (que seguiu a linha reta masculina dos seus descendentes, representada pelos Condes de Botelho). Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 2.º, 18 e 20 FILHO de Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, 1.º povoador da ilha de S. Miguel e 1.º ouvidor do capitão donatario da ilha de S. Miguel; tronco dos Botelhos dos Açôres: Vide "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 2.º, § 7.º; e cap. 4.º, §§ 1.º, 2.º e seguintes. Veiu casado de Portugal, e fez assento na *Povoação*, 1.º povoado desta ilha, por 1460. Vide "Saudades da Terra", cap. 39, § 2.º. E NETO-PATERNO de Pedro Botelho, comendador-mór da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa do Infante D. Henrique: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 2.º. Vide sua ascendencia na nota 1.ª da pg. 3 e seguintes do 4.º volume da "Genealogia Paulistana", de Silva Leme. BISNETO de Diogo Botelho, valido d'El-Rei D. João I e de D. Leonor Afonso Valente (filha de Martim Afonso Valente, alcaide-mór de Lisboa e Senhor do Morgado de Póvoa). TRINETO de Fernão Dias Botelho, alcaide-mór d'Almeida.

69) *Margarida Pires* (ou Isabel Cordeiro, como lhe chama erradamente as "Saudades da Terra"; porém o seu verdadeiro nome consta do testamento que

Digitized by Google

fez com o marido, a 2-VII-1513, em Vila Franca). "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 4.º, § 18; e cap. 7.º, § 5.º.

84) *Fernão Anes Tavares*: Fidalgo de Portalegre, que por causa de umas mortes fugiu para a Madeira e de lá veiu para S. Miguel (com o capitão donatario Rui Gonçalves da Camara, 1.º do nome, por 1475), onde viveu na Ribeira Sêca, da Ribeira Grande: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 15, §§ 1.º, 2.º e 3.º.

98) *Rui Vaz Gago*, o do Tracto: Natural de Beja, de onde veiu para a ilha de S. Miguel por 1480, muito rico, morador nos Fenais da Luz; instituiu um grande vinculo por testamento de 18-X-1493: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 12, § 1.º, 2.º e seguintes; e cap. 13, § 7.º. FILHO de Lourenço Anes Gago, fidalgo de Beja.

99) *Catarina Gomes Raposo*: De Portugal; fez testamento a 29-IV-1518, sendo casada 2.ª vez com João do Outeiro: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 12 e 13.

NOTAS À ARVORE E:

6) *Fernão Vaz Falciro*: Morador da ilha de Santa Maria (irmão dos fundadores do Convento de Santa Maria Madalena, da Vila do Porto, Padre Manuel Curvêlo de Rezendes e Capitão Antonio Curvêlo de Rezendes). Foi escrivão da Camara da Vila do Porto e figura na escritura da instituição do dito convento, feita a 3-II-1594.

7) *Margarida de Andrade Alpoim*: Da ilha de Santa Maria; consta da escritura de instituição do convento da Madalena, da Vila do Porto. Vide "Arquivo dos Açôres", vol. 13, pg. 554.

12) *Francisco Curvêlo (II.º)*: Fidalgo da Casa d'El-Rei; da ilha de Santa Maria. Jaz sepultado na Matriz da Vila do Porto, entre as duas naves, da porta travessa do sul para cima: "Saudades da Terra", Liv. IV, cap. 32, § 19.

13) *Filipa Falciro de Rezendes*: (irmã da capitôa Jordôa Falciro, mulher do capitão donatario da ilha de Santa Maria, João Soares de Sousa): Saudades da Terra", Liv. III, cap. 14, § 9.º.

24) *Francisco Curvêlo (I.º)*: (irmão de Genes Curvêlo, a quem o Infante D. Henrique se refere no seu testamento, publicado no 1.º volume do "Arquivo dos Açôres". Vide "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 2.º, § 4.º.

104) *Vasco Falciro*: Fidalgo da Covilhã; *filho* de Estacio Falciro, alcaide-mór de Serpa, no tempo de D. Fernando, rei de Portugal (em 1367); *neto* de Domingos Vicente Falciro, fidalgo que primeiro usou deste apelido: Vivia em Lisboa por 1330.

118) *Pedro Anes de Alpoim*: Fidalgo de origem francêsa, dos primeiros povoadores de Santa Maria: "Saudades da Terra", Liv. III, cap. 3.º, § 1.º e 23; e cap. 5.º, § 3.º.

119) *Africa Anes*: Viuva de Jorge Velho e de Nuno Velho Cabral. *Filha* de Gonçalo Anes, de Sermandessa.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Sr. João Gumercindo Guimarães, Presidente do "Centro de Cultura Intellectual", de Campinas:

"...valioso elemento de formação moral para os moços de nosso Departamento Estudantino, que é a *Revista...*".

Digitized by Google

GALERIA DOS SOCIOS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Já publicado: 1) Desembargador Afonso José de Carvalho; 2) Comendador Antonio Pompêo de Camargo.

3) DR. ANTONIO DE ARAUJO DE ARAGÃO BULCÃO SOBRINHO

Neto dos Barões de São Francisco, bisneto dos de Rio de Contas e Itaporórócas. N. no Municipio de São Francisco. Escritor, jornalista, historiador e genealogista. Fez parte da redação dos seguintes jornais na Baia: *"O Jornal Moderno"*, *"O Democrata"*, *"O Imparcial"*, *"A Capital"*, *"A Noite"* e *"O Jornal"*. Já exerceu os seguintes cargos, na Baia: Oficial da Secretaria do antigo Senado; Chefe da Seção de Redação de Debates do mesmo Senado; Oficial de Gabinete da Interventoria Leopoldo do Amaral; Prefeito do Municipio de Itaparica, por nomeação do Governo e eleição popular, de 3 de dezembro de 1931 a 22 de dezembro de 1937; Inspetor do Museu e dos Monumentos do Estado, cargo em que foi ultimamente aposentado, Professor de Matematica dos Ginasios do SS. Sacramento, Antonio Vieira e Liceu Salesiano do Salvador.

Dr. Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho

Tem no prélo: *"Minha Familia"* (familia Bulcão e suas ligações com as familias Vicente Viana, Moniz, Cavalcanti de Albuquerque, Vilas Boas, Araujo Góes, Diogo Alvares, Pires de Carvalho, Machado Velho e outros) e *"Os Tres Barões de S. Francisco"* (biografias, descendencia e estudo sobre a vida dos mesmos).

Casado com D. Guiomar de Ataide Uzêda, filha de Manoel Martins Uzêda e de D. Joaquina de Ataide.

4) DR. JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS

José Augusto Bezerra de Medeiros nasceu a 22-9-1884, na cidade do Caicó, Estado do Rio G. do Norte, sendo filho legitimo de Manuel Augusto Bezerra de Araujo e D. Candida Olindina de Medeiros. Fez o curso primarios nas cidades de Acary, Caicó e Natal, todas do Rio G. do Norte.

Digitized by Google

Fez o curso secundario no Atheneu Norte — Riograndense, em Natal. Fez o curso juridico na Faculdade de Direito do Recife, recebendo o gráo em 1-12-1905. Foi orador da sua turma, de que foi paranympho o Professor Clovis Bevilaqua. Occupou no Rio Grande do Norte os seguintes cargos politicos: Procurador da Republica, Professor do Atheneu, (cadeiras de Geographia, Historia Universal e do Brasil, instrucção civica e direito usual), diretor do Atheneu, diretor geral da Instrucção Publica, (interinamente), Chefe de Policia, (interino), Secretario geral do Estado, Deputado estadual (*leader* da Assembléa). No Rio de Janeiro occupou os seguintes cargos: Fiscal do governo junto ao Collegio Abilio, (1907), Deputado Federal, (1915 a 1923), 1.º Secretario da Camara Federal, (1921-1922). Vice Presidente da Camara Federal, (1923), Senador Federal, (1928 a 1930), Deputado Federal, (1935 a 1937).

Foi Presidente do Estado do Rio Grande do Norte de 1.º de Janeiro de 1924 a 1.º de Janeiro de 1928.

Foi fundador no Rio de Janeiro da Federação Nacional da Sociedade Redacção, que presidiu.

Membro das seguintes sociedades:

Correspondente: do Museu Social Argentino, (de Buenos Aires).

Honorario: do Instituto do Ceará (de Fortaleza).

Benemerito: do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte (Natal).

E' tambem socio efetivo e conselheiro do Instituto Genealogico Brasileiro e Presidente da Secção do Rio Grande do Norte.

Casou-se no Rio de Janeiro em 1.º de Setembro de 1917 com D. Alice de Godoy Bezerra, filha do engenheiro Candido José de Godoy e d. Delfina Ferrando de Godoy. Filhos:

1 — Agronomo Candido José de Godoy Bezerra, n. no Rio de Janeiro em 17-9-1918.
2 — Manoel Augusto de Godoy Bezerra, n. no Rio em 23-11-1919, academico de Direito.
3 — Marina de Godoy Bezerra, n. no Rio em 24-12-1920.
4 — José Augusto de Godoy Bezerra, n. no Rio em 3-7-1926, estudante do curso ginasial.

Livros de sua autoria:

1 — Pela Educação Nacional — Rio, 1918.
2 — Eduquemo-nos — Rio, 1922.
3 — A Representação Profissional nas democracias — Rio, 1933.
4 — O Ante-projeto da Constituição em face da democracia — Rio, 1934.
5 — Dois discursos — Natal, 1935.
6 — Porque sou parlamentarista — Rio, 1937.
7 — Familias seridóenses — Rio, 1940.
8 — Aos Homens de bem (panfleto politico) — Natal, 1924.

Fundou e dirigiu as revistas:

1 — A Educação (1922 a 1924) — Rio.
2 — Revista Brasileira de Educação (1929 a 1930) — Rio.

Digitized by Google

1 Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, Senador e Presidente de Rio G. Norte

2 Manoel Augusto Bezerra de Araujo

3 Candida Olindina de Medeiros

4 Silvino Bezerra de Araujo Galvão

5 Maria Feloronia de Araujo

6 José Bernardo de Medeiros

7 Paulina Engracia de Medeiros

8 Cipriano Bezerra Galvão

9 Isabel Candida de Jesus

10 Cipriano Lopes Galvão (IV.º)

11 Ana Marcolina de Jesus

12 João Felipe de Medeiros

13 Joana Porfiria de Medeiros

14 Joaquim Apolinar Pereira de Brito

15 Maria Isabel Fernandes

16 Cipriano Lopes Galvão (III.º)

17 Tereza Maria José (II.ª)

18 Antonio Pereira de Araujo

19 Maria José de Araujo

20 Cipriano Lopes Galvão (III.º), n.º 16

21 Tereza Maria José, n.º 17

22 Antonio Pereira de Araujo, n.º 18

23 Maria José de Araujo, n.º 19

24 João Garcia de Araujo

25 Maria Francisca

26 Sebastião José de Medeiros

27 Maria Francisca do Espirito Santo

28 Joaquim de Sant'Ana Pereira

29 Maria Tereza das Mercês

30 Cosme Damião Fernandes

31 Isabel Maria de Araujo Fernandes

Digitized by Google

32 Cipriano Lopes Galvão (II.º)
33 Vicencia Lins de Vasconcelos

34 José Bezerra de Menezes
35 Maria Borges do Sacramento

36 João Damasceno Pereira
37 Maria dos Santos Medeiros

38 Tomaz de Araujo Pereira (III.º) 1765, † 1847.
39 Tereza de Jesus

40 Cipriano Lopes Galvão (II.º), n.º 32
41 Vicencia Lins de Vasconcelos, n.º 33

42 José Bezerra de Menezes, n.º 34
43 Maria Borges dó Sacramento, n.º 35

44 João Damasceno Pereira, n.º 36
45 Maria dos Santos Medeiros, n.º 37

47 Tereza de Jesus, n.º 39
46 Tomaz de Araujo Pereira (II.º), n.º 38

48 Martinho Garcia de Araujo
49 Vicencia

50 José Inácio de Matos
51 Quiteria

52 Alexandre Manoel de Medeiros
53 Antonia Gomes

54 Antonio de Medeiros
55 Maria Francisca do Sacramento

56
57 Clara Maria dos Reis

58 Manoel da Anunciação Lira
59 Ana Filgueira de Jesus

60 André José Fernandes
61 Luiza Maria de Jesus

62 Felipe de Araujo Pereira
63 Josefa Dantas Corrêa

64 Cipriano Lopes Galvão (I.º)
65 Adriana de Holanda Vasconcelos

66 Francisco Cardoso dos Santos
67 Tereza Lins de Vasconcelos

68 Antonio Bezerra de Sousa
69 Tereza Maria José (I.ª)

70 Jeronimo Borges da Fonseca
71 Brigida Maria

72 Tomaz de Araujo Pereira (I.º)
73 Maria da Conceição Mendonça

74 Rodrigo de Medeiros
75 Apolonia Barbosa

76 Tomaz de Araujo Pereira (II.º)
77 Tereza

78 Antonio Garcia de Sá Barroso
79 Ana Lins de Vasconcelos

80 Cipriano Lopes Galvão (I.º), n.º 64
81 Adriana de Holanda Vasconcelos, n.º 65

82 Francisco Cardoso dos Santos, n.º 66
83 Tereza Lins de Vasconcelos, n.º 67

84 Antonio Bezerra de Sousa, n.º 68
85 Tereza Maria José, n.º 69

86 Jeronimo Borges da Fonseca, n.º 70
87 Brigida Maria, n.º 71

88 Tomaz de Araujo Pereira, n.º 72
89 Maria da Conceição Mendonça, n.º 73

90 Rodrigo de Medeiros, n.º 74
91 Apolonia Barbosa, n.º 75

92 Tomaz de Araujo Pereira, n.º 76
93 Tereza, n.º 77

94 Antonio Garcia de Sá Barroso, n.º 78
95 Ana Lins de Vasconcelos, n.º 79

96 João Garcia do Amaral
97 Helena de Araujo

98 Sebastião de Medeiros
99 Antonia de Morais Valcacer

100
101

102 Sebastião de Medeiros, n.º 98
103 Antonia de Morais Valcacer, n.º 99

104 Sebastião de Medeiros, n.º 98 e 102
105 Antonia de Morais Valcacer, n.º 99 e 103

106 Cosme Gomes de Alarcão
107 Maria da Conceição

108 Rodrigo de Medeiros, n.º 74 e 90
109 Apolonia Barbosa, n.º 75 e 91

110 João Garcia do Amaral, n.º 96
111 Helena de Araujo, n.º 97

112
113

114 Antonio Pais de Bulhões
115 Ana de Araujo Pereira

116
117

118 Manoel Carneiro de Freitas
119 Delfina Filgueiras de Jesus

120 Antonio Fernandes Pimenta
121 Josefa Maria da Encarnação

122 Manoel da Anunciação Lira, n.º 58
123 Ana Filgueiras de Jesus, n.º 59

124 Tomaz de Araujo Pereira, n.º 76 e 92
125 Tereza, n.º 77 e 93

126 Caetano Dantas Corrêa
127 Luiza Maria do Espirito Santo

Digitized by Google

27) Academia Riograndense de Letras

28) Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

DEFINIÇÕES DE EX-LIBRIS:

Anais das Bibliotecas e Arquivos (n.º 24):

"Qualquer marca possessoria de um livro. Em especial dá-se este nome a essas marcas, quando constituidas por gravuras coladas no volume".

Anibal Fernandes Tomás, "Ex-libris Ornamentais Portugueses", (Porto, 1905):

"*Ex-libris*: distintivos ou sinais de posse, gravados ou impressos e colados pelos bibliófilos ou corporações, nos seus livros".

Armando de Mattos, "Archivo Nacional de Ex-Libris" (Lisboa, 1927):

"*Ex-libris* é um indicativo de propriedade, uma marca de posse bibliografica, que vai desde o nome do possuidor, manuscrito na capa, folha-de-guarda ou primeiras folhas do volume, até à folha-solta, de papel, pano ou pele, de mais ou menos reduzidas dimensões, onde estão manuscritos ou impressos desenhos ou dizeres e que aparecem apostos geralmente no ante rosto do volume encadernado ou brochado (quando não é intercalado na encadernação, antes da primeira folha); abrangendo ainda desenhos e dizeres, gravados a oiro ou a sêco, nas pastas e lombadas das encadernações, ou pintados em pele ou marfim, ou ainda abertos a buril em chapas de metal, e que são apostos na parte anterior do volume, nos locais indicados".

Dicionario Portugal:

"*Ex-libris*: Por estas duas palavras latinas, se designam certas vinhetas, etiquetas, com um nome, iniciais ou monograma, usadas por alguns bibliófilos nos livros que possuem, e as quais são em geral colocadas na guarda interior do volume, isto é, no verso da pasta da frente. Consistem num pedaço de pele, ou mais vulgarmente de papel, tendo impresso o nome do possuidor do livro, acompanhado muitas vezes do seu brasão, de uma divisa ou de quaisquer ornamentos".

Digitized by Google

29) Instituto Historico de Ouro Preto

30) Instituto Historico do Rio Grande do Sul

E. Rouveyre:

"*Ex-libris* é uma etiqueta, ordinariamente gravada ou impressa, de dimensões variaveis, que geralmente se cola na primeira pagina interior da encadernação".

Dr. Graesel, Bibliotecario em Berlim ("Manual de Bibliothéconomie"):

"*Ex-libris* são armas, figura ou desenho alegorico acompanhado de uma legenda ou mesmo só uma legenda".

Joaquim de Araujo, "Arquivo de Ex-Libris Portugueses" (Genova, 1901 a 1908):

"*Ex-libris,* pertence, sigla bibliotecaria, ou como melhor lhe queiramos chamar, é a rubrica demonstrativa da propriedade da especie bibliografica a que anda conjugada".

Lambert:

"O *ex-libris* é o brasão dos nossos tempos igualitários".

Martinho da Fonseca, "Noticia dos ex-libris portugueses" (1902):

"*Ex-libris* é tudo quanto possa designar o possuidor de uma biblioteca".

31) Instituto Oswaldo Cruz

32) Ministerio da Educaçãc e Saude

Digitized by Google

26) **Francisco de Assis Carvalho Franco.** Desenho e concepção de Costa Ferreira. — Lithographado a cores. — Francisco de Assis Carvalho Franco nasceu em São Paulo, Capital, a 29 de abril de 1886 e formou-se pela respectiva Faculdade de Direito, em 1908. Seguiu a carreira policial e é presentemente Delegado Especialisado de Segurança Pessoal, do Gabinete de Investigações. Dedicando-se tambem a estudos historicos e genealogicos, já publicou as seguintes obras, algumas das quaes foram premiadas: — "Os companheiros de d. Francisco de Sousa". — "Os Camargos de São Paulo". — "Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo". — "Os capitães-mores vicentinos". — "O titulo dos Arrudas Botelhos". — Tem collaborado em varias revistas e jornaes, tendo trabalhos na "Feira Literaria", "Revista do Inst. Hist. de São Paulo", "Cigarra", "Cruzeiro", "Revista de Estudos Genealógicos", "Revista Genealógica Brasileira", "Revista do Archivo Municipal de São Paulo", "Estado de São Paulo", "Correio Paulistano" e "Folha da Manhã". — E' membro honorario da Sociedade Capistrano de Abreu, socio effectivo do Inst. Historico de São Paulo, socio honorario do Instituto Genealogico do Rio Grande do Sul, membro do Grande Conselho do Instituto Heraldico-Genealógico de São Paulo e socio effectivo e conselheiro do Instituto Genealógico Brasileiro.

Digitized by Google

9) **Luiz de Toledo Lara, dr.,** filho do Conde Antonio de Toledo Lara (1864, † 1935). O *Ex-libris* é o brazão do Conde, sem a corôa e compõe-se dos escudos das familias Toledo e Lara.

Digitized by Google

COLEÇÃO DE EX-LIBRIS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Já publicamos os seguintes: 1) Alfredo Penteado Filho. 2) Amadeu Saraiva. 3) Americo Jacobina Lacombe. 4) Biblioteca Municipal (de São Paulo). 5) Clado Ribeiro de Lessa. 6) Estevam de Almeida. 7) Fernando Guedes Galvão. 8) Francisco Marques dos Santos. 9) Luiz de Toledo Lara. 10) Nelson Coelho de Senna. 11) Olyntho Sanmartin. 12) Osvaldo Rodrigues Dias. 13) Paulo de Mello Rezende. 14) Ricardo Gumbleton Daunt. 15) Rubens Borba Alves de Morais. 16) Sebastião Pagano. 17) Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos. 18) Walter Spalding. 19) Arthur de Vasconcelos Outiz. 20) Domingos Laurito. 21) Antonio Paim Vieira. 22) Eduardo Prado. 23) A. Lemos Torres. 24) Roberto Donati. 25) Salvador de Moya. 26) Francisco de Assis Carvalho Franco. Solicitamos dados biograficos, mesmo dos já publicados.

33) Abrahão de Carvalho

34) Alfredo Pujol

27) **Academia Riograndense de Letras.**
28) **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.**
29) **Instituto Histórico de Ouro Preto.**
30) **Instituto Histórico do Rio Grande do Sul.**
31) **Instituto Osvaldo Cruz.**
32) **Ministério da Educação e Saude.**
33) **Abrahão de Carvalho,** do Rio de Janeiro, critico musical e possuidor da maior melotheca do Brasil. O *ex-libris* é composição e desenho de Carlos Osvald.
34) **Alfredo Pujol,** nasceu a 20-III-1865, em São João do Principe (hoje S. João Marcos), Estado do Rio; † a 20-X-1930, em S. Paulo. Deputado, advogado,

Digitized by Google

35) Dr. Gama Rodrigues

36) Belisario Penna

jurisconsulto, homem de letras, orador e politico parlamentar. Foi Secretario de Estado. Vêr sua biografia na *Revista Genealógica Brasileira,* I, 319 e a genealogia na pg. 192 da mesma.

35) **Dr. Antonio da Gama Rodrigues,** medico, brasileiro, formado em Coimbra. Genealogista, politico em Lorena, onde desempenhou todos os cargos de eleição popular, inclusive o de Deputado. Membro de varias instituições culturais, entre elas o *Instituto Genealógico Brasileiro,* do qual é Conselheiro e Benemerito. Tem em preparo uma importante obra genealogica: "Gens Lorenensis". Filho de Antonio Joaquim Rodrigues e de D. Rosa Clotilde da Gama Rodrigues.

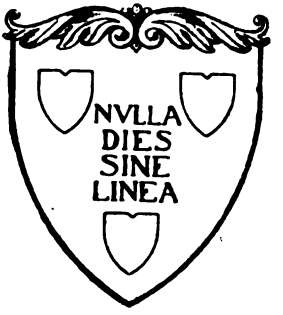
36) **Belisario Penna.** O dr. Belisario Augusto de Oliveira Penna, nasceu a 29-XI-1869, em Barbacena (Minas) e † a 8-XI-1939, em sua fazenda de Santa Barbara, em Sacra Familia, no Estado do Rio. Higienista, medico, Ministro da Educação, discipulo de Oswaldo Cruz. Publicou varias obras. Filho dos Viscondes de Carandaí. (Vêr *Anuario Genealógico Brasileiro,* II, 113).

37) **Belmonte.** Pseudonimo de Benedicto Bastos Barreto. Historiador, jornalista, caricaturista. Publicou: Angústias de Juca Pato; O Amor Através dos séculos; Assim Falou Juca Pato; Idéias de João Ninguem e No Tempo dos Bandeirantes.

38) **Elvino Pocai,** nasceu a 8-XI-1885, em Luca (Italia), filho de Guilherme Pocai e de D. Josefina Orlandi. Veiu para o Brasil com 4 anos de idade, nos primeiros dias de Novembro de 1889, antes da Proclamação da Republica. Tem Biblioteca selecionada. A legenda latina do seu *ex-libris "NVLLA DIES SINE LINEA",* quer dizer *nenhum dia sem labor.* No campo figuram tres escudos simbolizando a arte grafica aplicada a industria, alusão ao Sr. Pocai ser proprietario de uma tipografia artistica, especializada em artigos finos, de luxo.

Digitized by Google

37) Belmonte



38) Elvino Pocai

39) **Eurico de Góes,** nasceu na Baía, em 1879, † em março de 1938, em S. Paulo, tendo sido escritor e Diretor da Biblioteca Publica Municipal. Escreveu: 1) Flor de Neve (novela, S. Paulo, 1918); 2) Os Symbolos Nacionais (S. Paulo, 1908); 3) A Corrente filosofica do seculo (1.ª ed., 1912 e 2.ª, 1926, S. Paulo); 4) Horas de Lazer (Rio de Janeiro, 1912); 5) Valor da Instrução (S. Paulo, 1918); 6) Sob a Metralha... (S. Paulo, 1924); 7) A Bandeira Positivista (S. Paulo, 1927); 8) O Espiritualismo na India e a Filosofia Vedanta (prefacio de um livro de igual titulo); 9) O Culto e o Amor ao Livro (S. Paulo, 1932); 10) Heroinas Paulistas (S. Paulo, 1932); 11) Uma festa á Luis XV (Rio de Janeiro, 1934); 12) Bandeira e Armas do Brasil (S. Paulo, 1935); e 13) Roma Triunfal (S. Paulo, 1937).

40) **Gastão Penalva** (pseudonimo de Sebastião de Sousa), nasceu no Rio de Janeiro, 1-XI-1887. Oficial de Marinha, escritor e jornalista. Filho de Ernesto

39) Eurico de Góes

40) Gastão Penalva

Digitized by Google

41) Henrique Boiteux

42) Hernani de Campos Seabra

de Sousa e de D. Ana Amaral de Sousa. Fundador do Instituto Histórico de Ouro Preto. Socio correscondente do Instituto Historico e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Escritor, com 18 obras publicadas. Pertence ao Instituto Genealógico Brasileiro.

41) **Almirante Henrique Boiteux.** *Ex-Libris* idealisado pelo autor. Quiz o destino que no mar se formasse sua mentalidade. Para representá-la buscou na simbiologia heraldica os elementos para a sintese. Assim, tomou para base uma ROCHA (*constancia, animo firme e constante*), que descança no fundo do mar. Sobre éla creceu um RAMO DE CORAL (*esforço proprio, feito por si, sem auxilio alheio*), o qual aflorou á superficie do mar, isto é ao maximo nivel da carreira que seguiu. Sôbre êle veiu repousar um SALVA-VIDAS (*altivez, insubmissão*). Sobre este descança um livro, expressão de suas locubrações, encimado pelos emblemas de sua carreira naval.

O anagrama — O QUE EXIBI NUTRE — é o resultado de pesquiza pacientemente feita, combinando a totalidade, sem repetição, das letras de seu nome.

42) **Hernani de Campos Seabra,** nasceu a 13-XII-1905, em Tatuí; lavrador e bibliofilo. Descendente das familias Pires de Campos e Melo Franco. Xilogravura executada por Adolf Kohler. O cavaleiro andante em demanda do castelo, simbolisa o homem já desiludido do mundo — representado pela cidade ao fundo — à procura de seu Ideal: — o castelo dos seus sonhos. Quanto à frase que se lê acima, é de Renan. Por um motivo de ordem sentimental, foi colocada no *ex-libris,* por lembrança do poeta Martins Fontes.

43) **Inácio da Costa Ferreira,** advogado, delegado de policia especializado. Foi Secretario da Segurança Publica. Filho de Heliodoro Antonio da Costa Ferreira e de D. Alexandra da Fonseca. Socio do Instituto Histórico de S. Paulo e do Instituto Genealógico Brasileiro. Colecionador de *ex-libris.* Cavalleiro Oficial da Coroa de Italia.

44) **João Maria Ferreira Sarmento Pimentel,** português, filho de Leopoldo Ferreira Sarmento Pimentel de Lacerda. Capitão do Exercito Português, reformado, tendo combatido na grande guerra. Diretor da Biblioteca do Club Português de S. Paulo. *Ex-libris* com o timbre dos Ferreiras e o verso dos Lusiadas: "De nada a forte gente se temia". Desenho de Teodoro Braga.

Digitized by Google

43) Inácio da Costa Ferreira

44) João Maria Ferreira Sarmento Pimentel

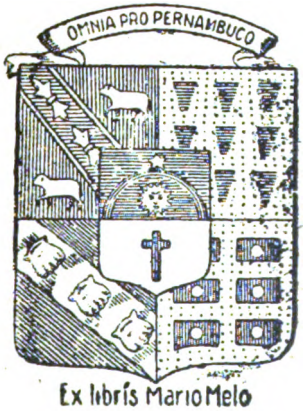
45) João Pedro Leão de Aquino

45) **João Pedro Leão de Aquino, dr.,** natural do Rio de Janeiro, onde é medico operador. Desenho de autoria do falecido professor de desenho da Escola Nacional de Belas-Artes, Modesto Brocos.

46) **Dr. Luiz Sergio Thomaz,** advogado, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo; da Ordem dos Advogados e do Instituto Genealógico Brasileiro. Colecionador de *Ex-Libris*. Filho de Pedro Pacifico Thomaz e de D. Deolinda Maria de Almeida Thomaz.

47) **Mario Carneiro do Rêgo Melo,** nasceu em Pernambuco, onde reside e faz parte do Instituto Histórico. Pelo lado paterno descende das familias Rêgo Barros e Melo; pelo materno de Carneiro da Cunha. Organizou o *ex-libris* com

46) Dr. Luiz Sergio Thomaz



47) Mario Carneiro Melo

48) Renato Kehl

Digitized by Google

49) Ricardo Gumbleton Daunt (neto)

50) Walter Spalding

as armas das familias Carneiro da Cunha, Rêgo e Melo. Ao centro, num escudete, a bandeira republicana de Pernambuco, em 1817.

48) **Dr. Renato Kehl.** O Dr. Renato Kehl adotou o presente *ex-libris,* em 1925. A propósito dessa adoção, disse o seguinte: "Tomei como tema para a elaboração do meu *ex-libris* a atitude que venho mantendo há longos anos de doutrinador impenitente em pról da regeneração do homem pela eugenia. Quando ainda mal se conheciam no país as concepções de Galton, já me havia alistado entre os batalhadores dêste ideal, fundando em São Paulo a Sociedade Eugênica e, depois, na Capital Federal, a Comissão Central Brasileira de Eugenia, as quais constituiram, não só no Brasil, como no Continente-Sul-Americano, os primeiros centros irradiadores dos preceitos eugênicos. O *ex-libris* em questão, foi desenhado em 1925 pelo artista alemão Barão Puttkamer, então residente no Rio de Janeiro.

Como se depreende, ao primeiro exame, a figura representa a arrancada de um idealista para uma humanidade melhor, guiada e iluminada pela ciência".

O Dr. Renato Kehl nasceu em Limeira, Estado de São Paulo, em 22 de Agosto de 1889. Formou-se em 1909 em farmácia, pela Faculdade de Farmácia da Universidade de São Paulo e, posteriormente, em 1915, recebeu o grau de doutor em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (Capital Federal).

49) **Ricardo Gumbleton Daunt,** advogado, escritor e historiador. Nasceu em 1893, neto do velho Ricardo Gumbleton Daunt (1818-1893), fundador da familia no Brasil. E' diretor do Gabinete de Identificação de S. Paulo.

50) **Walter Spalding,** escritor, secretario do Instituto Histórico do Rio Rio Grande do Sul. Diretor do Arquivo, Biblioteca e Boletim da Prefeitura de Porto Alegre. Da Academia Riograndense de Letras. Desenho do Prof. Francisco Bellanca. Zincografia. — Adoptado desde 1935. A interpretação é clara e dispensa qualquer nota. O desenho foi creação exclusiva do prof. Bellanca.

Digitized by Google

SEÇÃO DE TROCA DE EX-LIBRIS

Inauguramos no numero 2 uma seção de troca de *Ex-Libris*. Os colecionadores que registrarem seus nomes nesta seção terão direito a pedir, por seu intermedio, os *Ex-Libris* que lhes faltem e o Instituto se encarregará de obter. (Mesmo que não estejam mencionados nas duplicatas).

I — São colecionadores de Ex-Libris:

Alfredo Penteado Filho, Americo Jacobina Lacombe, Arthur de Vasconcellos, Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), Clado Ribeiro de Lessa, Domingos Laurito, Francisco de Assis Carvalho Franco, Francisco Marques dos Santos, Gastão Penalva, Ignacio da Costa Ferreira, Instituto Genealógico Brasileiro, José Heitgen, Nelson Coêlho de Senna, Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha, Paulo José Pires Brandão, Ricardo Gumbleton Daunt, Salvador de Moya, Antonio Simões dos Reis, Arnaldo Nunes, Damião Ribeiro de Moura, Prof. Henri de Lanteuil, Luiz Felipe de Castilhos Goycochêa, Dr. Orlando Guerreiro de Castro, dr. José Bueno de Oliveira Azevedo Filho, Comendador Nuno Lopo Smith de Vasconcelos e Dr. Vasco Smith de Vasconcelos.

II — Duplicatas: Já temos em deposito, para trocar, Ex-Libris **de:**

Alfredo Penteado Filho, Americo Jacobina Lacombe, Arnaldo Monteiro, Clado Ribeiro de Lessa, Damião Ribeiro de Moura, Francisco de Assis Carvalho Franco, Francisco Marques dos Santos, Gastão Penalva, Ignacio da Costa Ferreira, Nelson Coêlho de Senna, Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha, Paulo José Pires Brandão, Salvador de Moya, Antonio da Gama Rodrigues, Renato Kehl, Olyntho Sammartin, Hernani de Campos Seabra, Domingos Laurito e Walter Spalding.

III — Desejam, por nosso intermedio, obter Ex-Libris **dos Senhores:** (pedimos remeter á redação, que dará destino).

Antonio Paim Vieira, A. Lemos, Almachio Dinís, Biblioteca Municipal de S. Paulo, Barão do Rio Branco, Caetano Bussolari, Collegio Heraldico Argentino, Fernando Guedes Galvão, Honorio Silvestre, José Bueno de Oliveira Azevedo Filho, L. de Azevedo Pena, Luiz Felipe de Castilhos Goycochêa, Nuno Lopo Smith de Vasconcellos, Olyntho Sanmartin, Paulo T. Barreto, Roberto Donati, Ricardo Gumbleton Daunt (avô e neto), Sebastião Pagano e Vasco Joaquim Smith de Vasconcellos.

IV — Coleções. Aqui publicaremos o que compõem cada coleção individual (dos colecionadores):

2) *Coleção do Dr. Vasco Smith de Vasconcelos:* 1 — A. C. d'Araujo Guimarães; 2 — A. Childe; 3 — Abrahão Carvalho; 4 — Alfredo Penteado Filho; 5 — Almachio Diniz; 6 — Alvaro Moreira; 7 — Americo Jacobina Lacombe; 8 — Anny Weiss; 9 — Armando Magalhães Corrêa; 10 — Arnaldo Monteiro; 11 — Augusto Prestes (Comendador); 12 — Barão de Vasconcellos (2.º); 13 — Barão de Vasconcellos (3.º); 14 — Baronesa de Vasconcellos (2.ª); 15 — Belisario Penna; 16 — Biblioteca Militar do Rio de Janeiro; 17 — Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; 18 — Biblioteca Nacional (D. Teresa Cristina); 19 — Biblioteca Publica do Estado do Rio; 20 — C. de Mello Leitão; 21 —

Digitized by Google

C. da Veiga Lima; 22 — Candido de Oliveira (Conselheiro); 23 — Carmo de Mello Coutinho; 24 — Cardillo Filho; 25 — Celso Bayma; 26 — Clado Ribeiro Lessa; 27 — Clèomenes de Campos; 28 — Corrêa Dias; 29 — Damião Ribeiro de Moura; 30 — Domingos Laurito (Comendador); 31 — Dom Pedro II.º; 32 — Elmano Lage; 33 — Federação Espirita Brasileira; 34 — Fernando Guedes Galvão; 35 — Firmino Borba (General); 36 — Francisco de Assis Carvalho Franco; 37 — Francisco Marques dos Santos; 38 — Garcia Saraiva; 39 — Gastão Penalva; 40 — Henri de Lanteuil; 41 — Hermes da Fonseca Filho; 42 — Jacques Raymundo Ferreira de Oliveira; 43 — Janies e Lisa Magnus; 44 — João Ribeiro Pinheiro; 45 — José Bueno de Oliveira Azevedo Filho; 46 — Julio Zamith; 47 — Lilelotte Magnus; 48 — Manoel Mesquita Santos; 49 — Mario de Oliveira Brandão; 50 — Ministério das Relações Exteriores (*); 51 — Museu Nacional; 52 — Nelson de Senna; 53 — Nogueira de Carvalho; 54 — Nuno Smith de Vasconcellos; 55 — Oldemar Albernaz de Oliveira Cunha; 56 — Olyntho Sanmartin; 57 — Onestaldo Pennafort; 58 — Oskar e Hilde Kowsmann; 59 — Paulo José Pires Brandão; 60 — R. Prentice; 61 — Rodrigo Smith de Vasconcellos; 62 — Salvador de Mendonça (Dr.); 63 — Salvador de Moya (Coronel); 64 — Silva Lobato; 65 — Silverio Pereira da Silva Lapa; 66 — Simões Corrêa; 67 — Solidonio Leite; 68 — Vasco Smith de Vasconcellos; 69 — Walter Freudlich; 70 — Walter Spalding; 71 — A. de Faria (Visconde).

* Mapoteca.

V — **Dados biograficos. Desejamos dados biograficos das seguintes pessoas:**

Arnaldo Monteiro, Paulo José Pires Brandão, Ricardo Xavier da Silveira, Gastão Penalva, A. Lemos Torres, Almachio Dinís, Caetano Bussolari, Damião Ribeiro de Moura, Honorio Silvestre, Ignacio da Costa Ferreira, Jean Randaxhe, João Sarmento Pimentel, Leonam de Azevedo Penna, Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha e Roberto Donati.

VI — **Artistas (idealisadores de** ex-libris **ou desenhistas):**

1) *Adolf Kohler,* fez *ex-libris* de: Fernando Guedes Galvão e Hernani Ferreira Braga.
2) *Antonio Paim Vieira, ex-libris* de: A. Lemos Torres, Antonio Paim Vieira, Dr. Cassiano Ricardo, Roberto Donati e Menotti Del Picchia.
3) *Armando Nasti,* de: Walter Spalding.
4) *Augusto Esteves,* de: Dr. Hilario Veiga Carvalho, Dr. Vital Brasil.
5) *Carlos de Laccrda,* de: Leonan de Azeredo Penna.
6) *Carlos Oswald,* de: Abrahão de Carvalho.
7) *Corrêa Dias,* de: Carlos Alberto de Sousa Lobo de Oliveira.
8) *Francisco Bellanca,* professor, *ex-libris* de: Walter Spalding.
9) *F. J. Junod* (de Lausane), *ex-libris* de: Barão e Baronesa de Vasconcelos, Dr. Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos.
10) *Hans Reyersbach,* de: Osvaldo Rodrigues Dias.
11) *Inácio da Costa Ferreira,* de: F. A. de Carvalho Franco, Inácio da Costa Ferreira, Ricardo Gumbleton Daunt e Salvador de Moya.
12) *José Wasth Rodrigues,* de: Universidade de S. Paulo e das suas Faculdades: Filosofia, Direito, Politécnica, Medicina, Farmacia, Veterinaria e Agricola.
13) *Modesto Brocas,* de: João Pedro Leão de Aquino.
14) *Nuno Lopo Smith de Vasconcelos,* de: Emile-Henri de Lagaye de Lanteuil.
15) *Sebastião Pagano,* de: Mario da Silva Brito.
16) *T. S. Belden,* de: Nuno Lopo Smith de Vasconcelos.
17) *Teodoro Braga,* de: Biblioteca Municipal de S. Paulo, Comendador Domingos Laurito, Dr. Bueno de Azevedo Filho, João Maria Ferreira Sarmento Pimentel e D. Judite Rodrigues de Taquarí.

Digitized by Google

NÓVOS INSTITUTOS GENEALÓGICOS

Estão se fundando, em todos os Estados, Institutos Genealógicos, filiados ao Instituto Genealógico Brasileiro. Já estão fundados nos Estados de: Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Baía, Espirito Santo, Rio de Janeiro (Distrito Federal), São Paulo, Amazonas e Goiaz.

O endereço e dirigentes o leitor encontrará no começo da colaboração de cada Estado. Damos a seguir dos dois Estados que não têm colaboração neste numero:

AMAZONAS: **Endereço — Rua Barroso, 307 — Manaus.**
Presidente: Paulo de Mello Rezende.

PERNAMBUCO: **Endereço — Caixa Postal, 552 — Recife.**
Presidente: Dr. Guilherme Martinez Auler
Vice-Presidente: Dr. João de Medeiros Peretti
Secretario: Sergio Higino Dias dos Santos.

ESPIRITO SANTO: **Avenida José Carlos, 245 — Vitoria**
Presidente: Prof. Dr. Nelson Abel de Almeida
Vice-Presidente Olyntho Couto de Aguirre
Secretario: Heraclito Amancio Pereira
Tesoureiro: Francisco Souto de Cerqueira e Sousa.

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Dr. Guilherme Martinez Auler, de Pernambuco:

"Apresento-lhe os meus calorosos parabens pela publicação do n.º 2 da *Revista Genealógica Brasileira.* Sómente, quem lida com publicações periodicas, pode fazer uma ideia do esforço — para que não dizer heroismo? — dispendido no meio da geral incompreensão. Atualmente essas dificuldades chegaram ao auge com o aumento astronomico da parte material, pois só o papel teve uma elevação de mais de cem por cento. Aqui, em TRADIÇÃO, a nossa luta é terrivel para não desaparecer. Calculo a epopeia da *Revista Genealógica Brasileira,* dedicada a assunto que pouquissimos entendem ou têm a compreensão exata do que significa".

Do Dr. Lastenio Calmon Junior, do Estado de Espirito Santo:

"Devo confessar a V. Excia. que não imaginava termos em nosso país cousa tão apreciavel como soem ser os trabalhos do *Instituto Genealógico Brasileiro.* Fiquei deveras satisfeito por tão feliz achado e grato ao amigo que me deu a oportunidade de conhecer essa figura de escól, esse trabalhador incansavel que é V. Excia.".

Do Prof. Mario Barata, do Rio de Janeiro:

"E' com o maior prazer que vos apresento a minha proposta de ingresso nesse Instituto, ao qual sou levado pela gentileza da estudiosa, dedicada e inteligente, que é a Srta. Jenny Dreyfus, pelo entusiasmo amigo do Tenente Egon Prates e pela admiração que tenho ao trabalho de pesquisa historica que, ininterrupta e desinteressadamente, vêm realizando Vossa Senhoria e o Instituto Genealógico Brasileiro".

Do escritor Olyntho Sanmartin, do Rio G. do Sul:

"Sua revista está ótima. A literatura genealogica conquistou um alto posto com a publicação dessa Revista, que deverá ser mantida para o bom nome de nossa cultura".

Digitized by Google

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E Á REVISTA

Do Sr. Orlando Marques de Albuquerque Cavalcanti, de Pernambuco:

"Acabo de receber o ultimo numero da vitoriosa *Revista Genealógica Brasileira.* Tão nobres esforços de sua parte no vasto campo da genealogia, merecem vivos aplausos de quantos se dedicam a este maravilhoso ramo do conhecimento humano".

Do Dr. Pedro de Paranaguá, filho dos Condes de Paranaguá, e neto dos Marqueses do mesmo titulo:

"E' com grande interesse que sigo os progressos do Instituto, fazendo votos para que sempre continue nesta progressão".

Do cientista Dr. Renato Kehl, do Rio de Janeiro:

"No último numero da interessante, útil e substanciosa *Revista Genealógica Brasileira* li..." "Dou-lhe sinceros parabens pelo presente número da *Revista Genealógica,* magnifico repositório de documentos e de estudos interessantissimos. Sinto pena de não ter tempo para colaborar, como desejava, nesse belo empreendimento".

Do Dr. Sebastião Fleury Curado, de Goiaz:

"O amigo vai vencendo em toda linha; dou-lhe os meus parabens".

Do Dr. Sylvio Portugal, de S. Paulo:

"... belo n.º 1 da *Revista Genealógica Brasileira...*"

Do Prof. Walter Spalding, do Rio G. do Sul:

"Pretendia escrever algo sobre o ultimo Anuario e sobre a Revista, mas estou com o tempo tão escasso que nada consegui fazer ainda. Quero, em todo caso, ainda que por meio desta, felicitá-lo vivamente pelos trabalhos feitos: o Anuario, II ano, é verdadeiramente monumental. Uma obra digna de todos os encomios e da mais ampla divulgação. A Revista também nada deixa a desejar: magnifica. Não sómente demonstra a sua grande capacidade intelectual, como seu grande amor ao trabalho e às cousas genealógicas que, ao que vejo, estão sendo dia a dia mais divulgadas e estimadas. Meus parabens".

Do Rev. P.e João Augusto Combat, C.SS.R., de Congonhas:

"... util e patriótico Instituto. Estou fazendo estudos sobre a História de Congonhas do Campo e nessa *"selva obscura"* talvez, em muitos pontos, ser-me-ão um guia os estudos genealógicos de V. Excia. Sei que nada significa, mas estou solidario com o generoso empreendimento do erudito Tenente-Coronel".

Do Dr. Paulo Emilio d'Alessandro, de S. Bento de Sapucaí:

"Reitero a V. Excia. as minhas expressões de profunda admiração pela fecunda obra de V. Excia. a prol da Genealogia e da Heraldica nacionais...".

Do Instituto de Estudos Genealógicos do Rio Grande do Sul:

"O Anuario, publicação oficial do Instituto Genealógico Brasileiro, de que V. Excia. é digno presidente, espelha, em seu texto, a magnificencia de um programa altamente patriotico, ora em plena execução por esse sodalicio. Aceite V. Excia. as nossas calorosas felicitações...".

Do Snr. Rubens Alves Borba de Morais:

"...n.º 1 da excelente *Revista Genealógica Brasileira,* que está sob a direção de seu alto critério".

Digitized by Google

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do ex-Senador Francisco Flores da Cunha:

"Acuso o recebimento do n.º 2 da boa *Revista Genealógica Brasileira*. Como sempre o seu esforço alli se patenteia dando-nos um exemplar interessante e util. Receba por isso as minhas felicitações.

Do Sr. Lourenço Luiz Lacombe, de Petropolis:

"Acabo de receber o 2.º numero da *Revista...*" "...felicitar o seu ilustre diretor não só pelo êxito que tem obtido, como pela bela apresentação".

Do Sr. Mario Duprat Fiuza, do Rio de Janeiro:

"E' com prazer que me apresso em enviar a V. S. felicitações pela publicação do Anuário de 1940, 2.º ano, cujo numero se encontra magnifico, não só pela rica documentação genealógica apresentada, como tambem por encerrar innumeros estudos biograficos, nobiliarquicos e heraldicos, constituindo uma obra de vulto e de valôr inconteste, destacando-se ainda varias notas interessantes e outros detalhes preciosos e bem concatenados, que demonstra assim o mérito de seu organisador, que aí vê coroado de exito um empreendimento notavel sobre todos os aspectos. Em suma, é uma obra especialisada e unica no genero, que veiu preencher *"in totum"* uma grande lacuna existente".

Do Sr. Celso Martins Schroder, do Rio Grande do Sul:

"Meus calorosos parabens pela explendida apresentação do 2.º numero da *Revista Genealógica Brasileira*. Faço votos para que essa magnifica publicação prossiga em marcha ascendente na promissora senda que encetou".

Do Dr. Edelwis Teixeira, de Minas Gerais:

"Se tem alguma valia minha modesta opinião sobre sua atuação em cenario tão dificil e pouco palmilhado, numa obra de tal envergadura, — aqui ficam meus sinceros e calorosos parabens. O tempo ainda é curto demais para a intelectualidade brasileira avaliar sua importancia. Contudo não desanime. *"Não esmorrecer para não desmerecer"*. Era a frase predileta do grande Osvaldo Cruz. Os amigos estão a postos para auxilia-lo no que fôr preciso — inclusive no terreno material. Sempre às ordens".

Do Sr. João Jacques Ribeiro do Valle, de Fartura:

"Envio-lhe parabens pelo novo numero da *Revista*, que está excelente, com ótimos trabalhos, subscritos pelos nossos mais ilustres genealogistas. Dia a dia V. S. melhora o trabalho apresentado, demonstrando um grande amor à genealogia e uma grande força de vontade para vencer em um campo ainda bastante arido em nosso país".

Do Sr. José Heitgen, do Rio de Janeiro:

"Gostei muito do n.º 2 da Revista e apreciei bastante as seções dos varios Estados do Brasil. Chamou especialmente a minha atenção a seção de *ex-libris* que achei *ótima*".

Do genealogista José Marcondes de Mattos:

"Ao terminar a leitura do *Anuario Genealógico Brasileiro* de 1940, cumpro um dever de conciencia enviando ao meu prezado amigo sinceros parabens pelo trabalho ora apresentado, que se acha magnificamente impresso, com optimos cliches e repleto de interessantes artigos sobre a genealogia de inumeras familias brasileiras".

Digitized by Google

REFERÊNCIAS AO ANUÁRIO E À REVISTA

Do Sr. Coronel Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, de Santa Catarina:

"Com o prazer e interesse de sempre, recebi o 2.º numero da Revista Genealógica Brasileira. A elegante e excelente Revista, como de costume, muito nitida e caprichosa. Aceite, pois, o seu incançavel e dinamico orientador, os meus entusiasticos e sinceros louvores".

Do Prof. Dr. José Valdivino de Carvalho, do Ceará:

"De posse do ótimo número da *Revista...*"

Do Sr. Adolfo Konder, do Rio de Janeiro:

"Recebi os dous exemplares da *Revista Genealógica Brasileira*, trabalho excelente e de real utilidade".

Do escritor Adauto da Câmara, do Rio de Janeiro:

"Recebi o n.º 2 da *Revista Genealógica Brasileira*, que teve a bondade de me enviar. Foi com uma satisfação imensa que percorri as suas páginas, repletas de apontamentos dos mais uteis sobre as origens das velhas familias brasileiras. Sou um apaixonado por estes estudos, se bem que disponha de poucos lazeres para me entregar a pesquisas próprias. É, assim, com verdadeiro júbilo que tomo conhecimento da existencia de uma publicação dedicada a investigações genealógicas em nosso país".

Do escritor Dr. Luis da Camara Cascudo, na "A Republica", de 27-II-1941, de Natal (Rio Grande do Norte):

Revista Genealógica Brasileira está no segundo semestre número 2, num exemplar ilustrado e cheio de estudos interessantes e sugestivos. O coronel Salvador de Moya reafirma os seus valores de persistência realizadora, divulgando numa publicação, digna de todos os encomios, uma grande massa de informações genealógicas e históricas, material precioso para analise e construção da sociologia brasileira em seu melhor fundamento: — a familia-tronco.

Digitized by Google

Obras à venda no

"INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO":

PARA SERVIR OS AUTORES E OS NOSSOS CONSOCIOS, TEMOS EM DEPOSITO, SEM AUGMENTO DE PREÇO, E COM O PORTE JÁ INCLUSO, AS SEGUINTES OBRAS:

"Anuário Genealógico Brasileiro", I.° ano	20$000
Idem II° ano	20$000
Idem, III° ano (no prélo, a sahir em 1941)	20$000
"Revista Genealógica Brasileira", assinatura anual (2 numeros)	10$000
"Genealogia Mineira", de Arthur Rezende, 4 volumes, com 1.700 pgs.	50$000
"Genealogia Riograndense", I° volume, de Jorge Godofredo Felizardo e João Pinto da Fonseca Guimarães	20$000
"O Cyclo das Gerações" (Nobiliario Fluminense), de Mario Aloysio Cardoso de Miranda	12$000
"Os Linhares", de Mario Linhares	10$000

* * *

O Instituto aceita em deposito livros de sua especialidade, mesmo usados, para vender. Encarrega-se de procurar livros que interessem aos socios. Atualmente, temos em deposito duas obras usadas (de socios) para venda:

1)	"Genealogia Paulistana", de Silva Leme, 9 volumes	70$000
2)	Uma coleção completa (6 numeros unicos publicados), "da Revista do Instituto de Estudos Genealógicos", 3 anos (1937, 1938 e 1939)	30$000

EM ELABORAÇÃO (a ser publicado no proximo ano):

Indice dos 9 volumes de "Genealogia Paulistana", de Silva Leme. Serão mais de mil paginas, em duas columnas, e conterá cerca de cem mil nomes.

O Indice será por ordem alfabetica do ultimo apelido: começa em **Abreu** e termina em **Zunega.**

Está pronto podendo, desde já, qualquer socio ou assinante consultal-o, mesmo por carta.

Acceitam-se encomendas desde já. Não é preciso remeter quantia alguma adiantada, — apenas mandar reservar um exemplar. Preço: 50$000.

NOTA: Apenas duas pessoas mandaram reservar um exemplar: Dr. Sylvio Portugal e Francisco Flores da Cunha; assim, é bem de vêr que não convirá a publicação. Pedimos, às pessoas que se interessarem, declaral-o com a possivel brevidade, afim de resolver sobre a impressão ou não.

Digitized by Google

Civilização Brasileira S/A
Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro
Rua 15 de Novembro, 144 - São Paulo

PREÇO
6$000

Impressa na
E. C. "Revista dos Tribunais"
São Paulo

Digitized by Google

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Revista Genealogica Brasileira

ANO II — 2.º SEMESTRE DE 1941 — N.º 4

Digitized by Google

SUMÁRIO

HOMENAGEM: Dr. Sylvio de Campos Filho, *Centenário do Dr. Bernardino de Campos* 225
Dr. Aureliano Leite, *Prudente José de Morais Barros, o Pacificador* ... 247
SEÇÕES: *Documentos e Papeis da Casa Imperial*: Dr. Vasco Smith de Vasconcelos 244
DISTRITO FEDERAL: Dr. Carlos Grandmasson Rheingantz, *Jacob Rheingantz* (1817 - 1877) 261
MARANHÃO: Cônego José Maria Lemercier, *Relação dos livros e documentos do Arquivo da Curia Metropolitana do Maranhão* 285
CEARÁ: Dr. Raimundo Girão, *Esboço de uma Genealogia. I - Os Montes* ... 297
RIO GRANDE DO NORTE: Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, *Famílias nordestinas. A família Lopes Galvão* 303
PERNAMBUCO: Dr. Guilherme Martinez Auler, *Últimos momentos de Dom Luiz do Brasil* 317
ALAGOAS: Major Amilcar Salgado dos Santos, *Notas Genealógicas das famílias Mendes - Fonseca* 327
SERGIPE: Pascal Bandeira Moreira, *Biografias Sergipanas* 331
BAÍA: Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior, *Descendências de Francisco Ferreira de Brito e do Cap. José Bernardo Leite* 337
RIO DE JANEIRO (Estado): Coronel José de Lima Carneiro da Silva, *Efemérides históricas* 361
S. PAULO (Capital): Dr. Francisco de Assis Carvalho Franco, *Os Corrêas de Sá* 365
Tenente-Coronel Salvador de Moya, *Genealofobia* 381
S. PAULO (Interior) Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro, *Primeiros povoadores de Tietê* 387
José Nogueira Novaes, *Livros Paroquais de Mogi-Mirim* 401
MINAS GERAIS: Cônego Raimundo Trindade, *Os Bellos, de Minas Gerais* ... 403
GOIAZ: Gelmires Reis, *A genese do povo de Santa Luzia* 405
SANTA CATARINA: Almirante Henrique Boiteux, *O Barão de Iguatemy* ... 411
RIO GRANDE DO SUL: Doutora Heloisa de Assumpção, *Notas à árvore da família Assumpção* 413
Prof. Walter Spalding, *De Wilhem Van der Haagen a Borges Fortes Spalding* 417
Cap. Dr. Amir Borges Fortes, *Os Borges Fortes* 427
Maximo de Azevedo Marques, *Notas Genealógicas e Biográficas da Família Azevedo Marques* 433
ECUADOR: Pedro Robles y Chambres, *Familia D'Ornellas* 452
FRANÇA: *Ascendance masculine du Comte de Nioac* 453
ESTRANGEIRA: Dr. Carlos Fouquet, *Origem da família Avë-Lallemant e sua expansão no Brasil* 455
H. Petersen, *A Família Diederichsen* 467
Instituto de Estudos Genealógicos do Rio Grande do Sul 499
Índice de Apelidos 501
Índice de Colaboradores 501
Índice de referências 502
Índice de artigos 505

Bibliografia, 390; Delegados, 224; *Ex-libris*, 481; Expediente, capa; Galeria biográfica, 354; Galeria dos Sócios, 320; Institutos Genealógicos, 302; Noticiário, 282; Obras à venda, capa; Perguntas e Respostas, 497; Seções do Instituto, capa; Sócios novos, 416; Nova Sede, 499.

●

Por falta de espaço ficou para o próximo número colaboração dos Snrs.: Alberto Lamego, Amilcar Salgado, Camara Cascudo, Campos da Paz, Carvalho Franco, C. Ebner, Cônego Trindade, Fouquet, Gama Rodrigues, Girão, Godofredo Felizardo, Mario Torres, Moya, Nogueira Novaes, Orlando Cavalcanti, Pascal Bandeira, Pires de Almeida, Plinio Ayrosa, Robles y Chambres, Salomão de Vasconcelos, Sodéro, Smith de Vasconcelos, Sommer, Guimarães dos Santos e Sousa Campos Jr.

Digitized by Google

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Revista Genealogica Brasileira

ANO II — 2.º SEMESTRE DE 1941 — N.º 4

Digitized by Google

DELEGADOS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Foram nomeados *Delegados* e *Representantes Oficiais do Instituto,* nas localidades abaixo, os seguintes socios, com plenos poderes (inclusive receber quantias): (1)

Barão Homem de Melo	Reinaldo Maia Souto
Cajurú	Dr. Nelson de Oliveira Mafra
Campinas	Dr. Teodoro de Sousa Campos Júnior
Campo Formoso (Goiáz)	Padre José Trindade da Fonseca e Silva
Campos	Dr. Alberto Frederico de Morais Lamego
Capivarí	Exma. Snrta. D. Jení Prado Dias
Colatina (Espirito Santo)	Dr. Lastenio Calmon Júnior
Corrêas (Rio)	Lourenço Luiz Lacombe
Fartura	João Jaques Ribeiro do Vale
Goiânia	Agnelo Arlington Fleury Curado
Itapolis	Pais Leme Júnior
Itú	Dr. Geraldo Cardoso de Melo
Jaú	Orozimbo de Morais Navarro
José Bonifácio	Dr. Romeu Maia Souto
Juazeiro (Baía)	João Vitor Jacobina
Lages (Sta. Catarina)	Prof. Valter Dachs
Lavras (Minas)	Prof. Arí Florenzano
Livramento (R. G. do Sul)	Coronel Francisco Flores da Cunha
Lorena	Dr. Antônio da Gama Rodrigues
Macaé	Coronel José de Lima Carneiro da Silva
Mariana	Conego Raimundo Otávio Trindade
Mogí-Mirim	Prof. Lauro Monteiro de Carvalho e Silva
Paracatú	Prof. Olimpio Gonzaga
Pelotas	Exma. Snrta. Doutora Heloisa de Assunção
Petrópolis	Dr. Mário Aloísio Cardoso de Miranda
Piedade	Benedito Bueno de Camargo
Pindamonhangaba	Cap. Dr. Gustavo Adolfo Ramos de Melo
Piracicaba	Prof. Carlos Martins Sodéro
Pirenopolis (Goiáz)	Prof. José Assuéro de Siqueira
Rio Claro	Oscar de Arruda Penteado
Santa Luzia (Goiáz)	Gelmires Reis
Santos	Dr. Severino de Novais e Silva
São Bento de Sapucaí	Dr. Paulo Emilio d'Alessandro
São Gabriel	Celso Martins Schröder
Tanabí	Sebastião de Almeida Oliveira
Taubaté	Dr. Felix Guisard Filho
Tietê	Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro
Valparaiso	Dr. Afonso da Silveira Sudário

(1) Uma das funções do *Delegado* será colher dados e documentos das principais familias locais; bem como dados biográficos de pessoas de destaque, de preferência falecidas.

Digitized by Google

Revista Genealógica Brasileira

ÓRGÃO DO "INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO"

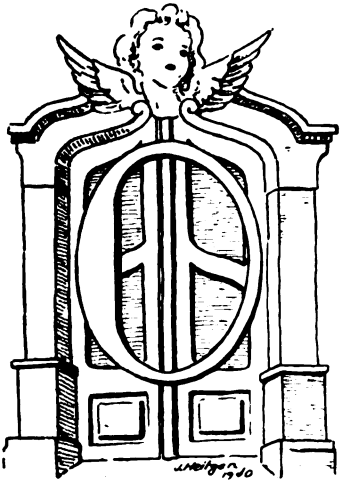
Sede das reuniões: rua Barão de Itapetininga, 120 (4.º and.) s. 416 (Prédio Guatapará)
Sede administrativa e redação: rua Voluntários da Pátria, 2912 (antigo 506)
Telefone 3-8403 — Caixa Postal 3363.

Diretor-Responsavel: Salvador de Moya — Redator-Secretário: Dr. J. F. Mello Nogueira — Redator-Secretário (substituto): Horácio de Carvalho Toledo Martins.

Ano II, n. 4	S. PAULO - BRASIL	2.º Semestre de 1941

Centenário do Dr. Bernardino de Campos

Homenagem do Instituto



Sylvio de Campos Filho

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO, associando-se às comemorações tributadas a Bernardino de Campos pela passagem do seu Centenário, conferiu-me, a mim, seu sócio e neto do grande republicano, o encargo de sobre ele organizar um trabalho genealógico.

Com tempo escasso para empreender uma obra minuciosa e não me querendo furtar ao que tenho por um dever sagrado, apresento despretensiosamente estes informes, pedindo aos leitores e aos meus ilustres confrades complacência para o estreante.

Porque o meu objetivo consiste num estudo genealógico, apenas cabem aqui ligeiro traços biográficos do dr. Bernardino de Campos e de sua família.

O dr. Bernardino José de Campos Junior nasceu na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, em 6 de setembro de 1841, quando seu pai, vindo de Campinas, lá se achava servindo como Juiz de Direito.

Filho do dr. Bernardino José de Campos e de d. Felisbina Rosa Gonzalez, veiu de volta, ainda muito moço, com seu pai, para São Paulo, donde provinham todos os seus, para aí fazer os seus primeiros estudos.

Em março de 1859 matriculou-se na nossa Faculdade de Direito, tendo recebido em 10 de dezembro de 1863 o grau de Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas.

Digitized by Google

Consorciou-se, em 6 de setembro de 1864, com d. Francisca de Barros Duarte, filha do alferes José de Barros Dias e de d. Ignacia Joaquina Duarte. Ele natural de Portugal, ela de Itú.

Em 1866 fixou residência na Cidade de Amparo (Estado de São Paulo), dedicando-se à profissão de advogado. Alí ficou até 1888.

No curso desse período e até 1872, colaborou como jornalista no "Correio Paulistano", então dirigido pelo seu irmão Americo de Campos. Dirigia então, em Amparo, a "Tribuna Amparense", orgão, já em 1873, declaradamente republicano.

Colaborou tambem, entre outros jornais, na "Gazeta de Campinas", na "Provincia de São Paulo" e no "Diario Popular".

Simultaneamente com tais atividades, exerceu por várias vezes o cargo de vereador e eleitor durante o regimen da eleição indireta.

Mais tarde, em 1881, fundou em Amparo "A Epocha", tambem de franca orientação republicana.

Em 1882 foi eleito membro da Comissão Permanente do Partido Republicano e, posteriormente, seu presidente. A modéstia, algo exagerada, que lhe era peculiar, impediu-lhe a aceitação deste segundo posto.

Reconhecendo que a República sem a abolição falharia aos seus fins, incorporou-se ao *grupo dos caifazes*, de Antonio Bento. Essa sua atitude foi isolada, pois o Partido só o acompanhou muito mais tarde.

Prestou à abolição todo o auxilio que poude, tendo sido eleito até membro da ordem de Nossa Senhora dos Remédios, honraria conferida por Antonio Bento aos abolicionistas mais proeminentes e devotados.

Eleito, em 1888, deputado provincial pelo Partido Republicano, teve saliente atuação no exercício do mandato. E, ardoroso propagandista, que era, do regimen republicano, exerceu notavel papel na proclamação deste.

Modesto, fugia das primeiras posições. Queria ser sempre dos últimos, espécie de programa de carater que não poude manter, pois o Partido, precisando dos seus melhores homens, guindou-o, contra a vontade, aos cargos mais elevados.

Foi o primeiro Chefe de Polícia do nosso Estado.

Eleito, logo após, deputado ao Congresso Constituinte, foi, a seguir, escolhido "leader" da bancada paulista, para, representando-a, fazer parte da Comissão dos 21 representantes de Estados que deram parecer sobre a Constituição e suas emendas. Desta Comissão foi ele o Presidente.

Depois da divisão do Congresso Constituinte em Câmara dos Deputados e Senado, ficou o dr. Bernardino como Presidente daquela, eleito pelos seus pares em oposição ao candidato do governo do Marechal Deodoro.

Conhecida é a sua altiva e digna atitude ao protestar contra o golpe de força que dissolveu o Congresso.

Pouco antes recusara a nomeação, já publicada, para Ministro do Supremo Tribunal Federal afim de conservar a liberdade de fazer uma oposição construtiva.

Digitized by Google

O dr. Bernardino de Campos em 1905 quando de volta da Europa, depois da sua segunda presidência.

(Quadro a oleo existente no Tribunal de Justiça do Estado, mandado fazer como homenagem do mesmo Tribunal).

Digitized by Google

Dr. Bernardino José de Campos (pai do Dr. Bernardino)

Digitized by Google

Com a renúncia de Deodoro, que entregou o governo a Floriano, e com o restabelecimento da ordem constitucional, voltou Bernardino de Campos à Câmara dos Deputados como Presidente.

Nesse posto se conservou até 17 de agosto de 1892, quando o Estado de São Paulo o elegeu seu Presidente, função em que se empossou a 23 desse mesmo mês. Foi o primeiro Presidente do Estado eleito por sufrágio popular.

O que foi o seu programa de governo di-lo a sua primeira mensagem ao congresso: Paz, Ordem, Trabalho, Economia.

E o seu governo foi, principalmente, um governo de fecunda construtividade, pois tudo estava por criar e organizar em São Paulo.

Um dos mais árduos e vultosos problemas, o que mais então se impunha, era o da instituição de um serviço de higiene para todo o Estado, onde até a "cholera morbus" grassava.

E em larga medida pôs-se em prática essa providência. Foi criado o Serviço de Assistência Pública; o Hospital do Isolamento e o Desinfetório Central; os Laboratórios Bacteriológico, Farmacêutico e de Análises Químicas; o Hospital do Juquerí; o Instituto Vacinogênico. Sanearam-se Santos e outras cidades. São Paulo e várias cidades do interior foram dotadas de águas e exgotos. E por via de leis oportunas e sábias, aplicadas com zelo e inteligência, as necessidades de higiene no nosso Estado foram atendidas com extraordinária amplitude.

Enfrentou-se, a seguir, outro problema, grave como aquele e quiçá de maior relevância para o futuro da coletividade: a instrução pública em todos os seus gràus.

Tambem este foi acometido e vencido. Criaram-se e levantaram-se escolas em toda a parte: as Escolas Complementares, as Escolas Normais, as Escolas Modelo, o Ginásio do Estado, o Jardim da Infância, a Escola Agrícola de Piracicaba, a Escola Politécnica de São Paulo etc.

Cuidou-se, a par disso, da imigração e do reerguimento das nossas finanças. Foram promulgadas leis de ordem judiciária e instituidos os ofícios de justiça. Instalou-se o Ministério Público. Foram reorganizadas a Polícia e a Força Pública. Instalou-se a Junta Comercial. Organizaram-se o Monumento do Ypiranga, a Biblioteca Pública, os núcleos coloniais. Edificaram-se prédios para as Secretarias. Foi criado o Instituto Agronômico de Campinas. E incontaveis outras realizações podem ser apontadas nesse ativíssimo quadriênio.

A revolta de 1893, que se intercala nesse período, não entibiou a sua maravilhosa produtividade.

E qual foi a atitude e a contribuição que deu à causa da legalidade, dizem-no eloquentemente as palavras do seu telegrama a Floriano Peixoto:

> "Navios revoltados não podem impor a sua vontade à nação, pelas armas. É inaceitavel a força para resolver assunto politico, quando funcionam livremente os poderes legais. Dou e darei todo o apoio à vossa autoridade de Presidente da República, porque sois o poder legitimo. Vosso civismo amparará as instituições no lance afflitivo a que são levadas. Confiai na minha lealdade."

Digitized by Google

Sufocada a revolta mercê do relevante auxílio que tão oportunamente ao Governo Federal prestara o Estado de São Paulo, conferiu Floriano ao Dr. Bernardino de Campos, em homenagem a tais serviços, as honras de general de brigada do nosso Exército.

Não obstante tanta atividade e os onus que a revolta lhe trouxera, deixou o Dr. Bernardino, no Tesouro, ao afastar-se do governo, um saldo de mais de 10.000 contos de réis.

Facto curioso e inédito: durante os quatro anos de sua gestão conseguiu ele uma arrecadação que ultrapassava em mais de 60.000 contos de réis a toda a arrecadação da antiga província, desde a instalação desta, em 1835, até dezembro de 1889.

Foi, como bem disse José Maria dos Santos, "talvez a melhor, senão a única organização de administrador produzida pela República".

Eleito senador em 1896, deixou esse cargo para exercer o de Ministro da Fazenda, durante o período econômico mais espinhoso que o Brasil conheceu.

É de todos conhecido o que foi alí a sua gestão.

Promoveu e levou a cabo o primeiro "funding loan" da República, o qual, como se sabe, livrou o Brasil da bancarrota. Reorganizou as finanças brasileiras, tornando possivel o desenvolvimento e prosperidade do comércio, restabelecendo o nosso crédito no exterior e, principalmente, dando um ponto de apoio aos futuros governos para prosseguirem nessa vitoriosa jornada.

Reeleito senador em 1900, deixou de novo esse cargo para assumir, pela segunda vez, em 1902, a Presidência do Estado.

A situação de São Paulo era então dificílima. Mas Bernardino de Campos, mais uma vez, restaurou o equilíbrio financeiro e, sem nada descurar, sem aumento de impostos e sem novos empréstimos, amortizou a dívida pública interna e externa, acabou de sanear Santos e outras cidades, continuou a levantar escolas, conseguindo, quando deixou o governo, não só a estabilidade orçamentária como um "superavit" de cinco mil contos.

Senador novamente, já então cego de um dos olhos, parte para a Europa afim de ser operado em Paris. A operação, bem sucedida, traz-lhe alívio temporário.

Depois de longa viagem pelo Velho Mundo encontra, quando de volta, o seu nome lançado para a sucessão de Rodrigues Alves na Presidência da República.

Desistiu, porem, da sua candidatura mais que viavel, ante a campanha promovida por ambiciosos políticos, que, acima dos interesses do país, punham os seus próprios e que não desejavam na curul presidencial o insigne repúblico, de carater inflexivel e avesso a conchavos mesquinhos.

Pode-se dizer que Bernardino de Campos, com esse gesto de renúncia, evitou talvez uma revolução.

Agravando-se a sua moléstia, voltou novamente à Europa, mas desta vez sem resultado, pois de lá veiu completamente cego.

Digitized by Google

Mas, inquebrantavel, não se deixou abater e tornamos a encontrá-lo chefiando a Campanha Civilista em 1909, à frente do seu partido, como chefe insubstituivel nas horas dificeis e amargas.

Desprendida e generosamente a todos perdoou, conseguindo a fusão de São Paulo numa única força em prol das suas tradições civilistas e da salvação do regimen.

Vencido nesta campanha com o reconhecimento do Marechal Hermes, impediu com a sua costumeira altivez e dignidade a intervenção federal no nosso Estado. São Paulo saiu, assim, ileso da campanha, ficando a reação civilista como uma sadia demonstração do espírito liberal brasileiro.

Desejando completar na Europa os estudos dos seus filhos, para lá se transportou pela terceira vez. Mas malograram-se os seus projetos pela súbita deflagração da guerra mundial.

Voltou à patria e, depois de várias vicissitudes, retomou a atividade partidária.

Morreu, no seu posto de chefe, a 18 de janeiro de 1915.

Exemplo vivo e imorredouro de civismo, honradez e capacidade, de patriota e homem de Estado, com raro espírito de abnegação e desinteresse pessoal, chefe de família extremoso e cidadão digno, qualquer nação do mundo teria orgulho em possuí-lo no número dos seus grandes filhos.

Teve o dr. Bernardino de Campos do seu consórcio com d. Francisca de Barros Duarte os seguintes filhos:

2 - 1 Dr. Carlos de Campos.
2 - 2 Francisco de Campos.
2 - 3 D. Alice de Campos.
2 - 4 Dr. Americo de Campos Sobrinho.
2 - 5 D. Lucilia de Campos.
2 - 6 D. Albertina de Campos.
2 - 7 D. Clarisse de Campos.
2 - 8 Dr. Mario de Campos.
2 - 9 Fausto de Campos.
2-10 Dr. Sylvio de Campos.
2-11 Persio de Campos.
2-12 D. Angelina de Campos.
2-13 Dr. Almirio de Campos.
2-14 Clotilde de Campos.
2-15 Dr. Deodoro de Campos.
2-16 Alcides de Campos.

2-1 DR. CARLOS DE CAMPOS. Nasceu em 6 de agosto de 1866, em Campinas. Fez na cidade de Amparo os cursos primário e secundário. De novo em Campinas, cursou o Colégio Internacional e, posteriormente, nesta Capital, o Colégio Morton. Tendo ingressado, em 1883, na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelou-se em 1887. Desde o tempo de acadêmico filiado ao P. R. P., foi, como seu pai, ardoroso propagandista da abolição, do regimen republicano e da democracia.

Digitized by Google

De 1887 a 1891, advogou com seu pai em Amparo e em outras cidades próximas, assim como nesta Capital. Elegeram-no os amparenses, em 1891, Intendente da Câmara Municipal.

Transferindo-se para São Paulo nesse mesmo ano, foi eleito deputado estadual, cargo que exerceu até 1896, quando, convidado pelo Presidente Campos Salles, aceitou a pasta de Secretário da Justiça do Estado. Em 1901 voltou novamente à Câmara dos Deputados, tendo, em 1902, sido eleito vice-presidente desta e, em 1907, seu Presidente.

Tomou parte ativa e relevante na Campanha Civilista em 1909, distinguindo-se como um dos mais apaixonados propagadores da causa civil e democrática, então em jogo.

Deixou a Presidência da Câmara em 28 de julho de 1915, quando reconhecido e proclamado senador estadual. Por essa época passou a fazer parte da Comissão Diretora do P. R. P.

Eleito deputado federal em março de 1918, é escolhido, logo após, pelos seus companheiros, como "leader" da bancada paulista.

Em 1920 foi escolhido pelos seus pares para "leader" da maioria, posto que ocupou até princípios de 1924.

Do que foi seu desempenho nesse espinhoso cargo diz-nos, de modo expressivo, o apoio que lhe deu posteriormente até a própria oposição, em um dos mais críticos períodos da nossa história política. Refiro-me à defesa, que lhe coube, dos Poderes legalmente constituidos, da Ordem e do bem estar da Nação, durante o motim de 1922 e no tumultuoso caso das "Cartas Falsas".

Indicado, em 1923, para suceder ao dr. Washington Luis no Governo de São Paulo, foi eleito Presidente do Estado e tomou posse do seu mandato em maio de 1924. Faleceu no exercício dele a 27 de abril de 1927.

Nem dois meses eram decorridos da sua investidura, quando se viu a braços com um injustificado motim, do qual nem próxima nem remotamente poderia ter sido causa.

Bem conhecida é a sua energia e estóica atitude nesse transe, angustioso quer para si, quer para a sua família, expostos que ficaram a toda sorte de provações.

Vencida a intentona, promoveu prontamente o restabelecimento da tranquilidade e da confiança pública. E, remediados os efeitos do malogrado movimento, iniciou a série das suas realizações, dentre as quais será suficiente mencionar as seguintes: a completa remodelação da Estrada de Ferro Sorocabana e a construção da sua estação terminal; a organização do Serviço de Combate à Broca do Café; a criação do Instituto Biológico; as obras de captação das águas do Rio Claro para o completo abastecimento da Capital; a fundação do Banco do Estado, do Instituto do Café e da Guarda Civil; a remodelação da nossa Força Pública; o novo impulso dado à imigração e colonização e às obras da Serra do Mar, estes em conjunto com a Light & Power, as quais resolveram o problema da carência de energia hidráulica e, de futuro, o das enchentes do Rio Tietê.

Foi tambem jornalista durante toda a sua vida, tendo ocupado por longo tempo o cargo de diretor do "Correio Paulistano".

Como musicista dos mais apaixonados, deixou, entre várias composições, duas peças líricas: "A Bela Adormecida" e "Um caso singular", estando por acabar uma terceira quando ocorreu o seu prematuro falecimento.

O Dr. Carlos de Campos era Coronel honorário do Exército brasileiro, distinção que lhe conferiu o Governo Federal pelos serviços prestados à debelação da revolta de 1893.

Casou-se pela primeira vez, em 1889, com a sua prima irmã D.ª Celeste de Campos Braga, nascida nesta Capital e falecida sem descendência. Era D.ª Celeste filha do segundo casamento de D.ª Amelia de Campos, irmã do Dr. Bernardino, com o Snr. Francisco Braga, natural de Portugal. Em 25 de fevereiro de 1891 casou-se novamente, na cidade de Amparo, com D.ª Maria Lydia de Souza, nascida na cidade de Resende, Estado do Rio, e filha do Comendador

Digitized by Google

Antonio Augusto de Souza, nascido na Capital Federal e de d. Lydia Ribeiro de Souza, natural da cidade de Campos, Estado do Rio.

Desse segundo consórcio teve os seguintes filhos:

3-1 D. Irene de Campos. Nascida nesta Capital e casada, sem descendência, com o snr. Manoel Pereira de Rezende, natural da cidade de Vitória, Estado do Espirito Santo, e filho do snr. Manoel Pereira de Mattos Rezende, natural de Portugal e de d. Emilia da Silva Rezende, natural da cidade de Vitória, Estado do Espirito Santo.

3-2 Clotilde de Campos. Nascida nesta Capital e falecida menor em 1893 .

3-3 Alcino de Campos. Nascido nesta Capital. Solteiro. Engenheiro.

3-4 Carlos de Campos Junior. Nascido nesta Capital, fez o curso de humanidades no "Hydecroft College", tendo-se bacharelado em Ciências e Letras no "Ginásio de São Bento", ambos desta Capital. Depois de cursar a nossa Faculdade de Direito até o 3.º ano, seguiu para os Estados Unidos da América, onde faleceu em 1917, solteiro, já doutor em medicina pelo "Hahnemann Medical College", de Philadelphia.

3-5 Maria Lydia de Campos. Nascida nesta Capital e casada com o snr. Francisco Rogé Ferreira, nascido nesta Capital, filho do snr. Antonio Ferreira Junior, nascido em Portugal e naturalizado brasileiro, e de d. Emilia Rogé Ferreira, nascida nesta Capital. Tem os seguintes filhos:

4-1 Leny de Campos Rogé Ferreira.

4-2 Nisia de Campos Rogé Ferreira.

4-3 Carlos Antonio de Campos Rogé Ferreira.

3-6 Sylvia de Campos. Nascida nesta Capital e casada com o snr. Antonio Alves de Lima Neto, natural de Laranjal, neste Estado, filho do snr. Alfredo Manoel Alves de Lima e de d. Manoela Assumpção Alves de Lima. Ambos naturais de Tietê, neste Estado. Tem os seguintes filhos:

4-1 Maria Sylvia de Campos Alves de Lima.

4-2 Fernando de Campos Alves de Lima.

3-7 Paulo de Campos. Nascido nesta Capital, funcionário da Prefeitura Municipal de São Paulo. Casado com d. Wanda Silveira de Campos, natural desta Capital, filha do snr. José Silveira Campos, natural desta Capital, e de d. Olga Schmidt Silveira Campos, natural de Minas Gerais. Tem uma filha:

4-1 Sarah de Campos.

3-8 Aryce de Campos. Nascida nesta Capital e casada com o snr. Fausto Matarazzo, natural desta Capital, filho do snr. Nicolau Matarazzo e de d. Concetta Matarazzo, naturais da Itália. Tem uma filha:

4-1 Helena Maria de Campos Matarazzo.

3-9 Maria de Lourdes de Campos. Nascida nesta Capital e casada com o snr. Heitor Marques Correia, natural de Curitiba, Estado do Paraná, filho do snr. João Marques Correia, natural de Portugal, e de d. Maria Luiza Marques Corrêa, nascida no Distrito Federal. Tem um filho:

4-1 João Carlos de Campos Marques Correia.

3-10 Carlos Adhemar de Campos. Nascido nesta Capital e advogado no nosso foro. Casado com d. Helena Assumpção, nascida nesta Capital, filha do snr. Alvaro Assumpção, natural de Tietê, deste Estado, e de d. Ruth Romeiro de Assumpção, natural de Jaú, tambem deste Estado. Tem os seguintes filhos:

4-1 Carlos de Campos Neto.

4-2 Carlos Adhemar de Campos Junior.

3-11 Cassio de Campos. Nascido nesta Capital, funcionário da Secretaria da Agricultura. Casado com d. Alba Rego Freitas, filha do snr. João Baptista do Rego Freitas e de d. Edméa do Rego Freitas, todos naturais desta Capital. Tem os seguintes filhos:

4-1 Cassio de Campos Junior.

4-2 Maria Lydia de Campos.

3-12 Dulce Elisa de Campos. Nascida nesta Capital e casada com o snr. Urbano do Amaral, filho do snr. Erasmo do Amaral e de d. Eponina Chaves do Amaral, todos nascidos nesta Capital. Tem as seguintes filhas:

4-1 Maria Elisa de Campos Amaral.

4-2 Maria Dulce de Campos Amaral.

2-2 FRANCISCO DE CAMPOS. Nascido em Amparo e falecido menor.

2-3 D.ª ALICE DE CAMPOS. Nascida em Amparo, lá se consorciou com o Coronel Angelo José de Araujo, já falecido, filho de José Joaquim de Araujo e de sua mulher D.ª Maria Francisca de Araujo. Todos naturais de Campos, Est. do Rio.

Teve do seu matrimônio os seguintes filhos:

3-1 Agenor de Campos Araujo, solteiro.

3-2 Celina de Campos Araujo, solteira.

3-3 Bernardino de Campos Araujo, solteiro.

3-4 Maria de Campos Araujo, solteira.

3-5 Alice de Campos Araujo, falecida solteira.

3-6 Hercilia de Campos Araujo, religiosa.

3-7 José de Campos Araujo, casado com d. Clotilde de Azevedo Antunes, filha do professor Gabriel de Azevedo Antunes e de sua mulher d. Maria Antunes. Tem os seguintes filhos:

4-1 Fernando José de Campos Araujo.

4-2 Rosalia de Campos Araujo.

Digitized by Google

3-8 Angelo de Campos Araujo, solteiro.
3-9 Hermantina de Campos Araujo, casada com o dr. Luiz de Castro Sette, filho do Desembargador Primitivo de Castro Sette e de sua mulher d. Thereza Callaça Sette, já falecida. Tem as seguintes filhas:
4-1 Maria Thereza.
4-2 Maria Alice.
4-3 Regina Maria.
4-4 Stella Maria.
3-10 Persio de Campos Araujo, falecido solteiro.
3-11 Francisca de Campos Araujo, solteira.

2-4 DR. AMERICO DE CAMPOS SOBRINHO. Nasceu em Amparo, neste Estado, a 19 de abril de 1871. Nessa cidade fez os seus estudos, tendo prestado nesta Capital os exames de preparatórios para ingressar na nossa Faculdade de Direito, onde se bacharelou em 19 de dezembro de 1891. Exerceu primeiramente os cargos de delegado e de Chefe de Polícia da Capital, os quais ocupou antes de assumir o seu pai a Presidência do Estado.

Foi secretário da Comissão Central do Partido Republicano Paulista. Organizada a Intendência Municipal, foi nomeado Diretor Geral daquela repartição, cargo que exerceu até estalar a revolta da Armada, em setembro de 1893. Licenciou-se prontamente e marchou comandando o primeiro contingente que saiu de São Paulo para combater os revoltosos — uma companhia do primeiro batalhão — a qual seguiu para São Sebastião, então bombardeada pelo "República", "Pallas" e "Marcilio Dias". Ali, ao lado da Polícia do Estado, operou até dezembro do mesmo ano. Foi, então, removido para Santos, com todo o batalhão, assumindo o posto de ajudante, de fiscal e, por fim, o de comandante. Terminada a revolta, o Marechal Floriano Peixoto, então Presidente da República, conferiu-lhe as honras de Major do nosso exército.

De regresso a São Paulo, não reassumiu o seu antigo cargo na administração do Município. Nomeado Juiz substituto, assumiu a jurisdição do Dr. Santos Werneck, juiz efetivo. Desempenhou esse cargo durante quatro anos, aproximadamente, quando o colheu o convite do governo Campos Salles, para ir, em comissão, superintender, no Canadá, o serviço de imigração.

Reconhecendo, porem, a impossibilidade de fomentar uma corrente imigratória para São Paulo, muito embora não se houvesse descurado da propaganda do Estado no continente do norte, deliberou encaminhar para cá industriais e capitalistas canadenses.

E tal propaganda desenvolveu demonstrando as nossas futuras possibilidades como Estado dos mais progressistas, que ao regressar, em 1896, trouxe a São Paulo o capitalista canadense Francisco Antonio Gualco, de origem italiana, que ficou como hóspede de seu pai durante o tempo que aqui permaneceu. E durante esse período assentou a decisão de dotar esta Capital e o Estado dos serviços de fornecimento de tração, luz e força elétrica.

A Americo de Campos Sobrinho cabe, portanto, o mérito de, por meio de seus exclusivos esforços, haver trazido para São Paulo, e quiçá para o Brasil, essas alavancas do nosso progresso.

É o que resulta liquidamente do fato de que, voltando do Canadá, onde entrementes estivera, consegue Gualco, em junho de 1897, com Antonio Augusto de Sousa, a concessão para tais serviços na Capital. Dois anos depois, já associados a Alexandre Mackenzie, transferiram-na à Light & Power, que, para esse fim, então se formara no Canadá.

Da sua comissão nesse país, foi Americo de Campos Sobrinho removido para Málaga e Lisboa, tendo sido admitido, nesta última cidade, como membro efetivo da Associação dos Jornalistas.

Em 1898 foi eleito deputado ao Congresso Estadual. Voltou novamente àquela casa em 1916 e ali se conservou até 1927. A esse tempo foi reconhecido senador estadual, cargo que exerceu até a Revolução de 1930.

Na Câmara dos Deputados foi Presidente da Comissão de Estatística, e, posteriormente, membro da Comissão de Fazenda e Contas. Casou-se em 31 de

Digitized by Google

outubro de 1914, com D.ª Zefira Caramelli, nascida nesta Capital, filha do snr. Antonio Caramelli e de d. Rosa Caramelli, naturais da Italia.

Faleceu, sem descendência, nesta Capital, em 17 de dezembro de 1933.

2-5 D. LUCILIA DE CAMPOS. Nascida em Amparo. Casada com o Dr. Alfredo de Campos Salles, filho do Comendador José de Campos Salles, este, tio do dr. Manoel Ferraz de Campos Salles. (Silva Leme, vol. 8.º, pág. 157). Foi o dr. Alfredo de Campos Salles oitavo Tabelião de Notas desta Capital.

Tem os seguintes filhos:

3-2 Dr. Alfredo de Campos Salles Filho. Falecido casado, sem descendência, nesta Capital. Exerceu tambem o 8.º Tabelionato de Notas desta Capital.

3-2 José Maria de Campos Salles, falecido solteiro.

3-3 D. Alcyra de Campos Salles. Casada com o Capitão de Corveta Garcia de Avila Pires de Carvalho e Albuquerque, filho do Ministro Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e de sua mulher d. Maria Joaquina Bulcão Vianna, todos naturais do Estado da Baia. Pelo lado paterno é o Capitão Garcia descendente do Visconde da Torre, último senhor do famoso solar. Pelo lado materno, dos Barões do Rio de Contas e dos Barões de São Francisco. Tem os seguintes filhos:
4-1 Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque Neto.
4-2 Luiz Eduardo Pires de Carvalho e Albuquerque.

3-4 Marina de Campos Salles. Casada com o dr. Theophilo Nobrega, nascido nesta Capital, filho de Theophilo Nobrega e de d. Marietta Ramos Nobrega, naturais de Campinas e do Distrito Federal, respetivamente. Tem os seguintes filhos:
4-1 Theophilo Nobrega Filho.
4-2 Stella Marina Nobrega.
4-3 Alfredo de Campos Salles Nobrega.

3-5 Bernardino de Campos Neto. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Casado com d. Judith Maria Corrêa do Lago, natural do Rio de Janeiro (Distrito Federal), filha do dr. Benjamin Corrêa do Lago, natural do Maranhão, e de d. Emilia Corrêa do Lago, natural do Rio de Janeiro (Distrito Federal). Tem um filho:
4-1 Bernardino José de Campos Neto.

2-6 D. ALBERTINA DE CAMPOS. Nascida em Amparo. Casada com o snr. Renato Miranda, filho de Jorge Miranda e de sua segunda mulher d. Elisa de Azevedo Miranda (Silva Leme, vol. 7.º, pág. 408). Jorge Miranda era irmão do General Francisco Glycerio. Tem as seguintes filhas:

3-1 Eugenia de Campos Miranda. Casada, sem descendência, com o snr. Max Berringer Junior, filho de pais franceses.

3-2 Albertina de Campos Miranda. Casada com o snr. Bento Costa Ferreira, filho do snr. Domingos Costa Ferreira, natural do Porto, Portugal, e de d. Emilia Costa Ferreira, natural desta Capital. Tem uma filha:
4-1 Yolanda Maria Costa Ferreira.

2-7 D. CLARISSE DE CAMPOS. Nascida em Amparo, solteira.

2-8 DR. MARIO DE CAMPOS. Nascido em Amparo. Engenheiro formado pela nossa Escola Politécnica. Foi aluno brilhante da primeira turma que lá se formou. Exerceu durante muitos anos a sua profissão, tendo sido Diretor da Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo.

Casou-se com D.ª Jacyra de Campos Pereira, filha do dr. Antonio Baptista de Campos Pereira, que foi Juiz em Amparo e, posteriormente, Ministro do Tribunal de Justiça do Estado.

Tem as seguintes filhas:

3-1 Maria Francisca de Campos. Casada com o snr. José de Castro Nogueira, natural de Cravinhos, deste Estado. Tem os seguintes filhos:
4-1 Maria Jacyra.
4-2 José Silvestre.
4-3 Maria Sylvia.
4-4 José Bernardino.

3-2 Judith de Campos. Casada com o dr. José Aluizio B. Fonseca, natural desta Capital, filho de Antonio José Fonseca, natural do Rio de Janeiro, e de d. Odila Bittencourt Fonseca, já falecida, natural de Piquete, neste Estado. Tem um filho:
José Eugenio de Campos Fonseca.

2-9 FAUSTO DE CAMPOS. Nascido em Amparo e falecido menor.

2-10 DR. SYLVIO DE CAMPOS. Nascido em Amparo, neste Estado.

Muito jovem ainda, veiu para esta Capital, onde fez os seus primeiros estudos na Escola Americana, tendo prestado os exames do curso secundário no Ginásio do Estado de São Paulo. Ingressou a seguir, no Rio de Janeiro, na Es-

Digitized by Google

cola Naval, onde esteve como aspirante. Abandonou a carreira por ter contraido febre amarela. Voltando a São Paulo, matriculou-se na nossa Escola Politécnica, que tambem abandonou depois de um ano, por não se sentir com vocação para as matemáticas. Resolveu então cursar a nossa Faculdade de Direito, onde se bacharelou em 1903, depois de um curso brilhante feito em quatro anos.

Instalando sua banca de advogado, após ter sido solicitador quando ainda estudante, teve em mãos, logo de início, importantíssimas causas, em cuja condução revelou o seu largo descortino jurídico. Daí o convite que lhe fez o dr. Jorge Tibiriçá, então Presidente do Estado, para assumir uma promotoria na Capital, a qual aceitou um ano após a sua formatura.

Desempenhou esse cargo com grande realce durante algum tempo, tendo revelado magníficos dotes oratórios em acusações que sustentou contra os maiores criminalistas de então.

Foi nomeado, a seguir, Curador Fiscal das Massas Falidas da Capital, por sugestão do Dr. Washington Luis, então Secretário da Justiça do Estado.

Ao exonerar-se desse posto, recebeu do mesmo secretário, por carta, a declaração de que desempenhara o cargo "dando as melhores provas de dedicação ao serviço público, correspondendo plenamente à espectativa do administrador e à confiança do amigo."

Os Ministros, Juizes, advogados e mais funcionários do foro paulista promoveram nesse ensejo, pela segunda vez, uma manifestação de estima ao companheiro que se retirava definitivamente para a sua banca de advogado, tendo-lhe, com um album de mais de duzentas assinaturas, oferecido um brinde que significava "uma prova de apreço e cordial estima dos companheiros das lides forenses no momento em que deixava um cargo, em cujas árduas funções soubera sempre conduzir-se com talento, honradez e bondade."

Antes, ao deixar a Promotoria, recebera igual manifestação de apreço e um brinde (uma obra de arte), com dedicatória do punho de Vicente de Carvalho e as assinaturas de todo o pessoal do Foro.

Assumiu aí, então, o Dr. Sylvio de Campos a chefia de um dos mais importantes escritórios de advocacia de São Paulo, donde, a convite do Dr. Washington Luis, ingressou na política em 1924, como chefe político da Capital. Como delegado do partido no distrito da Consolação, fez o dr. Sylvio a sua estréia no pleito eleitoral de 17 de fevereiro desse ano. Escolheu este reduto porque considerado o mais forte dos do adversário (Olavo Egydio). Foi o resultado uma retumbante vitória do seu partido. Logo após passou o Dr. Sylvio de Campos a fazer parte da Comissão do Partido Republicano Paulista, deixando a Comissão Municipal, que, com a sua saida, foi extinta por proposta do Dr. Padua Salles.

Escolhido como candidato do Partido para integrar a chapa de deputados nas eleições à Câmara Federal, foi o dr. Sylvio de Campos a pessoa que mais votos recebeu no Brasil, até aquela época, na escolha de representantes dos Estados.

Exerceu o seu mandato até quando, com a vitória da revolução de outubro de 1930, foi extinto o Congresso Nacional.

Teve o Dr. Sylvio de Campos, em 1932, parte ativissima na vida de São Paulo, não só como um dos promoventes da jornada de 23 de maio, como tambem da Revolução Constitucionalista. Exilado em consequência da desassombrada e patriótica atitude que assumira, foi o dr. Sylvio de Campos, ao regressar da Europa, um dos reorganizadores e dirigentes do P.R.P., em cujo grêmio teve saliente atuação até 1937. Nessa época, divergindo da orientação assumida pela maioria da Comissão Diretora, renunciou ao cargo que ocupava, acompanhado neste gesto por grande número de companheiros. A sua saida representou, naquela conjuntura, um gesto de coerência política e de grande linha moral. Adversário político da situação federal de então, não compreendeu que o P. R. P. pudesse com ela congraçar-se. Reagiu e abandonou o partido, criando a Dissidência, com a qual tê-lo-ia derrotado nas urnas, se o golpe de 10 de novembro não houvesse extinto, no país, todas as atividades políticas. O Partido levara às urnas, nas últimas eleições, 160.000 eleitores. E até aquela data mais de 100.000 já tinham aderido ao Dr. Sylvio de Campos.

Digitized by Google

Retirou-se este, então, em definitivo, das lides partidárias, passando a dedicar-se exclusivamente ao seu escritório de advocacia e às empresas industriais que criara. Fe-lo conciente de ter dado à sua Pátria o que devia, pois conta no seu ativo prisões e exílio, mais de 3 anos perdidos de sua liberdade, de sua atividade, de uma vida mais util aos outros do que a ele próprio.

Entre as empresas industriais cuja criação se lhe deve, está a Companhia Brasileira de Cimento Portland S. A., da qual foi incorporador e primeiro presidente.

Foi essa Companhia que, pela primeira vez, deu ao Brasil cimento de verdade.

Em política nunca o Dr. Sylvio pediu por parentes. E por amigos só solicitou quando a justiça dos direitos destes se impunha. Em 1930, por ocasião da célebre devassa em que se procurou saber o que possuiam os próceres que então cairam, ficou provado, sem o seu concurso para esta conclusão, que devia mais do que possuia ao ingressar nas atividades políticas, tempo em que os seus débitos eram praticamente nenhuns. E os seus compromissos de dinheiro em 1930 resultavam todos dessas atividades.

Nunca se queixou, nunca se insurgiu por críticas feitas à sua pessoa. Apenas, quando se procurou atingir-lhe a honra, ele a defendeu sempre, ainda com risco de vida. E continua coerente, dentro desse temperamento verdadeiramente único, respeitado sempre por adversários os mais poderosos.

Casou-se nesta Capital, em 1901, com D.ª Maria Suzanna Dias de Toledo, filha do Dr. Manoel Dias de Toledo e de D.ª Adelaide de Campos; ele, filho do Conselheiro Dr. Manoel Dias de Toledo e de d. Izabel Martins Bonilha; ela, filha de Antonio Franco de Camargo Andrade e de D.ª Amelia de Campos, irmã do Dr. Bernardino de Campos.

Teve os seguintes filhos:

3-1 D. Suzanna de Campos. Nascida nesta Capital. Poetisa, com vários livros publicados. Casada com o dr. Mario Cintra Leite, filho de Antonio de Almeida Leite e de d. Candida Cintra Leite. Ele, descendente de uma irmã de Fernão Dias Pais Leme, Veronica Dias Leite (Silva Leme, vol. 2.º, pág. 498). Ela, descendente de João Pires (Silva Leme, vol. 2.º, pág. 132). Não tem descendentes.

3-2 Sylvio de Campos Filho. Nascido nesta Capital em 10 de junho de 1909. Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo recebido grau em 12 de dezembro de 1930. Casado com d. Linda Leite de Campos, irmã do dr. Mario Cintra Leite, acima citado.
Tem os seguintes filhos:
4-1 Cecilia de Campos.
4-2 Myrian de Campos.
4-3 Sylvio de Campos Neto.

3-3 Sylvio Luciano de Campos. Nascido nesta Capital. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo recebido o grau no dia em que se comemorou o centenário da instituição dos cursos jurídicos no Brasil. Exerce a sua profissão no foro de São Paulo. Casou-se nesta Capital com d. Alda Mathilde Savoy de Campos, filha de Alberto Savoy e de d. Maria Bandini. Ele, brasileiro, filho de pais suiços. Ela, italiana. Tem os seguintes filhos:
4-1 Maria Lucia de Campos.
4-2 Sylvia Celeste de Campos.
4-3 Sylvio Luciano de Campos Filho.
4-4 Antonio Alberto de Campos.

3-4 Carlos Eduardo de Campos. Nascido nesta Capital. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela nossa Faculdade de Direito. Casado com d. Stella Gonschior de Campos, filha de Alfredo Gonschior e de d. Elfrida Conschior, de origem alemã. Tem os seguintes filhos:
4-1 Carlos Eduardo de Campos Filho.
4-2 Carlos Americo de Campos.

3-5 Sylvia Celeste de Campos. Nascida nesta Capital e aqui falecida, solteira.

2-11 PERSIO DE CAMPOS. Nascido em Amparo e falecido menor.

2-12 D.ª ANGELINA DE CAMPOS. Nascida em Amparo. Casada com o Dr. Paulo Dias de Azevedo Junior, já falecido, filho de Paulo Dias de Azevedo e de d. Maria Antonio Alvares de Azevedo.

Tem os seguintes filhos:

3-1 Maria Angelina de Campos Dias de Azevedo. Nascida nesta Capital. Casada com o snr. Alberto Almeida, filho de Manoel Justino de Almeida, natural do Rio de Janeiro, e de d. Julietta Braga de Almeida, natural do Rio Grande do Sul. Tem os seguintes filhos:
4-1 Vera Cecilia Dias de Almeida.
4-2 Manoel Justino de Almeida Neto.

Digitized by Google

3-2 Maria Lucia, falecida menor.
3-3 Maria Helena Dias de Azevedo. Nascida nesta Capital. Casada com o snr. Hermano Pires Fleury Junior, natural de Tietê, neste Estado, donde são tambem os seus pais, Hermano Pires Fleury e d. Maria Luiza de Camargo Fleury. Tem os seguintes filhos:
4-1 Hermano Pires Fleury Neto.
4-2 Paulo Dias Fleury.

2-13 DR. ALMIRIO DE CAMPOS. Nascido em Amparo. Solteiro. Foi Juiz no Distrito Federal. Atualmente é Curador Fiscal das Massas Falidas da Capital de São Paulo.

2-14 CLOTILDE DE CAMPOS. Nascida em Amparo e falecida menor.

2-15 DR. DEODORO DE CAMPOS. Nascido nesta Capital. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

Foi advogado no Rio de Janeiro, tendo exercido a sua profissão para a The Rio de Janeiro Tramway Light & Power Co. Ltd. Foi posteriormente vice-diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo.

Falecido nesta Capital, em 28 de dezembro de 1938. Casou-se com D.ª Mercedes Horta Rabello, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Teve o seguinte filho do seu casamento:
3-1 Caio Mario Bernardino de Campos.

2-16 ALCIDES BERNARDINO DE CAMPOS. Nascido nesta Capital e aqui falecido em 6 de novembro de 1918, quando estava para doutorar-se em Medicina. Deixou do seu casamento com D.ª Gilda de Sá Pereira, natural do Pará, os seguintes filhos:
3-1 Yone Pereira de Campos.
3-2 Alcides Bernardino de Campos Filho.

Ao todo, entre mortos e vivos, teve o dr. Bernardino de Campos até hoje 104 descendentes: 16 filhos, 43 netos e 45 bisnetos.

IRMÃOS E ALGUNS ASCENDENTES DO DR. BERNARDINO DE CAMPOS.

Vitorino Antonio Jozé Gregorio, oficial de uma das naus da frota que trouxe d. João VI ao Brasil em 1808. Voluntário da Real Academia de Marinha, completou o Curso de Matemáticas e, devidamente habilitado, fez o seu primeiro embarque na nau "D. João de Castro", a 5 de Julho de 1800.

Dr. Bernardino José de Campos. Nascido em águas do Estado da Baia, quando seu pai voltava para Portugal. Regressou ao Brasil em 1822, fixando residência em São Paulo, onde se casou com d. Felisbina Rosa Gonzalez, natural de S. Paulo, filha de espanhóis.

Vitorino José de Campos. Casado com a irmã mais moça de seu sobrinho Bernardino. Sem descendência.

Dr. Americo Brasilio de Campos. Casado com d. Anna Amalia Peixoto.

Amelia Augusta de *Campos.* Casada em primeiras núpcias com Antonio Franco de Camargo Andrade. Em segundas núpcias, com Francisco Braga, natural de Portugal.

Dellfica de Campos. Casada com seu tio Vitorino José de Campos. Sem descendência.

Dr. Bernardino José de Campos Junior (Dr. Bernardino). Casado com d. Francisca de Barros Duarte, filha do alferes José de Barros Dias, natural do Minho, Portugal, e de d. Ignacia Joaquina Duarte, natural de Itú, São Paulo.

Digitized by Google

1) *Dr. Americo Brasilio de Campos.* Nascido em Bragança, Estado de São Paulo, em 12 de agosto de 1838. Casado com d. Anna Amalia Peixoto. Teve os seguintes filhos:

a) Virginia.
b) Anna.
c) Bernardino.
d) Jorge.
e) Armando.
f) Maria

O dr. Americo de Campos teve uma vida agitada. Trazido para esta Capital, onde foi batizado, seguiu, após, para Minas Gerais onde esteve até 1844. A esse tempo veio com os seus pais para Campinas, onde fez os seus primeiros estudos. Nessa cidade dedicou-se tambem ao estudo da música, tendo como condiscípulo Carlos Gomes, com quem muitas vezes cantou no coro da igreja de Campinas, por ocasião de solenidades religiosas.

Aos quinze anos, não tendo ainda decidido qual carreira seguiria, e estando muito indeciso a respeito, fez o seu pai que ele entrasse para o comércio. Como, porem, não sentia amor por esta profissão, rumou Americo de Campos para São Paulo com o fim de graduar-se em direito.

Desastres financeiros de sua família privaram-no da mesada que recebia. Mas, sem esmorecer, sujeitou-se a toda sorte de privações e prosseguiu nos estudos, matriculando-se finalmente no primeiro ano do curso jurídico, em 1856.

Não foi Americo de Campos bom estudante. Preferia aos compêndios de direito os livros de filosofia e matemática. E só deixava estes pela sua primeira paixão, a música. Em todo o caso conseguiu formar-se e, nomeado promotor de Itú em 1861, para lá seguiu e tomou posse do seu cargo. Em 1864, com a morte de seu pai, abandonou a promotoria e veiu para esta Capital. Aqui constituiu escritório de advocacia, onde trabalhou até 1866. Nesta data ingressou no "Correio Paulistano", começando aí a sua carreira como jornalista e propagandista da república.

Único redator daquele jornal até 1874, editou simultaneamente, em 1867, o "Cabrião".

Em 1874 fundou a "Provincia de São Paulo", hoje "O Estado de São Paulo".

Em 1884 fundou o "Diário Popular" em companhia de José Maria Lisboa.

Proclamada a República, foi Americo de Campos nomeado consul do Brasil em Nápoles, onde faleceu depois de 9 anos de serviços.

2) *Amelia Augusta de Campos* casou-se em 11 de janeiro de 1853 em Campinas, com Antonio Franco de Andrade, filho do Commendador José Franco de Andrade e de sua mulher d. Francisca Margarida de Andrade. (Silva Leme, Vol. VI, pág. 196). Teve os seguintes filhos:

Adelaide de Campos. Casada com o dr. Manoel Dias de Toledo. Com descendência. São d. Adelaide e o Dr. Manoel avós maternos do autor destas notas.

Anna de Campos. Falecida solteira.

Digitized by Google

Carlos Augusto de Campos. Casado em Nápoles com Matilde Materazzo. Com descendência.

3) *Delfica de Campos.* Casada com o seu tio Vitorino José de Campos, sem descendência.

DOCUMENTOS

I — CASAMENTO de Francisco Inácio do Amaral Lapa e D. Maria de Barros Duarte (esta, irmã de D. Francisca de Barros Duarte de Campos).

"Fco. Ignacio do Amaral Lapa e Dona Maria de Barros Duarte: Aos vinte e nove de Abril de mil oito centos e setenta e um nestaMatriz de N. Senhora da Conceição de Campinas com Provisão do Vigário Capitular que, dispensou os proclamos e mais deligencias do estylo em minha presença receberão-se em matrimonio Francisco Ignacio do Amaral Lapa e Dona Maria de Barros Duarte aquelle filho legitimo dos finados Francisco Ignacio do Amaral Lapa e Dona Petronilla Egydio do Amaral Lapa e esta filha legitima do Alferes José de Barros Dias e Dona Ignacia Joaquina Duarte e na mesma occasião receberão as bençãos nupciaes: forão testemunhas o Comendador Joaquim Policarpo Aranha e o Commendador Joaquim Egydio de Souza Aranha, todos desta Parochia e para constar mandei fazer este assento que firmo."

(Não está assinado o termo).

"Paróquia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Casamentos N.º 6, Folhas 181-Verso (1861-1872).

Observações: Os Comendadores Joaquim Egydio de Souza Aranha e Joaquim Polycarpo Aranha, foram mais tarde agraciados pelo Governo Imperial com os titulos de Barão, Visconde, Conde e Marquez de Três Rios e Barão de Itapura, respectivamente, e eram tios maternos de Francisco Inácio do Amaral Lapa (Júnior).

Vide Silva Leme, Vol. 1.º, pág. 170 e "Anuário Genealógico", 1.º, pág. 125.

II. — REGISTRO DE CASAMENTO do Dr. Bernardino de Campos (1), a fls. 66, do Livro 6 da Catedral de Campinas (antiga Matriz da Conceição):

"Dor. Bernardino José de Campos e D. Francisca de Barros Duarte Campos. — Aos seis de Setembro de mil e oito sentos e secenta e quatro nesta Matris de Campinas Recebi em Matrimonio e lhes dei as Bençoes Nupciais na Forma do Ritual Romano aos Nubentes Dr. Bernardino José de Campos e Dona Francisca de Barros Duarte Campos em presencia das testemunhas; e para Constar mandei fazer este assento que firmo." Por comissão especial do Exmo. Rev. Sr. Bispo Diocesano, Pe. Roque Francisco Netto, Secretario do Bispado."

III. — REGISTRO DE BAPTISMO da Esposa do Dr. Bernardino de Campos (1), a fls. 32, do Livro 7 da Catedral de Campinas(antiga Matris da Conceição):

"FRANCISCA. — Aos dezanove de Setembro de mil oito centos e sincoenta e dois nesta Matris de Campinas de licença minha o Vigario José Maria de Souza Ribeiro baptizou e pos os Santos oleos a Francisca de tres mezes e meio de idade e filha do Alferes José de Barros Dias e de sua mulher Dona Ignacia Joaquina Duarte, brancos: o mesmo Reverendo Baptizante e Dona Veridiana Duarte Novaes por sua procuradora Dona Maria Eufrosina do Rego o padrinho de Assariguama (sic) a madrinha de Itu, e os mais desta Parochia. O Vig.º João M.el d'Alm.da Barbosa."

IV — OBITO do Dr. Bernardino José de Campos (pai do Dr. Bernardino de Campos).

"Bernardino Jose de Campos. — Aos dias seis de Janeiro de mil oito centos e sessenta e quatro nesta Parochia falleceu Bernardino Jose de Campos de idade cincoenta e oito anos mais ou menos cazado com Felisbina de tal, sem sacramentos, por que foi assassinado com um tiro de espingarda, e morreu de repente, recomendado solemnemente, e sepultado no Cemiterio desta Parochia.

(a.) O Vigario interino Sabato Antonio de Lucas."

"Paróquia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Óbitos N.º 6 Folhas 40 (1862-1869).

V — ÓBITO do Alferes José de Barros (pai de D. Francisca de Barros Duarte de Campos).

"Jozé de Barros Dias. Aos onze de Março de mil oito centos oitenta tres sepultou-se no Cimiterio d'esta Cidade de Campinas o cadaver de Jozé de Barros Dias viuvo, de oitenta e nove annos de idade. Foi recomendado solemnemente. E para constar fiz este assento, que firmo.

(a.) O Coadr. Luiz Colangelo."

"Paróquia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos N.º 8, Folhas 36 (1881-1889).

Observações: José de Barros Dias, segundo consta, era natural de Portugal.

VI — ÓBITO de D. Ignacia Joaquina Duarte (mãe de D. Francisca de Barros Duarte de Campos).

Digitized by Google

Dr. Bernardino de Campos.
(Na época do seu casamento).

Digitized by Google

Dr. Bernardino de Campos.

(No dia 15 de novembro, ao ser empossado Chefe de Policia).

Digitized by Google

CENTENÁRIO DO DR. BERNARDINO DE CAMPOS

"D. Ignacia Joaquina Duarte. — Aos vinte e quatro de Janeiro de mile e oito, centos e setenta e cinco foi sepultada no cemitério da Parochia da Conceição de Campinas, o Cadaver de D.ª Ignacia Joaquina Duarte de cincoenta e cinco annos de Idade Casada com José de Barros dias Cemiterio do S. Sacramento. Foi recomendada e para Constar mandei fazer o assento que firmo."

(Não está assinado o termo).

"Paróquia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Obitos N.º 7, Folhas 189-Verso (1869-1881).

VII — TERMO DE CASAMENTO de Antônio Franco de Andrade e D. Amélia Augusta de Campos (esta irmã do Dr. Bernardino de Campos).

"Antonio Franco de Andrade — Dona Amelia Augusta de Campos. — Aos onze de Janeiro de mil oito centos e sincoenta e tres nesta Matriz de Campinas com Portaria do Reverendissimo Vigario Geral que os habilitou depois de proclamados e não havendo impedimento fiz receberem se em matrimonio na forma da Igreja a Antonio Franco de Andrade natural desta Parochia donde ambos são freguezes filho do Comendador José Franco de Andrade e de sua mulher Dona Francisca Margarida de Andrade já falecida, e Dona Amelia Augusta de Campos natural de São Paulo filha do Douctor Bernardino Jose de Campos e de sua mulher Dona Felisbina Rosa Gonsalves. Servirão de Testemunhas prezentes o Douctor Agostinho Luiz da Gama e o Douctor Joaquim Mariano Galvão e na mesma occasião receberão as bencoes nupciaes.

(a.) O vigr.º João M.el d'Almd.ª Barboza."

"Paróquia de N. S. da Conceição de Campinas", Livro de Casamentos N.º 5, Folhas 79 (1841-1861).

Observações: Antonio Franco de Andrade, era neto paterno do 1.º e único Capitão-Mór de Campinas, João Francisco de Andrade, natural de Parnaíba e igualmente falecido em Campinas aos 22 de *Maio* de 1845, ambos sepultados solenemente na Igreja Matriz da mesma cidade.

---

(1) A cópia dos assentos foi enviada por nímia gentileza de nosso prezado consócio o Revmo. Bispo de Campinas, Sr. Conde Dom Francisco de Campos Barreto.

Os cinco últimos termos: PESQUISAS E CÓPIAS de *T. de Sousa-Campos Jr.* — *"Arquivo das Paróquias da Diocese de Campinas."*

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Da Revista "Touring", n.º 91, abril de 1941:

REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA — Publicação do Instituto Genealógico Brasileiro, de São Paulo. — N.º 2, 2.º Semestre de 1940. — Distribuição da Civilização Brasileira S. A., Rio de Janeiro.

Ampliando o seu campo de ação, de modo a compreender todo o país, o Instituto Genealógico Brasileiro, com sede em São Paulo, dividiu os trabalhos publicados no segundo número de sua revista pela respectiva procedência. São, portanto, artigos, pesquisas, documentos, árvores de costado, etc., escritos em dez Estados, além do Distrito Federal e do estrangeiro, os que aparecem no referido exemplar da "Revista Genealógica Brasileira". Examinando-os, não é difícil verificar o valor da contribuição pelos mesmos trazida aos estudos da especialidade, o que aliás já acontecia tanto no número anterior da mesma publicação, como nos dois volumes do "Anuário Genealógico Brasileiro", relativos a 1939 e 1940, igualmente organizados pelo Tte. Cel. Salvador de Moya, Presidente do Instituto.

Entre os trabalhos incluidos no segundo número da "Revista Genealógica Brasileira", merecem especial referência, pela maior extensão e pelo cuidado com que foram elaborados, os intitulados: "A Familia Lindenberg na Alemanha e no Brasil", "A Familia Sousa Campos", "Os Azevedos, de Lorena", "A Familia Bulcão, da Baía", "O capitão-mór João d'Antas e sua descendência", e "Corrêa de Saa Benavidez". Este último, de autoria do Sr. Alfredo Diaz de Molina, de Buenos Aires, se baseado em documentos realmente incontestáveis, reformará, em mais de um ponto, o que se sabe sobre a familia que deu tantos governadores ao Rio de Janeiro, desde os primeiros, inclusive o célebre Salvador Corrêa de Sá e Benevides, restaurador de Angola, em 1648, até aqui unanimemente considerado carioca e que no referido artigo aparece como nascido em Cádiz, na Espanha. — H. V.

Digitized by Google

Seção de Documentos e Papeis da Casa Imperial

Vasco Smith de Vasconcellos (1)

Continuamos a seguir com a publicação da interessante conta apresentada por Francisco Ignacio Curvello, alfaiate de S. M. o Imperador Dom Pedro II, ao Mordomo da Casa Imperial, referente aos meses de Junho, Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1854, num total de Rs. 977$000.

Há a assinalar que, até aquela data, ainda os recibos não levavam selo e os papeis endereçados às repartições públicas eram isentos de estampilhas.

DOCUMENTO II

Em cumprimento do decreto n.º 379 de 27 de outubro p. p. o snr. Tesoureiro da Casa Imperial pague esta conta.

Paço, em 18 de novembro de 1854.

Velho da Silva.

Relação das obras feitas para S. M. o Imperador, por Francisco Ignacio Curvello A saber:

1854

Junho	22	1 Feitio de Calça de casemira branca	6$000
	30	Dinheiro para aluguel de seje	14$000
Julho	15	1 Feitio de Calça preta	5$000
		1 Calça de casemira setim	40$000
		1 Feitio de Sobre de pano	34$000
Agosto	12	1 Feitio de Casaca	34$000
		4 Feitios de Calças	20$000
		3 Feitios de Coletes	15$000
		1 Colete de seda bordado	25$000
		Dinheiro para aluguel de seje	7$000
Setembro	9	1 Casaca de pano superior	86$000
		1 Calça de casemira de cor	26$000
		2 Feitios de Calças pretas	10$000
	11	1 Feitios de Farda 3.ª	50$000
		Bordado da mesma	160$000
		Braçadeiras e Botões	17$000
Outubro	9	4 Gravatas de seda	12$000
	23	1 Feitio de Casaca	34$000
		18 Feitio de Calças brancas	72$000
		4 Feitio de Calças de cor	16$000
		12 Feitio de Colletes brancos	48$000
			731$000

(1) Este documento pertence ao arquivo do dr. Vasco Smith de Vasconcellos, o qual publicará nesta seção outros documentos ou papeis referentes à Casa Imperial, que lhe forem enviados.

Digitized by Google

Em cumprimento do Decreto N.º 374 de 27 de Outubro p.p. o S.r Thezour.o da Casa Imperial pague esta Conta. Paço em 18 de Dezembro de [illegible]

[illegible]

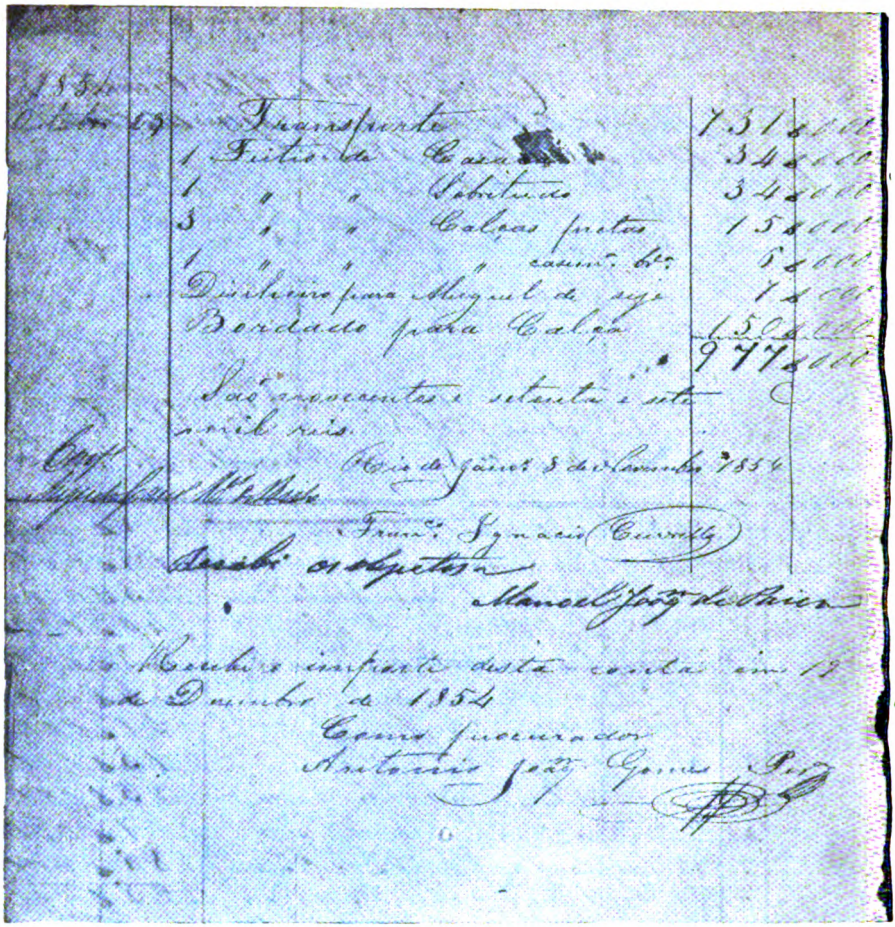
21

Relação das obras feitas para S. M. o Imperador por Fran.co Ignacio Carvalho [illegible]

Junho	22	1 Feitio de Calça de casim.ra b.ca	6$000
	30	Dinheiro para Alugel de [illegible]	14$000
Julho	15	1 Feitio de Calça preta	5$000
		1 Calça de casim.ra idem	40$000
	27	1 Feitio de Sobre de panno	34$000
Agosto	12	1 " " Casaca "	34$000
		4 " " Calças	20$000
		3 " " Colletes	15$000
		1 Collete de seda bordado	25$000
	31	Dinheiro p.a Alugel de seje	7$000
Setembro	9	1 Casaca de panno superior	86$000
		1 Calça de casim.ra de cor	26$000
		2 Feitios de Calças pretas	10$000
	11	1 " " Farda 3.a	50$000
		Bordado da mesma	160$000
		Bracadinas e Botões	17$000
Outubro	9	4 Gravatas de seda	12$000
	23	1 Feitio de Casaca	34$000
		18 " " Calças brancas	72$000
		4 " " " de cor	16$000
		12 " " Colletes brancos	48$000
			731$000

N.º 38

Digitized by Google



Outubro	23	Transporte	731$000
		1 Feitio de Casaca	34$000
		1 Feitio de Sobretudo	34$000
		3 Feitio de Calças pretas	15$000
		1 Feitio de Calças casemira branca	6$000
		Dinheiro para aluguel de seje	7$000
		Bordado para Calça	150$000
			977$000

São novecentos e setenta e sete mil réis.
Rio de Janeiro 8 de Novembro de 1854.

Confere
Augusto Carvalho Menezes de Brito

Francisco Ignacio Curvello.

Recebi os objetos.
Manoel Joaquim de Paiva.

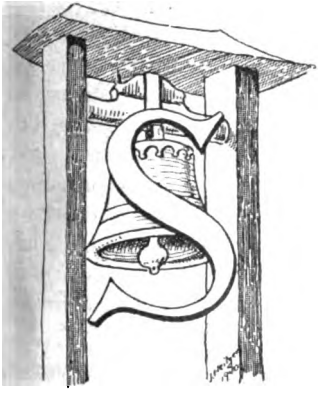
Recebi o importe desta conta em 19 de dezembro de 1854

Como procurador
Antonio Joaquim Gomes Pereira.

Digitized by Google

Prudente José de Morais Barros

O Pacificador



Aureliano Leite

Se fosse vivo, Prudente José de Morais Barros completaria um século de existência a 4 de outubro de 1941. Nascido em Itú, foram seus pais José Marcelino de Barros e D. Catarina Maria de Morais.

Cêdo lhe faltou José Marcelino, assassinado traiçoeiramente pela faca de um estribeiro negro. Estudou com dificuldades. Lecionou-lhe algumas disciplinas de humanidades Couto de Magalhães, já no curso jurídico. Passou obscuramente pela vida acadêmica. Formado em direito, em 1863, não voltou para a legendária Itú. Procurou antes a mais jovem Piracicaba, naquele tempo, Constituição, certo de que, na terra alheia, o santo de fóra é mais milagroso. Ali já morava e advogava, aliás, seu mano Manuel. Ao lado do irmão mais velho, iria tornar-se causídico proficiente.

Por sinal que, muito mais tarde, sendo Manoel senador federal e Prudente, chefe da nação, o deputado Augusto de Freitas, querendo apresentar seu colega mineiro Prisco Cavalcante a Manuel, pronunciou as palavras do estilo:

— O deputado Prisco Cavalcante, de Minas... O senador Morais Barros, irmão do Sr. Prudente de Morais...

A isto, segundo Humberto de Campos, teria assim protestado Manuel:

— Perdão... Eu sou o irmão mais velho! Prudente é que é meu irmão.

Nas antigas famílias, cheia de salutares hábitos patriarcais, era assim. O irmão mais velho jamais perdia a preponderância.

Digitized by Google

Todavia, Prudente, não obstante político desde logo, como advogado tinha feitio próprio: fazia-se pagar por todos, até pelos próprios eleitores seus. Mas nunca se cobrou senão módicamente.

Em 1866, com 25 anos, foi a Santos desposar D. Adelaide Gordo, filha do português Antônio José Gordo e irmã do futuro notável parlamentar Adolfo da Silva Gordo, que por êsse tempo contava apenas 8 anos de idade e pela mesma era criado.

Metido na vida de cidadinha, não escapou ao gosto da época. Pertenceu a uma sociedade literária e amadora do teatro. Davam-lhe a desempenhar os papeis severos. Por ter feito de "frei Anselmo", num dramalhão que deliciou a bôa gente antiga, quando seus posteriores adversários queriam atazaná-lo, ignorando coisas graves a seu respeito, chamavam-lhe pelo nome do santo beneditino inaugurador do método escolástico...

Vindo da monarquia, como Campos Sales e depois deste, foi como êste monarquista liberal. Dessa escola política, que já se estabelecera pelo adiantamento fronteiriça da república, evoluiu para a última e nesta se alistou em 1876. Se é verdade que Prudente não acompanhou logo seu irmão, Manuel de Morais Barros, pois deixou de tomar assento na Convenção de Itú, vale frizar que aderiu ao movimento republicano quando o Partido Liberal ia dominar e chegou a regeitar então uma presidência de província. Criticaram-n'o severamente por isso. Nada mais injusto. Deixára o poder com todos os seus atrativos irresistíveis pela aventura problemática da República. Saía "de cima" para baixo. O contrário, tão comum entre nós, é que, quando não por motivos de alto patriotismo, se torna mesquinho e reprovável.

Não iria pois fazer-se na República. Apresentava já larga bagagem de serviços e posições.

Prudente parecia o menos combativo da notável pleiade que o rodeava: Campos Sales, Rangel Pestana, Bernardino de Campos, Francisco Glicério e outros. Era contudo o mais sereno e o mais organisado, e, consequentemente, o mais eficiente na propaganda.

Campos Sales e os demais impunham-se pelos arroubos de oratória, hoje tão sem razão condenados, e pelos artigos apaixonados. Prudente falou muito, é certo, falava com alguma fluência... Mas, ouça-se o testemunho de Afonso Celso, seu contemporâneo na Camara dos Deputados gerais, o qual conta antes como causaria riso se alguém asseverasse, quando Prudente e Campos Sales se assentaram ali, que estavam nêles dois predestinados chefes de estado:

"Seus discursos, recheiados de cifras e referências a relatórios e outros documentos oficiais, demonstravam aplicação, espírito analítico, seriedade; mas quão compridos, quão monótonos! Em última análise, anódinos, dêles nenhum dano resultou para a monarquia. Prudente foi escutado com atenção até ao meio do primeiro discurso. Do meio para o fim houve debandada.

Digitized by Google

Perseverou limitado número de auditores. Idêntica debandada ocorreu nas outras ocasiões, aliás, raras, em que a figura espectral do Dr. Prudente, sobraçando papeis e calhamaços ameaçadores, se alçou para a tribuna".

Escrevendo, ainda os companheiros levavam-lhe vantagem. Outros manejavam a pena como senhores dela, traçavam libelos de um játo. Prudente era menos dextro e mais incorreto na linguagem.

Na República, pertenceu ao triunvirato que governou provisóriamente S. Paulo, no qual também estiveram Francisco Rangel Pestana e Francisco de Sousa Mursa.

As surpresas que constantemente a vida traz não fazem experiência. Aquele a quem, hoje, maltratamos é de quem, amanhã, dependemos. Vale um apólogo o episódio que se vai seguir. O juiz de direito de Piracicaba, Dr. Rufiro Tavares de Almeida, monarquista intransigente, não simpatisava com Prudente. Sobrevêm os acontecimentos de 15 de Novembro de 1889. Prudente já se achava em S. Paulo. Avisados da grande nova, seus partidários sáem para a rua, em passeata cívica que atroou os ares piracicabanos com bombas, dobrados e vivas.

No outro dia, Prudente vai ocupar o seu posto no triunvirato escolhido, na noite de 15, no Clube Republicâno, por aclamação do povo, sob proposta de Américo de Campos. Recebido o govêrno das mãos do derradeiro presidente da província, Brigd.º Couto de Magalhães, Prudente foi encontrar, na correspondência oficial do antecessor, ainda por abrir, um ofício de teôr parecido com isto:

> "Exmo. Sr. Presidente da Provincia.
>
> Piracicaba acaba de ser teátro de cenas desagradáveis de que V. Exa. precisa estar ao fato. Sob pretexto de haver sido proclamada a república, hoje, de manhã, na Côrte, conhecidos desordeiros e vagabundos, do grupo político do bacharel Prudente de Morais, percorreram as ruas com vivorio, foguetório e banda de música. Para que as arruaças não se repitam e se possa manter o respeito às autoridades, requesito a remessa urgente de 50 praças, devidamente armadas e municiadas.
>
> Deus guarde V. Exa. — O Juiz de direito da comarca — Rufiro Tavares de Almeida."

Se Prudente possuisse o temperamento do magistrado, coitado de Rufiro! Nunca, entretanto, o Dr. Rufiro esteve tão garantido em Piracicaba.

O novo delegado de polícia, futuro senador da República, Manuel de Morais Barros, nos primeiros dias, não fez outra coisa que guardar a residência e a pessôa do juiz contra o desabafo dos republicânos e adesistas em massa, como de regra.

Mas Prudente, nomeado por Deodoro, geriu sòzinho o futuro estado, até 1890.

É bastante significativo o manifesto que recebeu dos antigos monarquistas de São Paulo, ao passar, meses depois, o govêrno provisório para Jorge Tibiriçá. Assim se iniciava o documento:

"Os govêrnos que procedem com isenção de espírito, só tendo em vista o bem da pátria, a obediência à lei, o respeito à justiça, a economia dos

Digitized by Google

dinheiros e a mais severa moralidade na administração, impõe-se ao respeito público e conquistam os aplausos dos verdadeiros patriótas".

Encerram-no os signatários, afirmando que Prudente desceu do poder mas subira no respeito e estima dos paulistas.

E pedem a Prudente que, na alta Constituinte, para onde ia, empenhe sua atividade em prol da federação, *"federação ampla, perfeita, sem sofismas, sem mistificações, completa, baseada na independência recíproca dos estados, ligados únicamente pelo vínculo da mesma nacionalidade e da solidariedade dos grandes interesses de representação e da defesa exterior"*.

Assinam o documento: B. A. Gavião Peixoto, Barão de Sousa Queirós, Barão de Jaguára, Augusto de S. Queirós, Domingos Sertório, Marquês de Três Rios, Antônio Prost Rodovalho, Luiz Lins de Vasconcelos, Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, Luiz F. A. Maranhão, Barão de Melo Oliveira, Pedro A'rbues da Silva, M. de Almeida Melo Freire, A. F. de Aguiar e Castro, A. Moreira de Barros, Delfino Cintra, Joaquim Celidoneo Gomes dos Reis, Frederico Abranches, J. J. Vieira de Carvalho, José de Sousa Queirós e J. C. Leite Penteado.

Note-se a ausência de Antônio Prado, que permanecia na Europa, e de João Mendes, coerente com sua declaração de divórcio da política. Excetuadas uma ou outra mais figura imperial paulistana, como Rafael Corrêa, Nicolau de S. Queirós, José Aranha, João Cerqueira Mendes, Antônio Ribeiro dos Santos, todos os demais firmaram o documento.

Aliás, Prudente foi sempre acatado pelos grandes nomes monárquicos que se mantiveram fieis ao inolvidavel Imperador. O próprio Visconde de Ouro Preto, parco de elogios para os republicânos, com toda aquela inflexibilidade e altivês que lhe atribue Oliveira Viana, disse, mais tarde, do insigne ituano:

— É um homem extraordinário!

Deixando a direção provisória de S. Paulo, Prudente foi presidir a Constituinte da República, transfeita, afinal, em congresso legislativo e desdobrada nas duas câmaras.

No Senado, dizem os historiadores mais em evidência, sua serenidade manquejou. Candidato competidor de Deodoro, quasi vencedor, não encarou com simpatia a eleição do fundador do novo regime para Presidente do Brasil. E guerreou tenazmente Deodoro. Iniciou a campanha tratando descortezmente o Generalíssimo, logo no dia em que lhe dava posse.

Da briga que, por um nada, ia enterrando o recem-nascido regime, surtiu como inevitável consequência o golpe de estado de 23 de Novembro de 1891.

Deodoro, gloriosamente, renuncía e, desiludido, morre daí a pouco.

Ascende Floriano. Prudente e seu grupo ligam-se a êle. Prestigiam todos os seus atos abusivos, inclusive o que violou a Constituição que mandava o vice-presidente em exercicio proceder à nova eleição.

Digitized by Google

Após ajudar Floriano a se colocar no poder, Prudente vem a São Paulo auxiliar Campos Sales, Bernardino, Tibiriçá, Glicério e outros, nas hostilidades a Américo Brasiliense. Foi dos primeiros entre 39 que firmaram a ata de instalação do govêrno Cerqueira César, em 5 de dezembro de 1891. Seu nome vem entre os do Comandante Castelo Branco e Campos Sales.

Todavia, Prudente coroou sua carreira pública como presidente da República. Sucedeu a Floriano, o qual, talvez apenas por doente, "não se deixou levar pelo espírito de alguns facciosos que o aconselhavam a não entregar o govêrno".

"Não fosse o oportuno falecimento daquele homem, em tal instante — continua um cronista — e não se sabe o que teria acontecido".

Como é costume dizer-se, se Prudente não existisse para a época, precisaria ser inventado. "A ditadura de Deodoro inquietou muita gente. O govêrno Floriano, dadas as condições em que a revolta de Custódio José de Melo e Saldanha da Gama o colocou, largamente contribuiu para irritar os mais comedidos. A situação do Brasil, nessa hora de incertezas e privações, era melindrosa, portanto".

Êle pacificou, restabeleceu a ordem e tornou a lei respeitada.

Para atingir o seu desideratum chegou a romper com F. Glicério, sem dúvida nenhuma, quem o erguera até à presidência. Prudente zangara-se azedamente com vários outros dos seus próprios coestaduanos. Indício disto é a carta abaixo, inteiramente inédita, que me foi oferecida pelo velho amigo José Maria Lisbôa Júnior:

"Rio, 17 de Agosto de 1896.
Ilmo. Sr. José Maria Lisbôa.
O "Diario Popular" de 15 do corrente publicou o seguinte:

NOTICIARIO

Na Capital. — Está em S. Paulo o ilustre deputado federal Dr. Bueno de Andrada, que inda ha pouco na questão dos protocolos, *deu prova eloquênte de seu sincero patriotismo.*

Saudamo-lo amistosamente, desejando vê-lo sempre como um digno representante paulista no congresso federal.

D'esta affirmação se induz evidentemente que, na opinião do "Diário Popular", o governo que assignou o protocolo e os deputados que o approvaram *deram prova eloquente de falta de patriotismo!*

Assignante do "Diário Popular" desde o 1.º dia de sua existencia, magôado com tão gran quanto injusta imputação, feita em tom dogmatico, — peço á V.ª S.ª que elimine-me d'entre os assignantes, enviando-me a nota do que estiver devendo para pagar-lhe. — De V.ª S.ª Att.º Vor. "Prudente de Moraes."

Contemporaneamente, explóde a oposição. Prudente teve que lutar seriamente, porque os adversários mostravam-se formidaveis. Ao demais, alia-se a Glicério o vice-presidente Manuel Vitorino, maguado com a volta inesperada de Prudente ao exercício do cargo de que se afastára por licença para tratamento de saúde. Prudente precisava voltar. Vitorino parecia querer dar cabo do dinheiro da nação. E o autêntico filho de Itú primava pela economia. Isto, porém, não impediu que fosse êle quem com-

Digitized by Google

prasse do Conde da Nova Friburgo o Palácio do Catete. (Já atribuí por equívoco essa aquisição a Manuel Vitorino. Um dia destes repetiu o êrro o escritor Silveira Peixoto, que tem dedicado a Prudente de Morais excelêntes páginas).

Para agravar as dificuldades que reinam nessa época, explode, no Rio, o desastre da expedição Moreira César, contra os jagunços de Canudos, nos sertões da Baía. "A opinião exaltou-se de um modo incrível. A princípio, foi o espanto. Logo, um intenso agitar de conjeturas para explicar o acontecimento. Disseram que os jagunços eram inspirados e apoiados pelos monarquistas; que estes lhes enviavam armas, munições, dinheiro."

A República estava pois em perigo. Cumpria salvá-la. "Diversos jornais monarquistas foram vítimas do sagrado furor, sendo queimado o material das respetivas oficinas, na praça pública. Júlio Gentil de Castro foi assassinado aparatosamente, para aplacar a cólera piedosa da divindade insurgida. Era uma tortura de dúvidas cruciantes, diz Euclides da Cunha".

Num crescendo, de março de 1897 em diante, as coisas pretejaram. Em São Paulo um novo órgão, "A Nação", de Glicério, Alvaro de Carvalho, Pedro de Toledo e outros, abre constante fogo contra o presidente.

O atentado de 5 de novembro do mesmo 1897, que arrebentou como uma apavorante desgraça, foi, no final das contas, o que revigorou Prudente. O presidente, às portas de um fracasso, retornou com um prestígio como não grangeára ainda. Àquele seu pequeno manifesto lançado imediatamente ao País, correu todo o País para protegê-lo. Glicério, seu formidável partido e seus candidatos presidenciais — Lauro Sodré e Fernando Lobo, tudo rodou por água abaixo. Escreveu Prudente no documento aludido:

"O precioso sangue de um Marechal do Exército brasileiro derramado na defesa da pessôa do chefe de Estado, dá a certeza de que os incumbidos da sustentação da autoridade pública e das instituições, não hesitam no cumprimento de seu dever, ainda mesma quando levado ao extremo sacrifício. A nobre indignação popular manifestada naquele trágico momento, as inequívocas provas de apôio e solidariedade dadas ao presidente da República, fortalece-me a convicção de que posso contar com o povo brasileiro para manter com dignidade e desassombro a autoridade de que estou investido pelo seu voto espontâneo e soberano".

Mas enquanto a autoridade se levantava e se afirmava, a saúde, a vida começou a se lhe ir. Só uma estrutura de cimento armado e uma alma de mármore podem resistir às emoções continuas do govêrno em fases agitadas.

Ficou-lhe no coração a certeza amarga de que por detrás do matador do Marechal Carlos Machado Bitencourt, de volta de Canudos extinta, por detrás de Marcelino Bispo, estiveram muitos dos seus contemporâneos da famosa campanha republicâna. Queriam pagar-lhe com o assissínio a obra de paz e ordem que iniciára. A ferida não se fechou mais. Outra coisa não lhe arruinou o organismo delicado e lhe abreviou a morte.

Digitized by Google

S. Paulo, todavia , não lhe negou justiça. No seu retorno do Catete, vitoriou-o. E o entusiasmo cresceu com um discurso de J. J. Seabra, entregando-o a seus patrícios. O político baiano, que ainda existe, falou da rua Direita para o Hotel de França, aonde se recolhera o ex-presidente.

Não apenas o povo anônimo bateu palmas a Prudente. Não apenas a situação política o aclamou. Também homens de responsabilidade e independência, à frente João Monteiro, êsse príncipe da inteligência paulista, vieram a público aplaudí-lo. Do hino de vitória, muito expressivo, apezar de gongórico, que lhe dedicou o mestre de direito, vale a pena extraír este pedaço:

"Ser general da força é ser homem temido e pode mesmo importar a glória. Mas ser soldado da lei é tanto nos constituirmos invencíveis quanto amados. Esta é a linha mais brilhante da grandiosa personalidade do ex-Presidente da República. Governou com a lei e na lei. E foi tanto mais admirável aquele homem que ao subir não encontrava vivo sequer o direito. Tinham degolado o espírito da República. E êle reanimou a lei".

João Monteiro ganhou aplausos gerais. Prudente foi isso mesmo. Antônio de Morais Barros, seu sobrinho, filho do senador Manuel, referiu-me dois gestos eloquentes de seu tio. Relacionam-se com as deposições do barão de Traipus e de Hercílio Luz, respetivamente, dos govêrnos de Alagôas e Santa Catarina. Ambos guerreavam Prudente, mas como estavam dentro da lei, Prudente repô-los, em 24 horas.

Nossos administradores republicânos não escaparam ao retalhamento, até da honra. O próprio Campos Sales padeceu-o. A honra de Prudente porém, consolidou-se a ponto da calúnia andar sempre longe dela como o diabo da cruz.

Nas vésperas da entrega do govêrno a Campos Sales, José do Patrocínio escreveu sôbre Prudente uma série de artigos coroados por estas linhas admiráveis:

"Refletido e tenás, nunca arriscou em aventuras o êxito de uma medida. Tinha a hesitação salutar dos fortes, dos que só resolvem para chegar perseverantemente ao fim. Por isto mesmo as suas decisões eram irretratáveis. Sua autoridade era como o ráio; quando se sentia o rumor de uma medida já êle havia fulminado, saneando o ambiente em que se exercia a sua ação. Inacessível a intrigas, zombava dos intrigantes, confundindo-os com finíssima ironia. Um dia lhe foram dizer que um desterrado, despedindo-se na hora do embarque, disséra que havia de voltar e o esfaquearia, para beber-lhe o sangue.

— É natural, observou Prudente de Morais; o homem não havia de ir para o desterro dando-me vivas.

Nunca pensou em desacatar os outros dois poderes constitucionais; podia ter burlado o "habeas-corpus", declarando estado de sítio, até a reunião do Congresso. Não quiz: a conciência lhe dizia que a repressão constitucional havia reproduzido o desejado fruto, e não podia servir-se da Constituição como escudo para um desabafo pessoal. Limitou-se a registrar o procedimento dos juíses, para não invadir a esféra de competência

Digitized by Google

do poder judiciário. Não queria ser forte exaurindo a força constitucional comum a todos os poderes. Cidadão exemplar, passou pelo govêrno sem que a calúnia o pudesse arranhar na sua probidade imaculada. Não fez amigos a preço de concessões e de favores. Os que o seu civismo e abnegação crearam em derredor de sí, sabiam de antemão que êle não conhecia senão a lei e só se julgava obrigado a servir a pátria. Um justo, na verdadeira significação e valor do termo, eis o que foi o santo, o martir, o varão probo que se recolhe à vida privada. Em honra de seu nome a República ha-de levantar um altar ao patriotismo, para que nêle se celebre o culto da tolerância e do amor à liberdade. Êsse espírito viril só se deixou dominar por um terror: o de praticar a injustiça; o de confundir o que era pessoal com o que era governamental. Todos podiam atacar livremente a Prudente de Morais; não fizessem porém à sua autoridade e à lei. Deixaria saudade salutar no espírito do povo, saudade que será o anjo da guarda dos govêrnos constitucionais, defendendo-os das tentações do arbítrio e da violência. Foi, em uma palavra, um modêlo de virtude e honra, de patriotismo e firmeza, de sabedoria e abnegação. Foi o sacerdote da pátria e pontificando a missa nova do govêrno civil, coube-lhe a missão sobre-humana de transubstanciar o sangue do mártir de 5 de novembro no verbo da liberdade e da justiça, da lealdade e do devotamento para a redenção do nosso passado e glorificação do nosso futuro".

Ainda que doente, Prudente não se alheiou da política, quando desceu do Catete. Arte ou ciência, a política é uma cachaça terrível...

Contra Campos Sales, a quem passára o govêrno, e contra Bernardino, na administração do estado de São Paulo, movimentaram-se os seus melhores soldados. Esta outra carta, também inédita, que devo á galantaria da Senhorinha Carolina Gordo, filha do ilustre Senador Adolfo Gordo, como já se referiu, cunhado de Prudente, a quem é dirigida, dá uma idéia de como as coisas já estavam enfarruscadas pelos fins de 1900. Nessa missiva, o ex-presidente, manifestando o seu contentamento pela solução vitoriosa da questão do *Amapá*, iniciada no seu govêrno, e louvando por ela o grande Rio Branco, relembra o litigio passado da ilha da Trindade, decidido sob sua administração e, a-pesar-de menos importante, sob melhores aplausos populares, o que indicava para o missivista o fundo desagrado nacional.

Eis aqui a carta, respeitadas a redação e grafia:

"Piracicaba, 12 de Outubro de 1900.

Adolpho.

Desejamos, eu e Adelaide, que vossê já esteja restabellecido da febre que o acommetteu ultimamente.

Vinde passar alguns dias aqui para convalescer da febre e reconstituir-se logo. —

Agradeço as vossas felicitações pela feliz terminação do nosso secular e gran litigio do Amapá —: é a segunda grande victoria diplomatica que o Brasil deu principalmente á competencia e ao esforço patriotico do Rio Branco. —

A questão do Amapá era a mais grave e importante das nossas questões internacionaes -; entretanto — a nossa explendida victoria não foi fes-

Digitized by Google

tejada como merecia —, tal é o estado de descontentamento e de abatimento do espirito público em nossa terra.

Vossê ha de lembrar-se que o laudo das Missões, a pacificação do Rio Grande e a solução do conflicto da Trindade, determinaram festas e manifestações populares durante muitos dias e nenhum d'esses acontecimentos tinha a importancia da victoria no litigio do Amapá. —

Recebi a noticia da nossa victoria, no Pao de Alho, no dia 2 —, pouco mais de 24 horas depois de informada a sentença ao Rio Branco em Berna —, e fiquei contentissimo —, especialmente pela responsabilidade que tinha nessa questão. —

Imagine que a decisão nos fosse contraria —, o que não soffreria eu de descomposturas dos *engrossadores* que responsabilisariam exclusivamente á mim pelo resultado. —

O resultado favoravel é atribuido por *"elles"* exclusivamente á outros! Adeus até sempre,

Do C.º e amigo
Prudente de Moraes".

Lá de Piracicaba, não tardou a decretar o estouro da célebre dissidência partidária de 1901. Eleitoralmente, de baixo para cima, jamais se venceu, no Brasil republicâno. Isto, pois, não lhe trouxe vitória e só lhe valeu levar para o túmulo maior desilusão dos amigos e deixar na terra rancores que nunca se findaram, como por exemplo, os de Campos Sales, Bernardino, Glicério e outros próceres.

Não obstante correr até hoje que a candidatura de Campos Sales fôra indicada por si, êle, mais tarde, chefe da dissidência, declarou, alto e bom som, que a sua conciência "não o acusava do pecado de haver concorrido para a apresentação do nome de Campos Sales".

Isto provocou no outro aquele revide do "Da Propaganda à Presidência": — "Qualquer que tenha sido o sentimento que inspirou esta declaração, nunca deixarei de tributar-lhe a mais profunda gratidão por êsse movimento de sinceridade que limpa a minha candidatura de mácula que lhe atribuiram os adversários."

Os últimos meses de sua existência, viveu-os para a família e os antigos clientes da advocacia que êle interrompera, não obstante ter-lhe dado relativa abastança. Acompanhou-o, nos derradeiros anos, como médico e confidente, Paulo de Morais Barros, seu sobrinho, filho mais velho de Manuel e um dos mais rétos espíritos que São Paulo tem produzido.

O nariz judáico de Prudente de Morais acentuava-lhe ares nazarenos que confirmavam sua remota ascendência israelita, registada, se me não engano, por Luiz Gonzaga da Silva Leme. Conquanto de rosto ânguloso, testa curta, tinha uma fisionomia doce, reflexo talvez de seus olhos serenos posto que penetrantes, da sua barba patriarcal, ultimamente quasi branca, senão mais de seu temperamento meditativo e triste.

Sua vida se apagou, em Piracicaba, aos 3 de dezembro de 1902. Morreu com 61 anos.

Com sua morte, esqueceram-se por algum tempo antipatias e rancores.

Rendeu-lhe o Brasil honras excepcionais. Falaram os parlamentos, gemeu a imprensa e o telégrafo de Piracicaba só viveu para os despachos de condolências.

Digitized by Google

Destes, houve um que comoveu demasiado a família do morto: —

"Resignação. Deus é misericordioso!

Baronesa do Serro Azul".

A baronesa foi uma das pessôas que mais vivo interesse tomaram pela saúde de Prudente. Havia nêsse interêsse simpatia e gratidão. O barão do Serro Azul fôra assassinádo bárbaramente cerca de Curitiba, ao tempo da revolta. A viuva procurou em vão o cadáver do esposo para lhe dar sepultura. Já Prudente presidia aos destinos da nação, quando um dia lhe anunciaram que uma senhora, môça, vestida de negro, desejava falar-lhe. Prudente recebeu-a. E ouviu-lhe os episódios que tiveram como desfecho o fuzilamento de Serro Azul. Feita a exposição, a baronesa acrecentou: — Baldados hão sido, Sr. presidente, os esforços que tenho empregado para descobrir o cadáver de meu marido. Roguei, supliquei, exigí do governador de Curitiba que me désse ao menos, por entre as torturas porque tenho passado, a consolação de me mandar entregar o corpo de quem fôra em vida modêlo de dedicação e bondade... Resolví portanto, deixar o meu estado e vir ao Rio pedir justiça ao presidente da República. Disseram-me que V. Exa. adorou sempre a justiça. Eis uma ocasião própria para eu ficar convencida de que no primeiro governo civil se faz efetivamente justiça aos que dela carecem.

Prudente respondeu:

— Volte a senhora para Curitiba e procure de novo o cadáver de seu marido. Eu lhe asseguro que o governador não a estorvará nessa piedosa tarefa e que a senhora terá enfim o consolo de encontrar o corpo do barão do Serro Azul.

E uma hora depois, Prudente telegrafava ao governador do Paraná, concluindo assim o despacho:

"Além do sentimento do dever, vai nisto o sentimento de humanidade. E para que mais uma vez não sejam baldados os esforços da viuva, hoje mesmo telegrafo ao comandante do distrito ordenando-lhe que ponha à disposição da Baronesa do Serro Azul a força de que ela precisar..."

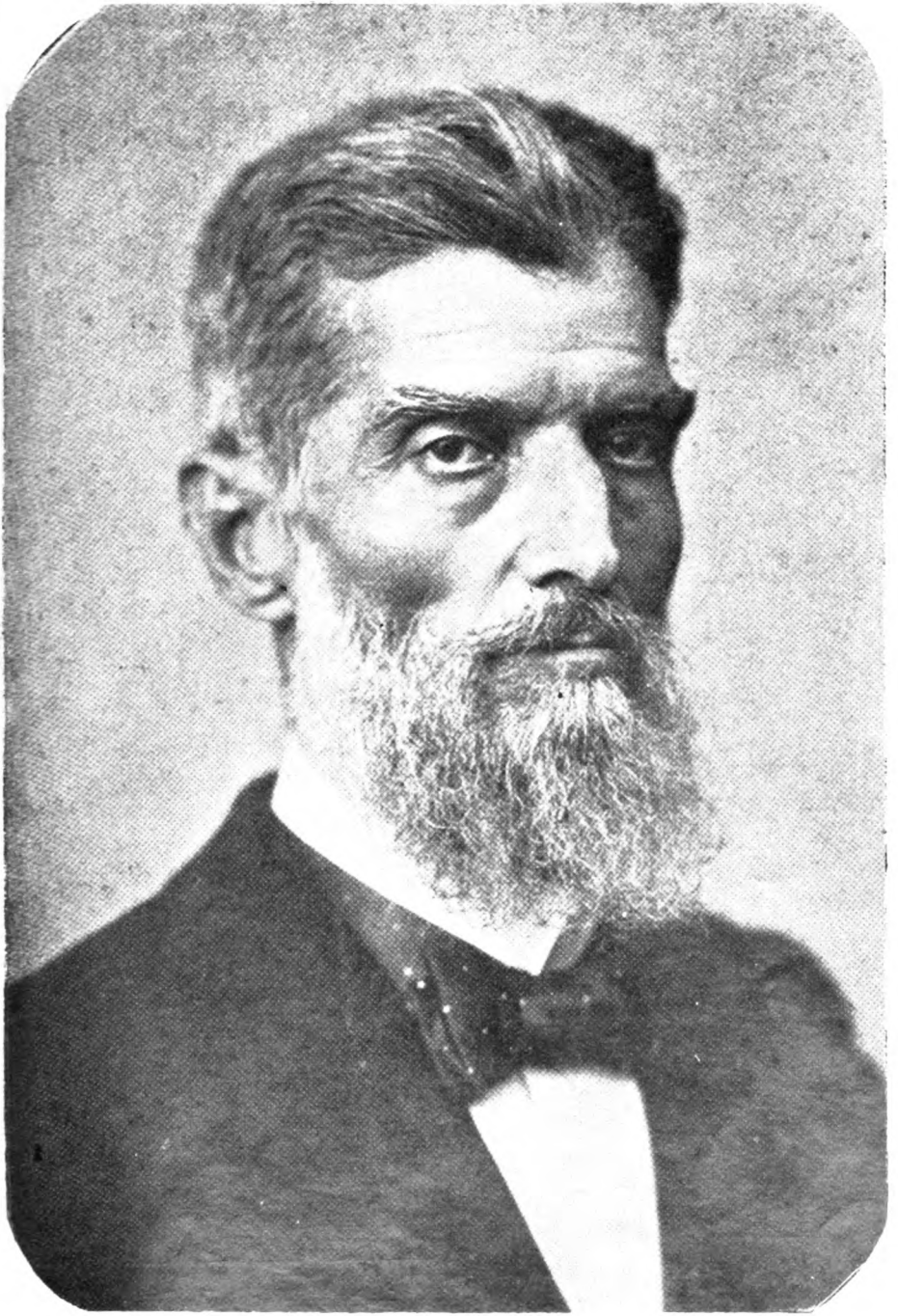
Logo depois a titular encontrou o cadáver do marido. Êste episódio está na "Cronologia" de J. J. Ribeiro. Vale como a última penada nos traços — serenidade e energia — de Prudente.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. Julio Soares de Arruda Filho, de Campinas:

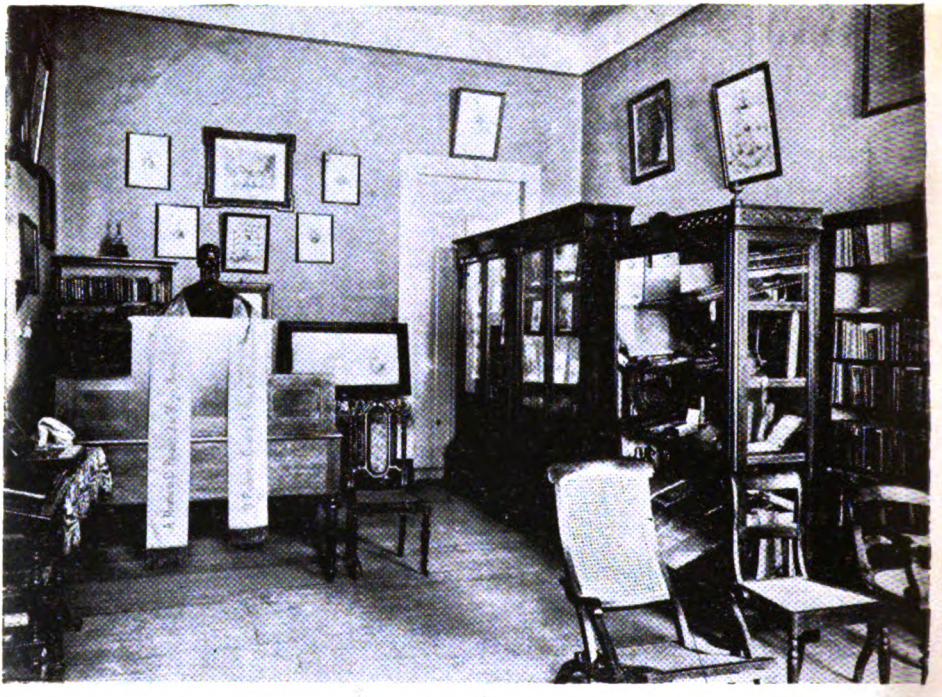
"... Não preciso encarecer o valor dêsse trabalho: a aceitação que êle teve é a melhor resposta. Nem era de esperar outra cousa de uma pessôa da competência do seu autor. De V. S. já há muito conhecia o nome, e por quem eu já tinha uma grande simpatia, conhecendo o seu esforço no sentido de desliar o tão emaranhado passado de vidas ilustres e da nossa história nacional, como a genealogia dos nossos antepassados. O seu gesto, portanto, veiu dar oportunidade para nos aproximarmos, unidos que já somos, pela propensão do espírito para êsses estudos. Continúe a enriquecer o estudo genealógico brasileiro, trazendo a propagação, entre nós, com jóias do mesmo quilate...".

Digitized by Google



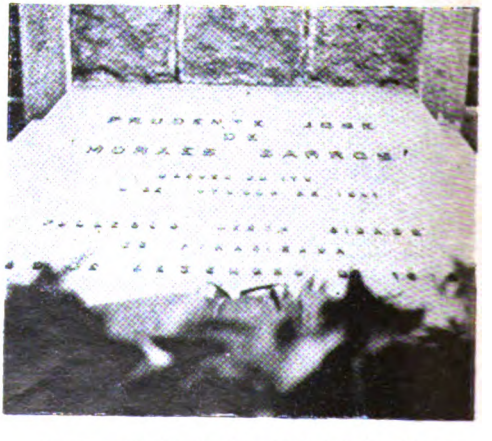
Dr. Prudente de Moraes Barros.

Digitized by Google



Escritório de advocacia do Dr. Prudente de Moraes, em Piracicaba, transferido, depois de sua morte, para o Museu de Itú, onde se acha

Tumulo do Dr. Prudente de Moraes, em Piracicaba



Lapide tumular do Dr. **Prudente de Moraes**

As duas últimas fotografias gentileza de nosso presado consócio prof. **Carlos Martins Sodéro, socio,** colaborador e delegado do Instituto Genealogico Brasileiro, em **Piracicaba. Gratos.**

Digitized by Google

GENEALOGIA DO DR. PRUDENTE DE MORAES [1]

I — *Ascendentes*

1 Dr. Prudente de Moraes Barros, Presidente da República (Silva Leme, VII, 79)

- 3 Catarina Maria de Moraes (Silva Leme, VI, 343)
  - 6 Manoel Vieira de Brito (S. Leme, VI, 342)
    - 12 Gaspar Nunes de Brito, † 1787 (Silva Leme, VI, 341)
      - 24 Miguel Bicudo de Brito (1681-1749) (Silva Leme, VI, 339)
      - 25 Ana Maria Nunes
    - 13 Isabel Vieira da Silva (Silva Leme, VIII, 182)
      - 26 Cap. Inácio Vieira Antunes, † 1789 (Silva Leme, VIII, 181)
      - 27 Maria da Silva Ferreira, † 1773
  - 7 Isabel de Moraes. Casou em 1803.
    - 14 Tenente Manoel José Machado (Silva Leme, V, 410)
      - 28 José Alvares Tenorio, † 1764
      - 29 Catarina Machado Pinto (Silva Leme, V, 410)
    - 15 Ana de Moraes Camargo (Silva Leme, VII, 74)
      - 30 Fernando de Figueiró de Camargo, n.º 8 supra.
      - 31 Isabel de Moraes, n.º 9 supra.
- 2 José Marcellino de Barros (Silva Leme, VII, 77)
  - 4 Fernando Antonio de Figueiró (S. Leme, VII, 77)
    - 8 Fernando de Figueiró de Camargo (Silva Leme, VII, 73)
      - 16 João de Figueiró da Silva, † 1763 (Silva Leme, VIII, 458)
      - 17 Mecia de Moraes de Camargo (Silva Leme, VII, 72)
    - 9 Isabel de Moraes (Silva Leme, VIII, 508)
      - 18 José de Moraes Pires (Silva Leme, VIII, 507)
      - 19 Isabel Gonçalves Paes, † 1751 (Silva Leme, IV, 480)
  - 5 Isabel de Barros (Silva Leme, VII, 188)
    - 10 Cap. Inácio Barbosa de Araujo (Silva Leme, VII, 188)
      - 20 Gervasio de Amorim Dantas, † 1739
      - 21 Maria Paes de Mendonça, † 1767 (Silva Leme, VII, 188)
    - 11 Maria Leite de Barros Penteado (Silva Leme, III, 422)
      - 22 Cap. Francisco Gonçalves de Oliveira
      - 23 Maria Dias de Barros, † 1734 (Silva Leme, III, 420)

(1) Pela redação da Revista.

Digitized by Google

II — *Descendentes*

O Dr. Prudente de Moraes Barros c. c. D. Adelaide Benvinda Gordo, filha de Antonio José da Silva Gordo. Pais de (8 filhos):

F 1) D. Maria Amelia †, c. c. Dr. João Batista Silveira Melo †. Pais de:
- N 1) Dr. João Silveira Melo, adv., c. c. D. Herminia França.
- N 2) Dr. Prudente Silveira Melo, eng.º, c. c. d. Helena Muller. Pais de:
  - Bn 1) D. Córa.
- N 3) D. Teresa Silveira de Barros, casou-se com o dr. Trajano de Barros Camargo. Pais de:
  - Bn 2) Nelson.
  - Bn 3) Flavio.
  - Bn 4) Renato, c. c. D. Carolina de Camargo. Pais de:
    - Tn 1) D. Maria Inês.
  - Bn 5) Flaminio.
  - Bn 6) Trajano.
  - Bn 7) Prudente.
  - Bn 8) D. Maria Teresa.
- N 4) Dr. Otávio Silveira Melo, eng. agronomo, c. c. D. Geraldina ..... Pais de:
  - Bn 9) Dick.
- N 5) Dr. Silvio Silveira Melo, eng. agronomo, c. c. D. Jandira Simões. Pais de:
  - Bn10) João.
  - Bn11) D. Maria Amelia.
  - Bn12) Silvio.
  - Bn13) D. Jandira.
  - Bn14) Josete.
- N 6) D. Adelaide Silveira Melo, c. c. Pedro Cariani.

F 2) Gustavo de Moraes Barros †, negociante, c. c. D. Carolina Zanotta. Pais de:
- N 7) Dr. Prudente de Moraes Neto, adv., c. c. D. Olinda Magalhães.
- N 8) D. Adelaide de Moraes Barros, c. c. Dr. Marciano Lopes Loureiro, eng. agronomo.
- N 9) D. Maria Luisa de Moraes Barros, solteira.
- N10) Dr. Carlos de Moraes Barros, med., deputado, c. c. D. Maria Alice Munhós.
- N11) Oscar de Moraes Barros, comerciante, c. c. D. Lidia Frasagli.
- N12) D. Carolina de Moraes Barros, c. c. José Alfredo de Almeida, lavrador. Pais de:
  - Bn15) Gustavo Prudente.
  - Bn16) Fernando.
- N13) D. Julia de Moraes Barros, solteira.
- N14) D. Irene de Moraes Barros, solteira.
- N15) D. Mariana de Moraes Barros, c. c. Dr. Ernani Pirajá, adv. Pais de:
  - Bn17) Carlos Eduardo.

F 3) D. Julia Prudente de Moraes, solteira, em Piracicaba.

F 4) Prudente de Moraes Filho, adv., deputado, viuvo de D. Blandina Mendes de Moraes, † 1904, filha do General Mendes de Moraes. Pais de:
- N16) Prudente de Moraes Neto, c. c. sua prima (N17) D. Iná Sampaio. Pais de:
  - Bn18) D. Maria.

F 5) D. Carolina de Moraes Barros, c. c. Dr. João Domingues Sampaio, adv.. Pais de:
- N17) D. Iná Sampaio, c. c. seu primo-irmão (N16) Prudente, c. s.
- N18) D. Véra Sampaio, c. c. Paulo Assunção. Pais de:
  - Bn19) Paulo.
  - Bn20) Gabriel.
- N19) Prudente Sampaio, c. c. D. Iris Castaldi. Pais de:
  - Bn21) João Sampaio Neto.
  - Bn22) D. Teresa Sampaio.

F 6) Dr. Antonio Prudente de Moraes, eng., c. c. D. Marieta Meireles. Pais de:
- N20) Prudente, † 1932, c. c. D. Maria Duarte. Pais de:
  - Bn23) João Prudente.
- N21) Dr. Antonio Prudente de Moraes, med., c. c. D. Carmen Anes Dias.
- N22) D. Adelaide de Moraes, c. c. Dr. Rafael de Paula Sousa, méd. Pais de:
  - Bn24) D. Heloisa Maria.
  - Bn25) Luiz Alberto.
  - Bn26) Silvio Luiz.
- N23) D. Rosina de Moraes, c. c. Fernando Getulio Costa, comerciante. Pais de:
  - Bn27) Antonio Carlos.
  - Bn28) Prudente José.
  - Bn29) D. Ana Maria.
- N24) D. Ana Maria de Moraes, religiosa.
- N25) D. Maria Julia de Moraes, solteira.

F 7) D. Maria Teresa de Moraes, † aos 13 anos.

F 8) D. Paula de Moraes Barros, c. c. Dr. Oscarlino Dias, †. Pais de:
- N26) D. Maria Antonieta, solteira.
- N27) Dr. Prudente de Moraes Dias, eng. agronomo, c. c. D. Laís ..... Pais de:
  - Bn30) D. Maria Regina.
- N28) D. Paula de Moraes Dias, solteira.

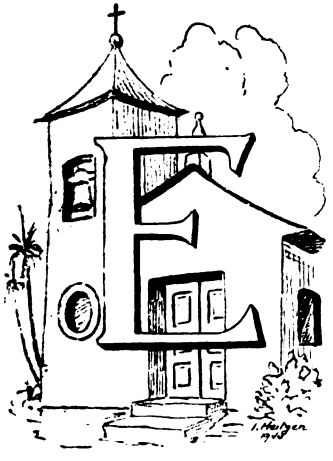
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

Jacob Rheingantz (1817-1877),

fundador da Colonia de S. Lourenço. Seus ascendentes e descendentes.



por seu bisneto

Carlos Grandmasson Rheingantz

STA familia tira o seu nome do rio Rheno, que banha a cidade de Bacharach (Rhenania) de onde é oriunda.

I

MARTIN RHEINGANS. Sabe-se que nasceu antes de 1570, e vivia em Bacharach, no Rheno; a grafia antiga do nome era Rheingantz, passando para Rheingans, tal qual ainda se escreve hoje na Alemanha.

Martin Rheingans, c. c. . . . . .

Pais de:

F 1) Pedro Rheingans, que segue.

II.

PEDRO RHEINGANS, residia em Bacharach, sobre o Rheno, e era artista-pintor, por profissão. Em Bacharach, a 8-VII-1611, c. c. Margarida Gillesen, nascida em Steeg, perto de Bacharach, falecida em Steeg a 31-V-1619.

Pais de:

F 1) Antonio Rheingans, que segue.

F 2) João Valentim (Hans Velten) Rheingans, em Steeg a 12-IV-1657, c. c. Anna Catharina Auel, natural de Steeg. Pais de:

N 1) João Adão Rheingans, n. 8-VIII-1658.

N 2) João Conrado Rheingans, n. 16-IV-1660, falecido a 16-IV-1660, viveu algumas horas.

Digitized by Google

N 3) João Conrado Rheingans (2.º), n. 23-II-1662.
N 4) Abrão Gerardo Rheingans, n. 14-VIII-1664.
N 5) Ana Maria Rheingans, n. 2-VI-1667, falecida a 20-XII-1670, com tres anos de idade.
N 6) João Pedro Rheingans, n. 29-XII-1669.
N 7) Cristina Margarida Rheingans, n. 1-X-1671.
N 8) Ernestina Rheingans, n. 8-X-1674.
N 9) Maria Catarina Rheingans, n. 22-VII-1677.
N10) João Pedro Rheingans (2.º), n. 16-XII-1680.
N11) Susana Margarida Rheingans, n. 13-IV-1684.
N12) João Philippe Rheingans, n. 4-VIII-1686.

II — Pedro Rheingans, 2.º vez a 19-V-1626, c. c. Elisabeth ....., natural de Womrath, s. s.

III

ANTONIO RHEINGANS, cravejador, n. Steeg, falecido em ..-XII-1673. Em Steeg a 4-1-1654, c. c. Ana Catarina Mades, falecida em 1676, a 18-IV ou 16-II, filha de João Mades, natural de Bacharach.

Pais de:

F 1) Ana Sofia Rheingans, n. 31-XII-1654.
F 2) João Valentim Rheingans, n. 24-VIII-1656.
F 3) Daniel Rheingans, que segue.
F 4) João Mateus Rheingans, n. 15-IX-1661.
F 5) João Hermano Rheigans, n. 6-V-1666.
F 6) Ana Catarina Rheingans, n. 15-VII-1669.

IV

DANIEL RHEINGANS presbítero e magistrado, nascido em Steeg, a 19-XII-1658, falecido em Rheinböllen a 12-III-1724. A 10-I-1790 c. c. Ana Elisabeth Ohlweiler nascida em Rheinböllen a 25-II-1666, e aí falecida a 3-I-1733.

Pais de:

F 1) João Mateus Rheingans, n. 18-III-1691, falecido 19-III-1741. A 25-VII-1710 c. c. Ana Cristina Hils. Pais de:
N 1) João Mateus Rheingans, n. 26-XI-1713.
N 2) Maria Sofia Rheingans, n. 18-IV-1717.
N 3) Maria Margarida Rheingans, n. 30-VII-1719, falecida a 24-XI-1722.
N 4) João Mateus Rheingans, n. 21-XII-1721, falecido a 27-IX-1791, a 7-IV-1744, c. c. Ana Cristina Emmel. Pais de:
Bn 1) Maria Margarida Rheingans, n. 16-III-1749.
Bn 2) Maria Sofia Rheingans, n. 14-VI-1751.
Bn 3) Catarina Sibilla Rheingans, n. 27-II-1754.
F 2) João Henrique Rheingans, n. 27-I-1693, falecido a 10-I-1695.
F 3) Maria Sofia Rheingans, n. 30-IX-1698.
F 4) João Daniel Rheingans, que segue.
F 5) João Cristovam Rheingans, n. gemeo a 25-II-1707.
F 6) João Henrique Gerardo Rheingans, n. gemeo a 25-II-1707.
F 7) João Nicolau Rheingans, n. 8-IX-1709, falecido a 18-IX-1772, c. c. Ana Martina ..... falecida a 14-V-1769. Pais de:
N 5) João Nicolau Rheingans, n. 22-XI-1728, falecido a 14-IV-1729 com 5 mezes de idade.
N 6) Maria Sofia Rheingans, n. 21-II-1730.
N 7) Maria Margarida Rheingans, n. 30-XII-1732.
N 8) Ana Elisabeth Rheingans, n. 3-I-1735.
N 9) Maria Catarina Rheingans, n. 22-XI-1738.
N10) Ana Catarina Rheingans, n. 23-VIII-1743.

Digitized by Google

V

JOÃO DANIEL RHEINGANS, nascido em Rheinböllen 15-III-1703, falecido em Rheinböllen a 30-IV-1762. Em Rheinböllen a 28-XI-1724, c. c. **Maria Catarina Federhenn**, nascida em Ellern a 29-XI-1705, falecida em Rheinböllen a 22-IV-1762, filha de Mathias Pfederhein e de Maria Catarina .....

Pais de:

F 1) **João Mateus Rheingans**, n. 14-V-1726, falecido a 23-IX-1796, a 2-V-1752, c. c. Ana Maria Catarina Kessel, falecida em 7-I-1787. Pais de:

N 1) Margarida Elisabeth Rheingans, n. 25-IX-1753.
N 2) João Nicolau Rheingans, n. 30-IV-1758, a 25-IV-1786 c. c. Maria Cristina Imig. Pais de:
Bn 1) João Diogo Rheingans, n. 7-I-1792, falecido a 5-VI-1796 aos 4 anos de idade.
Bn 2) João Nicolau Rheingans, n. 13-I-1794.
Bn 3) Ana Margarida Rheingans, n. 2-XI-1795, falecida a 22-XII-1795 aos 3 meses de idade.
Bn 4) João Henrique Rheingans, n. 17-II-1797.
Bn 5) Margarida Rheingans, n. 6-IX-1798.
N 3) João Mateus Rheingans, n. 11-III-1761, a 15-III-1800, c. c. sua prima Maria Cecilia Rheingans, n. a 7-XI-1778.
N 4) João Diogo Rheingans, n. gemeo 22-IV-1763, falecido a 1-II-1765, aos 2 anos de idade.
N 5) João Daniel Rheingans, n. gemeo 22-IV-1763.
N 6) Maria Catarina Rheingans, n. 15 6-1766.
N 7) Ana Margarida Rheingans, n. 4-III-1769, a 28-V-1798 c. c. João Nicolau Rheingans.
N 8) Maria Joana Rheingans, n. 24-IX-1771.
N 9) João Henrique Rheingans, n. 11-I-1776.

F 2) João Nicolau Rheingans (Johann Nickel), que segue.

F 3) João Daniel Rheingans, n. 8-XII-1728, a 31-VII-1753, c. c. Ana Marta Bruns.

F 4) João Cristiano Rheingans, n. 25-I-1731.

F 5) Ana Margarida Rheingans, n. 14-XI-1733, 1.ª vez c. c. ..... Weber; 2.ª vez a 7-IX-1762, c. c. João Diogo Weber.

F 6) João Diogo Rheingans, n. 17-XI-1736, falecido a 11-VIII-1798. A 7-IX-1762 c. c. Ana Maria Reinemann, falecida a 5-II-1792. Pais de:

N10) João Pedro Rheingans, n. 28-XI-1763, a 23-VIII-1791 c. c. Maria Elisabete Imig. Pais de:
Bn 6) João Diogo Rheingans, n. 21-IV-1792, falecido a 15-I-1798, aos 6 anos de idade.
Bn 7) João Valentim Rheingans, n. 15-VII-1793.
Bn 8) Maria Catarina Rheingans, n. 21-V-1796, falecida a 17-I-1798 aos 2 anos de idade.
Bn 9) Matias Rheingans, n. 4-IV-1800.
N11) João Diogo Rheingans, n. 20-IX-1765.
N12) João Nicolau Rheingans, n. 4-XII-1767.
N13) Maria Catarina Rheingans, n. 25-VII-1770.
N14) João Henrique Rheingans, n. 4-IX-1771, falecido a 6-X-1776.
N15) Maria Regina Rheingans, n. 27-III-1774.
N16) Jorge Pedro Rheingans, n. 30-VII-1776, a 17-I-1798 c. c. Maria Eva, viuva de Weber.
N17) João Matias Rheingans, n. 2-VI-1779.

F 7) João Henrique Rheingans, n. 9-VII-1738, a 31-V-1763 c. c. Ana Sofia Weber, n. 12-XI-1742, falecida a 15-VIII-1785. Pais de:

N18) João Diogo Rheingans, n. 19-X-1764.
N19) João Miguel Rheingans, n. gemeo a 20-I-1767, falecido a 21-I-1767, viveu 24 horas.
N20) João Henrique Rheingans, n. gemeo a 20-I-1767.
N21) Ana Eva Rheingans, n. 24-XII-1767.
N22) Jorge Pedro Rheingans, n. 25-VI-1771, gemeo.
N23) Margarida Elisabeth Rheingans, n. 25-VI-1771, gemea.
N24) João Jorge Pedro Rheingans, n. 10-X-1772.
N25) João Nicolau Rheingans (1.º), n. 8-I-1776, falecido a 9-II-1777, viveu um ano.
N26) João Nicolau Rheingans (2.º), n. 17-XI-1777.
N27) Ana Sofia Rheingans, n. 24-IX-1780, falecida a 8-XII-1782.
N28) João Guilherme Rheingans, n. 26-IX-1783.

F 8) Maria Margarida Frederica Rheingans, n. 29-I-1742.

F 9) João Jorge Pedro Rheingans, n. 12-IV-1750, a 12-I-1773, c. c. Ana Elisabeth Ohlweiler.

Digitized by Google

N29) Maria Cristina Rheingans, n. 16-IV-1774, falecida a 31-III-1777, viveu 3 anos.
N30) Maria Catarina Rheingans, n. 6-VIII-1776.
N31) Maria Cecilia Rheingans, n. 7-XI-1778, a 15-III-1800 c. c. João Matheus Rheingans, n. 11-III-1761, seu primo.
N32) João Diogo Rheingans, n. 9-XI-1780, a 15-III-1800 c. c. sua prima Susana Rheingans, falecida a 27-X-1800.
N33) João Mateus Rheingans, n. 10-VIII-1784.
N34) Jorge Pedro Rheingans, n. 6-V-1790, falecido a 31-VIII-1797, viveu 7 anos.

VI.

JOÃO NICOLAU RHEINGANS, nascido em Rheinböllen a 12-XI-1727, falecido em Rheinböllen a 6-IV-1778. Em Rheinböllen a 28-XI-1752 (aniversário do casamento de seus pais em 1724), c. c. Ana Eva Mühleis, nascida em Rheinböllen a 11-III-1725 e aí falecida a 23-VI-1784, filha legitima de João Philippe Mühleis (n. Ellern 9-XI-1692) e de Ana Cristina Hofmann (n. 2-I-1703, casada a 3-V-1724 em Rheinböllen), neta paterna de João Guilherme Mühleis, falecido em Ellern a 23-XII-1693, e de Ana Margarida Gutenberger, n. 1660, a 20-II-1683 c. c., e fal. Ellern 31-V-1710), filha de João Philippe Gutenberger. Neta materna de João Valentim Hofmann e Ana Catarina Hofmann.

Pais de:

F 1) João Diogo (Jakob) Rheingans, n. Rheinböllen a 17-VIII-1753, falecido em Soonmühle a V-1790. 1.ª vez a 19-IX-1780 c. c. Anna Catarina Klump, n. 6-IV-1750, falecida em Ellern a 28-X-1781. Pais de:

N 1) João Diogo Rheingans, n. 20-VI-1781, falecido a 26-IX-1781, aos três meses de idade.

F 1) João Diogo (Jakob) Rheingans, 2.ª vez a 6-VIII-1782 c. c. Maria Margarida Bast, natural de Pleigenhausen. Pais de:

N 2) João Guilherme Rheingans, n. 3-IX-1783, faleceu menor.
N 3) Ana Catarina Rheingans, n. 21-?-1785.
N 4) João Guilherme Rheingans, n. 13-VI-1787, falecido a 24-IV-1854, a 10-XII-1812, c. c. Maria Jacobina Hofmann, natural de Junkermühle.
Bn 1) Diogo Rheingans, c. c. ..... Pais de:
Tn 1) Catarina Rheingans.
Tn 2) Maria Rheingans.
Tn 3) Neinchen Rheingans.
Tn 4) Diogo Rheingans.
Tn 5) Teodoro Rheingans.
Bn 2) Guilherme Rheingans.
Bn 3) Henrique Rheingans, n. 14-I-1821, c c. ..... Pais de:
Tn 6) Elisabete Rheingans.
Tn 7) Henrique Rheingans.
Tn 8) Juliana Rheingans.
Tn 9) Maria Rheingans.
Tn10) Guilherme Rheingans.
Bn 4) Pedro Rheingans, n. 27-IV-1823.
Bn 5) Martin Rheingans, n. 21-VIII-1825, falecido 30-VII-1892, a 24-1-1857 c. c. Maria Ackva, n. 24-XI-1834, falecida a 25-VIII-1913.
Tn11) Guilherme Rheingans, n. 26-IV-1858, falecido em 2-XI-1931, c. c. Lisa Leonard. Pais de:
Qn 1) Maria Rheingans.
Qn 2) Guilherme Rheingans, n. 1885, c. c. Ana Meier. Pais de:
Pn 1) Horst Rheingans, n. 1913.
Pn 2) Egberto Rheingans, n. 1921.
Pn 3) Diether Rheingans, n. 1926.
Qn 3) Emilio Rheingans, n. 1886, f. 8-IX-1934, c. c. Malli Koelbel. Pais de:
Pn 4) Hans Rheingans.
Pn 5) Uwe Rheingans.
Qn 4) Hans Rheingans, n. 1889, c. c. Lisbeth Loquai. Pais de:
Pn 6) Helmut Rheingans.
Pn 7) Hans Werner Rheingans.
Qn 5) Cathinca Rheingans.
Qn 6) Carl Rheingans, gemeo.
Qn 7) Liese Rheingans, gemea, a 7-VI-1934 c. c. Heinz Sandrock.

Digitized by Google

Tn12) Maria Rheingans, n. 12-I-1860, c. c. Otto Doerr, residentes no Chile. Pais de:
Qn 8) Otto Doerr.
Qn 9) Joana Doerr.
Qn10) Guilherme Doerr.
Qn11) Amalia Doerr.
Qn12) Maria Doerr.
Tn13) Rodolfo Rheingans, n. 1861, falecido em 1866.
T14) Margarida Joana Rufina Rheingans, n. 13-VIII-1862, c. c. Julio Augusto Cristiano Winkel. Pais de:
Qn13) Ernesto Winkel, n. 3-V-1892, a 18-IX-1923 c. c. Erna Stoll, n. 7-XII-1895. Pais de:
Pn 8) Wolfram Adalfried, n. 8-V-1925.
Pn 9) Gunhild Ortrud, n. 31-VIII-1928.
Pn10) Gothelm Volker, n. 5-IV-1934.
Pn11) Burkhard Helge, n. 5-III-1937.
Qn14) Henrique Winkel, n. 25-II-1894, a 24-VIII-1929 c. c. Elfriede Schweickhardt, n. 12-IV-1904. Pais de:
Pn12) Harald, n. 30-V-1931.
Qn15) Carlos Winkel, n. 5-IV-1899, f. 4-IX-1899.
Tn15) Rodolfo Rheingans (2.º), n. 1870, falecido 1871.
Bn 6) Elisabeth Rheingans.
Bn 7) Catarina Rheingans.
N 5) Ana Margarida Rheingans, n. 4-VI-1790, falecida a 2-V-1791, com onze mezes de idade. Nasceu um mês após a morte do pai.

F 2) João Guilherme Rheingans, que segue.
F 3) João Henrique Rheingans, n. 2-XII-1762.
F 4) João Miguel Rheingans, n. 30-VII-1764.
F 5) Ana Margarida Rheingans, n. 23-X-1765, falecida a 7-IX-1768 aos três anos de idade.

VII.

JOÃO GUILHERME RHEINGANS ou RHEINGANTZ, nasceu em Rheinböllen a 28-VIII-1758, falecido em Sponheim, depois de 1812. Em Sponheim a 21-IV-1783, c. c. Ana Gertrudes Cültz (Kiltz) natural de Sponheim. Era hoteleiro na aldeia de Sponheim, perto de Bad-Kreuznach, na Renânia.

Pais de:

F 1) João Henrique Rheingantz, n. 21-II-1785.
F 2) Maria Margarida Rheingantz, n. 10-IV-1787.
F 3) João Guilherme Rheingantz, que segue.
F 4) Maria Catarina Rheingantz, n. 24-XI-1791, falecida a 10-IV-1864, c. c. Henrique Kiltz, seu primo. Pais de:
N 1) Margarida Kiltz, falecida na Colonia São Lourenço, no Brasil, c. c. Valentim Bauer. Pais de:
Bn 1) Philippe Bauer, c. c. .....
Bn 2) Guilherme Bauer, c. c. Emilia .....
Bn 3) Luiz Bauer, c. c. Bertha Dreckmann.
Bn 4) Margarida Bauer, c. c. ..... Gerber.
Bn 5) Elisabeth Bauer, c. c. Carlos Hirdes.
Bn 6) Henrique Bauer, c. c. Paulina Dreckmann.
Bn 7) João Bauer, c. c. .....
Bn 8) Jacob Bauer, c. c. .....
Bn 9) Maria Bauer, c. c. Maria Hadler.
Bn10) Valentim Bauer, c. c. Maria Hadler.
Bn11) Teresinha Bauer, c. c. Gustavo Brauner, c. s.
F 5) João Luiz Rheingantz, n. 9-VIII-1795, fallecido a 13-X-1795, com dois meses de idade.

VIII.

JOÃO GUILHERME RHEINGANTZ nasceu em Sponheim a 26-II-1789, faleceu na Colonia São Lourenço, Estado do R. G. do Sul, Brasil,

Digitized by Google

entre 1858 e 1860. Em Sponheim a 11-I-1812, c. c. sua parenta Ana Maria Kiltz, nascida em Sponheim a 15-III-1790, falecida na Colonia São Lourenço entre 1860 e 1864. Filha de Philippe Kiltz e Margarida Kiltz. Veio Guilherme Rheingantz com sua mulher e os filhos, Margarida, Philippe, Maria, Guilherme, Ana e Elisa em 1857, a chamado de seu filho Diogo (Jacob), que ia fundar uma Colonia Agricola. Pais de:

F 1) Ana Margarida Rheingantz, dita Gretchen, nascida em Sponheim a 2-II-1812, falecida solteira na Colonia São Lourenço por volta de 1895.

F 2) Philippe Rheingantz, nascido em Sponheim a 28-IX-1813, falecido solteiro na Colonia S. Lourenço a 18-I-1883.

F 3) Elisabeth Rheingantz, n. Sponheim a 2-VIII-1815, e aí falecida a 10-I-1818, com dois anos e meio de idade.

F 4) Diogo Rheingantz (Jacob), que segue.

F 5) Henrique Rheingantz, nascido em Sponheim a 5-VIII-1819, falecido solteiro na America do Norte em 1840, para onde seguira um ano antes.

F 6) Johannes Rheingantz, nascido em Sponheim a 16-III-1821 e aí falecido a 17-XII-1823, com quasi tres anos de idade.

F 7) Catarina Elisabeth Rheingantz, nascida em Sponheim a 2-V-1823 e aí falecida a 27-IV-1897. Foi a única dos irmãos que ficou na Alemanha, por já estar casada na ocasião em que a familia emigrou para oBrasil. Em Sponheim a 1-X-1852, c. c. Philippe Pedro Mades, vinhateiro em Sponheim, n. Rheinböllen a 4-VII-1821, falecido em Sponheim a 4-III-1891. Era filho de João Diogo Mades e era viuvo em primeiras nupcias (22-VIII-1847) de sua prima Maria Kiltz. Pais de:

N 1) Diogo Mades, n. 11-IX-1853, falecido a 6-III-1923. Em Sponheim. a 22-II-1884, c. c. Catarina Kuhn, n. 13-III-1862, falecida em Sponheim a 12-VII-1938. Pais de:

Bn 1) Gustavo Philippe Pedro Mades, n. a 25-IV-1885, a 28-XII-1918 c. c. Helena Jochum, n. 29-I-1876, s. s.

Bn 2) Joana Elisabeth Mades, n. a 2-IX-1886, a 31-VIII-1912 c. c. Gustavo Weber, n. a 21-VI-1885. Pais de:

Tn 1) Ingeborg Catarina Weber, n. 20-VIII-1922.

Tn 2) Anneliese Meta Weber, n. a 7-VII-1924.

Bn 3) Henrique Jacob Mades, n. 28-III-1888, a 29-XII-1928 c. c. Else Kiltz, n. 2-III-1904, s. s.

Bn 4) Ana Maria Meta Mades, n. a 11-VI-1890, a 27-V-1920 c. c. Henrique Ackermann, n. 21-XI-1885. Pais de:

Tn 3) Henrique Jacob Ackermann, n. 14-IV-1921.

Tn 4) Brunhilda-Paulina-Catarina Ackermann, n. 15-II-1926.

Bn 5) Paulina Catarina Mades, n. 31-VII-1892, solteira, professora em Essen.

Bn 6) Guilherme João Mades, n. 17-III-1895; a 31-VIII-1929 c. c. Joana Catarina Elisabeth Bauer, n. 15-IV-1905. Pais de:

Tn 5) Lothario Gustavo Mades, n. 25-VI-1931.

Tn 6) Irmgard Elisabeth Mades, n. 13-IV-1934.

Bn 7) Carlos Adão Mades, n. 13-III-1900; a 15-IV-1925 c. c. Margarida Kiltz, irmã de Else acima, n. 8-XI-1901. Pais de:

Tn 7) Else Catarina Mades, n. 23-XII-1926.

Tn 8) Elisabeth Meta Mades (Lise), n. 30-IX-1934.

Tn 9) Ingeborg Waltraut Mades, n. 16-XI-1936.

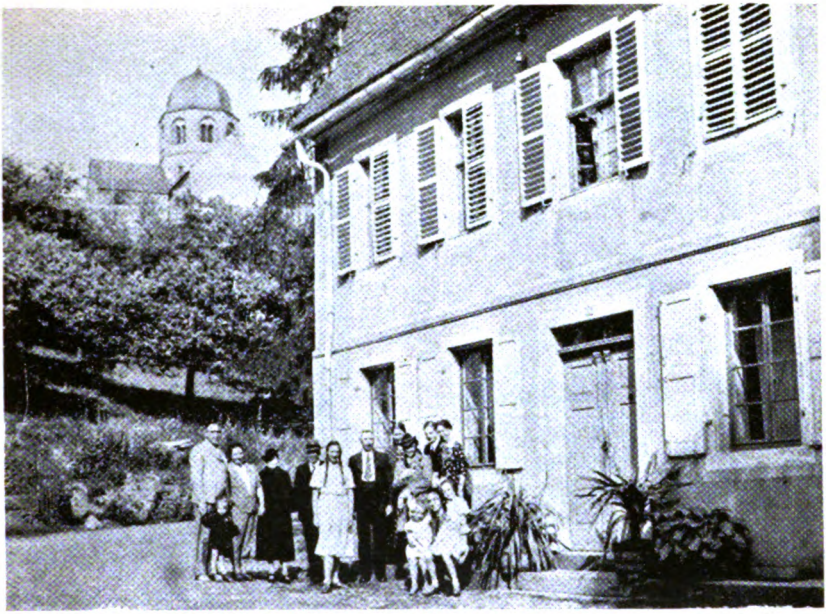
N 2) Catarina Mades, n. Sponheim a 4-VII-1862, aí residente em junho de 1939, solteira.

N 3) Ana Elisabeth Mades (Elisa), n. Sponheim a 17-I-1864, falecida em Sponheim a 23-VII-1921, solteira.

F 8) Maria Rheingantz, n. Sponheim a 9-II-1825, falecida na Colonia São Lourenço por volta de 1860. Em Pelotas, antes de 1860, c. c. Eduardo Wilhelmy, natural da Alemanha e falecido em Pelotas durante a guerra de 1914-1918. Não deixaram geração, por ter Maria falecido ao dar à luz o primeiro filho, falecido ao nascer.

F 9) Guilherme Rheingantz, n. Sponheim a 19-IX-1826, falecido no Rio Grande a 13-IV-1857, em Sponheim, civilmente a 28-X-1853 e religiosamente a 7-XII-1856, c. c. Catarina Jaenemann, n. Sponheim a 10-III-1828, falecida na Colonia de São Lourenço a 23-VI-1913. Depois de viuva Catarina Jaenemann casou 2.ª vez em Pelotas a 7-VIII-1858 com Pedro Neutzling, c. s. Pais de:

Digitized by Google



Casa onde nasceu Jacob Rheingantz, em Sponheim, na Renania. (Foto tirada em julho 1939)

Visita à familia Mades-Rheingantz (Sponheim - 2-VII-1939).

Digitized by Google

Alfredo Rheingantz (1856-1903)

Oscar Felipe Rheingantz (1865-1908)

Felipe Rheingantz (1813-1883)

Ana Rheingantz, esposa de **José Reguly** (1828-1882)

Digitized by Google

N 4) Pedro Rheingantz, n. Sponheim a 18-II-1854, falecido em São Lourenço a 2-XI-1920. Em São Lourenço a 17-VIII-1878, em primeiras nupcias, c. c. Catarina Dilly, n. São Lourenço a 5-I-1859, falecida idem 16-II-1881, filha de Ignaz Dilly e Selma Dilly. Pais de:

Bn 8) Jacob Rheingantz, n. 15-VIII-1879; a 3-V-1905 c. c. Luiza Rebhan, n. 16-III-1884, filha de Adolfo Rebhan e Ana Rebhan. Pais de:

Tn10) Clotilde Rheingantz, n. 3-VI-1906, a 14-V-1925 c. c. Miguel Rebelo Cunha, n. 29-IX-1904. Pais de:

Qn 1) João, n. 28-II-1926, falecido 4-III-1926.
Qn 2) Paulo, n. 1-VI-1927.
Qn 3) Luiz, n. 14-IX-1928, falecido 1-II-1929.
Qn 4) Teresinha de Jesus, n. 18-IX-1929, falecida a 14-I-1930.
Qn 5) Otilia, n. 24-III-1931.
Qn 6) Maria, n. 16-III-1932.
Qn 7) Antonieta, n. 14-VI-1933.
Qn 8) Ligia, n. 20-VII-1934.
Qn 9) Claudio, n. 5-XII-1935.
Qn10) Antonio, n. 26-VI-1937.

Tn11) Albino Arnoldo Rheingantz, n. 1-III-1908, a 24-V-1928 c. c. Cecilia Simões, n. 16-V-1908. Pais de:

Qn11) Silvio Rheingantz, n. 31-XII-1929.
Qn12) Maria da Conceição Rheingantz, n. 1-II-1933.
Qn13) Maria Luiza Rheingantz, n. 14-XII-1934.
Qn14) Odila Rheingantz, n. 1-I-1936, falecida a 2-IV-1938.

Tn12) Oscar Rheingantz, n. 16-IV-1911, a 24-XII-1932 c. c. Pleunicia Sanches, n. 8-I-1912. Pais de:

Qn15) Zely Rheingantz, n. 10-VI-1935, falecida a 22-III-1936.
Qn16) Delmar Rheingantz, n. 24-VIII-1936.

Tn13) Pedro Eleodoro Rheingantz, n. 3-VII-1915, a 23-III-1939 c. c. Rosalina Correia, s. s.

Tn14) Josefina Rheingantz, n. 23-III-1919, solteira.
Tn14-A) João Rheingantz, n. 29-IX-1921.
Tn15) Edite Rheingantz, n. 16-IX-1923, falecida a 17-I-1924.
Tn17) José Maria Rheingantz, n. 25-III-1925.

N 4) Pedro Rheingantz, 2.ª vez em São Lourenço a 24-VI-1882, c. c. Cristina Rockebach, dita Stine, n. 9-XII-1855, falecida a 25-III-1933. Pais de: (unica)

Bn 9) Catarina Rheingantz, n. 15-II-1887, a 12-VII-1905 c. c. Rodolfo Inácio Reban, irmão de Luiza acima, n. São Lourenço 1-II-1883. Pais de:

Tn18) Waldemar Rebhan, n. 28-VIII-1906, c. c. Hilda Hermann, n. 15-III-1908. Pais de:

Qn17) Lydia Rebhan, n. 20-IX-1930.
Qn18) Ivo Rebhan, n. 30-IV-1932.
Qn19) Ivone Rebhan, n. 14-VII-1934.
Qn20) Wilson Rebhan, n. 9-VI-1937.

Tn19) Rodolfo Rebhan, n. 6-XI-1909, falecido.
Tn20) Albino Rebhan, n. 20-II-1911, solteiro.
Tn21) Hugo Rebhan, n. 12-VII-1912, falecido.
Tn22) Arnoldo Rebhan, n. 22-IV-1914, falecido.
Tn23) Irene Rebhan, n. 17-I-1916, falecida.
Tn24) Adolfo Rebhan, n. 27-IX-1917, falecido.
Tn25) Marina Rebhan, n. 7-IV-1920.
Tn26) Irma Rebhan, n. 16-III-1922.
Tn27) Breno Rebhan, n. 17-IX-1923.
Tn28) Elsa Rebhan, n. 9-V-1925.

N 5) Jacob Rheingantz (1855-1875). Faleceu solteiro.

F10) Ana Rheingantz, n. Sponheim a 7-VII-1828, falecida na Colonia São Lourenço a 30-XII-1882. Em Pelotas, a 6-VIII-1859, c. c. João José Reguly, n. Gross-Wardein (Nagy-varád), Hungria, a 1-III-1811, falecido em S. Lourenço a 7-VII-1883. Viuvo em primeiras nupcias (Rio Grande 21-VI-1851) de Eleonora Filipina Renck (n. 1835, falecida 5-VI-1858). Pais de:

N 6) Maria Angelica Reguly (Mariquinhas), n. Rio Grande a 24-V-1860, falecida em Pelotas a 3-III-1941; na Colonia São Lourenço a 17-VIII-1878, c. c. seu primo irmão Frederico Guilherme Rheingantz, c. s. (ver adiante).
N 7) Ana Reguly, n. VIII-1862, falecida menor.
N 8) Josefina Maria Reguly (Pepita), n. 14-IV-1864, solteira.
N 9) Luiza Reguly (Luci), n. Colonia São Lourenço a 7-IX-1867, falecida em Porto Alegre a 22-IV-1895, solteira.
N10) Carlos Alexandre Reguly, n Colonia S. Lourenço a 27-XI-1872, falecido a 5-VII-1908, em Pelotas. A 27-III-1897 c. c. Amalia Kraemer, n. 17-X-1876, falecida a 20-XI-1934. Pais de:

Bn10) Hugo Guilherme Reguly, n. 10-IV-1898. A 8-II-1928 c. c. Julieta Hadler n. 16-VII-1904. Pais de:

Digitized by Google

Tn29) Ilka Reguly, n. 18-XII-1928.
Tn30) Julio Reguly, n. 22-I-1930.
Bn11) Alexandre José Reguly, n. 30-III-1900, a 10-X-1931 c. c. Maria Ena Haag, n. 27-II-1907. Pais de:
Tn31) Dagmar Reguly, n. 13-XI-1932.
Tn32) Alexandre Reguly, n. 29-X-1934.
Tn33) Daisy Reguly, n. 26-III-1936.
Tn34) Maria Luiza Reguly, n. 21-VIII-1937.
Tn35) José Reguly, n. ?-VII-1939.
Bn12) Elsa Reguly, n. 9-VII-1901, a 20-IX-1927 c. c. Guilherme Jahn, n. 2-I-1898. Pais de:
Tn36) Manfredo Jahn, n. 18-I-1929.
Tn37) Haroldo Jahn, n. 7-IX-1931.
Tn38) Liese Lotte Jahn, n. 14-VIII-1934.
Bn13) Carlos Alfredo Reguly, n. 18-X-1902, a 18-II-1928 c. c. Rosina Sieburger, n. 21-IV-1908. Pais de:
Tn39) Carlos Guilherme Reguly, n. 13-III-1929.
Tn40) Luiz Carlos Reguly, n. 9-VIII-1930.
Tn41) Edda Helena Reguly, n. 19-XII-1932.
Tn42) Marlene Reguly, n. 20-VII-1934.
Tn43) Marlise Reguly, n. ?-?-193?
Bn14) Arabella Reguly, n. 9-VIII-1904, em Porto Alegre; a 29-XII-1938 c. c. Albano Adams, n. 5-IV-1900. Pais de:
Tn44) Amalia Adams, n. Porto Alegre a 7-XI-1939.
Tn45) Rosa Adams, n. Porto Alegre, 8-X-1940.
Bn15) Catarina Reguly (Käthe), n. 13-I-1906, solteira.
N11) Alexandre José Reguly, n. Colonia S. Lourenço 9-IX-1874, fal. solteiro a 26-IV-1926.

F11) Jorge Rheingantz, n. Sponheim a 31-VII-1831, faleceu moço.
F12) Elisabeth Rheingantz, dita Elisa, n. Sponheim a 2-II-1836, faleceu na Colonia São Lourenço, de febre tifoide, a 24-I-1858, com 21 anos de idade, solteira.

IX.

Jacob Rheingantz, 4.º filho de João Guilherme Rheingantz e Anna Maria Kiltz, nasceu em Sponheim a 13 de agosto de 1817, e faleceu em Hamburgo a 15 de julho de 1877.

JACOB RHEINGANTZ — O FUNDADOR DA COLONIA DE SÃO LOURENÇO.

Biografia resumida, extraida de um discurso proferido a 28-I-1940 pelo senhor Edison Campos, orador oficial da cerimonia levada a efeito por ocasião da inauguração de um museu de reliquias e documentos na casa que pertenceu ao fundador da Colonia, no lugar denominado "Picada dos Moinhos".

... "Nasceu Jacob Rheingantz na Renania a 13 de agosto de 1817, estudou comércio, trabalhando neste mistér, na França, durante um ano, na célebre firma Veuve Clicquot. Em 1840 (a 11-V- embarcou no Havre no navio "Christophe Colomb"), na persuasão de encontrar-se com um seu irmão (Henrique), viajou para o Estados Unidos e aí teve a desolação da notícia do falecimento daquele a quem procurava.

Criou-se assim para êle uma situação aflitiva. Em terra extranha e sem conhecimentos, a sua tenacidade e o seu desejo de vencer na vida, foram mais fortes do que qualquer vislumbre de desânimo que se lhe pretendesse incutir. Chegou-lhe ao conhecimento, como uma estrela luminosa, apontando-lhe o caminho para o grande empreendimento, que

Digitized by Google

Jacob Rheingantz (1817-1877)

Digitized by Google

Maria Carolina Rheingantz, *née von Fella* (1829-1904).

Digitized by Google

um pequeno vapor de nome "Rio Grandense", construido nos estaleiros ianquis, partiria em breve para o Brasil, onde, por conta da firma Ziegenbein, seu novo proprietário, iniciaria a linha entre Rio Grande e Pelotas, com cargas e passageiros. A sorte protegia-o e, assim, conseguiu colocação nesta mesma firma, que, logo após, o nomeava seu agente na cidade de Pelotas. Mais tarde casou-se com uma enteada de seu patrão, d. Maria Carolina.

Pelo seu devotamento e capacidade de trabalho, conseguiu ser admitido como sócio da casa, em 1848.

Já então brotava em seu espírito a idéia prematura da fundação de uma colonia e, com o fim de melhor estudar as possibilidades para concretizar o seu projéto, viajou para esta vasta zona, então denominada serra dos Tapes. Encaminhado e estudado o assunto em todos os seus aspétos, Jacob Rheingantz comprou do governo imperial, em 30 de dezembro de 1856, 8 milhas quadradas pelo preço de meio real a braça quadrada, com a condição de medi-las e demarcá-las no prazo de cinco anos e colonizar ao menos com 1440 agricultores de nacionalidade alemã, suissa ou belga. Em maio do ano seguinte, já com a alma envolta na idéia que abraçara e que então considerava quasi realidade, viajou para a Europa obtendo exito na sua missão. Regressou ainda mais enlevado, tratando logo de preparar abrigos para os imigrantes que contratara, os quais dentro em breve pisariam a terra generosa que êles haviam de rasgar para extrair e fazer com que ela produzisse a riqueza, fonte inexaurível do progresso da nossa gléba. Assim, a 18 de janeiro de 1858, Jacob Rheingantz vê realizado o seu sonho dourado, com a chegada dos primeiros colonos, 88 pessoas embarcadas no "Twee Vrieden" em Hamburgo a 31-X-1857. Instalaram-se nas picadas dos Moinhos e de São Lourenço. Tudo era mata virgem, muito embora dotada de madeiras de lei, mas estava tudo por fazer. Parecia reinar o desânimo entre aquela gente, antes tão disposta ao trabalho. Eis então novamente Jacob Rheingantz tomando todas as providencias para que não fossem fracassados os seus esforços e não se desfizesse esse sonho que ele acalentara tempos antes e que ora se tornara uma realidade. E as picadas e os caminhos se foram abrindo... Levantaram-se ranchos e acampamentos e o trabalho de colonização foi-se adiantando prodigiosamente. A cada colono competia uma área de 100 braças de frente por 1.000 de fundo, salvo quando as condições topográficas do terreno não permitiam tal extensão.

O principio da Colonia foi de grande pobreza devido à falta de recursos; conta-se que apenas existiam as casas de Antonio Francisco de Abreu e deJosé Antonio de Oliveira Guimarães, sendo as demais vivendas, pequenos e acanhados ranchos.

Dado este estado precário e outros motivos de ordem material, não foi possivel colonizar no prazo de cinco anos, como estipulava o contráto com o governo e êste resolveu então conceder um auxílio por pessoa, autorizando ainda a construção de estradas na zona colonizada. Este auxí-

Digitized by Google

lio não constituia absolutamente um favor e sim um estimulo a Jacob Rheingantz, e um apoio moral. Não obstante, muito mais dispendia êle com seus agentes na Europa; não somente isto mas a subvenção fora paga para 1440 colonos e na época o numero já atingia a alguns milhares. Foi uma obra de grande sacrificio, mas de extraordinária relevância para o desenvolvimento do país. E o serviço prestado por Jacob Rheingantz neste desiderata, maior mérito adquiriu por se tratar de uma colonia isolada, onde todas as iniciativas eram cercadas das maiores dificuldades. Foi realmente Jacob Rheingantz um verdadeiro paladino da nossa grandeza moral e material. Curvemo-nos reverentes ante os seus preciosos despojos e rendamos à sua memória imperecível o tributo da nossa gratidão. É oportuno repetir aqui o pensamento manifestado pelo antigo ministro da Agricultura, Senhor Barão de Lucena: *"A Colonia de São Lourenço é uma maravilha e Jacob Rheingantz um benemérito."*

Jacob Rheingantz cerrou os olhos em Hamburgo a 15 de junho de 1877, mas podemos ficar certos que um de seus ultimos pensamentos foi para esta sua segunda pátria, pátria de sua esposa e de seus filhos, pátria que êle soube honrar e a que dedicou o melhor de suas energias.

No ano de 1884, contava S. Lourenço 9.000 almas; hoje a sua população atinge 25.000."

Em fevereiro do ano passado o "Diário Popular", de Pelotas, publicou a seguinte nota:

"No dia 28 do mês recenfindo realizou-se no município de São Lourenço, no local denominado Picada dos Moinhos, significativa cerimonia em homenagem à memória do fundador da Colonia de São Lourenço, senhor Jacob Rheingantz. Constou a solenidade da inauguração do museu no qual serão conservados todos os objétos e documentos que recordam a fundação da Colonia. O referido museu foi instalado na própria casa onde por longos anos residiu o sr. Jacob Rheingantz, casa essa recentemente comprada a um dos netos do extinto, sr. E. M. Rheingantz. O ato teve a presença do capitão Leonidas Ribeiro Marques, prefeito do Município de São Lourenço, altas autoridades e grande número de distintas famílias e personalidades de destaque daquele prospero município."

A 9-VII-1848 casou Jacob Rheingantz com Maria Carolina von Fella, que nasceu a bordo de uma fragata dinamarquesa ao entrar na barra do Rio Grande, a 27-II-1829 (batizada em São Leopoldo a 25-IV- seguinte) e faleceu em Wiesbaden, Hesse-Nassau, Alemanha, a 18-XI,1904. Filha legitima e única do barão Carlos Adams von Fella e d. Joanna Hillert Martin, irlandeses. Carlos Adams pereceu afogado e sua viúva que nascera em Newmarket, condado de Cork, na Irlanda, a 20-III-1810, e faleceu em Hamburgo a 3-III-1878 (filha de Guilherme Hillert-Martin e Helena Luiza Sullivan) contraiu segundas nupcias a 23-III-1837 com Frederico Guilherme Ziegenbein, n. 17-V-1800 em Bockenem e fale-

Digitized by Google

Carlos Guilherme Rheingantz (1849-1909)

Maria Francisca de Sá, esposa de Carlos Guilherme Rheingantz (1855-1937)

Terezinha Rheingantz, Baronesa de Steinberg (1851-1932)

Luiz Valentim Rheingantz (1861-1895)

Digitized by Google

Frederico Guilherme Rheingantz (1853-189?) e sua esposa Maria Angelina Reguly (1960-1941)

Digitized by Google

cido em Hamburgo a 28-V-1866. Para os filhos deste casal ver mais adiante.

Jacob Rheingantz e Maria Carolina von Fella foram pais de:

F 1) Carlos Guilherme Rheingantz, que segue.

F 2) Theresa Guilhermina Rheingantz, n. Rio Grande a 30-I-1851, falecida em Pelotas a 23-VII-1932. No Rio Grande a 19-VIII-1878, c. c. o barão Curt August Adolf Wilhelm Ernst von Steinberg, fidalgo alemão, irmão do conde Ernesto de Steinberg. Natural da cidade de Hannover onde nasceu a 9-VII-1846, foi o administrador geral da Colonia de São Lourenço onde faleceu a 24-VIII-1893, sem sucessão. Era filho primogenito dos falecidos barões de Steinberg (pelo reino de Hannover) e por sua morte herdou o titulo seu irmão Ernesto-Frederico-Harry-Adolfo-Ferdinando, já agraciado pelo imperador alemão e rei da Prussia Frederico III com o título de Conde de Steinberg (Charlottenburgo 5-V-1888).

F 3) Frederico Guilherme Rheingantz, n. Rio Grande a 2-VII-1853, falecido em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, em 189?. Na Colonia São Lourenço a 17-VIII-1878 c. c. sua prima-irmã Maria Angelica Reguly, n. Rio Grande a 24-V-1860, falecida em Pelotas a 3-III-1941, filha de João José Reguly e Ana Rheingantz. Pais de:

N 1) Frederico Alberto Rheingantz, n. Colonia S. Lourenço a 7-VIII-1879, falecido em Recife a VIII-1915, solteiro.

N 2) Josefina Elpidia Rheingantz (Nenê), n. Colonia São Lourenço a 2-IX-1880, falecida solteira em Porto Alegre a 23-X-1929.

N 3) Elsa Guilhermina Rheingantz, n. Colonia São Lourenço, 19-III-1883, falecida em Pelotas a 8-XII-1916. Em Pelotas a 24-XII-1915 c. c. João Ardissone, s. s.

N 4) José Alberto Rheingantz, n. Colonia S. Lourenço a 20-VIII-1884, falecido em Cangussú a 18-V-1916, solteiro.

N 5) Carlota Luiza Rheingantz, n. Col. São Lourenço, 3-VI-1886, solteira.

N 6) Frida Anna Rheingantz, n. Colonia São Lourenço, 7-I-1888, falecida no Boqueirão a 4-VIII-1930. Em Pelotas a 6-XI-1920 c. c. Manuel Gabriel Ferreira, n. Villa São Lourenço a 17-III-1893. Pais de:

Bn 1) Dinah Ferreira, n. São Lourenço a 13-VIII-1923.

N 7) Curt Guilherme Rheingantz, n. Colonia S. Lourenço a 25-VII-1889. Em Pelotas a 4-X-1923 c. c. Maria Justina Mourgues, n. Pelotas a 23-VI-1904, s. s.

F 4) Maria Angelica Rheingantz (Mariquinhas), n. Rio Grande a 11-XI-1854, falecida na Colonia São Lourenço com menos de 5 anos de idade.

F 5) Alfredo Jacob Rheingantz, n. Rio Grande a 22-XI-1856, e aí falecido a 14-II-1903. No Rio Grande a 14-II-1891, c. c. Carolina Bezerra, (Candulíca), n. Rio Grande 14-III-1869. Pais de:

N 8) Alfredo Carlos Rheingantz, n. Rio Grande a 21-VIII-1892, em Santa Vitória do Palmar a 31-V-1929 c. c. Alahyr Oliveira Terra, n. Santa Vitória a 12-X-1900. Pais de:
Bn 2) Otilia Rheingantz, n. 14-XII-1930.
Bn 3) Maria Helena Rheingantz, n. 19-I-1932.
Bn 4) Heloisa Rheingantz, n. 24-VIII-1933.

N 9) Jorge Guilherme Rheingantz, n. Rio Grande a 12-X-1893. No Rio Grande a 1-V-1925 c. c. Delalande Nascimento, n. Rio Grande a 12-?-1904, falecida em Campos do Jordão a 10-I-1926, s. s.

N10) José Henrique Rheingantz, n. Rio Grande a 21-I-1895, falecido no Rio de Janeiro a 15-XI-1922, solteiro.

N11) Luiz Jacob Rheingantz, n. Rio Grande a 9-X-1898, solteiro.

N12) Maria Carolina Rheingantz (Mariot), n. Rio Grande a 9-IV-1900, solteira.

F 6) Henrique Francisco Rheingantz, n. Colonia São Lourenço a 24-XII-1858, falecido em Bremen, Alemanha, a 16-IV-1927. Na ilha de Corfú, Grecia, a 30-XII-1884, c. c. Elena Artavani, n. Corfú a 8-XII-1864, fal. na Colonia S. Lourenço a 16-V-1941. Pais de:

N13) Georgina Rheingantz, n. Corfú a 2-IX-1886, solteira.

N14) Marieta Rheingantz, n. Corfú a 12-X-1888. Em Beograd, Yugoslavia, a 2-VI-1919 c. c. Milán Zavadjil, n. 15-X-1882, e falecido subitamente em Beograd a 1-VIII-1928. Era oficial do exercito yugoslavo e governador militar em Montenegro. Pais de: (unico)
Bn 5) Bogosláw Zavadjil, n. 30-I-1921.

N15) Teresa Rheingantz, n. Colonia São Lourenço a 26-X-1895, solteira.

N16) Jacques Constantino Rheingantz, n. Corfú a 24-V-1899. Em Pelotas a 6-II-1931 c. c. Maria Duarte, n. 6-V-1905, s. s.

N17) Vitória Rheingantz, n. Corfú a 26-X-1900. Solteira.

Digitized by Google

F 7) Luiz Valentim Bernardo Rheingantz, n. Colonia São Lourenço a 19-IV-1861, falecido solteiro (de febre amarela) no Rio de Janeiro a 13-V-1895. Era engenheiro civil pela Universidade de Zurich (Suissa).

F 8) Ernesto Eduardo Rheingantz, n. Colonia São Lourenço a 26-II-1863, falecido solteiro em São Paulo em VII-1908.

F 9) Oscar Philippe Rheingantz, n. Villa São Lourenço a 26-VII-1865, falecido no Rio Grande a 7-II-1908. No Rio Grande, a 5-XII-1903, c. c. Alayde Machado Lopes, n. Rio Grande a 29-I-1879, filha do coronel Francisco Antonio Lopes e Ana Leocadia de Azevedo Machado. Pais de:

N18) Ana Maria Lopes Rheingantz, n. Rio Grande a 21-III-1907. No Rio Grande a 3-X-1927 c. c. Giuseppe Renato Pernigotti, n. Genova, Itália, a 2-X-1889. Pais de:

Bn 6) Oscar Paulo, n. Rio Grande a 3-IX-1928.

Bn 7) Sergio Luiz Carlos, n. Rio Grande a 18-X-1930.

Bn 8) Leonardo Gustavo Renato, n. Rio Grande a 30-VIII-1934 falecido no Rio Grande a 12-II-1938.

F10) Lourenço Otto Rheingantz, n. Hamburgo a 8-X-1870, falecido em Hamburgo a 3-IX-1871.

X.

Carlos Guilherme Rheingantz, nasceu em Pelotas a 14-IV-1849 e faleceu no Rio de Janeiro, na pensão Central, à rua Barão de Itamby, em Botafogo, a 31-V-1909. Comerciante e mais tarde industrial, montou a primeira fábrica de tecidos de lã no Brasil, em 1873, a Companhia União Fabril, com séde na cidade do Rio Grande e filiais por todo o Brasil. Foi agraciado pelo Imperador Dom Pedro II com a comenda da Ordem da Rosa. No Rio Grande a 1-III-1873, c. c. Maria Francisca de Sá, n. Rio Grande a 14-V-1855 e falecida no Rio de Janeiro a 6-II-1937, na casa de sua propriedade e residência, à rua de São Clemente n. 117. *Filha* do Comendador Miguel Tito de Sá e de d. Maria Delfina de Miranda Ribeiro, era neta paterna de José Maria de Sá e de d. Josefa Maria da Cunha, e materna do Comendador João de Miranda Ribeiro e de d. Maria Clemencia de Freitas.

O Comendador Carlos Guilherme Rheingantz e d. Maria Francisca de Sá Rheingantz foram pais de:

F 1) Olga Clemencia de Sá Rheingantz, n. Rio Grande a 15-VIII-1874. Em Paris, a 19-X-1901 c. c. Oscar da Porciúncula, n. Pelotas 17-XII-1864 e falecido em Petropolis a 5-II-1934, s. s. Filho de Simão da Porciúncula e d. Isabel de Oliveira Leitão.

F 2) Ida de Sá Rheingantz, n. Rio Grande a 21-VII-1875, faleceu no Rio Grande a 30-VII-1875, com nove dias de vida.

F 3) Carlos Frederico Rheingantz, n. Rio Grande a 26-VII-1876, falecido no Rio de Janeiro a 4-V-1895, solteiro. Era estudande de engenharia e foi vitimado pela epidemia reinante de febre amarela.

F 4) Francisco Alberto Rheingantz, n. Rio Grande a 2-XII-1877, faleceu a 7-IX-1937. Em Pelotas a 18-IX-1904, c. c. Maria Augusta de Assumpção (Marietta), n. Pelotas 21-IX-1885, filha do dr. Joaquim Augusto de Assumpção e d. Maria Francisca de Mendonça. Pais de:

N 1) Maria Francisca, n. Pelotas a 21-VIII-1919, solteira.

N 2) Joaquim Carlos, n. Pelotas a 16-I-1923.

N 3) Olga, n. Pelotas a 19-IX-1924.

N 4) Maria Augusta, n. Pelotas a 19-XI-1926.

F 5) Eduardo de Miranda Rheingantz, n. Rio Grande a 20-VI-1882, solteiro.

F 6) Alberto Luiz de Sá Rheingantz, n. Rio Grande a 3-VII-1885. No Rio de Janeiro, a 24-X-1916, c. c. Alice Giudice de Seixas, n. Porto Alegre a 24-XII-1892, filha do dr. Licerio José Primo de Seixas e de d. Elvira Giudice. Pais de:

Digitized by Google

Johanna Hillert-Martin, esposa em primeiras nupcias de Carlos von Fella e em segundas nupcias de Guilherme Ziegenbein (1810-1878)

Henny Krische, esposa de Henrique Ziegenbein.

Henrique Ziegenbein.

Digitized by Google

Ana Ziegenbein, esposa de Bernardo Krische.

Bernardo Krische.

Augusto Krische.

Wilhelmina Ziegenbein, esposa de Augusto Krische.

Digitized by Google

N 5) Luiz Alberto, n. Porto Alegre a 29-IX-1917, falecido nessa cidade a 11-I-1939, solteiro.
N 6) Olga Francisca, n. Porto Alegre a 3-IX-1918, no Rio de Janeiro a 29-IX-1938, c. c. Alfredo Ellis Neto, tenente aviador naval, n. São Paulo a 16-IX-1907. Pais de:
Bn 1) George Eduardo Ellis, n. Rio de Janeiro a 26-XI-1939.
N 7) João de Miranda, N. Porto Alegre a 29-XII-1919.

F 7) Adolpho Lourenço Rheingantz, n. Rio Grande 8-I-1887. No Rio de Janeiro a 9-IX-1919 c. c. Maria José Nabuco de Abreu, (Majo) n. 11-VI-1899, s. s. Filha do desembargador dr. Pedro de Alcantara Nabuco de Abreu é de d. Ana Nabuco de Gouvea.

F 8) Gustavo Adolpho de Sá Rheingantz, nasceu no Rio Grande a 14-XII-1887. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em Paris, a 3-X-1912, na igreja de São Pedro de Chaillot, c. c. Marguerite Modeste Claire Lucie Grandmasson, nascida no Rio de Janeiro a 7 de fevereiro de 1893, filha do dr. Emile Grandmasson e de d. Alice Claire Louise Agnès Bellocq. Pais de:

N 8) Roberto, n. Rio de Janeiro a 30-IX-1913, e aí falecido a 2-X-1913.
N 9) Carlos Grandmasson Rheingantz, n. Petropolis a 13-II-1915. Engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro a 7-XII-1935. Membro do Instituto Genealógico Brasileiro, autor destas notas.
N10) Alice Grandmasson Rheingantz, n. Petropolis a 22-II-1919. No Rio de Janeiro a 30-XI-1937 c. c. Jorge Moniz, engenheiro civil, n. Rio de Janeiro a 1-X-1912, s.s.

F 9) Paulo Affonso de Sá Rheingantz, n. Rio Grande a 26-III-1889. No Rio de Janeiro a 29-IX-1917, c. c. Marina Osorio, n. Pelotas a 14-IX-1899. Filha do coronel Pedro Luis da Rocha Osorio e de d. Maria Cecilia Alves Pereira. Pais de:

N11) Heloisa, n. Pelotas a 30-VIII-1918. No Rio Grande a 31-I-1940 c. c. Erwin Carneiro Becker, n. 15-VIII-1913. Pais de: (unica)
Bn 2) Maria Cecilia Rheingantz Becker, n. Rio Grande a 7-XII-1940.
N12) Oscar Luiz, nascido em Pelotas a 12-IX-1919, solteiro.

APENDICE:

Descendência de d. Johanna Hillert-Martin, nascida em Newmarket, condado de Cork, na Irlanda, a 20-III-1810, e falecida em Hamburgo a 3-III-1878, do seu segundo matrimonio, a 23-III-1837 com Frederico Guilherme Ziegenbein, natural de Bockenem, Alemanha, onde nasceu a 17-V-1800, e falecido no mesmo Hamburgo a 28-V-1866, filho de Henrique Julio Ziegenbein e Joanna Maria Gunter.

F 1) Henrique Ziegenbein, nasceu no Rio Grande a 25-III-1838, faleceu em Hamburgo em 1918, c. c. Henriette Krische, dita Henny, falecida em 1925. Pais de:

N 1) Frederico Ziegenbein, solteiro.
N 2) Josephine Ziegenbein, solteira.
N 3) Jorge Ziegenbein, c. c. Ella Metz. Pais de:
Bn1) Henrique Ziegenbein, casado, c. s.
Bn2) Guilherme Ziegenbein, casado, c. s.
N 4) Aninha Ziegenbein, n. Altona a 23-XII-1869. A 25-XI-1899 c. c. o barão Ernesto Guilherme Carlos de Rosenberg, nascido a 17-XII-1865 e falecido em Bad-Schwartau a 11-X-1937, s. s.
N 5) João Ziegenbein, casado, c. s.
N 6) Maria Ziegenbein, solteira.

F 2) Ana Wilhelmina Ziegenbein, dita Aninha, nasceu no Rio Grande a 24-IV-1840, já falecida, c. c. Bernardo Krische, tambem já falecido. Pais de:

N 7) Guilherme Krische, casado, c. s.
N 8) Carlos Krische, c. c. Ana Krische, s. s.

F 3) Wilhelmina Dorotéa Ziegenbein, nasceu no Rio Grande a 14-XII-1845, c. c. Augusto Krische, ambos falecidos.

N 9) Carlos Krische, c. c. .....
N10) Maria Krische.
N11) Ana Krische, c. c. .....

Digitized by Google

NOTICIARIO

NECROLOGIA

A *Genealogia* acaba de perder um de seus maiores cultores no nosso Estado. Em fins de abril faleceu nesta capital o sr. dr. Luís Porto Moretzsohn de Castro, ornamento do nosso Poder Judiciário, no qual atingiu o último posto, sendo muitos anos Desembargador e grande afeiçoado dos estudos de heraldica e genealogia, tendo pertencido a varias associações cientificas e principalmente aos Institutos Heraldico Genealógico e Genealógico Brasileiro, de São Paulo, sendo neste último sócio efetivo e conselheiro. Dos seus trabalhos, um tornou-se extremamente raro: os "Apontamentos Genealógicos", publicados em Santos, em 1900 e muitissimo apreciados. Publicou ainda: "Título de Moraes", "Origem dos Lemes de São Paulo", "Origem da familia Moniz de São Paulo", "Origem da familia de Arruda Botelho de São Paulo" e varios outros.

Os nossos sinceros pesames à familia enlutada.

Instituto Genealógico Brasileiro
Seção de Pernambuco

Acha-se fundada em Recife a seção do Instituto Genealógico Brasileiro, que desde início promete grandes realisações. A 25 de maio deste ano foi proclamado presidente dessa seção o dr. Guilherme Martinez Auler. Para vice-presidente foi indicado o dr. João de Medeiros Pereti e para secretario o sr. Sergio Higino Dias dos Santos. Por resolução unânime da diretoria secional, foi nomeado para segundo secretario o sr. Orlando Marquês de Albuquerque Cavalcanti e para tesoureiro o sr. Jorge Coelho.

A seção, orientada pelo ilustre dr. Martinez Auler, já começou os trabalhos para estabelecer a descendência de toda aristocracia pernambucana, átualisando a obra do genealogista Borges da Fonseca. Esta Revista irá publicando os respectivos capítulos a medida que forem completados. As nossas felicitações à ilustre diretoria da Seção de Pernambuco.

General Sousa Dócca

Acaba de ser promovido a General de Intendência, o nosso prezado consocio e colaborador Coronel Emilio Fernandes de Sousa Dócca, um dos mais cultos escritores dos nossos meios literários contemporâneos. O General Sousa Dócca é o fundador e 1.º Presidente da Federação das Academias de Letras, do Brasil, que publica uma revista das mais brilhantes e difundidas no nosso país. Para amostra do valor intelectual desse nosso ilustre consocio damos aqui a relação de algumas de suas obras: Causas da guerra com o Paraguai (Porto Alegre, 1919); Vocábulos Indigenas na Geografia Riograndense (Porto Alegre, 1925); A Convenção Preliminar de Paz de 1928 (S. Paulo, 1929); O Brasil no Prata (Porto-Alegre, 1930); Ideologia federativa na cruzada farroupilha (Porto-Alegre, 1932); A Missão Pousonby e a independência do Uruguai (Porto-Alegre, 1933); O Sentido Brasileiro da Revolução Farroupilha (Porto-Alegre, 1935); O porque da brasilidade farroupilha (São Paulo, 1936); Caxias Pacificador (Rio de Janeiro, 1939); Limites entre o Brasil e o Uruguai (Rio de Janeiro. 1939), e outras.

Damos os nossos sinceros e cordiais parabens ao nosso eminente confrade.

Digitized by Google

Instituto Genealógico Brasileiro

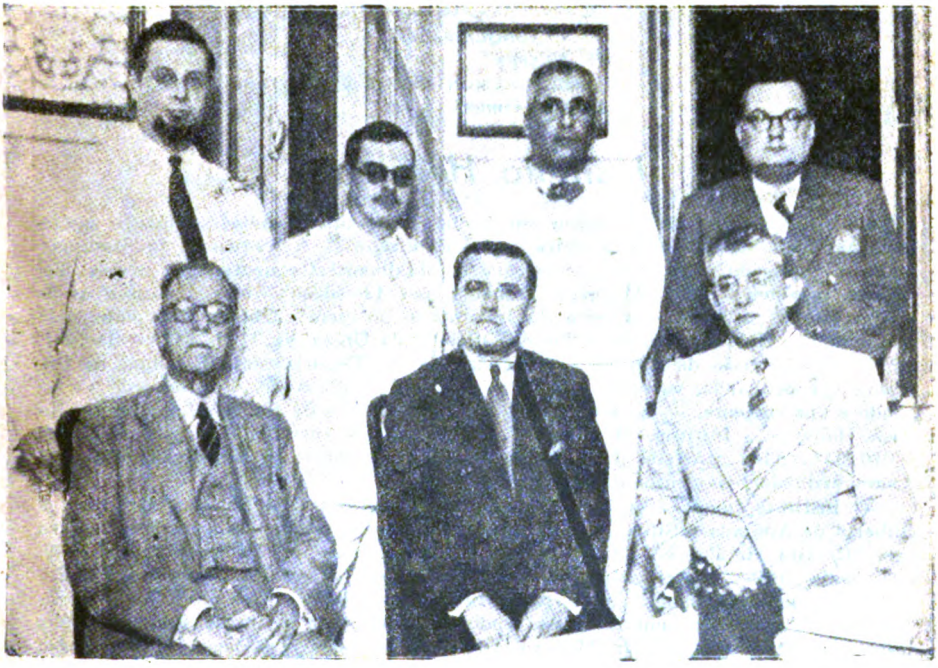
Seção da Baía

ATA DA INSTALAÇÃO

Presidente: *Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior*
1.º Vice-Presidente: *Dr. Afonso Rui de Souza*
2.º Vice-Presidente: *Dr. Antonio de Araujo Aragão Bulcão Sobrinho*
Secretario: *Dr. Mario Torres*
Tesoureiro: *Julio de Ataíde Pereira.*

Às dezesete horas do dia 10 de julho de mil novecentos e quarenta e um, em uma das salas do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, gentilmente cedida pelo

A DIRETORIA DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO
SEÇÃO DA BAÍA



Sentados (da esquerda para a direita do leitor): Cel. Ataide Pereira, drs. Dantas Junior e Mario Torres. Em pé: Hermann Neeser, drs. J. Junqueira, Rui de Sousa e Bulcão Sobrinho

seu Secretario, Dr. Francisco Conceição Menezes, para séde provisoria da Seção da Baía, presentes o Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior, Dr. Afonso Rui de Souza, Dr. Antonio de Araujo Aragão Bulcão Sobrinho, Gonçalo de Ataíde Pereira, representando seu filho Julio de Ataíde Pereira, Dr. Jorge Calmon Moniz de Bittencourt, Dr. Mario Barros, Dr. João José de Nascimento Junqueira e Hermann Neeser, teve inicio a instalação da Seção do Instituto Genealógico Brasileiro na Baía, com a posse do respectivo Presidente, Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior, do Vice-Presidente, Dr. Afonso Rui de Souza; do 2.º Vice-Presidente, Dr. Antonio de Araujo Aragão Bulcão Sobrinho e do Secretario, Dr. Mario Torres.

Digitized by Google

Com a palavra, o sr. Presidente fez o histórico do Instituto Genealógico Brasileiro, da sua criação em São Paulo, referiu-se ao seu fundador e principal organizador, alma mater da Genealogia no Brasil, o sr. Tenente-Coronel Salvador de Moya, a quem a Baía ficou a dever a criação da Seção da Baía, inicio de estudos não só de genealogia, como de heráldica entre nós, tendo o condão de reunir diversos elementos que hoje se congregam com tão nobre fim, propondo para o mesmo um voto de louvor que foi unanimemente aprovado. Leu os nomes dos socios do Instituto residentes na Baía e um cartão da ilustre consócia D. Clara Calmon da Costa Pinto, que justificou a sua ausencia. Todos se comprometeram a coadjuvar a instituição, auxiliando com seus esforços tão util empreendimento. Foi acertado fossem feitas as reuniões mensais. Nada mais havendo a ser tratado, para constar, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai, por todos assinada e por mim Secretario que a fiz.

(ass.) — J. C. PINTO DANTAS JUNIOR
AFONSO RUI
ANTONIO DE ARAUJO ARAGÃO BULCÃO SOBRINHO
Por JULIO MACEDO DE ATAÍDE PEREIRA, GONÇALO DE ATAÍDE PEREIRA
MARIO BARROS — (Mouraria, 53)
J. N. JUNQUEIRA
H. NEESER
JORGE CALMON MONIZ DE BITTENCOURT
MARIO TORRES.

Instituto Heráldico

O Instituto Heráldico realizou em 12 de Julho último uma concorrida assembléia geral extraordinaria para eleição da nova diretoria. A frequencia foi desusada, tendo comparecido o triplo dos socios que habitualmente frequentam as sessões. Foi reeleito presidente o Dr. Menezes Drumond, por 12 (doze) votos, inclusive os de procuração. A situação financeira do Instituto é prospera: Obteve uma subvenção fixa anual do Governo Federal ("Diário Oficial", da União, de 27 de Março de 1941, n.º 702); a Divisão de Imprensa e Propaganda, do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, vai custear a "Revista Heráldica", conforme promessa, — segundo é voz corrente, — do seu diretor, Dr. João Batista de Souza Filho; uma subscrição feita pelo Instituto Heráldico (na qual não se aceitava donativo menor de 500$000) rendeu cerca de doze contos, tendo só S. Excia. o Embaixador Macedo Soares assinado dois contos de réis.

O Instituto funciona gratuitamente no escritório dos Drs. Menezes Drumond e Gilberto de Andrada e Silva, podendo, portanto, empregar todos esses recursos na sua bela "Revista Heráldica". O 2.º número, correspondente ao 2.º semestre de 1940, está sendo ansiosamente aguardado, por constar que virá muito superior ao único número já publicado, no 1.º semestre de 1940.

Sairá brevemente, conforme vem sendo anunciado pela imprensa desde Fevereiro deste ano. Felicitamos ao Dr. Menezes Drumond pela sua reeleição e aguardamos o 2.º número que, parece, custará 20$000 o exemplar. Neste ponto discordamos de seu redator-chefe, sr. Enzo da Silveira: achamos que deveria ser mantido o preço anterior.

REFERENCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES:

Do Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro, de Tietê:

"O interesse e esforço que o presado confrade dedica aos dois magnificos empreendimentos: "Revista Genealógica Brasileira' e "Anuário Genealógico", o fazem benemérito de estima e admiração, ao mesmo tempo credor da boa vontade e encorajamento de quantos se interessam pelos estudos de genealogia."

Do historiador Walter Spalding, do Rio Grande do Sul:

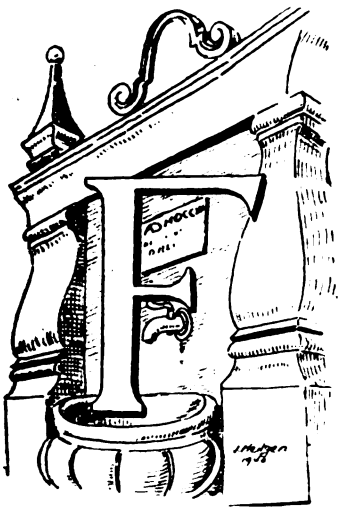
"Recebi o magnifico número da Revista Genealógica Brasileira, cuja publicação faz honra ao Instituto, a quem o dirige e a todos nós que a êle pertencemos."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO MARANHÃO

RELAÇÃO DOS LIVROS E DOCUMENTOS DO ARQUIVO DA CURIA METROPOLITANA DO MARANHÃO



Conego José Maria Lemercier,
Chanceler do Arcebispado

1) ALCANTARA (freguesia de São Matias de)

REGUESIA de São Mathias de *Alcantara.*

O título de criação desta freguesia não consta na Câmara eclesiástica, mas sabe-se que já era freguesia em 1754. — Livros de Batismos: 1735 a 1745 — 1750 a 1771 — 1771 a 1779 — 1759 a 1764 — 1764 a 1786 — 1789 a 1800 — 1800 a 1804 — 1804 a 1810 — 1810 a 1816 — 1816 a 1836 — 1836 a 1849 — 1849 a 1865 — 1865 a 1881 — 1881 a 1890 — 1890 a 1918 — 1918 a 1921 — 1921 a 1928 — 1928 a 1930 — 1930 a 1936. — Casamentos: 1776 a 1780 — 1780 a 1811 — 1826 a 1856 — 1811 a 1892 — 1893 a 1915 — 1932..... — Obitos: 1735 a 1765 — 1801 a 1819 — 1819 a 1856 — 1856 a 1874 — 1874 a 1907 — 1908 a 1916.....

Freguesia de São João de Côrtes. — A criação data de uma lei provincial de 26 de Julho de 1838. — Batismos: 1846 a 1853 — 1868 a 1903 — 1904 a 1915 — 1924..... Casamentos: 1869 a 1908 — Obitos nada. Anexada à Freguesia de São Matias de Alcantara.

Freguesia de Santo Antonio e Almas. — Criada por provisão régia de novembro de 1805. — Livros de Batismos: 1824 a 1843 — 1845 a 1849 — 1849 a 1857 — 1857 a 1891 — 1872 a 1901 — (escravos) 1901 a 1907 — 1908 a 1914 — 1941 a 1916 — 1917 a 1919 — 1919 a 1923 — 1923 a 1928 — 1928 a 1935. — Casamentos: 1827 a 1868 — 1878 a 1911 — 1914 a 1916. Obitos: nada.

Digitized by Google

2) ANAJATUBA (freguesia de Santa Maria de)

Freguesia de Santa Maria de *Anajatuba*. Título da freguesia consta duma lei provincial n.º 359, de 22 de julho de 1854.

Batismos: 1855 a 1858 — 1858 a 1872 — 1872 a 1878 — 1879 a 1882 — 1882 a 1887 — 1887 a 1891 — 1891 a 1895 — 1896 a 1900 — 1900 a 1906 — 1906 a 1910 — 1910 a 1914 — 1915 a 1917 — 1917 a 1923 — 1924 a 1928 — 1929 a 1935 — 1936 a 1939.

Casamentos: 1855 a 1869 — 1854 a 1904 — 1869 a 1887 (escravos) 1905 a 1917.

Obitos: 1855 a 1871 — 1871 a 1889.

3) ARAIOSES (N. S. da Conceição de)

N. S. da Conceição de *Araioses*. Não consta o título da criação na Câmara. O primeiro livro tem alguns assentos de Casamentos juntos com os de Batismos. — 1831 a 1870 — 1858 a 1870 — 1870 a 1883 — 1885 a 1908 — 1908 a 1910 — 1910 a 1913 — 1913 a 1919 — 1920 a 1923 — 1923 a 1926 — 1927 a 1930 — 1931 a 1933 — 1934 a 1938.

Casamentos: 1870 a 1883 — 1917 a 1920 — 1921 a 1928 — 1928 a 1930 — 1932 a 1935. — Obitos: nada.

4) ARARÍ (freguesia de N. S. da Graça de)

Freguesia de N. S. da Graça de *Ararí*. Título de fundação: Lei Provincial n.º 465, de 24 de maio de 1858.

Batismos: 1859 a 1871 — 1871 a 1888 (escravos) 1873 a 1896 — 1903 a 1914 — 1914 a 1917 — 1917 a 1923.

Casamentos: 1859 a 1900 — 1900 a 1908.

5) BAIXO MEARIM (freguesia de N. S. de Nazaré do)

Freguesia de N. S. de Nazaré do *Baixo-Mearim*. Título de criação consta duma Provisão Régia de 19 de abril de 1723.

Batisados: 1780 a 1788 — 1789 a 1817 — 1818 a 1829 — 1830 a 1835 — 1835 a 1848 — 1849 a 1882 — 1882 a 1894 — 1894 a 1907 — 1907 a 1911 — 1912 a 1916 — 1917 a 1923.

Casamentos: 1879 a 1819 — 1820 a 1835 — 1835 a 1853 — 1905 a 1910 — 1911 a 1915 — 1915 a 1919 — 1919 a 1927.

Obitos: 1789 a 1819 — 1820 a 1838 — 1838 a 1862.

6) BARREIRINHAS (N. S. da Conceição de)

N. S. da Conceição de *Barreirinhas*. Só tem livros de Batismos de 1903 a 1906 — 1906 a 1908 — 1925 a 1927 — 1928 a 1930 — 1931 a 1932 — 1933 a 1937. — Nem Casamentos, nem Obitos.

Digitized by Google

7) BREJO (Freguesia de N. S. da Conceição do)

Freguesia de N. S. da Conceição do *Brejo*. O título de criação foi dado por um escrito Régio de 18 de junho de 1757. Foram-lhe dados novos limites pela Provisão Régia de 18 de abril de 1820.

Batisados: 1828 a 1835 — 1840 a 1875 — 1844 a 1857 — 1857 a 1863 — 1869 a 1875 — 1875 a 14887 (escravos) 1875 a 1879 — 1882 a 1884 — 1884 a 1890 — 1890 a 1897 — 1897 a 1899 — 1900 a 1907 — 1907 a 1915 — 1915 a 1920 — 1920 a 1926 — 1926 a 1930 — 1931 a 1936.

Casamentos: 1845 a 1852 — 1869 a 1881 — 1881 a 1884 — 1884 a 1892 — 1892 a 1896 — 1896 a 1909 — 1909 a 1920 — 1920 a 1928 — 1928 a 1936.

Obitos: 1830 a 1832 — 1843 a 1847 — 1867 a 1888.

8) BURITÍ (Sant'Ana de Curralinho e)

Sant'Ana de Curralinho e *Burití*. Criação Lei Provincial de 19 de outubro de 1843, n.º 157.

Batisados: 1855 a 1864 — 1864 a 1872 — 1871 a 1887 (escravos) 1872 a 1875 — 1875 a 1882 — 1883 a 1888 — 1889 a 1897 — 1897 a 1910 — 1911 a 1928 — 1929 a 1933 — 1934 a 1936.

Casamentos: 1855 a 1867 — 1868 a 1881 — 1880 a 1884 — 1884 a 1890 — 1890 a 1893 — 1893 a 1900 — 1900 a 1910 — 1911 a 1920 — 1924 a 1930 — 1930 a 1936. — Obitos, não tem.

9) CHAPADINHA (N. S. das Dôres de)

Nossa Senhora das Dôres de *Chapadinha*. Título de criação: Provisão Régia de 25 de setembro de 1801.

Batisados: 1807 a 1820 — 1820 a 1833 — 1835 a 1856 — 1856 a 1860 — 1863 a 1868 — 1870 a 1875 — 1882 a 1886 — 1886 a 1889 — 1889 a 1896 — 1896 a 1900 — 1900 a 1904 — 1904 a 1916 — 1917 a 1924 — 1925 a 1929 — 1930 a 1936.

Casamentos: 1817 a 1836 — 1836 a 1856 — 1849 a 1863 — 1863 a 1874 — 1886 a 1896 — 1896 a 1914 — 1914 — 1914 a 1926 — 1927 a 1932 — 1933 a 1936. — Obitos: 1837-1840.

10) CODÓ (Freguesia de Santa Rita e Santa Filomena do)

Freguesia de Santa Rita e Santa Filomena do *Codó*. O título de criação consta de Lei Provincial n.º 13, de 1 de maio de 1835.

Batisados: 1838 a 1857 — 1843 a 1859 — 1869 a 1877 — 1878 a 1881 — 1881 a 1885 — 1871 a 1887 (escravos) 1885 a 1891 — 1891 a 1897 — 1897 a 1904 — 1904 a 1910 — 1910 a 1916 — 1917 a 1920 — 1920 a 1924 — 1924 a 1927 — 1927 a 1932.

Digitized by Google

Casamentos: 1828 a 1867 — 1869 a 1892 — 1893 a 1899 — 1900 a 1906 — 1907 a 1921 — 1926 a 1930 — 1931 a 1936.

Obitos: 1872 a 1886.

Freguesia de N. S. da Lapa e Pias de São Miguel. O título consta de lei provincial de 8 de maio de 1835. Hoje anexa à freguesia do *Codó*.

Batismos: 1831 a 1848 — 1846 a 1863 — 1863 a 1870 — 1872 a 1886. — Casamentos: nada. — Obitos: 1836 a 1872 — 1872 a 1883.

11) COROATA' (freguesia de N. S. da Piedade do)

Freguesia de N. S. da Piedade do *Coroatá*. — Títulos de criação Lei Provincial n.º 173 de 5 de novembro de 1843, sendo-lhe marcado o orago pela Lei de 9 de agosto de 1844, n.º 188.

Batismos: 1851 a 1854 — 1854 a 1857 — 1857 a 1866 — 1866 a 1874 — 1874 a 1876 — 1874 a 1880 (escravos) 1880 a 1889 — 1889 a 1895 — 1895 a 1903 — 1903 a 1908 — 1908 a 1918 — 1918 a 1921 — 1921 a 1924 — 1924 a 1928 — 1925 a 1927 (a) 1927 a 1932 — 1932 a 1936.

Casamentos: 1851 a 1874 — 1874 a 1904 — 1904 a 1921 — 1922 a 1932 — 1933 a 1937.

Obitos: 1851 a 1883 — 1883 a 1887.

12) CURURUPÚ (Freguesia de São João Batista)

Freguesia de *Cururupú* (São João Batista). Criada por lei provincial de 8 de maio de 1855.

Batisados: 1835 a 1843 — 1843 a 1856 — 1856 a 1864 — 1864 a 1869 — 1869 a 1880 — 1880 a 1888 (1879 a 1888, escravos) 1897 a 1904 — 1905 a 1909 — 1913 a 1915 — 1916 a 1918 — 1918 a 1920 — 1920 a 1922 — 1922 a 1924 — 1925 a 1927 — 1927 a 1930 — 1930 a 1932.

Casamentos: 1836 a 1860 — 1847 a 1904 — 1904 a 1909.

Obitos: 1836 a 1881.

13) GUIMARÃES (Freguesia de São José de)

Freguesia de São José de *Guimarães*. O título de criação desta freguesia consta de uma provisão do Bispo D. Frei Antonio de S. José, de 23 de março de 1758. Livros de Batismo: 1754 a 1770 — 1779 a 1790 — 1790 a 1807 — 1807 a 1813 — 1813 a 1817 — 1817 a 1822 — 1822 a 1826 — 1826 a 1830 — 1830 a 1845 — 1845 a 1851 — 1853 a 1863 — 1863 a 1887 — 1887 a 1904 — 1904 a 1915 — 1919 a 1921 — 1921 a 1923 — 1923 a 1925 — 1926 a 1930 — 1931 a 1933.

Casamentos: 1758 a 1764 — 1789 a 1885 — 1835 a 1870 — 1905 a 1918.....

Obitos: 1758 a 1780 — 1799 a 1858 — 1859 a 1877 .....

Digitized by Google

14) ICATÚ (Freguesia de N. S. da Conceição de)

Freguesia de N. S. da Conceição de *Icatú*. O titulo de creação não consta na Câmara eclesiástica, mas sabe-se que era freguesia em 1715.

Batismos: 1695 a 1752 — 1755 a 1772 — 1778 a 1797 — 1798 a 1822 — (escravos 1787 a 1826) — 1823 a 1833 — 1834 a 1842 — 1843 a 1862 — 1863 a 1864 — 1865 a 1877 — 1872 a 1887 — (escravos 1877 a 1879) — 1879 a 1882 — 1883 a 1888 — 1889 a 1893 — 1893 a 1900 — 1901 a 1906 — 1907 a 1912 — 1913 a 1915 — 1916 a 1921 — 1922 a 1924 — 1924 a 1926 — 1927 a 1929 — 1929 a 1931.

Casamentos: 1806 a 1867 — 1867 a 1906 — 1907 a 1921 — 1921 a 1930.

Obitos: 1715 a 1805 — 1819 a 1842 — 1842 a 1884 — (escravos 1872 a 1890) — 1884 a 1896 — 1896 a 1906.

São José do Preá *Miritiba*. O titulo de creação consta de lei provincial de 8 de maio de 1835.

Batismos: 1836 a 1862 (escravos 1843 a 1862) — 1867 a 1870 — 1871 a 1887 — (escravos 1870 a 1887) — 1887 a 1896 — 1896 a 1904 — 1904 a 1910 — 1915 a 1917 — 1918 a 1921 — 1922 a 1926 — 1927 a 1930.

Casamentos: 1836 a 1839 — 1846 a 1849 — 1859 a 1877 — 1877 a 1900 — 1900 a 1907 — 1921 a 1927.

Obitos nada.

15) ITAPECURÚ MIRIM (Freguesia de N. S. das Dôres do)

Freguesia de N. S. das Dôres do *Itapicurú Mirim*. Creação da Freguesia, provisão Régia de 25 de setembro de 1801.

Batismos: 1806 a 1813 — 1814 a 1823 — 1824 a 1830 — 1829 a 1833 — 1834 a 1844 — 1844 a 1854 — 1860 a 1871 — 1871 a 1874 — 1871 a 1886 (escravos) — 1875 a 1884 — 1885 a 1890 — 1891 a 1907 — 1907 a 1910 — 1911 a 1917 — 1918 a 1924 — 1924 a 1929 — 1930 a 1936.

Casamentos: 1807 e 1850 — 1854 a 1885 — 1885 a 1904 — 1904 a 1917 — 1917 a 1930.

Obitos: 1807 a 1851 — 1850 a 1865 — 1875 a 1888.

16) MONÇÃO (Freguesia de São Francisco de)

Freguesia de São Francisco de *Monção*. Titulo de fundação numa provisão régia de 1757.

Batismos: 1739 a 1808 — 1810 a 1867 — 1867 a 1878 — 1879 a 1886 — 1871 a 1888 (escravos) — 1886 a 1894 — 1895 a 1900 — 1900 a 1908 — 1908 a 1911 — 1911 a 1917 — 1917 a 1923.

Digitized by Google

Casamentos: 1820 a 1869 — 1869 a 1895 — 1895 a 1902 — 1907 a 1919 — 1921 a 1927.

Obitos: 1818 a 1869 — 1869 a 1897.

17) PENALVA (São José de)

São José de *Penalva*. A creação desta freguesia consta da lei Provincial n.º 510 de 27 de julho de 1858. Foi anexada assim como a de Monção a freguesia de *Viana*.

Batisados: 1859 a 1870 — 1870 a 1889 — 1890 a 1895 — 1895 a 1902 — 1907 a 1910 — 1910 a 1916 — 1916 a 1920 — 1920 a 1927.

Casamentos: 1907 a 1919.

Nada de Obitos.

18) ROSARIO (do Itapicurú) Freguesia de N. S. do

Freguesia de N. S. do *Rosario do Itapicurú*. O titulo de creação consta da provisão régia de 1801. Tendo sido já primitivamente creada em 1746.

Batismos: 1746 a 1768 — 1776 a 1780 — 1785 a 1802 — 1803 a 1824 — (escravos 1809 a 1852) — 1825 a 1848 — 1849 a 1860 — 1860 a 1870 — 1871 a 1895 — (escravos 1875 a 1880) — 1880 a 1891 — 1891 a 1898 — 1900 a 1904 — 1905 a 1912 — 1913 a 1920 — 1921 a 1923 — 1923 a 1925 — 1925 a 1927 — 1927 a 1930 — 1930 a 1932 — 1932 a 1935.

Casamentos: 1785 a 1875 — 1875 a 1892 — 1921 a 1935.

Obitos: 1752 a 1784 — 1787 a 1849 — 1849 a 1886 — 1887 a 1930.

19) SÃO BENTO (dos Perys)

São Bento dos Perys. Creada por provisão regia de 1 de novembro de 1805.

Batismos: 1813 a 1842 — 1842 a 1854 — 1857 a 1863 — 1863 a 1871 — 1871 a 1902 — 1871 a 1883 (Livro de Escravos) — 1883 a 1889 — 1889 a 1893 — 1896 a 1898 — 1898 a 1900 — 1903 a 1905 — 1905 a 1907 — 1907 a 1909 — 1909 a 1911 — 1911 a 1913 — 1913 a 1915 — 1915 a 1916 — 1916 a 1918 — 1818 a 1920 — 1921 a 1922 — 1923 a 1924 — 1924 a 1926 — 1926 a 1930 — 1931 a 1933 — 1933 a 1937.

Casamentos: 1779 a 1829 — 1814 a 1850 — 1883 a 1896 — 1896 a 1907 — 1907 a 1915 — 1923 a 1931 — 1931 a 1932 — 1932 a 1937.

Obitos: 1818 a 1850 — 1875 a 1889 — 1883 a 1891 — 1891 a 1916.

20) SÃO BERNARDO (Freguesia de)

Freguesia de *São Bernardo*. O titulo da creação não consta mas já era freguesia em 1799.

Digitized by Google

Batismos: 1833 a 1862 — 1859 a 1868 — 1873 a 1884 — 1884 a 1887 — 1892 a 1895 — 1895 a 1898 — 1898 a 1906 — 1907 a 1910 — 1910 a 1917 — 1918 a 1924 — 1924 a 1928.

Casamentos: 1875 a 1886 — 1857 a 1875 — 1896 a 1912 — 1920 a 1926.

Obitos não tem.

21) SÃO LUIZ (Capital)

I) Freguesia de *N. S. da Vitoria - Sé - Catedral.* Não consta a data do titulo da creação. Mas de um livro de assentos de obitos da mesma de 1673 a 1795 se vê que já em maio daquele ano ela funcionava como freguesia, sendo o seu Vigario o Padre Ignacio da Fonseca Silva. Julga-se que ela fôra creada em 1607 mais ou menos. A provisão de divisão de limites desta freguesia está registrada no livro de Batismos de 1798 a 1807, a fls. 162 verso.

Batismos: 1715 a 1734 — 1747 a 1753 — 1757 a 1773 — 1762 a 1766 — 1766 a 1770 — 1770 a 1777 — 1777 a 1796 — 1782 a 1784 — 1785 a 1788 — 1789 a 1790 — 1790 a 1792 — 1792 a 1796 — 1796 a 1797 — 1797 a 1799 — 1799 a 1801 — 1801 a 1803 — 1803 a 1804 — 1804 a 1806 — 1806 a 1808 — 1808 a 1814 — 1814 a 1816 — 1816 a 1820 — 1820 a 1824 — 1824 a 1826 — 1826 a 1829 — 1829 a 1834 — 1834 a 1837 — 1837 a 1841 — 1841 a 1848 — 1848 a 1864 — 1864 a 1871 — 1871 a 1884 — 1884 a 1889 — 1877 a 1885 (escravos) — 1889 a 1899 — 1901 a 1907 — 1907 a 1912 — 1912 a 1916 — 1916 a 1919 — 1919 a 1922 — 1922 a 1925 — 1925 a 1929 — 1930 a 1935.

Casamentos: 1707 a 1744 — 1748 a 1759 — 1759 a 1773 — 1773 a 1790 — 1790 a 1798 — 1798 a 1807 — 1807 a 1824 — 1824 a 1841 — 1841 a 1872 — 1872 a 1886 — 1886 a 1936 — 1926 a 1936.

Obitos: 1673 a 1705 — 1729 a 1754 — 1754 a 1779 — 1779 a 1789 — 1787 a 1794 — 1794 a 1801 — 1801 a 1806 — 1806 a 1819 — 1819 a 1825 — 1825 a 1835 — 1835 a 1841 — 1841 a 1851 — 1851 a 1868 — 1868 a 1883 — 1885 a 1916.

II) Freguesia de N. S. da Conceição da Capital. O titulo de creação desta freguesia consta de uma provisão regia de 23 de maio de 1805. Provisão Episcopal de 29 de agosto e instalada em 1 de setembro do mesmo ano.

Batisados: 1805 a 1817 — 1820 a 1832 — 1833 a 1837 — 1837 a 1842 — 1842 a 1846 — 1846 a 1848 — 1848 a 1852 — 1852 a 1863 — 1863 a 1877 — 1871 a 1879 (escravos) — 1877 a 1886 — 1886 a 1891 — 1891 a 1894 — 1895 a 1898 — 1898 a 1901 — 1901 a 1906 — 1906 a 1909 — 1914 a 1916 — 1917 a 1919 — 1919 a 1920 — 1920 a 1922 — 1922 a 1925 — 1925 a 1927 — 1927 a 1930 — 1930 a 1932 — 1932 a 1935.

Digitized by Google

Casamentos: 1805 a 1844 — 1844 a 1873 — 1873 a 1894 — 1894 a 1909 — 1909 a 1917 — 1917 a 1928 — 1928 a 1932.

Obitos: 1805 a 1828 — 1828 a 1835 — 1835 a 1840 — 1841 a 1845 — 1845 a 1851 — 1851 a 1856 — 1856 a 1867 — 1867 a 1878 — 1878 a 1891 — 1883 a 1896 — 1910 a 1915 — 1915 a 1921 — 1921 a 1923 — 1924 a 1930 — 1930 a 1935.

III) Freguesia de São João Batista da Capital. O titulo da creação desta freguesia consta da lei provincial de 27 de agosto de 1856. Erecta e canonicamente instituida aos 2 de maio de 1857 e solenemente inaugurada aos 10 do mesmo mês.

Batismos: 1857 a 1872 — 1872 a 1888 — 1865 a 1890 (livres e escravos) — 1890 a 1903 — 1903 a 1910 — 1910 a 1915 — 1915 a 1916 — 1916 a 1921 — 1921 a 1924 — 1925 a 1927 — 1927 a 1929 — 1929 a 1931 — 1931 a 1934.

Casamentos: 1857 a 1890 — 1890 a 1919 — 1919 a 1928 — 1929 a 1935.

Obitos: 1857 a 1880 — 1886 a 1898 — 1883 a 1896 — 1918 a 1926 — 1926 a 1935.

IV) Freguesia de São Joaquim do Bacanga. O titulo da creação desta freguesia consta de uma lei provincial de 28 de maio de 1835. Hoje anexada à Sé.

Batismos: 1835 a 1855 — 1855 a 1877 — 1878 a 1887 — 1887 a 1890 — 1895 a 1920.

Casamentos: 1836 a 1886.

Obitos nada.

V) Freguesia de São João Batista de Vinhais. Creada por provisão régia de 18 de junho de 1757, instalada em 1 de agosto do mesmo ano por alvará de 7 de junho de 1755.

Batisados: 1736 a 1759 — 1775 a 1788 — 1797 a 1835 — 1837 a 1848 — 1848 a 1854 — 1854 a 1862 — 1877 a 1883 — anexada à Freguesia da Vila do Paço de Lumiar.

Casamentos: 1837 a 1856.

Obitos: 1738 a 1780 — 1848 a 1854 — 1855 a 1865 — 1876 a 1882.

VI) Freguesia de São José dos Indios. O titulo da creação consta da resolução régia de 18 de junho de 1857, em virtude do alvará do mesmo mês de 1755.

Batismos: 1837 a 1847 — 1847 a 1864 — 1864 a 1888.

Casamentos: Nada.

Obitos: 1837 a 1855 — 1855 a 1863. — Tambem anexada à Vila do Paço.

VII) Freguesia de Nossa Senhora do Paço do Lumiar. O titulo da creação da freguesia consta da resolução régia de 18 de junho de 1757, instalada a 9 de junho de 1764.

Digitized by Google

Batismos: 1759 a 1784 — 1784 a 1807 — 1808 a 1820 — 1823 a 1833 — 1833 a 1850 — 1851 a 1859 — 1859 a 1878 — 1879 a 1881 — 1881 a 1887 — 1887 a 1897 — 1900 a 1903 — 1900 a 1906 — 1906 a 1909 — 1910 a 1912 — 1912 a 1915 — 1915 a 1916 — 1916 a 1919 — 1919 a 1920 — 1920 a 1923 — 1925 a 1929 — 1929 a 1931 — 1931 a 1933 — 1933 a 1935 — 1935 a 1939.

Casamentos: 1772 a 1773 — 1784 a 1801 — 1808 a 1820 — 1823 a 1844 — 1900 a 1909 — 1909 a 1916 — 1924 a 1932.

Obitos: 1807 a 1820 — 1824 a 1836.

22) SÃO LUIZ GONZAGA (Freguesia de)

Freguesia de *São Luiz de Gonzaga*. O titulo de creação consta da Lei Provincial n.º 196 de 29 de agosto de 1844.

Batismos: 1846 a 1872 — 1873 a 1880 — 1898 a 1902 — 1903 a 1905 — 1905 a 1910 — 1911 a 1915 — 1915 a 1917 — 1880 a 1890 (escravos) — 1918 a 1920 — 1921 a 1924 — 1924 a 1926 — 1926 a 1928 — 1929 a 1931 — 1931 e 1934 — 1935 a 1938.

Casamentos: 1892 a 1904 — 1904 a 1910 — 1911 a 1916 — 1917 a 1921 — 1922 a 1924 — 1925 a 1931 — 1935 a 1937.

Obitos: Não tem.

23) SÃO VICENTE FERRER (Freguesia de)

Freguesia de *São Vicente Ferrer*. O titulo de creação consta de uma provisão régia de 7 de novembro de 1805.

Batismos: 1826 a 1834 — 1834 a 1840 — 1841 a 1850 — 1850 a 1852 — 1852 a 1859 — 1857 a 1882 — 1888 a 1892 — 1892 a 1897 — 1897 a 1906 — 1906 a 1911 — 1911 a 1915 — 1915 a 1918 — 1918 a 1919 — 1919 a 1920 — 1920 a 1921 — 1921 a 1922 — 1922 a 1923 — 1923 a 1924 — 1924 a 1927 — 1927 a 1928 — 1928 a 1930 — 1930 a 1932 — 1932 a 1935 — 1935 a 1937.

Casamentos: 1883 a 1892 — 1892 a 1908 — 1908 a 1915 — 1915 a 1923 — 1923 a 1929 — 1929 a 1930 — 1930 a 1932 — 1932 a 1935.

Obitos: 1820 a 1857 — 1883 a 1900.

Freguesia de São Bento de Bacurituba. O titulo de creação consta de uma lei provincial de 10 de julho de 1868 n.º 843. Foi desmembrada das freguesias de S. Vicente Ferrer e de S. Bento dos Perys em virtude da dita lei.

Batismos: 1868 a 1874 — 1870 a 1878 (escravos 1872 a 1878) — 1875 a 1887 — 1888 a 1904 — 1905 a 1912.

Casamentos: 1863 a 1892 — 1893 a 1906.

Obitos: 1878 a 1888.

Digitized by Google

24) TUTOIA (N. S. da Conceição da)

N. S. da Conceição da *Tutoia*. O titulo de creação consta de uma resolução Régia de 18 de junho de 1757, por virtude de alvará em 7 de julho de 1775.

Batismos: 1776 a 1781 — 1793 a 1813 — 1814 a 1828 — 1829 a 1841 — 1842 a 1864 — 1905 a 1916 — 1916 a 1922 — 1924 a 1929 — 1930 a 1933 — 1933 a 1935 — 1936 a 1938.

Casamentos: 1793 a 1841 — 1903 a 1908 — 1921 a 1923 — 1924 a 1930. Os casamentos de 1753 a 1780 se acham no livro de Justificações n.º 0 de diversas paroquias.

Obitos nada.

25) VARGEM GRANDE (Freguesia de São Sebastião da) (Antiga Iguará)

Freguesia de São Sebastião da *Vargem Grande* (antiga *Iguará*). O titulo de creação consta da lei provincial de 8 de maio de 1835.

Batisados: 1807 a 1820 — 1820 a 1833 — 1851 a 1856 — 1857 a 1870 — (1856 a 1868 — 1868 a 1873 — 1873 a 1878 — 1878 a 1886 - escravos) — 1876 a 1890 — 1884 a 1899 — 1899 a 1911 — 1911 a 1918 — 1918 a 1924 — 1925 a 1930 — 1930 a 1934 — 1934 a 1936.

Casamentos: 1837 a 1868 — 1869 a 1875 — 1894 a 1903 — 1904 a 1920 — 1920 a 1931 — 1931 a 1935 — 1935 a 1936.

Obitos: Não tem.

26) VIANA (N. S. da Conceição de)

N. S. da Conceição de *Viana*. A data da creação consta de Resolução Régia de 1 de junho de 1757.

Batismos: 1758 a 1801 — 1780 a 1803 — 1805 a 1820 — 1830 a 1842 — 1843 a 1851 — 1852 a 1875 — (escravos 1873 a 1885) — 1876 a 1884 — 1884 a 1894 — 1895 a 1897 — 1897 a 1900 — 1900 a 1905 — 1906 a 1910 — 1911 a 1913 — 1914 a 1916 — 1916 a 1919 — 1920 a 1923 — 1924 a 1926 — 1927 a 1929 — 1931 a 1938.

Casamentos: 1830 a 1860 — 1860 a 1895 — 1895 a 1910 — 1911 a 1924.

Obitos: 1857 a 1803 — 1830 a 1855 — 1855 a 1878.

Os Livros de Assentos de Batismos, Casamentos e Obitos das Paroquias seguintes foram retirados do Arquivo desta Curia e enviados às Dioceses de Caxias do Maranhão e Prelazias de Grajaú e Pinheiro.

Digitized by Google

São Francisco Xavier do Turiassú, Santa Cruz da Barra do Corda, Nosso Senhor do Bonfim de Grajaú, Santa Tereza de Imperatriz, São Pedro de Carolina (Prelazia de Grajaú).

Nossa Senhora da Conceição de Caxias, São Benedito de Caxias, Nossa Senhora da Trizidela de Caxias, São Sebastião de Passagem Franco, São José dos Matões, Nossa Senhora da Conceição de Picos, São Francisco (antiga Nossa Senhora da Manga), São Bento de Pastos Bons, São Feliz de Balsas, Nossa Senhora de Loreto, Nossa Senhora de Nazareth de Riachão, Nossa Senhora da Vitoria do Alto Parnaíba, São Bento de Mirador. (Diocese de Caxias).

São João Batista de Cururupú, São José de Guimarães, São Matias de Alcantara, São João de Côrtes, Santo Antonio e Almas, Santo Inácio de Pinheiro, Santa Helena. (Prelazia de Pinheiro).

LIVROS DE REGISTROS

Provisões, Portarias, Cartas de ordens, de Pregadores, de Confissores, e outros despachos:

Livro 1.º (1718 a 1789) — 2.º (1688 a 1784) — 3.º (1765 a 1769) — 4.º (1814 a 1859) — 5.º (1824 a 1833) — 6.º (1810 a 1814) — 7.º (1814 a 1819) — 8.º (1835 a 1839) — 9.º (1768 a 1782) — 10.º (1788 a 1797) — 11.º (1832 a 1834) — 12.º (1800 a 1844) — 13.º (1764 a 1768) — 14.º (1823 a 1831) — 15.º (1824 a 1834) — 16.º (1815 a 1822) — 17.º (1824 a 1847) — 18.º (1803 a 1825) — 19.º (1798 a 1804) — 20.º (1831 a 1838) — 21.º (1810 a 1847) — 22.º (1843 a 1847) — 23.º (1850 a 1865) — 24.º (1802 a 1806) — 25.º (1831 a 1865) — 26.º (1845 a 1847) — 27.º (1863 a 1865) — 28.º (1847 a 1852) — 29.º (1857 a 1860) — 30.º (1863 a 1869).

LIVROS

Oficios dos Presidentes do Maranhão, Piauí, dos Ministros do Imperio: 1862 a 1864 — 1864 a 1869 — 1870 a 1872 — 1873.

Oficios dos Vigarios: 1862 a 1865 — 1866 a 1868 — 1868 a 1870 — 1872 a 1874

Oficios do Vigario Geral: 1862 a 1874.

Oficios dos Seminarios e Recolhimentos: 1862 a 1865 — 1865 a 1868 — 1868 a 1874.

Oficios dos Parocos: 1861 a 1873 — 1874 a 1877.

Representações contra os Parocos e ditas destas: 1864 a 1875.

Autoridades diversas: 1861 a 1877.

Digitized by Google

Ministerio do Imperio: 1869 a 1877.

Livro de Cauções e Penhoras: 1862 a 1876.

Livros de Justificações de Batismos: 1803 a 1826 — 1828 a 1844 — 1844 a 1860 — 1865 a 1900 — 1900 a 1938.

Livros de Atas do Cabido: 1750 a 1876 — 1877 a 1892 — 1892 a 1906.

Maços Numerados e por letras alfabeticas de: 1785 a 1889 — 1890 a 1900.

Processos de justificações de Batismos, Menoridade, de Moribus, de estado livre, colações de Parocos, de oposição ao canonicato.

Livros de Registro de Testamentos: 1763 a 1777 — 1777 a 1779 — 1787 a 1789 — 1794 a 1798 — 1795 a 1808 — 1798 a 1800.

São os dados que me foi possivel anotar dos livros e outros documentos existindo no Arquivo da Curia Metropolitana da Arquidiocese de São Luiz do Maranhão; outros documentos importantes seguiram para a Séde do Pará quando desmembrada desta Diocese.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Prof. Dr. Raúl de Labougle, de Buenos-Aires:

"He leído con mucho interés todos los estudios contenidos en la Revista y los Anuários, tan bien escritos y que son aporte valioso no solo para la História de esa nación sino tambien para la de nuestra patria por la estrecha vinculación que, especialmente en los siglos XVII y XVIII, existió siempre entre la región del Plata y el Brasil. Le felicito por su noble esfuerzo, que trasunta elevada orientación espiritual y sólida cultura."

Do "Correio Paulistano", de 4-VIII-1940:

"Preciosa contribuição á "sciencia auxiliar do passado" o volume de apresentação do orgam do Instituto Genealógico Brasileiro. — Digna de figurar em qualquer bibliotheca é a "Revista Genealógica Brasileira", orgam do Instituto Genealógico Brasileiro, cujo primeiro numero, correspondente ao 1.º semestre do corrente anno, acabamos de receber.

"Propondo-se a ser o expoente leal dos esforços do Instituto no desbravamento contínuo da genealogia brasileira, a citada publicação, impressa na Empresa Graphica Revista dos Tribunaes, comporta, em suas 226 paginas, farto, escolhido e ilustrado material, precioso aos que se interessam pelo estudo da "sciencia auxiliar do passado."

Além de outras esmeradas collaborações, destaca-se, no presente numero inicial da "Revista Genealógica Brasileira", um estudo, de autoria do sr. dr. Gama Rodrigues, sobre a "Viscondessa de Castro Lima e sua descendencia". Trabalho de vulto, completo em todos os seus detalhes, quer seja examinado pelo lado de sua especialidade, quer olhando-o pelo seu valor literario, e enriquecido por historicas ilustrações, representa o estudo do sr. dr. Gama Rodrigues valiosa contribuição áquelles que vêm nos que escrevem sobre as tradicionaes familias brasileiras os fixadores da propria historia da patria.

"Merecem, tambem, especial destaque, outras collborações contidas no numero de apresentação da excellente "Revista Genealógica Brasileira", firmadas por genealogistas de renome, taes como os srs. Ricardo G. Daunt, Carvalho Franco, Carlos da Silveira, Araujo Pontes, Veiga de Castro, Costa Ferreira, dr. Aguirre, Salvador de Moya e muitos outros.

"Contem, tambem, a publicação que folheamos, variado noticiario referente ao Instituto Genealógico Brasileiro."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO CEARÁ

Esbôço de uma Genealogia

I — OS MONTES

Raimundo Girão

QUANDO, por volta de 1707, vieram os Feitosas do Engenho dos Currais de Serinhaem, em Pernambuco, para o Ceará. já residia nas imediações do Icó a familia *Montes*, cujos troncos, segundo o dr. Helvecio Monte, *"em numero de cinco irmãos, dois homens e três mulheres, são de origem espanhola emigrados dali órfãos, fugindo da Inquisição, em cujas fôgueiras viram queimados os seus pais"* (Carta autografada em poder do autor).

Na fazenda Forquilha, data do Pilar, no boqueirão de Orós, à margem do Jaguaribe, morava o capitão-mór Geraldo Montes (*) que, na realidade, parece chamar-se Francisco de Montes Silva, filho do capitão João de Montes, *"oficial brioso e valente que veiu do rio São Francisco (Penêdo) para o Rio Grande e depois para o Ceará, onde praticou os relevantes serviços constantes da confirmação de sua patente por d. Pedro II (de Portugal), em 23 de dezembro de* 1699" (Antônio Bezerra, Algusa Origens do Ceará, 1918, pg. 132).

Movidos, talvez, pela noticia em voga de se terem descoberto no Ceará ótimos campos de criar, vieram os Montes, como outras famílias,

(*) A existência de Geraldo Montes, com êste nome, não é confirmada por documentos e, porisso, alguns a contestam. Entre êstes, Antônio Bezerra e Soares Bulcão, que fazem história genealógica de verdade, baseados em assentos e papeis autênticos e não sómente na tradição.

Digitized by Google

para o Jaguaribe, onde adquiriram fazendas e se tornaram ricos, fixando-se em pontos diversos, uns no Cariri, outros no Banabuiú, e terceiros nas circunvizinhanças do Icó, então pequeno lugarejo que nem capela possuia.

Sabe-se que Francisco de Montes Silva, *"o membro mais influente e abastado da família"* (Antônio Bezerra, idem, pg. 137) perdeu uma filha, cujo cadáver fôra sepultado no campo, à falta de uma igreja, o que à sua mulher causou grande desgôsto, e, para minorar-lhe a tristeza, resolveu êle *"estabelecer um patrimônio, para o que fez doação de meia légua de terra, no centro da qual edificou uma capela a Nossa Senhora da Expectação, que com pouca demora serviu de matriz à freguezia, em* 1744" (Senador Catunda).

Segundo todos os historiadores, os elementos da família Montes eram ricos e poderosos e a êles pertenceram as grandes fazendas *"Brejo da Salamanca"*, no Cariri; *"O carro quebrado"*, no Icó; o *"Boqueirão"*, acima de Orós; a *"Jacoca"*, no Banamuiú.

Vindos de Pernambuco, como se disse, chegaram ao Ceará, Lourenço Alves Feitosa, Francisco Alves Feitosa e Manoel Ferreira Ferro, todos irmãos, ricos e afeitos às lutas civis e se estabeleceram perto, seis leguas ao sul de Icó, na fazenda "Cachoeirinha", no riacho Cariuzinho.

Posteriormente, casou-se Francisco Alves Feitosa, em primeiras nupcias, com uma irmã de Francisco de Montes Silva, chamada Isabel Montes, viuva, e, em breve, intrigaram-se os cunhados, começando a hostilizarem-se mutuamente.

Daí nasceu entre as duas familias ódio de morte, retirando-se Francisco Feitosa para uma fazenda que possuia na ribeira dos Bastiões e travando, durante sua estadia naquele sitio, relações com um chefe dos indios Jucás, que lhe informára da existencia de convenientes campos de criação na ribeira do rio Jucá, afluente do Jaguaribe. (Theberg, Esbôço Histórico sobre a Província do Ceará, 1869, pg. 129).

O capitão Francisco de Montes, que deve ser, como se explicou, o mesmo Geraldo Montes, tambem teve ciência dêsses terrenos do Jucá, e requerendo-os em sesmarias, os teve por data, concedida em 1709, embora deles não se pudesse apossar, nem os medir.

Tempos depois, Lourenço Feitosa — conhecido por Alferes Comissário — aproveitando-se da situação de prestígio junto ao Capitão-mór Salvador Alves da Silva, conseguiu anular a sesmaria de Francisco Montes, apoderando-se, em seguida, da data do Jucá.

Este fato, de acôrdo com alguns historiógrafos, ou a usurpação de terras já concedidas aos Montes, como pensa Antônio Bezerra (Obra citada, pg. 134), provocou revolta no espírito de Geraldo Montes, que resolveu opôr-se ao esbulho de que era vítima.

Digitized by Google

Travou-se, então, luta porfiada, que recrudeceu em 1724, de maio para junho, quando chegou, à ribeira do Icó, o ouvidor José Mendes Machado, o primeiro Ouvidor do Ceará após a sua desmembração da Capitania Geral de Pernambuco, pela provisão do Conselho Ultra-Marino, de 8 de janeiro de 1723.

Esse magistrado, conhecido por "Tubarão", depois de andar em correição pela ribeira de Acaracú, foi em maio de 1724 para o Carirí, proceder a uma medição de terras e, na sua passagem pelo Icó, ouvido a respeito da questão das terras do Jucá, colocou-se ao lado dos Feitosas, com os quais, *"juiz corrompido, ganancioso e venal"* (Catunda), não tardou a fazer causa comum.

Logo iniciou o Ouvidor José Mendes séria perseguição à família Montes, expedindo ordens de prisão contra êstes e incumbindo as diligências ao Capitão de milícia João Ferreira da Fonseca, que, reunindo-se a Francisco Feitosa, chegado dos Inhamuns com 800 índios Genipapos, cometeu inauditas crueldades (João Brígido, Efemérides, pg. 47), *"roubando e massacrando os Montes e seus sequazes, praticando contra êles as mais atrozes violências, sem atenção a sexo, nem a idade"* (Theberg, obra citada, pg. 133).

Acompanhado dos Feitosas e numeroso séquito, foi ao Carirí sem nada sofrer, mas, ao voltar, viu-se atacado de surpresa pelos Montes, no lugar hoje chamado "Emboscada", perto de Missão Velha, travando-se, então, forte combate, no qual foram estes últimos derrotados em virtude de ter Lourenço Feitosa organizado, às pressas, com os utensílios de comboio, malas e cavalos, eficiente resistência.

"Êste primeiro conflito — narra Theberg — trouxe uma série de outros, cada qual mais mortífero. Os chefes de uma e outra parcialidade viviam incessantemente debaixo de armas e prontos a acudir a qualquer chamado. Toda a Capitania ressentiu-se das consequências dessa luta; toda a população viu-se obrigada a pronunciar-se a favor de uma ou outra parcialidade, porque a neutralidade era tida por crime capital" (Obra citada, pg. 131).

Os Feitosas abandonaram as imediações do Icó, onde dominavam os seus contrários, e se foram aquartelar nas terras do vale do Jucá e do alto Jaguaribe, cuja população se pronunciou a favor dêles, do Icó para cima.

"Como era natural, explica o senador Catunda (Estudos de História do Ceará, pg. 87) a luta continuou sempre acêsa entre os dois partidos. Açuladas as paixões, sem que achassem leito regular por onde derivassem, nem um princípio superior que as temperasse, transbordaram em deploraveis excessos".

Cada vez mais revoltados com os esbulhos sofridos e com a criminosa parcialidade do juiz José Mendes *"que — é Catunda quem o diz — lhes fazia guerra inexplicavel"*, resolveram os Montes atacar os inimigos

Digitized by Google

nos seus próprios domínios, mas nenhum resultado obtiveram da investida, porque êstes, prevenidos, opuseram valente resistência, derrotando os atacantes e perseguindo-os até S. Matêus, onde, cercados na capela por ocasião da missa, foram os índios Inhamuns, da facção Montes, barbaramente mortos, homens, mulheres e crianças, pelos seus inimigos, a serviço dos Feitosas.

Ante semelhantes fatos, a pouco e pouco se foram acumulando as prevenções e revoltas contra o ouvidor José Mendes, cujos adversários se declararam a favor dos perseguidos.

Motivou isto exigirem, a Câmara do Aquiraz e o capitão-mór Manoel Francês, de José Mendes a sua retirada da Capitania e, como se recusasse a obedecer, pediu a Câmara ao capitão-mór a prisão do Ouvidor, em requerimento datado de 7 de fevereiro de 1725.

Manoel Francês, desavindo-se com a Câmara, conservou-se neutro entre esta e o magistrado, o que levou aquela a declarar-se em revolta juntamente com o povo, ordenando, então, ela mesma a prisão de José Mendes, que houve por bem fugir da Capitania, deixando aqui sua fama de juiz corruto.

Em face dêsses acontecimentos, procurou o Capitão-mór apaziguar os combatentes, tendo aconselhado o desarmamento de ambas as facções, no que foi auxiliado, grandemente, pela terrivel sêca de 1725 a 1728, durante a qual morreu quasi todo o gado e muita gente.

Em edital de 8 de março de 1726, datado já de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, instalada como vila a 13 de abril seguinte, em virtude de Provisão do Conselho Ultramarino, de 11 de março de 1725, — o capitão-môr Manoel Francês declarou que, embora as medidas suasórias por êle tomadas até ali, *"mandando aos contendores cartas, ordens e bandos para se absterem de fazer hostilidades"*, via que alguns dêles as continuavam *"em desserviço de Deus e de Sua Magestade"*, razão porque resolvera, para sossêgo das ribeiras, fossem afastados da Capitania o coronel João da Fonseca Ferreira, Francisco Alves Feitosa e seu filho Francisco Alves, seu irmão Lourenço Alves Feitosa, além de outros da outra parcialidade, ficando-lhes garantidos as propriedades e bens (Antônio Bezerra, obra citada, pgs. 212-212).

O edital, acrescenta Antônio Bezerra, não mencionava o nome do coronel Francisco de Montes que se havia retirado, porventura, tambem da Capitania para a sua residência no Pilar, onde viveu tranquilamente até morrer. Lourenço Feitosa retirou-se para Pernambuco. Francisco Feitosa, avisado de que seria preso, fugiu para o Piauí.

Os Feitosas, muito depois, em 1745, foram declarados em culpa, nas devassas ou sindicâncias feitas pelo desembargador Antônio Marques Cardoso, tendo-lhes sido sequestradas (a Lourenço) seis leguas de terra no riacho Trussú, as quais haviam sido injustamente usurpadas a João

Digitized by Google

de Montes Bucarro e foram arrematadas, em hasta-pública, pelo coronel João de Barros Braga, pernambucano que deu origem, no Ceará, à família Pereira Façanha (A. Bezerra, obra citada, pg. 178).

Dos Montes descendem as atuais familias Rodrigues Machado (e por via dêstes a família Girão), os Correia Vieira, os Rabelo Vieira, os Vieira e Sá, os Britos e, outrossim, segundo alguns, a familia Monte, da zona norte do Estado.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

DESBRAVANDO A HISTÓRIA PÁTRIA (1)

Encerra a História Pátria muitas passagens obscuras ou duvidosas que estão a reclamar completa e definitiva elucidação.

Há historiadores que muito de propósito desnaturaram certos episódios, levados por paixões que não deviam medrar na alma de quem se dedica a tais investigações.

A inópia engalanada dos repetidores contumazes de obras transformaram algumas dessas mentiras em coisa julgada.

Para tudo repor nos seus devidos lugares é preciso recorrer a vários métodos investigadores.

A biografia dos grandes homens, estudo cuja importância Carlyle tanto enalteceu, assim como as pesquisas genealógicas, que tanto irritam os filhos de ninguém, constituem ótimos elementos esclarecedores da história.

Sempre se alegou depreciativamente que o Brasil foi colonizado com sucessivas levas de criminosos degradados, procurando-se dessa maneira, infamar a família brasileira.

No entanto, muitos dêsses degradados eram de boas famílias e haviam cometido crimes de lesa majestade e além dêsses, muitissimos arruinados fidalgos de ótima linhagem fixaram-se no Brasil, casando-se, os primeiros, com índias filhas de caciques.

Tal origem poderá envergonhar-nos?

Evidentemente, não.

Sôbre biografias dos grandes vultos há vários trabalhos interessantes embora nenhum seja completo.

Muito mais tem sido feito em relação à genealogia, a despeito das mil dificuldades que cercam tais estudos.

Silva Leme, sózinho, durante trinta anos, conseguiu preparar uma obra assombrosa. Foi um trabalho hercúleo, êsse do continuador de Pedro Tacques.

No Brasil existem várias agremiações que se dedicam a tais estudos, sendo que em S. Paulo funcionam duas.

Um dêsses pesquisadores pertinazes, inteiramente dedicado a tais estudos, o coronel Salvador Moya, está realizando um trabalho notável, digno da máxima atenção.

E' o "Anuário Genealógico", onde completa e atualiza a obra formidavel de Silva Leme e de outros abnegados genealogistas.

Já estão publicados dois grossos volumes com indicações genealógicas atualizadas sôbre grande número de famílias brasileiras, especialmente paulistas.

Merece louvores o coronel Moya pelo que está realizando.

OLIMPIODORO. (2)

---

(1) Do "Jornal da Manhã", de 31-XII-1940.

(2) Pseudonimo do dr. José Ferreira de Mello Nogueira.

Digitized by Google

ACADEMIAS, INSTITUTOS E ASSOCIAÇÕES GENEALÓGICAS

às quais são enviadas as publicações do *Instituto Genealógico Brasileiro*:

ARGENTINA: Instituto Argentino de Ciências Genealógicas.

BRASIL: Sociedade Hans Staden, Institutos Genealógicos de: Amazonas, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro (Distrito Federal), São Paulo, Goiaz, Rio Grande do Sul e Ceará.

CANADÁ: College of Arms of the Noblesse.

ESTADOS UNIDOS: American Heraldry Society; The Genealogical of Utah; The Institute of American Genealogy; New England Historie Society e The New York Genealogical et Biographical Society.

MEXICO: Real Sociedad Hispano Americana de Genealogia y Heraldica.

ALEMANHA: Deustch Gessellschaft für Familhenkund rend Eugenik; Heraldisch Gessellschaft Adler; Heraldisch Gesselschaft Gessells-chaft; Verein-Herald; e Almanaque de Gotha.

BELGICA: Conseil Heraldique de Belgique.

ESPANHA: "Archivo Heraldico".

FRANÇA: Academie Heraldique Universel; "Bulletin de l'Association de la Noblesse française"; College Heraldique de France; Institut Historique et Heraldique de France; e Societé Française d'Heraldique.

HUNGRIA: Magyar Heraldical es Genealogical.

ITALIA: Collegio Araldico; Consulta Araldica del Regno; Reale Commissione Araldica Lombarda e "Rivista Araldica".

INGLATERRA: College of Arms; Court of the Lord Lyon; Herald's College; International College of Heraldy; London Genealogical Society; Lyon King of Arms; e The Society of Genealogistos.

POLONIA: Kolegium Heraldycznego; Polskie Towarzystwo Heraldyczzne; e Societé Heraldique.

PORTUGAL: Academia Nacional de Heraldica e Genealogia; e Instituto Português de Heraldica.

SUISSA: Convention International d'Heraldique; e Societé Suisse d'Heraldique (tres, com o mesmo nome: em Baule, Friburg e Lausane).

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Da Exma. Snra. D. Sylvia de Souza Prates, neta do Barão de Andaraí, bisneta do Conde de Nioac e descendente do Conde dos Arcos, último vice-rei do Brasil:

"... estou muito satisfeita de ter a honra de pertencer ao *Instituto Genealogico Brasileiro*. Vou procurar colaborar nesta obra tão útil e interessante, fazendo o que estiver ao meu alcance."

Do Dr. Paulo Emilio D'Alessandro, de São Bento do Sapucaí:

".. ótima e conceituada *Revista Genealógica Brasileira*..."

Do Dr. Paulo Rudge, medico em Petropolis:

"Acabo de receber o 3.º n.º da Revista Genealógica Brasileira, editada sob sua orientação, e, cuja materia cada vez mais interessante, fere o seu objectivo e vae desbravando as menosprezadas origens da Família Brasileira que tanto orgulhavam os seus maioraes."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE

Famílias nordestinas

A FAMÍLIA LOPES GALVÃO NO NORDESTE BRASILEIRO

José Augusto

LOPES GALVÃO, os que se localisaram no nordeste brasileiro, procedem em grande parte de Manoel Lopes Galvão, que foi secretario das mercês no reinado de João IV, em Portugal, e progenitor de outro Manoel Lopes Galvão que se transportou para o Brasil, onde conseguiu destacada situação, sobretudo de ordem militar, tomando parte ativa e saliente nas várias lutas travadas no período colonial, de modo particular na luta contra os holandeses e nas guerrilhas dos Palmares.

Este segundo Manoel Lopes casou-se no Brasil com D. Margarida Lins Acioli, filha de Christovão Lins, alcaide-mór de Porto Calvo, e de d. Adriana de Holanda. (1)

Para se avaliar o valor e os serviços prestados ao Brasil por Manoel Lopes Galvão, (o segundo), basta consultar os documentos oficiais da sua época.

Este, por exemplo, que vem publicado no livro de Antonio Joaquim de Melo, tão cheio de dados interessantes:

"Dom Pedro por graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, daquem e dalem mar, em Africa senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Etiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos

(1) Nota de Pedro Paulino da Fonseca. — Rev. do Inst. Arch. e Geog. Alagoano, Vol. II, pgs. 49 e 50.

Digitized by Google

que esta minha carta Patente virem, que tendo respeito a Manoel Lopes me haver servido no Estado do Brasil por espaço de cincoenta e tres annos effectivos, desde o de seiscentos trinta e cinco até o seiscentos e oitenta e oito, em praça de soldado, cabo de esquadra, sargento, alferes, capitão de infantaria, tenente general da guerra dos Palmares, e sargento mor de um dos terços da guarnição da praça de Pernambuco, que atualmente está exercitando, achando-se no discurso deste tempo nas ocasiões que se ofereceram contra os Holandeses, particularmente nas da mata redonda da Barra Grande, no recontro do Passo de Una, e Porto Calvo, no sitio que o Conde de Nassau poz á cidade da Bahia, e nos assaltos que lhe deo; nas quatro batalhas que o Conde da Torre teve com a armada holandesa á vista de Pernambuco; e saltando em terra com o Mestre de Campo Luiz Barbalho marchando pela campanha do inimigo para a Bahia mais de quatrocentas legoas, e nas quatro ocasiões da peleja que houve com os holandezes se haver com satisfação, e com igual procedimento nas tomadas das fortalezas de Nazaré, e Serinhaem, e no forte do Engaiana, na expugnação de duas casas fortes; nas ocasiões da varzea do Capirabe, Topissou, e Salinas; no recontro da Paraiba, nas duas batalhas dos Guararapes, em que se lhe deram dous escudos de vantagem; na recuperação de todas as fortalezas do Recife, em que procedeu com tanto valor, que se lhe deram outros dous escudos de vantagem; e nas guerras dos Palmares se haver com bom procedimento, formando tropas, levantando gente, e conduzindo mantimentos com muito cuidado, e indo por varias vezes fazer àqueles negros consideravel dano, suportando o trabalho dos caminhos, e fomes da Campanha, e sendo encarregado do apresto das frotas dar-lhe grande expediente por se haver na carga delas com muito zelo; e da mesma maneira se haver na vila da Alagoa do Sul na guerra que se fez aos negros dos Palmares, em que se lhe matou o seu governador Zumbi, e muita gente por cuja causa ficarão livres aqueles moradores; havendo-se na disposição da guerra, e dos socorros com grande cuidado; e em todo o tempo que governou Pernambuco Aires de Souza se achar em repetidos perigos, e encontros que teve com os ditos negros indo por cabo de duzentos e tantos homens com que lhes fez guerra em varias partes do reconcavo, gastando nela muitos mezes e matando-lhes mais de oitocentas pessoas; e sucedendo naquele governo D. João de Souza, continuar na dita guerra com a mesma disposição, zelo, e valor, gastando anno e meio nesta reparação e indo em pessoa com cento e quarenta homens a buscar os ditos negros rebeldes, e pelejar com eles desalojando-os do mucambo onde estavam fortificados, e entrando nele lhe pôr o fogo queimando mais de seiscentas casas que nele tinham, arrancando, talando, e destruindo todos os seus mantimentos, em que lhes causou grande dano; e no discurso do tempo referido passar grande trabalho, e descomodo de sua pessoa, dando á execução tudo quanto lhe foi ordenado do meu serviço; e no reparo da fortaleza de Tamandaré na ocasião em que um corsario andou pora aquela costa o fazer com disposição e brevidade: E por esperar dele Manoel Lopes, que da mesma maneira me servirá daqui em diante em tudo o de que fôr en-

Digitized by Google

carregado de meu serviço, conforme á confiança que faço de sua pessoa: Hei por bem fazer-lhe mercê do posto de Mestre de Campo em um dos terços da guarnição de praça de Pernambuco, que vagou por falecimento de D. João de Souza, com o qual posto haverá o soldo que lhe tocar, e gosará de todas as honras, privilégios, isenções, liberdades, e franquezas, que em razão dele lhe pertencerem. Pelo que mando ao Governador da dita capitania de Pernambuco conheça ao dito Manoel Lopes por Mestre de Campo do dito terço, e como tal o honre, estime, e deixe servir, e exercitar, o dito posto, e haver o dito soldo, que lhe será pago na forma das minhas ordens; e ao sargento mor, capitães, oficiais, e soldados do dito terço ordeno tambem que em tudo lhe obedeção, e cumpram suas ordens de palavra, e por escrito, como devem, e são obrigados, e ele jurará na forma costumada que cumprirá inteiramente com as obrigações do dito posto, de que se fará assento nas costas desta Carta Patente, que por firmeza de tudo lhe mandei passar por duas vias, por mim assinada, e selada com o selo grande de minhas armas. Dada na cidade de Lisbôa aos 6 dias do mez de março. Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil seiscentos e oitenta e nove. O Secretario André Lopes de Laura a fez escrever — El-Rei. — Conde de Val de Reis." (2)

E ainda estes outros:

(a) "Consulta de Cons.º Ultr.º de 18 de novembro de 1699, sobre a nomeação de pessoas para a Companhia de Infantaria, que vagou em Pernambuco no Terço do Mestre de Campo Jorge Lopez Alonço, por falecimento de Manoel Bernardes Cardoso.

. . . . . .

Pareceu ao Conselho votar em primeiro logar para a companhia que vagou em Pernambuco por falecimento de Manoel Bernardes Cardoso, no 3.º Mestre de Campo Jorge Lopez Alonço, em Francisco Lopez, assim por seus serviços como de estar presentemente servindo de alferes do mestre de campo do mesmo Terço, e ser filho de Manoel Lopez, soldado muy benemerito no serviço de V. Mde. e que serve de mestre de campo no outro Terço da mesma capitania de Pernambuco." (3)

(b) "Consulta do Cons.º Ultr.º de 12 de fevereiro de 1701 sobre a nomeação de pessoas para a comp.a de infantaria que vagou na capitania de Pernambuco no 3.º do mestre de campo Jorge Lopez Alonço, por falecimento de Antonio Barbosa.

. . . . . .

Pareceo ao Cons.º votar em primeiro lugar para a Companhia que vagou em Pernambuco por falecimento de Antonio Barbosa no Terço de que é mestre de campo Jorge Alonço; em Francisco Lopez Galvão; assim na consideração de estar actualmente servindo de alferes do Mestre de

(2) Antonio J. de Mello, "Biografias de alguns poetas e homens ilustres da Provincia de Pernambuco", Vol. II, pgs. 170 a 172.

(3) Ernesto Enes — "As guerras nos Palmares", pag. 403.

Digitized by Google

Campo do mesmo Terço; e ser filho do Mestre de Campo Manoel Lopez que serviu a V. Mde. com mui honrada satisfação, fazendo-se mui benemerito no serviço de V. Mde. Ha na margem a seguinte nota: Nomeio fr. lopez galvão, e o conselho terá por lembrança na ocasião que houver tratar de Ant. Garro da Camara, conforme os seus serviços e merecimentos. Salvaterra 28 de fevereiro de 1701. Rubrica de Pedro II." (4)

Pondo em relevo a ação de Manoel Lopes Galvão na chefia da campanha contra os negros dos Palmares, Ernesto Enes, a quem devemos documentado estudo sobre a referida campanha, cujo primeiro volume consta da coleção de estudos nacionais — "Brasiliana" — afirma o seguinte: "Compreendeu-se finalmente a impossibilidade de continuarem expostas à audacia dos negros as populações, colonos e portugueses, e até a propria soberania. Nessa conformidade, resolveu o governador, D. Pedro de Almeida, em 1674, organizar uma expedição, para a qual pediu a todas as camaras socorros de gente e de munições, confiando o comando dellas a Manoel Lopes, em fins de novembro de 1675.

Vinte e cinco dias de jornadas, um vasto arraial, um grande numero de defensores, duas horas de luta porfiada, incêndio, a fuga desordenada dos defensores para o interior, e a constituição ou a junção a outro quilombo visinho, mais para o interior da floresta, foi o resultado imediato. Aí esteve Manoel Lopes perto de cinco meses, conseguindo apenas umas treguas aos moradores das vilas visinhas e alguns cativos (mais de 100) que afirma procuravam os antigos senhores, medrosos dos horrores da guerra. Não esmoreceu o governador com o relativo sucesso desta expedição, pelo contrário." (5)

A descendência de Manoel Lopes Galvão, ainda muitos anos após haverem cessado as suas atividades, continuou a invocar o seu nome como justo galardão e como recomendação para acessos e honrarias.

Foi assim que Inácio de Sousa Magalhães, nos meiados do século dezoito, fez inscrever na sua fé de oficio militar, entre os seus melhores titulos, o de ser bisneto de Manoel Lopes Galvão, "mestre de campo que foi do mesmo Terço de Olinda, a quem se deve em muita parte a restauração de Pernambuco." (6) Nessa ocasião, Magalhães pleiteava o lugar de capitão de Infantaria do Rio Grande do Norte, e efetivamente foi nomeado em 24 de julho de 1748.

Do casamento de Manoel Lopes Galvão com d. Margarida Lins Acioli houve filhos, a respeito de dois dos quais, Francisco Lopes Galvão e d. Maria do Carmo de Proença, existem muitas referências em documentos irrecusaveis.

D. Maria do Carmo de Proença (Pedro Paulino da Fonseca escreve Maria de Proença Lins Acioli) casou-se com Manoel da Fonseca Jayme, figura de grande projeção na vida militar e politica do nordeste, tendo

(4) Ernesto Enes — "As guerras nos Palmares", pag. 145.
(5) Ernesto Enes — "As guerras nos Palmares", pag.s 29 e 30.
(6) Coleção Studart, Vol. IV, pag. 506.

Digitized by Google

comandado a fortaleza de Tamandaré como partidario da nobresa, na famosa luta que houve em Pernambuco entre a aristocracia olindense e o comercio recifense, e tendo governado o Ceará no periodo que vai de agosto de 1715 a novembro de 1718. (7)

Do casal Manoel da Fonseca Jaime-Maria do Carmo de Proença houve os seguintes filhos, dos quais tenho noticias:

a) Bernardino de Oliveira Pinto, que casou com Jeronima de Albuquerque, irmã de Pedro de Albuquerque Melo, capitão-mór e governador do Rio Grande; (8)

b) Felix da Fonseca Jaime; (9)

c) Cipriano Lopes da Fonseca Galvão; (10)

d) Luisa Hilária da Fonseca, casada com João de Sousa Magalhães e mãe de Luis de Sousa Magalhães, a quem se refere longa e elogiosamente Loreto Couto; (11)

e) Margarida Ribeiro da Fonseca, casada com Manoel Soares de Sousa. (12)

Francisco Lopes Galvão, filho de Manoel Lopes, a respeito de quem os relatórios oficiais fazem longas citações, chegou a relevante situação militar, conforme se evidencia das referências que acima reproduzi, constantes do livro de Ernesto Enes, e ainda em 1706, ia de presidio para a fortaleza do Ceará, com a patente de capitão, conforme relata Studardt, nas "Datas e Factos da Historia do Ceará", pág. 135.

2) A FAMÍLIA LOPES GALVÃO NO RIO GRANDE DO NORTE

O tronco da família Galvão no Rio Grande do Norte é o Sargento mór Francisco Lopes.

Acreditei de princípio que êste sargento mór era o mesmo Francisco Lopes Galvão, filho do Mestre de Campo Manoel Lopes Galvão, o "soldado mui benemerito no serviço de S. Magde.", que combateu os negros dos Palmares e acompanhou Luiz Barbalho Bezerra na famosa travessia de Touros, no Rio Grande do Norte, à Baía, na luta contra os holandeses.

A identidade de nomes determinou a confusão.

Hoje, em face de vasta documentação, vejo que houve dois Francisco Lopes, o filho de Manoel Lopes que, em 1701, era nomeado para a companhia de infantaria do terço do Mestre de Campo Jorge Lopes Alonço,

(7) João Brigido — "Ceará — Homens e Fatos", pag. 52.

(8) Barão de Studart — "Datas e Ratos", pag. 145.

(9) Nota de Pedro Paulino, rev. cit., pags. 49 e 50.

(10) Nota de Pedro Paulino, rev. cit. pags. 49 e 50 e nota no livro do Barão de Studart, no qual se encontram essas palavras: "10-12-1725. Neste anno foi mandado servir no presidio de Fortaleza no Ceará Cipriano Lopes da Fonseca e ahi demorou-se um anno", e ainda em outro ponto: "1746. Nomeação de Luiz de Sousa Correia para o Posto de Capitão de Infantaria do Terço de Olinda, vago pela reforma do capitão Cipriano Lopes da Fonseca Galvão."

(11) Loreto Couto, "Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco', escrito em Recife em 1757, pag. 399.

(12) Borges da Fonseca, "Nobiliarchia Pernambucana", Vol. I, pag. 267.

Digitized by Google

na vaga de Antonio Barbosa, e um outro que, em 1664, isto é, 37 anos antes, era feito Sargento-mór, este sim o tronco da grande árvore familiar que se estendeu pelo Rio Grande do Norte.

Há vários documentos que isso demonstram.

O primeiro é a própria patente do Sargento-mór, constante do Vol. XI, págs. 390-91 dos "Documentos Históricos", da Bibliotéca Nacional, concebida nos seguintes termos:

"PATENTE DE SARGENTO Maior da Ordenança, da Capitania do Rio Grande, na pessoa de Francisco Lopes.

DOM VASCO MASCARENHAS CONDE DE OBIDOS, etc. Porquanto com a minha sucessão no Governo deste Estado, ficou vago o posto de Sargento Maior de Infantaria da Ordenança da Capitania do Rio Grande, e convem provel-o em pessoa de valor, pratica da disciplina militar, e experiência da guerra: tendo Eu consideração ao bem que todas estas qualidades concorrem, na de Francisco Lopes, e a satisfação com que tem servido a El-Rei meu Senhor nas ocasiões que se ofereceram exercendo o dito posto, e procedendo como devia às suas obrigações: esperando dele que em tudo o que tocar a seu exercício, se haverá muito conforme a confiança que faço de seu procedimento. Hei por bem de o eleger, e nomear (como em virtude da presente elejo, e nomeio) Sargento Maior da referida Capitania, para que como tal, o seja, use, e exerça, com todas as honras, graças, franquezas, privilegios, preeminencias, isenções, e liberdades que lhe tocam, podem, e devem tocar por razão do dito posto. Pelo que mando que debaixo da mesma posse, e juramento que dele se lhe deu o sirva, e ao Capitão-mór daquela Capitania o tenha assim entendido. E aos oficiaes de guerra deste Estado, o hajam, honrem, estimem, e reputem por tal Sargento Maior de Infantaria daquela Capitania, e aos Capitães, e mais soldados dela, mando obedeçam, cumpram, e guardem suas ordens de palavra, ou por escripto, tão pontual, e inteiramente como devem, e são obrigados.

Para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal e selo de minhas armas, a qual se registará nos livros a que tocar.

Bento Pereira de Andrade, a fez nesta Cidade do Salvador, Baía de Todos os Santos, em os nove dias do mez de Maio. Ano de mil seiscentos sessenta e quatro. Bernardo Vieira Ravasco a fiz escrever. *O Conde de Obidos.* Carta Patente do posto de Sargento Maior de Infantaria da Ordenança da Capitania do Rio Grande, de que Vossa Excellencia teve por bem prover a pessoa de Francisco Lopes, que atualmente exercia, pelos respeitos acima declarados. Para Vossa Excelencia ver."

Este Francisco Lopes, já Sargento-mór, com "pratica de disciplina militar e experiência de guerra" em 1664, não podia ser filho de quem, como Manoel Lopes, somente 25 anos depais, isto é, em 1689 deixava de ser tambem Sargento-mór, e era promovido a Mestre de Campo, posto em que ainda se conservava em 1699.

Digitized by Google

Eram sim contemporaneos, de idade provavelmente muito aproximada.

Acontece ainda que o Sargento-mór Francisco Lopes, já, em 1672, afastado de qualquer atividade militar, residia em Guarairas, Rio Grande do Norte, e era encarregado pelo Senado da Camara de Natal de arrecadar esportulas para a construcção da Matriz, hoje Catedral da Capital do pequeno Estado nordestino, e em 1689 era membro do próprio Senado da Camara e um dos signatarios do Memorial que, com outros colegas, endereçava à Metropole, solicitando medidas e providências que acautelassem vidas e propriedades dos colonos ameaçados continuamente pelos gentios. (Ver a respeito o livro de Vicente de Lemos — "Capitães-móres e Governadores do Rio Grande do Norte", págs. 27 e 55, e a excelente monografia de Nestor Lima sobre a "Matriz de Natal").

O filho de Manoel Lopes, muito mais moço, só em 1701, quando o Sargento-mór Francisco Lopes talvez nem mais existisse, deixava de ser alferes e galgava situação apreciavel no terço que obedecia a Jorge Lopes Alonço. Mas, acertado embora que o Sargento-mór Francisco Lopes não era filho de Manoel Lopes Galvão, parece-me de aceitar que entre os dois havia laços de próximo parentesco, talvez irmãos.

Bôas razões levam a essa conjetura.

Um descendente de Manoel Lopes, o tenente Pastorinha, (depois brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão), pai do Visconde de Maracajú e do Barão do Rio Apa, ao fracassar uma sedição militar que chefiára na Paraiba, homisiava-se no Rio Grande do Norte, na casa de um seu parente, dizem os historiadores da época, e esse seu parente era justamente Francisco Januario de Vasconcelos Galvão, genro do Capitão-mór Cipriano L. Galvão, fundador de Curraes Novos, no Seridó.

Por outro lado, cabe considerar a persistencia de certos nomes comuns entre os descendentes dos dois ramos.

É assim que ha, através das idades, numerosos Manoel Lopes, Francisco Lopes, Cipriano Lopes, quer entre os descendentes de Mestre de Campo, quer entre os do Sargento-mór, tudo isso indicando que se trata originariamente de um só e mesma familia.

O sargento-mór Francisco Lopes casou-se na Capitania do Rio Grande do Norte com d. Joana Dorneles, filha de Manoel Rodrigues Pimentel e neta de João de Alustão Navarro, ambos proprietarios e pessoas de elevada condição social e tratou de radicar-se à terra, requerendo datas de sesmarias, revalidando outras que haviam pertencido ao seu sogro Pimentel e Navarro, avô de sua esposa, e comprando ainda algumas, como fazem certo os documentos a seguir:

1.º — "Fas. 321 — SARG.mor FRAN.co LOPES, Capm. Bernardo Vieira Ravasco, João Peixoto Viegas. — Carta de 20 de Fevereiro de 1670. — 20 legoas de comprido, e 12 legoas de largo. — Na Cap.ª do R.º Gr.e todas as sobras de terra q ouver nas varges de Mopubú Gayana aliás Guayana e Guayrairão, começando donde acabão os heréos, q ali hou-

Digitized by Google

verem, com a larg.ª de 12 leg.ª e 20 para o sertão. p.r q n'ellas há m.tas terras inuteis (E m.ª a terra q há do R.º Pirogi até o corotão ao Norte do d.º R.º q serão 5 ou 6 legoas, e m.ª 6 leg.ª p.ª o sertão, começando d'onde acaba a terra de Antonio Glz. Ferreira) com todas as agoas, campos, pastos, testadas, e mais logradouros úteis, tomando dellas posse, não obstante emb.º algum, podendo as haver nos logares devolutos, que houver, caso nós mencionados encontrem embaraço, sem prejuizo de 3.º — *Conds.*: As do Foral. — *Obs.* Na pet.m pede q.to se vê p.m o Provedor da Fazenda diz que só sejão-lhe conced.as as 2 primr.as datas ped.as, e não as ultimas, o que foi assim concd.º p.ol Gov.or". ("Publicação do Archivo Nacional", Vol. XXVII, pag. 26).

2.º — "F.as 335 v. — SARG.mor FRAN.co LOPES. — Carta de 19 de Julho de 1670. — 1 leg. de comprido, e 1/2 de largura, e m.ª 1 leg. em quadro, além do sitio de pescaria da Barra. — NaCapit.ª do R.º e as terras de seo sôgro Manoel Roiz Pim.tel, sendo 1 legoa de terra de comprido, e 1/2 de largo, junto da estrada q vem de Goyana p.a o R.º Gr.e na Varge de Mopubú, a qual comprou á Conrado Luiz, sendo heréos Ant.º de Sz.ª, Jeronimo de Athaide, e Henrique Frz, e 1/2 leg. em quadro na m.ma Varge m.ª ao mar no sitio de Guarambú, q comprou á Gonçalo Aff.º, sendo hereos Tomé Teixeiro Rib.º, e Simão Ferr.ª Lagarto, e Belchior Pires, o qual está occupando P.º Aff.º Manço, e João da Rosa, e 1/2 leg. em quadra, q. o d.º sogro Pim.tel comprára á Fran.co Athaide, sendo hereos Tomé Teixeira, assim m.ª o sitio das pescarias da Barra das Gurairas, com as *terras* perten.tes á elle p.r costa, e Sertão, sendo hereos Grig.º Pinhr.º e Belchior de Espinosa, e os Frades do Carmo da Parahiba, com todas as agoas, e logradouros, obr.os os hereos dentro de 6 meses a demarcarem suas terras, aliás passará ao concessionr.º q.l q.r porção que ..... — *Conds.*: as do Foral. — *Obs.*: Forão confirmadas as l.as, e as sobras conced.as agora, não marcando destas a dimenção." (Publicações do Archivo Nacional. Vol. XXVII, pág. 27)."

No primeiro destes dois documentos Francisco Lopes surge em companhia de João Peixoto Viegas e Bernardo Vieira Ravasco, este último por muito tempo figura de relevo na administração colonial, secretario de Estado na Baía e irmão do Padre Antonio Vieira, famoso na história sacra e política do Brasil.

Um outro documento refere-se à revalidação de papeis e datas de terras que foram do seu sogro Rodrigues Pimentel e do avô de sua esposa João Alustão Navarro (no documento fala-se de Estáo, mas o nome de familia ainda hoje mantido é Alustáo), que foi preso pelos flamengos e morto pelos Tapuias em 3 de Outubro de 1645, na hecatombe de Uruassú, episodio relatado por todos os historiadores da nossa vida colonial, havendo a respeito dele uma memoria (Breve Noticia, como chama o autor) de Lopo Curado Garro, escrita vinte dias depois da tragédia e inserta na integra no "Valeroso Lucideno", de Frei Manoel Calado, editado em 1668.

Eis o requerimento de Francisco Lopes:

Digitized by Google

"Alvará de confirmação de umas datas (de) terras do sargento-mor Francisco Lopes na Capitania do Rio Grande e por que se lhe dão de novo as sobras de outras que houver na vargem do Mopubú.

Alexandre de Souza Freire etc. Faço saber aos que este Alvará de confirmação e dilação virem que o Sargento-mor Francisco Lopes morador na Capitania do Rio Grande que elle é casado com uma filha legitima de Manoel Rodrigues Pimentel neta de João Estau Navarro o qual deixou a dita sua mulher por sua unica herdeira de todos de (sic) seus bens, e como o dito João de Estau foi preso pelos Flamengos, e morto pelos Tapuias com a mais gente da dita Capitania pelos ditos Flamengos lhos entregaram para os matar a sangue frio por cuja causa se perderam todos seus papeis de datas de sesmarias e de compras de terras que occupou o dito avô e pae na vargem de Mopubú, e mais partes donde constar justificando por pessoas que bem e verdadeiramente o saibam que elles tinham poupado (povoado?) com seus gados, e lavouras. Pede a Vossa Senhoria lhe faça mercê em nome de Sua Magestade mandar ratificar por sua petição os titulos das ditas terras, e outrosim todas as sobras que houver na dita vargem de Mopubú e Goyana. E que todos os hereos que houver na dita vargem se demarquem para o que serão notificados para que em termo de certos dias se demarquem com pena de que o que o não fizer se haver toda a terra por sobra. E.R.M. E vista a petição que justificou por um instrumento de testemunhas feita do Juiz Ordinario, e o Provedor da Fazenda Real do Natal Capitania do Rio Grande cujo teor é o seguinte. O sargento-maior Francisco Lopes que para bem de sua justiça lhe é necessario justificar em como é casado em saude de Igreja João (sic) Dornelles filha legitima de Manuel Rodrigues Pimentel e neta de João Estau Navarro que os Tapuias mataram nesta Capitania depois de o terem preso muito tempo os Flamengos, e lhe roubaram seus bens em que perdeu muitos papeis de importancia como cartas de sesmaria, e escripturas de compras de terras que estava possuindo com seus gados, e lavouras como são uma legua de terra de comprido, e meia de largo junto da estrada que vem de Goyana para o Rio Grande na vargem de Mopobú a qual comprou a Conrado Luiz sendo hereo Antonio de Souza e Hieronymo de Ataíde e Henrique Fernandes, e outra meia legua na mesma vargem mais acima no sitio de Quarambú que comprou a Gonçalo Affonso sendo hereo Thomé Teixeira Ribeiro e Simão Ferreira Lagarto e Belchior Pires o qual está occupando Pedro Affonso Manço, e João da Rosa, e outra meia legua de terra que o dito seu sogro Manoel Rodrigues Pimentel a houve de comprar aliás de compra de Francisco de Atayde, e sendo hereo Thomé Teixeira e estas taes meias leguas de terras são em quadras; e assim mais o sitio das pescarias da Barra das Guarairas com as mais terras pertencente a elle por costa e sertão sendo hereo Gregorio Pinheiro, e Melchior de Espinosa, e os frades do Carmo da Parahyba, e assim se conheceu João de Estau Navarro ser pessoa bemquista, e nobre e ter servido a Sua Magestade, e occupar os postos da republica como sempre foi notorio. Pede a Vossa mercê lhe mande perguntar as testemunhas que

Digitized by Google

offerecer para lhe mandar passar seu instrumento de justificação. E.R.M. E assente na de habilitação que offereceu para ser herdeira de João de Estau Navarro e Luiz da Motta e ser casado com uma neta do mesmo João de Estau Navarro, e constar de todos os documentos que apresentou ser seu universal herdeiro, e se lhe haverem perdido os papeis de data de sesmarias e compras, as quaes se declara na sobredita petição feita ao Juiz Provedor da Fazenda do Rio Grande: tendo eu consideração á informação que me fez o Provedor-mor da Fazenda Real desse Estado cujo teor é o seguinte. Senhor. O Suplicante tem justificado com os papeis juntos o conteudo na sua petição a que sendo Vossa Senhoria servido lhe pode deferir não prejudicando a terceiro. Bahia 18 de Julho de 1670. Lourenço de Brito de Figueiredo e a todas as mais diligencias que precederam neste requerimento do Supplicante. Hei por bem e lhe faço mercê em nome de Sua Alteza de ratificar, confirmar, e validar em virtude desta provisão os titulos das ditas terras ainda que não appareçam, e outrosim lhe dou todas as sobras que houver na vargem de Mopubú e Guayana, e mando que todos heroes que houver nas ditas vargens se demarquem dentro em 6 mezes com comminação de que aquelle que o não fizer se lhe haverá a terra por sobra para o impetrante o que tudo lhe confirmo, e concedo assim como pede não prejudicando a terceiro, com todas suas aguas, campos, mattos, testadas, logradouros, e mais uteis que nellas se acharem tudo forro, livre, e isento de pensão, ou tributo algum salvo dizimo a Deus que pagarão dos frutos que nellas houver, por ellas serão obrigados a dar caminhos livres ao Conselho para fontes, pontes, e pedreiras, pelo que ordeno e mando a todos os Ministros, justiças a que o conhecimento desta com direito deva, ou possa pertencer lhes mandem dar a posse Real effectiva e actual na forma costumada dentro das clausulas acima referidas, e as mais da Ordenação e titulo das semarias. Para firmeza do que lhe mandei passar a presente sub meu signal e sello de minhas armas, a qual se registará nos livros da Secretaria deste Estado, e nos mais a que tocar, e se guardará, cumprirá tão pontual, e inteiramente como nella se contém sem duvida embargo, nem contradição alguma. Antonio Garcia a fez nesta cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos aos 19 dias do mez de Julho de 1670. Bernardo Vieira Ravasco o fiz escrever. Alexandre de Souza Freire. Registada no 1.º Livros dos registos da Secretaria do Estado do Brasil a que toca a fls. 128. Bahia 19 de Julho de 1670. Ravasco. Registe-se. Bahia 18 de Novembro de 1670. Ravasco. Registou-se no mesmo dia. *Miguel Pinto de Freitas.*" (Documentos Historicos, da Bibliotheca Nacional. Vol. XXIV, pgs. 50-54).

Há no cartório de Goianinha, Rio Grande do Norte, o inventario e testamento de um dos filhos do sargento-mór Francisco Lopes, o capitão Cipriano Lopes Pimentel. O inventário é de 1721 e o testamento é de 19 de dezembro de 1720.

Figura como primeiro testamenteiro seu filho Cipriano Lopes Galvão.

Digitized by Google

Nas suas disposições testamentarias, Cipriano Lopes Pimentel se diz filho do sargento-mór Francisco Lopes e D. Joana Dorneles, casado com D. Teresa da Silva, filha do alferes Filipe da Silva e D. Joana, e fala incidentemente de dois dos seus irmãos — Joana Lopes e Francisco Dorneles. (13)

Enumera os seguintes filhos do casal:

a) Lazaro Lopes Galvão, que era casado com D. Isabel de Bezerril;

b) Cipriano Lopes Galvão, depois casado com D. Adriana de Holanda de Vasconcelos;

c) Jorge Lopes da Silva, posteriormente casado com D. Francisca Xavier de Siqueira;

d) Archangelo Lopes Galvão;

e) Estevam Lopes Galvão;

f) Manoel Lopes Galvão;

g) D. Luiza da Silva que era casada com o sargento-mór Manoel Alvares Maciel.

O casal Cipriano Lopes Pimentel-Teresa da Silva residia em Goianinha, mas seu filho Cipriano Lopes Galvão, tendo casado em Iguarassú, Pernambuco, com D. Adriana de Holanda de Vasconcelos, de familia abastada e importante, adquiriu muitas terras na região do Seridó, para onde se mudou em 1755, fundando grandes fazendas de criação de gado. (14)

3) A FAMÍLIA LOPES GALVÃO NO SERIDÓ.

Cipriano Lopes Galvão foi, assim, o iniciador da família no Seridó, mas ali não viveu muito tempo, pois, já em 1764, D. Adriana requeria novas terras ao Governo do Rio Grande do Norte, e confessava-se na petição — *viuva do coronel Cipriano Lopes Galvão.*

D. Adriana casou-se depois com o rico fazendeiro seridóense, Felix Gomes, e, enviuvando segunda vez, desposou o coronel Antonio da Silva e Sousa, que foi o 1.º Presidente da Camara da Vila Nova Principe (Caicó), quando da criação do Municipio, ocorrida em 31 de Julho de 1788. (15)

O falecimento de D. Adriana deu-se a 19 de março de 1793, tendo assim sobrevivido ao seu primeiro marido cerca de 30 anos. (16)

Tinha ela, então, 70 anos de idade. Cipriano Lopes Galvão era bem mais velho que a sua esposa, pois em 1721, quando se fez o inventário dos

(13) Inventario e Testamento de Cipriano Lopes Pimentel existente no Cartorio de Goianinha, Rio Grande do Norte.

(14) Ulisses Telemeco — "A Voz Potiguar" de 23-12-1908.

(15) D. Adriana era filha de João da Rocha Moura e Maria Madalena de Vasconcelos; esta de Antonio Pinto de Mendonça e Adriana de Holanda; esta de Maria Barbosa da Fonseca e João Leitão de Vasconcelos; este de Francisca dos Santos França e Bartolomeu Leitão de Holanda; este de Maria de Paiva e Agustinho de Holanda de Vasconcelos; este de Brites Mendes de Vasconcelos e Arnal de Holanda; este de Margarida Florencia (irmã do Papa Adriano VI) e Henrique de Renobourg.

(16) O inventário existe no cartório de Currais Novos.

Digitized by Google

bens deixados por seu pai, já era de maioridade, tendo sido até, conforme ficou dito linhas atrás, o primeiro testamenteiro.

O casal Cipriano Galvão-Adriana de Holanda de Vasconcelos teve os seguintes filhos:

a) Capitão-mór Cipriano Lopes Galvão, que se casou com D. Vicencia Lins de Vasconcelos; (17)

b) João Manoel, que morreu solteiro;

c) Manoel Lopes, que morreu solteiro;

d) Teresa, que morreu solteira;

e) Francisca Xavier de Moura, casada com José de Freitas Leitão;

f) Ana Lins de Vasconcelos, casada com Miguel Pinheiro Teixeira.

O capitão-mór Galvão, filho mais velho do casal, ocupou relevante situação na vida pública seridóense, e, em 1808, concebeu a idéia de erigir uma Capela a N. S. Santâna, na sua fazenda Currais Novos, criando o patrimonio e custeando o trabalho de construção. Para isto requereu ao Bispo de Olinda, D. José Maria de Araujo, a competente provisão que foi despachada em 24 de fevereiro de 1808, sendo dada permissão ao vigário do Caicó para benzer a primeira pedra, conforme relata Manoel Dantas, no seu excelente trabalho — "Denominação dos Municipios — Rio Grande do Norte". (18)

O município de Currais Novos foi, assim ,fundado pelo Capitão-mór Galvão, figura das mais representativas do Seridó, aonde chegou, segundo relata Ulysses Telemeco, na "A Voz Potiguar" de 27-XII-1908, contando apenas 5 anos de idade, no ano de 1755, vindo com seus pais de Iguarassú (Pernambuco), onde nascera.

Casando-se com D. Vicencia Lins de Vasconcelos, veio a falecer, aos 63 anos de idade, em 13 de dezembro de 1813.

Foram 14 os filhos do casal Cipriano Lopes Galvão-Vicencia Lins de Vasconcelos: (19)

1 — João Lopes Galvão, que se casou com D. Joana Francisca de Jesus, filha de José de Freitas Leitão;

2 — Sebastião Lopes Galvão, que se casou com D. Maria, filha de José de Freitas Leitão;

3 — Manoel Lopes Galvão, que se casou com D. Ana de Araujo Pereira;

4 — Francisco Lopes Galvão, que se casou com D. Ana Joaquina de Holanda, filha de Miguel Pinheiro Teixeira;

5 — Joaquim de Moraes Galvão, que se casou com D. Maria Josefa da Conceição;

6 — Antonio Pio Galvão, que se casou com D. Adriana Lins de Vasconcelos;

(17) D. Vicencia era filha de Francisco Cardoso dos Santos e Teresa Lins de Vasconcelos, e esta de Alexandre Rodrigues da Cruz e Vicencia Lins de Vasconcelos. Reproduzia Vicencia o nome da avó materna.

(18) Manoel Dantas, "Denominação dos Municipios" — "Rio Grande do Norte", pag. 16.

(19) Notas que me foram fornecidas pelo coronel Antonio Rafael de Vasconcelos Galvão, descendente do capitão-mór Galvão, e residente em Currais Novos (R. G. do Norte).

Digitized by Google

7 — Gonçalo Lopes Galvão, que se casou com D. Ana Maria do Rosario;

8 — Cipriano Lopes Galvão, que se casou com D. Teresa Maria José;

9 — Vicencia de Vasconcelos, que se casou com Francisco Januario de Vasconcelos Galvão;

10 — Anna Lins de Vasconcelos, que se casou com Felix Gomes Pequeno;

11 — Adriana, que se casou com Alexandre de Melo;

12 — Maria Manoela de Vasconcelos, que se casou com Gonçalo de Freitas Galvão, filho de José de Freitas Leitão;

13 — José Lopes Galvão, que se casou com D. Josefa Maria da Conceição;

14 — Teresa, que morreu solteira.

O terceiro Cipriano Lopes Galvão, filho do Capitão-mór, foi o pai de dois outros Ciprianos, o mais velho, tambem Cipriano Lopes Galvão, e o mais moço ,nascido em 1809, na hora em que o progenitor falecia, Cipriano das Dores Galvão, posteriormente Cipriano Bezerra Galvão, tendo substituido o *das Dores* por *Bezerra*, homenagem à família do avô materno, José Bezerra de Menezes, pai de sua mãe Teresa Maria José. (20)

Os coroneis Silvino Bezerra de Araujo Galvão e José Bezerra de Araujo Galvão, patriarcas seridóenses, e homens de prestigio assinalado na terra em que nasceram, viveram e morreram, eram filhos de Cipriano Bezerra Galvão.

Contam-se, hoje, por muitas centenas, talvez milhares, os descendentes de Cipriano Lopes, o criador de gado que se estabeleceu no Seridó, nos meiados do século XVIII.

Os seus troncos de família, os seus ancestrais no Brasil, foram sempre elementos de grande relevo nas armas, na política, na sociedade.

Sua mulher, D. Adriana de Holanda de Vasconcelos, descendia, por sua vez, de Arnal de Holanda (Borges da Fonseca escreve *Arnau*, e não *Arnal*, mas Agostinho de Holanda, depondo em abril de 1594 perante o Visitador do Santo Ofício, diz ser filho de *Arnal* de Olanda) "um dos homens nobres que acompanharam a Duarte Coelho" e "dizem as Memorias, que dele se conservam, que era sobrinho do papa Adriano VI, que subiu à cadeira de S. Pedro em 9 de janeiro de 1522". (21)

Eram, assim, marido e mulher, pessoas da melhor camada social, o que certamente dá a explicação da ascendencia exercida pela família Galvão na terra que o casal elegeu para se fixar e residir.

A família Lopes Galvão, localizada há cerca de três séculos no nordéste brasileiro, tem talvez, na época presente, o seu mais numeroso e denso núcleo na zona do Seridó (notadamente nos Municípios de Acari e

(20) Teresa Maria José era filha do cearense José Bezerra de Menezes e Maria Borges do Sacramento; Maria Borges, era filha de Jeronimo Borges da Fonseca e Brigida Maria; e José Bezerra era filho de Antonio Bezerra de Souza e Teresa Maria José.

(21) Borges da Fonseca — "Nobiliarchia Pernambucana", Vol. I, pag. 307.

Digitized by Google

Currais Novos), mas se estendeu largamente pelos Estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará e Amazonas, pela Capital Federal, por outras partes do Brasil.

Muitos são os vultos ilustres que tem dado à Patria, a que teem servido com dedicação e brilho em vários ramos de atividade pública, nas letras, nas ciencias, na política, na magistratura, no clero, na vida militar.

Citarei aqui, e de passagem, alguns descendentes dos Lopes Galvão que se assinalaram no serviço do Brasil, entre êles o generalissimo Deodoro da Fonseca e o marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, ex-Presidentes da República, o Barão de Alagoas, os ex-senadores Pedro Paulino e João Severiano da Fonseca, os generais Clodoaldo da Fonseca, Percilio da Fonseca e Olímpio de Carvalho Fonseca, o dr. Fonseca Hermes, netos e bisnetos de Manoel Mendes da Fonseca Galvão; o brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão (22), militar valoroso com grandes serviços de guerra, falecido em 13 de junho de 1866 nas margens do rio Negro; seus filhos, o Visconde de Maracajú e o Barão do Rio Apa e seu neto, Enéas Galvão, Ministro do Supremo Tribunal Federal, descendentes de Cipriano Lopes da Fonseca Galvão e Manoel da Fonseca Jaime; os conselheiros Rafael Arcanjo e Miguel Arcanjo Galvão, o senador e general José Pedro de Oliveira Galvão, e o general José Luis Pereira de Vasconcelos, descendentes do sargento-mór Francisco Lopes; os ex-deputados Olímpio Euzébio de Arochelas Galvão e José Bernardo de Arrochelas Galvão e o ministro do Supremo Tribunal Militar, Enéas de Arrochelas Galvão, e ainda o dr. Rodolfo Galvão, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e bacteriologista de grande renome; o general Pedro Paulo Galvão, e o Padre Filipe Benicio da Fonseca Galvão, que presidiu a Paraíba. na monarquia.

(22) O brigadeiro Galvão é o mesmo tenente Galvão, por alcunha o "Pastorinha", chefe da sublevação militar que ocorreu na capital da Paraiba em 19 de setembro de 1823 como protesto contra a deposição do governador das Armas daquela Provincia, coronel Francisco de Albuquerque Melo. Fracassado o movimento, o tenente Galvão conseguiu retirar-se para o Rio Grande do Norte, "homiziando-se em casa de um dos muitos parentes da numerosa familia Galvão ali moradora, de nome Francisco Januario de Vasconcelos Galvão", conforme relato historico publicado na "União" da Paraiba de 19 de outubro de 1902, atribuido ao historiador paraibano Maximiano Lopes Macrado. Francisco Januario era genro do capitão-mór Galvão, fundador de Currais Novos, como já ficou expresso acima. A respeito do movimento chefiado pelo tenente Galvão (Pastorinha), há minuciosa descrição no livro de Irineu Pinto, "Historia da Paraiba", vol. II, pag. 43 e seguintes.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Da Exma. Snra. D. Bertha G. Salgado, do Rio de Janeiro:

"Recebi o volume II da Revista, cuja leitura muito me interessou."

Do Dr. Flaminio Favero, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo:

"... enviando-lhe meus efusivos cumprimentos pelo trabalho esplendido que o Instituto Genealógico realisa...".

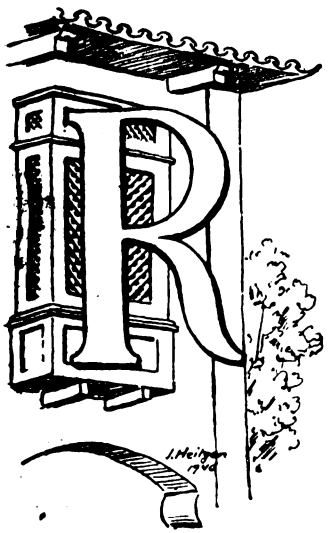
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE PERNAMBUCO

Ultimos momentos de Dom Luiz do Brasil

(Capitulo de um livro inédito)



Especial para a "Revista Genealógica"
Guilherme Martinez Auler

ETIRADO da frente de batalha em 15 de junho de 1915, desde essa data a vida de Dom Luiz foi uma luta com a morte, que cada dia conquistava troféus.

Seu pai, o Conde d'Eu, em 12 de setembro de 1917, escrevia ao snr. Max Fleiuss: "O Luiz com a tão dedicada Pia está nas aguas de Vernet-Les-Bains, Pirineus Orientais, onde parece tem tirado algum proveito para o teimosissimo reumatismo, principalmente em virtude do clima mais seco daquela região." (1)

De Boulogne-Sur-Seine, o Pretendente ao Trono do Brasil mandava as suas noticias a um dos chefes do seu movimento, em janeiro de 1918:

"Graças a Deus, minha saude continúa a melhorar. Já começo a caminhar com menor dificuldade. Estou agora seguindo um tratamento elétrico e por isso só irei mais tarde a Cannes. Meus pais, que continuam fortes e bem dispostos, tambem estão aqui." (2)

Instalado, depois, em Cannes, o Principe escrevia ao sr. Martin Francisco, em 28 de março de 1918:

"A minha saude continúa felizmente a melhorar. Caminho todos os dias, dois a tres quilometros, embora com duas bengalas (em casa só me

(1) "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul", pelo Conde d'Eu, coleção Brasiliana, pag. 253.
(2) Encontramos essa carta de Dom Luiz, dirigida ao Sr. Martim Francisco, no Arquivo do Instituto Arqueológico Histórico Pernambucano (Estante A - Gaveta 21). Foi publicada, na integra, na revista "Tradição", n.º 8, dezembro de 1938, pág. 82.

Digitized by Google

sirvo duma). No mês de junho conto fazer uma nova estação em Vernet, onde espero que os progressos serão mais rapidos." (3)

Em agosto do mesmo ano ainda seu pai, o Conde d'Eu, novamente dizia em carta ao snr. Max Fleiuss:

"Vim para estas alturas de uns 1.800 metros acima do nível do mar, visitar meu filho Luiz, que tem colhido sensiveis melhoras no teimoso reumatismo geral, conseguindo já andar com bastante mais facilidade." (4)

No ano seguinte, em 27 de setembro, Dom Luiz escrevia ao snr. Martim Francisco:

"Ha na vida momentos de preguiça intelectual. Estou atravessando uma dessas crises, que felizmente coincide com um aumento da minha atividade física. A homeopatia me tem feito tanto bem que hontem montei a cavalo — pela primeira vez desde quatro anos. Tambem já começo a suportar sem cansaço as viagens de automovel, que há um ano me pareciam um sonho dos tempos passados. Enguli deste modo no mês de agosto uns dois ou tres mil quilometros, e ainda há pouco visitei as regiões devastadas do Norte." (5)

E, em 25 de dezembro, o Principe afirmava:

"Como lhe disse então, meu estado de saude melhorou consideravelmente durante o verão. Recomecei a montar a cavalo, percorri alguns milhares de quilometros de automovel e acabei passando dois meses agradabilissimos em Paris. Minhas pernas ainda não se individualizaram, mas isso é questão de tempo. Estou agora seguindo um tratamento de injeções de iodo." (6)

Semanas antes de morrer, em 11 de fevereiro de 1920, Dom Luiz dizia ainda ao deputado Martim Francisco:

"Presado Amigo. Muito lhe agradeço a sua interessante carta de 24 de dezembro. Para nós tambem o habeas-corpus foi uma surpresa. O que não me surpreendeu foi a decisão do Supremo Tribunal depois do precedente de 1907. Vejamos o que fará a Câmara. Em todo o caso receio que os jacarés do Senado enterrem definitivamente o projeto. Continúo passando bastante bem apesar do inverno. A Riviera retomou seu aspeto de antes da guerra." (7)

João do Rio (Paulo Barreto), que nessa época estivera com êle, deixou as seguintes impressões:

"Quando o vi, em Cannes, após a morte de Dom Antonio em avião, Dom Luiz era pálido, magro, triste. Ao ouví-lo falar eu lembrava o último ato do grande drama de um principe de vontade ferrea, querendo refazer uma vida de exemplo imperial na derrocada de todas as instituições,

(3) "Contribuindo", por Martim Francisco, pág. 15.
(4) "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul", pág. 264.
(5) "Contribuindo", pág. 15.
(6) Idem, idem, pág. 17.
(7) Idem, idem, pág. 18.

Digitized by Google

lutando sem o demonstrar e morrendo pelo dever generoso, sem uma palavra que dissesse desilusão, amargura, desânimo." (8)

E, a 26 de março, de 1920, Dom Luiz entregou sua alma a Deus. Antes disse: "Quero que meus filhos me vejam receber os últimos sacramentos afim de conservarem sempre a recordação dessa grande dever cumprido por seu pai." E acrescentou: "Não choreis, pois eu vou para mundo melhor, onde haveis de encontrar-me." (9)

O padre J. Romanet, vigário da Notre-Dame des Pins, em carta à Princesa Dona Maria Pia, afirmou:

"Sou confidente e testemunha de seus últimos momentos; fiquei maravilhado com a resignação e coragem verdadeiramente sobrehumanos de vosso nobre esposo. Era o seu espírito de fé que sustentava a sua coragem e levantava a vossa e a de todos os entes queridos e ilustres que o rodeavam. Morreu como herói e Príncipe verdadeiramente cristão. Que belo exemplo! E que consolação para vós e para todos os seus!" (10)

E, seus pais, a Princesa Dona Isabel e o Conde d'Eu, escreviam em 1 de julho do mesmo ano:

"Luiz teve a morte de um santo, e só o pensamento de sua felicidade eterna pode suavisar nosso sofrimento." (11)

---

(8) "Dom Luiz", por João do Rio, na revista "Leitura Para Todos", Rio de Janeiro, abril de 1920.

(9) Recordatório distribuido pela Família Imperial, em abril de 1920.

(10) Idem, idem.

(11) "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul", pág. 269.

REFERENCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES:

Do prof. Carlos Stellfeld, do Paraná:

"O ultimo numero da Revista Genealógica, como os anteriores, está muito bom e atesta o seu entusiasmo pela Genealogia."

Do Sr. Leonidio Leonel Dall'Alana, no "O Taiuva", n.º 79, ano 10, de 1-VI-1941, *de Taiuva*:

"*Revista Genealógica Brasileira*. — Recebemos do sr. Tenente-Coronel Salvador de Moya, nosso colega de imprensa, o numero 3 desta bem organisada revista de grande interesse para os estudiosos. Grato pela atenção da remessa."

De S. Excia. o Embaixador Baptista Luzardo, do Uruguai:

"... esplêndida Revista de sua direção..."

Da exma. sra. d. Alice Bandeira Duarte, da Baía:

"Acuso-me de posse do exemplar n. 3 da "Revista Genealógica Brasileira", publicação útil e primorosamente organizada que bem recomenda a fecunda atividade desse Instituto. Apresento-lhe minhas felicitações."

Do sr. João Jacques Ribeiro do Valle, de Fartura:

"Gostei muito da *Revista*, pois cada número novo sai melhor que o anterior. Felicito-o por isso."

Digitized by Google

GALERIA DOS SÓCIOS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Já publicado: 1) Desembargador Afonso José de Carvalho; 2) Comendador Antonio Pompêo de Camargo; 3) Dr. Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho; 4) Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.

5) General Dr. JOÃO BORGES FORTES. — Nasceu em S. Gabriel a 2-5-1872. Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, engenheiro militar. Fez uma brilhante carreira no Exército, onde adquiriu renome, reformando-se como general. Historiador, genealogista, com várias obras publicadas, entre as quais: "Cristovam Pereira", "A Família Fortes, (Porto Alegre, 1931), "Troncos Seculares" (Porto Alegre, 1931), "Francisco Pinto Bandeira" (Porto Alegre, 1938), "O Brigadeiro José da Silva Pais e a fundação do Rio Grande", "Rio Grande de S. Pedro. Povoamento e Conquista" (Rio Janeiro, 1940), "Casaes" (1932), "A Estancia" (discursos) e "O tupí na Corografia do Rio Grande do Sul. No Exército escreveu muitos trabalhos que não temos à mão, de momento, para estes resumidos dados biográficos. É membro de várias instituições culturais do país, sendo figura de destaque no Instituto Genealógico Brasileiro, onde ocupa com brilho a presidencia da Seção do Distrito Federal. É filho do dr. João Pereira da Silva Borges Fortes Filho (1846-1880), magistrado, e de dona Cecilia Ofelia Abbott (1853-1931), n.p. do dr. João Pereira da Silva Borges Fortes, médico (1816-1893) e de dona Francisca de Paula Valle; n.m. do dr. Jonatas Abbott e de dona Zeferina Fernandes.

General JOÃO BORGES FORTES

— O general, em 16-5-1896, c.c. sua prima d. Maria Manoela Ferraz, n. 15-6-1876 em Porto Alegre e f. 19-11-1934 no Rio de Janeiro e foram pais de 9 filhos:

1 — Diogo, nascido a 10-3-1897, em Porto Alegre, Cap. de Corveta.
2 — Ofelia (1898-1899).
3 — João (1901-1918).
4 — Maria (1902-1904).
5 — Heitor, nascido em 2-1903, em Alegrete. Cap. de Artilharia, c.s.

Digitized by Google

1 General João Borges Fortes

3 Cecilia Ophelia Abbott Borges Fortes
N. 26-4-1853 — F. 3-10-1931

2 Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes Filho
N. 19-9-1846 — F. 27-10-1880

4 Francisca de Paula Valle Borges Fortes
F. 19-9-1880

8 Tomás Ferreira Valle Fº.
16 Tomás Ferreira Valle
F. 10-3-1839
17 Joana Maria Ferreira
F. em 1864, com 105 anos de idade

9 Leonidia Lesbinda da Silva
18 Sargento-mór Francisco Alves da Cunha
19 Gertrudes Benicia

5 Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes
N. 5-7-1816
F. 7-1-1893

10 Manoel José Pereira da Silva, natural de Laguna
20 Tte. José Pereira da Silva, de Laguna
21 Maria Rosa Gomes, de Laguna

11 Emerenciana Antonia Pereira, de Rio Pardo
22 Antonio Gonçalves Borges (de Rio Pardo, R. G. do Sul)
23 Joana Rosa Pereira Fortes. N. em 1758 (de Rio Pardo)

6 Zeferina Fernandes Abbott
N. 14-10-1834
F. 22-8-1901

12 Joaquim Fernandes Barbosa
24 Joaquim Fernandes da Costa (de Lages, Santa Catarina)
25 Maria Solidonia Barbosa (de Lages, Sta. Catarina)

13 Maria das Mercês Barbosa
26 Cel. José Rodrigues Barbosa
F. 29-6-1839
27 Zeferina Joaquina Boleno

7 Dr. Jonatas Abbott (Filho)
N. 16-4-1826
F. 13-10-1887

14 Dr. Jonatas Abbott, de Londres, Inglaterra.
N. 8-8-1796
F. 8-3-1868
28 John Abbott, de Londres, Inglaterra
29 Sara Abbott, tambem de Londres

15 Cecilia Walter, da Espanha
30
31

(1) A ascendência de João Teixeira d'Agueda, está na pág. 87 de "Nobiliarqui
(2) Beatriz Barbosa Rangel é descendente de Prados e Lemes e pertence
Vide os trabalhos do Dr. Carlos Barbosa Silveira sôbre os Lemes, do Rio

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

1) Dr. Armando de Arruda Pereira, N. 1889 (S. Leme, VI, 372)

2) Armando Rosa Pereira, N. 1863

3) D. Evelina Augusta da Silveira Arruda, N. 1872

4 João José Pereira Jor., Visconde do Socorro, N. 1823.

8 João José Pereira, n. Funchal

16 José Rodrigues Pereira, major do Exército Português

17 Dionísia Josefa da Conceição

9 Constança Candida

18

19

5 D. Carlota Edwiges de Arêas, N. 1831, Viscondessa do Socorro

10 Antonio Francisco da Costa Arêas, Cap. Tte. da Marinha Brasileira

20 Manoel da Costa Arêas

21 Maria Francisca

11 Maria José d'Assunção Barros, irmã do Visconde de Inhaúma

22 José Vitorino de Barros

23 Maria Isabel

6 Dr. Ignacio José de Oliveira Arruda, Ministro do Tribunal. N. 1845

12 Marcos de Oliveira Arruda, Coronel

24 Cap. Mór Braz de Oliveira Arruda

25 D. Alda Maria Leme Nogueira

13 D. Fca. Nogueira Velasco da Gama (Genealogia Paulistana, VI, 371)

26 Cel. Inácio José Nogueira da Gama, N. 1794, † 1834, irmão do marquês de Baependy

27 D. Maria Carolina Velasco de Mello

7 D. Evelina Maria da Silveira, N. 1854

14 Antonio Luiz da Silveira

28 Agostinho Luiz Cardoso da Silveira

29 Francisca Clara Breves

15 Ana Delfina de Campos Belo.

30 Pedro Antonio de Campos Belo Viana.

31 Ana Delfina Matoso da Camara Teixeira de Macedo, irmã do Barão de São Diogo

Digitized by Google

Digitized by Google

6 — Iolanda, nascida em 17-5-1904, casada.
7 — Marieta, nascida a 6-5-1905, em Cruz Alta.
8 — Hugo (1906-1912).
9 — Breno, nascido em 2-1908, em S. Gabriel, Capitão de Artilharia, c.s.

(Vêr "Anuário Genealógico Brasileiro", I, 253; II, 254 e esta Revista, pág. 431, do presente número).

6) ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA. — Natural da capital de S. Paulo, onde nasceu a 28 de setembro de 1889.

Fez seus primeiros estudos em S. Paulo e Genova, na Itália. Cursou o Ginásio Nogueira da Gama, matriculando-se em 1905 na Escola Politécnica de São Paulo e seguindo logo após para a Inglaterra onde continuou seu preparo no Seafield Park Engineering College, em Fareham-Hants. Entrou em 1907 para os cursos de engenharia civil da Universidade de Birminghan, e da Universidade de Nova York, U.S.A., por onde foi diplomado em 1910.

De 1911 a 1912, exerceu o cargo de engenheiro da firma Vale Rodrigues & Ramos, de São Paulo, nas obras dessa firma em São Roque. De 1912 a 1914, foi superintendente das Caieiras de Lilyland, em Sorocaba. De 1915 a 1916, foi membro da firma Ralston, Pereira & Delpy, engenheiros com escritório técnico em São Paulo. Em 1917 exerceu o cargo de engenheiro da Companhia Construtora de Santos, na construção do Matadouro Frigorífico de Santos. De 1917 a 1920, foi gerente técnico da Companhia Frigorifica e Pastoril, em Barretos, reformando o frigorífico dessa empresa. De 1917 a 1920 foi gerente-técnico da Companhia Frigorífica de Santos. De 1919 a 1921 foi gerente técnico da Companhia Frigorifica e Pastoril de Barretos, reformando o frigorifíco dessa empresa. De 1920 a 1921 foi diretor gerente da Companhia Frigorífica de Santos. Em 1922 foi delegado da American Society of Civil Engineers para representa-la no Congresso de Engenharia realizado no Rio de Janeiro por ocasião do 1.º Centenário da Independência do Brasil. De 1921 a 1924, foi primeiro engenheiro inspetor da Companhia Construtora de Santos na construção de quarteis para o Exército

Dr. Armando de Arruda Pereira

Digitized by Google

Brasileiro nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso, sendo que nêste último, dirigiu obras importantes, no valor de mais de 16.000 contos de réis. De 1923 até o presente, exerce o cargo de diretor industrial e engenheiro responsável da Cerâmica São Caetano, Soc. Anonima.

Em 1931 ingressou no Rotary Club de São Paulo onde exerceu vários cargos na diretoria, inclusive o de presidente da Secção de São Paulo e tendo sido eleito para a elevada posição de Presidente do Rotary Internacional no bienio 1940-1941. Além disso, é: diretor da Federação das Industrias do Estado de São Paulo; diretor industrial da Cerâmica São Caetano, S. A.; Fellow da Royal Society of Arts de Londres; Membro da American Society of Civil Engineers; Membro da American Ceramic Society; membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; membro do Conselho Consultivo da Associação Comercial de São Paulo; membro do Instituto de Engenharia de São Paulo; presidente do Sindicato Patronal de Indústria Cerâmica de Materiais para construção; delegado da Câmara de Comércio Argentino Brasileira em São Paulo. Foi: diretor do Instituto de Engenharia de São Paulo; vice-presidente da Federação das Indústrias no Estado de São Paulo; diretor-secretário da Associação Comercial de São Paulo; vereador da Câmara Municipal de São Bernardo. Pertence a várias associações e clubes.

E' autor das seguintes obras: "Herois Abandonados", peregrinação aos lugares históricos do Sul de Mato Grosso, 1925 (exgotado); "No Sul de Mato Grosso", vias de comunicação, veículos, tipos, linguagem, costumes da fronteira, um pouco de geografia e história, 1928 (exgotado); "Construindo quarteis para o Exército. O que vi e ouvi" (1930); "Diário de Viagem de São Paulo a Belém do Pará, descendo o Araguaia", 1935.

REFERENCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do "Jornal da Manhã", de 19-IV-1941, *de São Paulo*:

"*Revista Genealogica Brasileira*, de S. Paulo, vai galhardamente e sem espalhafato, realizando a sua missão, publicando regularmente sua revista. Já existem importantes centros de estudos genealógicos filiados ao Instituto, no Amazonas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Baía, Espirito Santo e Goiaz. O terceiro número da Revista traz o seguinte sumário: (segue-se o sumário). Um belo volume de duzentas páginas, com colaboração de todos os Estados do Brasil e tambem de Portugal. A *Revista Genealógica Brasileira* é dirigida pelos srs. Coronel Salvador de Moya, Dr. Melo Nogueira e Horácio de Carvalho Martins."

Da "Revista das Academias de Letras", ano III, n.º 13, pág. 100:

"... Deste excelente bianuario já emitimos o parecer no fasciculo 8, do 3.º volume, e recebendo agora outro número, repleto de ótimas colaborações e preciosas informações, cumprimos o dever de recomendar a *Revista*, senão o Instituto, a quantos pertençam a famílias antigas do Brasil."

De "O Progresso", n.º 1149, *de* 1-VI-1941, *de Itatiba*:

"Recebemos do Instituto Genealógico Brasileiro uma interessante revista genealógica para ser oferecida a uma das bibliotecas locais.

Nestas condições, resolvemos oferecê-la á "Liga da Mocidade Itatibense", que poderá mandar procurá-la nesta redação."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE ALAGOAS

Notas genealógicas das famílias: Mendes-Fonseca

Um dos descendentes: Marechal Deodoro da Fonseca

Major Amilcar Salgado dos Santos

A antiga Província de Alagoas, vila de *Anadia*, é oriunda a Familia *Mendes*.

TRONCO: *D. Maria Mendes*, c. c. *Manoel Mendes da Fonseca Galvão*, ambos alagoanos, tendo o casal um único filho: tenente-coronel *Manoel Mendes da Fonceca*, nascido em 1785 em Alagoas. Este, como major comandante das fôrças de primeira linha daquela Província, achava-se investido interinamente como Juiz de Direito acumulativamente com o cargo de Chefe de Polícia, quando a 29 de outubro de 1839, rebentou uma revolta por parte da população de Maceió, contra o Presidente da Província, Dr. Agostinho da Silva Neves. Devido aos reforços vindos da Baía e outros pontos, foi a sedição jugulada, tendo no entanto o major Mendes de retirar-se para Sergipe. Em seguida partiu para o Rio de Janeiro, onde esteve preso, respondendo a conselho de guerra, do qual foi absolvido e posto em liberdade a 26 de maio de 1840. Apesar de ausente de Alagoas, foi em eleição legislativa vitorioso em maioria de votos. A 27 de junho de 1846, foi êle reformado no posto de tenente-coronel, vindo a falecer em 24 de agosto de 1859. Sua digna consorte, D. Rosa Paulina da Fonseca, nasceu tambem em Alagoas em 18 de outubro de 1802, falecendo em 14 de julho de 1873. Era senhora dotada de inteligência clara e grande memória. Narrava com precisão a história

Digitized by Google

dos acontecimentos de seu tempo. Declarada a guerra contra o govêrno de Lopez, seis de seus filhos, imediatamente marcharam incorporados ao Exército Imperial que operou contra aquele Ditador, inclusive o mais novo — Afonso — que era ainda muito jovem, e a quem a heroina deu consentimento, afim de compartilhar da sorte dos irmãos mais velhos. Uns conquistaram postos pela bravura e coragem que demonstraram nos diversos combates, já outros pereciam com gloria nos campos de batalha. pela honra e pelo bem do Brasil. Apesar da dôr que sentia pela morte de alguns de seus filhos na sanguinolenta guerra, ouvindo falar em paz com o Ditador Lopes, ela, toda cheia de patriotismo, exclamou: "Prefiro não vêr mais meus filhos! Que fiquem antes todos sepultados no Paraguai, com morte gloriosa no campo da batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para a nossa Pátria."

Em setembro de 1866, recebia a noticia da morte de seus dois filhos Hipólito e Afonso, na malograda batalha de "Curupaiti" a 22 daquele mês e ano. Toda resignada, não deixou ela de ornamentar a frente de sua casa com bandeiras, flores e iluminação logo que chegavam noticias de gloriosos feitos de armas do Exército Imperial. Em dezembro de 1868, um correio lhe trás a notícia da morte de seu filho Eduardo no combate de 6 daquele mês e ano, em "Itororó", recebendo tambem a notícia de terem na mesma ação, sido feridos gravemente os outros filhos: Hermes e Deodoro. Ela triste, resignada, respondia aos amigos que iam consolá-la: "Que estava conformada... pois seus filhos foram sacrificados pela Pátria".

Finalmente esta heroina brasileira, veiu a falecer com 70 anos de idade, a 11 de julho de 1873.

RESUMO GENEALÓGICO DA FAMÍLIA MENDES-FONSECA

O casal *Maria Mendes-Manoel Mendes da Fonseca Galvão,* teve um único filho: Tenente Coronel *Manoel Mendes da Fonseca,* c. c. *Rosa Paulina da Fonseca,* tambem alagoana, nasc. em 1802. Teve o casal os filhos:

F 1) Hermes Ernesto da Fonseca, marechal do Exército, nasc. em 11-IX-1824, em Alagoas, c. c. D. Rita Rodrigues da Fonseca a 18-4-1853 no Rio Grande do Sul, na cidade de São Gabriel, e onde ela nasc. em 24-XII-1836. Faleceu Hermes Ernesto em 7-II-1891.

F 2) Severiano Martins da Fonseca, marechal do Exército, Barão de Alagoas, foi diretor da Escola Militar de Porto Alegre. Nas. em Alagoas em 8-XI-1825, c. c. D. Maria Amalia de Carvalho Fonseca, nas. no Rio de Janeiro. Faleceu Severiano em 19-III-1889.

F 3) Manoel Deodoro da Fonseca, marechal do Exército, nas. em Alagoas em 5-8-1827. C. c. D. Mariana Cecilia de Meireles Fonseca. Faleceu êle no Rio de Janeiro depois de lenta agonia, em 23 de agosto de 1892.

F 4) Pedro Paulino da Fonseca, cel. honorário do Exército, foi Governador de Alagoas, nasc. em 6-VI-1829. C. c. D. Francisca Catarina da Fonseca.

F 5) Hipólito Mendes da Fonseca, capitão de infantaria do Exército, falecido em combate na guerra contra Lopes em 22-9-1867. C. c. D. Guilhermina Dutra da Fonseca.

F 6) Eduardo Emiliano da Fonseca, major de infantaria do Exército. Fal. em combate no Paraguai em 6-XII-1868. Era solteiro.

Digitized by Google

F 7) João Severiano da Fonseca, médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi chefe do Serviço de Saude do Exército. Nas. em Alagoas em 27-5-1835. C. c. D. Amalia Alincourt da Fonseca.

F 8) Emilia Rosa da Fonseca, nasc. em 26-2-1837 na cidade de Alagoas. C. C. Balbino Furtado de Mendonça. Falecida em 23-VII-1887.

F 9) Amelia Rosa da Fonseca, nas. na cidade das Alagoas em 20-III-1839, c. c. o capitão Raimundo Ribeiro do Amaral. Fal. a 17-?-1889.

F10) Afonso Aurélio da Fonseca, nas. na Capital do Império em 11-IX-1845. Falecido como alferes do 34. Bat. de Voluntários da Pátria a 13-9-1866, em combate. Era solteiro.

I CAPÍTULO

Hermes Ernesto da Fonceca, c. c. D. Rita Rodrigues, tendo o casal os filhos:

N 1) D. Josefa Rodrigues da Fonseca. Nasc. na cidade do Rio Grande (Rio G. do Sul), c. c. o engenheiro Amarilio Olinda de Vasconcelos, tendo este casal os filhos:
Bn 1) Hipólito Hermes de Vasconcelos.
Bn 2) Enclides Hermes de Vasconcelos.
Bn 3) Amarilio Hermes de Vasconcelos.
Bn 4) Adelaide Hermes de Vasconcelos.

N 2) Hermes Rodrigues de Fonceca, nas. em S. Gabriel (R. G. do Sul), a 13-V-1855. Marechal do Exército, Ministro da Guerra e Presidente da República. Casado com D. Orsina da Fonseca, tendo o casal entre outros os filhos:
Bn 5) Mário Hermes.
Bn 6) Leónidas.
Bn 7) Euclides.

N 2) 2.ª vez c. c. D. Nair Teffé, filha do Barão de Teffé, s. s.

N 3) João Severiano da Fonseca Hermes, nas. no R. G. do Sul, em 26-VI-1858. Tabelião público.

N 4) Severiano Rodrigues da Fonseca Hermes, nas. no R. G. do Sul em 25-VI-1864 e fal. em 1891.

II CAPÍTULO

Severiano Martins da Fonceca, c. c. D. Maria Amalia de Carvalho Fonceca, tendo o casal os filhos:

N 1) Olimpio de Carvalho Fonseca, nasc. no Rio de Janeiro em 27-I-1857. Faleceu como general.

N 2) Percilio Carvalho da Fonseca, nasc. no Rio de Janeiro em 29-IX-1860, fal. em 1911.

III CAPÍTULO

Pedro Paulino da Fonceca, c. c. D. Francisca Catharina da Fonceca, tendo os filhos:

N 1) Orsina da Fonseca, c. c. o marechal Hermes Rodrigues da Fonseca; tendo ela nascido na Capital Federal em 19-XII-1858 e fal. no Rio de Janeiro em 1912, tendo o casal os já citados filhos.

N 2) Clodoaldo da Fonseca, nasc. na Capital Federal em 12-III-1860. Foi Governador de Alagoas e faleceu como general.

N 3) Ernestina da Fonseca nasc. na Capital Federal em 14-IV-1865, c. c. o Dr. Alfredo Alves de Carvalho.

N 4) Jonas da Fonseca. Nasc. na Capital Federal em 8-VIII-1882. Falecido solteiro.

N 5) Albertina da Fonseca, nasc. na Capital Federal, em 23-II-1883. Solteira e Professora do Instituto Nacional de Música.

N 6) Maria Amalia da Fonseca Machado, c. c. o capitão Benedito de Oliveira Machado.

IV CAPÍTULO

Capitão Hipólito da Fonceca, c. c. D. Guilhermina Dutra da Fonceca, tendo o casal os filhos:

N 1) Julieta Dutra da Fonseca.

N 2) Joaquim Dutra da Fonseca.

N 3) Hipólito Dutra da Fonseca.

V CAPÍTULO

Dr. João Severiano da Fonseca, c. c. D. Amalia Alincourt da Fonceca, tendo o casal os filhos:

N 1) Hermes d'Alincourt.

N 2) Afonso Deodoro Alincourt.

Digitized by Google

VI CAPÍTULO

D. Rosa Emilia da Fonseca, c. c. Balbino Furtado de Mendonça, tendo o casal os filhos:

N 1) Eugenio Fonseca de Mendonça.
N 2) Julieta Fonseca de Mendonça.
N 3) Urcia Fonseca de Mendonça.
N 4) Albertina Fonseca de Mendonça.
N 5) Emilia Fonseca de Mendonça.
N 6) Eduardo Fonseca de Mendonça.

NOTA. —Do marechal Deodoro, major Eduardo, D. Amelia da Fonseca e do alferes Afonso Aurelio da Fonseca, não há descendentes.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. João Dornas Filho, na "Folha de Minas", de 9-V-1941:

"Está circulando o n.º 3, relativo ao 1.º semestre de 1941, da "Revista Genealógica Brasileira", órgão do Instituto Genealógico Brasileiro, com séde em S. Paulo.

Revista de assuntos relacionados com a genealogia, heraldica e história, cuja direção está a cargo do tenente-coronel Salvador de Moya, essa publicação presta valiosa colaboração aos estudos de história brasileira.

O presente número, cheio de interessante matéria, trás nas suas duas centenas de páginas, além de reproduções a cores de brazões e "ex-libris", artigos assinados por Vasco Smith de Vasconcellos, Horacio R. da Costa, Americo Jacobina Lacombe, João Dornas Filho, Conego Raymundo Trindade, Luiz da Camara Cascudo, Carvalho Franco, Armando Dias de Azevedo, Gama Rodrigues, C. M. Schroder, d. Jení Prado Dias e outros."

Do Revmo. P.e José Trindade da Fonseca e Silva, Vigário de Campo Formoso:

"Recebo neste momento o segundo número da preciosa *"Revista Genealógica"*, de que V. Excia. é a alma e coração."

Do dr. Mário Torres, da Baía:

"Acuso recebido o n.º 3 de nossa Revista, que consegue sempre vir melhor."

Do Sr. Orlando Marques Cavalcanti de Albuquerque, de Pernambuco:

"Em meu poder o número III de nossa Revista. Meus parabens por mais essa realização meritória."

Do Sr. Arlindo Luz Ferreira, 2.º secretário do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas:

"Tenho a satisfação de acusar o recebimento do número 3 dessa ótima *Revista"*.

Do Dr. Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho, da Baía:

"Acusando o recebimento do n.º 3, da nossa Revista, felicito-o por mais êste triunfo do seu esforço. Está, como os demais, um ótimo volume e faço os mais sinceros votos para que o ilustre amigo não esmoreça e continúe o seu já notavel trabalho, que fez renascer nas gerações do presente o culto e o amor ao passado."

Do Sr. Celso Martins Schröder, do Rio Grande do Sul:

"E' com intensa satisfação que mais uma vez me congratulo com o distinto patricio, cuja operosidade e dedicação estão acima de qualquer elogio, pela magnifica apresentação do terceiro volume da *Revista Genealógica Brasileira,* que se tornou grandiosa realidade, repercutindo gratamente no coração de todos os que labutam no aspero campo da genealogia."

Do Dr. Jorge Godofredo Felizardo, do Rio Grande do Sul:

"O 3.º número da Revista Genealógica Brasileira, trazendo a colaboração de provectos escritores de diversos Estados da União, representa bem o alto espirito patriótico do Instituto. Ela evidencia o crescente número dos que estão se dedicando às pesquizas histórico-genealógicas, em um país de cinco séculos de existência, onde povos de tantas nações aqui acharam acolhida e puderam construir o seu lar, fazendo do Brasil a sua segunda pátria."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE SERGIPE

Biografias Sergipanas

Pascal Bandeira Moreira

AGUIAR (Júlio Barreto de)

Nascido a 27 de julho de 1885.

Filho de Mel. Ant.º Elias de Aguiar e de d. Ana Etelvina de Aguiar.

Seus estudos superiores foram feitos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de onde saiu a 30 de março de 1911, com o diploma de médico. Sua tese foi aprovada com distinção.

AMADO (Augusto)

Natural de Campos, onde nasceu a 6 de Dezembro de 1878.

Filho de José Amadeu de Faria e de D. Maria do Espirito Santo Amado.

Fez seus primeiros estudos na cidade natal e na Estancia.

Antecedentes: Esteve na Baía e no Rio, empregando-se no comércio. Com a prática adquirida no jogo das transações mercantis, tornou-se perito guarda-livros, além das diversas linguas que fala. Tem colaborado em diversos jornais da Baia, entre os quais o "Diário de Notícias".

Escreveu: "Três beijos".

ARGOLO (Ascendino Xavier Ferrão de)

Natural de Propriá, onde nasceu a 3 de maio de 1889.

Filho de José Pedro Ferrão de Argolo e de d. Emilia Cavalcanti de Albuquerque de Argolo.

Fez seus primeiros estudos em Penêdo na Capital da Baía.

Seus estudos secundários foram feitos no "Liceu Alagoano" de Maceió.

Estudos superiores na Faculdade de Direito de Recife (1907-1911).

Antecedentes: Foi advogado na sua terra natal e professor de linguas e ciências. Promotor público das Comarcas de Itabaianinha e Lagarto (1912 e 1913). Inspetor geral do ensino e membro do Conselho Superior da Instrução do Estado (1913). Auditor de guerra na circunscrição militar de Sergipe. Colaborador da imprensa, sob diversos pseudônimos.

Digitized by Google

BEZERRA (Abdias)

Natural da Vila de Sirirí, onde nasceu a 7-IX-1880.

Filho do professôr João Amâncio Bezerra e de d. Hermínia Rosa Bezerra.

Fez seus primeiros estudos nas escolas de Sirirí, Itabaiana e Japaratuba. Seus estudos secundários foram feitos no "Ateneu Sergipense".

Seus estudos superiores na Escola Militar do Realengo, não terminando o curso, devido ter-se envolvido numa revolta. Após, dedicou-se ao magistério, tendo sido um professor de preparo pouco comum.

CALASANS (João Leite de Bittencourt)

Natural do Eng.º Bugio, Municipio de Arauá, onde nasceu em 1877.

Fez seus estudos superiores na Faculdade de Medicina da Baía, recebendo os diplomas de farmacêutico (1897), dentista (1898) e médico (1902).

Antecedentes: Exerceu na capital da Baía a clínica médica, assim como em S. Antonio de Jesus, Barracão e Esplanada, no Estado da Baía, e em Estancia, Sergipe.

CARDOSO (Benedito da Silva)

Natural de Aracajú, onde nasceu a 28 de novembro de 1903.

Filho de Joaquim Mauricio Cardoso e de d. Júlia da Silva Cardoso.

Fez seus primeiros estudos em Aracajú.

Seus estudos secundários foram feitos no "Grémio Escolar".

Atividade atual: E' cirurgião-dentista, membro da Academia "Manoel Vitorino" e telegrafista, tendo servido nas repartições de Caravelas e Ilhéus. Presentemente exerce sua profissão na Capital da Baía.

CHAVANTES (Carivaldo José)

Natural de Laranjeiras, onde nasceu a 28 de setembro de 1848.

Filho do Comendador Anacleto José Chavantes e de D. Maria Pastora Alves Chavantes.

Fez seus estudos superiores na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O dr. Carivaldo José Chavantes faleceu a 14 de setembro de 1907, em Alfenas, Minas.

FIGUEIREDO (Aderbal de)

Natural de Aquidauana, onde nasceu a 18 de dezembro de 1898.

Filho de Francisco de Figueiredo e de d. Clara Angelina de Figueiredo.

Fez seus primeiros estudos no "Externato São Francisco".

Seus estudos secundários foram feitos no "Ateneu Sergipense", no "Colégio Salesiano" e no "Grêmio Escolar".

Fez seus estudos superiores na Faculdade de Medicina da Baía e na do Rio de Janeiro.

Digitized by Google

Antecedentes: Interno do Hospital de S. João Batista e da Assistência Pública de Niterói; idem do Hospital Central da Marinha; idem do Hospital Pro-Matre; Monitor do Hospital da Sta. Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro; Sub-inspetor sanitário rural na Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural de Sergipe, tendo exercido a chefia do "Posto Osvaldo Cruz", da cidade de Propriá. Fez parte da Comissão do Estado do Rio Grande do Norte, tendo instalado o posto de Saneamento de Caicó.

FONSECA (Benjamim Fernandes da)

Natural do Boquim, onde nasceu a 31 de março de 1862.

Filho de José Fernandes da Fonseca e de d. Francisca Maria da Fonseca.

Seus estudos superiores foram feitos na Faculdade de Medicina da Baía, tendo colado gráu de doutor a 10 de dezembro de 1887.

Antecedentes: Em agosto de 1891, foi nomeado médico adjunto do Corpo de Saúde do Exército. Desde 1903, exercia como capitão-médico de 4.ª classe, a clínica militar na guarnição de Obidos, no Pará, quando se deu o seu falecimento a 25 de julho de 1906.

LEBRÃO (Afonso Cícero)

Natural de S. Cristovam, onde nasceu a 13 de julho de 1876.

Filho do dr. Cipriano de Almeida Lebrão e de d. Elisa Adelina Lopes Lebrão.

Fez seus estudos superiores na Escola Agricola da Baía, recebendo o gráu de engenheiro agrônomo.

Escreveu: "Instrugentos Gerais" da produção.

LEITE (Adolfo Rabelo)

Natural do Município de Riachuelo, onde nasceu a 29 de fevereiro de 1880.

Filho de Cândido Rabelo Leite e de D. Francisca de Melo Leite.

Fez seus primeiros estudos na cidade natal.

Seus estudos superiores foram feitos na Faculdade de Medicina da Baía, tendo se formado em farmácia e mais tarde em medicina, pela mesma faculdade.

Antecedentes: — Delegado de Higiene da Cidade de Alagoinhas, na Baía; médico do Município de Itabuna, na Baía, tendo sido também Delegado de Higiene, adjunto do promotor público da Comarca e intendente. Delegado do Recenseamento da República em Caiteté, Caculé, Condeúba, Jacarecí e Urandé.

Exerceu o jornalismo nos jornais: "O Povo", "Correio de Joazeiro", "A Época" e outros.

LIMA (Adolfo Ávila)

Natural de Estância, onde nasceu a 26 de agosto de 1882.

Filho de José Ant.º de Lima e de D. Idalina de Ávila Lima.

Digitized by Google

Fez seus primeiros estudos a própria custa e com muito esforço, tendo começado a vida como empregado de comércio.

Fez seus estudos secundários em Aracajú e na Baía.

Seus estudos superiores foram feitos na Faculdade de Direito da Baía e na de Recife, onde se bacharelou.

Antecedentes: Exerceu as promotorias de Propriá e Estância; Professôr vitalício da cadeira de pedagogia e metodologia do "Ateneu Sergipense" e lente da lingua materna, história universal e do Brasil no "Colégio" Tobias Barreto. Ocupou a cadeira de psicologia fundamental e infantil da Escola Normal. Foi um dos membros do Conselho Municipal de Aracajú e do Conselho Superior da Instrução Pública do Estado. Colabora no "Diário de Notícias" da Baía, no "O Estado de Sergipe", no "O Norte de Sergipe", no "Pernambuco" e em outros jornais. Possuiu o pseudônimo de "Dalemar".

Escreveu: "Nos domínios da filosofia moderna", "Estância", "Monarquia" e "República", etc....

MADUREIRA (Daniel Campos de)

Natural de Sergipe, onde nasceu a 31 de agosto de 1887.

Filho do desembargador Casemiro de Sena Madureira e de d. Elisa Campos Madureira.

Seus estudos superiores foram feitos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou em 1912.

MAGALHÃES (João Moreira de Melo)

Natural de Maroim, onde nasceu a 29 de outubro de 1883.

Fez seus estudos secundários no Colégio Militar, de onde saiu com o título de Agrimensor.

Seus estudos superiores foram feitos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se a 6 de maio de 1907. Ganhou um prêmio de viagem à Europa a custa da União, como distinção ao seu brilhante curso acadêmico.

Escreveu: *Obstetrícia.*

MELO (Ant.º Dias Coelho e), Barão da Estância

Natural do Eng.º Colégio, freguesia de Itaporanga, Sergipe, onde nasceu em 1822.

Filho dos Barões de Itaporanga, Cel. Domingos Dias Coelho e Melo e D. Micaela Coelho Dantas e Melo.

Estudos: Esteve na Escola de Pontes e Calçadas de Paris, não terminando o curso, tendo voltado à terra e se dedicado a vida agrária.

Antecedentes: Senador do Império; Juiz de Paz e Vereador presidente da Câmara Municipal de Itaporanga; Deputado à Assembléia Provincial em várias legislaturas; Comendador da Ordem de Cristo e da Ordem da Rosa. Exerceu o cargo de Presidente do extinto Imperial Ins-

Digitized by Google

tituto Sergipano e Agricultura. A 20 de janeiro de 1860, foi agraciado com o título de Barão da Estância. O Barão da Estância faleceu a 5 de abril de 1904, em São Cristovam e está sepultado com seus antepassados na Igreja do Colégio.

NOGUEIRA (Adalardo Carvalho Lisboa)

Natural de Larangeiras, onde nasceu a 5-XII-1882.

Filho do Major Francisco Rodrigues Nogueira e de D. Gertrudes Lisboa Nogueira.

Fez seus estudos nos Estados Unidos tendo para lá partido aos 16 anos e se diplomado em Engenharia Mecânica na cidade de Filadelfia.

OLIVEIRA (Abdias de)

Natural do Município do Riachão, onde nasceu a 29-I-1852.

Filho do Cap. José Antonio da Costa e de d. Joaquina Maria de Meneses.

Fez seus primeiros estudos em Riachão.

Seus estudos secundarios no "Ginásio Baiano".

Esteve no Seminário de Santa Teresa e na Faculdade de Medicina, onde fez diversos preparatorios. Cursou os dois primeiros anos da Faculdade de Direito de São Paulo, terminando o curso na do Recife, onde recebeu o gráu de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Antecedentes: Promotor Público da Comarca de Feira de Santana, na Baía; Juiz Municipal do Têrmo de Campos, em Sergipe; Juiz de Direito da Comarca de Bom Conselho, em Pernambuco; idem de Iguarassú, Gravatá e de Nazaré; Desembargador do Superior Tribunal de Justiça.

PEREIRA (Bento de Melo), Barão de Cotinguiba

Natural de Vila Nova, onde nasceu em 1780.

Filho de Felipe de Melo Pereira e de D. Rosa Maria do Espírito Santo.

Antecedentes: Capitão-mór de ordenanças de Vila Nova. Comandante das armas de Sergipe (1827-1829). Membro do Governo da Província (1830). Presidente de Sergipe e Comandante da Guarda Nacional de Vila Nova. Comendador da Ordem de Cristo e Oficial da Ordem da Rosa.

O Barão de Cotinguiba faleceu a 23 de Setembro de 1866.

RIBEIRO (Achiles de Oliveira)

Natural de Larangeiras, onde nasceu a 14-IV-1873.

Filho de Domingos de Oliveira Ribeiro e de D. Helena de Freitas Oliveira Ribeiro.

Fez seus primeiros estudos em Aracajú, Larangeiras e no "Colégio Vitória" da Baía.

Fez seus estudos superiores na Faculdade de Direito de Recife.

Digitized by Google

Antecedentes: Logo após sua formatura advogou em Riachuelo; promotor público da Comarca de Vila Bela, em S. Paulo; idem de Rio Claro; juiz de Direito da Comarca de S. Antônio da Cachoeira; idem de Rio Claro.

Atividade atual: E' Juiz da 5.ª vara civel e comercial da capital.

ROSA (Antonio Garcia)

Natural de Japaratuba, onde nasceu a 15 de julho de 1843.

Filho de Manoel Prudente de Jesús e de d. Josefina Garcia Rosa.

Fez seus estudos superiores na Faculdade de Medicina da Baía, onde se doutourou a 17 de dezembro de 1870.

Antecedentes: Exerceu a clínica na Feira de Santana por pouco tempo, pois apenas começava a encarreirar-se na vida quando faleceu a 13 de junho de 1877.

SOBRAL (Adalberto Simeão)

Natural do Engenho S. João termo de Japaratuba, onde nasceu a 2-VIII-1887.

Filho do Cel. Simeão Teles de Meneses Sobral e de d. Luisa Francisca Acioli Sobral.

Fez seus estudos no "Ateneu Sergipense", tendo depois de matriculado no Seminário Episcopal de Maceió, Alagoas, ordenando-se a 12-XI-1911. Celebrou a sua primeira missa a 21 do mesmo mês.

Antecedentes: Vigário interino de Maceió; Secretário e Escrivão da Comarca eclesiástica de Aracajú; Cônego catedrático com a dignidade de primeiro diacono do cábido diocesano; Diretor espiritual do Seminário; dem retor; teologal da igreja catedral; vigário geral; Governador do bispado; monsenhor camareiro secreto do Santo Padre. Foi o primeiro redator e diretor da "A Cruzada", orgão da diocese.

Atividade atual: Capelão do Colégio N. S. de Lourdes, de Aracajú.

VIANA (Antonio Joaquim)

Natural de Aracajú, onde nasceu a 17 de janeiro de 1862.

Filho de José Joaquim de Santa Ana e de d. Maria Gratulina de Santa Ana.

Seus estudos secundários foram feitos no "Ateneu Sergipense", tendo-os concluido no Rio de Janeiro.

Fez seus estudos superiores na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não tendo se formado, devido a falta de recursos. Abraçou o magistério, fundando em 1894 o "Externato Viana", na capital da República.

Escreveu: "Noites de insônia".

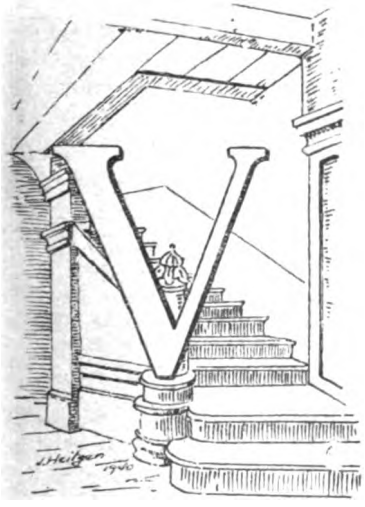
(Continúa).

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DA BAÍA

Descendências de Francisco Ferreira de Brito e do Cap. José Bernardo Leite



por J. C. Pinto Dantas Junior

IMOS, no número 2 da nossa Revista a descendência do Cap. mór João d'Antas dos Imperiais Itapicurú, o qual teve os seguintes irmãos:

1.º) Ana Maria Xavier dos Reis, c. c. o Cap. de Ordenanças Manoel de Jesus Peixoto, escrivão de órfãos, juiz ordinário, vereador e presidente da Camara de Itapicurú e falecido em fevereiro de 1826. Pais de: Capitão Inácio dos Reis Peixoto, que foi do Regimento de Cavalaria de Milicias de Itapicurú, nom. em 13 de dezembro de 1822, vereador até 1832, e faleceu sem descendência; Capitão José Valentim dos Reis Peixoto, da Guarda Nacional de Inhambupe, nom. em 13 de fevereiro de 1841 e Tenente do Regimento de Cavalaria de Milicias de Itapicurú, nom. a 17 de janeiro de 1823 e vereador em Itapicurú; Josefa Francisca dos Reis e Ana Francisca Xavier.

2.º) Maria Josefa da Conceição, c. c. seu primo Francisco Ferreira de Brito, fal. em 30 de março de 1850, viuva desde 14 de novembro de 1825, com descendência.

3.º) Leandra Sancha Leite, c. c. o cap. Manoel José de Carvalho Vasconcelos, das Ordenanças de Saude, do Terço de Jacobina, nom. em 20 de abril de 1801. Pais de: Manoel Pereira de Vasconcelos, Inácio dos Reis e Vasconcelos, João Dantas de Vasconcelos, José Braz Dantas e Bernardina de Sousa Vasconcelos.

Digitized by Google

4.º) Teodosia de Sousa Leite, c. c. seu primo Francisco Gonçalves Leite (3.º), fal. antes de 1832, sem descendência.

5.º) Josefa Francisca dos Reis, c. c. seu primo Cap. José Bernardo Leite, das Ordenanças de Itapicurú, nom. em 10 de março de 1821, juiz ordinário e vereador. Faleceu em 27 de outubro de 1852, foi sepultada na matriz de Soure, já viuva, desde 25 de agosto de 1851, deixando descendência.

6.º) Francisca Xavier de Sousa, fal. solteira, em idade bastante avançada.

Desses irmãos do Capitão mór João d'Antas, apenas conseguimos as descendências completas de Maria Josefa da Conceição e Josefa Francisca dos Reis, que ora publicamos.

DESCENDÊNCIA

de *Maria Josefa da Conceição*, que foi casada com seu primo *Francisco Ferreira de Brito*, nascendo desse consorcio: Cap. Manoel Ferreira da Silva; Maria Francisca de Sousa, c. c. seu primo Cel. Inácio d'Antas dos Reis Leite; Joana Bernardina de Sousa, c. c. Francisco Moreira da Rocha; Ana Francisca de Sousa, c. c. seu primo Alferes José de Macêdo Silva; Cap. Antonio Ferreira de Brito, c. c. sua prima Cristina Moreira da Silva; Tte. Cel. Gonçalo Dantas de Brito, c. c. Francisca Sergia de Oliveira Dantas; Tte. João Dantas de Brito, c. c. Maria Barrêto de Vasconcelos Brito.

§ 1.º

Cap. MANOEL FERREIRA DA SILVA. N. em Itapicurú, a 25 de janeiro de 1793. aí exerceu vários cargos públicos, inclusive o de vereador municipal no quatrienio 1829-1832, e faleceu, solteiro, em 12 de julho de 1847. Era da Guarda Nacional.

§ 2.º

MARIA FRANCISCA DE SOUSA. N. em 20 de outubro de 1794, c. c. seu primo Cel. Inácio d'Antas dos Reis Leite e faleceu em 13 de agosto de 1882. A descendência desse casal consta do artigo "Descendência do Cap. mór João d'Antas", na "Revista Genealógica Brasileira", n. 2, págs. 381 a 387.

§ 3.º

JOANA BERNARDINA DE SOUSA, c.c. Francisco Moreira da Rocha, falecida em 14 de outubro de 1876. Filhos:

I — Major ANTONIO MOREIRA DA ROCHA. — N. em Itapicurú, aí foi delegado de polícia e no M. de Soure ocupou os logares de vereador, juiz de paz, delegado da instrução pública e delegado de polícia. Era da Guarda Nacional e foi casado com Ana Josefa da Silva, filha do Cel. Cipriano José da Silva, do "Paisiá". Faleceu em 15 de novembro de 1875, e sua mulher em 18 de março de 1874. Filhos:

1.º — Antonio Mendes da Silva. — N. em 20 de janeiro de 1860, c., em primeiras nupcias, com Joaquina Maria dos Santos e, em segundas, com sua prima Francisca Ferreira de Macedo, filha do Tte. Francisco Ferreira de Macedo, e faleceu em 9 de junho de 1891. Do primeiro consorcio nasceu:

A — Ana Mendes dos Santos, c. c. Manoel Moreira dos Santos (*Manoelzinho*), que tem exercido cargos públicos em Itapicurú. Filhos: a) José, falecido; b) Joaquina Mendes dos Santos; c) Erasmo Mendes dos Santos; d) Adalgisa Mendes dos Santos Batista, c. c. José Rodrigues Batista; e) Valinda Mendes dos Santos; f) Ana Mendes dos Santos; g) Maria Mendes Moreira; h) Antonio Mendes dos Santos, falecido.

Digitized by Google

2.º — Vicencia da Silva Dantas. — N. em 29 de março de 1861, c. em 26 de fevereiro de 1876, com seu primo Cap. Francisco Barrêto Dantas (*Chico Dantas*), faleceu a 22 de setembro de 1918, deixando descendência:

A — Des. João Dantas de Brito, n. na fazenda "Paiaiá", Municipio de Itapicurú, em 15 de março de 1877, bacharelou-se em direito, na Faculdade da Baía, a 8 de dezembro de 1898. Nom. juiz preparador de Maroim, em agosto de 1899; secretário do Tribunal de Relação, em 1900; juiz de direito da comarca de Lagarto, em 27 de dezembro de 1902, aí permaneceu até 1926 quando foi nomeado desembargador do Tribunal de Relação, cargo que ora exerce, tudo no Estado de Sergipe. Fez parte do Tribunal Eleitoral de Sergipe, ocupando a presidencia. Casado c. Maria da Conceição Hora Brito, tem filhos: a) Aldemira Hora Brito, n. em 9 de fevereiro de 1913; b) Dr. Adelmar Hora Brito, n. em 4 de maio de 1914, formado em direito em 8 de dezembro de 1936, na Baía, ocupa função publica em Sergipe; c) Dr. Aureo Hora Brito, n. em 5 de agosto de 1915, formado em medicina pela Faculdade da Baía; d) Altair, n. em 19 de junho de 1916; e) Aderci Hora Brito, n. em 26 de junho de 1917.

B — Major Dr. Alfredo Otaviano Dantas. — N. em 29 de janeiro de 1881, no M. de Soure, fazenda "Paiaiá", doutourou-se em medicina, na Faculdade da Baía, em 1903, tendo sido, quando estudante, interno do Hospital de Santa Isabel. Nom., em 1904, médico do "Lloyd Brasileiro", fez concurso em 1909 para o Corpo de Saude do Exército, sendo nomeado 2.º tenente em outubro desse mesmo ano, promovido a 1.º tenente em 1910, a capitão em 1917 e a major em 1928, posto em que foi reformado. Casou-se, em outubro de 1924, com Zulmira Gonçalves Dantas, tendo um filho: a) Almir.

C — José Belarmino Dantas, n. em 25 de março de 1882.

D — Maria Francisca Dantas de Sousa, n. em 2 de novembro de 1883, c. c. seu primo Leonilo Alves de Sousa, tendo uma filha: a) Prof.ª Eunice Dantas de Sousa, n. em 10 de junho de 1912, formada em 1929.

E — Antonio Diocleciano Dantas (*Totonio*), n. em 4 de julho de 1885, c., em primeiras nupcias, c. Amelia Fontes de Faria Dantas, fal. em 1933, e em segundas, c. ..... Tem ocupado cargos publicos nos municipios de Conde e Jandaíra. Filhos: Do primeiro consorcio: a) Ananete, n. em 16 de agosto de 1922; b) Aidinalva; c) Arivaldo; d) Ana Amelia; e) Aliéte; f) Agnaldo; g) Abigail Fontes Dantas. — Do segundo consorcio: h) Regina.

F — Ana Francisca Dantas (*Nenen*), n. em 13 de dezembro de 1886.

G — Fco. Francisco Barrêto Dantas Filho (*Francisquinho*). — N. a 22 de junho de 1888, formou-se na Faculdade de Medicina da Baía em 1911, seguindo logo para S. Paulo, onde se casou, em outubro de 1920, com Isaltina Camargo Barbosa Dantas. Filhos: a) Milton, n. em 2 de março de 1922; b) Elsa; c) Nelson; d) Maria de Lourdes Camargo Dantas.

H — Francisca Dantas Caldas, n. em 8 de julho de 1890, c. c. Boaventura da Silva Caldas, falecida em 11 de maio de 1924, deixando uma filha: a) Prof.ª Maria da Soledade Dantas Caldas, formda em 1936.

I — Mnoel da Silva Dantas (*Sinhó*), n. em 8 de setembro de 1892, c., em 1921, com Justina de Oliveira Mota. Foi intendente municipal e delegado de policia do municipio do Soure. Faleceu em 1939, deixando filhos: a) Vicencia; b) Rubem; c) Maria José; d) Edison; e) José; f) Jaime; g) Perolina; h) Misaltina.

J — Alice Dantas da Costa, n. em 9 de abril de 1894, c. c. Pedro de Brito Costa, tendo filhos: a) Pedro; b) Valdimir; c) Valdemar; d) Francisco; e) Enide; f) Maria José; g) Francisca; h) Semírames; i) Bertino; j) Salomé; k) Salomão; l) José; m) Antonio Dantas da Costa.

K — Isaura Dantas da Mota, n. em 12 de maio de 1895, c.c. Irineu de Oliveira Mota, tendo filhos: a) Telmo; b) Ana; c) Maria; d) Euvaldo; e) Alvaro; f) Clodoaldo; g) Maria de Lourdes; h) Anatolon; i) Rainelde; j) Dermeval; k) Francisco; l) Alberto Dantas da Mota.

L — Dr. José Carlos Dantas (*Juca*). — N. a 21 de outubro de 1897, formou-se pela Faculdade de Direito da Baía, em 1925, c. c. Hildete de Oliveira Dantas, em 14 de maio de 1932. No Estado de Sergipe foi promotor publico de S. Cristovão, nom. em 21 de outubro de 1922 e juiz municipal de Campos, nom. em 1926; e no Estado da Baía, promotor publico de Cicero Dantas, nom. em 4 de abril de 1927; Geremoabo, removido em 18 de outubro de 1929; Mundo Novo, em 10 de novembro de 1930 e Joazeiro, onde atualmente está, removimo em julho de 1935. Filhos: a) Amelia; b) Americo Paulo; c) Aureo José; d) Arismário.

Digitized by Google

M — Prof.ª Amelia da Silva Dantas (*Santinha*), n. em 29 de maio de 1899, diplomou-se na Escola Normal de Aracajú, em 1922. Regeu a escola de Barrinha, município de Jaguarari. E' falecida.

N — Prof.ª Ismenia Dantas Maia, n. em 14 de março de 1901, formou-se em 1920. Tem regido as escolas de Itapicurú, Brejões, Mundo Novo, Jacobina, Joazeiro, Timbó e Inhambupe. Viuva de José Maia.

O — Vicente de Paulo Dantas (*Vicentinho*), n. em 19 de julho de 1902, c. c. Cremilda Caldeira Dantas. E' funcionário bancário. Filhos: a) Francisco; b) Maria da Gloria; c) José; d) Antonia.

P — Osvaldo da Silva Dantas (*Vavá*), n. em 18 de junho de 1905, c. c. Julieta Dantas. E' funcionário bancário. Filho: a) Alaôr.

Q — Maria das Mercês Dantas (*Cézinha*), n. em 24 de setembro de 1906.

3.º — Maria Ana da Silva Leal (*Cutú*), n. em 29 de março de 1862, c. c. o Major Manoel da Silva Leal, falecido em 14 de agosto de 1922, tendo sido conselheiro municipal em Itapicurú e professor particular. Filhos:

A — Lindolfo da Silva Leal, oficial do registo civil em Cajueiro, m. de Esplanada.

B — Laura da Silva Leal.

C — Prissila da Silva Leal, c., em primeiras nupcias, c. Manoel da Fonseca Primo e, em segundas, c. Moisés de Sousa Dorea, este assassinado em 1936. Tem filhos de ambos os consorcios.

D — Adelia da Silva Leal, falecida, foi c. c. André Alves dos Reis, tendo dois filhos e uma filha, a qual é casada.

4.º — Ana Maria da Silva Macêdo, n. em 16 de janeiro de 1864, c. c. seu primo José Ferreira de Macêdo, falecida, sem descendência, a 25 de Novembro de 1909.

5.º — Cipriano José da Silva (*Pianinho*). — N. em 30 de Dezembro de 1866, c. c. Candida Caldas da Silva, faleceu em 1928. Filhos:

A — Ana Nina da Silva.
B — Durval Armando da Silva (*Ioiô*).
C — Armando Durval da Silva.
D — Durvalina da Silva Caldas.
E — Ciridião Durval da Silva.
F — Oscar da Silva Caldas.
G — Armanda da Silva Caldas.
H — Antonio Caldas e Silva.
I — Maria Bernadete Caldas e Silva.

6.º — José Moreira da Silva (*Cazé*). — N. em 14 de agosto de 1870, c., em primeiras nupcias c. Marcelina de Sousa e Silva, a qual faleceu em 1919; e. em segundas, c. Alvina Dantas Barrêto. Ocupou varios cargos publicos em Soure, inclusive conselheiro municipal, e faleceu em 31 de maio de 1939. Filhos:

Do primeiro consorcio:

A — Antonio Moreira da Silva.
B — Maria Moreira da Silva, casada.
C — Americo Moreira da Silva, falecido.
D — Pedro Moreira da Silva.
E — Maria Clotildes da Silva, c. c. Manoel Dantas Barrêto, tendo filhos.
F — Prof.ª Maria Vestina Moreira da Silva, regente duma escola em Cipó.
G — José Moreira da Silva Filho.

Do segundo consorcio:

H — Adalicio.

§ 4.º

ANA FRANCISCA DE SOUSA. — N. em 16 de março de 1802, c., em 17 de janeiro de 1833, com o alferes José de Macêdo Silva e faleceu em 2 de julho de 1864. Seu marido, que foi vereador em Itapicurú de 1837 a 1840, de 1849 a 1852 e de 1857 a 1868, tambem é falecido. Filhos:

I — Tte. FRANCISCO FERREIRA DE MACÊDO (*Ferreira*). — N. no município de Itapicurú, em 1.º de julho de 1834, c. em 1856 com sua prima Josefa Francisca Leite (*Iá*) e faleceu a 23 de abril de 1909. Era da Guarda Nacional, para a qual entrou como guarda, sendo promovido a Alferes em 2 de julho de 1865 e depois a Tenente. Foi autoridade policial em Itapicurú. Sua mulher morreu em 19 de maio de 1911. Filhos:

Digitized by Google

1.º — Maria de Macêdo Dantas, c. c. seu primo Ariano Dantas Portatil, cuja descendência consta da "Revista Genealógica Brasileira", n. 2, pág. 384.

2.º — Francisco Ferreira de Macêdo, falecido menor.

3.º — José Ferreira de Macêdo (*Zezé Ferreira*), c., em 1.as nupcias, com sua prima Ana Moreira de Macêdo, e, em 2.as, c. sua prima Idalina Cardôso da Silveira. Faleceu, sem descendência, em 28 de junho de 1927. Foi juiz de paz em Itapicurú e delegado de policia no M. de Santana do Catú.

4.º — Antonio Ferreira de Macêdo, falecido solteiro.

5.º — Ana Ferreira de Macêdo Leite, c., em 11 de fevereiro de 1911, c. seu primo Francisco Gonsalves Leite (*Sinhôzinho Gonzaga*), falecida sem descendência.

6.º — Manoel Ferreira de Macêdo Sobrinho, falecido solteiro.

7.º — João Ferreira de Macêdo, falecido solteiro.

8.º — Luiz Gonzaga de Macêdo Sobrinho (*Gonzaguinha*), falecido em 1923, solteiro.

9.º — Francisca Ferreira de Macêdo Leite, c., em 1.as nupcias, c. seu primo Antonio Mendes da Silva e, em 2.as, c. seu primo João Gonzaga Leite, deixando filhos, como veremos adiante.

10.º — Luiz Ferreira de Macêdo, c. c. Maria Moreira dos Santos, sendo ambos já falecidos, esta em 18 de Abril de 1926. Filhos:

A — Josefa Ferreira dos Santos, c. c. Pedro Dantas Barrêto, em 29 de novembro de 1932, tendo filhos: a) José Luiz dos Santos, n. em 29 de outubro de 1933.
B — José Ferreira dos Santos.
C — Francisco Ferreira dos Santos, fal. em 1926.
D — Maria Ferreira dos Santos.
E — Ana Ferreira dos Santos.
F — João Ferreira dos Santos.

11.º — Marcolino Ferreira de Macêdo, falecido menor.

12.º — Maria Ferreira de Macêdo, falecida menor.

13.º — Josefa Ferreira de Macêdo, c. c. seu primo Antonio da Silva Macêdo (*Totonio Lapinha*), falecida em 6 de novembro de 1920, deixando uma filha:
A — Maria Ferreira de Macêdo.

14.º — Joana Ferreira de Macêdo Silva, c., em 25 de novembro de 1893, com seu primo Leodegario de Macêdo Silva (*Seu Lé*). Filhos:

A — Francisco Ferreira de Macêdo, n. em 15 de abril de 1898.
B — Dejanira Dantas de Macêdo, n. em 27 de abril de 1901.
C — Maria Dantas de Macêdo, n. em 8 de março de 1906.
D — Adáuto de Macêdo Silva, n. em 7 de maio de 1910.
E — Durval Dantas de Macêdo, n. em 24 de dezembro de 1911.
F — José Dantas de Macêdo, n. em 27 de junho de 1914.
G — Estér Dantas de Macêdo, n. em 4 de fevereiro de 1917.
H — Clovis Dantas de Macêdo.

II — Cap. LUIZ GONZAGA DE MACÊDO (*Ioió do Catú*). — N. no municipio de Itapicurú, em 10 de outubro de 1835, c., em 5 de novembro de 1857, c. sua prima Maria Caetana da Silva (*Sinharinha*), filha de Leodegário da Silva Rabêlo, e faleceu já viuvo, a 14 de outubro de 1912. Era da Guarda Nacional e foi juiz de paz de 1870 a 1889 e de 1893 a 1907 e autoridade policial em Itapicurú. Na Monarquia era do Partido Conservador. Filho:

1.º — Leodegário de Macêdo Silva (*Seu Lé*), n. em 9 de janeiro de 1873, c. c. sua prima Joana Ferreira de Macêdo Silva, tendo filhos, como já vimos acima.

III — MANOEL FERREIRA DE MACÊDO. — N. a 28 de março de 1837, c., em 1.as nupcias, com Ana da Silveira Macêdo e, em segundas, com Ana Cardoso de Macêdo. Ambos são falecidos. Filhos:

Do primeiro consorcio:

1.º — Ana de Macêdo Silveira, c. c. Antonio José da Silveira Junior, residentes em Estancia (Sergipe). Pais de:

A — Antônio de Macêdo Silveira, fal. em 16 de junho de 1935.
B — Daria de Macêdo Silveira.
C — Esmeralda de Macêdo Silveira.
D — João Antonio de Macêdo Silveira.
E — Leontina de Macêdo Silveira.
F — Maria de Macêdo Silveira.
G — Francisca de Macêdo Silveira.
H — Antonièta de Macêdo Silveira.
I — Edilberto de Macêdo Silveira.
J — Nizette de Macêdo Silveira.

Digitized by Google

Do segundo consorcio:

2.º — José Cardôso de Macêdo, c. c. Luzia de Lima Macêdo, tendo filhos:

A — Luiza Macêdo Fontes da Silva, c. c. Dr. Alvaro Fontes da Silva, juiz de Direito no Estado de Sergipe, tendo filhos.
B — José de Lima Macêdo.
D — Idibaldo de Lima Macêdo.
E — Louralina de Lima Macêdo.
F — Abelardo de Lima Macêdo.
G — Nadir de Lima Macêdo.
H — Fileno de Lima Macêdo.
I — Edward de Lima Macedo.
J — Ana de Lima Macêdo.
K — Arlete de Lima Macêdo.
L — Maria Elza de Lima Macêdo.

3.º — Antonio Macêdo.

4.º — Alvaro Macêdo, c. c. Maria do Carmo Ribeiro de Macêdo, tendo filhos:

A — Ilsa Ribeiro de Macêdo.
B — Carmen Ribeiro de Macêdo.
C — Norma Ribeiro de Macêdo.
D — Alda Ribeiro de Macêdo.
E — Nair Ribeiro de Macêdo.
F — Iolando Ribeiro de Macêdo.

5.º — Iveta Cardôso de Macêdo.

6.º — Ana Macêdo de Araujo, c. c. Dr. Helvecio Ribeiro de Araujo, advogado, tendo filhos:

A — Zenobia Macêdo de Araujo.
B — Tomires Macêdo de Araujo.

7.º — Laura de Macêdo Ribeiro, c. c. Antonio Ribeiro Sobrinho, tendo filhos:

A — Nilde Macêdo Ribeiro.
B — Nalde Macêdo Ribeiro.
C — Edila Macêdo Ribeiro.
D — Antonio Macêdo Ribeiro.

8.º — Francisco Cardôso de Macêdo, c. c. Laurentina Macêdo.
9.º — Manoel Ferreira de Macêdo.
10.º — Estér Cardôso de Macêdo.
11.º — Maria Eleonôra de Macêdo.
12.º — Ubaldino Cardôso de Macêdo.
13.º — Edite Cardôso de Macêdo Araujo, c. c. o Dr. Artur Araujo.

IV — ANA FRANCISCA DE MACÊDO SILVEIRA, n. em 8 de julho de 1838, c. c. Antonio José da Silveira, já falecidos. Residiam em Estancia (Sergipe). Filhos:

1.º — Ana de Macêdo da Silveira Cardôso, c. c. Aristides da Silveira Cardôso, tendo filhos:

A — Antonio Cardôso da Silveira.
B — João Cardôso da Silveira.
C — Ana Cardôso da Silveira.
D — Maria Cardôso da Silveira.
E — Adelaide da Silveira Lins, casada.
F — Idalina Cardôso da Silveira, c. c. seu primo José Ferreira de Macêdo, já falecido, sem descendência.
G — Elvira Cardôso Brasil, c. c. Antonio Brasil, já falecido, sem descendência.
H — Osmundo Cardôso da Silveira.

2.º — Maria de Macêdo Silveira Nunes, c. c. Joaquim Nunes, tendo filhos:

A — Maria Silveira Nunes Lins.
B — Elisio Silveira Nunes.
C — Trajano Silveira Nunes.
D — Amerina Silveira Nunes.
E — Arlinda Silveira Nunes.
F — Laura Silveira Nunes.
G — Anita Silveira Nunes.
H — Isaura Silveira Carvalho.
I — Pequenita Silveira Nunes.
J — Odete Silveira Nunes.

Digitized by Google

3.º — Antonio José da Silveira Junior, c. c. sua prima Ana de Macêdo Silveira, cuja descendência já vimos.

4.º — Agripino de Macêdo Silveira, c. c. Luiza Calasans da Silveira. E' falecida. Filhos:

A — Agenor Silveira.
B — Arlinda Silveira Carvalho.
C — Alaíde Calasans Silveira.
D — Aloisio Calasans Silveira.
E — Almerinda Calasans Silveira.
F — Adolfina Calasans Silveira.
G — Argentina Calasans Silveira.
H — Adolfo Calasans Silveira.
I — Amenaide Calasans Silveira.

5.º — Ernestina de Macêdo Silveira Cardôso, c. c. Ramiro da Silva Cardôso, já falecido, sem descendência.

6.º — Francisco de Macêdo Silveira, c. c. Ananisia Silveira Cardoso. Filhos:

A — João Silveira.
B — Francisco Silveira Filho.
C — Alizi Cardôso Silveira.
D — Rizio Cardôso Silveira.
E — Zenith Cardoso Silveira.
F — Ernani Cardoso Silveira.

7.º — Dejanira de Macêdo Silveira Costa, c.c. João Domingues da Costa, o quel é falecido. Filhos:

A — Isaurina da Costa Guimarães.
B — Eunice da Costa Guimarães.
C — Alceu Silveira Costa.
D — Anita Silveira Costa.
E — Antonio Silveira Costa.
F — Guiomar Silveira Costa.
G — Laurentina Silveira Costa.
H — Dejanira Silveira Costa Filha.

8.º — Asteria de Macêdo Silveira Lima, c. c. Alipio Epifânio Lima, tendo filhos:

A — Mariêta Silveira Lima e Silva.
B — Josafá Silveira Lima.
C — Ana Silveira Lima.
D — Juliêta Silveira Lima.
E — Lindaura Silveira Lima.
F — Eládio Silveira Lima.
G — Adelson Silveira Lima.

9.º — Manoel Macêdo Silveira, casado. Filhos:

A — Blandina da Costa Silveira.
B — Maria Vitoria Silveira.
C — Maria Emilia Costa Silveira.
D — Maria de Lourdes Silveira.
E — Miguel Costa Silveira.

10.º — Elisiario de Macêdo Silveira, c. c. Anota Ribeiro Silveira, tendo filhos:

A —Anete Ribeiro Silveira Ferreira, c. c. Arnaldo C. Ferreira, em 8-I-1927.
B — Acrisio Ribeiro Silveira.
C — Arquibaldo Ribeiro Silveira.
D — Arlindo Ribeiro Silveira.

§ 5.º

Cap. ANTONIO FERREIRA DE BRITO. — N. em 12 de março de 1806, c. c. sua prima Cristina Moreira da Silva, filha do Cap. Domingos Alvares Moreira, e faleceu, em Santana do Catú, a 10 de maio de 1853. Era da Guarda Nacional. Filhos:

I — Cap. DOMINGOS FERREIRA DE BRITO. — N. a 18 de Maio de 1833, faleceu a 25 de janeiro de 1876. Era da Guarda Nacional, nom. em 29 de março de 1859. Politico conservador, foi juiz de paz, suplente de juiz municipal e autoridade policial no municipio de Pombal, onde residia.

II — Tte. Cel. FRANCISCO FERREIRA DE BRITO (*Brito*). — N. em 10 de setembro de 1834, faleceu a 26 de dezembro de 1899, tendo ocupado, dentre outros cargos, nos municipios de Pombal e Amparo, os de vereador, juiz de paz e autoridade policial. Neste último foi intendente municipal no regime republicano. Era da Guarda Nacional e, na Monarquia, prestigioso chefe conservador. Foi c. c. Maria Moreira, não deixando filhos do casal.

Digitized by Google

III — MARIA FERREIRA DE BRITO, que foi c. c. seu primo Cap. José Inácio Dantas de Brito (*Casusé*) e faleceu em 26 de fevereiro de 1888, deixando descendência. (Vide "Revista Genealogica Brasileira", n. 2, págs. 384 a 386.)

IV — ANA FERREIRA DE BRITO OLIVERA, c., em 15 de novembro de 1856, c. o Tte. Cel. Antonio Joaquim de Faria Oliveira, falecendo ambos em 1877. Filhos:

1.º — Próspero Ferreira de Faria Oliveira (1), n. em 22 de junho de 1863, c., em primeiras nupcias, com Zulmira Hora de Oliveira, falecida em 18 de março de 1926, e, em segundas nupcias, com Amelia de Faria Oliveira. Ocupou cargos publicos em Riachão, Estado de Sergipe, dentre os quais os de intendente, duas vezes, e conselheiro municipal durante muitos anos, e faleceu em 20 de novembro de 1930. Filhos:

Do primeiro consorcio:

A — Antonio Hora de Oliveira, n. em 5 de março de 1897, c. c. Nenete Fontes de Oliveira, falecida em 22 de fevereiro de 1927. Filhos: a) Cibéle; b) Luciano; c) Livia Fontes de Oliveira.

B — Maria da Puresa Hora de Oliveira, n. em 11 de abril de 1898, c. c. seu primo Dr. Lauro Dantas Hora, tendo filhos. (Vide "Revista Genealógica Brasileira", n. 2., pág. 397 e 398.)

C — Francisco Hora de Oliveira, funcionário do Telégrafo Nacional, n. em 21 de julho de 1899, c. c. Guiomar Hora de Oliveira, tendo filhos: a) Iolanda.

D — José Hora de Oliveira, n. em 26 de setembro de 1900, c. c. Nani Hora de Oliveira, tendo filhos: a) Laudelina e outros.

E — João Hora de Oliveira, n. em 22 de dezembro de 1907.

F — Dr. Nelson Hora de Oliveira, n. em 11 de fevereiro de 1901, formado em Medicina pela Faculdade da Baia, em dezembro de 1934.

(1) Prospero Ferreira de Faria e Oliveira

(2) Dr. João Ferreira de Faria e Oliveira

2.º — Dr. João Ferreira de Faria Oliveira (2). Formado pela Faculdade de Direito de Recife em 1890, foi promotor público, juiz municipal e de direito da comarca de Guararú e juiz de direito da Vila Nova, no Estado de Sergipe. Faleceu solteiro.

3.º — Clarimundo Ferreira de Faria Oliveira, que cursou o seminário da Baía até as proximidades de receber ordens sacras, foi casado e faleceu em Minas Gerais, deixando filhos.

Digitized by Google

4.º — Rosentino Ferreira de Faria Oliveira, que foi coletor geral em Riachão (Sergipe), c. c. Maria Freire de Oliveira e faleceu, deixando filhos:

A — Renato Freire de Oliveira.
B — Aloisio Freire de Oliveira.
C — Helio Freire de Oliveira.
D — Mário Freire de Oliveira.

5.º — Evencia Faria de Oliveira Menezes, c. c. o Cel. Paulo Cardoso de Menezes Góis, político conservador, deputado provincial em Sergipe e presidente da respectiva Assembléia. Filhos:

A — Evencia de Oliveira Brito, c. c. seu primo Domingos Ferreira de Brito, tendo filhos, como adiante veremos. E' falecida.

B — Ana de Oliveira Brito, c. c. seu primo Domingos Ferreira de Brito, tendo filhos, como adiante veremos.

C — Antonio Cardoso de Menezes, negociante.

D — Maria Cardoso de Oliveira e Silva, c. c. Manoel da Costa e Silva, falecida sem descendência.

V — Tte. Cel. Antonio Ferreira de Brito (*Ferreirinha*) (3). — Casou-se c. Josefa Soares de Brito, filha do Tte. Cel. Antonio Soares Monte Santo, em 28 de novembro de 1868, e faleceu a 4 de setembro de 1904. Politico no municipio de Pombal, aí foi autoridade policial, vereador, conselheiro municipal e intendente, filiado, na Monarquia, ao Partido Conservador, do qual era acatado chefe nesse municipio. Sua mulher tambem é falecida. Deixou numerosa prole:

(3) Cel. Antonio Ferreira de Brito

(4) Des. Benigno Dantas de Brito.

1.º — Alferes Antonio Ferreira de Brito Filho, n. em 19 de Junho de 1870, c., em primeiras nupcias, c. Eleonôra de Almeida Brito, e, em segundas, com Candida Albano de Brito. Faleceu em 16 de março de 1912. Era do exército nacional e fez a campanha de Canudos na brigada do General Savaget. Filhos:

Do primeiro consorcio:

A — Houri Leonôr Ferreira de Brito, falecido em 1914.

Do 2.º consorcio:

B — Antonio Albano de Brito, falecido em 13 de agosto de 1934.
C — Pedro Albano de Brito.
D — Maria Albano de Brito Silva, c. c. Almiro Silva, funcionário Federal, tendo filhos.

Digitized by Google

2.º — Licério Ferreira de Brito, n. em 24 de agosto de 1871, c. c. Mariana da Gama Brito, tendo filhos:

A — Raimundo.
B — Estér.
C — Antonio.
D — José, falecido.
E — Maria.

3.º — Rogaciano Ferreira de Brito (*Dantinhas*), n. em 26 de Outubro de 1872. c. c. a professora Maria de Macêdo Vieira de Brito (*Sinhá*), ocupou varios cargos publicos em Pombal, inclusive o de intendente municipal, e faleceu a 9 de novembro de 1914. Filhos:

A — Cirurgião Dentista Antonio Vieira de Brito, formado pela Faculdade da Baía em 1929.

B — Engenheiro Osvaldo Vieira de Brito, formado pela Escola Agricola da Baía, em 24 de outubro de 1931, casado.

C — Prof.ª Adalgisa Vieira de Brito, formada pela Escola Normal da Baía, em 7 de dezemebro de 1929, tem regido as escolas de Igreja Nova, Serapuí, Mirandéla, Pombal e Alagoinhas.

4.º — Maria Ferreira de Brito Costa (*Iaiázinha*). — N. em 18 de dezembro de 1873, c. c. Pedro Alexandrino da Costa, faleceu, já viuva, em 6 de junho de 1929. Filhos:

A — Cecilia de Brito Costa, c. c. Manoel Bento dos Reis, faleceu, deixando cinco filhos:

B — João de Brito Costa, c. c. Maria da Gama Costa, sem filhos.

C — Pedro de Brito Costa, c. c. sua prima Alice Dantas da Costa, filha do Cap. Francisco Barrêto Dantas, tendo filhos, como já vimos, no § 3.º, n. 2, letra J.

D — Mariêta de Brito Costa, falecida.

E — Dr. Joaquim de Brito Costa, formado em 1920 pela Faculdade de Medicina da Baía, c. c. Jesolina de Brito Costa, tendo três filhos. E' clinico em Fernando Prestes (S. Paulo).

F — Teresa de Brito Costa Moreira, c. c. Benevides Dias Moreira (*Sinhô*), tendo filhos: a) Antonio, n. a 30 de abril de 1921; b) Maria, n. a 18 de junho de 1922; c) João, n. a 21 de junho de 1923; d) José, n. a 5 de agosto de 1924; e) Joaquim, n. a 30 de janeiro de 1926; f) Maria de Lourdes, n. a 5 de abril de 1927; g) Edméa, n. a 2 de junho de 1929; h) Pedro, n. a 8 de março de 1930; i) Zélia, n. a 12 de maio de 1935; j) Getúlio, n. a 12 de janeiro de 1937; k) Osvaldo de Brito Moreira, n. a 16 de abril de 1938.

G — Prof.ª Josefa de Brito Costa Dias (*Zazá*), formada pela Escola Normal da Baía, c., em primeira nupcias, com o Cel. Francisco da Costa Pinto Dias (*Ioiô*), falecido em 5 de maio de 1934, e, em segundas, a 2 de dezembro de 1935, com o Dr. João Barbosa de Oliveira. Filhos: Do 1.º consorcio: Helio José da Costa Pinto Dias; e do segundo consorcio uma filha.

H — Antonio de Brito Costa, c. c. sua prima Prof.ª Adélia Francisca da Silva, em 19 de março de 1938. Foi sub-prefeito de Pombal.

I — José de Brito Costa, falecido.

J — Padre Dr. Benigno de Brito Costa, ordenado em agosto de 1929, pelo Seminário de S. Paulo, e doutorado em Teologia e Direito Canônico pelo Colégio Pio Latino-Americano (Roma), em 1937. E' lente do Seminário de S. Paulo.

5.º — Ana Ferreira de Brito Silva (*Mocinha*), n. em 24 de agosto de 1875, c. c. seu primo Tomás Rodrigues da Silva (*Barbosa*), o qual faleceu em 1928, tendo sido presidente do Conselho e intendente municipal de Amparo. Filhos:

A — Pedro Ferreira da Silva (*Maninho*), c. c. sua prima prof. Inácia Ferreira da Silva, já falecida, tendo um filho: José Carlos, falecido em janeiro de 1938.

B — José Ferreira da Silva, falecido, quando estudante do "Colégio Pio Latino-Americano.

C — Prof.ª Ana Ferreira da Silva (*Donaninha*), formada pela Escola Normal da Baía, em 1915, tem regido escolas em Tapéra do Lima, Cicero Dantas e Rio Real, onde ora se encontra.

D — Prof.ª Maria Ferreira da Silva Sales, formada pela Escola Normal da Baía, em 1924, tem regido escolas em Geremoabo, Cipó e Pombal. Casou-se, em 1928, com Oscar Ribeiro de Sales, tendo quatro filhos.

Digitized by Google

E — Prof. Alzira Ferreira da Silva Barros, formada em 1927, pela Escola Normal da Baía, tem regido escolas em Amparo, Varginha, Bôa-Hora e Cajueiro. Casou-se com Próspero Bacelar de Barros, tendo filhos: a) Célia; b) Tomás Hélio.

F — Antonio Ferreira da Silva, fal. menor.

G — Prof.ª Antonieta Ferreira da Silva Almeida, c. c. Osvaldo Almeida. Formada pela Escola Normal da Baía, em 1928, é funcionária do Departamento de Educação da Baía, tendo regido a escola de Varginha. Filhos: a) Arí; b) Terezinha.

H — Prof.ª Maria de Lourdes Ferreira da Silva, formada pela Escola Normal da Baía, é regente da escola de Vila Velha, M. de Itapicurú.

6.º — Josefa Ferreira de Brito (*Iaiá Dona*), n. em 21 de setembro de 1876, c. c. seu primo Inácio Dantas de Brito, sem descendência.

7.º — Domingos Ferreira de Brito (*Brito*). — N. em 20 de dezembro de 1877, c., em 1.as nupcias, com sua prima Evencia de Oliveira Brito, e, em segundas, com sua prima Ana de Oliveira Brito, ambas filhas do Cel. Paulo Cardoso de Menezes Góis. Tem exercido varios cargos no M. de Pombal, onde reside e goza de prestigio, como: suplente de juiz municipal, conselheiro municipal, delegado de polícia, prefeito no bienio 1918-1919 e de 19 de setembro de 1933 a 30 de setembro de 1935. Filhos:

Do 1.º consorcio:

A — Maria Pureza de Oliveira Brito, c. c. Antonio Atilâno da Costa, em junho de 1934, tendo filhos: a) José Hélio; b) Raimundo.

B — Paulo Cardôso de Oliveira Brito (*Cardôso*), que já ocupou os cargos de prefeito e delegado de polícia de Pombal. Casou-se com America do Passo Brito, em Junho de 1930, tendo filhos: a) Domingos Newton; b) Nilza; c) Nilson.

C — Dr. Antonio Ferreira de Oliveira Brito (*Oliveira*), n. em 8 de outubro de 1908, formou-se pela Faculdade de Direito da Baía, em 9 de dezembro de 1933. Exerceu a advocacia; foi prefeito de Pombal, de 30 de setembro de 1935 a 30 de março de 1936; pretor dos Termos de Alcobaça, nom. em 17 de abril de 1936, e Cicero Dantas, removido em 28 de agosto seguinte. E' juiz de Direito de Geremoabo. Casou-se com sua prima Edite Silva de Oliveira Brito, em 30 de setembro de 1935, tem filhos: a) Evencia Mariuche, n. em 27 de agosto de 1936.

Do 2.º consorcio:

D— João Ferreira de Oliveira Brito.

E — Adelino de Oliveira Brito.

F — Evencia de Oliveira Brito, c. c. seu primo José Domingues de Brito e Silva, em 10 de janeiro de 1937.

G — Maria Guadelupe de Oliveira Brito.

H — Josefa de Oliveira Brito.

I — Emanuel de Oliveira Brito.

8.º — Cecilia Ferreira de Brito Macêdo, n. em 26 de agosto de 1880, c. c. seu primo João Dantas de Macêdo e faleceu em 22 de dezembro de 1912, deixando descendencia. Seu marido faleceu no mesmo ano. Vide "Revista Genealógica Brasileira", n. 2, pág. 384.

9.º — Maria Ferreira de Brito Rabêlo (*Iaiá*), n. em 22 de janeiro de 1885, c., em 1.as nupcias, c. José Domingues da Silva Neto, falecido, e, em 2.as, c. Artur da Silva Rabêlo, tendo filhos:

Do 1.º consorcio:

A — Antonio de Brito e Silva, inspetor de seguros.

B — Maria de Lourdes de Brito e Silva, c. c. Sebastião Araujo Gomes de Azevedo, funcionário postal-telegráfico.

C — Nair de Brito e Silva.

D — Edite Silva de Oliveira Brito, c. c. seu primo Dr. Antonio Ferreira de Oliveira Brito, como já vimos.

E — Agenor de Brito e Silva, c. c. sua prima Odete Dantas de Brito Fontes. Foi adjunto de promotor e delegado escolar em Amparo. Tem um filho: José Wilson.

F — José Domingues de Brito e Silva, que foi vereador municipal em Pombal, e c. c. sua prima Evencia de Oliveira Brito, em 10 de janeiro de 1937.

G — Clarice de Brito e Silva.

Digitized by Google

Do 2.º consorcio:

H — Arturzito de Brito Rabêlo, n. em 13 de setembro de 1923.
I — Avaní de Brito Rabêlo, n. em 5 de outubro de 1924 .
J — Ivandir de Brito Rabêlo, n. em 24 de fevereiro de 1927.
K — Houri de Brito Rabêlo, n. em 5 de abril de 1929.

10.º — João Ferreira de Brito (*Iôiô*), n. em 6 de outubro de 1886, c. c. Beatriz Jacobina Vieira, filha do dr. Justiniano Cezar Jacobina Vieira. Foi delegado de polícia, intendente municipal de 1924 a 1927, e presidente do Conselho Municipal de Pombal, em varias legislaturas. Filhos:

A — Antonio Jacobina de Brito.
B — Deraldo Jacobina de Brito.
C — Lourival Jacobina de Brito.
D — Marieta Jacobina de Brito.
E — Julièta Jacobina de Brito.
F — Justiniano Jacobina de Brito.
G — Reinaldo Jacobina de Brito.
H — Josefa Jacobina de Brito.
I — Maria Jacobina de Brito.
J — Milton Jacobina de Brito.
K — Terêsa Jacobina de Brito.

11.º — Ana Ferreira de Brito Gama (*Sinharinha*), n. em 16 de dezembro de 1887, c. c. Benjamim Fernandes da Gama, tendo filhos:

A — Manoel de Brito Gama.
B — Silvia de Brito Gama, c. c. José Dantas de Almeida, tendo 2 filhos.
C — José de Brito Gama.
D — Benjamin de Brito Gama.
E — Maria de Lourdes de Brito Gama.
F — Rita de Brito Gama.
G — Antonio de Brito Gama.
H — Dermeval de Brito Gama.
I — José de Brito Gama.

12.º — Alzira Ferreira de Brito Avila, n. em 6 de Abril de 1889, c. c. Elias de Sousa Avila, tendo filhos:

A — João de Brito Avila.
B — Elias de Brito Avila.
C — Maria de Lourdes de Brito Avila.
D — Maria Odete de Brito Avila.
E — Maria Hilda de Brito Avila.
F — Alzira de Brito Avila.
G — Maria Valdete de Brito Avila.

13.º — Joaquim Soares de Brito (*Quincas*), n. em 15 de agosto de 1890, c. c. Rita da Gama Brito.

14.º — Bédo Ferreira de Brito, n. em 13 de janeiro de 1892, c. c. Alzira Moreira da Costa Brito. Foi intendente municipal e delegado de polícia de Soure, e prefeito da Vila Rica, nomeado em 5 de maio de 1934. Faleceu em 1939.

Filhos:

A — José da Costa Brito.
B — Carlito da Costa Brito.
C — Maria Eunice da Costa Brito, c. c. Arsenio Alves de Sousa, capitão da Policia Militar da Baía, tendo filhos: a) Fernando; b) Climerio de Brito Soisa.
D — Genolina da Costa Brito.
E — João da Costa Brito.
F — Maria de Lourdes da Costa Brito.
G — Antonio da Costa Brito.

15.º — Terêsa Ferreira de Brito Fontes, n. em 30 de Julho de 1893, c., em 20 de fevereiro de 1912, c. seu primo Francisco Dantas Martins Fontes, falecido em 9 de março de 1924. E' falecida, deixando filhos:

A — Davi Dantas de Brito Fontes, c. c. ....., em 1938.
B — Prof.ª Celina Dantas de Brito Fontes, formada em 1934, pela Escola Normal da Baia, tem regido as escolas de Lagôa Préta, Escondida e Paripiranga, onde ora se encontra.
C — Odete Dantas de Brito Fontes, c. c. seu primo Agenor de Brito e Silva, como já vimos.
D — Nivalda Dantas de Brito Fontes.
E — Vandete Dantas de Brito Fontes Gois, c. c. o Dr. Belmiro de Góis, promotor público de Anápolis, Sergipe.
F — Clovis Dantas de Brito Fontes.

Digitized by Google

16.º — Prof.ª Silvia Ferreira de Brito, n. em 18 de dezembro de 1894, formada pela Escola Normal da Baía, em 1915, c. c. José Dantas da Silva Brito a 17 de dezembro de 1921 e falecida em 31 de dezembro de 1929. Seu marido morreu em 1937. Filho: a) Haydée. Silvia foi professora em Pombal.

§ 6.º

Tte. Cel. GONÇALO DANTAS DE BRITO. — N. em 2 de agosto de 1808, c. c. Francisca Sergia de Oliveira Dantas, faleceu em 26 de janeiro de 1867. Era da Guarda Nacional e, além doutros, ocupou os seguintes cargos: diretor dos indios da comarca de Itapicurú e coletor da vila de Pombal, nom. em novembro de 1861. Era político liberal. Sua mulher fal. em 13 de maio de 1904. Filhos:

I — Des. BENIGNO DANTAS DE BRITO (4). — N. em 21 de agosto de 1845, no município de Itapicurú, formou-se na Academia de Direito de Recife, em 1869, abraçando logo a magistratura. Foi adjunto de promotor publico de Pombal, juiz municipal e de órfãos de Campos (Sergipe), juiz de direito de Cucuí (Amazonas) e de Pindamonhangaba (S. Paulo), donde foi removido em 12 de janeiro de 1884, para Itapicurú e a 21 de janeiro de 1891, para Barra de Sergipe do Conde, ambas no Estado da Baía. Organizada a magistratura estadoal baiana, teve nomeação em 1892 para desembargador do Tribunal de Apelação e Revista, aposentando-se em 1897. Em situações liberais ocupou, na Monarquia, os lugares de chefe de policia das Provincias do Amazonas, Espírito Santo e S. Paulo. Intendente Municipal de Itapicurú, no quatrienio 1904-1907 e no bienio 1916-1917, aí faleceu, solteiro, a 17 de setembro de 1918.

II — CELINA DANTAS DE BRITO FONTES. — N. em novembro de 1846, c. c. o Tte. Cel. Daví de Góis Martins Fontes, tabelião em Lagarto (Sergipe) e faleceu, viuva, em 30 de setembro de 1912, deixando filhos:

(5) Des. José Dantas Martins Fontes.

(6) Cap. Francisco Barrêto Dantas.

1.º — João Dantas Martins Fontes, falecido menor.

2.º — Des. José Dantas Martins Fontes (5). — N. a 8 de dezembro de 1869, na fazenda "Sitio", então Municipio de Pombal e hoje de Cipó, formou-se em Direito na Faculdade de Recife, em 11 de dezembro de 1893. Dedicou-se à magistratura, da qual sempre fez parte, ocupando os seguintes cargos: promotor público em Minas do Rio de Contas, nomeado em 24 de abril de 1894; juiz preparador de Minas do Rio de Cantas, nomeado em 31 de janeiro de 1895; juiz preparador da Capital, nomeado em 8 de agosto de 1895; juiz de direito de Maracás, nomeado em 21 de julho de 1899, de Salinas e de Bom

Digitized by Google

Conselho, removido para esta em 1903; desembargador do Tribunal Superior de Justiça, nomeado em 11 de Outubro de 1913. Faleceu em 26 de novembro de 1926, sendo sepultado no cemitério do Campo Santo. Escreveu, além da tése de concurso: "Manual do Contratante" e "Bens do Evento".

3.º — Mariana Dantas Martins Fontes, falecida.

4.º — Francisco Dantas Martins Fontes, c. c. sua prima Terêsa Ferreira de Brito Fontes, filha do Cel. Antonio Ferreira de Brito, faleceu em 9 de março de 1924. Sua mulher é falecida. A descendencia deste casal já vimos no § 5.º, vol. n. 15.

5.º — Digna Dantas Martins Fontes, falecida.

§ 7.º

Tte. JOÃO DANTAS DE BRITO. — N. em 14 de novembro de 1811, c. c. Maria Barreto de Vasconcelos Brito, faleceu a 28 de novembro de 1857. Foi nomeado para a Guarda Nacional em 15 de janeiro de 1841 e, dentre outros lugares, desempenhou o de vereador municipal em Itapicurú no quatrienio 1845-1848. Sua mulher faleceu em 21 de março de 1887. Filhos:

I — Cap. FRANCISCO BARRÊTO DANTAS (*Chico Dantas*) (6). — N. no municipio de Itapicurú, em 15 de abril de 1852, c. c. sua prima Vicencia da Silva Dantas, em 26 de fevereiro de 1876 e faleceu, a 8 de julho de 1917, deixando numerosa prole como já vimos no § 2.º, n. I, 2.º. Era da Guarda Nacional. No regime monárquico pertenceu ao Partido Liberal, tendo ocupado varios cargos em Itapicurú, inclusive o de delegado de policia, e no republicano, foi intendente municipal e delegado de policia de Soure. Residia na fazenda "Paiaiá". Sua mulher faleceu em 22 de Setembro de 1918.

II — Padre JOÃO DANTAS DE BRITO (7). — N. em 2 de dezembro de 1853, cantou missa nova em Itapicurú, no ano de 1877, e faleceu a 6 de junho de 1881, no lugar de diretor do "Colégio dos Orfãos de S. Joaquim", na Baía. Foi, tambem, capelão da "Casa de Prisão com Trabalho".

(7) Padre João Dantas de Brito.

(8) Cel. José da Silva Rabêlo.

DESCENDÊNCIA

de *Josefa Francisca dos Reis*, que foi c. c. seu primo *Cap. José Bernardo Leite*, nascendo desse consorcio: Tte. Cel. Manoel Gonçalves Leite, c. c. Joana Gonzaga Leite; e Maria Francisca de Sousa, c. c. Leodegário da Silva Rabêlo.

Digitized by Google

§ 1.º

Tte. Cel. MANOEL GONÇALVES LEITE. — N. no município de Itapicurú, aí foi vereador no período 1829-1832, sendo presidente da Camara em 1831, e juiz de paz em 1841, 1847 e 1874, além de outros cargos que exerceu. Era do Partido Conservador. Nomeado Tenente de milicias, em 18 de dezembro de 1822, passou a Capitão da reserva e a Tenente-Coronel do batalhão n.º 8 da Guarda Nacional. Casado com Joana Gonzaga Leite (*Sinhára*), faleceu em 3 de agosto de 1874; e sua mulher em 30 de Abril de 1888, sepultada em Soure. Residiam na fazenda S. Jerónimo. Filhos:

I — Tte. Cel. JOSÉ GONZAGA LEITE (*Gonzagão*). —. N. no municipio de Itapicurú, em 21 de setembro de 1830, c., em 22 de novembro de 1862, c. sua prima Maria Caetana de Sousa Leite e faleceu, em 19 de abril de 1899. Politico conservador em Itapicurú, aí ocupou os seguintes lugares: vereador municipal de 1873 a 1890; juiz de paz em 1872, 1875 e 1878 e delegado de policia. Era da Guarda Nacional, promovido a Tte. Cel. em 11 de agosto de 1869. Sua mulher faleceu em janeiro de 1927. Filhos:

1.º — Francisco Gonçalves Leite (*Sinhozinho Gonzaga*). — N. em Itapicurú, como todos os seus irmãos, a 24 de agosto de 1863, c. c. sua prima Ana Ferreira de Macêdo, filha do Tte. Francisco Ferreira de Macêdo, em 11 de fevereiro de 1911, a qual faleceu em 10 de julho de 1927. Foi juiz de paz em Itapicurú, de 1904 a 1938. Não tem filhos.

2.º — João Gonzaga Leite, n. em 25 de janeiro de 1867, fal. em 3 de julho de 1931. Foi casado c. sua prima Ana Ferreira de Macêdo, filha do Tte. Francisco Ferreira de Macêdo, a qual faleceu em 30 de março de 1932. Filha:
A — Maria Gonzaga de Macêdo, n. em 14 de junho de 1907, c. c. Antonio da Fonseca Macêdo, a 24 de novembro de 1931, tendo um filho: a) Airton Gonzaga da Fonsêca.

3.º — Maria Gonzaga da Conceição, falecida.

4.º — Manoel Gonçalves Leite, n. em 2 de abril de 1870.

5.º — Joana Gonzaga Leite, n. em 1.º de outubro de 1871, falecida, solteira, em 27 de março de 1907.

6.º — Ana Gonzaga Leite, n. em 18 de fevereiro de 1873, falecida, solteira.

7.º — José Gonzaga Leite (*Zézé*), n. em 21 de agosto de 1874.

8.º — Josefa Gonzaga dos Reis, n. em 27 de dezembro de 1875, solteira.

9.º — Francisca Gonzaga de Sousa Leite, n. em 15 de maio de 1879, c., em 28 de janeiro de 1920, c. Antonio Moreira dos Santos, sem filhos.

10.º — Joaquim Gonzaga Leite (*Quincas*), n. em 16 de janeiro de 1881, c. c. Francisca Hairir de Matos. Foi conselheiro municipal em Itapicurú no periodo 1918-1921, e juiz distrital. Filhos:
A — Maria Caetana de Matos Leite, n. em 9 de fevereiro de 1927.
B — Arlinda Gonzaga de Matos Leite, n. em 27 de março de 1928, fal. em 6 de junho de 1933.
C — Hildete de Matos Leite.
D — Maria Carmen de Matos Leite, n. em 4 de maio de 1932.
E — José de Matos Leite, n. em 8 de setembro de 1933.

11.º — Antonio Gonzaga Leite (*Tota*), n. em 17 de julho de 1882, c. c. Amelia de Almeida Leite. Foi coletor estadoal em Amparo, em Cajueiro, nom. em 31 de julho de 1935 e em Mata de S. João, onde se encontra. Filhos:
A — Olga de Almeida Leite, n. em 25 de outubro de 1921.
B — Valdir de Almeida Leite, n. em 27 de março de 1924.
C — Valmir de Almeida Leite, n. em 25 de julho de 1927.
D — Antonio de Almeida Leite, n. em 14 de agosto de 1930.
E — Aidil de Almeida Leite.
F — Odmar de Almeida Leite.

12.º — Astério Gonzaga Leite, n. em 15 de junho de 1886, c. c. Maria Engracia Gonzaga Leite, em 25 de setembro de 1918. Tem exercido cargos em Itapicurú, como suplente de juiz municipal, de novembro de 1920 a 1922, e autoridade policial. Filhos:
A — Dulcinéa da Silva Leite, n. em 11 de julho de 1921.
B — Wilson da Silva Leite, n. em 22 de dezembro de 1922.
C — Walter da Silva Leite, n. em 18 de março de 1925. E outros.

II — MARIA CAETANA DA SILVA, falecida solteira, em 20 de março de 1865 ou 1875.

III — Cap. LUIZ GONZAGA LEITE, c. c. Francisca Moreira Leite, faleceu em 15 de março de 1910, já viuvo desde 5 de abril de 1909. Residia na fazenda "Soturno". Filhos:

Digitized by Google

1.º — José Gonçalves Leite, fal. solteiro, em 13 de março de 1921.

2.º — Antonio Moreira Leite, c., em 1.as nupcias, a 29 de julho de 1910, c. Maria Ferreira de Macêdo, falecida em 28 de novembro de 1912, e, em 2.as nupcias, c. Ana Alves de Macêdo, a 19 de abril de 1928. Tem uma filha do segundo consorcio:

A — Ana Maria de Macêdo, n. em 23 de setembro de 1929.

3.º — Ana de Sousa Leite.

4.º — João Gonçalves Leite.

5.º — Francisca Gonzaga Leite.

6.º — Manoel Gonçalves Leite, c. c. Joaquina Moreira Leite, em 16 de novembro de 1918. Filhos:

A — Ana Moreira Leite, n. em 14 de março de 1920.

B — Francisca Moreira Leite, n. em 17 de abril de 1922.

C — Mário Moreira Leite, n. em 16 de Outubro de 1923.

D — Nivaldo Moreira Leite, n. em 26 de setembro de 1927.

E — Joaquina Moreira Leite, n. em 18 de outubro de 1928.

F — Dorivaldo Moreira Leite, n. em 25 de julho de 1931.

G — Maria Moreira Leite, n. em 12 de novembro de 1933.

7.º — Josefa Moreira Leite, fal. solteira, em 13 de agosto de 1917.

IV — JOSEFA FRANCISCA LEITE DE MACÊDO (*Iá*) que foi c.c. seu primo Tte. Francisco Ferreira de Macêdo, sendo ambos falecidos e deixando descendentes, como já vimos no § 4.º da descendência de Francisco Ferreira de Brito.

V — ANA FRANCISCA LEITE, falecida solteira.

VI — CLARINDA DOS REIS LEITE, falecida solteira.

VII — MINERVINA FRANCISCA LEITE, falecida solteira em 14 de abril de 1888.

VIII — SIRENA DOS REIS LEITE, falecida solteira, em 9 de junho de 1896.

IX — BELARMINO GONÇALVES LEITE, c. c. Filomena Umbelina de Carvalho, em 2 de junho de 1866. São falecidos. Filho:

A — Maria Belarmina Leite, n. em 27 de abril de 1867, c. c. João Dantas de Carvalho, em 14 de junho de 1914.

§ 2.º

MARIA FRANCISCA DE SOUSA (*Iaiá*), c. c. Leodegário da Silva Rabêlo, faleceu em 1.º de julho de 1877. Seu marido, além doutras funções, desempenhou em Itapicurú as de juiz ordinário em 1831 e morreu a 22 de julho de 1863. Filhos:

I — MARIA CAETANA DA SILVA (*Sinharinha*), c. c. seu primo Cap. Luiz Gonzaga de Macêdo (*Iôiô do Catú*), sendo ambos já falecidos, deixando descendência, como já vimos no § 4.º, n. II, da descendência de Francisco Ferreira de Brito.

II — Cel. JOSÉ DA SILVA RABÊLO (*Amigo*) (8). — N. no municipio de Itapicurú, a14 de abril de 1841, c., em 19 de fevereiro de 1879, c. Joaquina Josefa da Fonseca e Silva e faleceu em 20 de outubro de 1920, já viuvo, desde 15 de abril de 1888. Nom. Capitão da Guarda Nacional em 1871, foi promovido a Coronel Comandante Superior em Itapicurú, a 25 de agosto de 1888. Politico militante, filiado ao Partido Conservador, foi em sua terra, onde gozava de elevado conceito e grande acatamento, 2.º suplente de juiz municipal e de órfãos, e sub-delegado de policia por muitos anos; delegado de policia; vereador municipal de 1860 a 1883, ocupando a presidencia da Camara de 1873 a 1876 e de 1881 a 1883; e conselheiro municipal, de 21 de outubro de 1890 a 31 de dezembro de 1907, ocupando a presidencia do Conselho de 1890 a 1892 e de 1897 a 1899, este ultimo cargo já no regime republicano. Residia em "Canas", Itapicurú. Filhos:

1.º — Maria da Silva Rabêlo, falecida menor.

2.º — Leodegário da Silva Rabêlo, n. em 19 de novembro de 1881, falecido, solteiro, em 24 de janeiro de 1911. Foi conselheiro municipal em Itapicurú, de 1908 a 1911.

3.º — João da Silva Rabêlo (*Joãosinho*). — N. em 10 de dezembro de 1882, foi conselheiro municipal em Itapicurú, de 1911 a 1915. E' funcionário federal.

4.º — José da Silva Rabêlo Filho (*Zezé*). — N. em 7 de novembro de 1884, foi conselheiro municipal em Itapicurú, de 1.º de janeiro de 1916 a 1930; prefeito municipal de 1934 a 1936; vereador, presidente da Camara, de 1936 a 1937.

Digitized by Google

5.º — Artur da Silva Rabêlo, n. em 22 de janeiro de 1886, c. c. Maria Ferreira de Brito Rabêlo, em 29 de novembro de 1922. Foi delegado de policia no extinto M. de Amparo, de 1920 a 1927, e depois sub-delegado; e vereador municipal em Cipó. Tem filhos, como já vimos no § 5.º n. V, da descendência de Francisco Ferreira de Brito.

6.º — Maria Fonsêca da Silva Cavalcante. — N. em 19 de abril de 1887, c. c. seu primo Manoel Macêdo Cavalcante, a 10 de fevereiro de 1915. Filho:
A — Evandro Rabêlo Cavalcante, n. em 8 de setembro de 1930.

7.º — Joaquim da Silva Rabêlo, falecido menor.

III — Alferes JOÃO DANTAS DA SILVA RABÊLO. — N. em 23 de setembro de 1842, c., a 23 de janeiro de 1866, c. Jacinta Josefa Leal e faleceu, sem descendencia, a 29 de outubro do mesmo ano. Era da Guarda Nacional e exerceu cargos publicos em Itapicurú.

IV — JOSEFA FRANCISCA DOS REIS (*Dona*). — N. em 1843, falecida solteira, em 1.º de junho de 1890.

A BURIL

AS DUAS NOBREZAS

Neto de cem avós, de nome conhecido,
Herdeiro de esplendor, da lança e da couraça,
Eu tenho como tu, em cima do apelido,
Tambem o meu brazão e o timbre de uma raça.

Tu mostras de teus pais a histórica estatura,
A semear de glória o chão da heroicidade;
Eu mostro o braço vil da minha *gens* obscura,
A grangear no sólo o pão à humanidade.

E dessa glória até, se se lhe chega ao fundo,
Tambem cada um de nós o espólio arrecada:
Tu dizes — Foi meu pai quem conquistou o mundo,
E eu digo — Foi o meu quem lhe forjou a espada.

Homem de sangue azul! Eu, o vilão provado,
Que quando a vista atrás ao século volvesse,
Não poderia achar nas sombras do passado
Nem um ninho sequer onde meu nome lesse.

De erguida fronte digo: Em coisas de grandeza
Colega, dai-me a mão; tu vales o que eu valho;
A tua vem do rei e chama-se a nobreza;
A minha vem do povo e chama-se o trabalho.

CLAUDIO JOSÉ NUNES

(Publicado às páginas 146 e 147 do Almanaque do *Diário de Notícias* - Baía - para o ano de 1883)

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. Carlos Rodrigues Nogueira, redator d'"A Folha", de Rio Preto:

"... Revista Genealógica Brasileira..." "Confesso que fiquei muito bem impressionado com a mesma, pelo que me sentiria satisfeito se recebesse regularmente os números atrazados e os vindouros, mediante uma assinatura."

Do Dr. Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira, de Goiaz:

"Acuso o recebimento do exemplar do n.º 3 da notavel *Revista Genealogica Brasileira*, cuja leitura proporcionou-me intenso prazer, tanto como os números anteriores."

Digitized by Google

Galeira Biografica

JOÃO GABRIEL SANT'ANNA — Nasceu na cidade de São Sebastião (Estado de São Paulo), a 18 de Março de 1901. Filho de Augusto Flavio Sant'Anna e Gertrudes Borges de Freitas. Neto de Manoel Aprigio de Sant'Anna e Ana de Moura Sant'Anna e de Benedito Ribeirão de Freitas e Maria Borges de Sampaio Freitas. Casou-se em São Paulo (distrito de paz da Sé), a 21 de dezembro de 1929, com Ana Candida Ferreira de Andrade, filha de José Pinto Ferreira de Andrade e d. Joaquina Adell Andrade. Filhos: Laurita Andrade Sant'Anna, nascida a 23 de setembro de 1930 e Sergio Andrade Sant'Anna, nascido a 6 de janeiro de 1934. Residiu em São Sebastião até 11 anos de idade. Veiu para São Paulo e aqui se matriculou no Ginásio do Carmo, que cursou até o 4.º ano. Passou depois para a Escola Normal, onde se formou em 1920. Lecionou na Escola Isolada de Guapira e no Grupo Escolar de Barra Funda. Foi redator do "Jornal do Comércio", do "Estado de São Paulo", da "Folha da Manhã" e outros jornais.

Prof. JOÃO GABRIEL DE SANT'ANA

Fundou o Instituto Propedeutico Paulista, escola que, um ano e meio depois de inaugurada, tinha 360 alunos, e existe até hoje, sob o nome de Faculdade de Comércio São Paulo (Praça da Sé, 58). Ingressou na Prefeitura do Município de São Paulo, em 1926, tendo exercido aí vários cargos, entre os quais o de paleográfo do Departamento de Cultura. Atualmente exerce as funções de secretário da Comissão de Estudos de Transportes Coletivos. Clubes e associações: Associação dos Funcionários Públicos, Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, Instituto Genealógico Brasileiro, Associação Atlética São Paulo, Clube Atlético Ipiranga.

Digitized by Google

MARIO SETTE — Natural de Recife (Estado de Pernambuco), onde nasceu a 19 de Abril de 1886. Fez seus primeiros estudos sob a direção de seu avô materno, sr. Antonio Rufino de Andrade Luna. Ingressou na vida prática como empregado de escritório da Companhia Paulista de Tecidos e depois como ajudante de despachante da Alfândega. Mais tarde, em 1909, tornou-se funcionário público federal, ingressando na Repartição Geral dos Correios. Em 1922, ingressou no Magistério, como professor, primeiro do Colegio S. José, e posteriormente do Ginásio de Recife, do Ginásio Normal Pinto Junior, do Ginásio Vera Cruz e da Faculdade de Ciências e Letras Paula Frassinetti, de Recife. Reside atualmente em Recife, tendo permanecido igualmente em [illegible] tos, no Rio de Janeiro e em Maceió. Exerce atualmente a profissão de funcionário público federal e a de professor. Entre os cargos exercidos mencionam-se: diretor regional dos Correios e Telegrafos de Alagôas (comissão), de 1932 a 1936; chefe dos Serviços Econômicos, D. R. de Pernambuco (1936 a 1941); mandado servir na Fiscalização do Porto em Recife, em 1941, para elaborar uma obra sôbre o Porto e a Cidade de Recife; professor de Historia da Faculdade de Ciências e Letras Paula Frassinetti, de Recife. *Atividade literária* — Tem publicado trabalhos literários e de colaboração, mencionando-se entre aqueles, os seguintes: "Ao Clarão dos Obuzes" (1917); "Rosas e Espinhos" (1918); "Senhora de Engenho" (1921); "Quem vê caras" (1921); "O Palanquim Dourado" (1922); "Velhos Azulejos" (1923); "O Vigia da Casa Grande" (1924); "A Filha de Dona Sinhá" (1924); "Terra Pernambucana" (1925); "Sombras de Baraunas" (1927); "Brasil, Minha Terra" (1928); "As Contas do Terço" (1929); "Moral e Civismo" (1926); "Seu Candinho da Farmácia" (1933); "A Mulher de Meu Amigo" (1933); "Maxambombas e Maracatús" (1935); "Os Azevedos do Poço" (1939); e "Anquinhas e Bernardas" (1941). Tem colaborado nos seguintes jornais e revistas: "Jornal Pequeno" (Recife); "A Pimenta" (Recife); "Fon-Fon" (Rio); "Diário de Pernambuco", "Jornal do Comércio", de Recife; "Jornal de Recife", "Diário da Manhã", de Recife; "D. Casmurro", do Rio; "Revista da Semana", do Rio; "Jornal de Caruarú", "O Caruaruense", "Ilustração Brasileira; "El Suplemento", de Buenos Aires; "Novela Semanal", de Buenos Aires, e muitos outros. *Genealogia* — Filho único de Antonio Sette Junior (Recife, 2-12-1852), c. em Recife a 30-5-1885 c. dona Ana Emilia

MARIO SETTE

Digitized by Google

de Luna Sette (Recife, 26-8-1866). Neto paterno de Antonio Augusto da Camara Rodrigues Sette (Recife, 13-6-1855) e de Felicia Travassos Sette (Recife, 18-7-1830). Neto materno de Antonio Rufino de Andrade Luna (Nazaré, Pernambuco, 18-6-1834) e de Emilia Candida de Melo Luna (Recife). Em Recife, a 29-6-1907, c.c. Maria Laura da Silva Maia (Recife, 19-4-1886), filha de Antonio Bruno da Silva Maia e de dona Francisca Olimpia da Silva Maia. Pais de:

F. 1 — Hoél (Recife, 19-12-1908; f. Recife, 29-5-1912);

F. 2 — Hilton (Recife, 30-7-1911) a 9-12-1933, c.c. Lucia de Carvalho Sette. Pais de:

N. 1 — Hilcia (26-1-1935);

F. 3 — Hoél (Recife, 19-2-1914), a 9-3-1937, c.c. Neusa Antunes Sette. Pais de:

N. 2 — Gisella (3-2-1938);

N. 3 — Antonio Mario (29-7-1939);

N. 4 — Maria da Betania (16-4-1941).

NOTAS — Mario Sette nasceu no mesmo dia em que tambem nasceu sua esposa Maria Laura Maia Sette. Os pais de ambos eram velhos amigos, sendo o pai de Maria Laura, médico da família Sette, "legitimo médico de família", com um caracter de amigo. No dia em que nasceu Mario Sette, o médico (dr. Antonio Bruno da Silva Maia) fôra chamado para fazer o parto de d. Ana Emilia Luna Sette (primipara e unipara). Não pôde atender ao chamado porque sua senhora se encontrava tambem em trabalho urgente de parto. Chamou-se então o dr. Santa Rosa. Mario Sette nasceu às 6 horas da manhã do dia 19 de abril de 1886; Maria Laura nasceu às 19 horas desse mesmo dia. Quando o dr. Bruno Maia viera afinal ver dona Ana Sette, anunciara-lhe em tom de gracejo: "Temos uma menina para casar com o seu menino'. A profecia se realizou a 29 de junho de 1907, quando já não existiam o dr. Maia, o sr. Antonio Sette Junior e dona Ana Emilia Sette. Apenas vivia dona Francisca Olimpia Maia, mãe de Maria Laura.

— O casamento do avô paterno Antonio Augusto da Camara Rodrigues Sette tambem se verificou de modo singular: a 25 de janeiro de 1849, êle saira do povoado Monteiro, a cavalo, em demanda da cidade (Recife), quando, ao passar pelo povoado Parnamirim, recebeu de emboscada um tiro, que não lhe era destinado. Caiu do animal e foi socorrido por uma família conhecida que ali residia (família Travassos). Com um ferimento no ombro, esteve ali uns dias em tratamento e desse convivio nasceu seu amor por uma das moças (Felicia) e com ela veiu a casar-se a 22 de setembro do mesmo ano. Mario Sette guarda fragmentos de ossos extraidos do ombro de seu avô paterno, naquela ocasião do tiro.

— A família proveniente dos Rodrigues Sette e Camara (segundo notas de família), gozava em Portugal de fóros de nobreza conferidos aos seus antepassados, um dos quais foi João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha da Madeira (1418), na qual, conforme informou ao Rei, somente

Digitized by Google

encontrara "camaras de lobos marinhos". Por ocasião da guerra contra o jugo espanhol, um dos ancestrais da família "armou e municiou a sua custa" uma companhia de soldados com a qual muito concorreu para esse fato. Em consequência dessa despesa, a família arruinou-se.

De 1750 a 1800, emigraram para o Brasil três irmãos representantes da família, permanecendo na Metropole a morgada. Dos três emigrados, um se estabeleceu em Pernambuco; outro em São Paulo, e o outro em Mariana, Minas Gerais, que foi Sebastião Rodrigues Sette e Camara. Este último, avô de Sebastião Rodrigues Sette e Camara (mesmo nome), teve carta de nobreza que existia em mãos do neto, o qual aliás, foi homem de letras, tendo traduzido um poema de Byron. De fato o bisavô paterno do biografado casara-se em 19 de outubro de 1809, na Freguezia de Santa Justa, em Portugal, com Maria Tereza do Carmo. Assentou praça em fevereiro de 1809 no Regimento que em Lisboa se formára com o título de "Infantaria de Voluntarios Reais do Comércio" e que saiu da capital de Portugal com destino a Pernambuco, a 23 de setembro de 1810. Viajaram no brigue "Bomfim". Antonio Bernardo Rodrigues Sette chegou a Recife, com a família, a 25 de novembro de 1810.

NELSON CAMARGO — Natural da cidade de São Carlos, Estado de São Paulo, onde nasceu a 5 de Outubro de 1912. Fez seus estudos primários e secundários na Escola Modêlo e Escola Normal de São Carlos, respectivamente, e seus estudos superiores na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, pela qual se formou, a 25 de Janeiro de 1937. Até 1932 residiu em São Carlos, tendo regressado a essa cidade em 1939. Exerce atualmente o cargo de professor secundário da Escola Normal e do Ginásio Diocesano (História e Geografia), de São Carlos, desde 1940. Colaborou no "Correio de São Carlos", de sua cidade natal. É filho de José Ferraz de Camargo e de d. Joana Terra Camargo. Neto paterno de Cesario Ferraz Camargo e de d. Virginia Almeida Matos. Neto materno de João Evangelista Terra e de d. Ambrosina Almeida Mattos Terra. São seus irmãos: Virginia (18 de Novembro de 1913), João (25 de Junho de 1915) e Enéas (21 de Fevereiro de 1918). Em Itapetininga, a 15 de Junho de 1939, c.c. Hebe Santos Prado Camargo, filha de José Joaquim Santos Prado (fal.) e de dona Hortencia Leonel Santos Prado, s.g.

NELSON CAMARGO

Digitized by Google

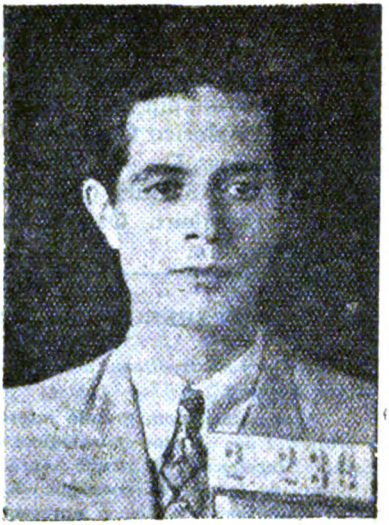
PAULO CRUZ MASCARENHAS TAMM — Natural da cidade de Curvelo (Estado de Minas), onde nasceu a 3 de Maio de 1905 . Fez seus estudos primários no Colegio São José, de Belo Horizonte e seus estudos secundários no Ginásio Mineiro, da mesma capital. Fez seus estudos superiores na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, pela qual se formou em dezembro de 1929. Exerceu o cargo de médico em Curvelo, sua cidade natal, onde tambem foi professor e diretor da Escola Normal. Exerceu ainda sua profissão nas cidades de Mariana e Ouro Preto. Residiu em Belo Horizonte desde 1909 até 1930, de onde se ausentou até 1938, quando aí regressou novamente. Exerce atualmente a profissão de médico em Belo Horizonte. É socio do Instituto Genealógico Brasileiro. Entre as suas produções literárias, menciona-se "A Família Mascarenhas e a Indústria Textil em Minas". É filho do dr. Henrique Simão Tamm (natural do Rio de Janeiro) e de dona Elvira Dinis Mascarenhas Tamm (natural de Curvelo, Minas, 25-2-1869). Neto paterno de Henrique Tamm (natural da Alemanha e fal. no Rio de Janeiro) e de dona Maria Leonidia Andrade Pertence Tamm (natural do Rio de Janeiro e fal. em Minas Gerais). Neto materno de Vitor Mascarenhas (natural de Curvelo, Minas, 24-3-1839) e fal. em Belo Horizonte, em maio de 1936. Seus pais casaram-se em Fazenda de São Sebastião (Curvelo) a 11 de janeiro de 1890. Em Mariana, c.c. dona Ilanda Alves de Almeida, natural de Ouro Preto (Minas), onde nasceu a 15 de novembro de 1908, filha do dr. Carlos Pinto de Almeida e de dona Ana Alves de Almeida. Com 1 filho: Carlos Henrique (Ouro Preto, 3-3-1933).

Dr. PAULO TAMM

POMPILIO MENDES DE CAMARGO — Natural da cidade de Guarapuava, Estado do Paraná, onde nasceu a 1.º de Abril de 1896. Fez seus estudos primários secundários e superiores em Curitiba, tendo-se formado a 6 de Dezembro de 1918. Exerceu o cargo de engenheiro agrônomo do Ministério da Agricultura em Curitiba, Jacarézinho, Ponta Grossa e Jaguariaiva. Exerce atualmente o cargo de Prefeito Municipal da cidade de Palmas, no Estado do Paraná, cargo que assumiu a 8 de agosto de 1940. De 1916 a 1917, colaborou no jornal "O Direito". É filho de Isidio M. Teixeira da Silva e de dona Guilhermina Mendes de Almeida. São seus avós pater-

Digitized by Google

nos, Luiz Teixeira da Silva e dona Maria Luiza Teixeira e avós maternos João de Souza e Almeida e d. Balbina Mendes de Almeida. São seus irmãos: Emiliano, José, Pedro, Honorato, Antonio, Maria, Angela, Idalina e Zeferina, todos nascidos em Guarapuava Estado do Paraná. A 14 de setembro de 1920, em Palmeira, Estado do Paraná, casou-se com dona Inês Vida Camargo filha do sr. Manoel Pires de Araujo Vida e de d. Rosina Cavalcanti Vida, tendo desse consórcio: Glaci, com 16 anos, nascida em Teixeira Soares, a 14-6-1923; Glaucia, com 14 anos, nascida em Palmeira, a 30-9-1926; Gélta, com 12 anos, nascida em Palmeira, a 13-9-1928.



POMPILIO MENDES DE CAMARGO

MARIO MARCONDES LOUREIRO — Natural da cidade de Palmas, no Estado do Paraná, onde nasceu a 3 de Julho de 1902. Fez seus estudos primários na cidade de Passo Fundo, no Estado do Rio Grande do Sul e seus estudos secundários nas cidades de Campinas e de São Paulo, no Estado deste nome. Formou-se pela Escola de Agronomia do Paraná, em dezembro de 1927. Dedicou-se à construção de estradas, mais tarde exercendo o cargo de Prefeito Municipal de Jaguariaiva. Reside em Curitiba desde 20 de junho de 1939, achando-se ali comisionado no cargo de Prefeito Municipal. Tem colaborado em vários jornais e revistas, citando-se entre estes "O Palmense", "Gazeta do Povo", "Expansão Economica" (Curitiba), "Chacaras e Quintais", etc. Faz parte do quadro social de várias entidades, entre as quais "Clube União Jaguariaivense", "Sociedade de Caça e Pesca de Jaguariaiva", "Instituto Genealógico Brasileiro", etc. É filho de Felipe Schel Loureiro (falecido) e de dona Aurora Mar-

MARIO MARCONDES LOUREIRO

Digitized by Google

condes Loureiro (fal.); neto paterno de Antonio José Silva Loureiro (fal.) e de dona Felipina Schel Loureiro (fal.); neto materno de Brasileiro Marcondes Pimpão (fal.) e de dona Inácia do Amaral Marcondes (fal.). Casado com dona Dirce Ficoulat Guimarães, filha do general reformado Teodorico Gonçalves Guimarães (fal.) e de dona Estela Ficoulat Guimarães. Do seu consórcio, realizado em Curitiba a 29 de março de 1930, teve Raquel (29-3-1933 e f. com 8 meses). São seus irmãos: Antonio, Brasileiro, Ondina, Sadí, Felipina, Maria, Julia, Inácio, João, Plinio e Aurora.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. José Bonifacio de Arruda, Juiz de Direito aposentado, autor de "Livro de Minha Familia", 1917:

"Acompanho, com grande interesse, o intenso movimento encabeçado por V. S. a proposito dos estudos genealógicos em nosso paiz e, de um modo particular, de nosso Estado. Receberei, pois, como honra insigne a indicação de meu nome para socio contribuinte do *Instituto Genealógico Brasileiro*, que já se impoz á consideração de todos pelos magnificos estudos já apresentados."

Do Prof. Dr. Lino de Morais Leme, lente catedrático da Faculdade de Direito:

"Fiquei confortado por ver que há uma pleiade que, em São Paulo, trabalha em pról das belissimas tradições da Família Brasileira. E' mistér que se estabeleça uma organização ampla, com esse escopo, e que o Governo dê à mesma todo o prestígio. Como estamos, expondo sem compreensão a Família à ação dos elementos dissolventes, iremos sacrificando, cada vez mais, o elemento afetivo e espiritual, os únicos em que poderemos depositar a esperança de unidade que representa a Família. Aceite os meus mais calorosos parabens, pela sua organização, à qual, na medida de minhas forças, procurarei apoiar, como um dever de todos os brasileiros."

Do Dr. Luiz da Camara Cascudo, do Rio Grande do Norte:

"A revista, como sempre, explendida, orgulhando cultural e materialmente, seu grande e dinâmico diretor."

Do poeta e escritor Mário Linhares, da Academia Carioca de Letras:

"Acabo de receber sua brilhante conferencia *Culto à Mulher*, realizada em 1912. E' uma demonstração de sua velha estima pelas cousas do espírito, das idéas nobres e alevantadas. Não me canso de admirar sua atividade incomparavel para soerguer os estudos genealógicos, entre nós, relegados para um plano inferior e, porque não dizê-lo, de completa indiferença, senão de menos-cabo. Nesse ponto, particularmente, os seus esforços serão, de futuro, devidamente justiçados, apreciados na justa medida. Aceite mais um abraço meu."

Do Dr. Raimundo Girão, historiador, do Ceará:

"Vieram também às mãos os ns. 2 e 3 da Revista, que reputo uma das melhores do Brasil e muito tenho apreciado."

Do revmo. P.e Antonio Fernandes, S. J., Diretor da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, de Pernambuco:

"Acuso o recebimento do atencioso oficio de v. excia. datado de 17-VI-1941, assim como das várias publicações desse benemérito Instituto Genealógico. Os Anuario e a Revista já estão sendo consultados pelas dezenas de estudantes que frequentam diariamente a nossa Bibliotéca. Esperamos que a nossa Congregação merecerá sempre o favor do vitorioso Instituto, remetendo-nos suas publicações."

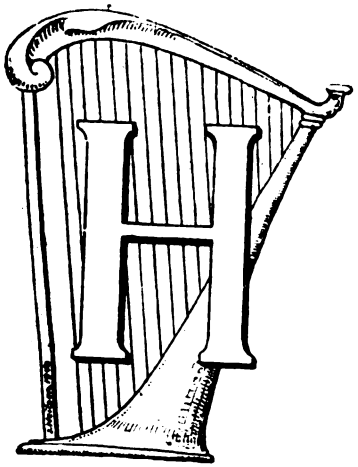
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO RIO DE JANEIRO (ESTADO)

Efemérides historicas

Arvore Genealógica da Familia Carneiro da Silva



José de Lima Carneiro da Silva

A verdadeiro parentesco entre as duas antigas familias Assecas e Azeredo Coutinho, que são muito distintas. "Os Azeredo Coutinho" têm a sua origem no Brasil em Belchior de Azeredo, capitão da Galé "Santiago", que relevantes serviços prestou na fundação do Rio de Janeiro (cidade) sendo o melhor auxiliar de Estacio de Sá e Mem de Sá, como se lê às paginas 406 e 407, 408 e 409, do tomo 5.º da Revista do Instituto Historico do Brasil. Sendo porém o fundador da Familia Azeredo Coutinho o sobrinho de Belchior de nome Marcos de Azeredo Coutinho, descobridor, sendo Capitão das minas das esmeraldas. Dêste Marcos descendem varias familias notaveis, como os que conservam em linha réta os nomes de Azeredo Coutinho, os Pais Leme, os Lemos Coutinho e Pereira Ramos e outros. São seus descendentes o Marquês de Itanhaem; Marquês de S. João Marcos, o Bispo Conde de Argonil, Francisco de Lemos, Conde de Algojur, Bispo de Pernambuco, Evora de Azeredo Coutinho e tambem nós. Eis a arvore genealogica (desse ramo):

1.º — Marcos de Azeredo, casado com D. Maria Coutinho de Mello, entre outros filhos, tiveram:

2.º — Domingos de Azeredo Coutinho e casado com D. Ana Pereira da Cunha, filha de Crispim Pereira da Cunha, professo na ordem de Cristo e Fidalgo de S. M. R. e cunhado de D. Antonio de Mariy, pai de Cecy, heroina do romance "Guaraní" de José de Alencar.

Digitized by Google

3.º — Marcos de Azeredo Coutinho, casado com D. Paula Rangel, entre outros filhos, tiveram:

4.º — D. Catarina de Azeredo Coutinho e Mello que se casou com o capitão Luis de Barcelos Machado (nosso primeiro antepassado que veio para Quissaman, fundador do Morgado) e entre outros filhos tiveram:

5.º — O capitão José de Barcelos Machado, casado com D. Dorotéa Monteiro de Afonseca e tiveram somente:

6.º — O alcaide-mór Caetano de Barcelos Machado, casado com D. Luzia Pinto Pereira de Sampaio, tiveram somente:

7.º — O Mestre de Campo João José de Barcelos Coutinho, casado com D. Francisca Antonia de Velasco Molina e Távora, filha do Coronel José Luis Sayão e tiveram somente um filho o Brigadeiro José Caetano de Barcelos Coutinho e uma filha, que segue:

8.º — Ana Francisca de Velasco Távora, que se casou com o capitão Manoel Carneiro da Silva, que entre outros filhos tiveram:

9.º — José Carneiro da Silva, 1.º Visconde de Araruama, casado com a Viscondessa do mesmo titulo, entre outros filhos tiveram:

10.º — Manoel Carneiro da Silva, Visconde de Ururaí, casado com D. Ana do Loreto Viana de Lima, filha do Duque e Duquesa de Caxias e entre outros filhos tiveram:

11.º — José de Lima Carneiro da Silva, ex-moço fidalgo da antiga Casa Imperial e casado com D. Leopoldina de Araujo Carneiro da Silva, filha dos Viscondes de Araujo, fazendeiros em Macaé, E. do Rio de Janeiro, e segue Historico às paginas 420, trata-se de relevantes serviços prestados pelo Capitão Marcos de Azeredo, ao Brasil colonia.

Quanto à familia dos Viscondes de Asseca, tenho a informar o seguinte: O Chefe de Familia dos Assécas foi o General Salvador Correia de Sá e Benavides, filho de Martim de Sá e foi o principal dono dos campos dos Goitacazes. A donataria dos campos dos Goitacazes foi incorporada à Carôa em 14 de julho de 1753, em razão de um acôrdo feito pela Corôa e o donatario Visconde de Asséca (Luis João Correia de Sá). Junto a lista dos donatarios nos campos dos Goitacazes, membros da Familia dos Assecas:

1.º — O Visconde Martim Carneiro de Sá e Benevides, obteve a donataria em 15 de setembro de 1674; este foi o primeiro Visconde de Asséca, filho de Salvador Correia de Sá e Benevides, restaurador de Angola, o qual por sua vez é filho de Martim de Sá, irmão de Mem de Sá, terceiro Governador do Brasil.

2.º — Salvador Correia de Sá e Benevides, por falecimento do seu pai, obteve a confirmação em 23 de novembro do mesmo ano.

Digitized by Google

3.º — Diogo Correia de Sá e Benevides, obteve a confirmação pelo falecimento do seu irmão em 23 de março de 1827.

4.º — Martim Correia de Sá e Benevides obteve a confirmação pelo falecimento de seu pai em 1748. Fez troca ou permutação da Donataria em 11 de junho de 1753. (Memorias Topograficas dos Campos dos Goitacazes pelo 1.º Visconde de Araruama, páginas 66, 68, da 2.ª edição).

Do nucleo das fazendas dos Viscondes de Asseca, ainda existe a denominada "Fazenda do Visconde", hoje em mão de outros.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

De S. Excia. Revma. Dom Augusto Alvaro da Silva, M. D. Arcebispo da Baía e *Primaz do Brasil:*

"Muito reconhecido, agradeço o envio do *Anuário Genealógico Brasileiro.* Apreciando o explendido trabalho, apresento felicitações."

Do Major Adolfo Pereira Dourado, Secretário do Instituto Histórico do Pará:

"Acabo de receber o 2.º número da Revista Genealógica Brasileira, do 2.º semestre de 1940, que está magnifico. O presado consocio receba minhas felicitações por esse trabalho bastante valioso."

Do escritor e historiador Afonso Costa, presidente da Academia Carioca de Letras:

"Sente-se honrada a incipiente biblioteca desta Academia com a presença da magnifica *Revista Genealógica Brasileira,* uma das melhores contribuições da história do Brasil e que sobre reconstituir a nossa genealogia, se acredita pela elegância da feição, critério de colaboração e rigor de revisão, qualidades raras em publicações semelhantes de nossa imprensa. Os nums. 2 e 3, ora recebidos, dão justas razões para o nosso agradecimento efusivo. Recebei, tambem, os protestos de meu grande apreço individual."

Do Dr. Alfredo Freire, bisneto do Barão de Tietê:

"... n.º 3 da *Revista Genealógica Brasileira*... Apresento-lhe sinceras felicitações pela produção do magnifico trabalho. A *Revista Genealógica,* tal como a vejo neste exemplar, é uma publicação interessantissima, de evidente utilidade, que muito nobilita o seu infatigavel e competente organizador. Rogo inscrever o meu nome entre os dos seus assignantes..." "Felicitando-o, novamente, pelo grande sucesso das suas publicações genealógicas..."

Do Sr. Alvaro Augusto Lopes, n'"A Tribuna", de 4-V-1941, *de Santos:*

"Remettido pelo Coronel Salvador Moya, recebemos o terceiro numero da "Revista Genealógica Brasileira", orgão do Instituto Genealógico Brasileiro, que se edita na capital, sob a direcção daquelle competente genealogista patricio.

Á semelhança dos precedentes, este numero encerra copioso texto relativo á materia, boa collaboração de estudiosos e autoridades conhecidas, destacando-se a parte consagrada a Campos Salles, em commemoração ao primeiro centenario de seu nascimento.

A "Revista Genealógica Brasileira" é uma publicação que honra sobremaneira os nossos fóros de cultura intellectual, prestando grande serviço ao trabalho de investigação historica dos nossos maiores vultos."

Do Tenente-Coronel Dr. Ayrton Lobo, Professor da Escola Militar:

"... seu precioso *Anuário Genealógico,* confessando o desejo de manter com o eminente patricio e a *obra* que dirige, as mais constantes e cordiais relações."

Digitized by Google

REFERENCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES:

Da "Revista da Semana", n. 19, ano XLII, de 10-V-1941:

"Revista Genealógica Brasileira" — publicação do Instituto Genealógico Brasileiro, dirigida por Salvador de Moya — São Paulo, 1941.

As relações entre a Genealogia e a História são á primeira vista menos perceptiveis que as existentes entre a genealogia e a simples biografia. Realmente é indiscutivel fornecer ela dados aos estudos biograficos, muito em voga atualmente, se bem que tambem se possa afirmar contribuirem muito as biografias para os estudos genealógicos.

Entretanto, e aqui aparece o verdadeiro e positivo valor que a genealogia tem para a ciência histórica, ela investiga e pesquiza todos os recantos e miudezas de numerosas vidas humanas, quasi desconhecidas, e completamente desprezadas pelas outras ciências auxiliares da História. Ora, os homens e suas vidas fazem parte da História. Muitas vezes como fatores, outras tantas como produtos, mas o que é indiscutivel é que se eles não existissem tambem não existiria a História.

A genealogia, preocupando-se com uma série infindavel de vidas humanas e tendendo a preocupar-se com todas elas, tem necessáriamente de trazer contribuições à História. E justamente por isso é que Percy A. Martin, da Universidade de Stanford, escreve ao tenente-coronel Salvador de Moya dizendo... "devo frizar a V. S. que essas revistas contêm dados de grande interesse para estudante de história como eu."

As familias estudadas pelos genealogistas apresentam milhares e milhares de individuos, que viveram vida normal, meio apagada e meio puxada pelos fatos. São eles, que não aparecem com destaque em biografias ou nos acontecimentos de sua época, os elementos mais uteis à História entre os fornecidos pela Genealogia. Chega-se ao aparente paradoxo de afirmar que esta ciência é tanto mais auxiliar quanto menos importantes forem os homens estudados por ela. Mas há uma razão lógica para isso — os grandes homens têm suas atividades bem conhecidas sem haver necessidade da Genealogia para isso.

A ciência histórica, que procura conhecer a evolução da vida da humanidade e dos homens através dos tempos, não se preocupa mais unicamente com as grandes datas e as pessôas importantes. Visando analisar e explicar os fenômenos históricos pelos métodos mais ciêntificos e eficientes, ela é obrigada a inquirir e observar os diferentes modos de vida dos milhões de homens que passaram pela terra noutras épocas. Conhecendo-os fica mais fácil explicar a Sociedade e a própria evolução humana.

Só nos resta louvar o esforço dos srs. Salvador de Moya, Mello Nogueira e Toledo Martins, publicando esta revista, que vem obtendo magnifico êxito. Reune o último número mais de 200 páginas, repletas duma esplêndida documentação enviada por estudiosos dos mais diversos pontos do Brasil. É uma revista interessantissima, que se lê com o maior proveito e a máxima satisfação. *M. B.* (1)

(1) Professor Mario Barata.

Da "Revista da Acadêmia Paranaense de Letras", n. 10 (Junho de 1941), pg. 386:

"Revista Genealógica Brasileira" — O n. 3 deste sisudo e utilissimo repositório de estudos históricos, correspondente ao 1.º semestre do ano fluente, está repleto de valiosos estudos da sua especialidade. Incontestavelmente, esta revista, superiormente dirigida pelo Coronel Salvador de Moya, veio preencher uma lacuna bastante sensivel na literatura do país, estando a desempenhar, com muita proeficiência, as suas escarpadas funções."

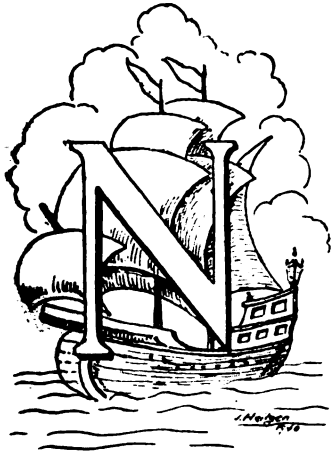
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE S. PAULO (CAPITAL)

Os Corrêas de Sá

(Seculo XVI a XVIII)



F. de Assis Carvalho Franco

No segundo número desta revista, publicou o dr. Alfredo Diaz de Molina, residente em Buenos-Aires, um interessante estudo sôbre os *Corrêas de Sá Benavides*. Desejando conhecer-lhe a fonte, pois tal estudo não está de acôrdo com o que aqui vou dar à publicidade e que acredito, embóra ainda bastante deficiente, esteja no entanto escoimado de muitos erros e enganos, comunicou-me o dr. Diaz de Molina que baseou-se no "Dicionário" de Luis Moréri, edição castelhana de 1753. Quanto à fonte para a genealogia dos Ramirez de Velasco, foi calcada nos arquivos riojanos, tendo o dr. Molina fornecido as respectivas notas ao genealogista dr. Carlos Calvo, que as publicou no 4.º volume do seu conhecido "Nobiliario do Vice-Reinado do Rio da Prata". O documento que o dr. Molina cita à página 463 da Revista mencionada, foi extraído do Arquivo das Indias pelo historiador argentino padre Larrouy, encontrando-se em poder do dito dr. Diaz de Molina. Este culto e brilhante escritor ainda teve a gentileza de me enviar a cópia fotográfica dum retrato a oleo de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que se encontra no Museu Histórico Nacional, de Buenos-Aires e pertencente à doação iconográfica da família de d. Manuel Ricardo Trelles. Neste meu modesto trabalho reproduzo esse retrato, muito semelhante ao que se encontra no Volume III (1841) da Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tambem aqui publico, retrato êsse que foi oferecido ao dito Instituto pelo dr. Euzebio

Digitized by Google

de Queiroz Coutinho Matoso da Camara, cópia de um quadro a óleo existente na então Secretaria do Governo Geral de Angola.

A observar que o que aqui escrevo é um simples ensaio genealogico, capitulo complementar de um estudo mais extenso, intitulado "Os Corrêas de Sá na historia das minas de São Paulo" e já dado à publicidade. Ficarei por isso muito grato aos que quizerem auxiliar-me no aperfeiçoamento desta tentativa, enviando-me aditamentos e corrigendas.

O tronco dos Sás de que procediam os Corrêas de Sá, foi João Afonso de Sá, vassalo de d. Afonso IV e de d. Pedro, o Crú e que foi senhor da Quinta de Sá, honra desta familia e solar.

Este João Afonso de Sá, entre outros filhos, teve a João Rodrigues de Sá, o das Galés, senhor de Séver e alcaide-mór do Porto, que foi pai de Rodrigo Anes de Sá, senhor da Quinta do Crescente, no limite de São Salvador do Campo, em terra de Barcelos, o qual foi casado com d. Teresa de Barros de Miranda, de quem teve a d. Filipa de Sá, que foi casada com João Fernandes de Soutomaior, os quais foram avós de Mem de Sá, governador-geral do Brasil, nomeado por carta régia de 23 de julho de 1556 e que governou até falecer a 2 de março de 1572.

João Fernandes de Soutomaior e d. Filipa de Sá, entre outros filhos tiveram a Rui de Sá Soutomaior, que foi ascendente de Martim de Sá, pai de d. Filipa de Sá, que foi casada com Gonçalo Corrêa, senhor da Quinta de Penabôa, termo de Barcelos [1]. Gonçalo Corrêa foi filho de Rui Vaz Corrêa e pela mesma linha, neto de Duarte Vaz Corrêa e bisneto de Tristão Vaz Corrêa, dos Corrêas, senhores da honra de Farelães [2]. Falecendo d. Filipa de Sá, casou-se em segundas nupcias Gonçalo Corrêa com d. Maria Ramires e teve os seguintes filhos:

Do primeiro casamento:
Salvador Corrêa de Sá, o velho. Capitulo Primeiro.
Do segundo casamento:
Duarte Corrêa Vasques ou Vasqueanes. Capitulo Segundo.
Manuel Corrêa. Capitulo Terceiro.

Capitulo Primeiro

SALVADOR CORRÊA DE SÁ, O VELHO

Salvador Corrêa de Sá, o velho, de quem dou longa noticia no meu estudo acima citado, nasceu na Quinta de Penabôa, termo de Barcelos e veiu em 1557, muito moço, para o Brasil com Mem de Sá, que o cha-

(1) Nobiliário manuscrito de d. Antonio de Lima Pereira — Cópia de José Anes Amado de Azambuja, feita em Coimbra, em 1737 — II, 255-165.
(2) Dom Antonio Caetano de Sousa — Memorias Históricas e Genealógicas dos Grandes de Portugal — Lisbôa, 1755 — 254.

Digitized by Google

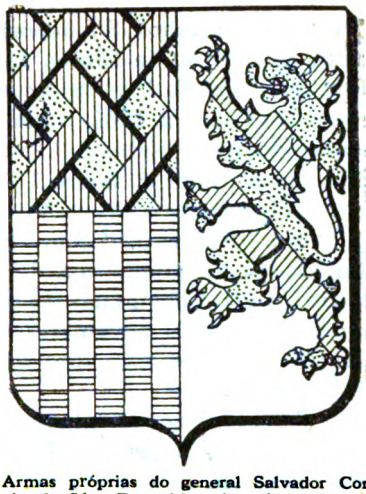
Retrato do general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, segundo cópia de um quadro a óleo existente no Museu Histórico de Buenos-Aires e que nos foi remetida pelo dr. Diaz de Molina.

Digitized by Google

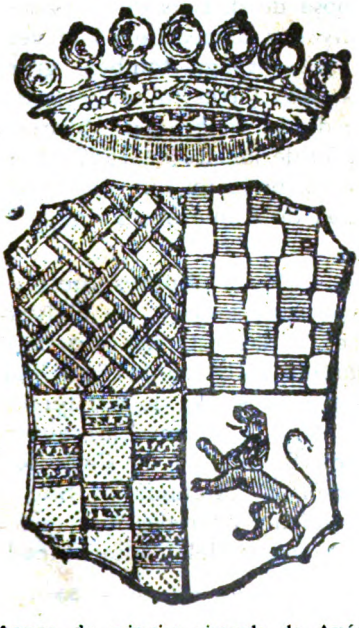
Retrato do general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, reproduzido da Revista Trimensal citada no texto.

Digitized by Google

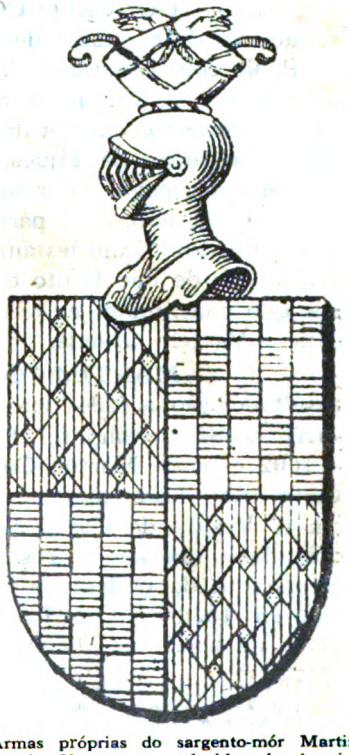
Armas dos Corrêas.



Armas próprias do general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, de acôrdo com dizeres do dr. Diaz de Molina e desenhadas pelo sr. Roberto Thut. O escudo tem dois reis negros por tenantes.



Armas do primeiro visconde de Asséca. **Martim** Corrêa de Sá e Benavides, reproduzidas da obra de d. Antonio Caetano de Sousa, citada no texto.



Armas próprias do sargento-mór Martim Corrêa Vasques reproduzidas do Arquivo Nobiliarquico Português, citado no texto.

Digitized by Google

mava de sobrinho. Só depois do seu primeiro governo no Rio de Janeiro, que durou de 1568 a 1572, foi que se casou, pela primeira vez, em Portugal, com d. Inês de Sousa, de quem fala frei Vicente do Salvador. como heroina, em 1582, a qual faleceu em Lisbôa, depois de 1602, sendo enterrada na Trindade (3). Segunda vez, casou-se Salvador Corrêa de Sá, o velho, com d. Luisa Tibão e falecendo esta tambem, pela terceira vez consorciou-se com d. Vitoria da Costa, filha de Fernão Freire e de d. Branca Freire da Costa. Exerceu o cargo de governador do Rio de Janeiro, pela segunda vez, de 12 de setembro até 1597, tendo sido administrador-geral das minas da repartição do sul, não só neste periodo como tambem de 4 de novembro de 1613 até 1622. Foi cavaleiro do habito de São Tiago e teve fôro de fidalgo da Casa Real em 30 de agosto de 1574 (4).

Faleceu, segundo alguns, em 1631, com cento e um anos de idade, o que parece exagerado. Pelos dizeres de um relatorio sobre minas, escrito pelo seu neto Salvador Corrêa de Sá e Benavides, devia esse falecimento se ter dado em Portugal (5).

Do seu primeiro casamento teve Salvador Corrêa de Sá, o velho, os seguintes filhos:

§ 1.º — GONÇALO CORRÊA DE SÁ. — Fidalgo da Casa Real, capitão-mór da capitania de São Vicente, de 1617 a 1620. Casou-se em São Paulo com Esperança da Costa, filha de F. Machado, de cujo casamento teve a d. Vitoria de Sá, que foi esposa de d. Luis de Cépedes y Xeriá, governador que foi do Paraguai. Salvador Corrêa de Sá, o velho, fundou nas terras da Tijuca, um engenho que abrangia tambem grande zona de Jacarépaguá. Por sua morte todas essas terras foram repartidas entre seus herdeiros e a parte de Gonçalo de Sá coube a d. Vitoria de Sá, que falecendo com testamento escrito a 30 de janeiro de 1667, deixou ao mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, onde foi enterrada, esses bens que constituiam as terras das fazendas de Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande.

§ 2.º — MARTIM CORRÊA DE SÁ. — Todos autores que temos consultado, são acórdes em dizer que a primeira mulher de Salvador Corrêa de Sá, o velho, foi d. Inês de Sousa. Tendo esta falecido depois de 1602 e tendo Martim Corrêa de Sá nascido cerca de 1575, é logico que foi filho deste casamento de Salvador Corrêa e não do seu terceiro, com d. Vitoria da Costa, como escrevem todos esses mesmos autores, copiando-se uns aos outros. Foi Martim de Sá fidalgo da Casa Real. comendador da Ordem de Cristo, capitão-mór da capitania de São Vicente em 1620 e de 1621 a 1622, superintendente de todas materias de guerra da costa meridional do Brasil e do gentio dela, administrador

(3) Frei Vicente do Salvador — História do Brasil — Ed. Weiszflog & Irmãos — São Paulo. 1918, pág. 267. — Antonio Knivet — Narração de Viagem — Rev. Trim. (Revista Trimensal do Instituto Histórico do Rio de Janeiro), XLI, 1.ª, 263. — Alberto Lamego — Terra Goitacá, Bruxelas, 1913-1925, I, 46.

(4) Rev. Trim., III, 100.

(5) Rev. Trim., LXXIII, 1.ª, 9.

Digitized by Google

geral das minas da repartição do sul e governador do Rio de Janeiro, cargo que exerceu por duas vezes, a primeira de 17 de julho de 1602 até pouco depois de 10 de junho de 1608 e a segunda, de 11 de julho de 1623 até a sua morte, em 10 de agosto de 1632. Casou-se com d. Maria de Mendonça Benavides, filha de d. Manuel de Benavides, alcaide-mór e castelão da fortaleza de Santa Catarina da Ilha de Cadiz, mestre de campo de todas as milicias da Andaluzia e reino de Jaen, governador da cidade de Cadiz e de sua mulher d. Cecilia Bourman, filha de Hugo Bourman, conde de Leigh na Inglaterra e prima co-irmã da duqueza de Feria, d. Joana Dormer, mulher do primeiro duque desse titulo, d. Gomes de Figuerôa, a qual era filha de lord Guilherme Dormer e de sua mulher d. Maria Sidney (6). Dona Maria de Mendonça Benavides faleceu a 29 de novembro de 1615 (7). Do seu casamento teve Martim de Sá:

1-1 — Salvador Corrêa de Sá e Benavides. — No nosso citado trabalho "Os Corrêas de Sá na historia das minas de São Paulo", damos minuciosa noticia sobre este ilustre personagem, que segundo as palavras do dr. Diaz de Molina, foi uma figura magnifica do seculo XVII, orgulho da raça latina e da historia do Brasil.

Nasceu êle no Rio de Janeiro cerca de 1601 ou 1602, segundo seus proprios calculos (8). Não foi portanto em 1594 como escrevem todos autores que dele têm tratado e que se baseiam em Moreri ou que leram mal um trecho de monsenhor Pizarro sobre tal assunto. O que esse douto cronista escreveu a respeito foi o seguinte: — "Os senhores castelhanos, ambiciosos de heróis, pretenderam privar o Rio de Janeiro de contar gloriosamente a Benavides entre os seus nacionais, fazendo-o natural de Cadiz, que o vira saír à luz no ano de 1594, governando aquela praça seu avô materno, e donde disseram que fôra roubado por seu pai, aos dez anos de idade, quando passou a governar a capitania do Rio. Moreri no lugar sobredito (Dicionário — vol. III — P. I. L. Corrêa — págs. 452 e segs.). O assento do seu batismo acha-se no livro proprio desses termos, que serviu na Freguezia de São Sebastião da Cidade, e hoje se diz da Sé; por cuja certeza numerou-o Pita entre os governadores do Rio, e de Angola, no catalogo das pessôas naturais do Brasil, que exerceram dignidades, e governos na Patria, e fóra dela" (9).

Pizarro pois não diz que Benavides tenha nascido em 1594, porque não cita a data do assento do batismo. Limita-se a indicar que êle se encontra no livro proprio, da antiga Freguezia de São Sebastião da Cidade.

Salvador Corrêa de Sá e Benavides foi comandante do auxilio ao norte brasileiro durante a guerra holandesa, em 1624. Exerceu depois, em 1629, comissões militares no reino. Em meiados de 1631 foi nomeado

(6) Arquivo Nobiliarquico Português, Lisbôa, 1918, Série I, n.º 7, págs. 12 e 13.
(7) Monsenhor Pizarro e Araujo — Memórias Históricas do Rio de Janeiro, Rio, 1820-1822, III, pág. 215.
(8) Rev. Trim., LXIII, 1.ª.
(9) Mons. Pizarro — Memórias, cit., III, 204, nota.

Digitized by Google

almirante da costa do sul e Rio da Prata e foi dominar um levante dos calchaquís, no Tucuman. Em 21 de fevereiro de 1637 foi nomeado pela primeira vez para o cargo de capitão-mór e governador do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até 1643. Tendo tido em 1639 ordem régia para administrar as minas da repartição do sul, exerceu-a diligentemente a partir da provisão do governador-geral do Brasil de 9 de março de 1641. Em 26 de março de 1644 foi nomeado general da fróta do comercio do Brasil. Por mercê de 1 de abril de 1644 foi nomeado alcaide-mór do Rio de Janeiro e teve a comenda de São Salvador da Lagôa, na Ordem de Cristo, em recompensa aos seus serviços nas fortificações da Ilha das Cobras, no Salvador, no Espirito Santo e nas minas de São Vicente. Por alvará régio de 7 de julho de 1644 foi reconduzido no cargo de administrador-geral das minas da repartição do sul, posto em que permaneceu até 1652. Por mercê de 16 de dezembro de 1644 teve mais a comenda de São João de Cassia, na Ordem de Cristo, tendo-a renovada por mais uma vida, juntamente com a de São Salvador da Lagôa, por portaria de 24 de outubro de 1647. Nesse mesmo ano, pela segunda véz, foi nomeado governador do Rio de Janeiro, tendo tomado pósse em 16 de janeiro de 1648 e deixando o cargo em meiados de maio desse mesmo ano, para ir numa expedição a Angola, donde expulsou os holandeses. A 3 de dezembro de 1649 teve mercê de seiscentos mil réis de renda de juro e herdade, consignados no rendimento do Paúl de Asséca, com licença para poder fazer na parte que lhe pertencesse uma vila da qual se lhe concedeu logo o senhorio, com todas as jurisdições, pelos serviços que prestou na restauração de Angóla. Aí foi governador cerca de tres anos e volvendo ao reino em 1652, pouco descançou, pois foi novamente nomeado por patente régia de 17 de setembro de 1658, para os cargos de administrador-geral das minas do sul e governador do Rio de Janeiro e prestando homenagem em mãos reais a 15 de janeiro de 1659, embarcou para o Rio de Janeiro, onde chegou a 18 de abril desse mesmo ano. Deixou porém o governo continuar em poder de Tomé Corrêa de Alvarenga, seu primo, indo à Baía, onde prestou compromisso perante o governador-geral a 1 de setembro do mesmo ano de 1659 e sómente depois de 4 de outubro é que tomou pósse. Governou até 1662 em que se retirou definitivamente para o reino. Aí foi nomeado membro do Conselho Ultramarino, cargo que exerceu até falecer [10].

Salvador Corrêa de Sá e Benavides teve grande fortuna e foi senhor do Couto de Penabôa e das vilas de Tanquinhos, Arripiada e Asséca, em Portugal. No Brasil teve muitos engenhos, mais de cincoenta currais de gado, casas, fóros e mais bens. Junto com os chamados sete capitães repartiu os Campos dos Goitacazes, sendo lavrada uma escritura de composição em 9 de março de 1648. Por ela, ditos Campos foram divididos em doze quinhões, sendo quatro e meio para os sete capitães e seus her-

(10) Todas as fontes sobre este período se encontram no meu citado estudo sobre os Corrêas de Sá, como administradores das minas de São Paulo.

Digitized by Google

deiros, tres para os padres da Companhia de Jesus, um para o capitão Antonio de Sousa Pereira e meio para os frades de São Bento. Nesses mesmos Campos dos Goitacazes instituiu um morgado em 27 de maio de 1667 e vinculou cincoenta currais de gado com oito mil vacas parideiras. Já antes, em 1652, tinha mandado levantar uma igreja sob a invocação de São Salvador, no lugar onde hoje existe a de São Francisco, entregue aos cuidados do jovem padre Fernando de Monserrate, monge beneditino. Ainda em 15 de setembro de 1674 conseguiu para seus filhos, Martim Corrêa de Sá, primeiro visconde de Asséca e João Corrêa de Sá, a doação da capitania da Paraíba do Sul, entre o Espirito-Santo e o Cabo-Frio, começando aí o dominio agitado dos Assécas que só terminou a 30 de novembro de 1763, quando a capitania foi incorporada aos bens da Corôa. Na carta dessa doação havia uma postila de 5 de março de 1676, na qual se mencionava que Salvador havia tido mercê de setenta e cinco leguas de costa no sul, onde não houvesse donatário, até a boca do Rio da Prata e faculdade para as repartir entre seus filhos, o visconde de Asséca e o general do Exercito do Estado da India e seu neto, filho do visconde.

Escreve o dr. Alfredo Diaz de Molina que Salvador Benavides casou em La Rioja, hoje capital de uma das provincias argentinas, com Catarina Ramires de Velasco e Osorio de Vilagra, nascida em La Rioja, filha de Pedro Ramires de Velasco e Ugarte, tenente-general e governador do Chile, natural de Santiago del Estero, provincia argentina, e de Maria Osorio Vilagra e Mexia de Salazar, natural de Tucuman, tambem na Argentina; neta paterna de João Ramires de Velasco e da Piscina, guerreiro de Milão, Flandres, Granada e da conquista de Portugal, governador e tenente-general do Tucuman, nomeado a 20 de março de 1584, fundador de La Rioja e casado em Sevilha com Catarina de Ugarte e Velasco, filha de Pedro Santiago de Ugarte e Ugarte e de Ana Velasco e Valderrama. A mãe de Catarina Ramires de Velasco e Osorio de Vilagra era filha do mestre de campo e conquistador do Chile Francisco de Vilagra e Vilaroel, natural de Santiago de Chile, fazendeiro no Tucuman e de Maria Justina de Mexia e Salazar [11].

Faleceu Salvador Corrêa de Sá e Benavides a 1 de janeiro de 1688, em Lisbôa, tendo sido enterrado na sacristia do antigo mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios, dos carmelitas descalços, em sepultura que em vida comprára, local que já foi todo demolido, tendo se perdido os restos mortais de tão insigne maritimo e valente soldado [12].

Por sua morte duas partes dos seus serviços ficaram pertencendo a Diogo Corrêa de Sá e outras duas a d. Teresa da Silva e Teles de Meneses, a seus netos, filhos do visconde Martim Corrêa de Sá e a frei Fran-

(11) Alfredo Diaz de Molina — Corrêa de Saa Benavidez, Rev. Gen. Brasileira, 1940, II, 462
(12) Lamego — Terra Goitacá, cit., I, 85.

Digitized by Google

cisco Manuel de Daun, filho natural do mesmo visconde e conego regular da Congregação de São João Evangelista [13].

As armas usadas por Salvador Corrêa de Sá e Benavides, segundo o dr. Diaz de Molina, era um escudo com as armas dos Corrêas, Sás e Benavides, tendo dois reis negros por tenentes. Damos aqui um desenho feito pelo heraldista, senhor Roberto Thut, acompanhado da respetiva descrição.

Do seu casamento com d. Catarina Ramires de Velasco e Osorio de Vilagra, deixou Benavides os filhos seguintes:

2-1 — Martim Corrêa de Sá e Benavides. — O dr. Diaz de Molina diz ter este primogenito de Salvador Benavides nascido em La Rioja, na Argentina [14]. Sabemos no entanto que êle nasceu a 6 de setembro de 1639 e por esse tempo seu pai exercia no Rio de Janeiro o cargo de governador [15]. Serviu na guerra da Aclamação e sendo mestre de campo do terço de Moura, se achou no assalto de Badajós, em que foi gravemente ferido, e faleceu a 28 de outubro de 1678 na vila de Setubal, sendo enterrado no convento de São Domingos daquela vila. Serviu nas batalhas do Ameixal, Montes Claros e muitas outras, pelo que d. Afonso VI, a 15 de janeiro de 1666 lhe deu o titulo de visconde da Ponte de Asséca. As suas armas vêm desenhadas no livro de "Memorias" de d. Antonio Caetano de Sousa e aqui as reproduzimos. Casou no ano de 1663 com d. Angela de Melo, filha de d. Diogo Fernandes de Almeida e de sua mulher d. Luiza da Silva, de quem teve os filhos seguintes:

3-1 — Salvador Corrêa de Sá, que foi segundo visconde de Asséca e sucedeu na casa a seu avô, sendo alcaide-mór do Rio de Janeiro, comendador na Ordem de Cristo e morreu moço, sem casar.

3-2 — Diogo Corrêa de Sá, que foi terceiro visconde de Asséca e nasceu a 7 de abril de 1669. Era comendador da Ordem de Cristo, em varias comendas, senhor do Couto de Penabôa e da vila de Tanquinhos, em Portugal e das vilas de São Salvador e de São João da Praia no Brasil, alcaide-mór do Rio de Janeiro. Foi da Academia dos Generosos, tendo sido apreciado poéta e foi um dos socios do numero da Academia Real, quando esta se instituiu no ano de 1721, tendo deixado varias obras. Faleceu a 5 de novembro de 1745. Casou a 10 de abril de 1697 com d. Inês de Lancastre, filha de Luis Cezar de Meneses, alferes-mór de Portugal, que foi governador do Rio de Janeiro, de Angóla e da Baía e de sua mulher d. Mariana de Lancastre, de quem teve:

4-1 — Martim Corrêa de Sá, que nasceu a 20 de janeiro de 1698 e foi o quarto visconde de Asséca. Dom José I lhe conferiu no seu mesmo titulo, as honras de conde, que se efetivou por carta de 9 de agosto de 1753. Sucedeu na casa e comendas a seu pai, foi gentilhomem da camara

(13) Alberto Lamego — Artigo sobre o general Salvador Corrêa de Sá e Benavides no "Monitor Campista", n.º de 17 de fevereiro de 1940. — Anais da Bib. Nacional, V. L, págs. 136 a 144.
(14) Rev. Genealógica Brasileira, cit., pág., 464.
(15) Lamego — Terra Goitacá, cit., I. 117. — Dom Antonio Caetano de Sousa, Memórias, cit., 255.

Digitized by Google

do infante d. Antonio, feito a 22 de agosto de 1753, deputado da junta dos Tres Estados a 6 de janeiro de 1754 e Academico da Academia Real. Casou a 5 de novembro de 1739 com sua prima d. Mariana de Lancastre, dama do Paço, filha de João de Saldanha da Gama, gentilhomem da camara do infante d. Antonio, vice-rei da India e de sua mulher d. Joana Bernarda de Lancastre. Não tendo tido herdeiros diretos, sucedeu-lhe na casa seu irmão:

4-2 — Luis José Corrêa de Sá Velasco e Benavides, que nasceu a 15 de outubro de 1698 e estudou em Coimbra. Foi governador de Pernambuco em 1749 e seus titulos e honrarias vêm todos na obra de Albano da Silveira Pinto, "Familias Titulares e Grandes de Portugal", onde tambem vem toda sua descendencia. Dele e de seu irmão Martim Corrêa de Sá, dá larga noticia com referencia aos Campos de Goitacazes o escritor Alberto Lamego [16]. Casou com d. Francisca Josefa da Camara, filha de Lourenço Gonçalves da Camara Coutinho, 5.º almotacé-mór do reino e teve desse casamento:

5-1 — Salvador Corrêa de Sá Benavides Velasco, quinto visconde de Asséca, com honras de Grande, que competia aos condes.

5-2 — Leonor de Sá.

4-3 — José Corrêa de Sá, filho de 3-2, Cap. I, § 2.º, serviu na India onde foi general de Bardez e governador de Sena. Casou naquele Estado em 1725 com d. Maria Caetana Juliana Teles de Meneses, filha de Rui Teles de Meneses, tendo deixado geração.

4-4 — Mariana de Lancastre, irmã do precedente, morreu solteira.

4-5 — Angela Joana de Melo, foi casada com d. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, tendo deixado geração.

4-6 — Ana Joaquina de Lancastre, casou com João Pereira da Cunha Ferraz, do Conselho d'El-Rei. Não deixou geração.

4-7 — Teresa de Lancastre, casou com Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, senhor de varias vilas no Maranhão e capitão-general governador dessa capitania, comendador de Cristo. Teve a filha unica d. Inês de Albuquerque e Lancastre.

4-8 — Caetano Corrêa de Sá, serviu em Moçambique e casou com d. Francisca Pereira de Lacerda, na India.

4-9 — Sebastião Corrêa de Sá, casou com d. Clara de Aboim de Amorim Pereira de Brito, filha de d. Lourenço de Amorim, comendador de Cristo, alcaide-mór de Monção, tendo deixado geração.

4-10 — Manuel Corrêa de Lacerda, morreu menino.

4-11 — Rosa Maria de Viterbo de Lancastre, que casou com Francisco Filipe de Sousa da Silva Alcaforado, tendo deixado geração. Alberto Lamego, não dando o filho de nome Manuel Corrêa de Lacerda, acrescenta no entanto como filhos do Cap. I, § 2.º n.º 3-2, mais os seguintes:

(16) Lamego — Terra Goitacá, cit., I, 192, 257, 348; II, 12, 35, 37, 101, 217, 232, 341, 388, 457; III, 23, 30, 32, 35.

Digitized by Google

4-12 — Salvador Corrêa, que foi geral dos Jeronimos.

4-13 — Frei Francisco, da mesma Ordem.

4-14 — João Corrêa de Sá [17].

3-3 — Maria Antonia da Silva, filha de Cap. I, § 2.º n.º 2-1, foi dama da rainha d. Maria Sofia e casou com Martinho de Sousa de Meneses, copeiro-mór, terceiro conde de Vila-Flor.

3-4 — Teresa da Silva, irmã da precedente, foi freira carmelita descalça, no mosteiro de Santo Alberto, de Lisbôa, onde foi priôra [18]. Alberto Lamego acrescenta mais os seguintes filhos para o n.º 2-1:

3-5 — Francisco da Madre de Deus Loyo.

3-6 — Cecilia Velasco, que foi casada com o dr. Filipe Peixoto da Silva. Fóra do casamento teve o n.º 2-1 a frei Francisco Manuel Daun, que foi conego da Congregação de São João Evangelista [19].

2-2 — João Corrêa de Sá, filho do Cap. I, § 2.º n.º 1-1, foi moço fidalgo da Casa Real e fidalgo cavaleiro por mercê de 8 de março de 1672, capitão do Alentejo, mestre de campo no Rio de Janeiro e general do Exercito do Estado da India. Casou-se aí em primeiras nupcias com d. Helena Margarida Martins, que outros dizem ser Mascarenhas, filha de d. Antonio Carcamo e falecendo ela, contraíu segundas nupcias com d. Ana Sarmento, que tambem faleceu sem deixar filhos. Em 30 de dezembro de 1669 a camara do Rio de Janeiro dirigia a El-Rei uma carta em que fazia referencia ao bom comportamento de João Corrêa de Sá e à estima geral que alí gozava. Em 15 de setembro de 1674 obteve dez leguas de terra, numa capitania conjunta com seu irmão o visconde de Asséca que obtivéra vinte, entre Cabo-Frio e o Espirito-Santo. Nesse ano era êle general na India, como já se disse. Em 1676 era governador de Ormuz. Acusado da morte de seu sogro, foi preso e remetido para Portugal, mas conseguiu fugir para Castela, onde se casou pela terceira vez. Teve fóra dos seus casamentos a Martim Corrêa de Sá e Benavides que residiu na Espanha e sucedeu a seu pai no morgado instituido por seu avô o general Salvador Corrêa de Sá e Benavides [20] e a outro homonimo deste ultimo, natural de Angóla, que teve mercê do fôro de cavaleiro fidalgo a 16 de fevereiro de 1661 [21].

2-3 — Salvador Corrêa de Sá e Benavides, irmão do precedente, foi chantre da Catedral de Lisbôa, fidalgo da Casa Real e cavaleiro do habito de Cristo por mercê de 22 de março de 1644.

2-4 — Sebastião de Sá, jesuita.

2-5 — Teresa Velasco, que foi casada com Luis da Silva Teles de Meneses, vice-almirante e general das armadas de Portugal e que serviu na guerra holandesa.

(17) Lamego — Terra Goitacá, cit., I, 170.
(18) Dom Antonio Caetano de Sousa — Memórias, cit., 256.
(19) Lamego — Terra Goitacá, cit., I, 117, 185.
(20) Lamego — Terra Goitacá, cit., II, 258.
(21) Matricula dos Moradores da Casa Real, Lisboa, 1911, I, 364.

Digitized by Google

2-6 — Maria Velasco, já falecida em 1657 (22).

1-2 — Cecilia Benavides, filha do Cap. I, § 2.º, faleceu solteira em Lisbôa.

1-3 — Artur de Sá, irmão da precedente, foi capitão da fortaleza Santa Margarida, na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro (23).

Capitulo Segundo

DUARTE CORRÊA VASQUES OU VASQUEANES

Filho de Gonçalo Corrêa e de sua segunda mulher d. Maria Ramires, nasceu na Quinta da Penabôa, já referida e foi cavaleiro de Cristo por mercê de 7 de abril de 1644 e teve o fôro de fidalgo cavaleiro em 16 de maio do mesmo ano (24). Governou o Rio de Janeiro por seis vezes, sendo a primeira delas em 1630. Damos larga noticia deste ativo servidor do Estado no nosso citado estudo. Exerceu o cargo de administrador-geral das minas de São Paulo, tambem mais de uma vez. Casou com d. Maria Borges, que ainda vivia em 1662 e faleceu a 23 de maio de 1650, tendo sido sepultado na igreja do Colegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro. Teve de seu casamento:

§ 1.º — Martim Corrêa Vasqueanes, que foi cavaleiro de Cristo por mercê de 22 de março de 1644. Monsenhor Pizarro o confunde com o mestre de campo Martim Corrêa Vasques, seu primo, filho de Manuel Corrêa (25).

§ 2.º — Salvador Corrêa Vasqueanes, que tambem assinava Salvador Corrêa de Sá, foi confundido por Jaboatão, inexplicavelmente, com o seu parente o general Salvador Corrêa de Sá e Benavides (26). Corrigindo este autor, podemos dizer que Salvador Corrêa Vasqueanes casou-se em primeiras nupcias, na Baía, com d. Margarida da Franca, filha de Manuel de Sá Barros; segunda vez foi casado com d. Agueda da Costa, filha de Pedro Gomes, natural de Setubal e terceira vez consorciou-se com d. Maria de Araujo Góes, filha de João de Aguiar Vilas-Bôas, senhor de Santo Amaro de Sergipe do Conde. Deste casamento teve a filha Catarina Corrêa Vasqueanes, que casou com Francisco Barreto de Aragão. Deste mesmo ou de um dos outros casamentos acima especificados, teve mais que sabemos a Salvador Corrêa de Sá, que o proprio Jaboatão, sempre ignorando de quem se tratava, diz ter sido familiar do Santo Oficio, creado em 29 de janeiro de 1700 e que em 1704 era vereador à camara municipal da Baía.

(22) Portarias do Reino, Lisboa, 1909-1912, II, 147.

(23) Azevedo Marques — Apontamentos Históricos, Rio, 1879, II, 185. — Rev. Trim., V, 324.

(24) Todos os autores que consultamos e os documentos da época dizem que Duarte Corrêa Vasques ou Vasqueanes, era *tio* de Salvador Corrêa de Sá e Benavides. Seria *tio-avô*, observando-se que todas as datas que os referidos autores dão para o nascimento de Salvador Benavides e de seu pai Martim Corrêa de Sá, estão erradas. Duarte Corrêa era muito idoso quando faleceu em 1650.

(25) Pizarro, cit., III, 225.

(26) Catalogo Genealógico, Rev. Trim., LII, 1.ª, 343, 357, 358 e 360.

Digitized by Google

Foi Salvador Corrêa Vasqueanes cavaleiro de Cristo por mercê de 14 de junho de 1655 e fidalgo da Casa Real. Foi militar ilustre, capitão de uma companhia do Presidio do Rio de Janeiro e serviu na armada de 1653, do Presidio do Castelo de São Jorge e na restauração de Pernambuco. Faleceu na Baía em 4 de novembro de 1685.

§ 3.º — Manuel Corrêa Vasqueanes, que era o presidente da camara municipal do Rio de Janeiro, por ocasião da "bernarda" de 1660.

§ 4.º a 7.º — Quatro filhas, cujos nomes ignoramos, que tomaram o habito de religiosas no convento da Esperança, em Portugal, segundo menciona Alberto Lamego.

Capitulo Terceiro

MANUEL CORRÊA

Terceiro filho de Gonçalo Corrêa, havido do seu segundo casamento, como mencionamos, tambem nasceu na Quinta de Penabôa e casou no Rio de Janeiro com d. Maria de Mariz e Alvarenga, filha de Tomé de Alvarenga, sesmeiro na Gavea, Tijuca e outros lugares do Rio, e de sua mulher d. Maria de Mariz, irmã do clerigo secular padre Antonio de Mariz Loureiro, que em 1643 foi prelado da Provincia Eclesiastica do Rio de Janeiro. Por essa mesma linha foi d. Maria de Mariz neta materna de João Gomes da Silva e de sua mulher d. Maria de Mariz e bisneta de d. Antonio de Mariz, o velho, provedor da Fazenda Real do Rio de Janeiro e de sua mulher d. Isabel Velho, que foram dos primeiros povoadores da capitania de São Vicente e haviam se mudado para o Rio de Janeiro, acompanhando Estacio de Sá [27]. Faleceu Manuel Corrêa no Rio de Janeiro a 8 de janeiro de 1648 [28], tendo deixado do seu casamento:

§ 1.º — Tomé Corrêa de Alvarenga, que foi fidalgo da Casa Real, alcaide-mór do Rio de Janeiro, provedor da Misericordia da mesma cidade, governador dessa capitania, a primeira vez em 1657 e a segunda em 1660. Prestou grandes serviços nas fortificações da cidade, principalmente na da Fortaleza da Barra; ajudou a construção de galeões de que estava incumbido seu primo, o general Salvador Corrêa de Sá e Benavides e canalisou o rio Carióca para abastecimento de agua na cidade. Casou com d. Leonor Estosa e faleceu a 7 de setembro de 1675 [29]. Senhor das terras de Guaratiba, que havia herdado de seu sogro, vendeu-as em 26 de fevereiro de 1654 à Companhia de Jesus.

§ 2.º — Salvador Corrêa Vasqueanes, tambem fidalgo da Casa Real e militar ilustre, tendo servido no Rio de Janeiro e no Alentejo, havendo

(27) Rev. Trim., LXXXVI, 386.
(28) Pizarro, cit., III, 167.
(29) Pizarro, cit., III, 207.

Digitized by Google

ficado prisioneiro em Salé. Foi cavaleiro de Cristo por mercê de 28 de janeiro de 1649. Serviu tambem em Angóla e em 1657 ocupava o posto de mestre de campo.

§ 3.º — Martim Corrêa Vasques, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do habito de São Bento de Aviz, sargento-mór da praça do Rio de Janeiro por patente de 7 de janeiro de 1656. Serviu como militar desde o ano de 1640 (30). Esteve em Angóla, na Aclamação em Portugal e na restauração de Pernambuco. Governou o Rio de Janeiro interinamente em 1697, fazendo monsenhor Pizarro confusão deste governo com a sucessão de Pedro de Melo em 1666 (31). Teve o sargento-mór Martim Corrêa Vasques armas proprias, que consistiam nos signos heraldicos dos Corrêas e dos Sás, com o timbre dos Corrêas, conforme o brasão que aqui reproduzimos. Ignoramos com quem casou, mas sabemos que deixou os filhos seguintes:

1-1 — Manuel Vasques Corrêa, fidalgo da Casa Real e juiz e ouvidor da Alfandega da capitania do Rio de Janeiro, em 1703, provedor da Fazenda Real e Vedor Geral da Gente de Guerra (32).

1-2 — Salvador Corrêa de Sá, fidalgo da Casa Real, capitão na Colonia do Sacramento, em 1721, coronel de cavalaria no Rio de Janeiro e senhor do engenho de Marapicú. Este teve um filho por nome Martim Corrêa de Sá, fidalgo da Casa Real, que foi tenente-coronel de cavalaria no Rio de Janeiro.

1-3 — Martim Corrêa de Sá, fidalgo da Casa Real, sargento-mór em 1709 e mestre de campo em 1719 (33).

1-4 — Duarte Corrêa Vasqueanes e Aguilar, que foi arcediago no Rio de Janeiro.

§ 4.º — Ana Corrêa de Sá, que foi casada com Pedro de Sousa Pereira, provedor da Fazenda Real do Rio de Janeiro, administrador-geral das minas da repartição do sul e de quem dou ampla noticia no meu citado estudo. Nasceu em Ponta Delgada pelos anos de 1610. Foi fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, tendo servido como capitão-mór em varias armadas do Brasil. Foi filho de Francisco Frazão de Sousa, moço da camara dos reis d. Filipe I e II, escrivão dos residuos da ilha de São Miguel e de sua mulher d. Maria de Oliveira e neto paterno de Francisco Fernandes Frazão, instituidor da Capela de Nossa Senhora do Amparo, em Ponta Delgada e de sua mulher d. Maria de Medeiros. Faleceu Pedro de Sousa Pereira no ano de 1673, no Rio de Janeiro. Teve de seu casamento:

1-1 — Francisco Frazão de Sousa, natural de Fenais da Luz, onde faleceu em 1706. Casou com Isabel do Amaral, filha de Manuel do Amaral e de d. Isabel de Lima. Com geração.

(30) Documentos Históricos, XXI, 76.
(31) Pizarro, cit., III, 225. — Felisbelo Freire, Histria do Rio de Janeiro, Rio, 1912, I. 229.
(32) Anais da Biblioteca Nacional, Vol. XXXIV, 288, 344, 345.
(33) Anais, cit., 325-279.

Digitized by Google

1-2 — Manuel de Sousa Corrêa, que serviu o oficio de provedor da Fazenda Real do Rio de Janeiro, nos impedimentos de seu pai, por alvará régio de 11 de março de 1658. Faleceu solteiro.

1-3 — Pedro de Sousa Pereira, fidalgo da Casa Real, alcaide-mór do Rio de Janeiro, provedor interino da Fazenda Real da mesma cidade, faleceu solteiro em 1687.

1-4 — Tomé de Sousa Corrêa, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, provedor proprietario da Fazenda Real do Rio de Janeiro, para o que foi nomeado por portaria régia de 3 de fevereiro de 1674, tendo tomado pósse a 24 de abril de 1675, contador dos Contos, conservador da junta do comercio, administrador-geral das minas da repartição do sul, ouvidor e governador interino da capitania do Rio de Janeiro. Foi depois vedor da Fazenda Real da India e governador de Moçambique. Casou com d. Cecilia Gregoria de Benavides Mendonça Torres e Portugal, sua parenta, filha de d. Pedro de Benavides e Mendonça e de sua mulher d. Cecilia de Torres Portugal. Com geração.

1-5 — João de Sousa, que foi frade da Ordem de São Bento no Rio de Janeiro [34].

(34) Arquivo Nobiliarquico Portugués, cit., n.º 6 e n.º 7.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Da "A Cidade", de Pindamonhangaba, n.º 286, *de* 23-II-1941, *artigo de G. A. (Dr. Gustavo Adolfo Ramos de Mello)*:

"INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO. — Acaba de ser fundado no Rio de Janeiro, devido à iniciativa do ilustre Snr. Salvador de Moya, um Instituto de Genealogia, à semelhança do de São Paulo, que tem por Presidente aquele provecto genealogista patricio. Afastado já há alguns anos da Força Pública do Estado, onde ocupava o posto de Tenente-Coronel, e à qual o distinto oficial prestou serviços inestimaveis, dedicou-se desde então a estudos de Genealogia, que, aliás, vinha cultivando desde longos anos. Fundando com outros amigos o Instituto Genealógico Brasileiro, de São Paulo, com outros não descansou enquanto não conseguiu fazer com que fosse fundado no Rio um Instituto analogo. Mais esse grande serviço presta o Snr. Salvador de Moya à ciência genealógica e à cultura nacional. (Segue-se a Diretoria e a lista dos socios, igual ao que está na pag. 229 da *Revista Genealógica Brasileira.*) Nossos votos de prosperidde ao novo Instituto Genealógico, e sinceros cumprimentos ao Tenente-Coronel Salvador de Moya por mais esse serviço."

Do "Correio Paulistano", de 17-IV-1941, *de São Paulo*:

"Acaba de ser publicado, num numero ilustrado e cheio de estudos interessantes e sugestivos, o volume 3.º da *Revista Genealógica Brasileira* — correspondente ao 1.º semestre de 1941. Contém farta e copiosa colaboração de escritores de nomeada nos dominios das letras históricas e genealógicas nacionais. Dividido em diversas secções, correspondendo cada uma a troncos de importantes famílias de S. Paulo, do Distrito Federal, do Pará, do Rio Grande do Norte, de Sergipe, da Baía, do Rio de Janeiro, de Minas-Gerais, de Goiaz, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, etc., este alentado e precioso volume encerra os seguintes estudos: (segue-se o sumário). No texto há ilustrações que ainda tornam mais interessante a leitura deste número da *Revista Genealógica Brasileira.*"

Digitized by Google

Genealofobia

Salvador de Moya

"A proposito do artigo *Nobiliarquia Paulista* do Snr. Luis Martins".

O Sr. Luiz Martins a quem não temos a honra de conhecer e cujo nome, até então, nos era inteiramente estranho, em artigo inserto no *"Estado de São Paulo"* de domingo, 8 de junho corrente, apreciando a "Genealogia Paulistana" de Luiz Gonzaga da Silva Leme, refere-se em termos tão desdenhosos aos estudos genealógicos, traça comentarios tão pouco lisongeiros quão injustos aos paulistas, a quem atribue "complexos de nobrezas", vaidades heraldicas; e em um tom tão sarcastico, analisa o trabalho, que não nos é possível mais com o espírito de esclarecê-lo do que de o contraditar, fazer ao seu artigo os seguintes reparos:

Diz S. S. que pelo grande historiador patrício, o eminente Dr. Afonso de Taunay lhe foi oferecida uma coleção da obra. Isto faz-nos supor que o Sr. Luiz Martins é algum historiador, ou pelo menos um erudito em história, desconhecido no nosso meio, do contrário o ilustre Diretor do Museu Paulista não se lembraria de lhe fazer tal presente.

Começa procurando ridicularizar os títulos com os quais Silva Leme "orgulhosamente" se apresenta, no frontespício da óbra. Esquece-se que na época em que foi publicada a Genealogia Paulistana, era um costume de quasi todos os autores, enumerarem em seus trabalhos, os títulos que possuíam. Quer nos parecer estranhavel que um cavalheiro que aparênta ser culto, que diz privar com pessoas de cultura, não tenha compreendido que não se julga um costume de 1902, de acôrdo com os habitos de 1941. Se ha ridículo na enunciação dos títulos que faz Silva Leme, o Sr. Martins, deve compreender que é da época e não do autor.

Logo após passa a afirmar que não lhe foi possível deixar de "sorrir" diante da paciência ou pachôrra com que autor esmiuçou toda a descendência originada dos títulos que descreveu. E no entanto termina dizendo: "Luiz Gonzaga da Silva Leme levou 12 anos (foram 15) pesquisando

Digitized by Google

arquivos. Acabou escrevendo uma óbra afinal de valor consideravel para consultas de historiadores e sociólogos que queiram fixar o papel importantíssimo da aristocracia paulista (sic) no desenvolvimento da econômia brasileira."

Pareceu-nos estranhavel a facilidade do Sr. Martins em sorrir... Então S. S. verifica que um homem esmiúça arquívos durante doze anos, após tão prolongadas pesquizas escreve uma óbra que: "reconhece de valor consideravel para consultas de historiadores e sociólogos", e ainda tem vontade de sorrir da paciência deste homem, a que chega chamar de "pachôrra"?

Custa-nos crer que haja quem sorria da paciência dos autores que produzem óbras de valor consideravel. Para nós ela só é objéto de admiração, nunca de galhofa.

Mas, passemos a outros pontos.

Depois de se referir a Nobiliarquia Paulistana: diz, "Nobiliarquia Paulistana! Genealogia Paulistana! não é curioso que haja óbra desse genero num país onde a nobreza é sempre coisa duvidosa!..."

O curioso é que esta observação segue-se a uma citação do prefacio de Silva Leme no qual o autor declara: "que *não escreveu a óbra inspirado na vaidade de ostentar brasões de armas e sim na necessidade que temos de guardar as tradições de família*".

Para o Sr. Luiz Martins, a quem não pertencer a alta nobreza, não descender em linha primogenita dos Tavoras, dos Marialvas ou de outras grandes casas de Portugal ou da Espanha, é ridículo se preocupar com as tradições de família, não deve estudar Genealogia, não pode indagar quem foram seus avós, o que fizeram, quaes os feitos que praticaram, que virtudes lhes exornavam o caráter!... Pedimos venia para contestál-o!

Ha muitos netos de humildes e obscuros povoadores de São Paulo que muito se orgulham de seus avós e têm por sua memoria grande veneração quasi um culto: — Acha S. S. este sentimento digno de mofa? Terá vontade de sorrir de quem preze a memoria de seus maiores, porque eram dignos, que procure conhecer-lhes a vida as virtudes, que praticavam os principios que norteavam o proceder? Que conhecendo-os procure inoculá-los em seus filhos como uma tradição de famlia? Quer nos parecer que não.

Dirá o erudito, que ao lado de nomes honrados, todos nós temos entre nossos anscestrais individuos menos dignos. De acôrdo. A estes a paz dos túmulos e uma prece a Divina Misericordia!... Mas nunca, pelo fato, deixar de cultuar os que o merecem.

S. S. deve saber a significação da palavra Pátria. Em todos os idiomas quer dizer terra dos pais. Culto da pátria, é pois o culto dos nossos maiores, de seus feitos, suas virtudes, suas ações no engrandecimento de nossa terra.

Como manter este culto senão pelo estudo da Genealogia, que o Sr. Luiz Martins pretende interditar a todos quantos não tenham antepassados que trucidassem mouros nas cruzadas?

Digitized by Google

Fazendo o elogio funebre de Luiz Gonzaga da Silva Leme, disse o ilustre Barão de Ramiz Galvão, na sessão do Instituto Histórico Geográfico do Rio de Janeiro, realisada em 2 de novembro de 1919:

> "A Genealogia Paulistana, com suas notas históricas bebidas em pura fonte, constituíu-se destarte "uma das óbras, mais úteis ao culto das tradições nacionais, como bem advertiu o ilustrado e prezadíssimo professor Basilio de Magalhães, reconhecido mestre nestes assuntos".

Estão aí duas autoridades para confirmar a afirmativa. E não são só estas. Procure o Sr. Luiz Martins o notável artigo do seu amigo Dr. Afonso Taunay, publicado no "Jornal do Comércio", do Rio, de 24 de setembro de 1933, intitulado "Silva Leme e o Povoamento do Brasil Central pelos Paulistas" se quer ter uma idéia do valor dos estudos genealógicos, para o perfeito conhecimento da evolução histórica e sociológica da nossa terra.

Não procure o Sr. Luis Martins ridicularisar os estudos Genealogicos e muito menos difundir estas idéas que prestará um grande serviço á nossa terra.

Não menospreze a "bôa gente" de Piratininga por cultuar seus antepassados, porque tem a curiosidade de saber d'onde veio, a que troncos se filiou. Não se irrite com Pedro Taques e Silva Leme, porque destruiram a estupida lenda de que nós brasileiros provimos da escoria de Portugal, que descendemos apenas de criminosos degredados e mulheres menos dignas, colocando os fatos no seu devido logar. Para S. S. seria melhor que continuassemos convitos que provimos de egressos das cadeias lusitanas?... Preferimos saber que a maioria compunha-se de bons e honrados camponêses da Beira Alta ou do Minho, de fidalgos ou afidalgados que perdendo seus haveres vieram corajosamente tentar fortuna em nossa terra.

O Paulistanismo de quatrocentos anos do professor Alcantara Machado, — que S. S. ridiculariza tem um significado que muitos não compreendem, mas que não deixa de ter sua razão. E' um sentimento de apego e afeição a nossa terra, porque nela estamos radicados nas pessoas de nossos maiores, de quem somos parte intergrante, porque deles provimos. — Si é uma manifestação do complexo de nobreza de que fala o Sr. Martins, será uma nobreza que tem como escudo de armas o amôr da terra em que vivemos, na qual nos integramos pelos nossos avós. Não despresamos, por isso, nós Paulistas, nossos irmãos filhos de recem-chegados, porque eles deram tambem e têm dado provas sobejas de seu grande amôr a nossa terra, e mesmo porque — amar sua terra não é privilegio de quem quer que seja.

Não contente de menospresar e ridicularisar a Geneologia de Silva Leme, atribue-lhe a creação em São Paulo do que chama "complexo de nobreza" e que prefeririamos denominar de "estupidez" si fosse verdadeiro.

Digitized by Google

Cita, para provar a tese, o caso de um fazendeiro que impediu o casamento da filha com um rapaz, porque a familia do moço não se achava catalogada na Genealogia Paulistana.

Esta historia S. S. ouviu de alguem que a encontrou no Terra Roxa, o admiravel romance em que Rubens Amaral pinta com cores magistraes — a nossa terra e a nossa gente.

Pena foi que quem a contou, não o fizesse como devia. O velho Pires que o romancista descreve é um individuo original, antigo senhor de escravos, é um homem atrazado, cheio de preconceitos: Rubens não o apresenta como tipo do Paulista, pelo contrario descreve-o como uma reminiscencia do passado, reliquia de tempos que já se foram. E' um antigo senhor de escravos que ainda não se havia conformado com o 13 de Maio, para quem o colono italiano não passava de um sucedaneo do negro da senzala. Natural, pois, que o velho Pires resolvesse problema matrimonial das filhas da maneira que descreve o romancista. O verdadeiro paulista, o fazendeiro ilustrado e esclarecido, o lavrador de hoje, é apresentado no Romance na pessôa simpatica e atraente do Dr. Barros, que por todos os meios procura destruir as idéas absurdas do velho e que só se detem quando se lembra que certas idéas são como pregos, "quanto mais batidas mais enterram".

Mas admitida a existencia do rabujento filho de Amaro Pires, absurdo dos maiores é querer ver no mesmo um tipo social ainda existente em São Paulo. E maior ainda generalisa-lo atribuindo suas qualidades ao Paulista.

O contrario é exatamente o que verificamos. Todos nós conhecemos, tanto na Capital como no Interior, não dizemos dezenas, mas centenas e centenas de pessoas oriundas de troncos antigos de Piratininga, paulistas não de quatrocentos anos, mas de tempos imemoriaes, pois descendem de Tibiriça, Piquerobi, Caubi e outros verdadeiros legitimos donos de nossa terra, cruzarem-se com honrados filhos de napolitanos, calabrêses, espanhóes, portuguêses, baianos, sergipanos, etc. Pergunte o Sr. Luis Martins para qualquer destas pessoas si algum dia foram humilhadas pelo "complexo de nobreza do paulista"? si se sentem diminuidos perante os parentes por não serem paulistas de antiga estirpe?

Na propria familia do autor da Genealogia S. S. encontrará exemplos. Mais de duas dezenas de sobrinhos seus, um de seus filhos e diversos netos casaram-se com descendentes de estrangeiros. Podemos garantir que nenhum foi diminuido pela "prosapia dos descendentes dos Lemes das Flandres". Todos são apreciados e considerados pelo que valem pessoalmente.

Uma cousa poderá o Sr. Martins estar certo, seus descendentes que forem dados ao estudo da Genealogia, terão muita honra de estudar-lhe os troncos e cultuarão não só seus antepassados portuguêses-guianáses do tronco paulista, mas tambem os dos recem-chegados.

Digitized by Google

O estudo genealogico fará com que prezem as raças de onde provieram, que não ridicularizem seus avós, como triste e dolorosamente se observa em certos logares do Brasil com relação ao português.

Antes de terminar devemos desfazer dois mal-entendidos do Sr. Luis Martins.

Diz ele que ao deparar Silva Leme "um descendente menos cioso de suas origens que resolve cruzar com um ramo indigno de comparecer na obra, a linha para bruscamente, sem maiores explicações".

É lamentavel que um cavalheiro de cultura como aparenta ser o Sr. Luis Martins, resolva opinar sobre um assunto, do qual entende tanto, quanto sabemos das linguas da África equatorial.

Si tivesse uma noção do que é um trabalho genealogico, si soubesse que um genealogista consciencioso não pode sob pena de falsidade, registrar senão o que encontra comprovado nos cartorios, o Sr. Martins provavelmente não viria com esta observação de mau gosto.

Si Silva Leme encontrou nos arquivos, descrevendo um tronco, um casamento com pessoa, da qual nada apurou, nada soube, cuja ascendencia ignora, o que queria o Sr. Luis Martins que fizesse? Que fantaziasse, que lhe arranjasse dois pais, quatro avós e outros tantos supostos bisavós? Mas si assim procedesse praticaria uma falsidade.... Esta a razão, a linha se rompe sem maiores explicações, quando estas não foram obtidas, não porque o ramo fosse indigno de comparecer na obra. Nenhuma linha foi, por Silva Leme, considerada indigna de ser registrada.

Terminando o artigo o Sr. Martins conta a historia de um jovem que o intimou a comprovar a autenticidade de sua nobreza, verificando a existencia de seus ascendentes no livro de Silva Leme. O moço disse ao Sr. Martins o nome de seu bisavô. O Sr. Martins encontra-o sem dificuldade. Procura, então, o nome do avô. Após um instante constrangedor verifica-se a omissão. Dolorosa surpreza ante a tacita e evidente suspeita de bastardia, o rapaz fica vermelhissimo e conclue que a Genealogia não prestava e o Sr. Martins que o moço ficou com o resto da existencia amargurada.

Permita-nos o Sr. Martins que lhe digamos que não acreditamos, na historia de ter S. S. encontrado o nome do bisavô do rapaz, na genealogia, sem dificuldade.

A obra genealogica é composta de 9 volumes, contém 4.500 paginas, os que já a compulsaram sabem da dificuldade de sua consulta, tem um indice reduzidissimo e muito deficiente. Só um constante estudioso, habituado de longa data ao seu manuseio será capaz da proeza e que se gaba o Sr. Martins de, nela, encontrar sem dificuldade o nome de uma pessoa. Ele não é um estudioso de genealogia, no começo do artigo confessa que: "ha dias esteve se distraindo em folhea-la".

Pedimos venia para lhe dizer que quem ha dias a folheou por desfastio não é capaz de a ter manuseado com a pericia que diz ter feito!...

Digitized by Google

Agora o esclarecimento. Não vá o Sr. Martins atribuir a bastardia (como o fez) todas as omissões de nomes que deparar na genealogia. Algumas o são com efeito, uma vez que Silva Leme só registrou o que encontrou nos livros paroquais, e nos cartorios, mas muitas e muitas outras são devidas a lapsos perfeitamente explicaveis em obras de tal natureza. Existe um ramo "Leme", com grande descendencia no Vale do Paraíba que não está na Genealogia, e que o erudito Dr. Carlos Silveira demonstrou posteriormente ser devido a não ter o autor encontrado documentos relativos ao membro da familia que se mudára para aqueles lados. Si o caso fosse para ser resolvido pelo Sr. Luis Martins, explicaria logo, o fato, pela bastardia do membro em questão.

Um pedido final ao Sr. Luis Martins: procure o rapaz a quem teve o mau gosto de tornar "vermelhissimo diante da tacita evidente suspeita de bastardia do seu falecido antepassado e que declarou que a genealogia não prestava" e explique-lhe o caso. Diga-lhe que um genealogista não é um Deus dotado de oniciencia, que por maior que seja o seu cuidado pode omitir e fatalmente omite centenas de nomes; que pelo simples fato de não constar o nome do avô em seguida ao do bisavô não se pode concluir que o avô seja filho ilegitimo. Poderá ser, mas tambem é provavel que se trate de omissão lamentavel, mas inevitavel nas obras de tal genero...

Assim procedendo o Sr. Luis Martins não fará mais que um dever de cristão desfazendo no espirito do bisneto o juiso temerario que formou das virtudes dos bisavós. E para evitar estes fatos lamentaveis faça mais, não se preocupe com genealogia, não procure ridicularizar seu estudo, porque ele é muito util para uma terra como a nossa, que ninguem se preocupa com tradições. Perca, a sua Genealofobia, e perdôe o neologismo com o qual denominamos o mal de que está afetado.

13 de Junho de 1941.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do engenheiro Lauro Sant'Ana Lobo, do Paraná, sobrinho do genealogista Negrão:

"Com bastante satisfação venho, respeitosamente, agradecer a V. Excia. a bondosa lembrança do convite, que muito me entusiasmou. Interessa-me, amplamente, fazer parte do vosso Instituto, para, com ardor patriótico, auxiliar os nossos insignes patricios que vêm corroborar com indiscutivel mérito o grande ato social, o de pesquizar."

Do escritor Julio da Silveira Sudario, de Itapolis:

"Junto segue a proposta de um socio. Precisamos augmentar inda mais o sucesso do Instituto de ha muito imperecivel pelo seu esforço. Penso que o Indice de Silva Leme deveria ser remetido sem consulta a todos os membros do Instituto. E' obra indispensavel."

Do Sr. Lauro Sant'Ana Lôbo, de Curitiba:

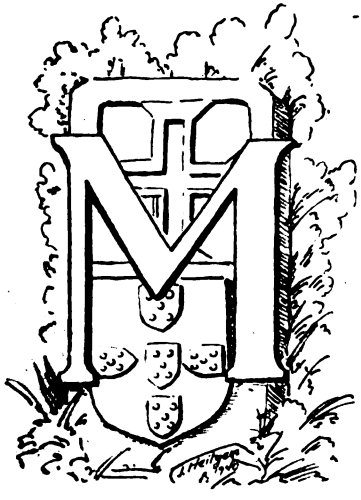
"... fulgurante e gigantesco *Anuário Genealógico*. Peço-vos a remessa do 2.º volume."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE S. PAULO (INTERIOR)

Primeiros povoadores de Tietê



F. A. Veiga de Castro

MANUEL FERREIRA DOS SANTOS aparece primeiro subscritor do requerimento de 1809 ao bispo D. Mateus impetrando a criação da freguesia no bairro de Pirapóra (Tietê).

Era natural de Europa. Casou por volta de 1800 provavelmente em Porto Feliz, com Ana Flora da Silva que julgo proximamente aparentada, senão irmã de D. Maria Luisa de França (S. L. 3.º - 487). A tradição o dá logista em Porto Feliz e adianta que após 1822, houvesse abandonado a família. Em Pirapóra se encontra sua mulher com os filhos desde os primeiros anos da freguesia, êle vivo até cerca de 1828, porém ausente. Ana Flora viveu até 1865. Teve:

1-1 Manuel Ferreira dos Santos, casado a 1.ª vez em 1832 com Teodora Maria da Rocha, viuva de Manuel de Anhaia Araujo e filha de Antonio da Rocha Pita (S. L. 2.º - 225), a 2.ª vez casado com Eulália Antonia da Silva. Faleceu em 1862, com 57 anos de idade, deixando filhos de ambos os leitos. Descobri:

2-1 Ana, nascida em 1833 e casada em 1848 com o português João Luís de Souza Viana, apelidado "o Doutorzinho", filho de Domingos de Souza Viana e de Maria Lourença.

2-2 Delfina, nascida em 1835.

2-3 Inocencia Servula, casada em 1859 com Manuel José de Almeida (S. L. 2.º - 316 e 9.º 93), o Manduca Boticário, falecido em Tietê em 1882, com geração.

Joaquim Antonio da Costa, Francisco de Arruda Leite foram outros genros dêste Manuel Ferreira dos Santos.

1-2 Gabriel Antonio de Assunção casou em 1834 com Joaquina Candida, filha do Brigadeiro José Joaquim de Moraes Abreu (S. L. 2.º - 382). Em 1852 era dado com 41 anos de idade. Teve descendência que vive em Tietê e Tatuí.

1-3 Matilde Ferreira dos Santos morreu viuva em 1880 com 70 anos de idade. Casara em 1832 com José Joaquim de Melo, filho de Joaquim José de Melo. (S. L. 4.º - 155). Descobri filhos do casal:

Digitized by Google

3-1 Ana, nascida em 1833, casada a 1.ª vez com Simão Antonio Pastor, português, e a 2.ª, em 1851, com o Tte. Cel. Francisco Corrêa de Morais (S. L. 2.º - 415), com geração de ambos.

1-4 Antonio Ferreira dos Santos casou idoso e faleceu em 1882, com 70 anos de idade.
1-5 Angela Ferreira dos Santos faleceu solteira, em 1870.
1-6 Maria Salomé, falecida solteira.

* * *

Tenente JOAQUIM FRANCISCO DA CRUZ (S. L. 3.º - 486), filho do Capitão Antonio José da Cruz e de Maria da Condelaria, casou em 1807 em Porto Feliz com sua prima Ana Teixeira Pinto, filha de Antonio Teixeira Pinto, natural de Portugal e de Maria Luisa de França (S. L. 3.º - 487).

Foi dos que assinaram o pedido de criação da Freguesia, e veio afazendar-se em terras da vasta sesmaria de que D. Maria Luisa era proprietária.

Exerceu cargos de eleição popular, e faleceu em Tietê, no estado de viuvo com cerca de 83 anos de idade, a 23 de agosto de 1863. Mais filhos houve, mas penso que se criaram somente os três seguintes:

1-1 Francisco de Assis Cruz, nascido em 1815 e casado, a 1.ª vez, a 6 de dezembro de 1836 com Francisca Leite de Morais filha de Antonio Corrêa Leite da Silva (S. L. 2.º - 390); a 2.ª vez a 11 de março de 1846 com Ana Joaquina da Rocha, filha de José Corrêa de Toledo e de Ana Joaquina de Abreu (S. L. 2.º — 398). Foi vereador presidente na segunda legislatura da Câmara da vila. Faleceu em Tietê a 7 de maio de 1877. Teve:

2-1 Joaquim Francisco da Cruz, 1.º marido de Francisca Miquelina de Morais, filha do Tte. Cel. Francisco Corrêa de Morais (S. L. 2.º - 416).
2-2 Francisco Assis Cruz, casou com Ana Alves Corrêa, filha de José Rodrigues de Araujo e de Francisca Corrêa da Rocha. Teve 12 filhos.
2-3 Augusto Assis Cruz casou com Eulália Alves Cruz, filha de José Alves Rodrigues de Araujo e de Francisca Corrêa da Rocha. Teve 6 filhos.
2-4 João Francisco de Assis Cruz casou com Ana Teresa de Melo, filha de José Antonio dos Reis (S. L. 3.º - 485). Teve 5 filhos.
2-5 Antonio Fernandes da Cruz foi casado com Francisca Miquelina, filha do Tte. Cel. Francisco Corrêa de Morais (S. L. 2.º - 416), viuva de seu irmão Joaquim. Teve três filhos.
2-6 Afonso Corrêa da Cruz casou com sua sobrinha Maria Corrêa da Cruz, filha de Joaquim Francisco da Cruz e de Francisca Miquelina de Morais, acima referidos, sem geração.
2-7 Gertrudes.
2-8 Francisca.
2-9 Isabel, estas três falecidas solteiras, em Tietê.

1-2 Antonio Fernandes da Cruz, nascido em 1822, casou com Ana Teresa de Arruda, natural de Porto Feliz; faleceu em Tietê a 18 de janeiro de 1890 e sua esposa a 5 de novembro de 1898. Tiveram:

3-1 Joaquim da Cruz, falecido solteiro, em 1915, em Porto-Martins.
3-2 Antonio José da Cruz, casado a 1.ª vez em Tietê, em 1878, com Maria de Toledo Lara; a 2.ª vez em Sorocaba, em 1909, com Braulina Loureiro. Faleceu em 1915, em Sorocaba, com geração.
3-3 Claudino Fernandes da Cruz, casou a 1.ª vez em Tietê, em 1874, com Teresa Amelia de Toledo (S. L. 4.º - 461) já então duas vezes viuva, mãe nas segundas nupcias, de Antonio de Toledo Lara, o Conde de Lara. Casou a 2.ª vez com Maria Alves, filha de Francisco Alves de Araujo (S. L. 2.º - 344) e de Isabel Corrêa de Arruda (S. L. 4.º - 480) havendo geração de ambas as esposas.
3-4 Luiza da Cruz, nascida em 1854, casou em 1886 com Braulio Loureiro de Arruda e faleceu em Sorocaba, em 1940, deixando descendência.
3-5 Maria das Dores Cruz, faleceu solteira em 1899.

Digitized by Google

3-6 Carolina, nasceu em 1858 e faleceu solteira, em 1929, em Sorocaba.
3-7 Teresa da Cruz, faleceu solteira, em Tietê, em 1901.
3-8 Alexandrina da Cruz, casou em 1887 com Antonio Stein e faleceu em Itú, em 1928, com geração.
3-9 Ana Antonia da Cruz, falecida em 1933, em Paraguassú, foi casada com José Vicente Camargo. Tem descendência.
3-10 Olimpia da Cruz, casou a 1.ª vez, em 1887, com Julio Cesar de Barros; a 2.ª vez com Cantidio Alves Araujo. Faleceu em 1939 na cidade de São Paulo, deixando geração de ambos os maridos.

1-3 Manoel Inocencio da Cruz casou com Gertrudes dos Reis, filha de Antonio Manoel dos Reis e de Ana Candida Duarte (S. L. 3.º - 485). Teve:

4-1 Maria Tereza da Cruz, casou com Rodolfo Teixeira Pinto, nascido em 1841, em Tietê, filho de André Teixeira Pinto e de Gertrudes de Aguiar (S. L. 3.º - 490). Deixou a filha única Zulmira, casada com seu primo Elias Teixeira de Aguiar, filho de Andrezinho Teixeira Pinto e de Luiza Vaz de Almeida. Com numerosa descendencia.
4-2 Antonio da Cruz, casou com Josefina Corrêa da Silva, filha de Antonio José Leite da Silva e de Maria Teresa (S. L. 5.º - 232). Faleceu em 1900 deixando duas filhas que teem descendência.
4-3 Maria Miquelina (falecida solteira.
4-4 Maria Augusta da Cruz casou com André Teixeira Pinto (o Andrézinho) viuvo de Luiza Vaz de Almeida. Sem sobrevivência de filhos.
4-5 Maria Luiza da Cruz, casou com Eliezer Teixeira Pinto, filho de Andrézinho Teixeira Pinto e de Luiza Vaz de Almeida. Tem Lucia, filha única, casada em Tietê, e com geração.
4-6 Maria Francisca da Cruz, casou com João Santine, residente em Botucatú; tem descendência.
4-7 Luís Antonio da Cruz, faleceu solteiro.
4-8 Maria Etelvina da Cruz, casou em 1.as nupcias com José Martins Bonilha, filho de outro de igual nome (S. L. 5.º - 248), com geração; em segundas nupcias casou com Pedro Teixeira Pinto, filho de Andrezinho Teixeira Pinto e de Luiza Vaz de Almeida, tambem com geração deste 2.º marido.

* * *

JOAQUIM JOSÉ DE MELO (S. L. 4.º - 155), foi outro dos sinatários impetrantes, em 1809, da ereção da freguesia no povoado de Pirapora (Tietê). Casado em 1796 em Araritaguaba, com Ana Maria Carassa ou Lara, filha de Teotonio Rodrigues Carassa (S. L. 3.º - 258), foi pequeno lavrador em terras de posse, marginais ao rio Tietê. Era proximamente aparentado com alguns dos primitivos moradores para aqui chegados, e faleceu otogenário, a 15 de janeiro de 1860. Dele descobri:

1-1 Teotonio José de Melo, casou em 1817, em Tietê, com Benedita Maria de Jesus, filha de Antonio da Rocha Pita (S. L. 2.º - 225) e de Maria Madalena. Teve: Rufino, nascido em 1819; Delfina, em 1829; Ana, em 1833.

1-2 José Joaquim de Melo, casou em Tietê com Matilde Ferreira dos Santos, filha do português Manoel Ferreira dos Santos e de Ana Flora da Silva. Descobri:

3-1 Ana, nascida em 1833, e casada, como já ficou dito.

1-3 Mancio, nascido em 1820.
1-4 Maria.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Coronel José de Lima Carneiro da Silva, filho do Visconde de Ururaí:

"Tenho em meu poder os dous volumes — Anuário Genealógico Brasileiro e Revista Genealógica Brasileira, — dous trabalhos que honram o seu autor e de grande valor para o Brasil." "... obra de tanta utilidade..." "... pedindo as minhas excusas, se algo não fôr um trabalho digno de figurar em uma obra tão eminente."

Digitized by Google

(Nesta seção daremos notícia não só dos livros recem-editados que nos forem remetidos, como também dos livros que forem ofertados ao Instituto Genealógico Brasileiro.)

Guilherme Auler. — Os Maristas e a educação patriótica. — Recife, 1940.

Desse nosso amigo e colaborador, já acusamos o recebimento da monografia "Mascates e Bernardo". Temos agora em mãos o discurso pronunciado na sessão solene de 5 de junho de 1940, no teatro do Colégio Marista, em Recife, obedecendo ao título acima, que continúa a tradição de sabedor que tem o seu autor.

Costafilho. — Os estétas da razão. - Rio de Janeiro, 1940.

Costafilho pertence aos novos da Academia Sergipana de Letras. "Os estétas da rasão" é uma conferência que proferiu na Sociedade dos Amigos Alberto Torres, no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1940. Excelente no fundo e na forma.

Olinto Sanmartim. — O visconde do Rio Grande. — O teatro em Porto Alegre no seculo XIX. — Porto Alegre, 1940.

São separatas dos "Anais" do Terceiro Congresso Sul Riograndense de História e Geografia, em Porto Alegre, em 1940, do qual já demos desenvolvida noticia em nosso número anterior.

João Borges Fortes (General). — Rio Grande de São Pedro — Povoamento e conquista. — Rio, 1940.

É o volume XXXVII da Bibliotéca Militar. O general João Borges Fortes é um escritor conhecido. Dentre as suas varias obras destacaremos "Troncos seculares". "O brigadeiro José da Silva Pais e a fundação do Rio Grande" e "Francisco Pinto Bandeira". Esta última tambem é obra de mérito e expõe o processo do povoamento brasileiro no Rio Grande do Sul e o seu alastramento com o primordial instrumento de conquista e radicação que foi a estância ou fazenda de criação de gado. Abrange desse modo o periodo a principiar pelas invernadas de gados em trânsito através do litoral atlântico, da foz do Prata para Laguna, até o advento de 1835. O prefacio é do sr. Sousa Dóca. Eis os capítulos em que se divide a obra: — I-A fróta de João de Magalhães. — II - As estâncias do Viamão. — III - Os estancieiros. — IV - A Colonia do Sacramento e o Rio Grande. — V - O Presidio Militar do Rio Grande. — VI - Gomes Freire, no Rio Grande. — VII - Surto do Rio Grande heróico. — VIII - Reivindicação. — IX - Os milicianos. — X - Governo de Paz. — XI - A conquista das Missões. — XII - Paz intranquila. — XIII - Apogeu do periodo heróico. — XIV - Última campanha. — XV - Revolução Farroupilha.

Benoni da Veiga. — Genealogia da familia Veiga a partir de Francisco Luiz Saturnino da Veiga até a atual geração. — Rio de Janeiro, 1932.

Neste trabalho o autor cita apenas os nomes dos descendentes de Francisco Saturnino da Veiga, natural de Lisbôa, onde nasceu em 1771, professor de latim e que

Digitized by Google

se casou com d. Francisca Xavier de Barros, brasileira. Nenhum dado concernente aos nomes citados de modo que o trabalho se torna árido e massúdo.

Eurico de Góes. — Roma triumfal. — Odes. — São Paulo, 1937.

O trabalho tipográfico é de Elvino Pocai, em São Paulo, o que equivale a dizer que é artístico e de bom gosto. Acompanha a plaquete uma ótima tradução para o italiano de Clemente Stevanoni, feita em 1939 e impressa na mesma tipografia.

Francisco Marques dos Santos. — A guerra do Paraguai na medalhistica brasileira. — São Paulo, 1937.

Trabalho que nos parece esgóta o assúnto, sendo assim de grande valor. Foi oferecido como tése no Primeiro Congresso de Numismática Brasileira, que se realisou em São Paulo, de 24 de março a 2 de abril de 1936, excusando dizer que foi aprovado unanimemente.

José Mesquita. — Nobiliario Matogrossense. — Genealogia Cuiabana. — O capitão-mór André Gaudie Lei e sua descendencia.

Esses trabalho, publicados na Revista do Instituto Histórico de Mato-Grosso, foram enfeixados em um volume encadernado e ofertados ao nosso Instituto Genealógico pelo seu autor. O primeiro trabalho abrange os seguintes titulares do Imperio: — Manuel Nunes da Cunha, barão de Poconé e seus descendentes; Joaquim José Gomes da Silva, barão de Vila Maria e seus descendentes; João Batista de Oliveira, barão de Aguapeí e seus descendentes; Augusto Leverger, barão de Melgaço e seus descendentes; Afonso de Cerqueira Caldas, barão de Diamantina e seus descendentes; Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, barão do Forte de Coimbra e seus descendentes; Firmo José de Matos, barão de Casalvasco e seus descendentes e Antonio Maria Coelho, barão de Amambaí e seus descendentes. A "Genealogia Cuiabana" compreende os titulos de "Correias da Costa", de "Prados" e de "Figueiredos". O estudo sôbre o capitão-mór Gaudie Lei é um ensaio de reconstituição histórico-genealógico. Em todos Estados brasileiros era mistér estudos perfeitos e criteriosos como esses do sr. José Mesquita, afim de que em poucos anos tivessemos uma Genealogia Brasileira, obra necessaria e que, com obreiros como o citado, ainda se ha de conseguir.

Arquivo Nacional de Ex-Libris — Lisbôa, 1927.

São apenas os primeiros números dessa conhecida e excelente revista, que finalisou em 1934, tendo publicado dois volumes de 235 e 237 págs. respectivamente. Foram seus diretores João Jardim de Vilhena e A. de Gusmão Navarro. A oferta desses números ao nosso Instituto devemo-la ao nosso consocio dr. Luiz Sergio Tomaz, a quem bastante agradecemos.

J. F. Velho Sobrinho. — Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro. — Vol. I. — Aarão Garcia — Azevedo Castro. — Rio de Janeiro, 1937.

Essa conhecida e apreciada obra do sr. Velho Sobrinho, que infelizmente está apenas no primeiro volume, foi-nos ofertada pelo Exmo. Sr. Dr. Gustavo Capanema, a quem somos muito gratos.

Anuario Eclesiastico. — Edição Americana. — Barcelona, 1921.

Oferta do nosso consocio professor João Gabriel de Santana, que muito nos penhorou, é um excelente repositorio de biografias de prelados da América e subsidio valioso para estudo da heraldica eclesiástica.

Digitized by Google

Gelmires Reis. — Genealogia Luzitana. — Santa Luzia Goiás, 1929. — Dicionario Geografico do município de Santa Luzia — Araguarí, 1929. — Almanach de Santa Luzia. — Uberaba, 1925. — Planalto. — Revista publicada em Santa Luzia — Varios numeros de 1929.

Todos esses trabalhos nos foram ofertados pelo proprio autor e a denominação de cada qual diz bem do seu conteúdo. Santa Luzia é estudada minuciosamente nesses volumes pelo autor que é figura de destaque naquele rincão brasileiro.

Didio I. A. Costa. — Duque de Caxias. — Rio, 1940.

Plaquete com a conferência desse nosso amigo, capitão de fragata, realisada na Escola Naval do Rio de Janeiro, em 4 de dezembro de 1940. Estudo carinhoso e exato do grande militar brasileiro.

Beraldo Rangel Torres Bandeira. — Letras Botucatuenses. — São Paulo, 1941.

São poesias colecionadas de varios autores naturais daquela cidade paulista, trabalho feito conjuntamente com Djalma José Grohmann.

Antonio Ferrão Moniz de Aragão. — A Baía e seus governadores na República. — Baía, 1923.

O autor é da Academia de Letras da Baía. A obra nos foi oferecida pelo sr. Mario Torres, que tambem presenteou-nos com o n.º II do "Jornal da Ala", editado na Baía e referente à vida de Castro Alves. O trabalho do sr. Aragão é digno de ser lido.

Carlos M. Sodero. — Os Pereiras de Barros de Taubaté — Separata da Rev. Arq. Municipal de São Paulo — n.º LXXII.

Excelente trabalho de genealogia referente ao norte do nosso Estado.

Jaime Adour da Camara. — Salvador Piza — O homem e o lavrador — São Paulo, 1940.

Monografia das melhores ultimamente publicadas sobre biografia e muito bem impressa.

Leonardo Pinto. — Evocações. — Tiradentes. — São Paulo, 1940.

Comemoração realizada a 21 de abril de 1939 no Instituto Médio Dante Aliglieri. Excelente plaquete.

Gonçalo Muniz Sodré de Aragão — Memoria Histórica da Faculdade de Medicina da Baía relativa ao ano de 1924. — Baía, 1940.

Oferta do nosso consocio dr. Mario Torres que fez acompanhar o livro da seguinte nota: — "O presente trabalho não é só o estudo minucioso da nossa secular Faculdade de Medicina, é talvez o melhor estudo que apareceu nestes vinte anos sobre a instrução primaria, secundaria e superior. Tem biografias de fls. 320 a 340, referentes ao dr. Alberto Muylaert, prof. José de Sousa Pondé, prof. Deocleciano Ramos, prof. Egas Muniz Barreto de Aragão e outras."

Digitized by Google

Paulo Tamm. A familia Mascarenhas e a industria textil em Minas-Belo Horizonte, s/d.

Excelente estudo de biografia e genealogia, sem contarmos a materia economica. Os Mascarenhas aqui estudados provêm de Antonio Gonçalves Mascarenhas. O seu autor revela-se ótimo escritor e esforçado genealogista.

Departamento Estadual de Estatistica — Boletim — Ano II ns. 1 a 12 e ano III ns. 1 a 4.

Excelente e cuidada publicação oficial daquela dependência da Secretaria da Educação, composta de atos oficiais, estudos diversos, principalmente de crítica estatística e assuntos dos mais variados da nossa economia, viação, etc.. Notamos ali uma série de artigos em que o proveto historiador dr. Alfredo Elis Junior estuda pontos avulsos da história de São Paulo. Não concordamos com varios postulados expressos nos capítulos desse trabalho, principalmente com a menção no cap. VI, do Boletim n.º II, fev. de 1940, pág. 27, no qual faz uma classificação dos povoadores de São Paulo e para amostra digamos aqui que inclúe José de Camargo na categoria de plebeu, dizendo que o apelido Camargo é um "nome exótico aos nobiliarcomaníacos" e assegura que o apelido Bueno é incógnito nos nobiliários peninsulares. Para não estendermos muito esta apreciação basta que citemos Alberto y Arturo Garcia Carraffa-Enciclopédia heraldica y genealogica hispano-americana, tomo XXI e Dicionário heraldico y genealógico de apelidos españoles y americanos, tomo XIX, Madrid, 1925, onde vem noticia completa da linhagem dos Camargos e seus brasões, sendo que José de Camargo, pela sua instrução e pela sua qualidade de simples povoador americano, que não exercia oficio mecânico algum, não podia ser taxado no seculo XVI de "plebeu". Tambem quanto a Bartolomeu Bueno, que era marcineiro de ribeira da esquadra de Diogo Flores de Valdés, não iremos contestar que fosse do povo, mas daí concluir-se que Bueno não existia como apelido nobre na Espanha é avançar demais, pois no mesmo Carraffa, tomo XIX da Enciclopédia e XVII do Dicionário, págs. 112 e sgs. encontramos uma longa noticia sôbre as casas fidalgas do apelido "Bueno" na Espanha com a discriminação de todos os seus brasões d'armas. Elis Junior, seguindo tão sómente o genealogista Silva Leme, tambem dá uma origem inteiramente errada para os "Borges de Cerqueira" e julga que os Pretos de São Paulo provêm de Antonio Preto que foi juiz em 1575, quando descendem de Antonio Preto, português e marcineiro vindo na esquadra do referido Diogo Flores de Valdés, em 1583.

Do Departamento Estadual de Estatística recebemos mais e agradecemos: — Divisão Judiciaria e Administrativa do Estado — Distritos de Paz do Estado de São Paulo— Ensaio de um quadro demonstrativo do desdobramento das Comarcas — Ensaio de um quadro demonstrativo do desdobramento dos municípios.

Boletim Municipal. — Publicado pela Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Porto Alegre do Rio Grande do Sul — ns. I a VI - 1939-1940.

O redator é o nosso consocio sr. Walter Spalding. É o órgam político-social, científico e estatístico daquela Prefeitura.

Revista Academica Paranaense de Letras. — Publicação trimestral — ns. I a VII - 1939 - 1940.

A comissão de redação é composta dos srs. De Sá Barreto, Rodrigo Junior, Raul Gomes e Valfrido Piloto. O diretor é o sr. Ulisses Vieira e secretario o sr. Dicezar Plaisant. Ótima revista com ótima colaboração.

Digitized by Google

Revista das Academias de Letras — Ns. 24 a 28-1940.

É o órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil. Daí se concluir pela seleção e importância da matéria que encerram os ns. que temos a vista. É o seu diretor o sr. Afonso Costa.

Nação Armada. — Revista Civil Militar, consagrada à Segurança Nacional — Ns. I a XVI — 1940-1941.

É diretor desta revista o Tenente-Coronel Afonso de Carvalho. Constitue ela um excelente repositorio de estudos militares e culto dos nossos maiores cabos de guerra. Colaboram nela ilustrados elementos das nossas classes armadas.

Antonio Gontijo de Carvalho. — Estadistas da República — São Paulo, 1940 — Vol. I.

Biografias de David Campista, Carlos Peixoto, Gastão da Cunha e Pandiá Calógeras. O autor quer fazer vêr ao Brasil não apenas os seus grandes homens da República, mas tambem que possuimos, país de imigração que somos, profundos dótes assimilatórios, tendo estadistas patrióticos como Calógeras e outros, em cujo sangue dominam outras raças. Dividiu o seu trabalho em dois volumes: — neste primeiro estuda parlamentares e oradores da sua direta admiração. No segundo volume a sair, descreverá a vida e atuação dos homens de Estado — Prudente de Morais, Campos Sales, Rodrigues Alves e Bernardino de Campos. As biografias escritas pelo sr. Gontijo são pequenos quadros luminósos, seguindo êle o conselho de André Maurois de que "o biógrafo não se deve arvorar em historiador". Traça o perfil moral, avalía a cultura e expõe a obra patriótica desses servidores da nação. Gostamos grandemente da biografia de Calógeras e aguardamos anciósamente o segundo volume de tão util e patriótica tarefa.

Cartas historicas do Xingú. — Escritas pelo padre Carlos Borromeu. — Porto de Moz — Rio Xingú — Estado do Pará, 1940.

São estudos sobre os jesuitas no Pará e outros pequenos trabalhos. Agradecemos a remessa do exemplar.

Visconde e Barão Homem de Melo. — Biografias do Conde e do Visconde de Beaurepaire Rohan — Rio, 1899.

Opúsculo já raro que nos foi oferecido pelo dr. João da Costa Pinto Dantas Junior, a quem muito agradecemos. Interessante que este exemplar foi oferecido ao avô do ofertante, o barão de Geramoabo, pelo seu compadre dr. Francisco Pires de Carvalho e Aragão, genro do Visconde de Beaurepaire Rohan.

Alcides Gentil. — As idéas de Alberto Torres — Brasiliana — São Paulo, 1938.

Trata de divulgar a concepção social e filosófica do escritor Alberto Torres. São idéias inovadoras, destinadas ás inteligências moças. O sr. Alcides Gentil é o exegeta e sintetisador de Alberto Torres. As obras deste último autor são quasi desconhecidas e o metodo de organisação dêste livro que temos em mãos procura torna-las difundidas por essa fórma.

P. Comendico. — Nova Mitologia Grega e Romana — Rio, 1941 — Tradução de Tomás Lopes.

É um livro próprio para estudantes do assunto, acessivel e amêno. A edição é bem feita e ilustrada.

Digitized by Google

Alfredo Elis Junior. — O bandeirismo paulista e o recúo do meridiano — Brasiliana — 3.ª edição - S. Paulo, 1938.

Êste trabalho do conhecido historiador paulista já é bastante divulgado e da sua aceitação diz bem o fato de se achar em terceira edição.

Batista Pereira. — Vultos e Episodios do Brasil — 2.ª edição — Brasiliana — São Paulo, 1938.

Nêste trabalho o autor estuda personagens e fatos da história do Brasil. Interessou-nos principalmente um estudo sobre d. Francisco de Souza, o sétimo governador-geral do Brasil, que, como é sabido, obsecou-se na idéia da descoberta das riquezas minerais do Brasil e buscando atingir o seu ideal, veiu a falecer em São Paulo, em extrema miséria. A vida tem dessas ironias. Observamos no entanto alguns senões, que bem podiam não mais figurar nos nossos trabalhos históricos. Assim à página 175 diz o autor que d. Francisco de Sousa se extinguiu na vila de Piratininga a 15 de junho de 1609, quando é bastante sabido que faleceu a 11 de junho de 1611.

Ernesto Ennes. — As guerras nos Palmares. — Subsidios para a sua historia — Volume I — Domingos Jorge Velho e a "Troia Negra" — 1687-1709 — Brasiliana — São Paulo, 1938.

O sr. Ennes é o conservador do Arquivo Histórico Colônial em Lisbôa. Dêsse modo poude colecionar uma série preciosa de documentos de inestimavel valor sobre os nossos fatos coloniais e muitos deles com referência aos Palmares, enfeixando-os em volume e trazendo luz mais ampla e nova sobre tal episódio. Precede à documentação uma ótima análise.

Josué de Castro. — O problema da alimentação no Brasil — Seu estudo fisiologico — 3.ª edição — Brasiliana — São Paulo, 1939.

São estudos que sómente agora estão em voga no Brasil. Até 1930 nada se escrevia sobre a matéria. Agora, em 1941, existe uma abundância de tratados sobre a nossa alimentação. O sr. Josué que é o dos pioneiros em tal assunto, desenvolve-o mais uma vez de uma forma que o seu livro já alcançou terceira edição.

Visconde de Carnaxide. — Antonio de Sousa Pedroso Carnaxide — O Brasil na administração pombalina — Economia e politica externa — Brasiliana — São Paulo, 1940.

A bibliografia pombalina é uma das mais vastas que conhecemos e não somente em trabalhos portugueses. A personalidade do Ministro de Ferro é estudada sob todos matizes e ao dominio de variadas paixões. Agora passou-se a estuda-lo sob a face econômica. O livro do sr. Visconde de Carnaxide procura dar uma explicação econômica de Pombal. Vê-se então que o seu anti-jesuitismo nada mais era que uma feição pecuniária. E o livro procura assim fazer história. Acreditamos que a tenha feito.

Manuel Lubambo. — Capitais e grandeza nacional — Brasiliana — São Paulo, 1940.

Êste livro estuda os princípios de uma política patrimonial, as idéias e condições que presidiram a evolução capitalista no Brasil e a sintese dessa mesma evolução capitalista. Sem dúvida que são assuntos interessantissimos e o autor a todos trata com grande conhecimento de causa.

Digitized by Google

Geraldo Rocha. — O rio de São Francisco — fator precipuo da existencia do Brasil — Brasiliana — São Paulo, 1940.

A apologia que o autor faz do aproveitamento intensivo do rio de São Francisco, vem sendo feita, lenta mas perseverantemente pelos brasileiros, desde o nosso primeiro século. País novo, há de êle chegar até onde o autor deseja, pois o nosso povo é forte e empreendedor.

Serafim Leite. — Novas Cartas Jesuiticas — Brasiliana — São Paulo, 1940.

A "Brasiliana" é o maior manancial de estudos brasileiros que até hoje veiu à publicidade. Êste volume do ilustrado jesuita padre Serafim Leite, completa os vários volumes de cartas jesuiticas publicadas pela Academia de Letras Brasileira. Vai assim a "Brasiliana" verificando onde existe a falta de um trabalho ou alguma pequena lacuna nos estudos brasileiros e diligencia logo para preenche-la, com uma publicação adequada e sempre de excelente escolha. No caso em apreço as "Novas Cartas Jesuiticas" patenteiam cabalmente a nossa afirmativa.

Heitor Lira. — Historia de D. Pedro II - 1825 - 1891 — Vol. 3.º — Declinio — 1880-1891 — Com ilustrações - Brasiliana — São Paulo, 1940.

O trabalho do sr. Heitor Lira é uma série que abrange a "Ascenção" (1825-1870) o "Fastígio" (1870-1880) e finalmente o que temos em mãos. Como não recebemos os dois primeiros, reservamos-nos para dizer sobre a mesma mais tarde.

Visconde de Taunay. — Pedro II — 2.ª edição — Brasiliana — São Paulo, 1938.

O Visconde de Taunay, hereditariamente, era um dos maiores admiradores do grande imperador brasileiro. O livro em apreço é um caderno íntimo em que transparece essa afeição e permanente admiração por d. Pedro II.

Gustavo Barroso. — Historia Militar do Brasil — Brasiliana — 2.ª edição — São Paulo, 1938.

A obra que temos à vista é o resultado de uma campanha nacionalista que o autor iniciou em 1911. Nela o escritor resume historicamente as campanhas guerreiras do Brasil, além de explanar a organisação do nosso exército, seus uniformes, hierarquia e armamentos, desde os primeiros anos. Trabalho didático, si quizermos, dos melhores que conhecemos.

Daniel de Sousa Ramos. — Barão. de Vasconcelos — Rio, s/d.

É um folheto de 30 págs. que foi oferecido a nossa Bibliotéca, pelo Dr. Vasco Smith de Vasconcelos, com os traços biográficos do Barão de Vasconcelos e o seu brasão d'armas.

Armindo Guaraná. — Dicionário Bio-Bibliografico Sergipano — Rio de Janeiro, 1925.

O nome completo do autor é Manuel Armindo Cordeiro Guaraná. No prefácio o sr. Prado Sampaio diz que o livro é uma sincera homenagem do autor à terra que lhe foi berço e túmulo. O autor por sua vez diz que tentou fazer uma reivindicação histórica para Sergipe. Julgamos te-la feito com maestria, pois o trabalho é de grande valor sob várias feições.

Digitized by Google

Célio Meira. — Vida Passada — Notas biograficas. Vol. 1.º — Recife, 1939.

Neste livro o autor reuniu as notas biográficas publicadas na "Folha da Manhã" de Recife desde 1938. São pequenas lembranças biográficas que têm inestimável valor como fonte de consulta.

Estudos Brasileiros. — Revista do Instituto de Estudos Brasileiros — Rio de Janeiro — Ano II — 1940.

Recebemos a coleção referente a êsse ano dessa magnifica publicação que foi fundada por João Augusto de Matos Pimenta. O conselho diretor é composto dos srs. Mario de Brito, Leonidio Ribeiro, Claudio Ganns e Cipriano Amoroso Costa. Dizer dos trabalhos que êsse repositório científico e literário está difundindo no Brasil, requer um grande espaço nesta nossa secção, o que não podemos fazer neste número, mas havemos de publicar especialmente em qualquer outro.

Brito Freire. — Viagem da Armada — Edição comemorativa do tricentenário da restauração de Portugal — Publicação do Instituto Historico e Geografico de Santos — São Paulo, 1940.

É o trabalho bastante raro de Brito Freire que o Instituto Histórico de Santos resolveu reeditar em excelente papel e com capricho gráfico. Muito gratos pelo exemplar recebido.

Revista do Instituto Historico e Geografico da Baía — N.º 66 - 1940.

Agradecemos a remessa desta excelente e grandemente apreciada publicação.

Cadernos da Hora Presente — Ns. 3 a 9. — Julho, 1939 — Julho, 1940 — São Paulo.

Ótima revista que é "uma sintese da inteligência brasileira". São seus diretores os srs. Tasso da Silveira-Rui de Arruda.

David Carneiro. — Evolução Moderna — Epopéa, Industria, Drama — São Paulo, 1941.

Faz parte da coleção História Geral da Humanidade através dos seus maiores tipos. É dessa série o n.º 5. O sr. David Carneiro dedica-se a estudos de filosofia e história e êsse trabalho da sua autoria é "um esfôrço de sistematisação, tendente a demonstrar a continuidade da História no pensamento e na ação dos máximos exponentes humanos". Neste volume aflora estudos dos mais interessantes e dos mais uteis. O volume foi oferecido à nossa Bibliotéca pelo nosso presado consócio sr. Dicesar Plaisant, de Curitiba, a quem muito agradecemos.

Salvador Moya (Tenente-Coronel) — Dicionário Bibliográfico de Apelidos Luso Brasileiros — De Abarca a Zuzarte — Pub. da Rev. Municipal de São Paulo - 1941.

Formando um volume de 244 páginas dá-nos Salvador Moya mais um trabalho de real utilidade para aqueles que se dedicam aos estudos heráldicos e genealógicos. É a bibliografia sobre cada um dos apelidos luso-brasileiros e Salvador Moya soube condensa-los de modo que talvez raros os que hajam escapado. Apaixonado pelos estudos de heráldica e de genealogia, o autor já possue consideravel bagagem de obras especialisadas, buscando dar a todas um cunho característico e principal-

Digitized by Google

mente, procurando facilitar o estudo dos não iniciados, oferecendo indicações e índices dos tratados mais vastos da matéria. Além disso, Salvador Moya é o infatigavel organizador e o diligente diretor de duas publicações que vêm se impondo pela escolha da colaboração e pelo primor da feitura gráfica: — o "Anuário Genealógico" e a nossa "Revista Genealógica Brasileira". Por mais este tomo que deu à publicidade, o "Dicionário Bibliográfico de Apelidos", damos os nossos mais entusiasticos parabens ao esforçado genealogista.

Roberto Thut. — As armas de d. Bernardo José Maria de Lorena e Silveira — Publicações do Instituto Genealogico Brasileiro — São Paulo, 1941.

O sr. Roberto Thut é sem favor um dos maiores conhecedores de heráldica no Brasil. Basta ler o trabalho que agora publica para se reconhecer a sua grande erudição no assunto. Chamado para dar o seu parecer sobre as armas do ilustre fidalgo lusitano que foi capitão-general da capitania de São Paulo e que aqui deixou brilhante descendência, Roberto Thut organizou uma monografia que é a mesmo tempo um estudo elevado de heráldica e um agradavel trecho de ensinamentos na matéria. Pelo exemplar que nos ofereceu, os nossos mais cordiais agradecimentos.

Durval Borges de Macedo. — Sifilus — Curitiba, 1940.

São dois poemas em 66 páginas. O autor é da Academia Paranaense de Letras e volume nos foi oferecido por essa culta Associação, a quem muito agradecemos.

Marina Coelho. — Evolução do Feminismo — Subsidios para a sua historia — Rio, 1933.

A sra. Marina Coelho pertence à Academia Paranaense de Letras e o volume nos foi ofertado por essa douta instituição, a quem agradecemos.

J. B. Mori. — O grito da natureza — Curitiba, 1939.

É uma novela rural, estudando costumes locais. O autor é da Academia Paranaense e ficamos gratos pela oferta do exemplar que nos foi feita por aquela ilustrada entidade.

Mary Camargo. — Ceus de safira e vales de esmeralda — Curitiba, 1940.

São poesias. A autora faz parte da Academia Paranaense de Letras e pois já é nome consagrado.

Flavio Guimarães. — Etnia Brasileira — Fragmentos de um estudo sociologico. — Curitiba, 1935.

O volume em apreço nos foi oferecido pela Academia Paranaense de Letras de quem faz parte o autor. Estuda de preferência a etnia paranaense, com grande conhecimento da matéria. Desse mesmo autor temos em mãos o discurso que pronunciou ao paraninfar a turma de Peritos Contadores da Academia Superior de Comércio do Paraná.

José Farani Mansur Guerios — Estética e Direito — Conferência — Curitiba. 1939, oferecida pela Academia Paranaense de Letras, a quem ficamos muitos gratos. Dêsse mesmo autor tambem recebemos um discurso feito no Instituto de Santa Maria, em Curitiba, em 1934.

Emilio de Menezes, no "Brasil Anedótico" de Humberto de Campos — Curitiba, 1940.

Volume que nos foi oferecido pela Academia Paranaense de Letras a quem somos nimiamente gratos por tais gentilezas.

Digitized by Google

Ernani Calbucci. — Alvorecer — São Paulo, s/d.

São poesias de uma primeira viagem. Judas Isgorogóta diz as palavras de introdução. Conta em sintese o penetrar silencioso e deslumbrado de Calbucci pelo Oriente e o doce encontro de uma criatura na Inglaterra... Lemos os versos do "Alvorecer" e achamo-los lindos e ficamos certos que Judas Isgorogóta, dentro da verdade. ainda poderia te-los elogiados mais, muito mais.

F. Nardy Filho. — A irmandade da Santa Casa de Misericordia de Itú — 1840-1940 — São Paulo, 1940.

O autor é um apaixonado pelas cousas ituanas e já tem várias obras sobre a quieta e centenária cidade das bandeiras cuiabanas. Nas 106 páginas deste novo trabalho reafirma êsse seu amor pelas tradições locais, que, em sintese, nada mais é que a estima às nossas tradições e ao nosso passado.

Dante Costa. — Bases da alimentação nacional — Orientação para o brasileiro — 2.ª edição - São Paulo, 1940.

Mais um volume duma matéria que somente agora está em moda no Brasil. Êste que temos em mãos se recomenda pela sua redação essencialmente prática.

José Augusto da Camara Torres e Dayl de Almeida — Imortais — Rio, 1904.

São estudos sobre Olavo Bilac, Anchieta, José Bonifacio, Tiradentes e Rui Barbosa. Como se vê, apreciações sobre personalidades de gênios os mais dispares. O trabalho tem por isso mesmo de ser muito agil e acreditamos que os autores sairam-se galhardamente da tarefa, apresentando-nos ótimas sinteses.

Major Frederico Rondon — Pelo Brasil Central — 2.ª edição — Brasiliana — São Paulo, 1938.

O estudo do centro do Brasil será sempre um atrativo até que o vejamos transformado num dos maiores centros da produção e da civilisação mundiais. Havemos de lá chegar, pois para isso não faltam qualidades aos brasileiros. O trabalho do sr. Frederico Rondon é um dos bons estudos sobre o assunto.

Petronio. - Satiricon - Athena Editora - S. Paulo, 1939.

Esta obra faz parte da Bibliotéca Clássica editada pela empresa citada. A tradução é de Miguel Ruas. São cenas da decadência romana que nos fazem ao mesmo tempo perceber que Roma foi verdadeiramente grande quando das liberdades republicanas.

Instituto Historico e Geografico de São Paulo — Amador Bueno no tricentenario da sua aclamação como rei de São Paulo — 1641-1941 — Plaquete comemorativa.

O episódio de Amador Bueno já valeu descomposturas ao bom beneditino frei Gaspar da Madre de Deus, o benemérito autor das "Memórias para a história da capitania de São Vicente" e ainda está merecendo outras, como encontramos no volume 66, página 277 da Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía. Ao nosso Instituto porém não causa móssa tal ogeriza e com grande justiça comemorou o tricentenário do feito do grande patriota que foi o ilustre filho de Bartolomeu Bueno, o sevilhano.

Digitized by Google

Revista do Instituto Geográfico e Historico da Baía — N.º 66 - 1940.

É um número comemorativo da passagem do terceiro centenário da retirada de Mauricio de Nassau da cidade do Salvador. Feito dos mais brilhantes do nosso passado, merece a lembrança que lhe foi dedicada, pois o volume encerra matéria da mais relevante utilidade histórica. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Soares Bulcão. — Subsidio para a historia do Alto-Purús. — Fortaleza, 1941.

Oferta do autor ao nosso Instituto Genealógico. A história do Brasil, estamos cada vez mais convencidos, nunca poderá ser escrita por um só autor. Ela tem desenvolvimento continuo em regiões das mais diversas e longinquas, fenômeno pouco perceptivel aqueles que, dentro do próprio Brasil, estão colocados num outro extremo. Assim, a nossa História só será perfeita quando forem reunidos os trabalhos avulsos dos historiadores de todos nossos Estados, numa sintese geral e dedutiva. Vem isso a propósito desta monografia do sr. Soares Bulcão. Quantos fatos do Alto-Purús nós ainda ignoravamos!

Gama Rodrigues. — Os Azevedos, de Lorena — Separata dos ns. 2 e 3 da Revista do Instituto Genealogico Brasileiro.

Excelente estudo genealógico do nosso presado consócio dr. Gama Rodrigues que agora aparece enfeixado num volume. Agradecemos o exemplar ofertado.

Sergio Pizarro de Andrade Pinto (Capitão de Corveta) — Um episódio da revolução dos Farrapos — Rio, 1935.

Trata da traição de que foi vítima o presidente do Rio Grande do Sul, brigadeiro Antonio José Ferreira Brito, depois barão de Tramandahy. Estudo dos melhores sobre o assunto.

João Dornas Filho. — O incidente Regis — Garibaldi em Montevideu — Porto Alegre, 1940.

O sr. João Dornas pertence ao Instituto Histórico de Minas Gerais. Muito grato ficamos pelo seu ótimo estudo, enviado com uma amavel dedicatória ao nosso Instituto Genealógico.

F. Sommer. — Os barões e condes de Oeynhausen — Contribuição para genealogia da familia do ultimo capitão-general de São Paulo. — São Paulo, 1941.

O sr. Sommer é membro da Sociedade Hans Staden, desta Capital. Êste seu último trabalho é dos melhores que conhecemos sobre os Oeynhausens.

João da Silva Campos. — Procissões tradicionais da Baía — Obra póstuma — Baía, 1941.

O prefácio é do sr. Arnaldo Pimenta da Cunha e a publicação é do Museu da Baía, departamento da Secretaria de Educação daquele Estado. Silva Campos foi um apaixonado desde menino pelo folclore brasileiro e muito estudou êsse assunto. Publicou trabalhos de valor como os "Contos e Fábulas Populares da Baía". O volume que temos em mãos, além do seu valor intrinseco, apresenta uma caprichada feição gráfica.

Digitized by Google

Livros Paroquiais de Mogi-Mirim

José Nogueira Novaes

1) Anna. Ao primeiro de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimirim baptisei epus os Santos Oleos a ANNA filha legitima de Francisco Pay e Vicencia Maria — padrinhos Vicente Correa e sua mulher Theresa Maria todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

2) Joze. Aos doze de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptisei epuz os Santos Oleos a Joze filho de Domiçiana solteira — padrinhos Joze de Azevedo, e sua mulher Maria Fortunata todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

Jose. Aos dezaseis de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptisei e puz os Santos Oleos a José filho de Genoveva Xavier solteira: padrinhos José do Rosario e Domiciana Antonia todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

3) Gertrudes. Aos dezsete de Dezembro digo de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Gertrudes filha legitima de Manoel Pereira e Maria Rosa: padrinhos Salvador Franco e Sua mulher Maria de Ramos todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

4) Jacintho. Aos dezoito de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Jacintho, filho legitimo de Francisco Cardoso e Jacinta Maria — padrinhos Pedro da Cunha e sua mulher Maria Pires desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

5) Joaq.m. Aos sette de janeiro de mil oito centos trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Joaquim filho legitimo do Capitão João Gonçalves Teixeira e Dona Anna freguezes desta, padrinhos Antonio de Paiva por procuração que apresentou o Capitão João Theodoro e Dona Anna Leduvina da Cunha fregueza desta con———— dito Paiva freguez de São Paulo.

O Vig Franco Mel Malachias.

---

(1) Livro 9 de batismo, de fevereiro de 1832 a setembro de 1841. Começamos de 1835, pag. 93v.

Digitized by Google

6) Joaq.m. Aos dezoito de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Joaquim filho legitimo de Jose Pinheiro e Maria Gertrudes: padrinhos Salvador Vieira e sua mulher Gertrudes Maria todos desta freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

7) João. Aos dezanove de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei e puz os Santos Oleos a João filho legitimo de Joaquim Alexandra Maria: padrinhos José Joaquim e sua mulher Ritta Maria todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

8) Pedro (1). Aos dezenove de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Pedro, filho legitimo de Joaquim José, e Gertrudes Maria: padrinhos Manoel Antonio e sua mulher Maria dos Santos todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

9) Salvador. Aos vinte de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Salvador filho legitimo de Ignacio demiranda e Fortunata Maria — padrinhos José Jacinto casado e Feliciana Maria todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

10) M.ª. Aos vinte equatro de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Maria filha de Catharina Soares solteira: padrinhos Manoel Pirez e Angela de Moraes todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

11) Zeferina. Aos vinte e sete de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta matriz de Mogimerim baptizei e puz os Santos Oleos a Zeferina filha legitima de João Luiz e Joanna Cardoso — padrinhos Geraldo Pires e sua mulher Clara Maria todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

12) Jose. Aos trinta de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Jose filho legitimo de Francisco Mariano e Anna Francisca: padrinhos Diogo Pires e sua mulher Anna Buena todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

13) Jose. Aos trinta de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei epuz os Santos Oleos a Jose filho legitimo de Vicente de Oleiveira e Maria Gertrudes: padrinhos Miguel Jacinto e Maria Vitoria todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

14) Fermina. Aos trinta e hum de Janeiro de mil oito centos e trinta e cinco nesta Matriz de Mogimerim baptizei e puz os Santos Oleos a Fermina filha legitima de Francisco Manoel e Quiteria Maria — padrinhos Francisco Manoel e sua mulher Ermerenciana Maria todos desta Freguezia.

O Vig Franco Mel Malachias.

(1) Página 94.

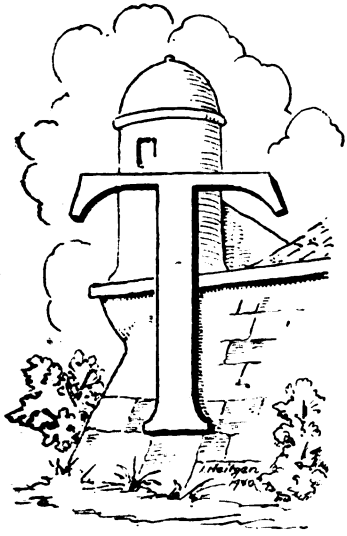
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE MINAS GERAIS

Os Bellos de Minas Gerais

Conego Raimundo Trindade



Os Bellos da Zona do Carmo

OMÉ DE FREITAS BELLO c. c. Joanna Fernandes (em outro documento — Trindade), naturais de Setúbal. Pais de:

F 1) André de Freitas Bello, natural de Setúbal onde foi batizado a 1 de abril de 1699. Licenciado em Medicina. Em Antonio Pereira, comarca da Vila do Ribeirão do Carmo, a 22 de janeiro de 1724, c. c. Michaela da Silva, natural da Vila do Carmo, filha do Sarg. Mór Manuel da Silva de Miranda, natural de Cobelos, nascido a 26 de abril de 1681, e de Josefa do Carmo, natural da ilha do Faial. Pais de:

N 1) Dr. Joaquim Antonio Bello, falecido solteiro em avançada idade.
N 2) Dr. Tomás de Aquino Bello, medico, nascido em 1726. Foi o médico assistente de Dom Frei Manuel da Cruz, bispo de Mariana, na sua última enfermidade (1764).
N 3) Dr. Nicolau da Silva Bello, nascido em Bom Jesus de Furquim, comarca do Ribeirão do Carmo, a 1 de junho de 1728. Formado em cánones pela Universidade de Coimbra. Ordenou-se em Mariana e foi Vigário da Vara da comarca eclesiástica do Serro Frio.
N 4) Padre Inácio Bello de Freitas, ordenado no Rio, em sede vacante de Mariana a 19-I-1766 (*). Em 1796 exercia o cargo de escrivão da banca eclesiástica do Serro Frio.
N 5) D. Angela Michaela da Trindade, nascida em 1746, falecida solteira. Em 1796 residia com seu irmão Dr. Tomás, em Vila Rica.
N 6) Dr. José da Silva Bello, nascido em Mariana, em cuja Sé foi batizado a 4 de dezembro de 1750. Esteve três anos no Rio deJaneiro praticando medicina, em que se licenciou. Cirurgião Mór. Aos 46 anos de idade ordenou-se no bispado de Mariana.
N 7) D. Maria Joaquina da Piedade, nascida em 1756. Em 1796 residia com seus irmãos José e Tomás, em Vila Rica.

NOTA. — Ao que parece extinguiu-se esta família, ao menos por parte de F1 (único conhecido).

(*) Cf. Carta de Ordens, no 5.º L.º do Reg. Geral da Cam. Ecl. de Mariana, a fls. (ilegível). A fl. é de fato 23-v.

Digitized by Google

Os Bellos da Borda do Carmo

(Barbacena - Minas)

Coronel Luiz Alves de Freitas Bello, filho de Antonio Francisco Bello e D. Mariana Domingues, naturais de São João Batista do Monte Real, bispado de Leiria. Casado c. D. Ana Quitéria Joaquina da Silveira, natural da Borda do Campo, filha do Tte. Cel. José Lopes de Oliveira e D. Bernardina Caetana do Sacramento. Esta, natural de Simão Pereira (hoje São Pedro de Alcantara - Juiz de Fóra), filha de Domingos Gonçalves Chaves, natural de São João da Cerveira, comarca de Chaves, e de D. Micaela dos Anjos Coutinho, de São João do Merití, bispado do Rio de Janeiro, falecida em 5-I-1782. O tenente-coronel, seu marido, falecido em 16-III-1778 — pai tambem do inconfidente padre José Lopes de Oliveira — era nascido em Santa Maria do Olival, bispado do Porto, filho de Manuel Lopes e Isabel Fernandes.

O Cel. Luiz Alves de Freitas Bello e sua mulher tiveram estes filhos:

F 1) Padre Luiz Alves de Freitas Bello, da diocese de Mariana, ordenado em 1803.

F 2) Joaquim Mariano de Oliveira Bello, deputado, comandante das armas em Alagoas, brigadeiro.

F 3) Antonio Lopes de Oliveira Bello, coronel de milicias, c. c. sua prima Maria da Gloria, c. d.

F 4) José Ricardo de Oliveira Bello, coronel de milicias, fazendeiro em Paraibuna, c. c. D. Mariana Pontes. Pais de:

N 1) D. Bernardina de Oliveira Bello, c. c. João Maria Lisboa. Pais de:

Bn 1) Antonio Carlos Bello Lisboa, c. c. D. Ana do Amaral de Abreu e Silva. Pais de:

Tn 1) Major Antonio Carlos Bello Lisboa.

Tn 2) Dr. João Maria Bello Lisboa. Em Ponte Nova, c. c, Maria da Conceição Damazio. Pais de:

Qn 1) João Bello Lisboa, ginasiano em Ponte Nova.

F 5) D. Bernardina Quitéria dos Reis, c. c. o Cel. Joaquim Silverio dos Reis, o da Inconfidencia, c. g.

F 6) D. Mariana Candida de Lima c. c. o General Francisco de Lima e Silva, senador e regente do Imperio. Pais de:

N 2) Duque de Caxias.

F 7) Venceslau Alves Leite de Oliveira Bello, nascido em 1787, c. c. D. Ana Flora Ribeiro Viana, natural do Rio Grande do Sul, filha do Major André Alves Ribeiro Viana. Foi presidente das provincias do Rio Grande do Norte, Sergipe e Espirito Santo. Como comandante das armas fez a campanha da Cisplatina, combateu contra os Farrapos. Morreu marechal reformado. Pais de:

N 3) Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, nascido em Porto Alegre. Formado em direito São Paulo. Promotor público em Itaborai, juiz de direito criminal em Porto Alegre. Deputado, em repetidas legislaturas, à assembléa geral. Presidente da provincia do Rio de Janeiro.

NOTA. — O Cel. Luiz Alves de Freitas Bello transferiu-se, depois da Inconfidência, para Campos, onde administrou o vínculo do Visconde de Asseca. Mudou-se depois para o Porto da Estrela, onde lhe nasceu o neto, o futuro glorioso Duque de Caxias.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. Armando Dias de Azevedo, do Rio Grande do Sul:

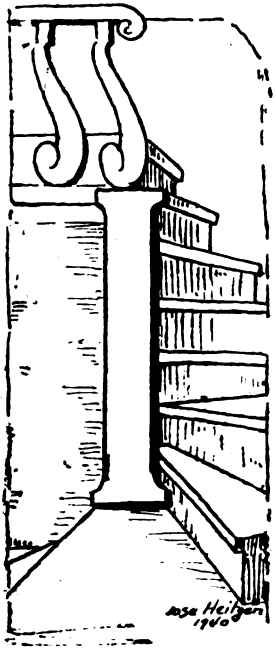
"Recebi o n.º 3 da "Revista Genealógica Brasileira". Li-a com grande interesse. Está cada vez melhor e faz com que cresça o desejo de se dedicar aos estudos genealógicos."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE GOIÁS

A genese do povo de Santa Luzia



Por Gelmires Reis

NICIOU-SE a fundação de Santa Luzia, no Estado de Goiáz, no dia 13 de dezembro de 1746, com a chegada, ao local, do bandeirante Antonio Bueno de Azevedo, à frente de grande caravana, saída do Paracatú, Minas Gerais, em meiados de agosto do mesmo ano. O ouro farto fixou todos os itinerantes da comitiva, aqui. Durante os anos de 1747 a 1760, além de aventureiros, entraram para a nascente e próspera povoação muitas famílias nobres e distintas, plantando o tronco genealógico da atual sociedade.

Julgando ser de utilidade para o estudo da ascêndencia e descendência dos primeiros habitantes de Santa Luzia, com fontes genesicas na Europa, principalmente em Portugal, e no Brasil, mormente em S. Paulo, publico, em seguida, a lista de todos eles, baseada em documentos fidedignos, declarando, desde já, que, com muito prazer, prestarei aos colegas desta especialidade de estudos, quaisquer outras informações que estejam ao meu alcance, assim como peço esclarecimentos, que possam orientar-me na genealogia de minha terra. Esse intercambio inteletual poderá produzir resultados satisfatorios, de grande vantagem para todos.

Eis a lista:

PORTUGUESES:

Sargento-mór José Correia de Mesquita.
Capitão Antonio da Rocha Nunes e sua mulher, d. Maria de Freitas da Silva.

Digitized by Google

Advogado Manoel José de Andrade e sua mulher, d. Josepha Soares de Castro.
Alferes Francisco Alves Galvão e sua mulher, d. Francisca Tavares.
Alferes Sebastião Alves Galvão.
Luiz da Gama Mendonça.
Capitão Manoel de Souza Moreira e sua mulher, d. Joana Soares de Lima.
Furriel-mór Nicolau Teixeira Pinto.
D. Maria de Lara.
Manoel Pereira.
Alferes José Veiga de Ataíde e sua mulher, d. Andreza da Silva Moreira.
Manoel Gonçalves Nunes.
Manoel Fernandes e sua mulher, d. Josefa Maria.
Francisco dos Anjos Teixeira.
Licenciado Antonio de Spinola Ataides e sua mulher, d. Rosa Maria.
Padre Francisco Spinola Ataides.
D. Caetana das Neves.
Dionisio de Sousa Jesus.
Padre Manoel Nunes Alvares da Motta.
Manoel Gonçalves.
Gaspar de Brito.
D. Josepha da Costa.
Manoel Tavares.
Pedro Rodrigues.
Joaquim Pereira Pinto.
Sargento-mór Joaquim da Silva.
Joaquim da Cotta Banha.
Domingos Pereira.
Antonio Pereira.
João Antonio Lobo.
Francisco Moreira.
Luiz Manoel Gonçalves de Sampaio.
D. Isabel de Pontes.
Antonio Roriz Bezerra.
Custodio de Almeida.
Capitão André Duarte.
Matias Pereira Dutra.
Licenciado Francisco Custodio Moreira de Almeida e sua mulher, d. Eugenia de Almeida e Castro.
Sargento-mór Antonio Teixeira Ribeiro Porto.
José de Souza Ramos e sua mulher, d. Maria de Oliveira Guedes.
José da Fonseca e Mattos.
Francisco de Spinola e Ataídes.
Narciso Ferreira Sobral e sua mulher, d. Teresa Marques.
João Pereira de Castro e sua mulher, d. Raimunda Pereira de Brito.
João da Costa Balsamão.
Manoel Tavares de Oliveira.
José de Abreu.
Alferes Antonio Alves Pereira Montalvão e sua mulher, d. Antonia Tavares.
Capitão José de Souza Caldas.
Silvestre Gonçalves Torres.
Francisco Viégas Moreira.
D. Maria Chaves.
Francisco Gonçalves Chaves.
Pedro Rodrigues Ferreira.
Tenente Antonio Bezerra Costa.
Manoel Affonso Ferraz.
Capitão Manoel Gonçalves da Costa Torres.
João Gonçalves da Costa Torres.
Virissimo Telles Monteiro.

Digitized by Google

Francisco Alves.
José Alves.
José Nogueira.
D. Romana Barbosa.
Antonio Carneiro da Silva.
Serafim Camello de Mendonça.
João Leite e sua mulher, d. Maria Leite Brochado.
Capitão João Viegas de Ataíde.
João Coelho.
Valentim de Freitas Santos.
José Gomes Bezerra e sua mulher, d. Josefa Pinto.
Joaquim da Silva e sua mulher, d. Josefa da Silva.
João Martins e sua mulher, d. Francisca Ribeiro da Silva.
Dr. Silvestre da Silva Carvalho.
Sargento-mór Antonio Teixeira da Silva Manco.
Gaspar Pereira e sua mulher, d. Isabel dos Santos.
Fabião Pinto Teixeira.
D. Maria de Freitas Lima.
Manoel Martins de Andrade.
Manoel Fernandes Valadares e sua mulher, d. Josefa Rosa.
Antonio da Costa Aranha.
Antonio de Siqueira e sua mulher, d. Caetana de Camargo.
Antonio Pinto.
Agostinho Ferreira da Costa.
Agostinho Teixeira da Costa.
Antonio Francisco de Araujo.
Alexandre de Souza Maia.
Alexandre Fernandes da Cunha.
Antonio de Araujo.
Capitão Alexandre de Oliveira Cruz.
Antonio da Silva Guimarães.
Antonio da Silva Pimenta.
D. Bernarda Pereira de Britto.
Bento de Souza e Menezes.
D. Bernarda de Athaídes e Silva.
D. Catharina Fernandes.
Custodio da Silva Guimarães.
Cipriano Soares e sua mulher, d. Marcela Bueno.
Carlos de Assumpção Ferraz.
Custodio Lobo Fialho.
Custodio Francisco.
D. Catharina Vieira.
Caetano José da Silva.
Carlos Gomes Peixoto.
D. Caetana Teresa da Silva.
Custodio Francisco Souto-Mayor.
D. Caetana Teixeira.
Padre D. Carlos João de Azevedo Araujo.
Domingos Rodrigues Pinheiro.
Domingos de Souza Araujo Ferraz e sua mulher, d. Maria Barbosa.
Francisco Gomes e Pinheiro.
Francisco Xavier de Ataídes.
Francisco de Faria.
Capitão Francisco de Magalhães Teixeira e sua mulher, d. Ennes Isabel.
Captão Francisco Gomes.
D. Florencia da Silva.
Francisco Alves Pereira.
Francisco Gonçalves Soares.

Digitized by Google

Gaspar Pereira de Oliveira.
D. Isabel de Couto Ribeiro.
João Gomes Rabello.
Capitão João de Almeida Lima.
José Antonio Carneiro.
José de Macedo Gomes.
D. Josefa Maria do Nascimento.
Capitão José de Souza Caldas.
D. Julia Fernandes.
Capitão João Baptista da Costa e Silva.
José Ventura e sua mulher, d. Florencia Bias de Menezes.
Jacinto Lourenço.
José de Oliveira Valle.
Padre Joel Domingos Rodrigues.
João Martins Parede.
Padre José Cardoso.
José de Souza e Silva Ramos e sua mulher, d. Maria de Oliveira.
Sargento-mór Joaquim da Silva.
Capitão José de Araujo Pinto.
Joaquim da Silva Coimbra e sua mulher, d. Maria da Silva.
José da Fonseca Martinho e sua mulher, d. Maria Magdalena do Couto.
Padre José Domingos Rodrigues.
João José.
João da Costa Dias.
João de Almeida Lima.
José Fernandes Coimbra.
João de Oliveira Pinto.
Manoel Pereira do Amarante.
Verissimo Muniz Nogueira.
Capitão Manoel José de Andrade.
Manoel Alves de Oliveira.
José Ribeiro do Vale.
João Alves Ribeiro.
Sargento-mór João José de Oliveira Maya e sua mulher, d. Maria Laura Pereira .
João Martins Cintra e sua mulher, d. Francisca Ribeiro.
Capitão José de Araujo Mattos,
Capitão-mór José de Andrade.
João de Souza Vasques Soares.
João de Macedo Guimarães.
João Pinto Barbosa.
Pedro da Costa Valle.
João Pereira Porto.
Licenciado José da Fonseca Pereira Martinho.
D. Maria Leite de Moraes.
Manoel Luiz de Oliveira.
Luiz da Costa Pimenta.
Luiz Ferreira de Almeida.
Lourenço José de Mesquita.
Luiz Alves Tourão.
Lourenço Teixeira da Luba e sua mulher, d. Caetana Palmeira.
Lourenço Pereira Braga.
Leandro Nunes.
Luiz Ferreira da Silva.
Luiz Antonio de Bastos.
D. Joana Garcia Beta.
Manoel de Souza Moreira.
Antonio Bezerra Cortes.
Manoel da Costa.

Digitized by Google

Manoel Fernandes Coelho.
Manoel Teixeira de Macedo e sua mulher, d. Ignacia Martins.
Manoel Tavares de Oliveira.
Manoel de Almeida Coelho.
Manoel de Freitas e Souza e sua mulher, d. Francisca Costa.
Manoel Barbosa e sua mulher, d. Maria de Souza.
Manoel Pereira da Matta.
Manoel do Amarante.
Padre Manoel Pereira Dutra.
Padre Marcos Pereira de Carvalho.
Sargento-mór Manoel Pinto de Araujo.
Manoel da Cunha Teles.
Manoel Fernandes Coelho.
Manoel Teixeira.
Paschoal Pamplona Valladão.
Pedro da Silva Miranda.
Pedro de Souza Leão.
Pedro Dias Marques.
D. Rosa Teixeira Galvão.
Simão Ribeiro Rivas.
Valentim de Freitas Santos.
Verissimo Teles e sua mulher, d. Vicencia Quiteria.
D. Ignez Cardoso.
D. Eugênia Ribeiro.
D. Teresa Marques.
Licenciado Manoel de Souza Pereira Caldas.
Francisco Dias de Oliveira.
Ventura Alves.
D. Isabel Duarte Vieira.
D. Caetana Teixeira.
José Coelho de Siqueira Rondão.
Miguel Ferreira da Costa.

PAULISTAS:

Antonio Bueno de Azevedo, fundador de Santa Luzia, e sua mulher, d. Maria da Rocha.
Luiz Mendes de Vasconcellos e sua mulher, d. Catarina Duarte de Camargos .
Domingos da Costa.
Verissimo Monteiro.
Sebastião Fernandes.
José Machado da Silva.
Alferes Francisco de Jezus.
Ignacio Xavier do Amaral e Souza.
Domingos de Araujo e sua mulher, d. Maria Barbosa.
Mariano da Piedade.
Domingos Alves Ferreira.
D. Florencia Ribeiro de Britto.
Antonio Coelho e sua mulher, d. Luiza de Macedo.
Francisco Antonio.

OUTRAS CAPITANIAS:

Lourenço Bezerra e sua mulher, d. Caetana de Araujo Palmira, mineiros.
D. Ana dos Santos Teles, pernambucana.
Gaspar Pereira de Oliveira, fluminense.
José da Fonseca Martinho, baiano.
Antonio Bicudo de Siqueira, mineiro.
Padre Manoel de Oliveira Galvão, fluminense.

Digitized by Google

Coronel Mateus Cardoso, mineiro.
Licenciado Manoel Pereira da Assumpção, mineiro.
Manoel Pereira da Matta, mineiro.
Tomé de Azevedo e sua mulher, d. Euzebia de Azevedo Paula, mineiros.
Manoel Fernandes, sul-riograndense.
D. Teresa Cardoso, mineira.
Mestre de campo Manoel de Bastos Neiva, carioca.
D. Maria de Bastos Neiva, carioca.
Capitão Manoel Ribeiro da Silva, mineiro.
José Pereira Lisboa, baiano.
Miguel Ferreira da Costa, Bento da Silva Menezes e Souza, Pedro Monteiro da Silva, Pedro Rodrigues de Moraes e Tomé da Silva Falcão, cariocas.
Capitão João Pereira Guimarães e Ventura Alves Pedrosa, mineiros.
Manoel da Cunha Teles, de Santa Maria do Corvilho, bispado do Porto, Portugal.
Baltazar dos Reis, da freguezia de N. S. dos Martyres, patriarcado de Lisboa, Portugal.
Antonia Maria de Mendonça, de S. Maria do Corvilho, bispado do Porto, Portugal, casou-se com Manoel da Cunha Telles, deixando milhares de descendentes em Santa Luzia.
Mariana da Silva Almeida, natural de Santo Amaro da Purificação, Baía, casou-se com Baltazar dos Reis, de cuja união descendem os *Reis* de Santa Luzia.
Manoel Alves Rodrigues, natural de Santana do Couto, Vimieiro, arcebispado de Braga, Portugal, casou-se com Ana de Souza Ramos, de Santa Cruz, Goiás. Tambem é tronco da familia *Reis*, pela parte materna.
Domingos Alves da Costa, natural de Ferreiros, termo de Mondim, arcebispado de Braga, Portugal, casou-se com d. Joana Garcia Velha, natural de N. S. da Piedade, bispado de São Paulo.
Manoel de Meireles, natural de S. Pedro de Ferreiros, termo de Mondim, comarca de Vila Real, arcebispado de Braga, Portugal, casou-se com d. Faustina Alvares, da mesma localidade. E' tronco da família *Meireles*, de Santa Luzia.

No meu livro intitulado "Genealogia Luziana", publicado em 1929, desdobrei a descendência de algumas das famílias, constantes desta lista; mas é possivel que ainda se encontre muita joia preciosa, digna de ser examinada pelos interessados.

CERTIDÃO (1)

"Certifico *in fide parochi*, que no livro de assentos de Casamentos às fls. 59 do L.º 6.º se acha o assento de que me pede certidão do theor seguinte: Aos deseseis de Janeiro de mil oitocentos e quarenta e oito, no Oratório do Comm.dor Oliveira, *servatis servandis*, sem impedimento, em minha presença, se receberão em Matrimonio, por palavras, de presente Antonio Luiz de Pina, filho legitimo do Capitão Braz Luiz de Pina, e de D. Helena das Dores Farinha, com Ludovina Alves de Amorim, filha legitima do Capitão Luiz Alves de Amorim, já falecido, e de D. Ana Joaquina da Paixão, ambos nascidos e baptisados nesta Freguezia, aonde são moradores; receberão as Benções nupciaes: forão testemunhas o Commendador Joaquim Alves de Oliveira e o Capitão Joaquim Pereira Valle; e por ser verdade me assigno. O Vigário Collado, PJosé Joaquim do Nascimento. Nada mais se continha em o dito assento, que aqui bem e fielmente copiei do próprio, a que me reporto. Villa de Meiaponte, 25 de Janeiro de 1848. O Vigário Collado P.e José Joaquim do Nascimento."

(1) Enviada pelo Desembargador João Francisco de Oliveira Godoi, de Goiaz.

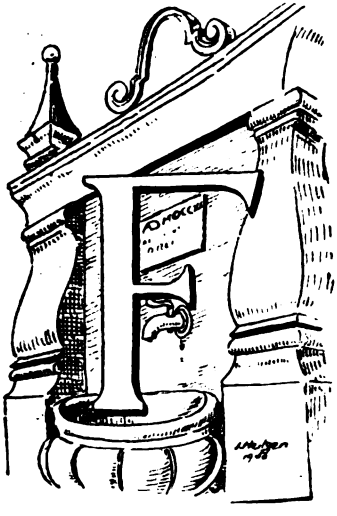
Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE SANTA CATARINA

Barão de Iguatemy (Almirante)

Almirante Henrique Boiteux



IDALGO de avita herança, atributo esse, de certo, de pouca monta para realce das qualidades que o exornaram, destacou-se o almirante Francisco Cordeiro Torres Alvim em toda a sua brilhante e gloriosa carreira militar pela sua açacalada inteligência, inteireza de caráter perfeita, lealdade a toda prova, conhecimentos profissionais completos, clareza de intuição, audácia de plano, firmeza de ação, bravura indómita sem alardes, sendo tudo aliado à sua inflexa probidade, lhaneza de trato e bondade profunda.

Nêle havia o nobre orgulho do militar brioso, incapaz de desistir da sua opinião, devêsse, embóra, cruzá-la contra a vontade do superior; sua conciência só admitia o justo e o honesto.

Nasceu na cidade do Desterro, hoje Florianopolis, a 4 de agosto de 1822; era o segundo filho dos treze que houvera o Chefe de Esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim de seu matrimonio com D. Mauricia Elisea Alvim. Seu pai, que desde capitão-tenente tantos serviços prestou a Santa Catarina, para mais se vincular à Pátria adotiva, deixou uma brilhante progenie para continuadôra da sua fecunda atividade na Marinha e na administração pública.

Quem se deleitar no estudo de prosápias e linhagens poderá vêr que a lei não falhou; se seu pai, notabilizado na guerra como na paz, como hidrógrafo e administrador, distinguia-se ainda por suas nobres qualidades, pelo extremado amor ao trabalho; seu tio, o visconde de Jurumirim, tenente-general e Conselheiro de Estado, nome indissoluvelmente ligado a obras de engenharia, à organização da Escola Militar e da Caixa de Amortização,

Digitized by Google

ficou célebre pela vastidão de seus conhecimentos e pela agudeza de espírito.

Torres e Alvim era neto de Antonio de Souza Mello e Alvim, senhor do morgado de Olaia, termo da vila de Ourém, que ainda hoje anda na família, e de sua mulher D. Maria Barbara da Silva Torres, da mais nobre família dos morgados de Sanguichal; bisneto de Antonio de Souza Mello e Alvim e de D. Maria Teodora de Souza e Gouvêa, do morgado de Cadaval; trineto de Antonio de Souza de Noronha de Alvim e de D. Maria de Souza Barreiros, da primeira nobreza da Vila do Porto da Móz; tetraneto de João de Souza Alvim e de sua segunda mulher; quinto neto de Pero de Souza e Alvim e de sua mulher D. Teofila de Menelau; sexto neto de Jorge de Souza e Alvim e de sua mulher D. Francisca de Noronha, da ilustre família desse apelido, da vila de Tomar, descendente de D. Afonso, conde de Gijon e Noronha e de sua mulher, filha natural de El-Rei D. Fernando; setima neto de d. Simão Fernandes da Costa, comanditario de S. André de Rendufe e sua mulher D. Felipa de Alvim e Souza, remontando a sua nobreza à mais alta antiguidade e contando no número de seus maiores o condestavel D. Nuno Alves Pereira, conde de Ourem, casado com D. Joanna de Alvim, e D. João Rodrigues Pimentel, que foi grão-mestre da Ordem de Aviz e combateu ao lado de D. Afonso na batalha do Salado. Era moço da casa Imperial.

São seus irmãos, todos nascidos em Santa Catarina:

O coronel de engenheiros João de Sousa Melo e Alvim. Póde-se dizer o mais dinâmico engenheiro que possuiu Santa Catarina. Deputado à Camara dos Deputados em duas legislaturas. Presidiu a Provincia do Ceará; o Arsenal de Marinha, como diretor dos serviços hidraulicos lhe ficou a dever inesquecíveis serviços.

José Maximiliano de Melo e Alvim, falecido como capitão de Mar e Guerra, foi um dos diretores e organizadores do Lloyd Brasileiro.

Miguel de Souza Melo e Alvim, falecido como 1.º tenente da Armada.

Emilio Augusto de Melo e Alvim, oficial da Armada, engenheiro de máquinas que, no Joazeiro, montou o vapor "Dantas", em 1872, no rio S. Francisco. Veio a falecer das febres apanhadas durante aquela comissão.

Julio de Souza Melo e Alvim, seguiu a carreira diplomática.

Um outro, creio, seguiu a carreira eclesiastica.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. Romeu Maia Souto, de José Bonifacio:

"Recebi a revista, sempre procurando fazer jús ao bom acolhimento que lhe é dispensado, merecidamente."

De escritor Sebastião Almeida Oliveira, de Tanabí:

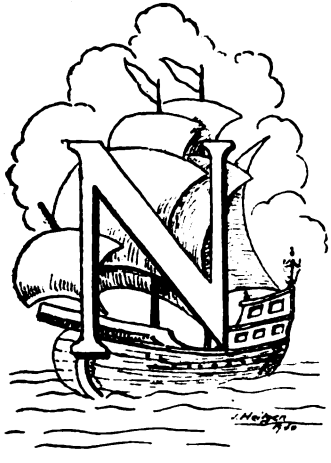
"Estou de posse do III º número da explendida revista do Instituto Genealógico Brasileiro, a quem tenho a honra de pertencer. Como os anteriores, esse número não desmerece a elevada cotação literária de todos os trabalhos saídos desse cenáculo sob vossa orientação segura e inflexivel. Meus parabens e votos de continuidade para que os estudos de genealogia continuem estimulados em todos os quadrantes do território pátrio."

Digitized by Google

INSTITUTO DE ESTUDOS GENEALÓGICOS DO RIO GRANDE DO SUL, FILIADO AO

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Notas á arvore da família Assumpção do Rio Grande do Sul



Heloisa de Assumpção

o Rio Grande do Sul a familia Assumpção teve origem em Joaquim José de Assumpção, que se uniu pelos laços do matrimonio à pelotense D. Maria Augusta da Fontoura, filha de João Duarte Machado, lisboense, e de d. Maria Regina da Fontoura, de Viamão.

D. Maria Augusta foi dotada por ocasião desse matrimonio, segundo consta de certidão passada na Vila de S. Francisco de Paula (hoje Pelotas), em 11 de outubro de 1834. Diz o documento:

"Bens dados em Dote á Herdeira Maria Augusta — Recebeu em Dote de Casamento com Joaquim José de Assumpção sem preço e tem em si o seguinte, a saber — Um escravo de nome Alexandre, pardo, de idade de 18 anos, avaliado por quatrocentos mil reis — Dito João Maria de vinte e quatro anos, avaliado por quatrocentos mil reis — Dita Victoria, crioula, dezaseis anos, avaliada por cento e setenta e nove mil reis — Dita Joaquina da Costa, dezoito anos, avaliada por duzentos e cincoenta mil reis — Um terreno no Passo chamado Real na margem do Rio de Pelotas, onde tem estabelecimento de charqueada — avaliado por quatro contos de reis — Um potreiro na boca do dito Rio de Pelotas, até encontrar um vale que o marido da dita Herdeira tem, com a sua gente no Banhado — Avaliado por dois contos de reis."

Joaquim José era filho do casal João da Assumpção e Feliciana Rosa, ambos naturais de Lisboa, como êle próprio. Deve ter vindo para o Brasil como emigrante e tentado primeiro ganhar a vida nas provincias do Norte. Mas nada de positivo se sabe a respeito, apenas que possuia um irmão na Baía, para onde mandou, certa vez, um de seus filhos. Não se sabe tambem

Digitized by Google

si veiu acompanhado de outros parentes que tivessem ficado no Norte. No Rio Grande do Sul radicou-se em Pelotas (Vila de S. Francisco de Paula), onde foi, a princípio, patrão de iáte, talvez fazendo transporte para as charqueadas, pois percorria, com sua embarcação, o arroio Pelotas, à margem do qual estavam situados inumeros estabelecimentos dessa espécie.

De seu consorcio com D. Maria Augusta da Fontoura houve os seguintes filhos: F1) Antonio Raimundo, nascido em Pelotas, a 26 de abril de 1832 e falecido em 1891 ou 92; F2) Joaquim José, futuro Barão de Jaráo, nascido em 28 de outubro de 1831 e falecido em 12 de abril de 1898; F3) Maria Joaquina, casada com José Vitorino de Rezende.

Desses seus dois filhos descendem os dois ramos que formam a familia Assumpção do sul.

F 1) Antonio Raimundo consorciou-se com D. Leocadia Gomes de Melo, filha de João Gomes de Melo e Cristina Soares Gomes, havendo um único filho varão:

N 1) Dr. Antonio Augusto de Assumpção, que casou com sua prima Leocadia da Silva Tavares, filha dos Barões de Santa Tecla. Dêsse consórcio houveram os seguintes filhos:
Bn 1) Alfredo Augusto de Assumpção, c. c. Gisela Chaves Lopes, sem descendência.
Bn 2) Arthur Augusto de Assumpção, c. c. sua prima (Bn11) Judith Assumpção de Assumpção. Filhos:
Tn 1) Helena
Tn 2) Heloísa, advogada.
Tn 3) Hilda
Tn 4) Maria Leocadia.
Bn 3) Amelia Assumpção, c. c. seu primo (Bn7) Luis Augusto de Assumpção. Filhos:
Tn 5) Maria de Lourdes, c. c. Dr. José Otoni Ferreira Xavier. Pais de:
Qn 1) Maria Teresa.
Bn 4) Dr. Antonio Augusto de Assumpção Junior, c. c. sua prima Zilda Tavares, sem descendência.

F 2) Joaquim José, Barão de Jaráo por dec. de 25 de outubro de 1888, matrimoniou-se com D. Candida Clara Simões Lopes, filha do Comendador João Simões Lopes e de D. Isabel Dorotéa da Fontoura, e irmã do Visconde da Graça.

N 2) Senador Joaquim Augusto de Assumpção, que casou com D. Maria Francisca Mendonça. Filhos:
Bn 5) Joaquim Augusto de Assumpção, c. c. d. Haydée Bordagorry, falecida. Filhos:
Tn 6) Mário, médico, solteiro, falecido em 1936.
Tn 7) Iná.
Tn 8) Zelí, c. c. Dr. Luís Assumpção Osorio.
Bn 6) Carlos Augusto de Assumpção. Solteiro.
Bn 7) Luís Augusto de Assumpção, c. c. sua prima (Bn3) Amelia (vide descendência de Antonio Raimundo, F1).
Bn 8) Fernando Augusto de Assumpção, c. c. Irene De Boer Kraft, falecida. Filhos:
Tn 9) Maria Carmem.
Tn10) Maria Luisa.
Bn 9) Maria Augusta Assumpção, c. c. Francisco Alberto Rheingantz, falecido. Filhos:
Tn11) Maria Francisca.
Tn12) Joaquim Carlos.
Tn13) Olga.
Tn14) Maria Augusta.
Bn10) Noemia Assumpção, c. c. seu primo (Bn15) Dr. Pedro Luís Osorio. Filhos:
Tn15) Dr. Paulo A. Osorio, c. c. Carmem Correa Gastal. Pais de:
Qn 3) Sergio Augusto.
Tn16) Dr. Luis A. Osorio, c. c. sua prima Zely Bordagorrà Assumpção.
Tn17) Dr. Joaquim Osorio, solteiro.
Tn18) Marina, c. c. Luís Alves Pereira.
Bn11) Judith Assumpção, c. c. seu primo (Bn2) Arthur Augusto de Assumpção. (Vide descendência de Antonio Raimundo, F1).
Bn12) Francisca Assumpção, c. c. seu primo (Bn16) Dr. Fernando Luís Osorio, já falecido. Filhos:
Filhos:
Tn19) Noemi.
Tn20) Maria Francisca, c.c. Paulo Avila Bertasso. Pais de:
Qn 4) Fernando José.
Tn21) Fernando Luis.
Tn22) Elisabeth.

Digitized by Google

N 3) A segunda descendente do Barão de Jaráo foi D. Ernestina Assumpção que casou com o Dr. Fernando Osorio, ministro, já falecidos. Desse casamento há os seguintes filhos:
Bn13) Dr. Manuel Luís Osorio, c. c. D. Leonidia Maciel Moreira, com descendência.
Bn14) Dr. Joaquim Luís Osório, c. c. D. Ema Berhensdorf.
Bn15) Dr. Pedro Luis Osorio, c. c. sua prima (Bn10) Noemia de Assumpção.
Bn16) Dr. Fernando Luís Osorio, c. c. sua prima (Bn12) Francisca Assumpção.
Bn17) Francisca Luisa Osorio, c. c. Dr. Mario Ribeiro.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do "Diário Popular", de Pelotas, de 18-VI-1941:

Acaba de circular em São Paulo mais um número da "Revista Genealógica Brasileira", publicação destinada, como se vê, aos estudos genealógicos.

Tais estudos parecem à primeira vista, não sòmente pouco interessantes, como até mesmo pouco difundidos no Brasil. Folheando-se, entretanto, aquela revista, verifica-se, não sòmente como a genealogia é um ramo da ciência biológica, capaz de prender fortemente a atenção, como também o leitor se certifica de que, em todo o Brasil, é muito grande o número de pessôas que dedicam sua atenção ao estudo de sua ascendência.

A "Revista Genealógica Brasileira" não obstante estar apenas no terceiro número, acha-se espalhada por todos os Estados do nosso País, contando, em todos eles, grandes núcleos de leitores, que não sòmente se comprazem na parte relativa à sua família e aos seus conhecidos, como ainda as famílias de outros Estados e de outras épocas.

Efetivamente, é muito raro que se leia um estudo genealógico, sem que se encontrem vários conhecidos. Ora, é sempre muito interessante conhecer-se a origem e a descendência desses conhecidos, com as relações de parentesco que as ligam, quér as famílias do mesmo sangue, quér entre famílias de sangue diverso que se enlaçam já diretamente pelo matrimônio, quér indiretamente pelo entrosamento dos colaterais.

A Genealogia começa a assumir, no Brasil, o mesmo aspecto que assume em outros países. Vem mesmo mudando completamente de aspecto. Até não ha muitos anos, era essa parte da ciência biológica olhada com desdem. É que, em geral, aqueles que se dedicavam à genealogia, eram pessoas possuidoras de cabedais que haviam obtido por herança e os respectivos espólios tinham origem comum com títulos heráldicos, originando-se, daí, a confusão de que a Genealogia visava somente procurar entre os ascendêntes, pessoas tituladas e forradas de escudos e brazões.

Pouco e pouco, foi-se tornando mais claro o verdadeiro fim da Genealogia, que é um estudo paralélo ao da História Pátria, pois traz à tona, fátos e acontecimentos que, de outra forma, ficariam sepultados nos arquivos familiares, e paralélo também ao da biologia, pois apresenta de modo claro as tendências individuais dos grupos de família. Nos tempos atuais em que a Sociologia se desdobra em vasto campo de estudos, a Genealogia vem pois, prestar um valioso subsidio aos sociólogos, e, entre estes, aos orientadores vocacionais e educacionais, procurando no individuo as suas tendências, através das leis tão sabiamente traçadas por Mendell.

O Brasil atual acha-se cada dia mais, plantado de escolas e universidades, crescendo, por isso, em todo o território nacional, as pessoas de cultura geral. Na mesma proporção em que aumenta o número de pessoas cultas, diminue o número dos que sorriem desdenhosamente dos estudos genealógicos, visto que sòmente espíritos cultos poderão enxergar que a Genealogia não visa procurar origens nobres, mas sim tendências biológicas, de um lado e de outro, aprofundamentos no estudo da História.

Acreditamos, entretanto, que o grande desenvolvimento que a Genealógia vem assumindo em todo o Brasil, se deva ao fáto de ser o brasileiro por demais curioso, e, por isso mesmo, ter um prazer imenso em conhecer as origens e o parentesco dos seus amigos e conhecidos.

De qualquer forma, não deixa de ser interessante. Daí, o desenvolvimento do Instituto Genealógico Brasileiro de São Paulo, cuja caixa postal (n.º 3363) recebe correspondência dos mais longínquos recantos brasileiros.

Digitized by Google

SOCIOS DO "INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO"

(Abreviaturas: E. - Efetivo; Ct. - Contribuinte; A. - Assistente; Cp. - Correspondente; Cons. - Conselheiro; H. - Honorario. Os socios com * e grifo pertenceram ao antigo *"Instituto de Estudos Genealógicos"*).

Na pág. 46 do semestre anterior demos a lista de 347 socios, sendo 163 com asteriscos. Continuamos aqui a lista dos socios entrados depois:

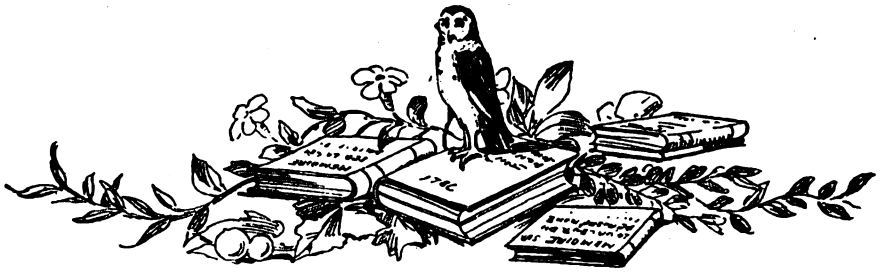
SOCIAS:

348 Adriana Torres de Lima, Exma. Snra. D. (A.)
349 Maria Dulce Torres de Albuquerque Cardoso de Mello, Exma. Sra. D. (A.)
350 Olga de Carapebús, Exma. Snra. D. (A.)
351 Palmyra Vieira da Silva, Exma. Snra. D. (A.)

SOCIOS:

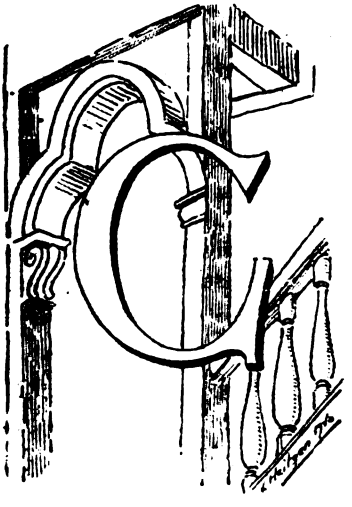
352 Afonso de Oliveira, dr. (A.)
353 Agenor Barbosa, dr. A.)
354 Alberto Frederico de Moraes Lamego, dr. (Ct.)
355 Alberto Lima (A.)
356 Alfredo Freire, dr. (A.)
357 Alfredo Teodoro Rusins, prof. (A.)
358 Aluizio Alves, prof. (E.)
359 Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Junior, dr. (A.)
360 Antonio Gomes de Araujo, Revmo. P.e (A.)
361 Antonio Paulo Cyriaco Fernandes, Revmo. P.e (H.)
362 Antonio Soares de Lara, dr. (A.)
363 Arlindo de Carvalho Pinto, dr. (A.)
364 Armando de Arruda Pereira, dr. (Ct.)
365 Arnold Vildberger (A.)
366 Coriolano Pinto Ribeiro, dr. (A.)
367 Cristobal de Gangotena y Jijón (Cp.)
368 Eurico Brito Andrade (A.)
369 Ezequiel Ubatuba (A.)
370 Felix Eduardo Eschelbach (Ct.)
371 Florentino Barbosa, Conego (H.)
372 Graciano Adolfo Monteiro de Barros, Comandante (A.)
373 Hildebrando Barbosa e Silva, dr. (A.)
374 Irineu Leandro Cavalcanti (A.)
375 Jaime da Cunha Gama e Abreu, dr. (A.)
376 João José de Oliveira Junqueira, dr. (A.)
377 Joaquim de Almeida Veloso, dr. (Ct.)
378 Joaquim Bandeira Filho (A.)
379 Joaquim C. Vasconcellos Motta (A.)
380 Joaquim Gomes de Carvalho, dr. (A.)
381 Jorge Calmon Moniz de Bittencourt, dr. (A.)
382 José Assuero de Siqueira, prof. (Ct.)
383 José Bonifacio de Arruda, dr. (Ct)
384 José Trindade da Fonseca e Silva, Revmo. P.e (Ct.)
385 Juan Voltas Nogues (Ct.)
386 Lauro Monteiro de Carvalho e Silva, prof. (A.)
387 Mario Guastini, Comendador (E.)
388 Mario Linhares (E. Cons.)
389 Miguel Angelo de Oliveira (A.)
390 Miguel Ney de Carvalho, Coronel (Ct.)
391 Nelson de Oliveira Mafra, dr. (A.)
392 Octacilio Grafulha (A.)
393 Orlando da Cunha Carlos, dr. (A.)
394 Raul da Rocha Medeiros Junior, dr. (A.)
395 Romario Marques Machado (A.)
396 Rubem Zinimermann, dr. (A.)
397 Rubens Mattos Silveira, dr. (A.)
398 Telésphoro de Sousa Lobo (A.)
399 Waldemar da Motta Varella, dr. (A.)
400 Wilson Menon (A.)
401 Amilcar Montenegro Osorio (A.)
402 Sylvio de Campos, Dr. (E.)
403 Gastão José da Silva Abbott (A.)
404 Antonio Drummond de Aguiar, dr., (A.)
405 Antonio da Silveira Paixão, Padre (A.)
406 Pedro de Freitas Gouvea (Ct.)
407 Raimundo de Campos Proença, Prof. (A.)
408 Godofredo Rebello de Figueiredo Filho (A.)
409 Henrique Aranha Lowndes (A.)

Digitized by Google



De Wilhem Van Der Haagen a Borges Fortes Spalding

por W. Sp.



GRANDE parte da população do Rio Grande do Sul tem sua origem nos "casais" das ilhas Açores aportados à, então, Capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, de 1752 a 1770.

Como, porém, desde 1732 residiam já em diversos pontos (Tramandaí, Estreito, Rio Grande (porto), Porto Alegre, etc.) lagunistas e paulistas dos quais muitos se radicaram na nova gleba, o cruzamento não se fez esperar com o entrelaçamento das famílias dos sesmeiros e os advenas do contrato de Feliciano Velho Oldenberg, — os casais açoritas.

E aí temos a origem da família sul-riograndense que se orgulha do sangue açoriano-flamengo-paulista-lagunista.

Açoriano-flamengo, dissemos, e, em verdade, assim é, porque, com raras exceções, o açoriano tem sangue da gens flândria, e tanto assim que possuem, na sua maioria, olhos azuis. E' a prova mais cabal dessa origem: os olhos azuis de brasileiros e portuguêses que não têm no sangue outro que não seja o do açoriano-português ou açoriano-brasileiro (paulista ou lagunista).

Em verdade, foi pelo ano de 1468 que uma das Açores (até então estavam, todas, desertas), a ilha do Faial foi doada a *Josse de Hurtere,* nobre da Flandres que as crônicas portuguêsas da época cognominaram *Jos de Utra* ou *Dutra.*

Digitized by Google

Esse primeiro donatário da Faial e segundo da ilha do Pico (1482) promoveu o povoamento delas com famílias da Flandres e alguns degredados.

Josse de Hurtere era saquiteiro ou panadeiro de Dona Isabel de Borgonha, infanta de Portugal e esposa de Felipe o Bom, Duque de Borgonha, e filha de D. João I de Portugal e Dona Felipa de Lancaster.

Esse entrelaçamento das casas de Flandres e Portugal foram causa de alianças e tratados vários e, até, do acoitamento, em Portugal, de flamengos condenados à morte, cuja pena, porém, a pedido de Dona Isabel era comutada em degredo perpétuo. Desses, os mais dignos seguiram para as ilhas dos Açores, segundo reza a tradição e o afirma Martin Behaim, genro de Josse de Hurtere que se casara com Dona Brites de Alacedo, creada particular de Dona Beatriz, mãe de D. Manuel.

Os primeiros povoadores da ilha Faial foram Josse de Hurtere e vários parentes entre os quais Antonio de Hurtere e sua irmã Josina ou Josefina de Hurtere que casou com o português Nuno Fernandes, da ilha da Madeira, o tronco dos Fernandes Dutra.

Outros nomes de flamengos ilustres que povoaram os Açores são os de *Bruyn* que deram os *Brum* do Brasil e do Uruguai; os *Gevaert* ou *Govart* que deram os Gularte afrancezados para "Goulart"; os *van der Haagen* ou Haeghen que deram os *d'Agueda*, — *Silveira* e *Pereira;* os *Herrman* que deram Armão; os *Roose* que deram *Rosa;* os van *Aard* que deram os *Terra* no Brasil e no Uruguai; os *Payn* que deram *Paim*...

Passe-se os olhos por esses nomes e veremos que são comuns no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul para onde seguiram centenas e centenas de casais açoritas noventa por cento de olhos azuis e sangue da Flândria.

Ao tronco flamengo-português pertence a tradicional família Borges Fortes entrelaçada às famílias Simões, Barcelos (Fortes de Barcelos), Abbott, Fernandes Barbosa, Carneiro Monteiro, Rego Monteiro e muitas outras tradicionais no Brasil.

Os iniciadores da Familia Borges Fortes deveriam ter chegado ao Rio Grande do Sul pelo ano de 1750, pois, seus nomes não figuram entre os dos que receberam *datas* de acordo com o *bando* de 16-1-1752 e só aparecem muito mais tarde "com avultada propriedade nas Pederneiras, em campos que foram adjudicados ao domínio português só depois do advento de Gomes Freire ao Rio Grande" (Gal. Borges Fortes), conforme se póde vêr na *Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul* (1).

(1) "Antonio Pereira Fortes — 3 legs. de compr. — 1 leg. de larg. — Campos na fronteira do Rio Pardo, denominados "Bôa Vista", sitos nos galhos de Irapuá. Confrontam: pelo Sueste com um boqueirão, por onde se divide por um marco de pedra, com os campos do falecido João de Souza Pimentel, e tambem uma vertente que baixa do dito boqueirão para o primeiro galho do Irapuá; pelo Sudoeste e Sul com as voltas do mesmo Irapuá, por onde divide com os campos de Joaquim Se-

Digitized by Google

Foram seis os descendentes de Wilhem van der Haagen que se instalaram no Rio Grande do Sul, filhos de João Teixeira d'Agueda:

a) João Pereira d'Agueda.
b) Antonio Pereira d'Agueda.
c) Miguel Pereira Simões.
d) Maria Santa.
e) Rosa Joaquina.
f) Felicia Pereira.

Os dois primeiros, João e Antonio só mais tarde passaram a assinar-se Fortes, titulo que lhes teria advindo de atos heroicos praticados na defesa dos *fortes* da "fronteira do Rio Pardo" contra os ataques espanhois, pois esses ilhéus foram diretamente para Rio Pardo, instalando-se naquela zona e na de Cachoeira.

Em verdade, a primeira vez que João Pereira aparece assinando o nome *Fortes* é em 1760. Até essa data figura como João Pereira d'Agueda. Assim no registo de nascimento de sua primeira filha Joana Rosa, em 1758.

Isso estabelecido, temos:

1) João Teixeira d'Agueda, descendente de Wilhem van der Haagen, pessoa da nobresa de Flandres, casado na freguezia do Tousso, na ilha de São Jorge, com Isabel Nunes de quem teve: João Pereira (d'Agueda) Fortes, com quem se continúa; Antonio Pereira (d'Agueda) Fortes, c.c. Maria Antonia da Encarnação, filha de Manuel Tavares e Maria da Conceição, em primeiras nupcias, e, em segundas, com Helena da Silva (de Santa Catarina), filha de Antonio da Silva (do Rio de Janeiro) e Agueda dos Anjos (da ilha Graciosa); Miguel Pereira Simões; Maria Santa; Rosa Joaquina de Souza, e Felicia Pereira.

2) João Pereira (d'Agueda) Fortes, casou em 1756, no Rio Pardo, com Eugenia Rosa, da freguezia da Praia, ilha Terceira (Açores), filha de Manuel Ribeiro e Catarina de S. Francisco. A respeito de João Pereira Fortes escreveu o general Borges Fortes: "As terras em que se instalou, ter-lhe-iam sido outorgadas pela autoridade militar de Rio Pardo logo após a ocupação daquela fronteira pelas tropas da demarcação de limites em 1754.

O comandante de Rio Pardo, notadamente Francisco Barreto Pereira Pinto, teve em sua alçada a distribuição das terras sob a sua jurisdição e o fazia com largueza, sendo todavia de notar, como já o fizemos sentir em outra obra, que, senhor de tão amplo poderio, não tirou para si campo algum, o que é um título assaz honroso, para o bravo comandante dos Dragões do Rio Pardo.

Adjacente às terras de João Pereira Fortes estabeleceu-se um outro açoriano, Mateus Simões Pires, fundador de notavel e numerosa família riograndense.

João Preira e Mateus Simões, que suponho tivessem afinidades muito intimas, talvez parentesco próximo, o que poderá ainda ser averiguado, associaram-se na exploração de suas estâncias, como se lê de vários documentos dos arquivos públicos. Socios foram nas Pederneiras e continuaram a sê-lo no Capivarí, onde tiveram campos. Antonio Pereira Fortes, o segundo dos d'Agueda, foi tambem lindeiro com Mateus Simões e teve com este uma divergência por questão de extensão de propriedade, assunto que foi dirimido pela intervenção do Govrnador, Brigadeiro Marcelino de Figueiredo, em 25 de setembro de 1782.

---

vero Filho; a Oeste com o proprio rio Irapuá, dividindo-se em baixo com os campos pertencentes a Manoel Gomes Porto; a Leste com o galho oriental do aludido rio desde o mencionado marco, fazendo divisa pela parte de cima com José Roiz e em baixo com os campos da Capelinha; ao Nordeste e Norte com o citado galho oriental, até sua embocadura no Irapuá. — Concedido por Dom Fernando José de Portugal em 1802. — Obs. Estes campos houve o concessionario por compra que fez a Manoel Gomes Porto. (Rev. do Arquivo Público do R. G. S., vol. 3.º, pág. 195).

Digitized by Google

No Capivarí teve João Pereira uma propriedade com uma e meia legua de comprimento por meia de largo, sendo seu confrontante em 1784 o filho de Mateus Simões. Antonio Cardoso Pires.

Da sesmaria concedida em 1780 a Antonio Machado Pereira, consta que nas Pederneiras estavam instalados João Pereira, Mateus Simões e João Silveira Gularte. (2)

Aumentando os seus haveres, Fortes passa para o sul do Jacuí, requerendo com o nome de seu filho Ricardo Antonio Pereira uma sesmaria que lhe foi concedida, defronte da fóz do arroio Guardinha, pelo Governador Marcelino, em 1 de abril de 1780.

Em 1793 João Pereira Fortes tem legitimada uma outra sesmaria, à margem do Piquerí, com três leguas superficiais. Esta sesmaria foi primitivamente concedida ao Tenente José da Silva Baldy, que vendeu seus direitos a Fortes. Recebeu o nome de sesmaria do Capão Grande, de um grande mato existente na divisa com as terras de Miguel Pereira Simões, que lhe ficavam ao Sul."

Do casamento de João Pereira (d'Agueda) Fortes com Eugenia Rosa, nasceram: Joana Rosa, com quem se continúa; Catarina Antonia da Encarnação, c.c. o tenente Policarpo Soares de Lima; Gertrudes Rosa, c.c. José da Silveira Gularte; Escolástica Joaquina, c. c. Caetano Coelho Leal; Rosa Joaquina, c. c. José Vieira da Cunha; Eugenia Rosa, c. c. o tenente José Martins da Cruz, natural de Jobim, nome que transmitiu a seus descendentes — Cruz Jobim e Jobim; Maria Santa, c. c. José Antonio Martins; Ricardo Antonio Pereira, fal. solteiro; Antonio Pereira Borges, fal. solteiro; João Pereira Fortes, c. c. Brigida Maria de Valença; Floriana, e José Pereira Fortes, fal. solteiros.

3) Joana Rosa Pereira Fortes, nasceu no Rio Pardo a 1-IV-1758, c. c. Antonio Gonçalves Borges, natural de S. Miguel, ilha Terceira (Açores), filho de Manoel Gonçalves Mancebo e Agueda Maria, da mesma ilha. Teve o casal Joana Rosa-Antonio Gonçalves Borges, os seguintes filhos: Antonio Gonçalves Borges (3); Jacinta Joaquina da Natividade, c. c. o guarda-mór José Pedro de Carvalho; Luciana Brigida, c.c. o cap. Manoel Pereira de Carvalho; Inocencia Umbelina de Jesus, c. c. Manoel Alves Ferraz; Feliciana; Emerenciana Antonia, com quem se continúa; Maria Candida, Manoel Gonçalves Borges, fal. menor.

4) Emerenciana Antonia Pereira, casou com Manoel José Pereira da Silva, natural da Laguna, filho do tenente José Pereira da Silva e de Maria Rosa Gomes, tambem naturais da Laguna. Sete foram os filhos desse casal: Manoel Pereira da Silva Continentino (4) c. c. Maria Adelaide da Costa; João Pereira da Silva Borges Fortes com que se continúa; José Gonçalves Pereira, c. c. Balbina Ferreira; Berardo, fal. solteiro; Antonio Pereira da Silva, c. c. Ana Francisca Rodrigues; Gaspar Pereira da Silva, c. c. Candida Pavão de Azambuja, e Maria Candida, c. c. seu primo major João Batista Rodrigues Pereira.

5) João Pereira da Silva Borges Fortes: como seu irmão, Manoel, quando estudante, no Rio, encontrando homônimo, acrescentou o nome Borges Fortes, de

(2) "Antonio Machado Pereira — 1 leg. de compr. — 1|2 leg. de larg. — Campos dito entre a "Guardinha" e as "Pederneiras", em Rio Pardo. Confronta ao Norte com João Silveira Gularte, fazendo divisão por uma sanga que vai desembocar no caminho d'agua; no fim da mesma, já no campo, o divide um marco de pedra de onde segue sua divisão direito á porteira de Manoel Coelho; dai segue pelo pantano grande, que divide os campos das "Pederneiras" até a altura onde se acham duas pedras, dessas continúa sua divisão até uma sanga que vai desembocar no arroio Guaiba; pelo Oeste com o arroio que divide o Rincão de Mateus Simões e João Pereira Fortes, desembocando o dito arroio no rio Guaiba, que fica ao Sul. — Concedido por José Marcelino de Figueiredo em 1780. — Obs. Esta concessão foi feita em comum com Pedro Machado Soares. (Rev. Arq. Púb. R. G. S., vol. 1.º, pág. 124).

Veja-se, sobre este tronco: General João Borges Fortes — *Cristovão Pereira — A Familia Fortes* — Porto Alegre, 1931, e *Troncos Seculares* — Rio de Janeiro, 1930.

(3) Antonio Gonçalves Borges c. c. Ana Joaquina Gomes da qual teve dois filhos: Antonio Gonçalves Borges e Candido Gonçalves Borges. Este, que casou com Ismenia Maria dos Anjos, viuva de Feliciano Pereira Fortes, teve três filhos, sendo a mais velha *Carlinda* que casou com seu primo *dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros*, filho de Miguelina Gonçalves Borges (e bisneto de Antonio Gonçalves Borges, acima mencionado) e do dr. Augusto Cezar de Medeiros.

(4) O nome *Continentino*, pelo qual eram conhecidos os sul-riograndenses, adotou-o Manoel quando estudante de medicina, no Rio, por ter encontrado, aí um homônimo. Foi médico da Casa Imperial e amigo de D. Pedro II. Conselheiro. Formou-se em Paris.

Digitized by Google

sua avó materna, Joana Rosa Fortes, c. c. Antonio Gonçalves Borges. (Veja-se o n.º 3).

Estudando a atuação do dr. João Pereira da Silva Borges Fortes, escrevemos: "Descendente dos "troncos seculares" — os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul — de que nos fala seu neto, o general dr. João Borges Fortes, não podia o ilustre gaúcho falhar na vida pública. Nasceu no calor das estâncias, dessas mesmas estâncias que foram a vida e a própria alma do Rio Grande, de pais abastados, na então Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, onde viveu até os 14 anos, época em que seus pais o mandaram para o Rio de Janeiro, estudar.

O dr. João Pereira da Silva Borges Fortes, conforme se vê pela sua certidão de nascimento, adotou não só o nome paterno, mas tambem o do avô materno ao qual juntou ainda, por amizade e gratidão, o de seu parente e padrinho João Pereira Fortes:

LIVRO 3 DE CACHOEIRA
anos 1810 a 1822.

JOÃO. — Aos vinte e nove dias do mês de abril do ano de mil oitocentos e vinte, nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, mandei se fizesse êsse assento de que aos vinte do mês de julho de mil oitocentos e dezesseis batisei e púz os santos oleos a João filho legitimo de Manoel José Pereira da Silva, natural da vila de Laguna e de Emerenciana Antonia, natural da vila do Rio Pardo, todos deste Bispado do Rio de Janeiro, neto por parte paterna do Tenente José Pereira da Silva e de D. Maria Rosa Gomes ambos naturais da Vila da Laguna e pela parte materna neto de Antonio Gonçalves Borges, natural da Freguesia de Lages da Ilha Terceira e de Joana Rosa natural da Vila do Rio Pardo e nasceu aos cinco do mês de julho de oitocentos e dezesseis e não deram noticias. Foram padrinhos João Pereira Fortes da Vila do Rio Pardo por procuração que apresentou o Sargento-Mór Joaquim Severo Fialho de Mendonça e Leocadia Soares, filha do dito Sargento-Mór Severo, de que para constar mandei fazer este assento que assinei. — Vigario Ignacio Francisco Xavier dos Santos"

"No Rio Grande do Sul daquele tempo a maioria de seus filhos ilustres eram militares. Militares por profissão e militares por patriotismo. Quasi cada estancieiro era um oficial. Oficial formado nos bancos escolares, ou oficial improvisado, arrastado pelas contingências da vida atribulada da então província sempre olhada de esguelha e cubiçada pelos vizinhos platinos, além das incursões indígenas que trouxeram em contínuo alvoroço os primeiros conquistadores da gléba, transformando pacatos agricultores e humildes lavradores em destemidos soldados capitães, coroneis e até generais.

Manoel José Pereira da Silva, porém, apesar de aparentado e amigo de oficiais, não se deixou influir pelo meio, mesmo, talvez, porque os filhos não sentiram vocação pela carreira das armas, — e fê-los, dois dêles, Manoel, o mais velho, e João, dedicarem-se à medicina. E com 14 anos seguiu êste último para o Rio de Janeiro matriculando-se em seguida na Faculdade de Medicina, colando gráu após um curso brilhante, em novembro de 1839.

A tése "apresentada e sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro" pelo Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes, — DISSERTAÇÃO SÔBRE A AFECÇÃO CIRRO-CANCROSA — foi aprovada com distinção.

Digitized by Google

Formado, voltou à sua província natal e trocou desde logo a medicina pela política.

O Rio Grande estava conflagrado. A República de Piratiní atravessava um periodo bastante crítico, graças à segunda defecção de Bento Manoel Ribeiro que a 16 de junho de 1839 oficiara a José Mariano de Matos, comunicando-lhe que, por sentir-se ferido em seus brios e pundonor militar pelo presidente Bento Gonçalves, abandonava a causa da revolução recolhendo-se à vida privada, o que, aliás, não cumpriu. Em fins de 1842, logo após a pósse do Barão (depois Duque) de Caxias, entendeu ser legalista mais uma vez e ofereceu os seus prestimos ao novo presidente e comandante das armas da província de São Pedro do Sul.

E o homem que auxiliára a propagação da idéia vitoriosa em 20 de setembro de 1835, foi que cooperou eficazmente para o enfraquecimento da República de Piratiní. A sua espada tinha dois gumes: um para os amigos e outro para os inimigos. E ambos eram cortantes e terriveis.

Nessa época contava o Dr. Borges Fortes 23 anos apenas, mas muita inteligência e muita decisão.

Enérgico e bondoso, cheio de entusiasmo e do mais puro patriotismo, educado na escola do direito e da justiça, o ilustre riograndense estava fadado para os grandes empreendimentos.

Sua escola política foi a de José Bonifacio de Andrada e Silva, o grande, de quem fôra amigo íntimo e com o qual convivêra longamente no retiro da Ilha do Paquetá.

Na sua tése médica, recordando ainda essa preciosa e honrosa amizade, uma de suas dedicatórias foi "aos manes" do ilustre brasileiro.

Logo após sua chegada ao Rio Grande do Sul, filiou-se o Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes ao Partido Conservador, tornando-se notado pelo seu caracter austéro, apesar de moço, e pelos bélos dotes de sua inteligencia e atividade.

O Partido Conservador, que os *farrapos*, em represália, apelidaram *retrógrado*, *caramurú* e *camêlo*, era, realmente, e em particular na capital do Imperio, composto de simples *medalhões* na sua quasi totalidade, "saudosistas" portuguêses que viviam entrincheirados na Sociedade Militar que o Rio Grande condenára desde 1834, pela voz de seus próceres liberáis.

Isto, porém, não impedia que, com sinceridade e convicção profunda, ao Partido Conservador se alistassem figuras brilhantes que deixaram sómente exemplos edificantes de abnegação e patriotismo, e graças aos quáis o Partido conseguiu conservar-se e não cair em ridículo.

Foi ao número dêstes últimos que pertenceram, entre outros, no Rio Grande, Oliveira Belo, Severino Ribeiro e Borges Fortes.

Estes três ilustres conservadores e mais o dr. João Jacinto de Mendonça, passaram a vida trabalhando pela provincia natal, sem outro fito sinão engrandecê-la. Dentre êles, porém, destaca-se a figura energica do dr. Borges Fortes.

Digitized by Google

E qual a paga que tiveram? — Ingratidões.

Oliveira Belo, em carta de 5 de julho de 1861, datada do Rio de Janeiro, escrevia ao dr. Borges Fortes queixando-se das ingratidões de seu partido:

"Isto, e o inferno são a mesma coisa. Sê-lo-iam até mesmo para quem tivesse a fôrça de inteligência, e de opinião precisa, que não tenho, para, como V. Excia. diz, fazer-se temido, e poder impor-se. Já não me queixo, meu amigo, resigno-me, e lamento a minha falta de coragem para fazer como V. Excia., para atirar com a política para o inferno."

E logo a seguir diz que, apesar de tudo ter feito pelo Partido, era, contudo, criminado. "Entretanto nenhum tambem tem sofrido as acusações que sofro".

João Jacinto de Mendonça, em carta de 28 de abril de 1861, dizia: "Ainda que me seja muito dificil, procurei esquecer-me de certas decepções dessa época". E, mais adiante: "À Província foi facil de esquecer-se de mim; eu não me esquecerei dela, porque a minha única ambição tem sido e é representá-la no Parlamento: eu to confio nesta hora solene de despedida".

Não menos e, quiçá, muito mais ingrato foi o partido para com o Dr. João Pereira da Silva Borges, a quem nem mesmo a santidade do lar pouparam os proprios correligionarios, conforme se vê da Carta aos Eleitores da Paroquia de S. Vicente, 26-X-1882:

> "Como todo o homem público, e que com especialidade se consagrou à vida política, fui muitas vezes vítima de interpretações falsas em meus atos; sofri injúrias, calúnias, e o ódio de alguns penetrou até o sacrário da família...".

Tais as pagas do partido aos seus mantenedores, defensores e lidadores.

Aliás, nem outro poderia ser o reconhecimento, estando o partido, como estava, cheio de invejosos, de *medalhões* que tudo queriam para si, denegrindo, para tal fim, a vida dos correligionarios e desancando, traiçoeiramente, nos proprios amigos aos quáis, não raro, deveram a sua ascensão no partido e na política geral do Império.

Da discordia que então lavrava entre os conservadores da província, discordia que tantas máguas causou ao Dr. Borges Fortes, e outros, são ilustrativos os manifestos lançados em 1876 pelos doutores João Jacinto de Mendonça, e José Bernardino de Bittencourt (da Ordem de São Gregorio), e em particular o do Dr. Severino Ribeiro Carneiro Monteiro, datado de Porto Alegre, 13 de dezembro de 1876, em que contradiz os dois precedentes e se defende e ao seu velho pai dos erros que lhes assacaram os primeiros.

São documentos bem tristes que demonstram a precária situação em que já então se achavam os partidos.

Aborrecido por táis intrigas e dissenções, o Dr. Borges Fortes já por essa época abandonára um pouco a política. Seu gênio, sua educação, seu caracter, não suportavam semelhantes processos. Contudo, prestigioso

Digitized by Google

como sempre fôra, continuava, diréta ou indiretamente, a militar no seu partido que, apesar de todos os pesares, não abandonou.

Mas, em 1882, solicitado por amigos para aceitar os votos que lhe queriam dar para membro da Assembléia Legislativa Provincial, recusou-se formalmente, agradecendo a amabilidade e generosidade dos seus "bons e leáis amigos e companheiros politicos". Já estava velho e não mais queria passar por novos dissabores.

Desambicioso, o que herdára de seus páis, em vez de aumentar, diminuira consideravelmente. Estava relativamente pobre e, além disso, precisava descansar.

Contudo, fóra dos póstos oficiáis, era ainda procurado pelos amigos que lhe iam solicitar conselhos. E assim viveu os últimos anos.

Noticiando o seu falecimento, em consequencia de uma congestão cerebral, ocorrido na vila de São Vicente, a 7 de janeiro de 1893, assim se expressou a *A Federação*, órgão oficial do partido republicano então dirigido pelo grande tribuno Pedro Moacyr, em sua edição de 11 do mesmo mês e ano:

"Apesar de sua avançada idade o malogrado cidadão conservava-se um homem forte e bem disposto.

"Ainda ha poucos dias êle esteve nesta capital, e, então, a um de nós feliz ensejo se proporcionou de, ao iniciar relações com o conspicuo patricio, apreciar de perto o que já não era desconhecido em relação à austeridade de caráter que a par de um espirito jovial e um trato afetuoso, caracterizavam a individualidade do nosso digno correligionario.

"O Dr. Borges Fortes militou sempre no partido Conservador, enquanto durou a monarquia; ocupou posição proeminente, tendo sido deputado.

"Patriota bem intencionado, acessivel à evolução das idéias ao resplandecer a Republica êle trouxe-lhe o seu concurso, servindo-a até à morte com a mesma dedicação e lealdade com que em outros tempos se consagrára à politica conservadora.

"Era homem de honra na mais lata acepção desta palavra. Morreu pobre".

E tal foi sempre, em verdade, a conduta deste filho ilustre do Rio Grande". (5)

O Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes c. c. Francisca de Paula Vale, filha de Tomaz Ferreira Vale e Leonidia Alves Vale, teve os seguintes filhos: João Pereira da Silva Borges Fortes Filho, com quem se continua; Tomaz Borges Fortes c. c. Manuela Peña; Gabriel Borges Fortes c. c. Maria Adelaide Mena Barreto; Arminda Borges Fortes c. c. o Cel. José Ferreira de Oliveira; Luiza Borges Fortes c. c. Carlos Prates de Castilhos;* José Borges Fortes c. c. sua prima Elisa Pavão Pereira da Silva; Leonidio Borges Fortes c. c. Edwirges Machado de Oliveira; Francisco de Paula Borges Fortes c. c. Evangelina Castro; Fernando Borges Fortes c. c. Luiza Wiedman e Gaspar Borges Fortes, c. c. Felipa Pavão, em primeiras nupcias, em segundas com Maria Augusta Machado, e em terceiras com sua prima Ana Candida de Vasconcelos.

6) João Pereira da Silva Borges Fortes Filho, advogado, magistrado de renome, tendo sido juiz em Encruzilhada e S. Gabriel, onde faleceu. Formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1869. Casou com Cecilia Ofelia Abbott, filha de Zeferina Fernandes Barbosa, filha de Maria das

(5) *Walter Spalding — À luz da História*, Porto Alegre, 1933.

Digitized by Google

Mercês Rodrigues Barbosa, filha de José Rodrigues Barbosa, povoador do Rio Grande do Sul e Zeferina Boleno, filha de João Manuel Boleno e Josefa Maria Mendes Carneiro.

Zeferina Fernandes Barbosa casou com o dr. Jonatas Abbott, natural da Baía, filho do conselheiro dr. Jonatas Abbott, natural da Inglaterra, professor da Academia da Baía. Seu filho, o dr. Jonatas Abbott, médico, serviu no exército brasileiro na campanha de 1851-52, tomando parte na batalha de Monte Caseros. Terminada a campanha, fixou residência em S. Gabriel, onde casou e residiu até sua morte, em 1887.

Maria das Mercês Rodrigues Barbosa casou com Joaquim Fernandes Barbosa, filho de Joaquim Fernandes da Costa e Maria Solidonia Barbosa, naturais de Lage. Viuvando, partiu Maria Solidonia com seus filhos Rosa (tambem viuva e com filhos) e Joaquim para o Rio Grande do Sul, instalando-se no Rio Grande, as mulheres, e Joaquim em Pelotas, na charqueada de Boaventura Barcelos. Mais tarde, adquiriu terras em Jaguarí onde casou com Maria das Mercês.

* * *

De José Rodrigues Barbosa escreveu o general João Borges Fortes: (6)

"José Rodrigues Barbosa foi praça e oficial dos famosos Dragões do Rio Pardo. Quando D. Diogo de Souza comandou o Exército Pacificador, José Rodrigues era Tenente, seguindo para o Estado Oriental e viu-se envolvido em um conselho, que o absolveu, por haver fugido um outro tenente que se achava preso sob sua guarda.

Na campanha de 1816 tomou parte na batalha de Ibirapuitan, tambem chamada de Santana, e o seu nome vem especialmente citado como se tendo distinguido de modo extraordinário por seu valor e notavel conduta. De seu Regimento, os Dragões, estão incluidos nessa honrosa distinção o tenente Gaspar Francisco Mena Barreto, o alferes José Luiz Mena Barreto e os cadetes Patricio José Correa da Camara e Francisco Pinto da Fontoura, tão somente."

Sobre o ataque do Potreiro de Arapeí o General diz:

"Os oficiais todos e a tropa empregadas no Arapeí, além de preencherem as funções de seu dever se portaram geralmente com distinção pelo valor e atrevimento com que o praticaram; entre todos, porém, foram mais assinaladas (seguem-se diversos nomes)... os tenentes Manoel Barreto Pereira Pinto e José Rodrigues Barbosa, do Regimento de Dragões."

"Com a mesma demonstrada distinção tomou ainda parte nas batalhas de Carumbé e Catalan.

Na guerra de 1827 ele comandava como tenente coronel o Regimento de Lunajeros (40 Regimento de Milicias de Santana do Livramento) e tomou parte na memoravel batalha de 20 de fevereiro, no Passo do Rosario, onde o seu comandante de Divisão o qualificou de *bravo entre os bravos.*

Era coronel comandante do segundo Corpo de Cavalaria em Bagé quando irrompeu o movimento republicano de 1835.

Amigo pessoal que fora de D. Pedro I era dedicado à causa monarquica e por isso conservou-se ao lado dos *Legais.*

Acompanhou o Marechal Sebastião Barreto na tentativa de reagir contra a marcha vitoriosa da Revolução e com ele digiriu-se para S. Gabriel afim de conter a guarnição desta praça e reforça-la com o Segundo de Cavalaria, que servia de escolta ao Marechal Barreto.

Antes de chegar a contato com a guarnição o proprio Segundo Corpo se revoltava e os chefes se viam obrigados a emigrar para o Estado Oriental do Uruguai, onde se lhes reuniram poucas tropas fieis, as quais ficaram pelo departamento de Taquarembó bastante tempo.

O Coronel José Rodrigues ficou à testa do comando dessas tropas até o fim de 1838. Regressava ao Rio Grande no cuter Marauí, quando navegando já na Lagoa dos Patos, na noite de 29 de junho de 1839, o cuter naufragou, acossado por violento temporal e nesse desastre perdeu a vida o bravo coronel."

(6) *Troncos Seculares* — Rio de Janeiro, 1931.

Digitized by Google

* * *

Teve o casal Cecilia Ofelia Abbott-dr. João Pereira da Silva Borges Fortes Filho os seguintes filhos: Jônatas Borges Fortes com quem se continúa; João Borges Fortes, c. c. sua prima Manuela Ferraz; Francisca Borges Fortes, c. c. Luiz Carlos dos Reis Flores; Maria Zeferina Borges Fortes, c. c. o cap. Francisco de Freitas Evangelho; Luiz Gonzaga Borges Fortes, c. c. sua prima-irmã Diná Guatimosin; e Raul Borges Fortes, c. c. Alaíde Batista de Oliveira.

7) Jônatas Borges Fortes, engenheiro militar e general reformado, nascido em S. Gabriel a 8-IV-1871, com relevantes serviços ao Exército, c. em S. Gabriel com sua prima Serafina Rego Monteiro, nascida no Pará a 21-III-1880, filha de Eulalia Fernandes Barbosa, irmã de Zeferina Fernandes Barbosa (veja-se n.º 6), e do coronel Joaquim da Costa Rego Monteiro, oficial dos mais ilustres, com grandes serviços ao Exército e à Pátria. Pertencia à arma de artilharia na qual fez a campanha do Paraguai.(7) Teve o casal Jonatas Borges Fortes-Serafina Rego Monteiro os seguintes filhos: Ariosto Borges Fortes, c. c. Amalia Macedo; Alba Borges Fortes, c. c. Eduardo Lopes Laudares; Adil, fal. menor; Arí Borges Fortes, c. c. a doctora Euridice Magalhães; Aída Borges Fortes, com quem se continúa; Amyr Borges Fortes, c. c. sua prima Gelma Evangelho; Alcy Borges Fortes, c. c. o dr. Nicolino Rocco; Maria Borges Fortes, c. c. Walter Schmidt; Moema Borges Fortes, c. c. Paulo de Castilhos Franco; Jonatas Borges Fortes; João Pereira da Silva Borges Fortes; e Sára Borges Fortes.

8) Aída Borges Fortes, nascida em Alegrete a 26-V-1904, c. a 7-X-1931, com Walter Spalding, n. a 28-X-1901 na vila de S. Jeronimo. (Veja-se: Nobiliario Sul-Riograndense, do dr. Mario Teixeira de Carvalho; Rev. do Inst. de Estudos Genealógicos, n.º 6, 1939; e Anuário Genealógico Brasileiro, ano I). Filhos:

I — Maria Terêsa Borges Fortes Spalding n. a 25-VII-1932, em Porto Alegre.
II — Carlos Jônatas Borges Fortes Spalding, n. a 25-VI-1934, em Porto Alegre.
III — Maria Helena Borges Fortes Spalding, n. a 20-VII-1936, em Porto Alegre.
IV — Maria do Carmo Borges Fortes Spalding, n. a 20-III-1938, em Porto Alegre.

DOCUMENTOS

1) N.º 12 — Aviso de 13 de Janeiro de 1851.

2.ª Secção. Rio de Janeiro. Ministerio dos Negocios do Imperio em 13 de Janeiro de 1851.

Illm. e Exm. Sr. — Foi presente a Sua Magestade o Imperador, com o Officio de V. Ex. n.º 229 de 25 de Outubro ultimo, o requerimento, em que o Doutor Jonathas Abbott, Lente de Anatomia da Escola de Medicina dessa Provincia, se offerece para com os seus vencimentos ordinarios, e pelo espaço de tempo que se julgar conveniente, ir á Europa estudar os melhoramentos que a sciencia tem realisado no importante ensino a seu cargo: e o Mesmo Augusto Senhor ouve por bem Declarar que, na forma das Leis, e Ordens em vigor, não pode o Governo conceder licenças com o vencimento de todo o ordenado sómente, senão por seis mezes, podendo proroga-la por mais seis mezes com metade do ordenado, e dahi em diante sem vencimento algum: sendo portanto necessaria autorização da Assembléa Geral Legislativa para que possa por mais tempo e com todos os vencimentos conceder-se licença ao Supplicante para realisar o seu offerecimento. O que communico a V. Ex. para seu conhecimento. Deus Guarde a V. Ex. — Visconde de Mont'Alegre. — Sr. Presidente da Provincia da Bahia.

2) DECRETO de 31 de Outubro de 1831.

Autoriza o Governo para passar carta de naturalização a Jonathas Abbott.

A Regencia, em Nome do Imperador D. Pedro II, Ha por bem Sanccionar, e mandar que se execute a seguinte Resolução da Assembléa Geral Legislativa:

O Governo fica autorizado a passar carta de naturalização a Jonathas Abbott, natural de Londres, e residente na Bahia.

José Lino Coutinho, do Conselho do mesmo Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em trinta e um de Outubro de mil oitocentos trinta e um, decimo da Independencia e do Imperio.

Francisco de Lima e Silva
José da Costa Carvalho
João Braulio Moniz
José Lino Coutinho.

(7) Veja-se na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R. G. do Sul, II de 1939, a nota sobre o Cel. J. C. Rego Monteiro.

Digitized by Google

Os Borges Fortes

Cap. Amir Borges Fortes

RILHANTE e pacientemente foi feita a pesquisa de meus ramos por meu tio, o general Dr. João Borges Fortes, historiador e genealogista, que, sobre nossa familia já publicou varios trabalhos, frutos de investigação laboriosa e excelentemente orientada.

Em seus livros "Cristovam Pereira — Os Fortes" e "Troncos Seculares", publicados em Porto Alegre, em 1931, esmiuçou êle a genealogia dos Borges Fortes, e seus trabalhos já têm servido de fontes de estudo como ainda há pouco, ao Snr. Celso Schröeder, autorizado historiador e genealogista sul-riograndense que, calcado nesses livros, produziu belo estudo sobre a família Abbott, publicado no último número do nosso Anuário.

Em recente palestra com meu tio, disse-me êle que já estava com elementos para continuar o seu paciente trabalho. Com a intenção única de concorrer com pequeno contingente informativo, é que apresento as notas a seguir.

Entre os casais vindos povoar o Rio Grande de São Pedro, entre 1752 e 1756, vieram seis irmãos, filhos de João Teixeira d'Agueda e Izabel Nunes, da freguezia do Tousso, na ilha de São Jorge. Eram êles:

1. João Pereira Fortes
2. Antonio Pereira Fortes
3. Miguel Pereira Simões
4. Maria Santa

Digitized by Google

5. Rosa Joaquina de Souza
6. Felicia Pereira.

1 João Pereira Fortes. — Este representante dos Pereira de Tousso, casou, em 1756, no Rio Pardo, com Eugenia Rosa, natural da freguezia da Praia, na ilha Terceira, arquipelago dos Açores. Era filha de Manuel Ribeiro e Catarina de São Francisco. Já meu tio explicou o porque da adição do sobrenome Fortes. Eram esses irmãos dotados de notavel força muscular, realizando, graças à essa robustez, trabalhos que os salientavam de seus companheiros que, para designá-los, apelidaram-nos de os "Fortes". Essa alcunha foi adicionada aos seus nomes e sobrenomes, dando origem aos Pereira Fortes.

Estabeleceu-se João Pereira nas Pederneiras, fronteira com Rio Pardo, onde possuiu uma grande propriedade que explorou, juntamente com Mateus Simões Pires. Era essa propriedade lindeira com outra de Antonio Machado Pereira e Pedro Machado Soares (Rev. Arq. Publ. R. G. S., n.º 2, pág. 130 e n.º 1, págs. 124 e 152). Não se limitou João Pereira a empregar sua atividade nas Pederneiras. Possuiu ainda, no Capivarí, outros campos, tambem por êle cultivados e confrontando, aí, com campos de Angelica Rosa (rev. cit. n.º 1, pág. 125). Pelo ano de 1793 foi doada a João Pereira uma sesmaria (3 léguas de comprimento por 1 de largura), em "campos do outro lado do rio Pequerí, no Rio Pardo, seguindo o rumo norte e fazendo fundos ao rio Paraíba; pelo sul dividindo-se com uma estrada que vai para a Campanha; a léste confrontando com o dito rio Pequerí e pelo oéste, com uns pantanos e sangas que dividem os campos de "Santos Martins". Fez a doação o Conde de Rezende (Livro n.º 7 do Registro Geral — 1780 a 1795, fls. 226). Nessa propriedade, foi João Pereira lindeiro com seu irmão Miguel Pereira Simões. De seu casamento com Eugênia Rosa, nasceram:

2-1 Joana Rosa.
2-2 Catarina da Encarnação.
2-3 Gertrudes Rosa.
2-4 Escolástica.
2-5 Rosa Joaquina, sobrinha.
2-6 Eugênia Rosa, filha.
2-7 Maria Santa, sobrinha.
2-8 Ricardo Antonio Pereira.
2-9 Antonio Pereira Fortes, sobrinho.
2-10 João Pereira Fortes, filho.
2-11 Floriana.
2-12 José Pereira Fortes.

Como uma fraternal homenagem, vêmos que João Pereira deu a três filhos, nomes de irmãos: Antonio Pereira Fortes, Maria Santa e Rosa Joaquina. Deu ainda a outros dois, o seu próprio e o de sua mulher.

2-1 Joanna Rosa. — Nasceu no Rio Pardo em 1.º de abril de 1758. Casou com Antonio Gonçalves Borges, nascido em São Miguel, na ilha Terceira e filho de Manuel Gonçalves Mancebo (ou Mancedo, conforme se vê nas Public. do Arq. Nac., Vol. XXXI, pág. 530), e Agueda Maria, naturais do mesmo lugar. Desse casamento de Joanna Rosa com Gonçalves Borges, nasceram:

3-1 Antonio Gonçalves Borges — que casou no Rio Pardo com Ana Joaquina Gomes, lagunista e filha de João Inácio do Canto e Francisca Rosa Gomes. João Inácio foi sesmeiro em Cochilhas Grandes (1791) e era irmão de Francisco Borges do Canto, que casou com Eugenia Francisca de Souza, da Colonia do Sacramento e de cujo consorcio nasceu José Borges do Canto, o conquistador das Missões. Francisco Borges do Canto teve uma sesmaria no Pequerí, sendo lindeiro com um dos irmãos d'Agueda, Miguel Pereira Simões. José Borges do Canto era pois, primo em primeiro gráu da mulher de Antonio Gonçalves Borges. Antonio Gonçalves Borges, o casado com Joana Rosa, teve uma sesmaria nos campos da Freguezia de São Nicolau da Cachoeira, no rincão denominado S. Sepé, confrontando ao N. com o Vacacaí Grande; ao sul com uma cordilheira de matas; a leste com um banhado que nasce no mesmo mato e vai desaguar no dito Vacacaí e pelo oéste, com um boqueirão que o divide do rincão das Vacas Gordas. Fez a doação D. Luiz de Vasconcelos e Souza, em 1789.
3-2 Jacinta Joaquina da Natividade, que casou com o guarda-mór José Pedro de Carvalho.
3-3 Luciana Brigida da Natividade. — Casou em Rio Pardo, em 9 de maio de 1777 com o

Digitized by Google

capitão Manoel Pereira de Carvalho, natural do Porto e filho de Antonio Pereira de Carvalho e Maria Josefa da Conceição.

3-4 Inocência Umbelina de Jesus — falecida a 11 de novembro de 1827. Foi sesmeira entre S. Sepé e o Vacacaí Grande. Casou no Rio Pardo com Manuel Alves Ferraz. Tronco de numerosa e destacada família rio-grandense, da qual descende o Dr. Mario Teixeira de Carvalho, médico de renome e ilustre genealogista e historiador. Do excelente livro desse autor, "Nobiliario Sul-Riograndense", extraímos estas notas. E' interessante notar que, sendo este um ramo original dos Fortes, visto ser Umbelina de Jesus neta materna de João Pereira Fortes, com o correr dos anos veio a se dar novo entrelaçamento, visto como uma descendente de Umbelina de Jesus veio a contrair casamento com um descendente de sua irmã, Emerenciana Antonia, isto é D. Manoela Martins Ferraz, casada com o general João Borges Fortes.

3-5 Feliciana Gonçalves Borges.

3-6 Emerenciana Antonia Pereira, cuja descendência, como a que mais nos interessa, veremos a seguir.

3-7 Maria Gonçalves Borges.

3-8 Manuel Gonçalves Borges, que faleceu solteiro, em Cachoeira, no dia 27 de junho de 1844.

3-9 João Gonçalves Borges, falecido em menor idade.

3-10 Ana Gonçalves Borges, falecida em Rio Pardo, com 15 dias de vida, em 12 de outubro de 1781.

3-6 Emerenciana Antonia Pereira. — Casou com Manuel José Pereira da Silva, filho do Tte. José Pereira da Silva e Maria Rosa Gomes, naturais, todos, da Laguna. Parece que Rosa Gomes era aparentada com Gomes Freire de Andrade. Manuel José Pereira da Silva foi abastado fazendeiro em São Gabriel, onde foi proprietário da Estancia do Inhatium. Por ocasião da revolução de 1835, saliente foi o papel desempenhado por Manuel José, que, dadas as suas qualidades de caráter chegou mesmo a desempenhar as funções de Tesoureiro Geral da Republica e suplente da Constituinte. De seu casamento com Emerenciana Antonia Pereira, nasceram:

4-1 Manuel Pereira da Silva Continentino, formado em Medicina pela Faculdade de Paris. Foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial. Médico do Imperador, de quem foi grande amigo. Casou com D. Adelaide da Costa, filha do Dr. Antonio da Costa e D. Gertrudes Matilde da Costa.

4-2 João Pereira da Silva Borges Fortes, de quem falaremos a seguir.

4-3 José Gonçalves Pereira, casado com Balbina Ferreira, filha de José Ferreira, um dos primeiros estancieiros de São Gabriel e D. Maria Ferreira do Vale.

4-4 Beraldo Pereira da Silva, falecido solteiro.

4-5 Antonio Pereira da Silva, casado com Ana Francisca Rodrigues.

4-6 Gaspar Pereira da Silva, casado em primeiras nupcias com D. Candida Pavão de Azambuja e em segundas, com D. Maria José da Costa.

4-7 Maria Candida Pereira da Silva, que casou com o Major João Rodrigues Batista Pereira.

4-2 João Pereira da Silva Borges Fortes. — Nasceu aos 5 de julho de 1816, na freguesia de N. Sra. de Cachoeira. Foi registrado aos 29 de abril de 1820, tendo sido batisado aos 20 de julho de 1816, na igreja da mesma freguesia, pelo vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos, tendo sido padrinho seu bisavô materno João Pereira Fortes. Seguiu, em 1830, para o Rio de Janeiro, onde efetuou matricula na Faculdade de Medicina. Aí, para evitar possiveis confusões de nomes iguais ao seu, procedeu a um acrescimo de sobrenomes, juntando aos de Pereira da Silva, os de "Borges", do avô-materno Antonio Gonçalves Borges, e "Fortes", do bisavô materno e padrinho, João Pereira Fortes. Ficou assim formado o nome Borges Fortes, adotado por seus descendentes. Da mesma maneira tinha agido seu irmão Manuel Pereira da Silva (4-1), acrescentando aos seus sobrenomes, o de "Continentino", como uma homenagem ao "Continente do Rio Grande".

Fez João Pereira da Silva Borges Fortes um belo curso médico, coroado com brilhante defesa de tese sobre a "Afecção cirro-cancerosa", para obter o gráu de Doutor em Medicina. Regressou ao Rio Grande. Aí, fixando residência no lugar de seu nascimento, dedicou-se, dentro em pouco, às lides políticas. Militou no Partido Conservador, com grande dedicação e íntima convicção. Homem de grande energia e dotado de uma grande vivacidade e inteligência, a par de notavel cultura, dentro em breve galgava postos elevados, chegando, mesmo, a ser presidente da Assembléia Provincial. Em sua fazenda de Inhatium, hospedou-se o Imperador D. Pedro II, quando de sua estadia no Rio Grande e de passagem por aquelas terras. Mais tarde, foi-lhe oferecido o titulo de Barão de Inhatium. Homem completamente desprendido de honrarias, recusou a oferenda.

Digitized by Google

Casou-se com D. Francisca de Paula Vale, filha de Tomas Ferreira Vale e Leonidia Alves Vale. Em 7 de janeiro de 1893, na vila de São Vicente, morria o Dr. Borges Fortes, deixando, de seu casamento, os seguintes filhos:

5-1 João Pereira da Silva Borges Fortes Filho, cuja descendência veremos a seguir.
5-2 Tomás Borges Fortes, casou com D. Manoela Peña.
5-3 Gabriel Borges Fortes, que casou com D. Maria Adelaide Mena Barreto, filha do general João Manoel Mena Barreto.
5-4 Arminda, que casou com o coronel José Ferreira de Oliveira.
5-5 Luiza, casada com Carlos Prates de Castilhos.
5-6 José Borges Fortes, casou com sua prima Elisa, filha de Gaspar Pereira da Silva e d. Candida Pavão.
5-7 Leonidio Borges Fortes, que casou com d. Edwiges Machado de Oliveira.
5-8 Francisco de Paula Borges Fortes, major de engenheiros e professor da Escola Militar. Casou com D. Evangelina de Castro.
5-9 Fernando Borges Fortes, casou com D. Luiza Wiedmann.
5-10 Gaspar Borges Fortes. Casou três vezes, sendo a primeira com D. Felipina Pavão; a segunda com D. Maria Augusta Machado e a terceira com sua prima Ana Candida de Vasconcelos.

5-1 João Pereira da Silva Borges Fortes Filho. — Nasceu em 19 de setembro de 1846 na Fazenda de São Rafael, no municipio de São Vicente. Seguiu para São Paulo onde cursou a Faculdade de Direito. Em janeiro de 1870 recebia seu gráu de bacharel em Ciências Jurídicas, regressando logo para sua provincia natal. Ainda nesse ano, no dia 24 de junho, em São Gabriel, onde desempenhava as funções de promotor público, contraiu matrimonio com D. Cecilia Ofélia Abbott, descendente de Dionisio Rodrigues Mendes, um dos primeiros povoadores do Rio Grande de São Pedro. A seguir foi juiz da Comarca de Encruzilhada, onde exerceu ação tão eficiente e moralizadora dos costumes, que, ainda hoje, seu nome é acatado naquela cidade. Em 1880 era removido, novamente, para São Gabriel, exercendo agora as funções que exercia em Encruzilhada, isto é, Juiz de Direito. Muito moço, ainda, falecia, aos 34 anos, em São Gabriel, no dia 27 de outubro de 1880. D. Ofélia Abbott nasceu em 26 de abril de 1853 e faleceu em 1.º de outubro de 1931. Era filha do Dr. Jonatas Abbott, nascido na Baía e filho do Conselheiro Dr. Jonatas Abbott, natural da Inglaterra. Era filha de D. Zeferina Fernandes, descendente de Dionisio Rodrigues Mendes.

Do casamento do Dr. João P. da Silva Borges Fortes Filho, com D. Ofélia Abbott, nasceram os seguintes filhos:

6-1 Jonatas Borges Fortes.
6-2 João Borges Fortes.
6-3 Francisca Borges Fortes.
6-4 Maria Zeferina Borges Fortes.
6-5 Luiz Gonzaga Borges Fortes.
6-6 Raul Borges Fortes.

6-1 Jonathas Borges Fortes. — Nasceu em São Gabriel em 8 de abril de 1871. Seguiu a carreira militar. Bacharel em ciências fisicas e matemáticas. General e engenheiro militar. Casou em 12 de setembro de 1895 com sua prima D. Serafina Rego Monteiro, descendente de Dionisio Rodrigues Mendes, e nascida no Pará em 21 de março de 1880, filha do coronel Joaquim da Costa Rego Monteiro e D. Eulalia Fernandes Barbosa. Pais de:

7-1 Ariosto Borges Fortes, nascido em P. Alegre em 10 de agosto de 1896. Engenheiro civil, casado em 28 de dezembro de 1921 com D. Amalia Macedo. Pais de:
8-1 Paulo Borges Fortes, falecido em 18-2-1923, tendo nascido em 23-12-1922.
8-2 Terezinha, nascida em P. Alegre em 20-IX-1926.
8-3 Gilka, nascida em P. Alegre em 23-I-1928.
8-4 Véra Maria, nascida em Santa Maria, em 22-IX-1934.

7-2 Alba, nascida em Rio Pardo, em 7 de janeiro de 1898. Em 13 de setembro de 1919, casou com Eduardo Lopes Laudares, filho do Dr. Carlos Adalberto de Campos Braga Laudares e D. Alice Machado Lopes; nascido na cidade do Rio Grande em 23-XI-1896. Pais de:
8-5 Gilda Helena, nascida em P. Alegre, em 12-VI-1920. Casou em 11-I-1940 com seu primo, tenente do exercito Luiz Henrique Borges Fortes. Sem sucessão.
8-6 Ana Maria, nascida em Porto Alegre em 5-X-1922.

7-4 Adil, nascido em Campo Novo, Palmeira, em 15-I-1901 e falecido em 5-III-1902.

7-4 Ary, nascido em Alegrete, em 1-XI-1902. Médico. Casou em 31 de julho de 1934 com Eurydice de Magalhães, médica, nascida no Rio de Janeiro em 1-IX-1912. Sem sucessão.

Digitized by Google

7-5 Aida, nascida em Alegrete, em 26 de maio de 1904. Em 7-IX-1931 casou com Valter Spalding, professor e historiador, filho de Carlos Jorge Hermano Spalding e d. Idalina Schreiner, nascido em 28-X-1901. Pais de:
8-7 Maria Tereza, nascida em P. Alegre, em 25-VII-1932.
8-8 Carlos Jonatas, nascido em P. Alegre em 25-VI-1934.
8-9 Maria Helena, nascida em Porto Alegre, em 20-VIII-1936.
8-10 Maria do Carmo, nascida em P. Alegre, em 20-III-1938.

7-6 Amir Borges Fortes, nascido em São Gabriel, em 28-X-1906. Capitão de artilharia e formado em Medicina. Casou em 25-I-1936, com sua prima D. Gelma Borges Fortes Evangelho. Pais de:
8-11 Marcelo Borges Fortes, nascido em 16-XII-1940, em Porto Alegre.

7-7 Alcy, nascida no Rio de Janeiro, em 10-X-1908. Casou, em 26-XII-1932, com o Dr. Nicolino Rocco, médico, filho do Dr. Biaggio Rocco e D. Luiza Lopes Rocco, nascido em 27-V-1904, em Porto Alegre. Pais de:
8-12 Dênis, nascido em P. Alegre, em 9-III-1934.
8-13 Ronald, nascido em P. Alegre, em 6-IV-1937.
8-14 Hilton, nascido em Porto Alegre, em 8-IV-1939.

8-8 Maria, nascida no Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro de 1911. Casou em 7-XII-1933, com Walter Schimidt, nascido em Porto Alegre em 15-I-1907. Pais de:
8-15 Celi Terezinha, nascida em P. Alegre em 27-IX-1934.
8-16 Adil, nascido em Porto Alegre, em 9-X-1936.
8-17 Maria Regina, nascida em P. Alegre em 24-X-1940.

7-9 Moêma, nascida em São Gabriel em 7-VIII-1913. Em 15-I-1935, casou com Paulo de Castilhos Franco, nascido em Porto Alegre a 8 de março de 1911, e filho do Dr. Artur Franco e de D. Julia de Castilhos Franco.

7-10 Jonatas Borges Fortes Filho, nascido na cidade do Rio Grande em 24 de junho de 1916. Médico. Solteiro.

7-11 João Borges Fortes, sobrinho, nascido no Rio de Janeiro em 30-IX-1918, estudante de medicina.

7-12 Sarah, nascida em Porto Alegre, em 26-I-1921.

6-2 João Borges Fortes. — Nasceu em S. Gabriel em 2-V-1872. Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. General e engenheiro militar. Historiador e genealogista. Casou em 16-IV-1896 com sua prima D. Maria Manoela Ferraz, nascida em Porto Alegre em 14-VI-1876 e falecida no Rio de Janeiro em 19-XI-1934. Pais de:

7-13 Diogo Borges Fortes, nascido em P. Alegre em 10-III-1897. Capitão de Corveta e engenheiro civil. Casou com D. Amelia Gomes Leite de Carvalho. Pais de:
8-18 José Borges Fortes, nascido em 12-VII-1923, no Rio de Janeiro.
8-19 Terezinha, nascida no Rio de Janeiro em 1933.

7-14 Ofélia, nascida no Rio de Janeiro em IV-1898. Fal. no Rio de Janeiro em 1899.

7-15 João Ferraz Borges Fortes, nascido em P. Alegre em 18-II-1901. Fal. em 1918, nos Estados Unidos. Solteiro.

7-16 Maria, nascida em S. Maria em 1902 e fal. em 1904.

7-17 Heitor Borges Fortes, nascido em Alegrete em II-1903. Capitão de artilharia. Casou em primeiras nupcias com D. Maria José Jourdan Leal, falecida em novembro de 1928. Em segundas nupcias casou com D. Maria Luiza Bettamio Guimarães, de cujo matrimonio nasceu:
8-20 Hugo, nascido no Rio de Janeiro em 6-VII-1934.

7-18 Yolanda, nascida em 17-V-1904. Casou com Adailton Sampaio Pirassinunga, capitão de Cavalaria. Pais de:
8-21 João Osvaldo, nascido no Rio de Janeiro em 24-VI-1928.
8-22 Mário Roberto, nascido no Rio de Janeiro em 10-IX-1932 e fal. em 9-VIII-1937.
8-23 Marjorie, nascida no Rio de Janeiro em 20-IX-1934.

7-19 Marieta, nascida em Cruz Alta em 6-V-1905.

7-20 Hugo, nascido em Cruz Alta em 2-VI-1906. Fal. no Rio de Janeiro em 1912.

7-21 Breno Borges Fortes, nascido em S. Gabriel em 26-II-1908. Capitão de Artilharia. Em 1929 casou com D. Ilza Barroso. Pais de:
8-24 João Fernando Borges Fortes, nascido no Rio de Janeiro em 27-VIII-1934.
8-25 Maria Lúcia, nascida no Rio de Janeiro em 1-XII-1939.

6-3 Francisca. — Nascida em São Gabriel em 3-I-1874. Casou em 1891 com Luiz Carlos dos Reis Flôres. Faleceu em P. Alegre em 10-V-1913. Pais de:

7-22 Ida, nascida em P. Alegre em 11-V-1892. Casou com Solon Coutinho de Andrade. Pais de:
8-26 Luiz Flôres de Andrade, casado com .....
9-1 .....
8-27 Vinicius Flôres de Andrade, nascido em P. Alegre, solteiro.
8-28 Solon, nascido em P. Alegre e falecido em 192....
8-29 Ligia, nascida em P. Alegre.
8-30 Nei, nascido em .....
8-31 Carmem, nascida em .....

7-23 Carmem, nascida em Porto Alegre. Casou com José Sá Brito, falecido em ... Carmem faleceu em ... 1919. Pais de:

Digitized by Google

8-32 Eneida, casada com Julio Porto, filho do ilustre historiador e genealogista rio-grandense Aurélio Porto. Pais de:
9-2 .....
8-33 Glenio Flôres Sá Brito, solteiro.
8-34 Glauco Flôres Sá Brito, solteiro.
7-24 Heloisa, casada com Leopoldo de Souza. Pais de:
8-35 Kleber Flôres de Souza.
8-36 Decio Flôres de Souza.
8-37 Lourdes.
8-38 Lêda.
7-25 Luiz Carlos Flôres. Engenheiro civil. Faleceu solteiro.
7-26 Elvira, casada com Odilon de Souza. Pais de:
8-39 .....
8-40 .....
7-27 Ofélia, casada com Adão Marques. Pais de:
8-41 .....
8-42 .....
8-43 .....
7-28 Mario Flôres, 1.º tenente veterinário do Exército. Casou com d. Lilia de Oliveira. Pais de:
8-44 Mario Flôres Filho.
7-29 Fernando Flôres, capitão de Infantaria. Casado com D. Conceição Santos. Pais de:
8-45 .....
8-46 .....
7-30 Carlos Flôres, advogado e Juiz de Comarca em Santa Vitória do Palmar. Casado com d. Lígia Lacroix. Pais de:
8-47 .....

6-4 Maria Zeferina. — Nascida em São Gabriel em 28-XII-1876. Casou em 9-XI-1912 com o capitão do exército Francisco de Freitas Evangelho, filho de José Evangelho e d. Virginia de Freitas, nascido em São Vicente em 25 de março de 1873 e falecido em S. Gabriel em 16-II-1927. Pais de:
7-31 Gelma, nascida em S. Gabriel em 2-XI-1913. Professora estadual. Casou em 26-I-1936 com seu primo capitão Amir Borges Fortes (7-6). Pais de Marcelo (8-11).
7-32 Maria, nascida em S. Gabriel em 13-II-1917. Casou em 26-VI-1940 com Bolivar do Amaral Oestreich, advogado, nascido em Porto Alegre em 8-VII-1912, filho do general Timóteo do Amaral Oestreich e D. Marieta da Silva.
7-33 Gabriel Borges Fortes Evangelho, nascido em Santa Cruz em 16-I-1919. Tenente de Aviação. Solteiro.

6-5 Luiz Gonzaga Borges Fortes. — Nascido em S. Gabriel em 21-VI-1879. Coronel do Exército. Engenheiro militar. Casou em 20-XII-1902 com sua prima D. Dinah Abbott Guatimozim. Pais de:
8-34 Léo Borges Fortes, nascido no Rio de Janeiro em 10-IV-1908. Capitão de artilharia. Casou com D. Maria Antonia Cortez.
8-35 Luiz Henrique Borges Fortes, nascido em São Paulo em 17-X-1915. Tenente de artilharia. Casou 11-I-1940 com sua prima Gilda Helena B. F. Laudares (8-5).

6-5 Raul Borges Fortes. — Nascido em São Gabriel em 27-VIII-1880. Falecido no Rio de Janeiro em ... Casou com D. Alaíde Batista de Oliveira. Pais de:
7-36 Anita, nascida em P. Alegre em 1904. Casou com Telemaco Muniz. Pais de:
8-48 Léa.
7-37 Ofélia, nascida no Rio de Janeiro em 15-XI-1912. Solteira.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

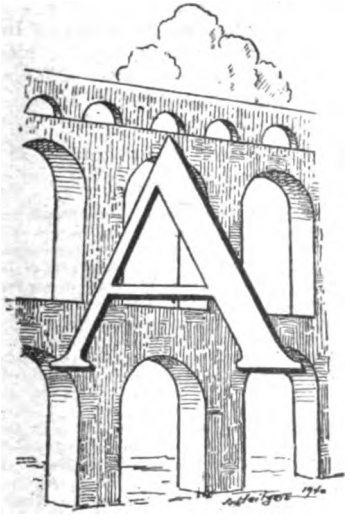
Do sr. Miguel Angelo de Oliveira, farmaceutico baiano:
"Tenho apreciado muito e muito a sua original e bem feita "Revista", lendo-a com a mesma parcimonia com que se costuma lêr as bôas e apreciadas leituras."

Do sr. Hugo Chagas, do Rio Grande do Sul:
"Como grande admirador de genealogias, apreciei immensamente a vossa excelente revista, pois contem leitura atraente, interessante e instrutiva."

Do Dr. Manoel Viotti, Presidente da Acadêmia de Ciências e Letras de S. Paulo:
"... pontual remessa do Tomo II da "Revista Genealógica Brasileira", cujo sumário encerra matéria de proveitosa e instrutiva leitura na sua especialidade em que o presado confrade se fez mestre acatado e um dos mais abnegados cultores. Meus calorosos parabens pelo bem acabado e seleto dêsse belo Tomo. Faço votos para que prossiga avante na sua obra ingente e que ela encontre sempre o apoio dos competentes e de todos quantos a podem amparar condignamente. Obra de tal vulto é obra verdadeiramente patriotica nesta hora de verdadeira subversão mundial."

Digitized by Google

Notas Genealógicas e Biográficas da Família Azevedo Marques



Maximo de Azevedo Marques

BREVE NOTICIA HISTORICA

A família do apelido *Marques*, ou melhor, *Azevedo Marques*, que hoje se acha ramificada por vários pontos do Brasil, teve origem na Colonia do Sacramento, na primeira metade do Século XVIII, pela imigração de duas irmãs casadas que, de Portugal se passaram com seus maridos para a referida Colonia. Desta Colonia do Sacramento, diz Seguier: Foi fundada em 1679 por D. Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro, na margem setentrional do Rio da Prata, à pequena distancia da ilha de S. Gabriel. Foi causa de lutas prolongadas entre Portugueses e Espanhóis. Tomada e retomada várias vezes nos séculos XVII e XVII foi, finalmente, cedida à Espanha em 1750, a troco do território denominado "Sete Póvos das Missões".

As duas irmãs referidas acima, foram:

1.ª — QUITÉRIA MARQUES DE SOUSA, casada com Antonio Simões.

2.ª — MARIA MARQUES DE SOUSA, casada com José de Azevedo Barboza.

Elas, natùrais da freguesia de São Maméde, do lugar do Valongo, bispado do Porto, e êles, o primeiro da mesma cidade do Porto, e o segundo da Vila de Arrifana.

Digitized by Google

CAPÍTULO PRIMEIRO

Descendência de Quitéria Marques de Sousa, casada com Antonio Simões:

Filhos:

F 1) **Manoel Marques de Sousa. — Foi Tenente General e casado com D.ª Joaquina de Lima. A seu respeito transcrevo o que diz dele Escragnolle Doria: "O tenente general Marques de Sousa, filho de Antonio Simões e Quitéria Marques, assentou praça em 1770, distinguindo-se nas guerras do sul contra os espanhóis. Assiste à derrota das tropas do general Ortiz, ao assalto do forte da Trindade; por fim, já coronel comandante de uma divisão de 800 homens e um parque de artilharia, obriga os espanhóis à capitulação do Serro Largo, recebendo então bordados de general. Figurou, sempre com denodo, nas campanhas da Banda Oriental (1811-1812) sob a chefia de D. Diogo de Sousa, conde de Rio Pardo. De 1816 a 1820, esteve o tenente-general Marques de Sousa, o avô de Porto Alegre, a batalhar contra as forças de Artigas na defeza da fronteira Jaguarão-Chuy, sendo em 1820 eleito presidente do triunvirato regente da capitania do Rio Grande na falta do conde da Figueira. Em 1821, o governador do Rio Grande acusou-o de conspirar, obrigando-o até a ir ao Rio de Janeiro apresentar-se ao Princípe D. Pedro, cumplice do mesmo "crime" de Marques de Sousa: a Independência! O governador denunciante do velho general (78 anos) era D. João Carlos Gregorio Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Sousa Daun, que, depois, em Portugal, se tornou o famigerado duque de Saldanha. Marques de Sousa obteve da Côrte caloroso e distinto acolhimento."**

Filhos do Tenente General Manoel Marques de Sousa e de sua mulher D.ª Joaquina de Lima. (Naturais do Rio Grande do Sul):

N 1) **Manoel Marques de Sousa. — Foi Brigadeiro do Exercito, não casou, mas reconheceu filhos naturais. Escragnolle Doria diz: "O brigadeiro Manoel Marques de Sousa, pai do Conde de Porto Alegre, nasceu em 1780 no Rio Grande, servindo às ordens paternas do tenente general Marques de Sousa nas campanhas de 1811 e 1812, cobrindo-se de glorias nas de 1816 e 1820. Apodera-se do forte de Santa Tereza; derrota o general Rivera em Chafalótes; é ferido na batalha de India Muerta, ganha pela vanguarda de Lecór às ordens de Sebastião Pinto; três anos está nas linhas avançadas de Montevidéo, derrota e aprisiona Manoel Artigas, já vencido por êle em Canelones. Adére à Independência; com Lecór sitia Montevidéo e assiste à capitulação da cidade, repelindo, em Las Piedras, o general D. Alvaro de Macedo, morrendo, envenenado, na cidade de Montevidéo a 21 de novembro de 1824. Pai de:**

Bn 1) **Manoel Marques de Sousa. — Nasceu a 13 de junho de 1805; foi Tenente General, Conde de Porto Alegre; casado a primeira vêz com D.ª Maria Balbina da Gama Lobo d'Eça, filha do General José Maria da Gama Lobo d'Eça, Barão de Saycan, e a segunda vêz com D.ª Bernardina Soares de Paiva, filha de Antonio Soares de Paiva e de D.ª Clara Soares de Paiva e falecida em Porto Alegre a 8 de setembro de 1918.**

A biografia do Conde de Porto Alegre que possuo é extensa, pois que consta de vários artigos publicados e devidos aos ilustres escritores Escragnolle Doria, Alfredo Pretextato Maciel da Silva, Rodrigo Octavio, Lima Figueiredo, Affonso de Carvalho e Mucio Teixeira. Valho-me do primeiro e do artigo que publicou em 1904, no Rio de Janeiro, no n.º 9 da revista "Renascença", para relatar o resumo dos principais fatos da vida do Conde de Porto Alegre:

A FÉ DE OFÍCIO:

— Nasceu em 13 de junho de 1805.
— Assentamento de praça — 20 de janeiro de 1818 (com 13 anos). Promovido a alferes (com 13 anos) e ajudante de campo de Lecór.
— Tenente por atos de bravura (com 19 anos) a 1.º de dezembro de 1824.
— Capitão por atos de bravura (com 22 anos) a 20 de março de 1827.
— Major por atos de brávura (com 23 anos) a 28 de março de 1828.
— Tenente-Coronel graduado, a 28 de agosto de 1838, e efetivo a 2 de dezembro de 1838, pelos atos de bravura e disciplina na guerra dos Farrapos (33 anos).
— Brigadeiro graduado e efetivo a 14 de março e 18 de agosto de 1850 (com 45 anos).
— Marechal de campo a 3 de março de 1852 (com 47 anos) grande do Império, barão de Porto Alegre.

Digitized by Google

— Reformado em tenente-general a 7 de julho de 1856 (51 anos).
— Comandante em chefe no R. G. do Sul, a 20 de julho de 1865 (60 anos).
— Comandante do 2.º corpo de exército no Paraguai.
— Visconde de Porto Alegre, com grandeza, depois do feito de Curuzú.
— Conde de Porto Alegre por decreto de 11 de abril de 1868.
— Ministro da Guerra (1.º gabinete Zacarias 24 de maio de 1862. (Deve ser 1872).

— Deputado geral pelo 1.º distrito do Rio Grande do Sul na 12.ª legislatura (1853-1866) e na 15.ª (1872-1875).

— Gran-Cruz de Cristo, dignatario do Cruzeiro, cavaleiro de S. Bento de Aviz, medalhas da Cisplatina, de Monte Caseros, de Uruguaiana, de mérito e bravura militar.

— Faleceu a 18 de julho de 1875, às 7 horas da manhã, na cidade do Rio de Janeiro.

A VIDA MILITAR

Os principais feitos de guerra de Porto Alegre:
1818 — Expedição da Baía Negra, combates de Pando e Manga contra Julian Laguna e Fructuoso Rivera.
1824 — Combate de Las Piedras.
1827 — Batalha de Ituzaingo.
1828 — Combate de Camaquan.
1836 — Defeza de Pelotas.
— Restauração de Porto Alegre.
1841 — Combate da Varzea do Varejão.
1852 — Batalha de Monte Caseros.
1866 — Tomada de Cururú.
1866 — Ataque de Curupaity.
1867 — Assalto de Tuyuty.

OS MAIORES FEITOS

Os maiores feitos da vida militar de Porto Alegre cabem nestas quatro palavras: Monte Caseros — Cururú — Curupaity — Tuyuty.

Tn 1) Balbina Marques da Gama. — Casada com o doutor em medicina Augusto Alvares da Costa, residentes na cidade de São Gabriel. (Ignora-se a descendência). Informação de 1877.

Tn 2) Maria Manoela Marques da Gama.

Bn 1) Filhos do mesmo Tenente General Conde de Porto Alegre e de sua segunda mulher D.ª Bernardina Soares de Paiva.

Bn 2) Joaquim Marques de Sousa. — Foi oficial do Exército e casado com D.ª ....., filha do Barão de Antiquéra.

Bn 3) Joanna Marques de Sousa. — Foi casada com seu primo José Marques Lisbôa.

Bn 4) Maria Joaquina Marques de Sousa. — Foi casada a primeira vêz com o oficial de marinha comendador Bernardino José Coelho e a segunda com o Brigadeiro Antonio Carneiro Leão. Pais de:

Tn 5) Bernardino José Coelho. - Capitão Tenente da Armada Nacional. (1904).

Tn 6) Jorge Marques Coelho. - Primeiro Tenente da Armada Nacional. (1904).

Bn 5) Sebastião Marques de Sousa. — Foi inspetor da Alfandega de Paranaguá. Casado mas ignora-se os nomes da mulher e dos filhos.

Bn 6) Domingos Marques de Sousa. — Era oficial de marinha e faleceu a bordo de um navio de guerra francês onde serviu com permissão do Governo.

N 2) Joaquina Marques. — Foi casada com o Marechal do Exército Alexandre Eloy Portelli. Pais de:

Bn 7) Joaquim Miguel Marques Portelli. — Foi Tenente Coronel do Exército e casado com sua prima D.ª Anna Joaquina de Sousa Castro. (Capitulo II desta Genealogia).

Bn 8) Alexandre Manoel Marques Portelli. — Foi oficial do Exército e faleceu de ferimentos recebidos em combate. Ignora-se se deixou descendência.

Bn 9) Sebastiana Benevenuta Marques Portelli. — Foi casada com o Marquês de Lages, então João Vieira de Carvalho. Pais de:

Tn 3) Maria.

Tn 4) Clara — ambas existentes no ano de 1904.

Tn 7) Alexandre Vieira de Carvalho. — Segundo Barão, Visconde e Conde de Lages, casado com D.ª Maria Caetana de Almeida Torres, filha do Visconde de Macahé. Pais de:

Qn 1) Alexandre Eloy Portelli Vieira de Carvalho. — Faleceu solteiro em 1809.

Digitized by Google

Qn 2) José Carlos Portelli Vieira de Carvalho. Nascido em maio de 1852.
Qn 3) Maria de Sant'Anna Vieira de Carvalho. Nascida em julho de 1855.
Qn 4) Sebastião Benevenuto Portelli Vieira de Carvalho. — Nascido a 21 de outubro de 1862.

Tn 8) Joaquina Vieira de Carvalho. — Casada com o Dr. Manoel da Silveira Reys, ambos falecidos, ela em 1850 e êle poucos anos depois.

Tn 9) Anna Vieira de Carvalho. — Casada com o Dr. Luiz da Motta Leite de Azevedo (irmão de sua madrasta). Ela falecida em 1850 e êle alguns anos depois. Pais de:

Qn 5) Izabel Leonor Leite de Azevedo. — Nascida em outubro de 1843 e casada com o Dr. João Pedro Carvalho de Moraes.
Qn 6) Miguel Leite de Azevedo. — Nascido em novembro de 1847.

N 3) ..... Marques. — Foi casada com o Marechal do Exército Joaquim de Oliveira Alvares.
N 4) Ana Marques de Sousa. — Faleceu no Rio de Janeiro em 1855. Nada mais se sabe.

F 2) Feliciano Marques de Sousa. — Foi sacerdote e faleceu em 1809.

F 3) Anna Marques Victorina. — Foi casada com seu primo-irmão o Capitão da Praça da Colónia Manoel de Azevedo Marques (vide Capítulo II desta Genealogia) e faleceu no Rio de Janeiro em julho de 1822. Pais de:

N 5) Manoel Euphrazio de Azevedo Marques. — Nascido na Colonia do Sacramento, formado em Leis pela Universidade de Coimbra em 1791, advogado em São Paulo onde se casou com D.ª Anna Gertrudes de Jesus Abreu, filha de João Francisco Abreu e Eufrasia Maria de Jesus, natural desta cidade, e faleceu a 24 de novembro de 1809. Pais de:

Bn10) Euphrazio de Azevedo Marques. — Foi empregado páblico e depois advogado. Casado com sua prima-irmã D.ª Maria de Cupertino Xavier, da qual não deixou filhos, mas teve dois naturais que reconheceu. Faleceu em 1870.

Tn10) Euphrazino Maria de Azevedo Marques. — Foi tabelião da cidade de Areias e faleceu no estado de solteiro em 1827.

Tn11) Julio Ignacio de Azevedo Marques. — Foi Capitão do Exército e faleceu na Provincia de Mato Grosso em 1866; casado com D.ª Idalina de Mello Guimarães, natural do Rio Grande do Sul. Pais de:

Qn 7) Manoel Euphrazio de Azevedo Marques. — Nascido em São Paulo em abril de 1860.

Bu11) Anna Euphrazia da Natividade. — Falecida solteira em 1860.

Bn12) Maria Candida de Azevedo Marques. — Foi casada com seu primo-irmão Tenente Coronel Joaquim Roberto da *Silva* Marques, nascida a 24 de fevereiro de 1796. Seu marido falecido a 29 de dezembro de 1832. Pais de:

Tn12) Joaquim Roberto de Azevedo Marques. — (Transcvrevo da "Cronologia Paulista", de José Jacintho Ribeiro o que diz a seu respeito):

"Em 18 de setembro de 1824, na antiga cidade de Paranaguá então pertencente á provincia, hoje Estado de São Paulo, e do legitimo consorcio do Tenente Coronel Joaquim Roberto da *Silva Marques* e de D.ª Maria Candida de Azevedo Marques, nasce o probidoso cidadão Tenente Coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Orfão de pai aos sete anos de idade, logo depois que saiu da escola, aos doze anos, sem meios para sustentar sua velha mãe e seus quatro irmãos menores, entrou para a tipografia de Manoel Francisco da Costa Silveira, unica que existia em S. Paulo, e na qual se publicava o "Novo Pharól Paulistano".

"Em 1842 tendo-se creado na capital o "Gabinete Topografico", instituição destinada ao ensino das ciencias matematicas, matriculou-se no respetivo curso. Sobrevindo, porém, a revolução politica d'aquele ano, assentou praça no 4.º batalhão de fuzileiros, onde serviu como 1.º Cadete até 1845, quando exercendo o logar de amanuense do Quartel General do Comando das forças em operação na provincia, foi instado para dar baixa afim de tomar conta da tipografia e do jornal governista "Americno", redigido pelo falecido Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, depois barão do mesmo nome.

"Foi, pois, Azevedo Marques, o primeiro tipografo paulista que dirigiu uma oficina tipográfica em São Paulo.

"Cessando a publicação do "Americano" com a nomeação do Dr. Ramalho para Presidente da então provincia de Goiás, foi tomar conta do "Ipiranga", em 1848, redigido pelo falecido Dr. João da Silva Carrão, tornando-se, depois de haver reformado a tipografia, com o concurso de amigos, seu proprietário. Foi então que a 26 de junho de 1854, fez saír o primeiro numero do "Correio Paulistano" a primeira folha diaria vinda á luz na então provincia.

"Durante o tempo em que foi seu proprietario creou duas associações tipograficas, a "Artistica Beneficente" e a "Associação Tipografica Paulistana de Socorros Mutuos".

"Em 1856, creou, em Santos, o jornal denominado "O Comercio", cuja direção confiou a seu irmão Roberto Maria de Azevedo Marques e, em 1870, outro, em Campinas, sob o titulo "Gazeta de Campinas", de sociedade com seu genro o Dr. Francisco Quirino dos Santos.

Digitized by Google

"Além desses jornais, publicou, tambem, o primeiro "Almanaque de São Paulo", em 1857 e o "Memorial Paulistano", em 1888; editou varias obras e em suas oficinas foram impressos muitos jornais academicos, literarios, etc. etc.

"Homem trabalhador e incansavel, apezar de suas ocupações na imprensa, exerceu por muitos anos, os cargos de Secretario da Vacina, Secretario da Camara Municipal e durante a guerra contra o governo do Paraguay, esteve destacado como oficial da Guarna Nacional, fazendo o serviço da guarda da Capital.

"Em 1860 foi um dos fundadores da Loja Maçonica America, que tantos serviços prestou á causa da abolição do elemento servil.

"Em 17 de janeiro de 1872 fez parte da 1.ª reunião efetuada em São Paulo para a organização do Partido Republicano, assim como, em 1873, tomou parte na reunião tambem efetuada na cidade de Itú e que ficou na história conhecida pela denominação de "Convenção de Itú".

"Reunido o 1.º "Congresso Republicano" nos dias 1, 2 e 3 de julho de 1873 e em abril de 1874 nele tomou parte como representante do municipio de Botucatú.

"Em 1882 passou a propriedade do "Correio Paulistano" ao Dr. Antonio da Silva Prado, continuando, porém, como seu editor gerente até 1889, em que, definitivamente, deixou de trabalhar na imprensa, despedindo-se da empreza do mesmo jornal.

"Acometido, em 1892, de um insulto apoplético que, em poucos dias, o vitimou, na Intendencia Municipal, quando no exercicio do cargo de Secretario, que então ocupava, sua morte foi assás sentida por seus numerosos parentes e amigos.

"Azevedo Marques deixou importantes apontamentos para uma obra que pretendia publicar com o título "Historia da imprensa de São Paulo", para a qual previamente havia colecionado exemplares de quasi todos os jornais publicados nesta capital.

"O Tenente Coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques foi casado com sua prima D.ª Anna Victorina de Azevedo Marques, falecida em 1881 e de seu consorcio teve os seguintes filhos: (A noticia passa a enumera-los).

"Na sua tipografia, em julho de 1860, é publicado "O Votante", jornal ou panfleto, para distribuição gratuita e "consagrado ao desabafo popular e ao proprio sofrimento, denunciando todos os abusos por mais alta que seja a região em que apareçam e sejam quais forem os seus autores." Pais de:

Qn 8) Joaquim Roberto de Azevedo Marques. — Nascido em São Paulo a 19 de janeiro de 1847, foi bacharel formado em Direito, jornalista e casado com D.ª Maria da Gloria de Azevedo Marques. (Transcrevo o que diz a seu respeito a "Cronologia Paulista" de José Jacintho Ribeiro):

"Novembro de 1868. — Recebe o grao de Bacharel em ciencias sociais e juridicas pela Faculdade de Direito de São Paulo Joaquim Roberto de Azevedo Marques Filho.

"O Dr. Joaquim Roberto, filho do saudoso jornalista Tenente Coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques e de D.ª Anna Victorina de Azevedo Marques, nasceu em São Paulo a 19 de janeiro de 1847.

"Estudioso e aplicado, foi, durante o seu tirocinio academico, dado às lides jornalisticas, tendo, nessa epoca, redigido, com outros, "A Crença" e "O Arquivo Literario".

"Graduado em Direito, seguiu para a cidade de Santos, onde se dedicou à advocacia de 1869 a 1872, mudando-se, em 1873, para a cidade de Amparo sendo aí um dos fundadores do Clube Republicano.

"Mudando-se em 1879 para a cidade de Brotas, aí advogou até 1883 quando regressou, por motivo de moléstia, para a capital e alí sua reconhecida aptidão e conhecimentos foram devidamente aproveitados pelo então Vice-Presidente da Provincia Dr. Elias Chaves, que o nomeou Chefe da 5.ª Seção da antiga Secretaria do Governo. Na presidencia do Conselheiro João Alfredo e sendo seu secretario o Dr. Balduino Coelho, que apreciava o carater e habilitações do Dr. Joaquim Roberto, mais uma vêz incumbiu-o de trabalhos de maior importancia das diversas secções, encarregando-o sempre de estudos de questões mais elevadas e, fazendo-o perfeito auxiliar do Chefe da Secretaria, colaborava, ativamente, até na solução de assuntos extranhos aos que, privativamente, lhe cabiam.

"Proclamada a Republica, quer no Governo do Dr. Prudente de Moraes, quer no do Dr. Cerqueira Cesar, foi um dos colaboradores mais ativos na reorganização dos serviços públicos, tais como na confeção do Regulamento da Superintendencia de

Digitized by Google

Obras Públicas, reorganização das Secretarias do Estado, Repartição de Estatística cuja creação lembrou em longo e bem deduzido relatorio que apresentou. (A Repartição de Estatistica foi organizada pelo Decreto de 27 de fevereiro de 1892).

"Creadas as Secretarias de Estado, foi o Dr. Joaquim Roberto, por decreto de 10 de março de 1892, nomeado Diretor Geral da Secretaria dos Negocios da Justiça.

"Verdadeiro auxiliar da pública administração, tem o digno e proveto funcionario sido encarregado da elaboração de diversos trabalhos, hoje convertidos em Leis, tais como o Regulamento dos carcereiros, Projeto da Junta Comercial, da Estatística Judiciaria, das Corresições, dos Oficios da Justiça, e auxiliar do ilustrado Lente de Direito Dr. João Mendes de Almeida Junior na confeção do plano da reforma judiciaria.

"Modesto e de genio excessivamente retraído, é o Dr. Joaquim Roberto bastante considerado pelos seus superiores hierarquicos e respeitado e estimado por seus colegas e amigos.

"Dando, em traços largos, noticia deste honrado paulista, seja-nos permitido completa-la, aqui reproduzindo o que a seu respeito disse o Dr. João Baptista de Mello Peixoto, então Secretario da Justiça, em seu relatorio apresentado ao Presidente do Estado em 31 de dezembro de 1895:

"Graças à capacidade e ao desvelo do ilustrado Diretor Geral, Bacharel Joaquim Roberto de Azevedo Marques Filho, cujo exemplo de rigorosa seriedade, no cumprimento do dever, constantemente se oferece a todo o pessoal, educando-o, mantem essa Repartição os creditos que lhe valeram os calorosos elogios de meus antecessores."

"Exemplarissimo chefe de familia, tem do seu consorcio, realizado em 1.º de março de 1883, com D.ª Maria da Gloria de Azevedo Marques, os seguintes filhos:

Pn 1) Benedicto Roberto de Azevedo Marques. — Nascido em S. Paulo a 13 de março de 1877, casado com D. Angelica Bueno Penteado, engenheiro, e Diretor da Secretaria da Viação. Pais de:
Sn 5) Maria Helena de Azevedo Marques.
Sn 6) Geraldo de Azevedo Marques.

Pn 2) Joaquim Róberto de Azevedo Marques. — Casado com D.ª Evelina de Azevedo Marques. Pais de:
Sn 7) Maria da Gloria de Azevedo Marques.
Sn 8) Maria do Carmo de Azevedo Marques.
Sn 9) Maria Apparecida de Azevedo Marques.
Sn10) Maria Cecilia de Azevedo Marques.
Sn11) Maria Yolanda de Azevedo Marques.
Sn12) Washington de Azevedo Marques.
Sn13) Plinio Roberto de Azevedo Marques.
Sn14) Marcelo Roberto de Azevedo Marques.

Pn 3) Maria do Carmo de Azevedo Marques. — Casada com Francisco Antonio de Oliveira. Pais de:
Sn15) Francisco Marques de Oliveira.
Sn16) Stella Marques de Oliveira.
Sn18) Maria do Carmo Marques de Oliveira.

Pn 4) Frederico Roberto de Azevedo Marques. — Casado com D.ª Lucia de Barros. Pais de:
Sn19) Celia Barros de Azevedo Marques.
Sn20) Maria Thereza Barros de Azevedo Marques.
Sn21) Sonia Maria Barros de Azevedo Marfques.

Sn 1) Maria Helena de Azevedo Marques.

Qn 9) Maria Candida de Azevedo Marques. — Nascida em 1849 e casada com o Dr. Francisco Quirino dos Santos advogado em Campinas. Pais de:
Pn 5) Felix Quirino dos Santos. — Falecido.
Pn 6) Maria Quirino dos Santos. — Falecida.
Pn 7) Helena Quirino dos Santos. — Falecida.
Pn 8) José Augusto Quirino dos Santos. — Bacharel em Direito e casado com D.ª Suzana Araujo Quirino dos Santos. — Pais de:
Sn23) Francisco Quirino dos Santos.
Sn24) José Quirino dos Santos.
Sn25) Celso Quirino dos Santos.
Sn26) João Quirino dos Santos.
Sn27) Olga Quirino dos Santos.
Sn28) Dulce Quirino dos Santos.
Sn29) Marina Quirino dos Santos.
Sn30) Maria de Lourdes Quirino dos Santos.

Digitized by Google

Sn31) Maria Candida Quirino dos Santos.
Sn32) Suzana Quirino dos Santos.
Sn33) Benedicta Quirino dos Santos.

Pn 9) Alexandre Quirino dos Santos. — Falecido.
Pn10) Esther Quirino dos Santos.
Pn11) Leão Quirino dos Santos. — Falecido.
Pn12) Christina Quirino dos Santos.
Pn13) Lucinda Quirino dos Santos.
Pn14) Anna Quirino dos Santos.

Qn10) José Maria de Azevedo Marques. — Nascido em dezembro de 1850. Era administrador-gerente do estabelecimento tipográfico de seu pai (inf. de 1877) e casado com D.ª Olimpia de Azevedo Marques.

Qn11) Gabriela de Azevedo Marques. — Nascida a 3 de janeiro de 1852 e falecida em São Paulo no estado de solteira a 21 de junho de 1935.

Qn12) Julia Augusta de Azevedo Marques.

Qu13) Emilia de Azevedo Marques.

Qn14) João Baptista de Azevedo Marques. — Era 2.º Tenente de Artilharia, em 1877. Hoje é General e residente em S. Paulo.

Qn15) Antonio Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em 1856, era casado com D.ª Elvira de Barros e Azevedo. Pais de:

Pn15) Elvira de Azevedo Marques.
Pn16) Antonietta de Azevedo Marques. — Casada com Elysio do Amaral.
Pn17) Sylvia de Azevedo Marques. — Falecida.
Pn18) Rodolpho de Azevedo Marques. — Falecido, foi casado com D.ª Consuelo de Azevedo Marques.
Pn19) Octavio de Azevedo Marques. — Casado com D.ª Hilda Boéri.

Qn16) Leocadia Brazilia de Azevedo Marques. — Nascida em 1857 e casada com seu primo, Dr. Carlos Carneiro de Barros Azevedo. alferes aluno, em 1877, falecido com o posto de Major.

Qn17) Anna Benedicta de Azevedo Marques.

Qn18) Luiza Americana de Azevedo Marques. — Nascida em abril de 1860 e casada com José Augusto de Sousa Lima, já falecido. Pais de:

Pn20) Oscar de Sousa Lima.
Pn21) José Augusto de Sousa Lima Filho.
Pn22) Maria Augusta de Sousa Lima.
Pn23) Luiz de Sousa Lima.
Pn24) Antonio de Sousa Lima.

Qn19) Henriqueta de Azevedo Marques. — Nascida em 1862, solteira. Existia em junho de 1935.

Qn20) Arthur de Azevedo Marques. — Nascido em 1861. (Houve troca na colocação destes dois últimos).

Qn21) Francisca de Azevedo Marques. — Nascida em 1864.

Qn22) Alfredo de Azevedo Marques. — Nascido em 1866 e casado.

Qn23) Affonso de Azevedo Marques. — Nascido em 1867, bacharel em Direito e já falecido.

Tn13) Manoel Euphrazio de Azevedo Marques. — Oficial aposentado da Secretaria do Governo, escrivão de orfãos (em 1877) na cidade de São Paulo. Major reformado da Guarda Nacional e casado com D.ª Maria das Dôres do Amaral Fontoura. Pais de:

Qn24) Branca do Amaral Marques. — Nascida em abril de 1874.

Qn25) Maria Candida do Amaral Marques. — Nascida em setembro de 1876.

Qn26) ..... — (Ainda não tinha sido batisado em 1877. Nascido em 16 de abril de 1877).

Tn14) José Candido de Azevedo Marques. — Nascido em São Paulo. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de São Paulo, advogado na mesma cidade, casado com D.ª Sophia Augusta de Azevedo Marques e falecido em abril de 1890. Pais de:

Qn27) Anna Francisca da Silva Marques. — Nascida em Santos a 24 de setembro de 1864 e casada com Antonio Affonso Lamounier Godofredo. Ambos falecidos.

Tn15) Roberto Maria de Azevedo Marques. — Nascido na cidade de São Paulo, foi proprietario em Santos e casado com D.ª Ignacia da Silva Cruz, ambos falecidos em São Paulo.

A respeito deste membro de minha família, transcrevo do N.º 9 da revista santista "Estrela Azul", datada de setembro de 1935, o seguinte artigo:

"*Curiosidades santistas.* — Valendo-nos de um oferecimento gentil do consagrado e querido poeta santista, Martins Fontes, abrimos hoje

Digitized by Google

em nossa revista uma nova seção, onde terão os nossos leitores ensejo de conhecer fatos e curiosidades daqueles bons tempos da nossa cidade, hoje, talvez, já esquecidos dos daquela epoca e naturalmente ignorados pela mocidade atual.

"Rebuscando os seus arquivos, Martins Fontes nos dará mensalmente uma série de curiosidades, começando, neste numero, por lembrar os seus primeiros ensaios poéticos, o que não deixa de ser bastante curioso, principalmente para os que conhecem o Martins Fontes de hoje, o Martins Fontes da "Paulistania".

(Veem alguns dos referidos ensaios poéticos e depois:)

Roberto Maria de Azevedo Marques foi um santista ilustre, muito ilustre, autor de uma obra prima, totalmente esquecida, que se chama: "O Lenço de Luiz XIV", livro impagavel, cheio de disparates, imitação do Rondibilis e Rogigrobis de Rabelais. O grande Vicente de Carvalho gostava imensamente de lêr alto o "Lenço de Luiz XIV". Escreveu uma paródia, tambem totalmente esquecida, que se chama: "A Vida de Seu Juca". Foi publicada, em folhetins, no jornal santista "O Diario da Manhã". Morava Roberto de Azevedo Marques numa chacara deliciosa, verdadeiro frutal santista, na colina que fica ao alto do Saboó. Nessa chacara, em jantares e almoços, tratava-se da filosofia, de altos problemas filosoficos, cogitações muito queridas pelo ilustrado Roberto de Azevedo Marques. Eram frequentadores desses agapes Silvério Fontes, Sotter de Araujo, Francisco Martins dos Santos, Sacramento Macuco, João Guerra, Theophilo de Arruda Mendes.

"Diziam, na época: — Vamos à Filosofia.

"Chamava-se a Chacara da Filosofia a residencia de Roberto de Azevedo Marques. Com o tempo a chacara desapareceu e o sitio tomou o nome hoje incompreensivel de "Filosofia".

"A "Filosofia", em Santos, fica por trás do Cemiterio do Saboó."

Sem pretender desfazer a afirmação do meu inesquecivel e queridissimo amigo Martins Fontes (cuja lembrança ha de sempre e sempre me comover) quanto à denominação de "Filosofia" dada à colina que fica ao alto do Cemitério do Saboó, nem que as razões dessa denominação tenham vindo das reuniões de amigos de Roberto Maria de Azevedo Marques, — devo afirmar, em verdade dos fatos, e transmitindo a bôa memoria de que ainda gósa minha Mãe, que nunca a residência de Roberto Maria de Azevedo Marques, a sua chacara, foi situada nessa colina, nem siquer perto dela; mas sim à rua de São Bento bem junto do morro do mesmo nome, nas vizinhanças da residencia dos meus tios, irmãos de minha Mãe.

Filhos de Roberto Maria de Azevedo Marques e de sua mulher D.ª Ignacia da Silva Cruz. Naturais de Santos:

Qn28) Maria Candida de Azevedo Marques. — Nascida a 15 de setembro de 1858 e falecida no estado de solteira em São Paulo.

Qn29) Margarida de Azevedo Marques. — Nascida em maio de 1865 e falecida no estado de solteira em São Paulo a 1.º de setembro de 1935.

Qn30) Helena de Azevedo Marques. — Nascida em maio de 1872, é solteira e residente em São Paulo.

Qn31) João Pedro de Azevedo Marques. — Nascido em 1874 e falecido no estado de solteiro no Rio de Janeiro.

Bn13) Antonio Mariano de Azevedo Marques .— Nascido em São Paulo a 17 de junho de 1797 e falecido a 9 de setembro de 1844. Foi conhecido pelo apelido de "Mestrinho" por haver sido nomeado professor público de latim com a idade de 16 anos. Exerceu vários cargos públicos e de eleição popular e faleceu no Rio de Janeiro em 1844. Foi casado com D.ª Theodora Delfina Alvim da qual não teve filhos; porém êle e ela adotaram por filha uma menina que criaram desde o berço, de nome Carolina Amalia, que foi casada com Manoel de Azevedo Marques, primo-irmão de seu pai adotivo e do qual trataremos em lugar competente. A Genealogia Paulistana diz de D.ª Theodora Delfina Alvim: Nascida em 1799, filha de Catharina Angelica Taques, nascida em 1768, casada em 1789 em São Paulo com Manoel Alves Alvim, natural de Caparica, da freguezia de Famelicão, que foi guarda-mór das minas da capitania de São Paulo e vereador da camara em 1796, filho de Manoel Alves Francisco e de Custodia Maria de Sousa Alvim.

Transcrevo a seguir os apontamentos biográficos de Antonio Mariano de Azevedo Marques, da "Cronologia dos acontecimentos mais importantes do Estado de São Paulo", de José Jacintho Ribeiro.

1797 — Na capital e do legitimo consorcio do Dr. Manoel Euphrazio de Azevedo Marques e de D.ª Anna Gertrudes de Jesus, nasce Antonio Mariano de Azevedo Marques, conominado — "Mestrinho".

Azevedo Marques, em seus "Apontamentos Históricos", referindo-se a êste distinto paulista, assim se exprime: "Antonio Mariano de Azevedo Marques nasceu na cidade de São Paulo a 17 de junho de 1797; filho do Dr. Manoel Euphrazio de Azevedo Marques e de sua mulher D.ª Anna Gertrudes de Je-

Digitized by Google

sus, aquele natural da Colonia do Sacramento, e esta de São Paulo. Aos 4 anos de idade exigiu e importunou a seus pais para que o mandassem aprender a lêr, e quando apenas contava onze anos conhecia a lingua latina como os melhores estudantes; êste fato é recontado ainda no presente tempo por alguns de seus contemporaneos. Começou a sua vida pública em 1812, sendo provido pelo bispo D. Matheus de Abreu Pereira, no emprego de professor de latim dos moços do côro da Sé Catedral, e dos que se destinavam ao estado eclesiástico, quando apenas atingira aos quinze anos, pelo que o chamaram desde então — "mestrinho" — apellido com que foi conhecido durante toda a sua vida.

"Em julho de 1822 foi nomeado professor da cadeira pública de latim e retórica na cidade de São Paulo, passando em 1828, como professor desta última, para a Academia de Ciências Juridicas, que ocupou até 1835, em cujo ano renunciou o professorado. Ao instalar-se a mesma Academia, em março daquele ano, matriculou-se com seu irmão Manoel Euphrazio de Azevedo Marques no primeiro ano, fazendo parte dessa pleiade brilhante de paulistas e fluminenses que correram pressurosos a encetar o estudo das ciencias, que pela primeira vêz se lhes proporcionava em seu próprio país, em virtude da sábia lei de 11 de agosto de 1827.

"Antonio Mariano proseguiu os estudos até o quarto ano e recusou passar além, apesar de haver sido proposto no 1.º ano e conseguir no terceiro o primeiro premio. Interrogado sobre tão extranha resolução, respondia que nada mais tinha que aprender na Academia, porque as materias que aí se lecionavam já lhe eram conhecidas, além de que lhe faltava o tempo necessário à sua advocacia, já tão procurada.

"Com efeito, desde 1826 que Antonio Mariano havia-se dedicado exclusivamente à advocacia, e, posto que não tirasse provisão, nem figurasse nos auditorios, gosou sempre de tal conceito, que eram frequentes as consultas que se lhe faziam por quasi todas as notabilidades do foro de São Paulo. De certa epoca em deante não aceitou mais causas, porque lhe faltava o tempo para responder sómente às propostas remetidas de todos os pontos da provincia e de fóra dela.

"Em São Paulo foi Antonio Mariano sempre considerado pelos seus contemporaneos com a eleição para cargos de juís de paz, vereador, eleitor, membro do conselho do Governo e da assembléa provincial, sem que jámais désse o minimo passo para isso. O seu orgulho revoltava-se quando os amigos o aconselhavam que se apresentasse candidato às camaras temporaria e vitalícia. Em 1837 foi eleito pela assembléa provincial para um dos logares de vice-presidente da provincia, e em 1844 como segundo suplente à deputação geral, foi pela respetiva camara chamado a tomar assento, o que não se verificou por achar-se já muito enfermo.

"No ano de 1839, por instancias de seus amigos José da Costa Carvalho e Honorio Hermeto Carneiro Leão, aceitou o logar de secretario da presidencia do desembargador Manoel Machado Nunes e recusou continuar no mesmo emprego em 1840 na administração do brigadeiro Raphael Tobias, que sucedeu àquele.

"Ainda por dedicação pessoal exerceu o cargo de secretario em 1842, junto do então presidente barão de Monte-Alegre. Em politica, a posição de Antonio Mariano foi sempre moderada, mas de convicções liberais, e quando a maioria de seu partido, depois dos sucessos de 1831, mostrou-se exagerada, Antonio Mariano encostou-se ao partido moderado, de onde depois nasceu o "conservador", sem com tudo abandonar as suas primitivas idéas.

"Colaborou com José da Costa Carvalho na redação do "Faról Paulistano", primeiro orgam da publica opinião que apareceu em São Paulo no correr do ano de 1827, e escreveu depois para outros jornais, que faziam oposição ao partido absolutista. De 1823 a 1825 serviu o cargo de escrivão da mesa da irmandade da Santa Casa de Misericordia da cidade de São Paulo, estabelecimento pelo qual muito se interessava, reformando o seu compromisso, e auxiliando a fundação do hospital e casa de expostos. Em 1837 organizou os estatutos pelos quais até hoje se rége o cabido da Sé Catedral, e que foram traduzidos em lei provincial no ano de 1838.

"Com vistas de melhoramento em sua saúde, Antonio Mariano, a instancias do então barão de Monte-Alegre, mudou a sua residência para o Rio de Janeiro em dezembro de 1842, e lá, a convite de Honorio Hermeto, prestou-se a trabalhar no gabinete do ministro da Justiça, mas sem carater oficial, e o mesmo sucedeu no gabinete do ministro do Imperio visconde de Macahé. Nomeado secretario da relação da Côrte, rejeitou esse emprego, e só a instancias daqueles seus amigos resolveu aceitar o logar de oficial da secretaria de Estado dos negocios do Imperio em março de 1841, emprego que serviu pouco tempo.

"Além da lingua latina, que soube como poucos, Antonio Mariano, em seu gabinete aprendeu sem mestre e jogava facilmente com a franceza, ingleza, espanhola, alemã e grega. A historia e a geografia tambem foram seus estudos predilétos.

"Antonio Mariano de Azevedo Marques, apesar da sua vasta ilustração, foi antes homem de gabinete do que de tribuna, mas nas poucas vezes que à

Digitized by Google

ela subiu revelou firmeza de convicções, desinteresse pessoal e rigidez de caráter, que a todos agradavam.

"Faleceu no Rio de Janeiro a 9 de setembro de 1844, na idade de 47 anos, e do seu casamento com D.ª Theodora Delfina Alvim, filha do guarda-mór Manoel Alves Alvim e de D.ª Catharina Taques, não deixou descendencia."

Bn14) Joaquim Manoel de Azevedo Marques. — Faleceu em São Paulo em 1860 no estado de solteiro. Era empregado público aposentado e reconheceu filhos naturais que trataremos em logar competente. Pai de:

Tn16) Joaquina de Azevedo Marques. — Solteira em 1877.

Tn17) Manoel Joaquim de Azevedo Marques. — Idem.

Tn18) Luiza de Azevedo Marques. — Idem.

Tn19) Fortunata de Azevedo Marques. — Solteira, professora pública de primeiras letras em 1877.

Bn15) Francisco Marciano de Azevedo Marques. — Faleceu em 1875, em São Paulo, no estado de solteiro, sem descendencia; padecia de enfermidade mental.

Bn16) José Xavier de Azevedo Marques. — Foi inspetor da Tesouraria da Fazenda em São Paulo, faleceu em 1872. Foi casado com sua prima-irmã D.ª Joaquina Euphrasia Xavier. Pais de:

Tn20) Joaquim Candido de Azevedo Marques. — Foi contador da Tesouraria da Fazenda, casado com D.ª Rita Peixoto de Mello. Faleceu em 1872. Pais de:

Qn32) José Manoel de Azevedo Marques. — Nascido a 19 de fevereiro de 1865, é casado com D.ª Anna Junqueira, foi lente da Faculdade de Direito de São Paulo e Ministro das Relações Exteriores no Governo do Dr. Epitacio Pessôa (1918-1922). O Dicionario Jackson diz: "Magistrado e politico brasileiro, nasceu em 1865 no Estado de São Paulo; em 1886 era nomeado promotor público da cidade de Batatais; em 1880 juís municipal e logo depois juís de direito da mesma comarca. Entrando para a politica, foi eleito deputado estadoal em 1898 e deputado federal em 1900. No Congresso paulista ocupa a vice-presidencia e na Camara dos Deputados Federal faz parte, como representante de São Paulo, da Comissão de Constituição e Justiça e da Comissão dos 21, encarregada de revêr o projeto do Código Civil. Foi deputado federal até 1905."

A "Cronologia Paulista" de José Jacintho Ribeiro diz: —

"7 de novembro de 1890. — É, por decreto desta data, nomeado Juís de Direito da Comarca de Franca o Dr. José Manoel de Azevedo Marques.

"Nascido em São Paulo a 19 de fevereiro de 1865 do legitimo consorcio do Comendador Joaquim Candido de Azevedo Marques e de D.ª Rita Peixoto de Mello, paulistas, depois de haver, com muita aplicação concluido os seus estudos em 1866, recebeu o gráu de Bacharel em ciencias sociais e jurídicas. Nomeado promotor público de Batatais por Ato de 28 de maio de 1886, Juís municipal do mesmo termo, por Decréto de 28 de maio de 1887; Juís de Direito, por Decréto de 7 de novembro de 1890, para a comarca de Franca e removido para a de Batatais por Decréto de 6 de junho de 1891, deixou a carreira da magistratura quando, organizada a do Estado, mudando sua residencia para a capital, dedicou-se à carreira de advocacia.

"Deputado ao Congresso estadoal — 1898-1899 — em dezembro deste ano foi eleito Deputado Federal, fazendo, desde logo, parte de importantes comissões, tais como da de "Legislação, Constituição e Justiça, do Codigo Civel", da "Lei Preliminar" sobre o "Direito Internacional Privado" e da "Parte Geral" sobre "Pessoas e Cousas".

"Distinto entre os mais distintos parlamentaristas, excessivamente devotado à causa pública, o Dr. Azevedo Marques, na tribuna, se ha salientado, formulando, além de outros, longos e bem fundamentados "Projétos", já sobre proprios nacionais, regulamentando o parágrafo único do artigo 64 da Constituição, já sôbre a competência dos Estados para legislarem leis de processo, já sôbre a que estabelece a precedencia obrigatoria do casamento civil e já sobre a adjudicação forçada nas execuções hipotecárias.

"O Pais", um dos orgãos de publicidade da Capital Federal, apezar de ser contrario ao "Projéto do Codigo Civil", apresentado e discutido, na Camara, assim se exprime, em seu longo e luminoso artigo, combatendo esse "Projéto": "A parte geral, confiada à ciencia e à capacidade, realmente superiores, do Snr. Arevedo Marques, poude, alterando vários pontos o trabalho do Snr. Clovis, ser votada de modo a permitir que ficasse um trabalho em evidente progresso sobre os codigos mais adeantados."

Digitized by Google

"Do seu consorcio com D.ª Anna Claudina Diniz Junqueira, filha do Capitão Francisco Marcellino Diniz Junqueira, lavrador e Chefe do Partido Republicano no municipio de Nuporanga, não tem descendencia."

Qn23) Henrique Luiz de Azevedo Marques. — Nascido a 11 de junho de 1867 e casado com D.ª Genoveva Junqueira. Pais de:

Pn25) Maria de Azevedo Marques. — Nascida na cidade de São Paulo a 26 de agosto de 1894, solteira.

Pn26) Henock de Azevedo Marques. — Nascido na cidade de São Paulo a 27 de outubro de 1895 e casado com D.ª Alda Vianna, nascida na mesma cidade a 19 de outubro de 1906, filha de Christiano Peregrino de Azevedo Vianna.

Pn27) Noemia de Azevedo Marques. — Nascida na cidade de Nuporanga a 29 de dezembro de 1897 e casada com o Dr. Mario Moreira da Silva.

Pn28) Julieta de Azevedo Marques. — Nascida na cidade de Nuporanga a 19 de maio de 1901 e casada com o Dr. Guilherme Seraphico.

Pn29) Edith de Azevedo Marques. — Nascida na cidade de Nuporanga a 13 de fevereiro de 1903.

Pn30) José de Azevedo Marques. — Nascido na cidade de Nuporanga a 23 de fevereiro de 1906 e casado com D.ª Maria de Lourdes.

Pn31) Dulce de Azevedo Marques. — Nascida na cidade de Nuporanga a 25 de maio de 1907, solteira.

Pn32) Henrique Paulo de Azevedo Marques. — Nascido na cidade de São Paulo a 13 de fevereiro de 1914.

Qn34) Luiz de Mello Marques. — Nascido em 1869 e casado.

Qn35) Maria Thereza de Azevedo Marques. — Nascida em 1872, é irmã de caridade.

Qn36) Clotilde de Azevedo Marques. — Nascida em 1877 e falecida no estado de solteira.

Qn37) Angelina de Azevedo Marques.

Qn38) Ruth de Azevedo Marques. — Irmã de caridade.

Qn39) Joaquim Candido de Azevedo Marques. — Casado com D.ª Floriza de Azevedo Marques.

Qn40) José Jesus de Azevedo Marques. — Nascido a 30 de março de 1887, é casado com D.ª Luiza Macuco Borges, nascida em Santos, e corretor oficial de café na praça de Santos onde reside. Pais de:

Pn33) Nelson de Azevedo Marques.

Pn34) Maria Rita de Azevedo Marques.

Pn35) Rubens de Azevedo Marques.

Tn21) Henrique Luiz de Azevedo Marques. — Nascido a 11 de abril de 1835, foi casado com D.ª Josefina de Mello de Azevedo Marques, nascida a 31 de dezembro de 1843, em Minas Gerais e falecida em São Paulo a 4 de fevereiro de 1912; bacharel em matemática e ciências físicas pela escola do Rio de Janeiro, Major do Imperial Corpo de Engenheiros e Cavaleiro da Ordem de São Bento de Avís e falecido a 31 de agosto de 1880. Além de escrever um excelente compêndio de metrologia, foi o autor do "Projéto" do caminho de ferro de Campinas ao Amparo e Mogi-Mirim, sistema mixto de Mr. Larananjat. Pais de:

Qn 41) Maria Josefina de Azevedo Marques. — Nascida na cidade de São Paulo a 23 de dezembro de 1861, casada com Olimpio Ricardo O'Reilly e falecida a 10 de fevereiro de 1904. Pais de:

Pn36) Salvina de Azevedo Marques O'Reilly. — Nascida na cidade do Rio de Janeiro a 28 de abril de 1883 e casada com Manoel Teixeira Peixoto. Pais de:

Sn 1) Edwiges Marques Peixoto. — Nascida na cidade do Rio de Janeiro a 6 de novembro de 1902 e casada com Raymundo Porciuncula de Moraes. — Pais de:

7.º n1) Apparecida Peixoto de Moraes. — Nascida na cidade do Rio de Janeiro a 28 de outubro de 1933.

7.º n2) José Henrique Peixoto de Moraes. — Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 1.º de setembro de 1936.

Pn37) Henrique de Azevedo Marques O'Reilly. — Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 21 de fevereiro de 1885.

Pn38) Olympio de Azevedo Marques O'Reilly. — Nascido na cidade de São Paulo a 29 de junho de 1886 e casado com D. Maria Pereira de Sousa. Pais de:

Sn 2) Olympio O' Reilly. — Nascido na cidade de São Paulo a 13 de abril de 1913.

Digitized by Google

Sn 3) Judith O'Reilly. — Nascida na cidade de São Paulo a 3 de outubro de 1916.

Pn39) Arthur de Azevedo Marques O'Reilly. — Nascido na cidade de São Paulo a 31 de janeiro de 1892, é Major do Exército, engenheiro militar e civil e casado com D.ª Maria do Carmo Resse Leite, nascida na cidade de Bom Sucesso, Estado de São Paulo, a 2 de fevereiro de 1904. Pais de:

Sn 4) Therezinha de Jesus O'Reilly. — Nascida na cidade de São Paulo a 22 de dezembro de 1928.

Tn22) Carlos Emilio de Azevedo Marques. — Foi empregado no comércio, casado com D.ª Josefina Eugênia Peixoto de Mello. Ambos falecidos. Pais de:

Qn42) Carlos Emilio de Azevedo Marques. — Nascido em 1866, foi casado com D.ª Anna Martins Ladeira e Almoxarife da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, em Jundiaí, onde residiu e onde faleceu. Pais de:

Pn40) Sylvia de Azevedo Marques. — Casada com o Dr. C. de Castro, advogado em Campinas.

Pn41) .....

Qn43) Josefina de Azevedo Marques. — Nascida em 1867 e falecida no estado de solteira na cidade de Rio Claro.

Qn44) Paulino de Azevedo Marques. — Nascido em 1872, foi casado com D.ª Catharina Fonseca e faleceu na cidade de Rio Claro em 1922. Pais de:

Pn42) Hyllo de Azevedo Marques, e outros.

Qn45) Nicolau de Azevedo Marques. — Nascido em 1877 e falecido no estado de solteiro na cidade de Rio Claro.

Tn23) José Manoel de Azevedo Marques. — Sendo Guarda-marinha, faleceu de desastre em Corrientes, em maio de 1865.

Tn24) Luiza Emilia da Conceição Azevedo Marques. — Nascida a 19 de junho de 1846, casou-se a primeira vêz com José Venancio Ferreira, falecido em São Paulo, e de quem teve uma filha de nome Guiomar, tambem falecida na mesma cidade no estado de solteira; e pela segunda vêz com José Caetano de Castro, falecido em Portugal, negociante em São Paulo e de quem não deixou descendencia.

Tn25) Alberto Maria de Azevedo Marques. — Foi amanuense da Secretaria do Governo, casado com D.ª Fortunata de Castro Canto e Mello e faleceu em 1876. Pais de:

Qn46) ..... (Ignora-se o nome). Nascido em 1874.

Bn17) Anna Benedicta da Conceição de Azevedo Marques. — Foi casada com José Gomes Segurado, natural de Portugal. Ela faleceu no Rio de Janeiro a 5 de agosto de 1865 e êle em São Paulo a 31 de julho de 1852. Pais de:

Tn26) Anna Victorina Marques Segurado. — Casada com seu primo-irmão Joaquim Roberto de Azevedo Marques do qual já se fez menção.

Tn27) José Pedro de Azevedo Segurado. — Foi bacharel formado em leis, Juis M. de São Paulo e nomeado Juís de Direito para Goiás, de cujo logar não tomou posse por se achar enfermo da moléstia de que faleceu no estado de solteiro, em 1869. Foi em 1859 o 10.º bibliotecário da Biblioteca Pública do Estado.

Tn28) Maria Thereza de Azevedo Segurado. — Viuva de seu primo em 2.º gráu José Manoel da Costa Barros de Azevedo, de quem faremos menção em lugar competente.

Tn29) João Maria de Azevedo Segurado. — Foi comerciante em São Paulo, casado com D.ª Maria das Dôres do Amaral Fontoura e faleceu a 28 de março de 1873. Pais de:

Qn47) Anna de Azevedo Segurado. — Nascida em 1865.

Qn48) Clemencia de Azevedo Segurado. — Nascida em 1867.

Qn49) Manoel de Azevedo Segurado. — Nascido em 1869.

Tn30) Candido Roberto de Azevedo Segurado. — Era, em 1877, chefe do Arquico da Secretaria do Governo; casado com D.ª Maria das Dôres Penteado. Pais de:

Qn50) Georgina de Azevedo Segurado. — Nascida em 1866.

Qn51) Arthur de Azevedo Segurado. — Nascido em 1869.

Qn52) Adalgiza de Azevedo Segurado. — Nascida em 1873.

N 6) Joaquim Roberto de Azevedo Marques. — Major reformado do Exército, casado em Santos com D.ª Luiza Americana dos Reis. Pais de:

Bn18) Maria Joaquina Roberto. — Faleceu solteira em 1850.

Bn19) Joaquina Roberto de Azevedo. — Faleceu solteira a 12 de outubro de 1844.

Bn20) Joaquim Roberto da Silva Marques. — Nasceu a 17 de janeiro de 1790. Foi Tenente Coronel do Exercito, casado com sua prima-irmã D.ª Maria Candida de Azevedo Marques da qual já tratámos. Faleceu em São Paulo a 29 de dezembro de 1832. Filhos: (ver...)

Bn21) Ignacio Joaquim de Azevedo Marques. — Foi Guarda-mór de Alfandega de Santos, casado com sua prima por parte materna D.ª Anna Engracia Teixeira dos Reis. Faleceu a 6 de março de 1838. Pais de:

Digitized by Google

Tn31) Cap. Andrelino de Azevedo Marques. — Foi primeiro conferente da Alfandega de Santos, casado com D.ª Maria Rufina (ignora-se o apelido) e faleceu a 14 de outubro de 1873 e ela alguns anos antes. Pais de:

Qn53) Josefina Elvira de Azevedo Marques. — Nascida em 1847, foi casada com Francisco Feliciano da Silva, comerciante em Santos. Pais de:

Pn43) Maria Francisca de Azevedo *Silva*. — Foi casada com João Braz de Azevedo e faleceu pouco depois de casada, sem deixar geração.

Pn44) Andrelino de Azevedo Silva. — Foi casado com D.ª Francisca Gomes Marcondes, natural de Santos, ambos falecidos. Supõe-se que deixaram um filho.

Pn45) Adalberto de Azevedo Silva.

Pn46) Alpheu de Azevedo Silva. — Casado com sua prima-irmã D.ª Carina de Azevedo Marques, foi empregado no comércio em Santos.

Qn54) Gabriela Crescencia Marques. — Nascida em 1851, casada com José Joaquim Moreira Guimarães Junior, comerciante, ambos falecidos em Santos sem descendência.

Qn55) João Baptista de Azevedo Marques. — Nascido em 1852, foi casado com D.ª Flora Botelho, ambos falecidos em Santos, ela a 7 de dezembro de 1921. Pais de:

Pn47) Carina de Azevedo Marques. — Casada com seu primo-irmão Alpheu de Azevedo Silva.

Pn48) Flora de Azevedo Marques. — Foi casada com Hypolito Xavier da Silveira, despachante aduaneiro em Santos, e faleceu nesta cidade a 15 de agosto de 1931.

Sn 5) Alice Xavier da Silveira. — Falecida no estado de solteira na cidade de Santos, a 17 de abril de 1938.

Su 6) Elza Xavier da Silveira.

Sn 7) Olavo Xavier da Silveira.

Pn49) João Andrelino de Azevedo Marques. — Residia solteiro em São Paulo.

Pn50) Celina de Azevedo Marques. — Casada com Antonio de Oliveira Santos.

Pn51) Marietta de Azevedo Marques. — Foi casada com F.... de Oliveira Santos (irmão do precedente) ambos falecidos na cidade de Santos.

Pn52) Aída de Azevedo Marques. — Casada com Bruno Varani.

Tn32) Antonio Mariano de Azevedo Marques. — Foi fiél dos armazens da Alfândega de Santos; era solteiro em 1877.

Tn33) Ignacio Roberto de Azevedo Marques. — Foi empregado no comércio em Santos, casado com D.ª Elisa Peixoto de Mello, falecido em Santos, e ela em São Paulo. Pais de:

Qn56) Horacio de Azevedo Marques. — Nascido em 1865 foi casado com D.ª Martiniana de Azevedo Marques, ambos falecidos.

Qn57) Maria Elisa de Azevedo Marques. — Casada com Jeronimo Alvares Lobo, falecido em Campinas.

Tn34) Anna Justina de Azevedo Marques. — Era solteira em 1877.

Tn35) Luiza Americana de Azevedo Marques. — Idem.

Tn36) José de Azevedo Marques. — Falecido no estado de solteiro em Santos.

Tn37) João de Azevedo Marques. — Foi empregado no comércio em Santos e faleceu na mesma cidade no estado de solteiro.

Tn38) Maria Josefina de Azevedo Segurado. — Existia, em 1877, solteira, no Rio de Janeiro, em companhia de sua irmã viuva D.ª Maria Thereza.

Tn39) Brithes Maria de Azevedo Segurado. — Foi casada com o bacharel formado Epiphanio Verres D. da Silva e faleceu na capital de Alagoas, em 1834, Pais de:

Qn58) Joaquim ..... — Nascido em 1860.

Mais filhos cujos nomes se ignora, nascidos em Alagoas até 1870.

Tn40) Joaquim Pedro de Azevedo Segurado. — Empregado no comércio no Rio de Janeiro, em 1877.

Tn41) Thereza Delfina de Azevedo Segurado. — Casada com seu primo o Capitão de Engenheiros Cornélio da Costa Barros de Azevedo de quem faremos menção em lugar competente. Pais de:

Tn42) Jorge de Azevedo Segurado. — Em 1877 era bacharél formado em leis, solteiro, e juís substituto da 2.ª vara na côrte do Rio de Janeiro.

Bn22) João Mariano de Azevedo Marques. — Nasceu em Santos a 18 de setembro de 1809. Foi Capitão de Artilharia do Exercito, Cavaleiro da Ordem da Rosa. Casado em Santos a 23 de novembro de 1827 com D.ª Felicidade Perpetua de Santo Antonio, nascida em Santos a 7 de março de 1815. Êle faleceu na mesma cidade a 18 de agosto de 1865 e ela a 7 de outubro de 1899. Pais de:

Digitized by Google

Tn43) Felicidade Perpetua de Santa Thereza. — Nascida em Santos a 15 de outubro de 1829 e falecida na cidade de São Paulo, no estado de solteira, a 16 de junho de 1921.

Tn44) João Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 13 de março de 1831. Foi empregado como administrador da barreira na Provincia de Cubatão de Santos, casado com D.ª Sylvia e falecido a 5 de fevereiro de 1878. Pais de:

Qn60) Henrique de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 14 de junho de 1861 e falecido na mesma cidade no estado de solteiro em 1885.

Qn61) Luiz Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 25 de outubro de 1862, foi despachantte da Alfandega de Santos, casado com D.ª Maria Mighoski e falecido na mesma cidade em 19.. sem descendência.

Qn62) Ignacia de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 23 de outubro de 1864 e falecida, no estado de solteira, na mesma cidade.

Qn63) Clarice de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 28 de março de 1866, é viuva de José Domingues Martins que foi comerciante em Santos. Pais de:

Pn53) Adolphina. — Nascida e falecida em 1888.

Pn54) José. — Falecido.

Pn55) Octacilio Domingues Martins. — Nascido em Santos a 28 de janeiro de 1891, foi comerciante em São Paulo onde faleceu a 5 de agosto de 1938.

Pn56) Zeny Domingues Martins. — Nascida em Santos em março de 1893, foi casada com o doutor em medicina Ludgero da Cunha Motta de quem tem uma filha de nome Sylvia.

Qn64) Alzira de Azevedo Marques. — Nascida a 30 de outubro de 1868 em Santos, é casada com o Dr. João Antonio Pereira dos Santos, advogado em São Paulo, onde residem. Pais de:

Pn57) Alba.

Pn58) Ondina.

Pn59) João.

Qn65) Estacio de Azevedo Marques. — Foi casado com D.ª Antonietta Barbatto e faleceu em Santos. Tem descendência da qual não se têm informações.

Qn66) Sylvio de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 20 de setembro de 1871, foi casado com D.ª Armida Adame, empregado no comércio em Santos, onde faleceu a 14 de julho de 1934. Pais de:

Pn60) Ovidio de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 15 de dezembro de 1905, é solteiro e empregado no comércio em Santos.

Pn61) Rosiclér de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 20 de março de 1908, é professora diplomada e casada com Elias Ferreira Reis, negociante em Santos.

Pn62) Victor de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 22 de junho de 1910, foi empregado no comércio em Santos, casado com D.ª Laura Roux Proença e faleceu na mesma cidade a 24 de janeiro de 1941.

Pn63) Sylvia de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 20 de Janeiro de 1912 é casada com João Rocha.

Qn67) João Victorino de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 27 de novembro de 1877, faleceu em Sorocaba, no estado de solteiro, a 6 de dezembro de 1901.

Tn45) Anna Gertrudes de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 18 de abril de 1834, foi casada em Santos com o negociante Antonio José Vianna. Ela faleceu em São Paulo a 12 de março de 1917 e êle em Santos a 16 de julho de 1896. Pais de:

Qn68) Nicolau Tolentino de Azevedo Vianna. — Nascido em Santos a 10 de setembro de 1855, era estudante em 1870 e faleceu em Bruxellas, no estado de solteiro, a 27 de dezembro de 1889.

Qn69) Christiano Peregrino de Azevedo Viana. — Nascido em Santos a 30 de abril de 1857, foi casado com D. Elisa G. Carneiro Braga, capitalista residente em São Paulo onde faleceu a 6 de maio de 1931. Ela falecida em Santos. Pais de:

Pn64) José. — Nascido e falecido a 19 de fevereiro de 1881.

Pn65) Peregrino Vianna. — Nascido a 13 de outubro de 1882, reside em São Paulo e é viuvo de D.ª Argentina Pereira Coutinho, falecida em São Paulo em 1930.

Pn66) Hugo. — Nascido em 7 de março de 1884 e falecido a 4 de Maio de 1894.

Pn67) Corina Vianna. — Nascida a 13 de novembro de 1886, foi casada com Paulo Ernesto Azevedo, negociante em São Paulo, e falecida a 27 de maio de 1919.

Digitized by Google

Pn68) Odette Vianna. — Nascida a 3 de abril de 1888 e casada com Aristides de Castro Andrade.
Pn69) Celso Vianna. — Nascido a 21 de maio de 1889, engenheiro, e casado com D.ª Guiomar de Azevedo Soares.
Pn70) Gastão. — Nascido e falecido a ....
Pn71) Astor. — Idem.
Pn72. — Nancy Vianna. — Nascida a 28 de setembro de 1893 é casado com o Dr. Ulysses Pereira Coutinho, advogado em S. Paulo.
Pn73) Brenno Vianna. — Nascido a 28 de outubro de 1894 e casado com uma filha de Domingos Azevedo; reside em São Paulo.
Pn74) Irene Vianna. — Nascida a 11 de janeiro de 1896 e casada com Thomaz de Aguiar.
Pn75) Alice. — Nascida a 14 de janeiro de 1897 e falecida a 1.º de maio de 1898.
Pn76) Hilda Vianna. — Nascida a 24 de fevereiro de 1899 e casada com o Dr. Lourival de Azevedo Soares.
Pn77) Ruth. — Nascida a 11 de junho de 1900 e falecida logo depois.
Pn78) Astor Vianna. — Nascido a 13 de outubro de 1904 e casado com uma filha de Avelino Carneiro Braga.
Pn79) Dulce Vianna. — Nascida a 18 de maio de 1903 e casada.
Pn80) Alda Vianna. — Nascida a 19 de outubro de 1906, é casada com Enock de Azevedo Marques, filho de Henrique Luiz de Azevedo Marques. (Qn23).

Tn46) Manoel de Azevedo Marques. — Nascido em Santos em 1835 e falecido a 2 de dezembro de 1836.
Tn47) Joaquina de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 16 de abril de 1837 e falecida a 1 de junho de 1838.
Tn48) Antonio Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 25 de agosto de 1839, foi comerciante em Santos e faleceu, no estado de solteiro, na mesma cidade, a 19 de julho de 1906.
Tn49) Maria Candida de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 30 de abril de 1842 e falecida na mesma cidade, no estado de solteira a 9 de outubro de 1899 (um dia depois de sua mãe).
Tn50) Joaquim Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 7 de janeiro de 1844, casado com D.ª Maria José (ignora-se o apelido) e falecido a 1.º de dezembro de 1885. Pais de:
Qn70) Alzira de Azevedo Marques.
Tn51) Euphrazia Maria Hilaria de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 13 de janeiro de 1845 e falecida em S. Paulo, no estado de solteira, a 15 de junho de 1927.
Tn52) Luiza Cupertino de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 18 de Setembro de 1846, foi casada com o comerciante em Santos comendador José Pereira de Castro, falecido em Paris a 24 de agosto de 1893, e ela em São Paulo a 28 de junho de 1928 sem deixar descendencia
Tn53) Thereza de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 24 de agosto de 1848 e falecida a 4 de junho de 1850.
Tn54) José Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 13 de julho de 1850, foi casado com D.ª Emilia (ignora-se o apelido) e faleceu no Rio de Janeiro a 15 de julho de 1894. Ignora-se se deixou descendência.
Tn55) Ignacio Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 6 de Julho de 1853, foi Capitão Honorário do Exército pelos serviços prestados durante a revolta de 1893, comerciante em Santos, chancelér do consulado argentino, vereador à Camara Municipal de Santos durante o período de 1896 a 1901, casado com D.ª Maria Martins Pereira da Cruz, nascida em Santos a 27 de janeiro de 1863; e falecido em Santos, como funcionário municipal aposentado, a 29 de junho de 1920. Pais de:
Qn71) Crystallina Cruz de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 9 de junho de 1890, é professora diplomada e casada com Heitor Mendes, natural de Ribeirão Preto. Pais de:
Pn81) (Gemeos) Telmo de Azevedo Mendes. — Nascido em Santos a 20 de abril de 1912 e falecido a 11 de maio do mesmo ano.
Pn82) Dalmo de Azevedo Mendes. — E' empregado no comércio em Santos.
Pn83) Paulo de Azevedo Mendes. — Nascido e falecido em Santos a 10 de março de 1913.
Pn84) Auristella de Azevedo Mendes. — Nascida em Santos a 13 de fevereiro de 1911, é professora diplomada e empregada no comércio em Santos.
Pn85) Maria Elisa de Azevedo Mendes. — Nascida na cidade de São José do Rio Pardo a 29 de maio de 1924 é estudante em Santos.

Digitized by Google

Pn86) José Claudio de Azevedo Mendes. — Nascido na cidade de Ribeirão Preto a 19 de janeiro de 1928 e falecido na mesma cidade a 2 de março do mesmo ano.

Qu72) Manoel. — Nascido e falecido em Santos a 31 de dezembro de 1891.

Qn73) Brites Cruz de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 24 de junho de 1893, é solteira, professora diplomada pelo Liceu Feminino Santista do qual é inspetora.

Qn74) Andradina Cruz de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 28 de junho de 1895, é solteira, professora diplomada e exerce o magistério num dos grupos escolares da cidade de Santos.

Qn75) Maximo Cruz de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 7 de maio de 1897, é solteiro, empregado no comércio em Santos e organisador desta genealogia.

Qn76) Mauro Cruz de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 17 de março de 1899, foi empregado no comércio em Santos e faleceu no estado de solteiro em Londres a 24 de março de 1922.

Qn77) Delta Cruz de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 4 de abril de 1901, é professora diplomada, casada com Roque Meringolo, e exerce o magistério em Santos. Pais de:

Pn87) Maria Cecilia de Azevedo Marques Meringolo. — Nascida na cidade de Ribeirão Preto a 22 de março de 1927, é estudante em Santos.

Qn78) Maria. — Nascida e falecida em Santos a 6 de março de 1907.

Tn56) Francisco Mariano de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 12 de setembro de 1854, foi comerciante em Santos, casado com D.ª Augusta Flóra Xavier Pinheiro, natural de Santos, e falecido na cidade de Jundiai a 26 de dezembro de 1896. Pais de:

Qn79) Oscavo de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 21 de maio de 1890, foi empregado no comercio em Santos, casado com D.ª Iracema Miller e faleceu na mesma cidade a 5 de novembro de 1919. Pais de:

Pn88) Odair Miller de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 22 de agosto de 1913 é empregado no comércio em Santos e casado.

Pn89) Hermelinda Miller de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 26 de setembro de 1914 e casada com Oswaldo Coelho Marques.

Pn90) Francisco Mariano de Azevedo Marques. — Nascido e falecido em Santos a 10 de agosto de 1916.

Pn91) Maria Miller de Azevedo Marques. — Nascida em Santos a 22 de outubro de 1917 e casada.

Pn92) Oscavo Miller de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 28 de janeiro de 1920 e empregado no comércio em Santos.

Qn80) Ivo de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 29 de setembro de 1891, foi lavrador em Limeira, é empregado no comércio em Santos e casado com D.ª Amalia Dias Tavares. Pais de:

Pn93) Ivaír Dias de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 3 de fevereiro de 1914 é empregado no comércio em Santos.

Pn94) José Jesus Dias de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 9 de maio de 1916 é empregado no comércio em Santos.

Qn81) Nicolau de Azevedo Marques. — Nascido em Santos a 19 de fevereiro de 1893 e falecido a 19 de dezembro de 1894.

N 7) José Xavier de Azevedo Marques. — Foi Capitão de Milícias, casado em Minas Gerais com D.ª Anna Francisca de Paula. Pais de:

Bn23) Tristão Roberto de Azevedo Marques. — Foi comerciante no Rio de Janeiro. Nada mais se sabe.

Bn24) Ana Justina de Azevedo Marques. — Falecida no Rio de Janeiro a 17 de dezembro de 1839. Nada mais se sabe.

Bn25) Anna Justina de Azevedo Marques. — Falecida no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1859. Foi casada. Mãi de:

Tn57) José de Azevedo Marques.
Tn58) Augusto Carlos de Azevedo Marques.
Tn59) Maria da Gloria de Azevedo Marques.
Tn60) Leoncio Francisco de Azevedo Marques.

N 8) Ignacio Antonio de Azevedo Marques. — Foi comerciante no Rio de Janeiro e casado em Minas Gerais. Tinha sete filhos até o ano de 1804; em 1832 tinha uma filha de 26 anos e um filho de maior idade no Rio de Janeiro. Não se tem outras informações.

F 4) Luiz Marques de Sousa. — Ignora-se se deixou descendência.

F 5) Escholastica Marques. — Sabe-se apenas que faleceu no Rio de Janeiro.

F 6) Maria Marques de Sousa. — Tambem nada se sabe a seu respeito.

Digitized by Google

CAPÍTULO SEGUNDO

Descendência de Maria Marques de Souza e de seu marido José de Azevedo Barboza.

Filhos: (Naturais da Colonia do Sacramento).

F 1) Manoel de Azevedo Marques. — Foi Capitão da Praça da Colonia, casado com sua prima-irmã D.ª Anna Marques Victorina, do Capítulo Primeiro desta Genealogia, e pela segunda vêz com D.ª Rita Josefina de Jesus natural de Minas Gerais. Êle falecido no Rio de Janeiro em janeiro de 1790 e ela na mesma cidade em Julho de 1822. Como se pode verificar, foi deste membro da família que teve origem o apelido de "Azevedo Marques".

F 1) Filhos do Capitão Manoel de Azevedo Marques e de sua mulher D.ª Anna Marques Victorina. (São os já mencionados no Capítulo Primeiro desta Geneealogia; aí toda a sua descendência).

F 1) Filhos do mesmo Capitão Manoel de Azevedo Marques e de sua segunda mulher D.ª Rita Josefina de Jesus. (Naturais do Rio de Janeiro).

N 1) Antonio Mariano de Azevedo. — Foi contador da segunda Contadoria do Erário Régio. Faleceu em 1820 sendo casado com D.ª Joaquina Rosa tambem falecida no Rio de Janeiro. Pais de:

Bn 1) Maria Amalia de Azevedo. — Nascida em 1802, casada com João José de Brito Gomes. Ela, falecida em 1833 e êle em 1843. Pais de:

Tn 1) Maria Amalia de Azevedo Brito. — Nascida em 1816, foi casada com o doutor em medicina José L. de Castro e Silva.

Tn 2) Carlota Carolina de Azevedo Brito. — Nascida em 1820, foi casada com José Rodrigues Ferreira e faleceu em 1857. Ignora-se se esta e a precedente deixaram descendência.

Tn 3) João José de Brito. — Nascido em 1821, foi casado e faleceu no Paraguay em 1867. Ignora-se se deixou descendência.

Tn 4) Anna Carolina de Azevedo Brito. — Nascida em 1823 foi casada com José Joaquim Borges Monteiro e faleceu em 1841.

Tn 5) José Bonifacio de Azevedo Brito. — Nascido em 1831 foi clerigo no Ceará.

Bn 2) Rita Josefina de Azevedo. — Nascida em 1804, foi casada com José Francisco Pereira Penna, ambos falecidos no Rio de Janeiro. Pais de:

Tn 6) José Francisco de Azevedo Penna. — Nascido no Rio de Janeiro em 1823, foi doutor em medicina e residia solteiro, em Bagé, em 1877.

Bn 3) Antonio Mariano de Azevedo. — Nascido em 1806, foi casado com D.ª Julia Augusta de Azevedo. Êle foi assassinado em Angola a 2 de novembro de 1838. Pais de:

Tn 7) Antonio Mariano de Azevedo. — Nascido no Rio de Janeiro em 1828. Casado com D.ª Rosalina de Val Azevedo, era, em 1877, Capitão de Fragata da Armada e Comandante da Flotilha do Alto Amazonas.

Bn 4) Manoel de Azevedo Marques. — Nascido em 1809, foi casado com D.ª Carolina Amalia, filha adotiva de Antonio Mariano de Azevedo Marques e de D.ª Theodora Delfina Alvim, do Capítulo I°, e faleceu em 1868. Pais de:

Tn 8) Manoel de Azevedo Marques. — Nascido em 1848 e casado com D.ª F..... Carneiro. Era empregado da Fazenda em São Paulo. (Informação de 1877).

Tn 9) Hermogenes de Azevedo Marques. — Nascido em 1850, casado com D.ª Eliza Bittencourt, comerciante em Santos. Pais de:

Qn 1) Oscar de Azevedo Marques.
Qn 2) Amanda de Azevedo Marques.
Qn 3) Nestor de Azevedo Marques.
Qn 4) Antenor de Azevedo Marques.
Qn 5) Noemia de Azevedo Marques.
Qn 6) Olga de Azevedo Marques.

Tn10) Alfredo de Azevedo Marques. — Nascido em 1851, era solteiro e empregado da Fazenda em São Paulo. (Inf. de 1877).

Tn11) Ercilia de Azevedo Marques. — Nascida em 1852.

Tn12) Evangelina de Azevedo Marques. — Nascida em 1853, foi casada com Francisco N. Schmidt e faleceu em São Paulo em 1936.

Tn13) Judith de Azevedo Marques. — Nascida em 1856 e casada com Carolino Garcia.

Tn14) Ruth de Azevedo Marques. — Nascida em 1859.

Tn15) Euridice de Azevedo Marques. — Nascida em 1862.

Tn16) Eugenia de Azevedo Marques. —Nascida em 1865.

Tn17) Albertina de Azevedo Marques. — Nascida em 1868, casada com o Coronel Bento Ezequiel Saes, diretor aposentado da Secretaria do Senado.

Digitized by Google

Bn 5) Luiz Joaquim de Azevedo Marques. — Nascido em 1817 foi Guarda-mór da Alfandega de Porto Alegre, casado com D.ª Maria Thereza de Freitas e faleceu no Rio de Janeiro a 9 de Março de 1855. Pais de:

Tn18) Adelaide de Azevedo Marques. — Casada com E. Pinheiro Gomes Dourado.

Tn19) José Augusto de Azevedo Marques. — Nascido a 2 de Maio de 1847 e casado com sua prima D.ª Eulalia Ferreira de Azevedo Marques. Pais de:

Qn 7) Americo de Azevedo Marques. — Era Capitão de Fragata e comandante do couraçado "Floriano" em 1922, em cuja epoca me ofereceu os dados originais desta Genealogia dos quais era possuidor; viuvo e tinha uma filhinha no Rio de Janeiro. Quando ainda Aspirante, tomou parte, com seu irmão Heitor, na Revolta de 1893 e a favor de Saldanha da Gama. Faleceu no Rio de Janeiro.

Qn 8) Eulalia de Azevedo Marques.

Qn 9) Augusto de Azevedo Marques.

Qn10) Heitor de Azevedo Marques. — Falecido no Rio de Janeiro a 16 de novembro de 1936 no posto de Contra-Almirante da Armada Nacional. Como Aspirante tomou parte na Revolta de 1893 ao lado de seu irmão Americo e a favor de Saldanha da Gama.

Qn11) .....

Qn12) Amanda de Azevedo Marques.

N 2) Filho de D.ª Anna Joaquina da Conceição e de seu marido Luiz José de Brito. (Naturais do Rio de Janeiro). Pais de:

Bn 6) Luiz José de Brito. — Foi oficial da Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra, casado com D.ª Anna Pinheiro e faleceu a 24 de outubro de 1862. Pais de:

Tn20) Miguel Pinheiro de Brito. — Nascido em 1835 e casado.

Tn21) Gertrudes Pinheiro de Brito. — Nascida em 1831.

Tn22) Sophia Pinheiro de Brito.

Tn23) Amelia Pinheiro de Brito.

N 2) Anna Joaquina da Conceição Azevedo. — Nascida em 1768 e casada com Luiz José de Brito.

N 3) Maria Theodora de Azevedo. — Nascida em 1770 e casada com Manoel de Souza Castro. Ela falecida em 1836. Pais de:

Bn 7) Anna Joaquina de Souza Castro. — Foi casada com seu primo o Tenente Coronel Joaquim Miguel Marques Portelli, do Capitulo I °, e faleceu em 1822 ou 1823. Ignora-se se deixou descendencia.

N 4) João Mariano de Azevedo. — Nascido em 1777 e falecido em 1843. Não casou mas reconheceu um filho natural. Pai de:

Bn 8) Luiz Benedicto de Azevedo. — Nascido no Rio da Janeiro, foi casado com D.ª Joanna Adelaide, francesa, e faleceu em 1858. Pais de:

Tn24) Adelaide de Azevedo. — Nascida no Rio de Janeiro, casada, mas ignora-se o nome do marido.

N 5) José Manoel de Azevedo. — Nascido em 1780, faleceu em 1814 sendo casado com D.ª Anna Joaquina da Costa Barros. Pais de:

Bn 9) José Manoel da Costa Barros de Azevedo. — Nascido em 1812, foi Oficial da Secretaria da Camara dos Deputados, casado a primeira vêz com D.ª Henriqueta Carneiro de Campos e a segunda com sua prima D.ª Maria Thereza de Azevedo Segurado, do Capitulo I °, e faleceu em 1866. Não deixou descendência do segundo matrimonio. Pais de:

Tn25) Cornelio da Costa Barros de Azevedo. — Nascido no Rio de Janeiro a 3 de janeiro de 1837, Capitão do Corpo de Engenheiros e bacharel em matemáticas, empregado nas Obras Públicas Municipais da Côrte, e casado com sua prima em 3.º gráu D.ª Thereza Delfina de Azevedo Segurado, do do Capitulo 1.º.

Tn26) Alfredo Carneiro de Barros Azevedo. — Nascido no Rio de Janeiro em 1851, era praticante da Secretaria do Estado de Guerra, em 1877, e casado.

Tn27) Carlos Carneiro de Barros Azevedo. — Nascido no Rio de Janeiro em 1853, bacharel formado em Direito pela Faculdade de São Paulo e casado com sua prima em 3.º gráu D.ª Leocadia Brasilia de Azevedo Marques, do Capitulo I.º.

Bn10) Rita Ezequiela de Azevedo. — Nascida em 1814, foi casada com seu tio Francisco da Costa Barros. Ela faleceu em 1848. Pais de:

Tn29) Francisca da Costa Barros. — Nascida no Rio de Janeiro em 1831, foi casada e faleceu a 4 de julho de 1865. Teve descendência da qual não se tem informações.

Tn30) Maria Amalia da Costa Barros. — Nascida no Rio de Janeiro em 1832, foi casada com o primeiro conferente da Alfandega da Côrte, Jesuino Teixeira de Carvalho, Cavaleiro de Cristo e da Ordem da Rosa. Ignora-se se deixaram descendência.

Tn31) Diana ou Ana da Costa Barros. — Nascida no Rio de Janeiro em 1833.

Tn32) Mariana da Costa Barros. — Nascida em 1834.

Digitized by Google

Tn33) **José Carlos da Costa Barros Fonseca.** — Nascido no Rio de Janeiro, estudava na Escola Militar em 1864.
Bn11) **Maria Amalia de Azevedo.** — Nascida em 1815, foi casada com o Chefe de Esquadra Benjamin Carneiro de Campos.

F 2) João de Azevedo e Souza. — Consta que foi negociante. Nada mais se sabe, nem se teve descendência.
F 3) Antonio de Azevedo e Souza. — O mesmo que o precedente.
F 4) Michaela de Azevedo. — Consta apenas que faleceu no Rio de Janeiro, ignorando-se se foi casada e se deixou descendência.
F 5) Ana Anacleta de Azevedo. — Foi casada com o Capitão Pedro Lobo Botelho. Este casal teve descendência que vinha até 1877, porém faltam informações.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Capitão Henrique Oscar Wiederspahn, da Escola das Armas, do Rio de Janeiro:

"... e a Revista correspondente ao 1.º semestre do ano corrente, numero que se apresenta com o mesmo brilho dos anteriores. O grande mérito do amigo é o de assim desenvolver o gosto pelas pesquizas que dizem respeito ao histórico das familias brasileiras de todas as origens, permitindo uma melhor aproximação entre todos aquêles que até o momento se tem dedicado aos estudos de heraldica e de genealogia. Tenho a certeza de que o nosso Instituto saberá se impor como orgão diretor brasileiro entre as congeneres dos demais países, facilitando assim as pesquizas de todos os interessados no mundo inteiro."

Do Sr. Hermann Neeser, da Baía:

"Acuso o recebimento dos 2 numeros da *Revista* e 2 volumes do *Anuário*, assim como da coleção de *Arvores de Costado* de Vossa autoria. Permita que expresse a minha admiração por todos esses trabalhos. Só quem conhece o trabalho genealógico é que póde avaliar quanta paciencia, perseverança e grande amor pela causa é necessário para conseguir um trabalho desta lavra."

Do Dr. João Batista de Arruda Sampaio, de Santos:

"Recebi o ultimo numero da Revista, que está, como os anteriores, excelente."

Do Dr. João Dornas Filho, de Belo-Horizonte:

"... acuso o recebimento das excelentes publicações que a cultura e a dedicação de V. Excia. proporcionam à inteligência brasileira..."

Do Desembargador João Francisco de Oliveira Godói, de Goiaz:

"Tenho prezente o n.º 3 da "Revista". Não desmerece os ns. anteriores, já pela seleção das materias, nitidez gráfica e os valiozos informes, que tornão deleitoza a sua leitura..." "Parabens, pois, por vel-a integrada nessa obra de brazilidade que o Porvir bendirá. Embora tenha minha ação num ambiente apatico, relativamente a esses trabalhos culturaes, não esmorecerei, e pela *Revista*, cuja vida é nosso dever sustentar, tudo farei na medida de minhas possibilidades."

Do ex-Senador José Augusto Bezerra de Medeiros, ex-Presidente do Rio Grande do Norte:

"Recebi, li e muito apreciei o n.º 3 da *Revista Genealógica Brasileira*. Está, como sempre, excelente. O prezado amigo e os que o auxiliam de perto, estão prestando um grande serviço aos estudos genealógicos em nossa Patria, e estou seguro de que a sua obra será cada vez melhor apreciada."

Do Comandante José Custodio Campos da Paz, da Armada:

"Sirvo-me da presente para augurar-vos, mais uma vez, brilhante futuro no empreendimento do Instituto Genealógico."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO LATINO-AMERICANO

SECIÓN DEL ECUADOR

Mientras no sea publicada su "Revista Genealógica Latino-Americana", (organo del Instituto Genealógico Latino-Americano), la colaboración saldrá aqui.

Familia D'Ornellas

Pedro Robles y Chambres (1)

I — Miguel Suárez y Seminario, nacido en Piura (Perú). Casó en Puebloviejo, Ecuador, con Angela Marticorena de la Vera, baut. en Puebloviejo, nac. 23 de Noviembre de 1930, fall. Paris 5 de Febrero de 1908. Hija:

II — Angela Dolores Seminario Marticorena, nac. Paris 4 de Mayo de 1856, c. m. Paris con Enrique Pónce de León, baut. Colombia, fall. Paris 17 de Octubre de 1886. Hija:

III — Ana Pónce de León y Seminario, nac. Paris 7 de Agosto de 1879, c.m. Paris 27 de Octubre de 1899 con el Barón Carlos D'Ornellas y Herren, baut. 1874 (hijo de Antonio D'Ornellas, baut. Portugal y de Dolores Heeren, baut. Perú). Hijos:

1) Maria Teresa, n. 1900 c.m. Paris com Michel de Lingua de Saint Blanquat. Hijos: Monique, Phillipe y Raoul.
2) Carlos, n. 1902, m. 1924.
3) Juana, n. 1903.
4) Pierre, c.m. con France de Saint Guilhem, hija: Isabel.
5) Ana Maria, c.m.c. Jean Romray, c.s.
6) Margaritte
7) Matilde
8) Amalia
9) Madeleine
10) Martha; y
11) Maria Luisa D'Ornellas Pónce de León, baut. Paris.

(1) Honra hoy esta Revista con su colaboración, el gran genealogista ecuatoriano Don Pedro Robles y Chambers. Sobre una de sus obras, vea-se noticia en esta Revista, año I, 457.

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO LATINO-AMERICANO

SEÇÃO DE FRANÇA

Ascendance masculine du Comte de Nioac [1]

I

Martinho de Faria Machado de Andrade, gentilhome d'origine [2], Seigneur de Robalde (Portugal) par droit de succession vécut à Idaes vers la fin du 17ème siècle (1690) et devint aussi Seigneur de Cruz de Real à Amarante par son mariage avec Dona Madeleine Louisse de Carvalho, héridière de la Maison de Cruz de Real. Il était parent proche des Almeidas, Pintos et Soares d'Albergaria, grandes familles du Royaume et appartenant toutes à l'Armorial portugais.

II

Son second fils *Simeão Martin de Faria de Andrade et Carvalho* passa au Brésil (1720) et fut le *1er Seigneur* du "Morgado [3] e Engenho" de Perori, dans la Province de Pernambuco (Brésil).

III

Le fils ainé du précédent (II) s'appelait *Antonio Martinho de Faria Cavalcante* et fut (1750) le *2ème Seigneur* de Perori, marié mort sans succession.

IV

Le frére cadet du précédent (III) s'appelait *Manoel Gonçalves de Faria* fut (1775) le *3éme. Seigneur* de Perori. Il eut grande autorité, prestige et considération dans le pays où il vécut et, parait-il, laissa une bonne fortune à ses enfants, étant lui-même grand proprietaire d'immeubles urbains. Il épousa une jeune fille *Rocha,* de très grande lignée (Voir les annales de l'Institut Historique et Geographique Brésilien).

---

(1) Do Arquivo de nossa presada consocia, a exma. sra. d. Silvia de Sousa Prates, neta do Barão de Andaraí, bisneta do Conde de Nioac e descendente do Conde dos Arcos, último vice-rei do Brasil.

(2) En portugais "*fidalgo de geração*", ce qui veut dire noble d'origine et de naissance.

(3) *Morgado* était l'équivalent du "Majoratsgut", en Allemagne.

Digitized by Google

V

Le fils ainé du précédent (IV) s'appelait *Doutor Manoel Antonio da Rocha Faria* qui fut (1805) Magistrat dans la Province de Rio Grande do Sul, où il épousa Dona Louise de Freitas Travassos, fille du Commandeur Jean de Freitas Travassos, personnage important et descendant de Manoel Travassos da Costa, Chevalier de l'Ordre du Christ et Capitaine de "Chevaux-Légers" du Roi qui se distingua particulèlerement pendant la guerre d'Acclamation en 1640. Ces Travassos provenaient d'une famille noble de Tentugal.

VI

Le fils ainé du précédent (V) fut *Manoel Antonio da Rocha Faria* (1830) 1er. Baron et Comte de *Nioac*, Chamberllan de S. M. Dom Pedro II, Empereur du Brésil, etc.

*
* *

N. B. — Les notes ci-dessus ont été faites sur les donnés établis par le Conseiller João Alfredo Correa de Oliveira, en possession du Baron de Nioac, sur les documents existents à la "Torre do Tombo", à Lisbonne (Registro cadastral dos antigos Senhorios portuguezes na Capitania de Pernambuco) et dans l'oeuvre "Resenha das Familias Titulares e Grandes de Portugal".

REFERENCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES:

Da Revista "Touring", de 1940:

"ANNUARIO GENEALOGICO BRASILEIRO", organizado pelo sr. Salvador de Moya — Anno II — São Paulo - 1940.

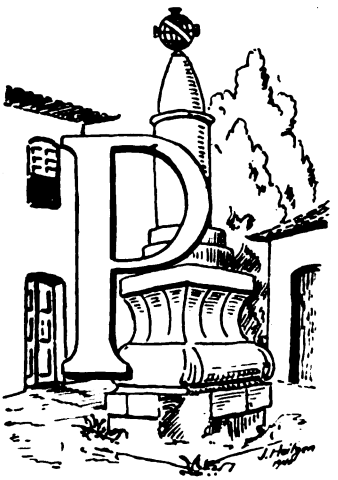
Já tem sido convenientemente assignalado o valor da contribuição aos estudos históricos trazida pela genealogia. Compreendendo-o, o Instituto Genealogico Brasileiro, de São Paulo, não tem poupado esforços no sentido de divulgar, atravéz de sua "Revista", ou de seu "Annuario Genealogico Brasileiro", tudo que se refira á historia, documentada e contínua, das familias que ha mais de quatro seculos veem construindo o Brasil.

Ainda agora, publicando o segundo volume do referido "Annuario", relativo ao ano de 1940, o Instituto, presidido pelo incansavel trabalhador que é o Cel. Salvador de Moya, offerece mais um excellente repositorio de dados referentes á genealogia brasileira.

Do valioso conteúdo do "Annuario Genealogico Brasileiro" destacam-se as seguintes partes: A Casa Real Portuguesa; O Episcopado Brasileiro; Titulares do Imperio; Titulares Estrangeiros ligados ao Brasil; Familias Brasileiras; Familias Estrangeiras; Biographias; Genealogia Estrangeira; Colaborações dos srs. Desembargador José de Mesquita, Celso Martins Schröder, J. Gabriel Sant'Anna, Conego Raymundo Trindade, Americo Jacobina Lacombe (sobre a grande familia dos Barbosa de Oliveira, da Baía, Rio de Janeiro e São Paulo), D. Jení Prado Dias e Carlos Grandmasson Rheingantz. — H. V.

Digitized by Google

ORIGEM DA FAMÍLIA AVÉ-LALLEMANT E SUA EXPANSÃO NO BRASIL



Dr. C. Fouquet
da Sociedade Hans Staden

ARECE um romance, a história da origem da família Avé-Lallemant. Descende ela de distinta estirpe francesa, de nome Lallemant, que recebeu foros de nobreza sob o reinado de Francisco I (1515-1547), ramificando-se em várias linhas. Alguns dos membros da família, além de serem grandes proprietários de terras, ocuparam importantes posições na administração, no exército e na côrte real. Um, de nome Charles Louis Lallemant (1657-1730), foi o primeiro Conde de Lévignen, Seigneur de Betz, Macquelines et Ormoy-Le-Davien, nomeado em 1695 Secretário de Gabinete, ocupando em 1701 o posto de Coletor Geral das Finanças e Arrendatário Geral dos Impostos, passando, finalmente, a ser Intendente da Generalidade de Soissons. Herdou a dignidade de Conde o mais velho de seus 13 filhos, do qual foi passando, de geração a geração, ao filho mais velho. O quinto filho de Charles Louis, de nome Michel-Joseph-Hyacinthe Lallemant de Betz, Seigneur de Nanteau e Vauvillers, homem de extraordinária riqueza, destinou três de seus quatro filhos à vida religiosa, e, entre êles, o mais jovem, ***André Pauly Lexius Lallemant*** (1744-1794), que veiu a ser o ancestre fundador da linha alemã de sua casa, dos Avé-Lallemant, e da linha colateral brasileira que dela se separou.

Tendo alcançado a idade de 12 anos, André Pauly Lexius Lallemant foi internado em um mosteiro, cumprindo o pai, desta maneira, um voto que fizera, durante uma enfermidade, para o caso de seu restabele-

Digitized by Google

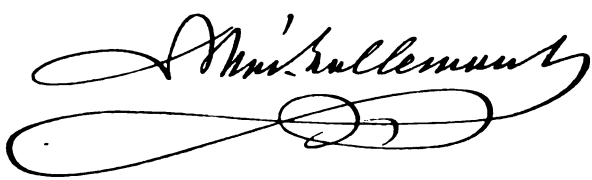
cimento. Aos 20 anos, André, que tomara, no convento, o nome de Pierre, resolveu fugir porque, segundo a tradição, não se sentia capaz de aturar o rigor da vida monástica. Antes da fuga jurou à Mãe de Jesus agradecer a ela, eternamente, o auxílio que lhe prestasse: "Qualquer resposta que me dérem, me lembrará Teu nome e Teu auxílio. Ave Maria, valha-me!" Daí em diante, passou a chamar-se *Pierre Avé*. Mais tarde, seus filhos, excetuado um, acrescentaram ao novo nome o dos ascendentes, nascendo, assim, o nome *Avé-Lallemant*.

Depois da fuga, Pierre Avé alistou-se, em Strassburgo, como soldado prussiano, sendo transferido, em 1764, para um regimento do grande rei Frederico II da Prussia, aquartelado em Magdeburgo. Pouco tempo após, tendo se reconhecido sua inteligência e cultura, deram-lhe baixa para ser nomeado professor da "Domschule" (Escola da Catedral) de Magdeburgo, onde lecionou até sua morte. Seus dotes e suas propensões — foi fervoroso músico e autor de uma gramática germano-francesa — herdou-os êle a seus descendentes, entre os quais se destacam seus netos Johann Friedrich *Theodor* (1806-1890), Friedrich Christian *Benedikt* (1809-1892) e Christian Berthold *Robert* (1812-1884).

Foi, já, nesta geração dos netos de Pierre Avé que a família iniciou suas relações com o Brasil. Com a mesma brevidade com que Pierre se familiarisara na Alemanha, alguns de seus descendentes constituiram, no Brasil, suas famílias com membros de famílias de proveniência alemã, suiça, dinamarquesa, belga, francesa, italiana e inglesa. Da mesma forma como Bendix Lallemant-Vatblé, filho de Pierre, voltou para a pátria de seus ascendentes franceses, descendentes do ramo brasileiro dos Avé-Lallemant deixaram sua pátria brasileira para irem viver, temporária ou definitivamente, nos paises de origem, na Europa, fato êste que se explica como consequência natural dos laços de parentesco ou de ordem econômica. E hoje, uns 180 anos após a fuga de Pierre Avé do convento, dando-se um golpe de vista sobre as ramificações da família, ela se nos apresenta como exemplo frizante da íntima conexão, mal perceptivel ao olhar superficial, entre os povos da Europa central e ocidental, e, ainda, das múltiplas raíses de onde se formou e se vai formando o povo brasileiro. São elementos alemães e lusitanos que constituem o núcleo do ramo brasileiro dos Avé-Lallemant. Aglutinaram-se outros elementos estrangeiros, de sorte que êste ramo, considerado como um todo, representa uma espécie de órgão para variegado intercâmbio econômico e cultural com paises estranhos. Assim sendo, julgamos dignas de mais acurado estudo as ramificações da família no Brasil e sua influência sôbre a vida nacional, tanto mais que, no presente caso, se trata de um exemplo intuitivo, de rara evidência e complexidade, que póde servir de tipo para muitos casos análogos, originados pela vasta e fecunda onda imigratória que veiu dar no Brasil, no século 19.

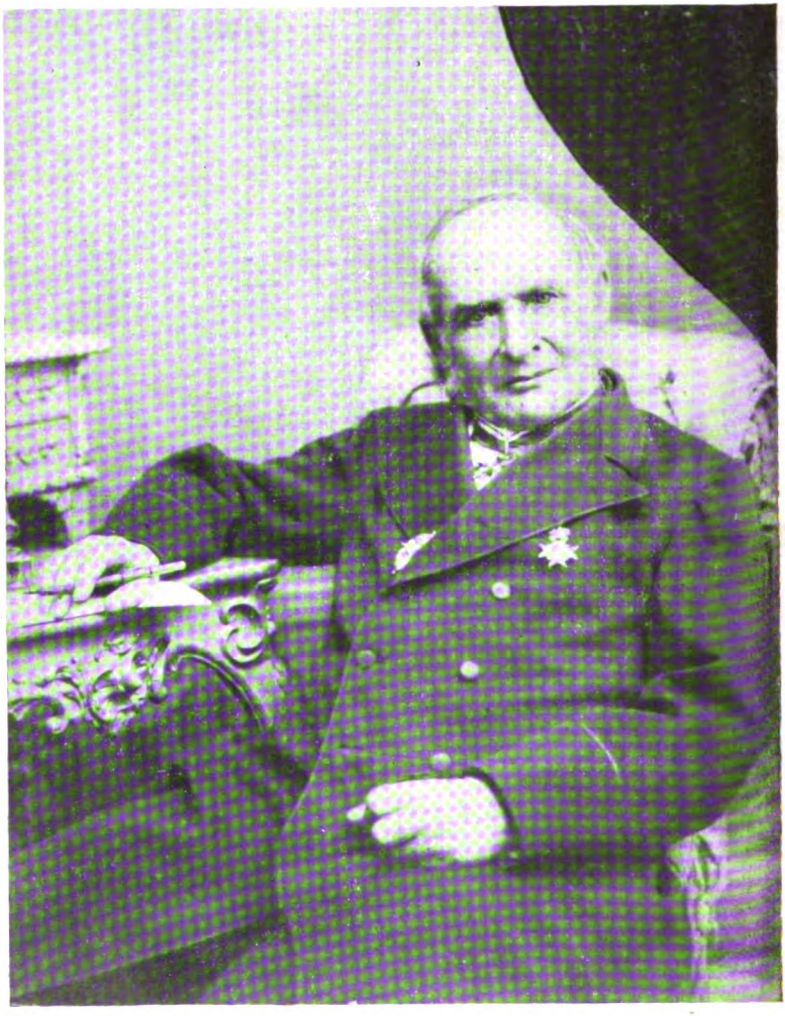
É, nêste opúsculo, que se publica, pela primeira vez, um quadro geral da família Avé-Lallemant. Sabemos ser incompleto, pois escolhemos, de entre os descendentes de Pierre Avé, sòmente aqueles que se distingui-

Digitized by Google



Friedrich Christian Benedikt Avé-Lallemant. (1809-1892).

Digitized by Google



Christian Berthold Robert Avé-Lallemant. (1812-1884).

Digitized by Google

ram por serviços notáveis e os que tiveram relações com o Brasil ou aqui se estabeleceram. Baseamo-nos, nêste estudo, sobretudo, nas tradições mantidas na própria família Avé-Lallemant ou em famílias aparentadas, existentes no Brasil, tradições, aliás, confirmadas pela "Crônica da Família Avé-Lallemant", compilada, em 1919, pelo sr. Hans Avé-Lallemant, residente em Stettin, Alemanha, e cujo manuscrito temos às mãos. Outros dados valiosos forneceram-nos notas manuscritas do sr. Paul Adolf Buckup sen., residente em São Paulo, como tambem alguns livros do médico e explorador dr. Robert Avé-Lallemant e a obra de H. Hinden: "Alemães e comércio alemão no Rio de Janeiro, 1821-1921" (Deutsche und deutscher Handel in Rio de Janeiro, 1821-1921), publicada, no Rio, em 1921. Incumbe-se do registro de mais dados o sr. Paul Adolf Buckup sen., residente em São Paulo, à rua Venezuela n.º 484.

DESCENDENTES

de André Pauly Lexius Lallemant (Pierre Avé)

I. *Lallemant*, André Pauly Lexius ,nasc. em Saint Ubert, Brabante, a 2-3-1744; fal. em Magdeburgo, a 24-4-1794; tomou o nome *Pierre Avé* após sua fuga do convento; professor da "Domschule" de Magdeburgo; casado com D.ª Anna Margarethe *Schuster*, n. em Magdeburgo, em 1752. Filhos: (6)

2. Bendix Lallemant-Vatblé, nasc. Magdeburgo, 1775; fal. Armandville, perto de Metz, após 1840, educado na França, oficial francês, participou na campanha de Napoleão contra o Egito, em 1811 combatente na Espanha, em 1812 na Rússia, 1813 na batalha de Leipzig, aposentado como coronel, duas vezes casado.
3. Dyonisius Heinrich Philipp *Jacob* Avé-Lallemant = IIa.

IIa. *Avé-Lallemant*, Dyonisius Heinrich Philipp *Jacob*, nasc. Magdeburgo 19-6-1776; fal. Luebeck 10-6-1852; músico, oboista no regimento do Príncipe Louis Ferdinand da Prússia, combatente da batalha de Jena (1806), depois professor de música e músico praticante em Luebeck; cas. Magdeburgo, 2-5-1802, com Friederike Marie *Canier*, nasc. Magdeburgo, 16-5-1783; fal. Luebeck, 5-3-1857; de família de Huguenotes. Filhos: (10)

1. Heinrich Karl *Louis* = IIIa.
2. Dorothea Karoline *Louise*, nasc. Magdeburgo, 10-4-1804; fal. Luebeck, 23-12-1890, não contraiu núpcias; visitou o Rio de Janeiro em 1838, tendo deixado minucioso diário de sua viagem.
3. Joan Friedrich *Theodor*, nasc. Magdeburgo 2-2-1806; fal. Hamburgo, 9-11-1890, notavel professor de música e canto em Hamburgo, participou com vivo interesse na vida musical pública de Hamburgo, tendo sido membro da junta da Sociedade Filarmônica e da Academia de Música; amigo íntimo do compositor Robert Schumann e de sua esposa, a conhecida pianista Klara Schumann, como tambem do compositor Johannes Brahms; publicou, além de estudos teóricos de música, as "Rueckerinnerungen eines alten Musikanten" (Reminiscências de um velho músico), Hamburgo (1878).
4. Heinrich Georg *Friedrich*, nasc. Luebeck, 27-7-1807; fal. Luebeck, 26-12-1876; de 1843-1848 cura da Comunidade Evangélica Alemã do Rio de Janeiro; cas. com D.ª Karoline *Drenckhahn*; 6 filhos.
5. Friedrich Christian *Benedikt* = IIIb.

Digitized by Google

7. Christian Berthold *Robert,* nasc. Luebeck, 25-7-1812; fal. Luebeck, 10-10-1884; Dr. med., notável escritor, estabeleceu-se, em 1837, como médico no Rio de Janeiro, após membro do Supremo Conselho de Saude do Brasil; voltou, em 1855, para a Alemanha; aportando, novamente, ao Rio, em 1857, como membro da expedição austríaca "Novara", para a qual fôra recomendado por Alexander von Humboldt; separou-se da expedição no Rio, empreendendo viagens através do Brasil; estabeleceu-se em Luebeck (1860); assistiu, em 1869, à inauguração do Canal de Suez, como convidado oficial. Publicações: "Reise durch Suedbrasilien im Jahre 1858" (Viagem pelo Brasil meridional, em 1858), (2 volumes, Leipzig 1859); "Reise durch Nordbrasilien im Jahre 1859", (Viagem pelo Brasil do Norte, em 1859), (2 volumes, Leipzig 1860); "Des Dr. Joachim Jungius aus Luebeck Briefwechsel mit seinen Schuelern und Freunden" (A Correspondência do Dr. Joaquim Jungius de Luebeck com seus alunos e amigos), (Luebeck, 1863); "Anson" (Altona, 1868); "Fata Morgana" (Altona, 1872); "Wanderungen durch Paris in alter und neuer Zeit" (Migrações através de Paris, em tempos idos e tempos modernos" (Gotha, 1877); "Die Kirche der heiligen Pudentiana und ihre Umgebung. Ein Morgenspaziergangs in Rom" (A igreja de Santa Pudenciana e suas vizinhanças. Um passeio matinal em Roma), (Luebeck, 1877); "Luiz de Camoens, Portugals groesster Dichter" (Luiz de Camões, o maior poeta de Portugal), (Leipzig, 1879); "Wanderungen durch die Pflanzenwelt der Tropen", (Migrações através da flora tropical), (Breslau, 1881); "Das Leben des Dr. Joachim Jungius" (A vida do Dr. Joachim Jungius), (Breslau, 1882); além de: "Humboldts Aufenthalt in Paris, 1808-1826" (A estadia de Humboldt em Paris), na Biografia Bruhn de A. von Humboldt, e uma série de ensaios médicos, sendo um sôbre a febre amarela. — Três vezes casado; 7 filhos; entre êles um filho *Emanuel* Avé-Lallemant, que, tendo feito o curso de mineração e metalurgia, emigrou, pelo ano de 1865, para a Argentina, construtor de parte da estrada de ferro dos Andes; casou-se com a filha de um general argentino, tendo falecido sem deixar filhos. Parece provável fosse êle o mesmo Emanuel Avé-Lallemant que, a 13-1-1867, figurou como co-fundador do Gabinete de Leitura de Sorocaba, no Estado de São Paulo, sendo de pressumir que fosse, naquele tempo, engenheiro dos Altos Fornos de Ipanema.
8. Friedrich August *Alexander* = IIIc.

IIIa. *Avé-Lallemant,* Heinrich Karl *Louis,* nasc. Magdeburgo, 27-9-1802; fal. Rio de Janeiro, 7-3-1869, veiu ao Rio, em 1825, numa viagem de negócios, permaneceu e fundou um negócio de sua propriedade e fez fortuna; casado com D.ª Marianna Machado, nasc. 2-5-1814, fal. 6-4-1905, no Rio. Filhos:

1. Frederica, nasc. 24-8-1835, fal. 21-6-1921, casada, 1.º com Guilherme *Boye,* negociante, 2.º com Antonio Tavares *Guerra,* tendo os dois matrimônios ficado sem filhos.
2. Luiza = IVa.
3. Robert = IVb.
4. Felisbella = IVc.
5. Alexander Maria, nasc. 11-1-1847, fal. 11-11-1849.
6. Guilherme, nasc. 21-5-1848, fal. 8-10-1885, casado, sem filhos.
7. Fabiana = IVd.

IIIb. *Avé-Lallemant,* Friedrich Christian *Benedikt,* n. Luebeck, 23-5-1809; fal. Marienfelde, perto de Berlim, 20-7-1892, notável jurisconsulto e escritor, advogado, conselheiro de polícia, conselheiro da côrte; publicações: "Polizeiordnung fuer Luebeck" (Regimen policial para Luebeck) (1851); "Das Deutsche Gaunertum" (A gatunagem na Alemanha) (4 volumes, Leipzig, 1858-1862); "Die Mersener Bockreiter des 18. und

Digitized by Google

19. Jahrhunderts" (Leipzig, 1880); "Der Magnetismus mit seinen mystischen Verirrungen" (O magnetismo e suas deturpações místicas), (Leipzig, 1881); "Die Geheimschreibekunst" (A arte da criptografia), (Leipzig, 1875); uma série de ensaios sôbre a vida policial, como: "Die Krise der deutschen Polizei", (A crise da polícia alemã), (Leipzig, 1861); "Die Reform der Polizei in Hamburg" (A reforma da polícia em Hamburgo), (Hamburgo, 1862); "Die norddeutsche Bundespolizei" (A polícia dos Estados Federados do Norte da Alemanha), (Berlim, 1868); "Physiologie der deutschen Polizei" (Fisiologia da polícia alemã), (Leipzig, 1882); além de uns romances policiais, como: "Die Machulle - Leut' " (A Gente Arruinada), (2 volumes, Leipzig, 1867); "Der Erb- und Gerichtsherr" (O senhor herdeiro e justiceiro), (3 volumes, Hannover, 1870); "Herz und Geld" (Coração e Dinheiro), (3 volumes, Hannover, 1871); "Jada" (3 volumes, Dresde, 1878). — Casado 1.º 1842, com Wilhelmine *Louise* Ida *Blueher,* falecida em 1864; 2.º com Elisabeth *Dittmer.* Filhos: (segundo dizem: 6 do 1.º matrimônio; conseguimos dados seguros, apenas sôbre dois deles):

1. Adolf.
2. Heinrich = IVe.

IIIc. *Avé-Lallemant,* Friedrich August *Alexander,* nasc. Luebeck 25-2-1815; fal. Petrópolis 2-12-1868; veiu ao Rio em 1839, estabelecendo-se como negociante; Consul da cidade livre e hanseática de Luebeck; casado, no Rio, a 1-12-1843, com D.ª Joaquina Rosa *Machado,* nasc. Rio 17-2-1819, fal. 29-10-1889. Filhos:

1. Alexander, que morreu criança.
2. Jacob = IVf.
3. Antonio = IVg.
4. Cyrillo, nasc. 18-10-1848, fal. 6-12-1919, negociante, não constituiu família.
5. Roberto, nasc. Rio 3-10-1849, fal. Niterói 26-12-1914 (1918?), corretor de câmbio; não constituiu família.
6. Fabiana = IVh.
7. Luiza = IVi.

IVa. *Avé-Lallemant,* Luiza, nasc. 16-5-1838, fal. 13-3-1907, cas. com Jules *Bernard,* francês, fal. em 21-11-1914. Filhos:

1. Lucie, fal. antes de 1940, cas. 1.º com Dr. med. Otto *Schreiner,* médico, falecido; 2.º com Dr. med. *Baradas,* médico, fal. antes de 1941.
2. Gustavo, falecido em tenra idade.

IVb. *Avé-Lallemant,* Robert, nasc. 4-4-1839, fal. 9-10-1897; casado 1.º com D.ª Carola *Figueiredo;* 2.º com D.ª Joaquina *Oliveira;* 3.º com D.ª Mariquinha *Oliveira;* 4.º com D.ª Albana *Barcellos.* Filho (do 2.º matrimônio)

1. Louis = Va.

IVc. *Avé-Lallemant,* Felisbella, nasc. Rio 11-5-1843; casada com Guilherme Luiz *Precht,* fal. Rio 11-5-1906, negociante. Filho:

1. Luiz Avé Precht, nasc. 27-9-1871, fal. 1939; cas. com D.ª Marina *Faustino.* 7 filhos, dos quais 3 faleceram antes de 1940; vivendo, ainda, em 1940, 3 filhas como irmãs em ordens religiosas e 1 filho homem.

Digitized by Google

IVd. *Avé-Lallemant,* Fabiana, nasc. Rio 18-7-1849, fal. Niterói 19-8-1936; casada com Franz *Sauwen,* negociante belga, natural de Antuerpia, fal. Niterói 2-2-1910. Filhos:

1. Olga = Vb.
2. Engelhard, cas. com D.ª Maria Josepha Souza *Reis*; 7 filhos e 12 netos.
3. Fritz.
4. Anita = Vc.
5. Cecilia.
6. Helena = Vd.

IVe. *Avé-Lallemant,* Heinrich, nasc. Luebeck 6-1-1845, fal. Blumenau, Est. de Sta. Catarina, 31-3-1888; emigrado, passou algum tempo no Rio Grande do Sul, sendo, depois, procurador do Dr. Blumenau na cidade de igual nome e deputado da então província de Santa Catarina; cas. com D.ª Noemie *Haertel,* nasc. 15-9-1853, fal. Blumenau 9-3-1934. Filhos:

1. Hermann, nasc. 24-1-1881; desaparecido, provavelmente emigrado para a América do Norte, com a idade de 18 anos.
2. Lucie Caroline Rosa = Ve.
3. Thekla, nasc. 2-2-1883, residente em Blumenau; cas. com Carl *Hoffmann,* construtor de máquinas no Rio, que, durante a Guerra Mundial seguiu para a Alemanha, com o fim de apresentar-se ao serviço militar, tendo desaparecido.

IVf. *Avé-Lallemant,* Jacob, nasc. 30-6-1845, fal. Rio 15-9-1915; foi educado em Luebeck, fez-se negociante e procurador da firma Chr. Hecksher & Cia. no Rio, casando-se com D.ª Umbelina *Leal,* nasc. Rio 1-3-1852, fal. Rio 19-2-1922. Filhos:

1. Ottilie, nasc. 29-8-1876, vivia em 1941 no Rio.
2. Marietta = Vf.
3. José, nasc. Niterói 7-7-1880, fal. Rio 16-10-1920, negociante, não constituiu família.
4. Herminia = Vg.

IVg. *Avé-Lallemant,* Antonio, nasc. Rio 3-11-1847, fal. São Paulo 2-3-1925, educado em Luebeck, cartógrafo da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo; cas. Niterói 11-6-1881 com D.ª Florentine Amalie *Schoenborn,* nasc. Luebben (Lausitz, Alemanha) em 8-5-1848; fal. São Paulo 19-2-1906. Filhos:

1. Um filho que morreu logo depois do nascimento.
2. Ernestina Lucie = Vh.
3. Eduardo Antonio, nasc. São Paulo 14-5-1889, fal. São Paulo 15-5-1936, negociante.

IVh. *Avé-Lallemant,* Fabiana, nasc. Rio 28-12-1850, fal. Santos 5-6-1923; cas. com João *Waeny,* nasc. Dickehof (Thurgau, Suiça) a 26-4-1835, fal. Santos 17-7-1896, negociante no Rio de Janeiro, depois corretor em Santos: Filhos:

1. Margarida Joaquina = Vi.
2. Alice = Vj.
3. Alexandre Francisco João, nasc. Rio 24-4-1875; fal. Rio 1876.
4. George Roberto, nasc. Rio 28-6-1876; em 1940, chefe de uma fazenda no Estado do Paraná.
5. Joaquina (Quininha), nasc. Rio 1-11-1877; cas. com George *Tomlinson,* nasc. em Cheshire, Inglaterra, a 27-8-1872; fal. Santos 2-7-1914; sem prole.
6. Mercedes = Vk.
7. Carmen, nasc. Rio 2-3-1881, fal. Santos 2-6-1921, solteira.

Digitized by Google

8. Erich Paulo, nasc. Rio 26-12-1882, fal. na Suiça, 19-2-1914.
9. Paulo Felix = VI.
10. Walter Joseph = Vm.
11. Maria das Graças, nasc. Santos 31-5-1888, fal. 24-6-1889.
12. Nancy, nasc. Santos 19-2-1890, fal. Santos 25-6-1921.
13. Anaise, nasc. Santos 22-8-1891, fal. 30-9-1920.

IVi. *Avé-Lallemant,* Luiza, nasc. Niterói 4-4-1860; cas. com Felix *Sauwen,* nasc. Antuerpia 28-4-1850, fal. Santos 24-3-1889; negociante belga, exportador de café. Filhos:

1. Dagmar, nasc. Niterói 9-11-1881; cas. com Harry *Hagen* 6-8-1904; nasc. na Inglaterra 5-9-1874; comerciante, importador no Rio.
2. David, fal. em criança.
3. Virginia, nasc. Niterói 26-8-1884, freira na ordem de São Vicente de Paula, trabalha no Hospital da Marinha, na Ilha das Cobras (Baía da Guanabara).

Va. *Avé-Lallemant,* Louis, cas. com D.ª Etelvina Barcellos *Guimarães.* Filhos:

1. Robert = VIa.
2. Marina = VIb.

Vb. *Sauwen,* Olga, nasc. Niterói 19-4-1868, cas. com Georg *Bartholdy,* nasc. em Copenhague, fal. Niterói 10-3-1930; corretor de câmbio. Filhos:

1. Sievert, nasc. em Niterói; cas. com D.ª Emilia *Slotnik,* proveniente da Rússia.
2. Pedro, nasc. Niterói, negociante, cas. com D.ª Mathilde *Jacobsen,* nasc. em São Paulo. Dois filhos: Olga Kristine Bartholdy, nasc. São Paulo, 27-11-1925; e George Bartholdy, nasc. São Paulo, 31-1-1931.
3. Vera, nasc. Niterói, 18-3-1891 = VIc.
4. Wanda, nasc. Niterói, 27-10-1893.

Vc. *Sauwen,* Anita, cas. com Maximilian *Falck.* Filhos:

1. Olga Lucy Ingrid, cas. com Anton *Pookstaller;* 3 filhos.
2. Wilhelm, nas. 1899, fal. 1910.
3. Cecilia, nasc. Niterói 8-9-1901.
4. Maximiliano Falck Jr., industrial, fomentador da aviação brasileira, morreu vítima de acidente de avião; cas. com D.ª Melanie Toni *Maerkle* (= Leopoldina *Mella Zerrenner*), nasc. Heidelberg, Alemanha, 16-8-1910; filha adotiva do grande industrial e Comendador Johann Karl *Anton* Friedrich Zerrenner (1843-1933) e de sua esposa, D.ª Helene Mathilde Ida Emma Zerrenner. Duas filhas: Sigrid e Annita.

Vd. *Sauwen,* Helena, cas.: 1.º com Emil John, diretor de banco no Rio; 2.º com o Dr. Paul *Regendanz,* médico. Filho: (do primeiro matrimônio)

1. Paulo.

Ve. *Avé-Lallemant,* Lucie Caroline Rosa, nasc. Blumenau (Sta. Catarina), 9-11-1879; cas. com Eduard *Boelting,* nasc. Bocholt, pelo ano de 1869; fal. 14-3-1930, negociante. Filho:

1. Rudolf, nasc. São Paulo, 3-3-1910, técnico eletricista.

Vf. *Avé-Lallemant,* Marietta, nasc. Niterói 10-10-1878, em 1941 residente em Niterói; cas. com Irineu *Santos Lima,* nasc. 28-2-1868, fal. 14-8-1937, negociante no Rio. Filhos:

1. Alda Santos Lima, nasc. 11-1-1897, fal. 26-3-1930.
2. Carmen Santos Lima = VId.
3. Jorge Santos Lima = VIe.

Digitized by Google

Vg. *Avé-Lallemant,* Herminia, nasc. 16-7-1881; cas. com Armar Lawry *Stutfield,* nasc. Londres, 7-2-1875, negociante no Rio. Filhos:

1. Harriet Stutfield, nasc. 19-5-1908.
2. Mary Stutfield, nasc. 31-5-1910.
3. Hilda Margret Stutfield, nasc. 18-2-1916; cas. com Nelson *Sanctus,* nasc. Rio 26-4-1900, negociante no Rio.

Vh. *Avé-Lallemant, Ernestina* Lucie, nasc. 7-5-1883, cas. em São Paulo, a 2-5-1901, com *Paul* Adolf *Buckup,* nasc. Altona (Alemanha) 18-2-1866, industrial e comerciante em São Paulo. Filhos:

1. *Hans* Eduard = VIf.
2. *Paul* Friedrich = VIg.
3. *Walther* Hugo = VIh.
4. *Ernst* Heinrich = VIi.
5. *Carmen* Maria, nasc. São Paulo 10-5-1907; fal. São Paulo 9-12-1908.
6. George, nasc. São Paulo 5-11-1909, Dr. med., servindo, em 1941, como médico da marinha de guerra alemã.
7. *Herbert* Nicolaus, nasc. Hamburgo 21-11-1913, servindo no exército alemão, desde 1939.
8. *Hildegard Maria,* nasc. Hamburgo 8-12-1914, residindo, em 1941, em Berlim.
9. *Olga* Elisabeth, nasc. Hamburgo, 14-11-1916; residindo em São Paulo, em 1941.

Vi. *Waeny,* Margarida Joaquina, nasc. Rio 6-1-1873; fal. Campinas 26-7-1900; cas. com Paulo Guilherme *Leser,* natural da Alsácia. Filha:

1. Frederica Leser, nasc. 5-9-1893; em 1940 residindo em São Paulo.

Vj. *Waeny,* Alice, nasc. Rio 15-3-1874; fal. Jaú (Est. de S. Paulo) 25-8-1909; cas. com Henry *Symons,* nasc. Inglaterra 2-5-1875; residindo em Santos, em 1940. Filhos:

1. Beatrice Alarina Symons, nasc. Santos 20-6-1898; cas. com Vernon *Fatlock,* residindo na Inglaterra, em 1940.
2. Wanda Elen Symons, nasc. Santos 7-11-1899; em 1940 residindo na Inglaterra.
3. John Francis Symons, nasc. Santos 22-10-1901; fal. na Inglaterra, em 1938.
4. Jack Ernest Symons, nasc. Santos 2-12-1904; em 1940 residindo no Brasil.
5. Charles Robert Symons, nasc. Santos 30-9-1908; em 1940 residindo no Brasil.

Vk. *Waeny,* Mercedes, n. Rio 1-11-1878; cas. com Eduardo *Wright,* nasc. 4-11-1863; fal. São Paulo 5-7-1904; guarda-mór da Alfândega de Santos e, posteriormente, em Recife (Pernambuco). Filhos:

1. José Ricardo Wright, nasc. 20-3-1899; fal. 4-2-1915.
2. Ivonne Wright, nasc. Rio Grande do Sul 12-8-1900; fal. 2-7-1901.
3. Maria Madalena Wright, nasc. Santos 20-11-1902; fal. Santos 5-8-1918.

Vl. *Waeny,* Paulo Felix, nasc. Rio 29-9-1884; em 1940 Fiscal dos embarques no Departamento Nacional de Café, em Santos; cas. com D.ª Sebastiana Brisola *Castro,* nasc. em Avaré. Filhos:

1. José Carlos Waeny, nasc. Baurú (S. Paulo) 17-12-1924.
2. Thereza Iracema Waeny, nasc. Baurú 9-9-1930.

Vm. *Waeny,* Walther Joseph, nasc. Rio 29-7-1886; em 1940, comerciante em Santos; cas. com. D.ª Gilda *Rienzi.* Filho:

1. Walter Waeny.

Digitized by Google

VIa. *Avé-Lallemant,* Robert, cas. com D.ª Lucilia *Santos.* Filhos:

1. Luiz Roberto *Avé-Lallemant.*
2. Reynaldo Avé-Lallemant.

VIb. *Avé-Lallemant,* Marina, cas. com Abel Alexander *Gouvêa.* Filha:

1. Marylia Eluiza Lallemant de Gouvêa .

VIc. *Bartholdy,* Vera, nasc. Niterói 18-3-1891; cas. com: 1.º *Erik* Gustav Adolf *Falkenberg,* nasc. Copenhague (Dinamarca) 18-1-1888, fal. Rio 18-1-1922; capitão da Guarda Real Dinamarquesa. 2.º com Pedro *Gad,* nasc. São Paulo 11-3-1885; comerciante e Consul da Noruega, em São Paulo. Filho: (do 1.º matrimônio)

1. *Egon Falkenberg,* nasc. na Dinamarca a 10-2-1914; médico em São Paulo, notavel esportista; mantém o recorde sul-americano de arremêsso de dardo 64,60 m.

VId. *Santos Lima,* Carmen, nasc. 15-7-1900; cas. com Henry Swinburne *Blower,* nasc. Liverpool (Inglaterra) 21-8-1889, comerciante no Rio. Filhos:

1. Helen Mary Blower, nasc. 6-8-1925.
2. Bernard David Blower, nasc. 11-9-1926.
3. Richard George Blower, nasc. 10-1-1928.
4. Josef Yan Blower, nasc. 18-3-1929.
5. William Marcus Blower. nasc. 12-7-1931.
6. Dorothy Eva Blower, nasc. 10-3-1936.
7. Thomaz Anthony Blower, nasc. 15-7-1938.

VIe. *Santos Lima,* Jorge, nasc. 4-7-1905; em 1941 empregado de uma sociedade de seguro, no Rio; cas. com D.ª Hilzabella *Guimarães,* nasc. 21-12-1907. Filhos:

1. Maria *Alice Santos Lima,* nasc. 13-7-1928.
2. Laura Maria Santos Lima, nasc. 22-10-1930.
3. Maria *Beatrice* Santos Lima, nasc. 25-5-1934.
4. *Martha* Maria Santos Lima, nasc. 20-3-1936.
5. Maria *Cecilia* Santos Lima, nasc .21-8-1939.

VIf. *Buckup,* Hans Eduard, nasc. Santos 10-3-1902; comerciante e fabricante em São Paulo; desde 1935 Presidente da Câmara de Comércio Teuto-Brasileira, em São Paulo; cas. com D.ª Kaetie *Schmidt,* nasc. Hamburgo 17-4-1906. Filhos:

1. *John* Herbert Buckup, nasc. S. Paulo 17-5-1929.
2. *Achim* Hans Buckup, nasc. S. Paulo, 30-5-1931.
3. *Ursula* Kathrien Buckup, nasc. S. Paulo, 28-8-1934.

VIg. *Buckup, Paul* Friedrich, nasc. Santos 17-6-1903, industrial em São Paulo; cas. com D.ª Ellen *Schaedlich,* nasc. São Paulo 23-5-1909. Filhos:

1. Beate Buckup, nasc. São Paulo, 19-12-1930.
2. Ludwig Buckup, nasc. São Paulo, 25-3-1932.
3. Robert Buckup, nasc. São Paulo, 21-5-1936.
4. Sybille Buckup, nasc. São Paulo, 8-3-1939.
5. Vera Buckup, nasc. São Paulo, 9-4-1941.

VIh. *Buckup, Walther* Hugo, nasc. São Paulo 24-6-1904; membro da diretoria de uma fábrica de produtos químicos, em Moguncia (Alemanha); cas. com D.ª Maria *Elisabeth Fehling,* nasc. Luebeck 13-11-1911. Filhos:

1. *Carmen* Maria Buckup, nasc. São Paulo 5-3-1933.
2. Hans *Juergen* Emanuel Buckup, nasc. Hamburgo 7-6-1936.

Digitized by Google

VIi. *Buckup, Ernst* Heinrich, nasc. São Paulo 25-9-1905, comerciante no Rio; cas. com D.ª *Heloisa* Jorge *Nogueira*, nasc. Campos (Estado do Rio), 14-1-1906. Filha:

1. Cassita Buckup, nasc. Rio de Janeiro, 10-4-1939.

RELAÇÃO DOS NOMES DE FAMÍLIA ACIMA CITADOS

Avé, Avé-Lallemant, Baradas, Barcellos, Bartholdy, Bernard, Blower, Blueher, Boelting, Boye, Buckup, Canier, Castro, Dittmer, Drenckhahn, Falck, Falkenberg, Fatlock, Faustino, Fehling, Figueiredo, Gad, Gouvêa, Tavares Guerra, Guimarães, Barcellos Guimarães, Haertel, Hagen, Hoffmann, Jacobsen, Jauch, John, Lallemant, Lallemant-Vatblé, Leal, Leser, Santos Lima, Machado, Maerckle, Nogueira, Oliveira, Precht, Regendanz, Souza Reis, Rienzi, Sanctus, Santos, Sauwen, Schaedlich, Schmidt, Schoenborn, Schreiner, Schuster, Slotnik, Stutfield, Symons, Tomlinson, Waeny, Wright, Zerrenner.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Sr. Lourenço Luiz Lacombe, de Correias (Rio):

"Quero cumprimentá-lo pelos dois volumes do Anuário, publicações que honram não só o nosso Instituto como o seu ilustre e insubstituivel Diretor. Parabens, pois." "... aqui fico, enviando os meus mais vivos cumprimentos pela esplêndida obra que está realizando, e, para a qual quero declarar-me ao seu inteiro dispôr."

Do Coronel Luiz Tenorio de Brito, Prefeito de Itapecerica:

"Meus cumprimentos pelo exito sempre crescente do seu nobre e arrojado empreendimento."

Do Sr. Lupion Quadros, da Biblioteca Pública de Curitiba:

"Penhorado, agradeço-lhe a remessa de um exemplar do n.º 3 (1.º semestre de 1941), da brilhante e vitoriósa *Revista Genealógica Brasileira*, de sua competente direção. Esta Biblioteca tem tido a fortuna de receber a *Revista* com toda a regularidade."

Do Dr. Manoel Augusto Velho da Motta Maia, do Rio:

"Acuso o recebimento de mais um interessante numero da *Revista Genealógica Brasileira* (o 3.º). Como os anteriores, muito bem apresentado, com um texto atraente, o que denota um esforço notavel e meritorio."

De D. Maria Torres de Carvalho Barreto, do Rio de Janeiro:

"Ao regressar, tive a agradabilissima surpreza de aqui encontrar o 2.º n.º do *Anuario* e o 3.º da *Revista*". "... peço-lhe aceitar, Sr. Salvador de Moya, os meus mais sinceros e calorosos aplausos pelos dois magnificos volumes que acabo de receber. E, creia que não o faço por méro formalismo. Antes, pelo justo entusiasmo que me desperta a obra de patriotismo que o Instituto Genealógico Brasileiro, sob a sábia orientação de V. S., vem realizando, no culto dos nossos maiores, — que nada mais é sinão a exaltação de nosso Brasil, atravez das nossas mais sagradas tradições familiares."

Do escritor Mario Linhares, do Rio:

"Precisamos de pessôas de sua estirpe que trabalhem com tão modelar atiividade e entusiasmo."

Do escritor Dr. Othon Costa, do Rio de Janeiro:

"... *Anuário Genelógico*, que vem reafirmar a já notavel tradição de cultura do Instituto Genealógico Brasileiro, que tão altamente colloca o nome de seu benemerito fundador e orientador." "Espero dispôr de mais tempo, proximamente, para dedicar-me, de algum modo e no que me fôr possivel, ao Instituto. Emquanto isto não se der continuarei, como até agora, a alimentar este meu desejo com a fervorosa admiração que sempre tive pela sua obra memoravel."

Digitized by Google

A Família Diederichsen

H. Petersen
da Sociedade Hans Staden

1) ORIGENS DA FAMÍLIA. O ANCESTRAL FUNDADOR DA ESTIRPE JAKOB AHREND E SEUS TRES FILHOS: JOHANN JAKOB LUDWIG, FRIEDRICH ANDREAS E FRIEDRICH PETER LUDWIG.

Foi na época da intensificação das relações econômicas teuto-brasileiras que começaram a afluir ao Brasil muitos comerciantes alemães, provenientes, em sua grande maioria, das grandes cidades costeiras da Alemanha. Bom número deles, constituindo família no novo mundo, fundara suas casas comerciais e, já ha mais de uma geração, aqui vive integralmente arraigado na vida brasileira.

Não ha negar que êles representam um escol de homens capazes e ousados que fizeram sua a divisa hanseática: Meu campo de ação é o mundo!, homens que, em virtude de sua competência e de seu labor incessante grangearam posição de destaque na ordem social, tanto na Alemanha como no Brasil.

Jakob Ahrend Diederichsen (I)* foi um dos homens a que, aqui, nos referimos. Vivendo ainda na Alemanha, onde se dedicava a seus afazeres, veiu a ser o tronco de todos os descendentes brasileiros da tão ramificada família Diederichsen.

A cidade de Kiel, onde êle nasceu a 28 de julho de 1745 e onde passou sua vida, hoje o grande porto da marinha alemã no mar Báltico, era, no século 18, um pequeno entreposto que mantinha vivas relações comerciais, sobretudo com os paizes da Escandinávia. Tendo adquirido, aos 22 anos, os direitos de cidadania, Jakob Ahrend Diederichsen casou-

* Veja o quadro dos descendentes, sob o resp.º número romano, no suplemento.

Digitized by Google

se, um ano depois, aos 28 de outubro de 1768, com D.ª Magdalene Hedwig Christine Johanne Theophile.

Como cidadão deputado, como armador e navegador experimentado e, ainda, como negociante bem sucedido (comércio de madeiras) conquistou, em pouco tempo, posição elevada entre seus concidadãos. Veiu a falecer à 28 de outubro de 1814.

Nasceram do matrimônio tres filhos homens: Johann Jakob Ludwig (IIa), Friedrich Andreas (IIb) e Friedrich Peter Ludwig (IIc).

Seguindo a praxe daqueles tempos, em que o comércio e a navegação ainda não constituiam profissões diferentes, os dois irmãos Friedrich Andreas e Friedrich Peter Ludwig dedicaram-se à carreira de navegadores comerciantes.

Johann Jacob Ludwig (IIa), nascido em Kiel a 3 de setembro de 1769, conseguiu fazer-se cidadão deputado de Kiel como seu pai, passando toda a sua vida como comerciante em seu torrão natal. Foi êle proprietário do lagar de azeite no "Sophienblatt" em Kiel. Na mesma cidade, contraiu matrimônio com Johanna Belitz a 31 de dezembro de 1807, e faleceu a 19 de novembro de 1835.

Viveu, igualmente, em Kiel, seu irmão *Friedrich Andreas* (IIb), nascido a 25 de novembro de 1775, casado desde 13 de maio de 1809 com D.ª Elisabeth Harder que era irmã da progenitora de Theodor Wille, e falecido a 1.º de janeiro de 1860. O amor e o gosto pela navegação estavam-lhe na massa do sangue, de sorte que, em sua mocidade, sentia-se, a bordo e em alto mar, tão bem como no escritório comercial. Sua cidade natal concedeu-lhe tambem as honras de cidadão deputado.

Datavam de havia longos anos as relações íntimas entre as famílias Diederichsen e Wille. Friedrich Andreas Diederichsen encarregou-se da educação do jovem Theodor Wille que, em verdes anos, ficara órfão de pai. O pai de Theodor Wille, Anton Heinrich Wille, filho da antiga cidade hanseática de Lueneburg, trasladara-se para Kiel e ficara co-proprietário da casa comercial Diederichsen e Wille de Kiel. Theodor, nascido em Kiel a 27 de novembro de 1818 e educado, após a morte prematura de seus pais, por Friedrich Andreas Diederichsen e sua esposa Elisabeth, tendo alcançado a idade de 19 anos, emigrou para o Rio de Janeiro onde, mais tarde, fundou a firma "Wille, Luebbers e Cia." que, em 1862, foi substituida pela firma "Wille, Schmilinsky e Cia". Tendo se estabelecido com filial em Santos, no ano de 1844, abriu outra filial, em 1855, sob sua firma individual, em Hamburgo. Em 1931, os estabelecimentos brasileiros da casa Wille, em Santos, São Paulo, Rio de Janeiro e Victória, foram reunidos sob a razão "Theodor Wille e Cia, Ltda".

Theodor Wille, cujo nome se perpetúa no da importante empresa comercial, morreu solteiro a 1.º de janeiro de 1892 em Hamburgo, sendo seu corpo inhumado em Kiel.

Friedrich Peter Ludwig (IIc), nascido em Kiel a 5 de agosto de 1785 e falecido, na mesma cidade, a 9 de janeiro de 1867, o mais moço

Digitized by Google

dos tres filhos do velho Jakob Ahrend, deve ter tido altas aptidões para a navegação, pois, ainda jovem, alcançou o posto de comandante de navio de longo curso. Foi êle quem conduziu, em 1817, o brigue "Concordia", com 169 emigrantes a bordo, de Antuérpia até Philadélphia. — Um ano depois, a 8 de junho de 1818, casou-se com D.ª Carolina Hagemeister, abandonando, em seguida, a vida no mar e tomando parte, com seu irmão mais velho, na gerência do lagar de azeite no "Sophienblatt" em Kiel.

2) OS DESCENDENTES DE JOHANN JAKOB LUDWIG DIEDERICHSEN (IIa)

O filho de Johann, de nome *Theodor* (IIIa), nascido em Kiel a 11 de dezembro de 1814, falecido em Oelmuehle (Lagar de azeite), perto de Ploen, em Schleswig-Holstein, casado a 9 de outubro de 1839 com D.ª Amalie Hoepner, viveu em Ploen, como negociante e proprietário de um lagar de azeite. O único filho dêle, *Johann Ernst Julius Diederichsen* (IVa), que foi engenheiro e inspetor-chefe técnico da "Hamburg-Suedamerikanische Dampfschiffahrts-Aktiengesellschaft" de Hamburgo, deixou, igualmente, um filho, o qual emigrou para o Brasil. Êste, de nome *Jakob Theodor August Diederichsen* (Va), aportou ao Brasil, em 1895, contando 21 anos de idade. Tendo estudado a lavoura na Alemanha, veiu aproveitar seus conhecimentos, como lavrador brasileiro, inicialmente, numa fazenda da firma Theodor Wille e Cia. e, a seguir, em 1909, na fazenda "D.ª Pedra", de sua propriedade e situada perto de Quatís, no Estado do Rio de Janeiro. Êle faleceu, sem ter constituido família, em 1920, ficando, assim, extinto êsse ramo da família Diederichsen, no Brasil.

3) OS DESCENDENTES DE FRIEDRICH ANDREAS DIEDERICHSEN (IIb)

Na terceira geração, a contar do ancestre fundador Jakob Ahrend Diederichsen, começa a família Diederichsen a espalhar-se em ultramar.

Teve Friedrich Andreas dois filhos: *Heinrich* e *James Hermann* (IIIb e IIIc), de cujos descendentes passamos a tratar.

Heinrich Diederichsen (IIIb), nascido em Kiel a 14 de abril de 1813, casado a 20 de julho de 1841 com sua sobrinha, D.ª Marie Bargum; falecido em Kiel a 1.º de março de 1899, foi comerciante e vereador em Kiel. Seu espírito audaz e empreendedor conduziram-no muito além do perímetro de sua cidade natal. Com a idade de 19 anos viajou, no brigue "Doris", para a Índia Ocidental, servindo como vigilante de um carregamento destinado à firma Diederichsen e Wille. Anos depois, em 1837, fundou, em Kiel, a firma H. Diederichsen. Deixou 5 filhos (IVb - IVf).

4) OS DESCENDENTES DE HEINRICH DIEDERICHSEN (IIIb).

Foi seu filho mais velho *Karl Diederichsen* (IVb), nascido em Kiel a 8 de novembro de 1843; casado a 16 de novembro de 1872 com D.ª

Digitized by Google

Emilie Meier; falecido em Altona a 5 de outubro de 1900. Êle trabalhou como aprendiz e, posteriormente, como sócio da firma Theodor Wille em Hamburgo, e, a partir de 1875, tambem como co-proprietário da firma Theodor Wille e Cia, no Brasil. Na guerra franco-alemã de 1871-72 combateu como tenente da reserva, sendo distinguido com a Cruz de Ferro de 2.ª classe.

O 2.º filho, *Otto Diederichsen* (IVc), nascido em Kiel a 21 de agosto de 1850; falecido, em Berlim, a 13 de novembro de 1925, seguiu a carreira militar. Nêle tambem se manifesta o amor à vida no mar. Aos 16 anos entra na Marinha Real da Prússia, servindo como oficial ativo da marinha de 1870 até 1905, alcançando, na Marinha Imperial Alemã, o posto de vice-almirante, tendo merecido numerosas distinções, entre outras, a de cavalheiro da primeira classe da ordem da Águia Vermelha. Os 4 filhos de Otto vivem na Alemanha.

Carl Hermann Diederichsen (IVe), nascido em Kiel a 29 de agosto de 1858; casado com sua prima, D.ª Maria Luiza (Maricota) Diederichsen, a 23 de janeiro de 1886; falecido, em São, a 27 de outubro de 1891, fez-se negociante, como seu irmão mais velho, entrando como empregado na firma Theodor Wille e Cia de São Paulo. Infelizmente, teve mórte trágica, na culminância de sua vida, morrendo vitimado pela febre amarela, de que se inficionara em uma noite que passou em Santos, por ocasião de sua volta de uma viagem à Europa. Sua viuva, contando 27 anos, contraiu segundo matrimônio com o negociante Carl Eduard Gottlieb Rietz.

Ludwig Wulf *Gustav* Theodor Diederichsen (IVd), nascido em Kiel a 4 de julho de 1852; falecido em Hamburgo a 5 de maio de 1924, foi tambem negociante. Combateu na guerra de 1871-72, sendo distinguido com a Cruz de Ferro de 2.ª classe, e, depois da guerra, seguiu, via América do Norte, para o Rio de Janeiro, onde entrou, em 1872, na firma Wille, Schmilinsky e Cia. Não obstante sua pouca demora no Brasil, até 1877, conservou-se intimamente interessado por tudo que dizia respeito a êste paiz, mantendo, outrossim, suas relações comerciais com a firma Theodor Wille e Cia, da qual era co-proprietário. Faleceu, como Dr. rer. pol. h. c. da Universidade de Kiel, sem ter constituido família e sem deixar descendentes. Foi um homem que, em toda sua vida, se sacrificava por questões ideais.

Distinguiu-se, sobretudo, por suas altas qualidades de carater, inteligência e energia, *Karl Heinrich Wilhelm Theodor Diederichsen* (IVf), nascido em Kiel a 1.º de julho de 1865; casado, a 3 de janeiro de 1888 com D.ª Dorothea Lehmann. Êle frequentou, como seus irmãos, a "Gelehrtenschule" de Kiel, mudou para Hamburgo, com o fim de praticar como aprendiz comercial, assumindo, com a idade de 23 anos, a gerência da firma de seu pai, H. Diederichsen em Kiel. Não se satisfazendo com o que lhe viera do pai, deu novo impulso à firma herdada, conseguindo grande êxito como armador no tempo da guerra russo-japonesa. Em 1899 fundou a firma Diederichsen, Jebsen e Cia., posteriormente H. Diede-

Digitized by Google

richsen e Cia, com matriz em Tsingtau, tornando-se, um ano depois, co-proprietário, e, em 1924 único proprietário da firma Th. Wille em Hamburgo e sócio da firma Th. Wille e Cia no Brasil. Espírito empreendedor e incançavel, não lhe bastavam os encargos que já lhe pesavam nos hombros e adquiriu a "Howaldtwerke Aktiengesellschaft" em Kiel, anexando a ela estaleiros e fábricas de máquinas em Hamburgo, empresa esta que vendeu, mais tarde, ao Governo do Reich. Não obstante seus múltiplos afazeres, sobrava-lhe ainda o tempo para exercer suas funções no Conselho Fiscal da "Hamburg-Suedamerikanische Dampfschiffahrts Aktien-Gesellschaft", da "Commerz- u. Privatbank" e de outras empresas, como tambem as de Consul Imperial da Rússia (1903-1913) em Kiel. Reconhecendo os elevados méritos dêsse homem, a faculdade de direito da Universidade de Kiel conferiu-lhe, em 1918, o título de Dr. rer. pol. h. c., e a faculdade de medicina da mesma Universidade, o de Dr. med. h. c., honrando, assim, seus grandes merecimentos como protetor de clínicas cirúrgico-ortopédicas e instituidor da Doação "Thea Diederichsen" (1907).

É digno de menção que, dentro da mesma família, vários membros se fizeram merecedores do título "Doctor honoris causa" por serviços prestados ao progresso das ciências. Heinrich Diederichsen faleceu, tambem, sem deixar filhos.

Tratando-se, aqui, conforme ficou dito acima, do ramo brasileiro da família Diederichsen, torna-se supérfluo ocuparmo-nos com aqueles dos cinco irmãos que não deixaram filhos ou cujos filhos e netos vivem na Alemanha, motivo por que, adiante, citaremos, apenas, os descendentes de Karl.

Seja dito, entretanto, que todos os descendentes alemães dos referidos irmãos vivem, na Alemanha, em situação social idêntica à de seus parentes brasileiros.

Karl (IVb) deixou tres filhos e duas filhas. D.ª *Else Diederichsen* (Vd), nascida a 29 de julho de 1886, vive em Hamburgo (Alemanha); um filho dela (D. Moeller) veiu para o Brasil, vivendo com sua esposa no Rio de Janeiro, onde é procurador da firma Th. Wille e Cia.

Um dos tres filhos, *Hans Diederichsen* (Ve), nascido a 21 de setembro de 1891 em Hamburgo, estabeleceu-se com fazenda de café na África Oriental Alemã. Êle participou da Guerra Mundial, como tenente da reserva, sendo ferido em Langemarck e recebendo várias distinções. Tendo passado algum tempo em Santos, trabalhou até 1931 no Rio de Janeiro como procurador da firma Th. Wille.

O irmão dêle, *Emil Heinrich Diederichsen* (Vb), nascido em Hamburgo a 14 de dezembro de 1873, participou tambem, como oficial, na Guerra Mundial, distinguindo-se pela sua bravura, alcançando o posto de capitão da reserva de segunda linha e merecendo, além de outras distinções, a Cruz Hanseática e a Cruz de Ferro de 1.ª e 2.ª classe. Vive, atualmente, em Hamburgo ou em sua propriedade Sagsdorf em Mecklenburgo, embora não seja agricultor por profissão, pois é engenheiro construtor de máquinas, tendo exercido sua profissão, praticamente, na

Digitized by Google

"Howaldtwerke" em Kiel. Em 1899 empreendeu uma viagem ao redor da Terra, tendo passado seis meses no Brasil.

Seu irmão, *Gustav Diederichsen* (Vc), nascido em Hamburgo a 10 de março de 1878, trabalhou durante dois anos como empregado da firma Th. Wille e Cia em Santos, combateu na guerra de 1914-18 e alcançou o posto de capitão, obtendo a Cruz de Ferro de 1.ª e 2.ª classe, além de outras distinções.

Emil Heinrich Diederichsen (Vb) teve tres filhos, sendo *Hans-Heinrich* (VIa), nascido em Hamburgo em 1911, que fez o curso da Alta Escola Técnica de Hannover e, atualmente, está servindo no front alemão;

Rolf Diederichsen (VIb), nascido em Hamburgo em 1912, que é comerciante, vivendo desde 1935 em São Paulo, como empregado da firma Theodor Wille e Cia. Ltda; e

Fritz Erdmann (VIc), nascido em Hamburgo em 1916, que é biólogo e Doutor em Filosofia, casado desde 1940 com D.ª Irma Hard, e que, atualmente, tambem está no front alemão.

5) OS DESCENDENTES DE JAMES HERMANN DIEDERICHSEN (IIIc)

James Hermann Diederichsen (IIIc), nascido em Kiel a 23 de abril de 1817; casado com D.ª Karoline Wollersen em Hamburgo; falecido em Madeira a 17 de abril de 1860, foi o mais jovem dos dois filhos do cidadão Friedrich Andreas Diederichsen de Kiel e viveu como negociante e co-proprietário da firma Diederichsen & Wille em Kiel.

Deixou êle um filho, *James Heinrich Theodor Diederichsen* (IVg), nascido em Kiel a 15 de março de 1860; falecido, em São Roque, Estado de São Paulo, a 2 de julho de 1921, que veiu ao Brasil, passando a vida como agricultor e fazendeiro no Estado de São Paulo. Casou-se com D.ª Julieta Campos de Lima, tendo sua prole ficado arraigada no Brasil, onde continuam vivendo os filhos e netos.

Marieta Diederichsen (Vg), nascida em São Paulo em 1892, casou-se, em 1912, em São Paulo, com o industrial Anders Lauersen Jacobsen, natural de Limeira. Nasceram dêsse matrimônio dois filhos que vivem no Brasil.

Helena Diederichsen (Vh), nascida em 1895, é esposa do agricultor Paul Wilhelms, residente na fazenda "Cambará", propriedade dos irmãos Diederichsen.

Ernestina Diederichsen (Vi), nascida em 1895, casada com José, irmão do citado Jacobsen (V. Marieta D.), vivendo, em São Paulo, como negociante.

James Diederichsen (Vj), nascido em 1898, vive solteiro, dedicando-se à lavoura no sítio "Sirivé", uma das propriedades dos irmãos Diederichsen.

Digitized by Google

Henrique Diederichsen (Vk), nascido em 1900, vive tambem em "Sirivé", como lavrador.

6) OS DESCENDENTES DE FRIEDRICH PETER LUDWIG DIEDERICHSEN (IIc)

O velho comandante de navio Friedrich Peter Ludwig Diederichsen deixou tres filhos (IIId - IIIf), entre eles uma filha, *Ernestine Diederichsen* (IIIf), nascida em Kiel a 17 de janeiro de 1836; falecida em Tharand, perto de Dresde, a 5 de setembro de 1912; que, tendo passado algum tempo no Brasil, foi viver com sua família na Alemanha. Era casada com Johann Georg Schmilinsky, co-proprietário da firma "Wille, Schmilinsky e Cia", no Rio de Janeiro. Êle morreu, em 1863, com a idade de 37 anos.

O irmão, *Leopold* (IIId), nascido em Kiel a 19 de janeiro de 1825; falecido, em Hamburgo, a 21 de setembro de 1903, passou a maior parte de sua vida no Brasil, onde se casou, em 1854, com ***D.ª Francisca Carolina da Costa Aguiar de Andrada***, identificando-se de tal maneira com o ambiente que, após tres anos de estadía no paiz, naturalizou-se brasileiro. Sua esposa, D.ª Francisca, era bisneta de José Bonifácio de Andrada e Silva, Patriarca da Independência. A irmã de José Bonifácio, D.ª Bárbara Joaquina, n. em 1766, casada com Francisco Xavier da Costa Aguiar, teve um filho, o mais velho, de nome Francisco, que se casou com sua prima, D.ª Maria Zelinda de Andrada. Foi filha, dêsse casal, D.ª Francisca, a esposa de Leopold Diederichsen.

Ainda moço, Leopold Diederichsen tratou de conhecer os paizes distantes, seguindo em 1849 para Montevideo e Buenos Aires, onde foi convidado, em 1850, por Theodor Wille a ir trabalhar em Santos. Entrando como sócio na firma, dirigiu, de 1855 até 1865, a filial de Santos, voltando. em seguida para a Alemanha. Durante sua estadia em Santos (1863-1865) exerceu as funções de consul de um dos Estados Federados Alemães. Chamado, novamente, por Theodor Wille, tornou a trabalhar na mesma firma, tratando de alargar-lhe o já vasto campo de atividade, até que, em 1883, voltou definitivamente para Hamburgo (Alemanha).

Bernhard Eduard Diederichsen (IIIe), nascido em Kiel a 21 de agosto de 1830, participou, ainda moço, em 1848, na mallograda luta de libertação de sua província natal Schleswig-Holstein contra a Dinamarca, emigrando, mais tarde para o Brasil que, já havia muito, não era terra incógnita para os Diederichsens. Trabalhou aqui, desde 1857, como lavrador numa plantação de fumo, nas proximidades de Lambarí, e, desde 1866, em sua propriedade "Morumby", perto de São Paulo, onde se dedicava à vini-pomicultura e iniciou o plantio do chá. Passou seus últimos anos na cidade de São Paulo, onde faleceu a 16 de agosto de 1908.

Ainda hoje se encontram, às portas de São Paulo, as plantações de chá nas colinas de Morumby. O "Chá do Morumby" que era conhecidíssimo no último quarto do século passado, provinha das culturas de Bern-

Digitized by Google

hard Eduard Diederichsen. Afóra seus labores profissionais, Bernhard Eduard não poupava tempo, nem esforços para colaborar no que servia aos interesses da terra que o hospedava ou da colônia a que pertencia, tendo sido, durante longos anos, mais ou menos desde 1870, membro da diretoria da Associação Beneficiente Alemã.

7) OS DESCENDENTES DE LEOPOLD DIEDERICHSEN (IIId).

Leopold Diederichsen deixou tres filhos (IVh - IVj), dos quais 2 não constituiram família, ficando sem descendentes. São: *Ludwig Theodor* (IVh), nascido em Santos a 2 de outubro de 1856 e falecido, na mesma cidade, a 24 de janeiro de 1891, vitimado por beriberi. Foi empregado da firma Theodor Wille e Cia em Santos; e

Franz Leopold (IVj), nascido em Hamburgo, em 1867, lavrador por profissão, vivendo, porêm, como particular.

Foi, apenas, *Arthur Emil* (IVi), nascido em Santos a 18 de fevereiro de 1860, quem deixou descendentes. Casado com D.ª Adelaide de Araujo, a 2 de setembro de 1887, viveu como fazendeiro, negociante e industrial em São Paulo. Além de seus afazeres econômicos, ocupavam seu interesse os assuntos políticos de sua pátria brasileira. Foi nomeado Coronel da Guarda Nacional, tomando parte, como um dos chefes, do levante de Ribeirão Preto, a 14 de dezembro de 1891, pelo qual se pretendeu restabelecer a legalidade. Nos anos de 1896 até 1900 foi deputado federal pelo distrito de Ribeirão Preto. Foi êle, ainda, quem promoveu, pela "Cia Viação São Paulo — Mato Grosso", a exploração de vastas faixas de terras situadas nas margens dos rios Feio, do Peixe, Santo Anastácio Paranápanema, regiões que, em 1906, ainda figuravam nos mapas como "inexploradas".

Conseguiu o prolongamento da estrada de ferro até Porto Tibiriçá. É digno de menção sua atuação a favor da Cruz Vermelha e na Sociedade Rural Brasileira, em que ocupa lugar de destaque. Ha anos que preside ao Tribunal de Impostos e Taxas, tendo se feito merecedor das homenagens que, no octogésimo aniversário de seu nascimento, lhe prestaram os funcionários da Secretaria de Finanças, festejando-o como uma das figuras eminentes no cenário econômico-político de sua pátria.

Nasceram de seu matrimônio com D.ª Adelaide dois filhos: *Francisco*, nascido em 1888, solteiro; e

Raúl, nascido em 1892; ambos, fazendeiros e negociantes no Estado de São Paulo.

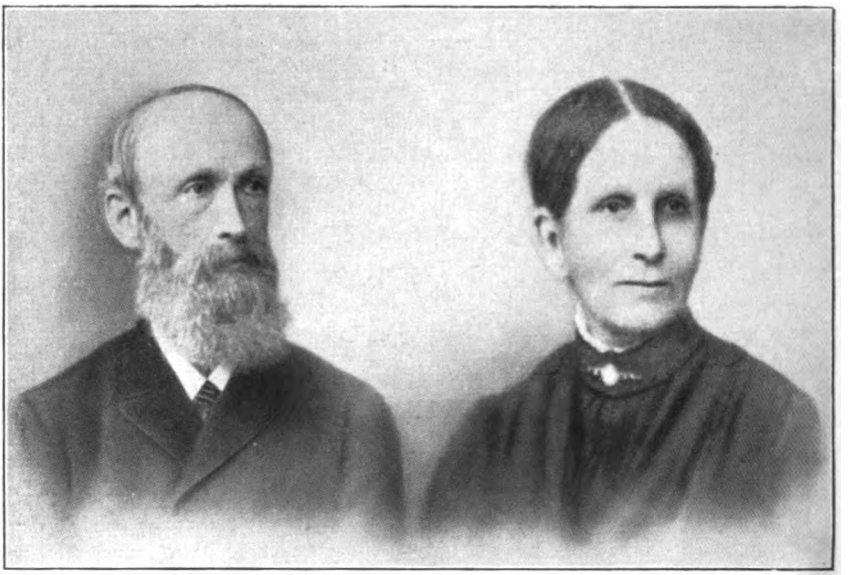
8) OS DESCENDENTES DE BERNHARD EDUARD DIEDERICHSEN (IIIe).

Bernhard deixou seis filhos (IVk - IVp). A primogênita, *Maria (Maricota) Luiza* (IVk), nascida em São Paulo a 21 de abril de 1870; falecida, na mesma cidade, em 1936, casada em primeiro matrimônio com

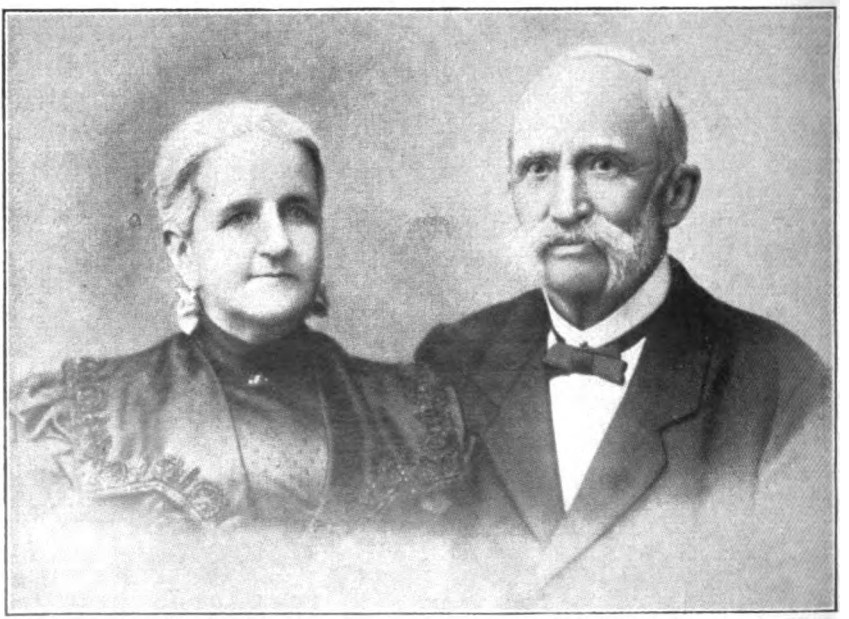
Digitized by Google

Escudo á valona, cortado. A primeira, de azul, com um pombo de prata voante, bicado e sancado de góles e as pontas das asas de sable; a segunda, de prata, com tres folhas de trevo de azul, dispostas 2 e 1. Elmo de prata. Paquife do metal e côr das armas. Timbre: uma folha de trevo de azul, entre duas asas de prata.

Digitized by Google



Leopoldo Diederichsen (1825-1903)
e D.ª Francisca Carolina da Costa Aguiar de Andrade (1831-1889).



Bernhard Eduardo Diederichsen (1830-1908) e D.ª Anna da Rocha Leão (1844-1919)

Digitized by Google

seu primo Karl Hermann Diederichsen (IVd), em segundo matrimônio, a 30 de setembro de 1897, com Karl Eduard Gottlieb Rietz, viveu em Cascata, Estado de São Paulo, onde o marido era proprietário e negociante.

O irmão *Anton Ludwig Christian Diederichsen* (IVl), nascido em São Paulo a 1.º de agosto de 1875, frequentou a antiga Escola Alemã de São Paulo e uma "Realschule" em Hamburgo, fazendo, em seguida, um curso prático de agricultura na Alemanha. Trabalhou, de 1892 até 1903, como fazendeiro no Brasil, passando, após, para o comércio e a indústria, fundando várias empresas, como o "Banco Construtor", e a Serraria "Antonio Diederichsen". Foi tambem co-proprietario do Banco Regional de Ribeirão Preto, onde o prédio mais alto da cidade foi mandado construir por êle, que é hoje um dos grandes e mais influentes industriais daquela zona.

Espírito empreendedor, no sentido mais lídimo da palavra, é, tambem, *Ernesto Diederichsen* (IVm), nascido em São Paulo a 19 de setembro de 1877, que contribuiu eficientemente, como seu irmão, para o grandioso progresso industrial de São Paulo. Viveu boa parte de sua mocidade em Hamburgo, onde frequentou a escola e fez seu curso de aprendiz de comércio, passando algum tempo em Manchester. Em 1899 voltou para São Paulo, e, entrando como empregado na firma Theodor Wille e Cia, obteve procuração em 1908 e ficou sócio e chefe das firmas de Santos e São Paulo em 1922, e, dois anos depois, co-proprietário dos estabelecimentos em Vitória e no Rio de Janeiro.

É a êle que o Estado de São Paulo deve o progresso de sua indústria textil, sendo êle fundador, acionista principal e diretor das indústrias da "Argos Industrial S. A." em Jundiaí, da "Fiação para Malharia Indiana", do "Cotonifício Adelina" em Indianopolis e das duas fabricas da "Malharia Nossa Senhora da Conceição" em Jacareí, não contando um bom número de outras empresas industriais, iniciadas sob seu estímulo.

O talento comercial de Ernesto Diederichsen une-se à sua vontade férrea e grande inteligência. Dotado de larga visão, descobrir as grandes possibilidades que a política aduaneira da éra republicana apresentava à industrialização.

Ernesto Diederichsen casou-se, a 11 de julho de 1903, com D.ª Maria Luiza Ahrens que lhe deu quatro filhos.

Sua irmã gêmea, *D.ª Ernestina Diederichsen* (IVn) casou-se, a 3 de outubro de 1897, com o advogado Thimotheo de Araujo. Os cinco filhos do casal vivem no Brasil.

D.ª Anna Diederichsen (IVo), nascida em Santos a 4 de dezembro de 1879 e falecida, na mesma cidade, a 16 de março de 1919, casou-se, a 20 de maio de 1905, com o negociante e corretor oficial Emil Wysling, tendo quatro filhos que vivem no Brasil.

A irmã mais moça, *D.ª Berta Diederichsen* (IVp), nascida em São Paulo, a 6 de agosto de 1882, casou-se, a 10 de junho de 1905, com o

Digitized by Google

comerciante Stanislaus Hermann Pachur que trabalhou largo tempo como procurador da firma Theodor Wille e Cia, Ltda, em Santos. Foi êle homem de grande destaque na colônia alemã de Santos, tendo ocupado durante anos o lugar de 1.º Presidente da Sociedade Germânia de Santos e, a partir de 1934, o de Vice-Consul do Reich Alemão. Faleceu em 1941. Nasceram de seu matrimônio com Dª. Berta dois filhos que vivem no Brasil.

9) OS DESCENDENTES DE ERNESTO DIEDERICHSEN (IVm).

O filho primogênito de Ernesto Diederichsen, *Bernhard Friedrich*, (Vn) nascido, em São Paulo, em 1904, tendo frequentado a antiga Escola Alemã de São Paulo, fez o curso de eletro-técnica e construção de máquinas na Suissa, voltando, feito engenheiro diplomado, para o Brasil, em 1927. Morreu, com a idade de apenas 24 anos, em consequência de um acidente de que foi vítima trabalhando em cabos de corrente de alta tensão.

Leonore Diederichsen (Vo), nascida em São Paulo, em 1906, casou-se, em 1928, com o industrial e engenheiro diplomado Luiz Dumont Villares, sobrinho de Santos Dumont, do grande pioneiro da navegação aérea no Brasil. Comerciante, proprietário de fábrica e sócio da firma Pirie, Villares e Cia., vive, atualmente, com sua esposa e quatro filhos, em São Paulo.

Os dois últimos dos quatro irmãos, *Ernst Georg Diederichsen* (Vp), nascido, em São Paulo, em 1921, e Dª Martha Diederichsen (Vq), nascida, em São Paulo, em 1927, estão cursando ainda a universidade, respte. frequentando a escola.

10) A FAMILIA DIEDERICHSEN NO BRASIL E NA ALEMANHA.

Passando em revista a longa série de membros pertencentes a esta família e desprezando a variedade das sortes e das profissões, nota-se que é comum a todos acharem-se em posição social elevada, tanto em seu paiz de origem, como no Brasil, onde tiveram que adaptar-se a um ambiente inteiramente novo. Basta considerar as profissões a que se dedicam os Diederichsens. São, no início, os grandes comerciantes e navegadores. Mais tarde, a tendência marítima vai cedendo lugar ao amor pelo mar e ao desejo de conhecer paizes distantes. Alguns representantes da família conquistam altos postos como militares, voltando como combatentes do front e portadores de altas distinções. Outros, ainda, cultivando o solo virgem brasileiro, criando novas indústrias ou, orientando-as como engenheiros, abrem novos horizontes à vida econômica. Prevalece, porém, em todas as gerações, o comerciante.

Assim, pois, os Diederichsens, espalhados e arraigados, igualmente, no Brasil e na Alemanha, além de mediadores comerciais entre o velho continente e o novo, constituem, pelo sangue que lhes é comum, um élo seguro entre as duas grandes nações a que pertencem ou donde provém.

Digitized by Google

EXCERPTO DO QUADRO DE DESCENDENTES DE JAKOB AHREND DIEDERICHSEN.

I *Diederichsen,* Jacob Ahrend, n. Kiel 28.7.1745, f. Kiel 28.10.1814; filhos = IIa-c.

IIa *Diederichsen,* Johann Jacob Ludwig, n. Kiel 3.9.1769, f. Kiel 19.11.1835; filho = IIIa.

IIb *Diederichsen,* Friedrich Andreas, n. Kiel 25.9.1775, f. Kiel 1.1.1860; filhos = IIIb e IIIc.

IIc *Diederichsen,* Friedrich Peter Ludwig, n. Kiel 5.8.1785, f. Kiel 9.1.1867; filhos = IIId-f.

IIIa *Diederichsen,* Theodor, n. Kiel 11.12.1814, f. Oelmuehle perto de Ploen; filho = IVa.

IIIb *Diederichsen,* Heinrich, n. Kiel 14.4.1813, f. Kiel 1.3.1899; filhos = IVb-f.

IIIc *Diederichsen,* James Hermann, n. Kiel 23.4.1817, f. Madeira 17.4.1860; filho = IVg.

IIId *Diederichsen,* Leopold, n. Kiel 19.1.1825, f. Hamburgo 21.9.-903; filhos = IVh-j.

IIIe *Diederichsen,* Bernhard Eduard, n. Kiel 21.8.1830, f. São Paulo 16.8.1908; filhos = IVk-p.

IIIf *Diederichsen,* Ernestine, c. c. Schmilinsky, n. Kiel 17.1.1836, f. Tharand 5.9.1912.

IVa *Diederichsen,* Johann Ernst Julius, n. Oelmuehle perto de Ploen, f. Altona 30.12.1912; filho = Va.

IVb *Diederichsen,* Carl, n. Kiel 8.11.1843, f. Altona 5.10.1900; filhos =Vb-e.

IVc *Diederichsen,* Otto, n. Kiel 21.8.1850, f. Berlin 13.11.1925.

IVd *Diederichsen,* Ludwig Wulf Gustav Theodor, n. Kiel 4.7.1852, f. Hamburgo, 5.5.1924.

IVe *Diederichsen,* Carl Hermann, n. Kiel 29.8.1858, f. São Paulo 27.10.1891; filho = Vf.

IVf *Diederichsen,* Carl Heinrich Wilhelm Theodor, n. Kiel 1.7.1865.

IVg *Diederichsen,* James Heinrich Theodor, n. Kiel 15.3.1860, f. São Roque, Est. de São Paulo 2.7.1921; filhos = Vg-k.

IVh *Diederichsen,* Ludwig Theodor, n. 2.10.1856 no Brasil, f. Santos 24.1.1891.

IVi *Diederichsen,* Arthur Emil, n. Santos 18.2.1860; filhos = Vl e Vm.

IVj *Diederichsen,* Franz Leopold, n. Hamburgo, 1867.

Digitized by Google

IVk *Diederichsen,* Maricota Luiza, n. São Paulo 21.4.1870, f. São Paulo 1936.
IVl *Diederichsen,* Anton Ludwig Christian, n. 1.8.1875 no Brasil.
IVm *Diederichsen,* Ernesto, n. São Paulo 19.9.1877; filhos = Vn-q.
IVn *Diederichsen,* Ernestine, n. São Paulo 19.9.1877.
IVo *Diederichsen,* Anna, n. Santos 4.12.1879, f. Santos 16.3.1919.
IVp *Diederichsen,* Bertha, n. São Paulo 6.8.1882.

Va *Diederichsen,* Jacob Theodor August, n. 18.11.1874, f. São Paulo 19.5.1920.

Vb *Diederichsen,* Emil Heinrich, n. Hamburgo 14.12.1873; filhos = VIa-c.
Vc *Diederichsen,* Gustav, n. Hamburgo 10.3.1878.
Vd *Diederichsen,* Else, n. Hamburgo 29.7.1886.
Ve *Diederichsen,* Hans, n. Hamburgo 21.9.1891.

Vf *Diederichsen,* ?

Vg *Diederichsen,* Marieta, c.c. Jacobsen, n. 1892.
Vh *Diederichsen,* Helena, c.c. Wilhelms, n. 1895.
Vi *Diederichsen,* Ernestine, c.c. Jacobsen, n. 1895.
Vj *Diederichsen,* James, n. 1898.
Vk *Diederichsen,* Heinrich, n. 1900.

Vl *Diederichsen,* Francisco, n. 1888.
Vm *Diederichsen,* Raoul, n. 1892.

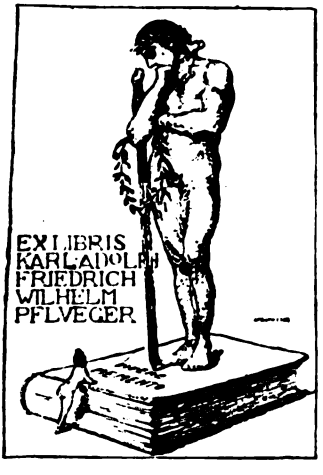
Vn *Diederichsen,* Bernhard Friedrich, n. São Paulo 1904.
Vo *Diederichsen,* Leonore, c.c. Dumont Villares, n. São Paulo 1906.
Vp *Diederichsen,* Ernst Georg, n. São Paulo 1921.
Vq *Diederichsen,* Martha, n. São Paulo 1927.

VIa *Diederichsen,* Hans Heinrich, n. Hamburgo 1911.
VIb *Diederichsen,* Rolf, n. Hamburgo 1912.
VIc *Diederichsen,* Fritz Erdmann, n. Hamburgo 1916.

BIBLIOGRAPHIA

1) Deutsches Geschlechterbuch (Genealogisches Handbuch Buergerlicher Familien), vol. 91, Görlitz 1936.
2) Anuario Genealógico Brasileiro, 1.º ano, organisado por Salvador de Moya, 5.ª parte, p. 229 segs., Familias Brasileiras.
3) Apontamentos em poder do sr. Rolf Diederichsen.
4) Apontamentos em poder do "Archivo da Imigração Alemã", São Paulo.

Digitized by Google



Os *Ex-libris*

O que é o *Ex-libris*. Artisticas e Curiosas Etiquetas de Posse

Os ex-libris são etiquetas que se costumam colar na parte interior das encadernações e que querem significar que o livro pertence à pessoa que nelas tem o nome. Inventou-se para substituir a assinatura ou o carimbo, que sempre danificava e desvalorisava o volume, e é hoje um sinal de bom gosto e de arte. A quantos séculos remonta a sua invenção? Não se sabe. O que, porém, todos conhecem é que os antigos costumavam imprimir o seu nome, brazão, monograma ou qualquer distintivo particular, a oiro ou a fogo, no rosto das encadernações. Essas marcas eram os *Superlibris* que motivaram ao Sr. Conde de Castro e Sola uma curiosa monografia. Era porém um luxo dispendioso e da mesma maneira tornava o volume inhibido de passar de possuidor. O *ex-libris* veiu substitui-lo e tornou-se dentro em pouco uma linda e artística cousa. Há o *ex-libris* com brazão, o *ex-libris* eclesiástico, o *ex-libris* alegórico, o *ex-libris* com divisa, o *ex-libris* ornamental, de belos motivos, quasi sempre obra de um desenhador paciente, ou de um artista consumado. Na Alemanha parece que já no século XV se usava. Entre nós encontramos já desenvolvido o gosto no século XVIII. Sequeira desenhou um dos mais belos que o grande Bartolozzi gravou. Hoje essa pequenina obra prima é disputada a peso de oiro e ainda não há muitos anos no estrangeiro se vendeu a coleção do general Adolfo Loureiro, o nosso autor de *Os Portos Maritimos*, que alcançou uma soma importante.

Digitized by Google

O *Ex-libris* em Portugal e no Estrangeiro. *Ex-libris* raros e Preciosos. A profissão e o *Ex-libris*. Os *Ex-libris* do aguafortista Bavaro Willi Geiser.

Todas as bibliotecas de amadores possuem o seu *ex-libris* e hoje as senhoras são quem mais relevo dá às coleções com os seus, quasi sempre leves, artísticos, encantadores. E é que os há lindos, simbólicos, perfumados, preciosos, *ex-libris* que apenas olhados nos deixam margem a devaneios e sonhos sem fim. Quantas vezes o colecionador curioso contemplando um *ex-libris* que traz um nome feminino, a si proprio faz a inevitavel pergunta do célebre soneto de Arveres: *Quem seria esta mulher?* Entre nós há *ex-libris* raros e bonitos *ex-libris*. Teve-o Almeida Garret, teve-o, era inevitavel, o erudito Barbosa Machado, teve-o o dr. Manuel do Cenáculo, tiveram-no todas as grandes figuras das nossas letras. Hoje muita gente o tem e não é dos paizes que se ufana de ter menos e inferiores Portugal.

No extrangeiro há jornais que só se consagram ao *ex-libris* e sociedades que não fazem mais do que discutí-lo, colecioná-lo, propagandear o seu uso. E até um aguafortista bavaro Willi Geiger inventou o *ex-libris* tendo por motivo a profissão. Assim o *ex-libris* que convinha a um egiptólogo seria uma porção de múmias e inscrições e num banco sentado o possuidor atrapalhado para as decifrar; para um arquitéto o conveniente seria muitas plantas e êle com um compasso do seu tamanho abarbado em medições. Havia, numa pequena exposição que êle realizou em Hespanha *ex-libris* para todos os gostos e para todas as profissões.

Damos hoje a reprodução de alguns *ex-libris* franceses, holandeses, espanhóis, italianos e alemães, que são lindíssimos, pequenas maravilhas e delicadíssimas obras primas. (1)

(1) Da "Ilustração Portuguesa", pág. 256-257.

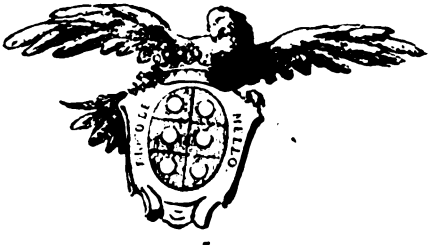
Digitized by Google

1

2

3

4

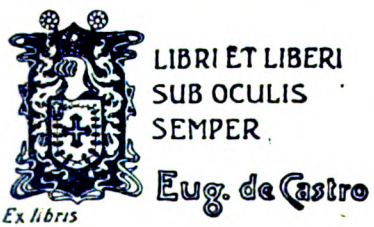


5

EX-LIBRIS PORTUGUESES:

1 — Venancio Deslande; 2 — Luiz Keil; **3 — Conde de Povolide**; 4 — Diogo de Melo; 5 — **Jeanne d'Almeida** Nogueira.

Digitized by Google



6

7

8

9

10

11

EX-LIBRIS PORTUGUESES:

6 — Eugenio de Castro; 7 — Cardoso Marta; 8 — Teofilo Braga; 9 — José de Queiroz; 10 — Dom José Pessanha; 11 — Tomáz de Melo Breyner.

Digitized by Google

COLEÇÃO DE EX-LIBRIS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Já publicamos os seguintes: 1) Alfredo Penteado Filho; 2) Amadeu Saraiva; 3) Americo Jacobina Lacombe; 4) Bibliotéca Municipal (de S. Paulo); 5) Clado Ribeiro de Lessa; 6) Estevam de Almeida; 7) Fernando Guedes Galvão; 8) Francisco Marques dos Santos; 9) Luiz de Toledo Lara; 10) Nelson Coelho de Senna; 11) Olyntho Sanmartin; 12) Oswaldo Rodrigues Dias; 13) Paulo de Mello Rezende; 14) Ricardo Gumbleton Daunt (o Iº); 15) Rubens Borba Alves de Morais; 16) Sebastião Pagano; 17) Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos; 18) Walter Spalding; 19) Artur de Vasconcelos Outiz; 20) Domingos Laurito; 21) Antonio Paim Vieira; 22) Eduardo Prado; 23) Alvaro de Lemos Torres; 24) Roberto Donati; 25) Salvador de Moya; 26) Francisco de Assis Carvalho Franco; 27) Acadêmia Riograndense de Letras; 28) Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro; 29) Instituto Histórico, de Ouro Preto; 30) Instituto Histórico do Rio Grande do Sul; 31) Instituto Osvaldo Cruz; 32) Ministério da Educação e Saude; 33) Abrahão de Carvalho; 34) Alfredo Pujol; 35) Antonio da Gama Rodrigues; 36) Belisario Penna; 37) Belmonte (Benedito Bastos Barreto); 38) Elvino Pocai; 39) Eurico de Góes; 40) Gastão Penalva; 41) Henrique Boiteux; 42) Hernani de Campos Seabra; 43) Inácio da Costa Ferreira; 44) João Maria Ferreira Sarmento Pimentel; 45) João Pedro Leão de Aquino; 46) Luiz Sergio Thomaz; 47) Mario Carneiro do Rêgo Melo; 48) Renato Kehl; 49) Ricardo Gumbleton Daunt (o neto); 50) Walter Spalding.

51) *Afonso de Carvalho,* brilhante oficial de Estado Maior do Exército Brasileiro, com o posto de Tenente-Coronel. Recentemente esteve em Portugal, representando o Brasil nas festas do Centenário; e na Alemanha, a convite do Govêrno Alemão, durante a atual guerra. Escritor, com várias obras publicadas. Jornalista, atual redator-chefe da "Nação Armada", a apreciadissima e vitoriosa revista especialisada. Desenho de Alberto Lima.

52) *Rodrigo Alfredo Smith de Vasconcellos,* nascido a 22 de Outubro de 1882, filho do 2.º Barão de Vasconcellos. Reside no Rio de Janeiro. O *ex-libris,* desenho de Nuno Lopo Smith de Vasconcellos, representa uma janela ogival gótica, por onde se contempla a beleza natural do Rio de Janeiro: baía da Guanabara, Pão de Açucar, etc.

53) *Roberto Cochrane Simonsen,* Engenheiro Civil pela Escola Politécnica de São Paulo. Membro dos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro; do Instituto de Engenharia de São Paulo; da American Society of Civil Engineers, de Nova York; da Royal Geographic Society, de Londres; da National Geographic Society, de Washington; do British Institute of Philosophy, de Londres; do Royal Automobile Club, de Londres; do Conselho Diretor da Sociedade Brasileira de Economia Política, do Rio de Janeiro; da Comissão Orientadora do Instituto de Organização Racional do Trabalho de São Paulo; do Conselho Consultivo do Instituto Brasileiro de Pesquisas Econômicas, do Rio de Janeiro; Vice-Presidente do Conselho Superior da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo; membro da Sociedade Numismática de São Paulo; da Sociedade Capistrano de Abreu, do Rio de Janeiro; da Acadêmia Portuguesa da História; da Mesa Administrativa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; do Automovel Clube, do Rio de Janeiro, Santos e São Paulo; do Jockey Club do Rio de Janeiro, Santos e São Paulo; da Sociedade Hípica Paulista. Membro da Acadêmia Paulista de Letras. É autor de várias obras sôbre economia e finanças. Em 1938, foi agraciado com a comenda da Ordem de Nassau e Orange, da Hollanda.

Digitized by Google

54) *Bibliotéca Militar* (Rio de Janeiro). Impresso em duas côres diferentes (preto e azul). Desenho de Luiz Gomes Loureiro, desenhista fotográfico do Ministério da Guerra, autor dos desenhos do "Armorial Brasileiro", publicado na "Revista da Semana", em colaboração com o Tenente Egon Prates Pinto.

55) *Instituto Genealógico Brasileiro.* Desenho e concepção do Dr. Inácio da Costa Ferreira. A árvore significa a Genealogia, e o Cruzeiro do Sul, representa o Brasil.

56) *Elzear Wangler.* O. F. M. (Ordem dos Frades Menores). Monge franciscano, no Rio de Janeiro.

57) *Alberto Carlos de Araujo Guimarães. Ex-libris* armoriado com os brazões dos Casados, Limas, Cavalcanti e Araujos. Escritor carioca. Autor de "A Côrte no Brasil".

58) *Mario Guastini* (Comendador). Nasceu em Juiz de Fóra, Minas Gerais, cerca de 1884. Exerce a atividade jornalistica desde 1905. Tem ocupado vários cargos de destaque, inclusivé o de consul do Perú, nesta capital. Publicou várias obras de muito valor literário, pertencendo a diversas sociedades de cultura e a quasi todas agremiações sociais de relevo desta capital. É diretor da Associação Paulista de Imprensa e tem o posto de capitão da segunda linha do Exército Nacional. Comendador das Ordens de Cristo e Santiago (Portugal); do Sol (do Perú); e de S. Silvestre (Vaticano).

59) *Carlos de Paula Couto.* Nasceu em Porto Alegre, funcionário federal e paleontologo de renome. O *ex-libris* é desenho e concepção do próprio.

60) *Bibliotéca Germânia* (do Rio de Janeiro).

61) *Vital Brasil Mineiro da Campanha,* nascido a 28 de Abril de 1865, na cidade de Campanha. Cursou humanidades em S. Paulo, de 1880 a 1885. Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Inspetor Sanitário em S. Paulo, tendo trabalhado em epidemias de febre amarela, variola e cólera, de 1892 a 1895. Em 1897 foi nomeado assistente do Instituto Bacteriológico, onde trabalhou sob a direção de Adolpho Lutz. Em 1899, ao fazer estudos sôbre a peste bubônica, em Santos, foi acometido pelo mal levantino. Encarregado do sôro anti-pestoso no Butantan, nesse mesmo ano, como assistente do Instituto Bacteriológico, organizou êsse serviço. Creado o Instituto Soroterápico do Estado de São Paulo, com séde no Butantan, o govêrno designou-o, em 1901, para o cargo de diretor. Dirigiu êsse estabelecimento de 1901 a 1919 e, numa segunda fase, de 1924 a 1927. No Instituto Bacteriológico e no de Butantan fez estudos sôbre o ofidismo e, tambem, neste último estabelecimento, em colaboração com J. Vellard, sobre venenos de aranhas, sapos, etc. Em 1919 fundou em Niterói um Instituto de Higiene, Soroterapia e Veterinária, estabelecimento a que vem dedicando toda a sua atividade, em colaboração de prestimosos auxiliares. É autor de inúmeros trabalhos e membro de diversas sociedades culturais e científicas do Brasil e do estrangeiro.

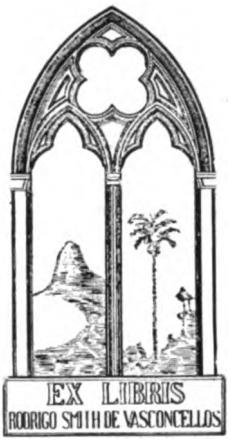
62) *Leopoldo Berger,* encadernador de luxo, com oficina à rua Vieira Fazenda n.º 62, no Rio de Janeiro. Desenho de Corrêa Dias.

63) *René Thiollier,* da Academia Paulista de Letras. Nasceu em 29-I-1884, em S. Paulo. Advogado, homem de letras e comendador da Ordem de Cristo, em Portugal. Autor de "Senhor Dom Torres", livro de contos; "O Homem da Galeria" (Ecos de uma época). Casado com D. Sylvia de Carvalho.

64) *Alberto Lima,* desenhista e bibliofilo, nasceu a 29 de Julho de 1898, na cidade do Rio de Janeiro. Funcionário do Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra, redator artístico da "Revista da Semana" e "Nação Armada". Filho de

Digitized by Google

51) Afonso de Carvalho



52) Rodrigo Alfredo Smith de Vasconcelos.

53) Roberto Simonsen.

54) Biblioteca Militar.

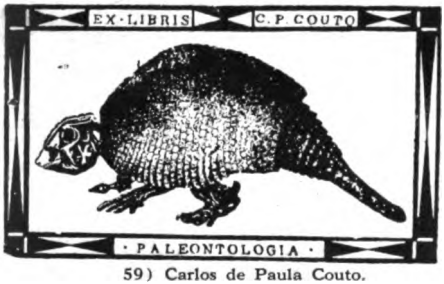
55) Instituto Genealógico Brasileiro.

Digitized by Google

56) Elzear Wangler

57) Alberto Carlos de Araujo Guimarães.

58) Comendador Mario Guastini.



59) Carlos de Paula Couto.

60) Biblioteca Germânia.

61) Vital Brasil.

62) Leopoldo Berger.

Digitized by Google

José d'Almeida Costa Lima e d. Anna Mendes Lima. É sócio da Associação Brasileira de Imprensa. Possue a Medalha de Prata comemorativa do Cincoentenário da Proclamação da República e Medalha Profissional e Escolar da Casa da Moeda do Rio de Janeiro. O *Ex-Libris* representa o autor desenhando um retrato de uma grande figura de nossa Pátria — *Santos Dumont* — que personifica a História, tendo ao fundo o mapa do Brasil, que representa a Geografia. Assinalada com uma estrela, a cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu e vive o autor. Completa o trabalho a frase em latim: "PRO BRASILIA OMNIA", ou seja, "Tudo pelo Brasil". Alberto Lima, além do seu, fez *Ex-Libris* de: Dr. Acyr Pinto da Luz, D. Aquino Corrêa, Ten.-Cel. Affonso de Carvalho, Dr. Carlos Sudá de Andrade e Ary Pavão.

65) *Alvaro Simões Corrêa.* Nasceu em 23-2-1880, no Rio de Janeiro. Médico. Casado com D. Lavinia M. Corrêa.

66) *Museu Nacional.*

67) *Convento de Santo Antonio* (do Rio de Janeiro).

68) *Guilherme de Almeida.* Poeta e jornalista. Filho do grande jurisconsulto e professor de direito, dr. Estevam de Araujo Almeida, nasceu em Campinas, Estado de S. Paulo, a 24 de julho de 1890. Fez seus primeiros estudos no Ginásio do Estado (antigo Culto À Ciência) dessa cidade, concluindo o curso ginasial em 1907 no Ginásio N. S. do Carmo, de S. Paulo. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1912. Data de 1917 seu primeiro livro "Nós" (33 sonetos). Dêsse ano em deante, passando a trabalhar na redação d'"O Estado de São Paulo", publicou trinta e tantos livros, dentre os quais: "A Dansa das Horas", "Messidor", "Livro de Horas de Soror Dolorosa", "Era Uma Vez", "A Flauta que Eu Perdi" (Canções Gregas), "A Flôr que Foi Um Homem" (Narciso), "Encantamento", "Meu", "Raça", "Simplicidade", "Você", "Carta a Minha Noiva", "Poemas Escolhidos", "Cartas Que Eu Não Mandei", "Poetas de França", "Acaso", etc. Em 1928 foi eleito para a vaga de seu pai, Estevam de Almeida, na Acadêmia Paulista de Letras. Em 6 de março de 1930, eleito para a vaga de Amadeu Amaral (cadeira "Gonçalves Dias", fundada por Olavo Bilac), na Acadêmia Brasileira de Letras. Foi secretario da Escola Normal "Padre Anchieta", da Capital e é hoje Chefe da Divisão de Expansão Cultural do Departamento Municipal de Cultura de S. Paulo. Foi presidente da Associação Paulista de Imprensa. *Títulos honorificos*: Membro da Acadêmia Brasileira de Letras, Membro da Acadêmia Paulista de Letras, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Membro do Instituto Genealógico Brasileiro, Membro do Seminário de Estudos Galegos, de Santiago de Compostela, Membro da Unión Cultural Universal, do Alcazar, de Sevilha; comendador da Ordem de Santiago da Espada, de Portugal, etc.

69) *Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.* Diplomata brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1794 e falecido em Paris, em 1874. Tendo apoiado, em 1823, o gabinete dos Andradas, foi, com estes, exilado para a França. De volta, em 1829, entrou para a carreira diplomática. Aposentou-se em 1862. O Conselheiro Drummond foi um incansavel pesquisador de documentos antigos relativos à nossa história. *Ex-Libris* com as armas dos Drummonds, Vasconcellos, Menezes e Ferreiras.

70) *Flaminio Favero.* Nascido em S. Paulo (capital), a 26 de outubro de 1895, filho de Francisco Favero e D. Catharina Favero (italianos, já falecidos). Doutor em medicina pela Faculdade de S. Paulo, em 28 de fevereiro de 1919. Professor catedrático de medicina legal, da mesma Faculdade, após concurso, por decreto de 20 de dezembro de 1923. Ex-vice diretor e ex-diretor da referida escola. Membro dos Conselhos Medico-Legal e Penitenciário do Estado. Presidente da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de S. Paulo. Colaborador e redator de várias revistas da especialidade, nacionais e estrangeiras, assim como sócio de diversas associações do país e de fóra, referentes à medicina legal e à criminologia. Publicou

Digitized by Google

inúmeros trabalhos, entre os quais, os seguintes livros: 1) Medicina Legal dos Acidentes do Trabalho e das Doenças Profissionais (em colaboração com Afranio Peixoto e Leonidio Ribeiro - Rio de Janeiro - 1926); 2) Noções de Deontologia Médica e Medicina Profissional (Rio de Janeiro - 1930); 3) Acidentes do Trabalho (em colaboração com Afranio Peixoto, Leonidio Ribeiro e Barros Barreto); 4) Medicina Legal (obra premiada pela Faculdade de Medicina e pela Sociedade de Medicina Legal - S. Paulo - 1938). *Ex-Libris de Flaminio Favero,* interpretação: Especialidade — Medicina legal. Sôbre o escudo estão as duas taboas do Decalogo, recebidas por Moyses no Monte Sinai. A primeira tem os quatro mandamentos que se referem a Deus, e a segunda, os seis restantes que dizem respeito aos homens. É a base de todas as leis dos povos civilisados e que o cristianismo manteve. Adeante das taboas veem-se a cobra e a pira, simbolisando a medicina, mas a medicina ainda ligada à farmácia. Na base da medicina, acha-se um crâneo, que lembra a anatomia, sem a qual a medicina legal nada pode fazer.

71) *Arquivo e Bibliotéca da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.* Desenho e concepção do prof. Francisco Bellanca, funcionário municipal de Porto Alegre e artista de renome. Representa o *Ex-Libris*: sôbre a planta da cidade (contornos), a árvore da ciência e do trabalho e, encostado a esta, um livro aberto, simbolisando o estudo. O rio Guaiba e as ilhas fronteiras completam a planta.

72) *Ezequiel Ubatuba.* Nascido no Estado do Rio Grande do Sul. Advogado e engenheiro. Jornalista, escritor, economista e financista. Suas obras de maior vulto são a campanha que fez durante largos anos em pról da indústria pastoril no território brasileiro e em pról de um acercamento máximo entre os povos americanos. Tem várias condecorações de paises estrangeiros. Membro de diversas sociedades científicas e culturais do Brasil e do estrangeiro. Autor de várias obras sôbre economia, finanças e navegação. Literariamente escreveu "Manuelita", "Contos ao Galpão", "Visão dos Pagos", "Tacurús", etc., etc.

73) Dr. *Leonam de Azeredo Penna,* brasileiro, agronomo-ecologista. Desenho expressivo de Carlos de Lacerda.

74) *Dom Aquino Corrêa,* Arcebispo de Cuiabá (Mato Grosso). Do Instituto Histórico e da Acadêmia Matogrossense de Letras. Nasceu a 2-IV-1885, em Cuiabá. (Ver biografia na "Revista Genealógica Brasileira", I, 51). Desenho de Alberto Lima.

75) *Baronesa de Vasconcellos* (2.ª). D. Eugenia Virginia Ferreira Felicio Smith de Vasconcellos. Nascida em 1854, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1929. Filha do 1.º Conde de S. Mamede, casada com o 2.º Barão de Vasconcellos. *Ex-Libris* com as armas dos Vasconcellos, Guimarães, Pereiras e Ferreiras. Gravador Junod, em 1913.

76) *Damião Ribeiro de Moura. Ex-Libris* desenhado por Wasth Rodrigues: uma mulher indigena trabalhando em cerâmica.

77) *Jackson de Figueiredo.* Escritor e filosofo brasileiro contemporâneo. Publicou: "Humilhados e Luminosos", "Pascal e a Inquietação Moderna", "A Reação do Bom Senso".

78) *Bibliotéca Pública de Porto Alegre.* Desenho e concepção do dr. Eduardo Guimarães (falecido), poeta e romancista de renome, que foi diretor da referida Bibliotéca.

79) *Cândido Luiz Maria de Oliveira.* Nasceu em 1845, em Minas Gerais. Representou esta provincia na Câmara dos Deputados, de 1878 a 1885. Posteriormente foi eleito senador. Fez parte de dois ministérios, dirigindo no primeiro a pasta dos Negócios da Guerra e, no outro, que foi o último do Império, a da Justiça. Figurou entre os deputados pelo govêrno provisorio da República. Foi-lhe dado o título de conselheiro do imperador. É falecido.

Digitized by Google

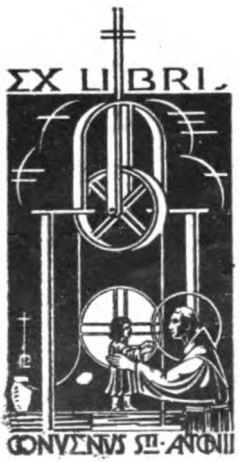
MCMXXVII

63) René Thiollier.

64) Alberto Lima.

65) Alvaro Simões Corrêa.

66) Museu Nacional.



67) Convento de Sto. Antonio.

68) Guilherme de Almeida.

Digitized by Google

69) **Antonio de Menezes Vasconcelos Drumond.**
† **1874**

70) Flaminio Favero.

71) **Arquivo e Biblioteca da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.**

72) Ezequiel Ubatuba.

73) Leonam de Azeredo Penna.

Digitized by Google

80) *José Heitgen,* alemão, residente no Rio de Janeiro. Filho de Wilhelm Heitgen e de Adelheid Agnes Heitgen, née Schmitz. Sócio benemérito do "Clube Militar da Reserva do Exército". Sócio benfeitor e remido do "Centro Paulista do Rio de Janeiro". Heraldista e escritor. Sócio do Instituto Genealógico Brasileiro e colaborador de nossa Revista, cujas iluminurias, com que iniciamos os nossos artigos, por êle foram desenhadas.

81) *Adolfo Corrêa Dias.* Nascido em Piracicaba, em 20 de julho de 1888. Diplomado em medicina. É clinico na cidade de São Paulo.

82) *Escola Politécnica.*

83) *Manoel Francisco Pinto Pereira.* Nasceu em 1889, em Silvestre Ferraz. Minas Gerais. Advogado e livre-docente da Faculdade de Direito.

84) *Dr. Carlos Sudá de Andrade.* Nasceu em São Pedro de Ibiapina (Ceará). Médico, radiologista da Policlinica Militar e Cruz Vermelha Brasileira. Desenho de Alberto Lima.

85) *Dr. Acir Pinto da Luz,* natural de Florianopolis (Santa Catarina). Engenheiro eletricista no Rio de Janeiro. Desenho de Alberto Lima. *Ex-Libris* de 4 tamanhos.

SEÇÃO DE TROCA DE EX-LIBRIS

Inauguramos no número dois uma seção de troca de *Ex-Libris.* Os colecionadores que nos enviarem seus *Ex-Libris* pessoais (ou duplicatas), terão direito a obter, por nosso intermédio, os *Ex-Libris* que lhes faltem.

I — São colecionadores de *Ex-Libris*:

Alberto Lima, Alfredo Penteado Filho, Americo Jacobina Lacombe, Antonio Simões dos Reis, Arnaldo Nunes, Artur de Vasconcellos, Bibliotéca Nacional (Rio de Janeiro), Clado Ribeiro de Lessa, Damião Ribeiro de Moura, Domingos Laurito, Flaminio Favero, Francisco de Assis Carvalho Franco, Francisco Marques dos Santos, Gastão Penalva, Henri de Lanteuil, Inácio da Costa Ferreira, Instituto Genealógico Brasileiro, José Bueno de Aliveira Azevedo Filho, José Heitgen, Luiz Felipe de Castilhos Goycochéa, Nelson Coelho de Senna, Nuno Lopo Smith de Vasconcellos, Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha, Orlando Guerreiro de Castro, Paulo José Pires Brandão, Salvador de Moya, Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos e Walter Spalding.

II — Duplicatas: Já temos em depósito, para trocar, *Ex-Libris* de quasi toda a coleção publicada pelo Instituto.

III — Desejam, por nosso intermédio, obter *Ex-Libris* dos Senhores: (pedimos remeter à redação, que dará destino).

Almaquio Dinis, Barão do Rio Branco, Honório Silvestre, Paulo T. Barreto, Sebastião Pagano, Tasso da Silveira, Altino Arantes, Eduardo Prado, Mario da Silva Brito, Cleomenes Campos, Pe. Lindolfo Esteves, prof. dr. Arnaldo Amado Ferreira, Rolando de Carvalho, Hermes da Fonseca Filho, Elmano Lage, Julio Zamitti, Protásio Coelho de Moura, Lêda Rios.

IV — Coleções. Aqui publicaremos o que compõem cada coleção individual (dos colecionadores). Já publicamos: 1) Coleção de Salvador de Moya; 2) Coleção do Dr. Vasco Smith de Vasconcelos.

Digitized by Google

3) COLEÇÃO DE *EX-LIBRIS* DO DR. CLADO RIBEIRO DE LESSA:

Abreviaturas:

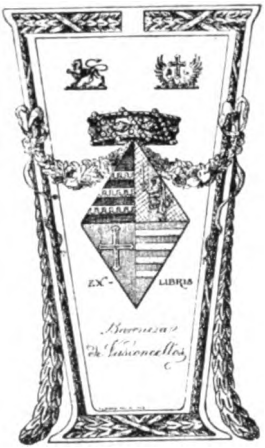
B. N. — Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro
Car. — Carimbo
Col. — Coleção
et. — etiqueta simples.

Os algarismos em seguida aos nomes indicam o número de variantes de desenho, côr e formato dos respectivos ex-libris *existentes na coleção.*

Abreu Fialho, Maria José de - Almeida, Estevam de - Almeida, José Joaquim de - Alvarus (Alvaro Cotrim), 2 - Alves, Constâncio, 3 - Amaral, José Maria do (et.) - Arantes, Altino, 2 - Arêas, Coleção ... da Bibl. Nac. (et.) - Argentina, Col. ... da Bibl. Nac. (et.) - Arquivo Público e Bibliotéca Universitária do Estado do Rio de Janeiro - Arrojado Lisboa, Miguel - Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro - Associação Grêmio Literário (et.) - Azeredo Pena, Leonam de (2) - Azevedo Castro, Col. ... da B. N. (ets.), 2 - Barboza Machado, Diogo, 3 - Barca, Conde da, 2 - Barros Penteado Filho, Alfredo de - Batalhão Naval (Car.) - Benedito Ottoni, Col. ... da B. N. (ets.), 2 - Berger, Leopoldo - Bibliotéca Fluminense (et.) - Bibliotéca Fluminense, Col. ... da B. N. (ets.), 2 - Bibliotéca da Marinha, 2 (ets.) - Bibliotéca Militar - Bibliotéca Municipal do Rio de Janeiro (Car.) - Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro, 9 - Bibliotéca Pública do Estado do Rio de Janeiro - Bibliotéca dos Sargentos do Regimento de Fuzileiros Navais (Car.) - Bittencourt, Gastão - Boiteux, Henrique - Borba, Firmino - Borba Alves de Moraes, Rubens - Calmon du Pin e Almeida, Miguel - Camargo, Cristovão de - Carvalho, Abraão - Carvalho, Alfredo de, 2 - Carvalho, Elisio de, 2 - Carvalho Franco, Francisco de Assis, 2 - Castilhos Goycochéa, Luis Fillippe de - Cavalcanti de Lacerda, Felix de Barros, 2 - Coelho Netto, Col. ... da B. N. (et.) - Coelho de Senna, Nelson - Columbia (Revista), 2 - Convento de Santo Antonio - Corrêa, D. Aquino - Costa Ferreira, Inácio da - Cruz, Salomão - Cunha, Conde da - Diniz, Almachio, 2 - Escola Central, Bibliotéca da - Escola Politécnica (et.) - Escola Secundária Técnica Visconde de Cairú - Federação Espírita Brasileira (et.) - Fernandes Figueira, Dr. Antonio - Ferreira da Costa, Col. ... da B. N. (et.) - Furtado, Alcibiades - Gonçalves Cruz, Dr. Osvaldo - Gurgel do Amaral, Silvino - Heitgen, José, 3 - Iguassú, Conde de (et.) - Instituto Histórico de Ouro Preto, 3 - Instituto Osvaldo Cruz - Jacobina Lacombe, Américo, 3 - João Augusto Marques, Col. ... da B. N. (et.) - Lanteuil, Henri de - Leão de Aquino, Dr. João Pedro - Leite, Solidonio - Lima Costa, Tte. - Coronel Canrobert de, - Magalhães Corrêa, Armando - Malba Tahan (Julio Cezar de Mello e Souza), 2 - Mapotéca do Ministério das Relações Exteriores, 2 - Marques dos Santos, Francisco, 5 - Martins, Galeno - Mendonça, Salvador de - Ministério da Educação e Saúde - Motta, Joel da - Moya, Salvador de - Museu Imperial, 2 - Museu Nacional do Rio de Janeiro - Museu Paulista - Nabuco de Araujo, Joaquim Aurelio - Nogueira da Silva, Manoel - Nunes, Arnaldo - Oliveira, Conselheiro Cândido Luiz Maria de - Oliveira e Cunha, Oldemar Alvernaz de - Ourem, Barão e Visconde - Penalva, Gastão - Perestrello de A. d'Orey, Luiz - Pinto, Dr. Cesar - Pinto da Luz, Acir ,4 - Pinto Monteiro, Arnaldo - Pires, Homero, 2 - Pires Brandão, Paulo José, 2 - Prado, Eduardo, 2 - Pujol, Alfredo - Ramos Paz, Col. ..... da B. N. (Car.) - Real Gabinete Português de Leitura (et.) - Real Sociedade Clube Ginástico Português (ets.), 2 - Ribeiro de Lessa, Clado, 8 - Ribeiro de Moura, Damião - Santos de Saldanha da Gama, José dos, 2 - Secretaria de Estado das Relações Exteriores (Car.) - Silva Araujo, Julio Eduardo da (et.) - Simões Corrêa, Dr. Francisco, 2 - Simões dos Reis, Francisco, 2 - Smith de Vasconcellos, Guiomar, 2 - Idem, Sobrinha, 1; Smith de Vasconcellos, Luela, 3 - Smith de Vasconcellos, Nuno 5 - Smith de Vasconcelos, Rodrigo - Smith de Vasconcellos, Vasco - Sociedade Literária Bibliotéca do Col. Militar (Car.)

Digitized by Google

74) Dom Aquino Correa.



75) Baronesa de Vasconcelos.

76) Damião Ribeiro de Moura.

77) Jackson de Figueiredo.

78) Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

79) Cândido Luiz Maria de Oliveira.

Digitized by Google

80) José Heitgen.

Ex-libris

81) Adolfo Correa Dias.

Nº .....

82) Escola Politécnica.

83) Manoel Francisco Pinto Pereira.

84) Carlos Sudá de Andrade.

85) Acir Pinto da Luz.

Digitized by Google

Souza Leão, Joaquim de - Spalding, Walter, 2 - Sylvestre, Honório - Tavares, Dr. Pedro (ets.), 2 - Tereza Cristina, Col ..... da B. N. (et.) - Toledo Lara, Luiz de - Travassos, Lauro, 2 - Universidade do Rio de Janeiro, 2 - Varnhagen, Bibliotéca ... (et.) - Vasconcellos, Barão de, 2 - Vasconcellos, Baronesa de, 2 - Vasconcellos Basto Cordeiro, Francisca de, 2 - Veiga Lima, Carlos da - Visconde de Taunay, Col. ... da B. N. (et.) - Wangler, Elzear (Car.) - Xavier da Silveira, Ricardo.

SUPLEMENTO: Acadêmia Riograndense de Letras - Arq. e Bib. da Prefeitura Municipal de Porto Alegre - Backeuser, Everardo (et.) - Bibliotéca Militar, 2 - Bibliotéca Municipal de Petrópolis (Car.) - Bibliotéca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, 2 - Boiteux, Lucas Alexandre - Carvalho, Afonso de - Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste do Brasil -Couto, C. F. - Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo - Gumbleton Daunt, Dr. Ricardo - Instituto de Educação da Universidade de S. Paulo - Kehl, Dr. Renato - Laurito, Dr. Domingos - Lima, Alberto, 3 - Rubens, Carlos - Sanmartin, Olinto - Simonsen, Roberto - Sudá de Andrade, Carlos, 2 - Universidade de São Paulo - Vergueiro Cezar, Abelardo.

V — Dados biográficos — Além dos pedidos no semestre anterior, desejamos dados biográficos das seguintes pessoas:

Arnaldo Amado Ferreira, Pe. Lindolfo Esteves, Garcia Saraiva, Cardillo Filho, Nogueira de Carvalho, Onestaldo Pennafort, Silva Lobato e Simões Corrêa.

VI — Artistas (idealisadores de *Ex-Libris* ou desenhistas)
À lista publicada no semestre anterior, acrescentamos:

17) *Alberto Lima*, desenhou *Ex-Libris* de: Acir Pinto da Luz, Afonso de Carvalho, Alberto Lima, Dom Aquino Corrêa, Ari Pavão e Carlos Sudá de Andrade.
18) *Luiz Gomes Loureiro*, desenhou da Bibliotéca Militar.
19) *Eduardo Guimarães*, desenhou da Bibliotéca Pública de Porto Alegre.
20) *José Heitgen*, desenhou o seu *Ex-Libris*.

Peguntas e Respostas

PERGUNTAS:

35) Dr. Francisco de Queiroz Coutinho Matoso da Camara, nascido em S. Paulo de Loanda, a 28 de agosto de 1814, irmão do Senador Eusebio de Queiroz, quando e onde faleceu? Interessa sua biografia, depois de julho de 1844.

36) Que podem informar sobre o dr. Antonio Bernardo de Passos, presidente do Rio Grande do Norte de outubro de 1853 a 1.º de abril de 1857? Respostas, por obsequio, para a rua da Conceição, 566, Natal (Rio Grande do Norte) ao

Dr. Luiz da Camara Cascudo.

37) Deseja-se saber a origem da família Leite, da Paraíba do Norte. Sabe-se que "Pedro Leite Ferreira era casado com Isabel Gomes de Almeida. Ambos eram descendentes de bandeirantes paulistas e baianos. Chegaram à ribeira do Piancó em 1755, e à direita do rio Genipapo, no local chamado Tapera, fixaram residência, entregando-se à criação e à agricultura."

Conego Florentino Barbosa.

38) Silva Leme em vol. III, pag. 42, Título Prados, da Genealogia Paulistana, cita o *Capitão Francisco Xavier de Azambuja*, que veio para o sul, aqui casando e dando geração. Diz ser o mesmo filho de *Manoel de Azambuja*, natural do Rio de Janeiro, filho de outro de igual nome e de sua mulher N., etc.

Nos assentamentos eclesiásticos dos livros de Viamão, consta ser *Manoel de Azambuja*, natural de Ribatéjo, na vila de Azambuja, Portugal. Deseja-se saber o nome dos avôs paternos do capitão *Francisco Xavier de Azambuja*.

Jorge Godofredo Felizardo.

Digitized by Google

39) Quais os filhos do casal Gonçalo Gonçalves Peixoto, abade de Tolões, e de D. Ursula Pires, além de Vasco Gonçalves Peixoto, casado com D. Guiomar Anes?

40) Qual o gráu de parentesco existente entre Inês Pires, progenitora do Conde de Barcelos, 1.º Duque de Bragança e a citada Ursula Pires?

41) Qual a relação que existe entre Gonçalo Pires (Bandeira), escudeiro da Casa Real, de D. João II, em 1483, e Ursula e Inês citadas?

42) Quais os ascendentes de Gonçalo Pires (Bandeira), acima mencionado?

Octacilio Grafulha (do Rio G. do Sul).

43) Deseo conocer el origen y armas de estos apellidos venidos al Ecuador: ***Matheus*** — o Mateus; ***Febres; Destruges;*** y ***Barboteau.***

Pedro Robles y Chambers (do Ecuador).

44) Qual a melhor fonte sobre a familia ***Albuquerque,*** tronco Jeronimo Albuquerque — india Arco Verde, o ramo que ficou radicado no Maranhão?

45) Existe alguma obra sobre o Marquês de Pombal, tambem descendente da india Arco-Verde?

Luiz Ramiro de Almeida Costa.

RESPOSTAS:

À pergunta 31. — Do Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Porto Alegre, extraimos os seguintes dados do assentamento feito no livro 6.º de batismos da paroquia de N. S. Madre de Deus, pág. 160: Ana — nasc. a 8-10, bat. a 14-11-11823, filha de Manoel Faustino Martins, nat. de Portugal e de d. Emerenciana Antonia de Azevedo, *nat.* do Rio de Janeiro; neta pat. de Custodio José Martins e de d. Ana Maria, *nats. de* Chandemonte, bisp. de Vizeu; neta mat. de avós incognitos.

Assim verifica-se que d. Emerenciana Antonia de Azevedo era natural do Rio de Janeiro e filha de pais incognitos.

D. Jesuina de Sales, filha dos Barões de Irapuá, foi casada com Irineu Evangelista de Souza, filho dos Viscondes de Mauá.

À pergunta 32. — E' a seguinte a ascendência de d. Cecilia Rodrigues da Silva:

1) José Rodrigues da Silva, foi casado com d. Izabel Antunes Quaresma; houve:

2) Antônio Rodrigues Sardinha, capitão, nat. do Rio de Janeiro, foi casado com d. Joana Rodrigues, nat. das ilhas Canarias; houve:

3) Barbara Izabel de Sta. Rosa, nat. de Rio Grande, foi casada com Bernardo José Ferreira, nat. de Portugal, filho de Manoel Saraiva Tavares e de d. Maria do Amaral; houve:

4) Ana Bernarda do Amaral, nat. de Viamão, foi casada com Bartholomeu Rodrigues da Silva, nat. da Colonia do Sacramento, filho de João Rodrigues da Silva e de d. Antônia dos Santos Pereira; houve:

5) Cecilia Rodrigues da Silva, nat. de Rio Grande, casou com o comendador Boaventura Rodrigues Barcelos, nat. de Viamão, filho de Antonio Rodrigues Barcelos e de d. Rosa Perpetua de Jesus, nat. dos Açores. Do casal houve, q. d. 6 filhos: Boaventura da Silva Barcelos, Dr. Israel Rodrigues Barcelos (bisavô do autor desta informação), Bartolomeu Rodrigues Barcelos, Simeana da Silva Barcelos, Maria Amalia Rodrigues Barcelos e Clara Rodrigues Barcelos.

(Vêr *Anais do Congresso Sul-Riograndense de História,* 3.º vol., pág. 1931).

À pergunta 33: A ascendência do Barão de Correntes é a seguinte:

1) João Inácio Gomes foi casado com d. Jacinta Bernarda, nats. dos Açôres; houve:

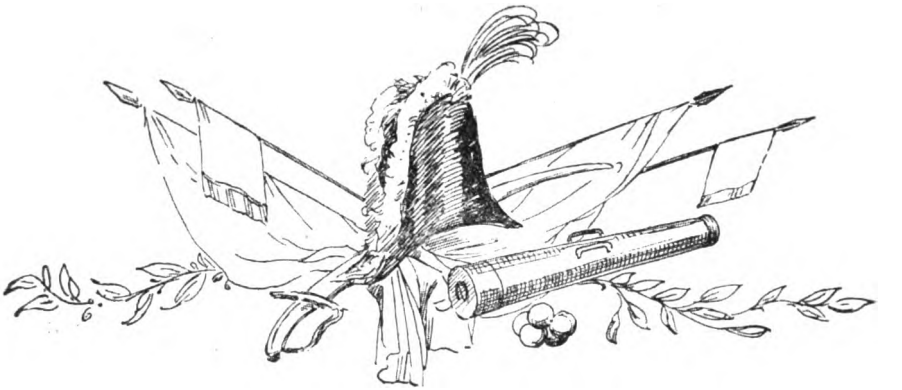
2) Manoel Inácio Gomes nat. de Rio Grande foi casado com d. Teresa da Silva, filha de João Rodrigues da Silva e de d. Antônia dos Santos Pereira. Houve:

3) José Inácio da Cunha, foi casado com d. Zeferina Gonçalves, filha de Felisberto Gonçalves Leal e de d. Ana Maria de Jesús; houve:

4) Felisberto Inácio da Cunha, Barão de Correntes.

Jorge Godofredo Felizardo.

Digitized by Google



INTITUTO DE ESTUDOS GENEALÓGICOS DO RIO GRANDE DO SUL

Por termos recebido depois de paginada a Revista, e não querendo deixar de dar a noticia, publicamos neste lugar a adesão do Instituto de Estudos Genealógicos do Rio Grande do Sul, fundado há cerca de 10 anos, ao Instituto Genealógico Brasileiro. Transcrevemos a seguir o oficio de 3 de agosto:

"De ordem do sr. Presidente do Instituto de Estudos Genealógicos do Rio Grande do Sul, tenho o prazer de acusar recebido seu oficio de 23 de junho último, em que é tratada a filiação cultural deste Instituto, ao Instituto Genealógico Brasileiro, com séde em S. Paulo, de que é muito digno Diretor Geral. Consoante a proposição e esclarecimentos de V. Excia., resolveu este Instituto aceitar a proposição feita de manter a filiação cultural, afim de ficar este Estado, com uma parte na Revista Genealógica Brasileira.

Nesse sentido estamos envidando esforços para que nossos associados se inscrevam como correspondentes do Intituto daí, procurando assim melhor coordenar os esforços isolados dos cultores da genealogia pátria.

Na certeza de inaugurarmos uma era da mais estreita colaboração cultural, no vasto campo da genealogia brasileira, subscrevo-me muito cordealmente, apresentando a V. Excia. e demais membros do Instituto Genealógico Brasileiro, as nossas expressivas saudações.

(assinado) *Jorge Godofredo Felizardo,* secretario geral."

NOVA SÉDE

Devido a maior comodidade, o Instituto Genealógico Brasileiro voltou a funcionar em sua antiga sede, à rua Barão de Itapetininga, 120 (4.º andar), sala 416 (predio Guatapará). Os nossos consocios poderão se utilizar da Biblioteca das 13 às 16 horas. Agradecemos à Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo que, graciosamente, durante uns mezes, nos cedeu o seu salão para uma reunião mensal.

Digitized by Google

Chicago, July 8, 1941.

With grateful appreciation The Institue of American Genealogy acknowledges the receipt of a copy of:

Annuario Genealogico Brasileiro
From Ten. Cel. Salvador de Moya.

The lineages in this work will be indexed and will become a part of the master lineage indexes of The National Clearing House for Genealogical Information, which are in course of publication alphabetically in The Magazine of American Genealogy.

In this manner, and as a part of The Institute's circulating library, your contribution will be made widely known to those interested in genealogy, which frequently results in mutual benefit.

Sincerely,
The Institute of American Genealogy.

Thank you also for the copy of:

Revista Genealogica Brasileira (1941, N.º 3).

TRADUÇÃO:

Chicago, 8 de julho de 1941.

E' com grande satisfação que o Instituto de Genealogia Americano acusa o recebimento de um exemplar do "Anuario Genealógico Brasileiro" do tenente-coronel Salvador de Moya.

As linhagens desse trabalho serão fichadas em indices e irão fazer parte do indice geral de linhagem do National Clearing House (Casa Nacional de Esclarecimentos) de Informações Genealógicas, o qual está em vias de ser publicado por ordem alfabética na Revista de Genealogia Americana.

Dessa forma, e como parte da bibliotéca circulante do Instituto, a contribuição de V. S. será largamente difundida entre os interessados em genealogia, do que frequentemente resulta beneficio mutuo.

Com estima e consideração,

The Institute of American Genealogy.

Agradecemos tambem o exemplar da "Revista Genealógica Brasileira", 1941, n.º 3.

Digitized by Google

ÍNDICE DOS APELIDOS TRATADOS

Alessandro, I, 34.
Alves de Lima, I, 231.
Antunes Cardia, II, 105.
Araujo Melo, II, 51.
Araujo Pereira, I, 133.
Assis Brasil, I, 445.
Assumpção, II, 413.
Ave-Lallemant, II, 455.
Azambuja, II, 181.
Azevedo, I, 329; II, 115.
Azevedo Maia, I, 134.
Azevedo Marques, II, 433.
Barcelos Machado, I, 241.
Barbosa de Oliveira, II, 39.
Bastos, II, 150.
Batista, I, 134.
Baumann, I, 421.
Bellos, II, 403.
Bezerra de Medeiros, I, 135.
Borges Fortes, II, 417 e 427.
Bragança, I, 435; II, 26, 175 e 317.
Bulcão, I, 349; II, 201.
Caiado, II, 142.
Camargo, I, 85.
Campos, II, 225.
Campos Salles, II, 3.
Carrilhos, II, 47.
Carvalho, I, 488.
Castro Lima, I, 53.
Catta-Preta, I, 77.
Correa de Sá, I, 461; II, 365.
Costa, II, 31.
Costa Aguiar, I, 289.
Costa Valente, II, 51.
Couto e Sousa, II, 75.
Dantas, I, 379.
Dantas Correa, I, 135.
Daunt, I, 470.
Diederichsen, II, 467.
Ebner, II, 43.
Faria, I, 77.
Fernandes Pimenta, I, 136.
Ferreira de Brito, II, 327.
Forster, I, 91.
Gama d'Eça, I, 451.
Gomes Candido, II, 133.
Gonzaga, I, 109.
Leite, II, 327.
Leite do Canto, I, 324.
Leme Barbosa, I, 38.
Lindenberg, I, 21 e 277.
Lopes Galvão, I, 136; II, 303.
Lorena e Silveira, I, 9, 265 e 431; II, 83.
Martins Franco, II, 153.
Matos, I, 253.
Medeiros, I, 137; II, 202.
Mendes-Fonseca, II, 327.
Mendonça, II, 139.
Moniz Barreto, I, 420.
Montes, II, 297.
Morais Barros, II, 247.
Nioac, II, 453.
Orleans, I, 5; II, 26 e 175.
Ornelas, I, 37; II, 452.
Paes, II, 111.
Paiva e Silva, I, 131.
Pires de Camargo, I, 249.
Pires de Carvalho e Albuquerque, II, 55.
Pompêo de Camargo, I, 493.
Pujol, I, 192 e 319.
Pupo, I, 317.
Rheingantz, II, 261.
Ribeiro Dantas, I, 439.
Rodrigues da Costa, II, 31.
Rodrigues da Cunha, I, 83.
Rodrigues Mendes, I, 441.
Silveira, II, 36.
Siqueira, I, 30.
Sousa Campos, I, 305.
Spalding, II, 417.
Toledo Martins, I, 299; II, 102.
Thurn und Taxis, I, 459.
Vaz de Carvalho, I, 245.
Whitaker, I, 289.

COLABORADORES

SENHORAS:

Condessa de Serra Negra, Exma. Snra., I, 459.
Heloisa de Assumpção, Exma. Snrta. Dra., II, 413.
Jeni Prado Dias, Exma. Snra., II, 51.
Maria Luiza Franco da Rocha, Exma. Snra., I, 265.
Marieugenia Catta-Pretta de Faria, Exma. Snrta., I, 77.

SENHORES:

Afonso José de Carvalho, Desembargador, I, 249.
Alberto Frederico de Morais Lamego, dr., I, 241; II, 75.
Alfredo Diaz de Molina, dr., I, 461.
Amilcar Salgado dos Santos, Major, I, 91 e 421; II, 327.
Americo Jacobina Lacombe, dr., II, 39.
Amir Borges Fortes, Cap. dr., II, 427.
Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho, dr., I, 349.
Antonio da Gama Rodrigues, dr., I, 53 e 329; II, 115.
Armando Dias de Azevedo, dr., I, 449; II, 175.
Artur Martins Franco, dr., II, 153.
Artur Pequerobi de Aguiar Whitaker, dr., I, 295.

Digitized by Google

Ari Florenzano, prof., I, 131.
Aureliano Leite, dr., II, 247.
Benedito Pires de Almeida, II, 105 e 111.
Bernardino Bortolotti, Frei, II, 169.
Carlos Borromeu Ebner, Padre, II, 43.
Carlos Fouquet, dr., I, 21 e 277; II, 455.
Carlos Grandmasson Rheingantz, II, 261.
Carlos da Silveira, dr., I, 31, 95, 104 e 253.
Celso Martins Schröder, I, 194; II, 181.
Domingos Laurito, Comendador, dr., I, 51.
Edmur de Aguiar Whitaker, dr., I, 289.
Eugenio de Andréa da Cunha e Freitas, I, 465.
Francisco Alberto Veiga de Castro, dr., I, 85, 176, 302; II, 387.
Francisco de Assis Carvalho Franco, dr., I, 9, 245; II, 83 e 365.
Gelmires Reis, II, 405.
Genival Candido da Silva, I, 231.
Guilherme Martinez Auler, dr., I, 435; II, 317.
Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira, I, 30.
H. Petersen, II, 467.
Helio Fernandes Ferreira Viana, dr., I, 49 e 98.
Henrique Boiteux, Almirante, I, 451; II, 411.
Henrique Henriques de Noronha, I, 164.
Hildebrando de Araujo Pontes, dr., I, 83.
Horacio de Carvalho Toledo Martins, I, 299 e II, 102.
Horacio Rodrigues da Costa, II, 31.
Inácio da Costa Ferreira, dr., I, 87 e 214.
João Borges Fortes, General dr., I, 441.
João da Costa Pinto Dantas Junior, dr., I, 151 e 379; II, 337.
João Dornas Filho, dr., II, 137.
João Francisco de Oliveira Godoi, Desembargador, I, 99 e 423; II, 139.
João Gabriel de Sant'Anna, Prof., I, 192 e 319.
João Jacques Ribeiro do Valle, I, 324.
Jorge Godofredo Felizardo, dr., I, 35 e 445.
José Augusto Bezerra de Medeiros, dr., I, 133; II, 303.
José Carlos de Aguirre, Bispo (Dom), I, 153.
José Ferreira de Mello Nogueira, dr., I, 27.
José Heitgen, I, 202.
José de Lima Carneiro da Silva, Coronel, II, 361.
José de Macedo Dantas, I, 126.
José Maria Lemercier, Conego, II, 285.
José de Mesquita, Desembargador, I, 96 e 429.
José Nogueira Novais, I, 168 e 317; II, 401.
José Paulista do Couto Aranha, I, 260.
Julio de Vasconcelos Teixeira da Motta, I, 127.
Luiz da Camara Cascudo, I, 170, 219 e 439; II, 47.
Luiz Porto Moretzsohn de Castro, Desembargador, I, 104.
Marcelo Figueira Netto, I, 179.
Marcelo de Toledo Piza, dr., I, 141.
Mario Aloysio Cardoso de Miranda, dr., I, 215.
Mario Torres, dr., I, 420.
Maximo Cruz de Azevedo Marques, II, 433.
Otaviano Moniz Barreto, dr., I, 139.
Olimpio Gonzaga, Prof., I, 109.
Oton Costa, dr., I, 213 e 229.
Pascal Bandeira Moreira, II, 331.
Paulo Emilio d'Alessandro, dr., I, 34.
Pedro Robles y Chambres, II, 452.
Raimundo Girão, dr., II, 297.
Raimundo Trindade, Cônego, II, 133 e 403.
Ricardo Gumbleton Daunt, dr., I, 5 e 470.
Roberto Thut, I, 19; II, 93.
Rodrigo Rodrigues, II, 185.
Salomão de Vasconcelos, dr., I, 431.
Salvador de Moya, Tenente-Coronel, I, 186 e 475; II, 207 e 381.
Severino de Novais e Silva, dr., I, 454.
Silvio de Campos Filho, dr., II, 225.
Teodoro de Sousa Campos Junior, dr., I, 147, 305 e 495; II, 3.
Vasco Smith de Vasconcelos, dr., II, 26 e 244.
Vitor de Azevedo Pinheiro, I, 106.
Walter Spalding, prof., II, 417.

ÍNDICE DAS REFERÊNCIAS

SENHORAS:

Alice Bandeira Duarte, Exma. Snra., II, 360.
Amelia de Rezende Martins, Exma. Snra., I, 263.
Berta G. Salgado, Exma. Snra., II, 316.
Clara Calmon da Costa Pinto, Exma. Snra., I, 95, 328 e 348.
Heloisa de Assumpção, Exma. Snrta. Dra., I, 248.
Lizeta Oswaldo Cruz Vidal, Exma. Snra., II, 74.

Digitized by Google

Maria Elisa de Lacerda Valente Moniz de Aragão, Exma. Snra., I, 191.
Maria Torres de Carvalho Barreto, Exma. Snra., II, 466.
Sílvia de Sousa Prates, Exma. Snra., I, 230; II, 302.

SENHORES:

Abilio Velho Barreto, I, 263, 348; II, 42.
Adalberto Sobral, Dom (Bispo), II, 173.
Adauto Camara, II, 222.
Adolfo Konder, II, 222.
Adolfo Pereira Dourado, Major, I, 49; II, 363.
Adir Guimarães, Major, I, 316.
Afonso Costa, II, 363.
Afonso d'Escragnole Taunay, dr., I, 348.
Afonso Rui de Sousa, dr. I, 263; II, 179.
Agnelo Airton Fleuri Curado, dr. II, 42.
Alfredo Diaz de Molina, II, 179.
Alfredo Freire, II, 363.
Alfredo Penteado Filho, I, 4.
Alvaro Augusto Lopes, I, 29 e 378; II, 184 e 363.
Américo Jacobina Lacombe, dr., I, 328, 348 e 453.
Amilcar Montenegro Osorio, II, 506.
Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho, dr., I, 263; II, 25, 132 e 330.
Antonio Carlos Simoens da Silva, I, 453.
Antonio Fernandes, Revmo. Pe., S. J., II, 360.
Antonio Ferreira de Moraes, II, 101.
Antonio da Gama Rodrigues, dr., I, 316; II, 49 e 101.
Antonio Rangel de Torres Bandeira, dr., I, 316.
Arí Florenzano, Prof., I, 301; II, 49 e 179.
Arí Peixoto Martins, II, 152.
Arlindo Luz Ferreira, II, 330.
Armando Dias de Azevedo, dr., I, 348; II, 404.
Arnaldo Vicente de Carvalho, I, 263.
Artur Vieira de Rezende Silva, I, 301.
Augusto Alvaro da Silva, Dom (Arcebispo), II, 363.
Augusto Lins e Silva, Prof. Dr., II, 136.
Airton Lobo, Coronel, II, 363.
Baptista Lusardo, dr., II, 319.
Benedito Pires de Almeida, I, 453; II, 136.
Cantidio de Camargo, II, 136.
Carlos Augusto Bertini Frassoni, Conde, I, 210.
Carlos Drummond de Andrade, dr., II, 179.
Carlos Grandmasson Rheingantz, dr., II, 132 e 180.
Carlos Rodrigues Nogueira, II, 353.
Carlos da Silveira, dr., I, 95 e 240; II, 101.
Carlos Stellfeld, Prof., I, 486; II, 319.
Celestino de Barros Moraes, Dom, II, 173.
Celso Ferraz de Camargo, I, 420 e 453.
Celso Martins Schröder, I, 95 e 499; II, 221 e 330.
Clado Ribeiro de Lessa, II, 101.
Deoclecio De Paranhos Antunes, II, 180.
Dicesar Plaisant, II, 104.
Domingos Laurito, Comendador dr., I, 316.
Edelwis Teixeira, dr., II, 221.
Elisiario de Camargo Branco, 1.º Tte. dr., I, 318.
Ernesto Horacio da Cruz, II, 180.
Felix Guisard Filho, dr., I, 95.
Flaminio Favero, dr., II, 316.
Francisco Alberto Veiga de Castro, dr., I, 453; II, 138.
Francisco de Assis Carvalho Franco, dr., I, 95 e 474.
Francisco de Campos Abreu, I, 167.
Francisco de Campos Barreto, Dom (Bispo), II, 173.
Francisco da Conceição Menezes, dr., II, 136
Francisco Flores da Cunha, Coronel, I, 328 e 440; II, 221.
Francisco de Paula Vicente de Azevedo, dr., I, 248.
Francisco Tavares da Cunha e Melo, dr., I, 248.
Gastão Penalva, I, 103 e 405.
Gelmires Reis, II, 79 e 132.
Genival Candido da Silva, I, 140 e 453; II, 180.
Geraldo Cardoso de Mello, dr., II, 49.
Geraldo Dutra de Moraes, II, 186.
Guilherme Martinez Auler, dr., I, 103 e 458; II, 219.
Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira, dr., I, 323; II, 353.
Gustavo Adolfo Ramos de Mello, Cap. dr., I, 140 e 448; II, 180 e 380.
Gustavo Capanema, dr. (Ministro), I, 210 e 450.
Helio Fernandes Ferreira Viana, dr., I, 49, 98, 130 e 218; II, 110 e 454.
Henrique Oscar Wiederspahn, Cap., II, 451.
Hermann Neeser, II, 451.
Homero Veteri Lafronte, Dom, II, 136.
Horacio Rodrigues da Costa, I, 130.
Hugo Chagas, II, 432.
Hugo de Macedo Moura, I, 130.
Hugo Vitor, I, 201.
João Augusto Combat, Padre, I, 450; II. 180 e 220.
João Batista de Arruda Sampaio, dr., I, 474; II, 451.
João Batista Lehmann, Padre, I, 103.
João Batista de Magalhães Gomes, I, 419.

Digitized by Google

João Borges Fortes, General, dr., I, 440.
João C. da Rocha Cabral, II, 136.
João da Costa Pinto Dantas Junior, II, 49, 136 e 180.
João Dantas Martins dos Reis, dr., I, 248.
João Dornas Filho, II, 74, 104, 330 e 451.
João Francisco de Oliveira Godoi, Desembargador, I, 450; II, 180 e 451.
João Gumercindo Guimarães, II, 200.
João J. Nascimento Junqueira, dr., I, 103.
João Jacques Ribeiro do Valle, I, 276; II, 221 e 364.
João José Maria Francisco Rodrigues de Oliveira, dr., I, 175; II, 74.
João Lellis Vieira, dr., II, 74.
Jorge Godofredo Felizardo, dr., I, 167; II, 49, 136 e 330.
José Augusto Bezerra de Medeiros, dr., I, 140; II, 451.
José Bonifacio de Arruda, dr., II, 353.
José Bueno de Oliveira Azevedo Filho, dr., I, 178.
José Custodio Campos da Paz, Comandante, II, 132 e 451.
José Ferreira de Mello Nogueira, II, 301.
José Heitgen, II, 221.
José de Lima Carneiro da Silva, Coronel, II, 389.
José Marcondes de Mattos, II, 221.
José Mauricio da Rocha, Dom (Bispo), I, 163.
José de Mesquita, Desembargador, I, 140 e 499.
José Nogueira de Novais, I, 499.
José Trindade da Fonseca, Vigario, II, 330.
José Valdivino de Carvalho, II, 74.
Julio de Ataíde Pereira, I, 178.
Julio da Silveira Sudário, I, 75; II, 110 e 386.
Julio Soares de Arruda Filho, dr., II, 256.
Lastenio Calmon Junior, II, 219.
Lino de Moraes Leme, dr., II, 353.
Lourenço Luiz Lacombe, II, 221 e 466.
Luiz da Camara Cascudo, I, 219 e 323; II, 222 e 353.
Luiz José da Costa Filho, Prof., II, 136.
Luiz Leal Netto dos Reys, Comandante, I, 248.
Luiz Tenorio de Brito, Coronel, II, 466.
Lupion Quadros, I, 318; II, 104 e 466.
M. A. Teixeira de Freitas, I, 276.
Macedo Dantas, I, 126.
Manoel Augusto Velho da Motta Maia, dr., II, 74 e 466.
Manoel Hypolito do Rego, dr., I, 248.
Manoel Nunes Coelho, Dom (Bispo), II, 173.
Manoel da Silveira D'Elboux, Dom (Bispo), I, 276.
Manoel Viotti, dr., I, 298; II, 79 e 432.
Mario Aloysio Cardoso de Miranda, dr., I, 276; II, 104.
Mario Barata, Prof., II, 219 e 364.
Mario da Cunha Rangel, dr., I, 230.
Mario Duprat Fiuza, I, 191; II, 221.
Mario Linhares, I, 178, 276; II, 353 e 466.
Mario Teixeira de Carvalho, dr., I, 175.
Mario Torres, dr., II, 74, 110, 132 e 330.
Mauricio de Medeiros, I, 323.
Maximo Cruz de Azevedo Marques, II, 79 e 104.
Miguel Angelo de Oliveira, II, 432.
Nelson Coelho de Senna, Prof. dr., I, 163 e 494.
Olimpio Gonzaga, Prof., II, 74.
Olinto Sanmartin, dr., II, 219.
Orlando Marques de Albuquerque Cavalcanti, I, 419; II, 220 e 330.
Oscar de Arruda Penteado, II, 114.
Otacilio Cavalcanti, I, 458.
Oton Costa, dr., I, 4, 216, 318; II, *466.*
Paes Leme Junior, I, 75; II, *110 e 386.*
Paulo Afonso de Carvalho, I, *276.*
Paulo Americo Passalacqua, Desembargador, I, 215.
Paulo Eleuterio Cavalcanti de Albuquerque, dr., I, 276; II, 114 e 132.
Paulo Emilio d'Alessandro, dr., I, 185 e 276; II, 220 e 302.
Paulo de Mattos Rudge, dr., I, 494; II, 302.
Pedro Gastão de Orleans e Bragança (S. A. I. e R. Dom), I, 440.
Pedro Henrique de Orleans e Bragança (S. A. I. e R. Dom), I, 210.
Pedro de Paranaguá, dr., II, 220.
Perci Alvim Martin, Prof., II, 74.
Raimundo Girão, dr., II, 353.
Raimundo Otávio Trindade, Cônego, I, 163 e 420.
Raul de Almeida, II, 506.
Raul de Labouglé, II, 296.
Reinaldo Maia Souto, I, 163; II, 114.
Renato Kehl, dr., II, 220.
Ricardo Lafuente Machain, I, 419.
Ricardo W. Staud, I, 230.
Romeu Maia Souto, dr., I, 276; II, 412.
Rubens Borba Alves de Morais, dr., I, 163; II, 220.
Salomão de Vasconcelos, dr., I, 422; II, 25 e 152.
Sebastião de Almeida Oliveira, I, 163, 422; II, 412.
Sebastião Fleuri Curado, dr., II, 220.

Digitized by Google

Sebastião Leme (S. Eminencia Revma. Dom), I, 210.
Sebastião Pagano, I, 4.
Severino de Novaes e Silva, dr., II, 25 e 152.
Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, Coronel, I, 4 e 440; II, 222.
Silvio de Morais Sales, dr., I, 230.
Silvio Portugal, dr., II, 220.
Teodoro de Sousa Campos Junior, dr., I, 108, 230, 430; II, 25 e 152.
Waldemar de Assis Ribeiro, I, 108.
Walter Heckmann, I, 230.
Walter Spalding, Prof., I, 108; II, 110, 179 e 220.
Acadêmia Paranaense de Letras, I, 316.
Instituto de Estudos Genealógicos do Rio Grande do Sul, I, 248; II, 220.
"Cidade" (a), Pindamonhangaba, II, 380.
" (a), S. Carlos, I, 230.
"Correio Paulistano", I, 95; II, 296 e 380.
"Correio de S. Carlos", I, 323.
"Diário Popular" (Pelotas), II, 415.
"Diário Popular" (S. Paulo), I, 126; II, 152.
"Estudos Brasileiros", I, 218; II, 110.
"Gazeta de Alagoas", I, 108.
"Gazeta Policial", I, 213.
"Jornal" (o), I, 198 e 486.
"Jornal da Manhã", I, 215; II, 301 e 326.
"Progresso" (o), Itatiba, II, 326.
"República" (a), I, 219; II, 222.
"Revista da Acadêmia Paranaense", II, 364.
"Revista das Acadêmias de Letras", II, 152 e 326.
"Revista da Semana", II, 364.
"Rivista Araldica", I, 198.
"Taiuva" (o), II, 319.
"Touring", I, 49, 98; II, 243 e 454.
"Tribuna" (Santos), I, 29, 378; II, 152 e 184.
"Tribuna" (Uberlandia), I, 430.

ÍNDICE DO II.º ANO

DA "REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA"

Arvore de Costado, Dr. Artur Martins Franco 153
" " " , Rodrigo Rodrigues 185
Ascendance masculine du Comte de Nioac 453
Azevedos (os), de Lorena, Dr. Antonio da Gama Rodrigues 115
Barão de Iguatemy, Almirante Henrique Boiteux 411
Bellos (os), de Minas Gerais, Cônego Raimundo Trindade 403
Bibliografia ..... 80 e 390
Biografias Sergipanas, Pascal Bandeira Moreira 331
Borges Fortes (os), Capitão dr. Amir Borges Fortes 427
Casa da Torre (a) 55
Centenário do Nascimento de Campos Salles, Dr. T. de Sousa Campos Jr. ... 3
" " " " Bernardino de Campos, Dr. Silvio de Campos Fº. 225
" " " " Prudente de Morais, Dr. Aureliano Leite 247
Comendador Claudio do Couto e Sousa, Dr. Alberto Frederico de Morais Lamego 75
Corrêas de Sá (os), Dr. Francisco de Assis Carvalho Franco 365
Delegados do "Instituto Genealógico Brasileiro" 224
Descendência dos "Antunes Cardia" (a), Benedito Pires de Almeida 105
Descendências de Francisco Ferreira de Brito e do Cap. José Bernardo Leite, Dr. João da Costa Pinto Dantas Jor. 337
Descendente de José Antonio Paes (um), Benedito Pires de Almeida 111
De Wilhem Van der Haagen a Borges Fortes Spalding, Walter Spalding 417
Documentos e papeis da Casa Imperial, Dr. Vasco Smith de Vasconcelos 26 e 244
Dom Bernardo José Maria de Lorena e Silveira, Dr. Francisco de Assis Carvalho Franco 83
Dom Bernardo José Maria de Lorena e Silveira (as armas de), Roberto Thut 93
Efemérides históricas, Coronel José de Lima Carneiro da Silva 361
Esbôço de uma Genealogia. I - Os Montes, Dr. Raimundo Girão 297
Ex - libris ..... 207 e 481

Digitized by Google

Expediente ..... 46 e capa
Família Diederichsen (a), H. Petersen 467
" D'Ornellas, Pedro Robles y Chambres 452
" Ebner (a), Padre Carlos Borromeu Ebner 43
" Sergipana (uma), Exma. Snrta. D. Jeni Prado Dias 51
Famílias nordestina: A Família Lopes Galvão, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros 303
Figuras do Rio Grande do Norte, Dr. Luis da Camara Cascudo 47
Galeria Biográfica, Prof. João Gabriel de Sant'Anna 354
Galeria dos Sócios ..... 201 e 320
Genealogia dos Barbosas de Oliveira, Dr. Américo Jacobina Lacombe 39
" Mineira, João Dornas Filho 137
Genealofobia, Tenente-Coronel Salvador de Moya 381
Genese do povo de Santa Luzia (a), Gelmires Reis 405
Institutos Genealógicos 302
Jacob Rheingantz, Dr. Carlos Grandmasson Rheingantz 261
Livros Paroquais de Mogi-Mirim, José Nogueira Novaes 401
Notas à Arvore da Família Assumpção, Exma. Dra. Heloisa de Assumpção 413
Notas da Família Toledo Martins, Horacio de Carvalho Toledo Martins 102
Notas Genealógicas, Horacio Rodrigues da Costa 31
" " e Biográficas da Família Azevedo Marques, Maximo de Azevedo Marques 433
Notas Genealógicas das Famílias Mendes-Fonseca, Major Amilcar Salgado dos Santos 327
Noticiário ..... 174 e 282
Obras à venda ..... capa
Perguntas e Respostas ..... 50 e 497
Primeiros povoadores de Tietê, Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro 387
Principe Dom Luiz de Orleans-Bragança (o), Dr. Armando Dias de Azevedo 175
Prudente José de Morais Barros, o Pacificador, Dr. Aureliano Leite 247
Ramo da Família Azambuja, Celso Martins Schröder 181
Relação dos Livros Paroquais da Diocese de Lages, Frei Bernardino Bortolotti 169
" " " " " Archidiocese do Maranhão, Cônego José Maria Lemercier 285
Sócios novos ..... 46 e 416
Subsidios para a Genealogia Goiana, Desembargador João Francisco de Oliveira Godoi 139
Últimos momentos de Dom Luiz do Brasil, Dr. Guilherme Martinez Auler 317

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Sr. Amilcar Montenegro Osorio, do Rio de Janeiro:

"Atraído pela magnifica apresentação da *Revista* e do *Anuário*, assim como pelo programa planejado, executado e melhorado de número a número, senti despertar a ambição de ser tambem um dos vossos, para ainda mais ilustrar-me com os ensinamentos e trabalhos dos que colaboram convosco e quiçá um dia levar a contribuição de minhas pesquizas ao vosso julgamento de genealogista acatado. Por estas razões, tomo a liberdade de consultar-vos das condições exigidas para ingressar no Instituto Genealógico Brasileiro."

Dr. Sr. Raul de Almeida, Prefeito de Rio Negro (Acre):

"Valho-me do ensejo para felicitar essa instituição pelos seus trabalhos, que pude conhecer através da publicação enviada..."

Digitized by Google

INSTITUTOS GENEALOGICOS NOS ESTADOS, FILIADOS:

(Endereço e Presidente)

AMAZONAS: Rua Barroso, 307 - Manaus. Presidente: Paulo de Melo Rezende.
PARÁ: Trav. 22 de junho, 675 - Belém. Presidente: Major Adolfo Pereira Dourado.
CEARÁ: Rua João Lopes, 14 - Fortaleza. Presidente: Dr. Raimundo Girão.
RIO GRANDE DO NORTE: Rua Conceição, 622 - Natal. Presidente: Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.
PERNAMBUCO: Caixa Postal 552 - Recife. Presidente: Dr. Guilherme Martinez Auler.
SERGIPE: Rua Itabaianinha, 41 - Aracajú. Presidente: Epifanio da Fonseca Doria
BAÍA: Av. 7 de Setembro, 67 - Salvador. Presidente: Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior.
ESPÍRITO SANTO: Av. José Carlos, 245 - Vitória. Presidente: Prof. Dr. Nelson Abel de Almeida.
RIO DE JANEIRO (Distrito Federal): Rua do Chile, 21 - Rio de Janeiro. Presidente: General Dr. João Borges Fortes.
S. PAULO: Caixa Postal 3363 - S. Paulo. Presidente: Dr. Francisco de Assis Carvalho Franco.
GOIAZ: Rua 15 de Novembro, 32 - Goiaz. Presidente: Desembargador João Francisco de Oliveira Godoi.
RIO GRANDE DO SUL: Rua Duque de Caxias 1234 - Pôrto Alegre. Presidente: Coronel Luiz Carlos de Morais.

EXPEDIENTE

(REGULAMENTO DA REVISTA)

1.º) A Revista é semestral. Assinatura anual (paga adiantadamente): 12$000; número avulso: 7$000.

2.º) Para serem publicados no número correspondente ao 2.º semestre, os artigos devem chegar à Redação antes de 1.º de janeiro; para o número do 1.º semestre, antes de 1.º de julho.

3.º) Não se devolvem originais, os quais devem ser datilografados de um só lado do papel, com dois espaços, sem emendas e na ortografia oficial.

4.º) A revisão das provas tipograficas é feita somente para verificar sua fidelidade com o original, não sendo permitidas alterações neste (conforme contrato com a tipografia).

5.º) Os artigos devem vir completos, já redigidos em sua fórma definitiva.

6.º) Devido às dificuldades postais, não podemos mandar provas tipograficas para fóra da Capital.

7.º) As colaborações dos Estados devem vir com o "Visto" do Presidente da Secção, o que significa que está de acôrdo e aprova a publicação.

8.º) O Instituto faz sacrificios pecuniários para publicar a Revista: porisso, os colaboradores que quiserem ornar seus artigos com clichés, devem custea-los.

9.º) Devido ao excesso de colaboradores, os artigos devem ocupar um espaço máximo de dez páginas; os autores dos que excederem devem optar entre: a) interromper o artigo e publicá-lo em dois ou mais números da Revista; b) publicá-los na integra, pagando o autor a quantidade de páginas excedentes; c) publicá-lo na íntegra, ficando o autor privado de colaborar nos números imediatos (ou no número imediato).

10.º) Verificando-se que houve colaboração errada ou inexata, será excluido o seu autor do número dos colaboradores. O mesmo se dará com autores de escritos publicados nas mesmas condições.

11.º) Os números anteriores da Revista estão esgotados; queremos adquirí-los, para servir novos socios que pretendem colecioná-los.

12.º) Os registrados com valor devem indicar o remetente, afim de serem evitados aborrecimentos recíprocos. Recebemos três quantias, ignorando quem as remeteu.

13.º) Solicitamos uma fotografia de cada sócio, para o Arquivo.

Digitized by Google

INDICE dos 9 volumes da

GENEALOGIA PAULISTANA

DE

SILVA LEME

Em ordem alfabetica do ultimo apelido: começa em **Abreu** e termina em **Zuzega.** Serão mais de mil paginas, em duas colunas, e conterá mais de cem mil nomes. Desde já qualquer socio ou assinante póde consultar o **Indice,** por carta. Aceitam-se encomendas. Não é preciso mandar quantia alguma adiantada, — apenas mandar reservar um exemplar. Preço 50$000. Já mandaram reservar um exemplar os Snrs.:

1 — Alexandre Guimarães dos Santos
2 — Aristides Monteiro de Carvalho e Silva
3 — Francisco Flores da Cunha
4 — Georges Przirembel
5 — Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira
6 — Hermann Neeser
7 — João Gabriel de Sant'Ana
8 — Jorge Godofredo Felizardo
9 — José Bonifacio de Sousa Amaral
10 — José Bueno de Oliveira Azevedo Filho
11 — José Hildebrando da Silva Leme
12 — Julio da Silveira Sudário
13 — Sebastião de Almeida Oliveira
14 — Sylvio Portugal.
15 — Horacio de C. Toledo Martins.

OBRAS À VENDA NO INSTITUTO: (porte já incluso)

Anuario Genealógico Brasileiro, 1.º ano (1939), 2.º (1940), 3.º (1941), 4.º (1942), para os socios e assinantes fixos, cada vol.	20$000
Genealogia Mineira, de Artur Rezende, 4 volumes, com 1700 paginas .	50$000
O Cyclo das Gerações (Nobiliario Fluminense), de Cardoso de Miranda .	12$000
Os Linhares, de Mario Linhares	10$000
Genealogia Paulistana, de Silva Leme, 9 volumes, de 550 paginas (usada)	100$000
Revista do Instituto de Estudos Genealógicos, coleção completa (6 numeros, unicos publicados) 3 anos: 1937, 1938 e 1939	30$000
"Indice" da Genealogia Paulistana, de Silva Leme (mais de 100.000 nomes) a publicar em 1942	50$000

Preço deste n.º: 7$000

Impressa no
Estab. Gráfico "Cruzeiro do Sul"
R. Sto. Antonio, 93 - São Paulo

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

3 0000 115 885 042

Digitized by Google

Digitized by Google